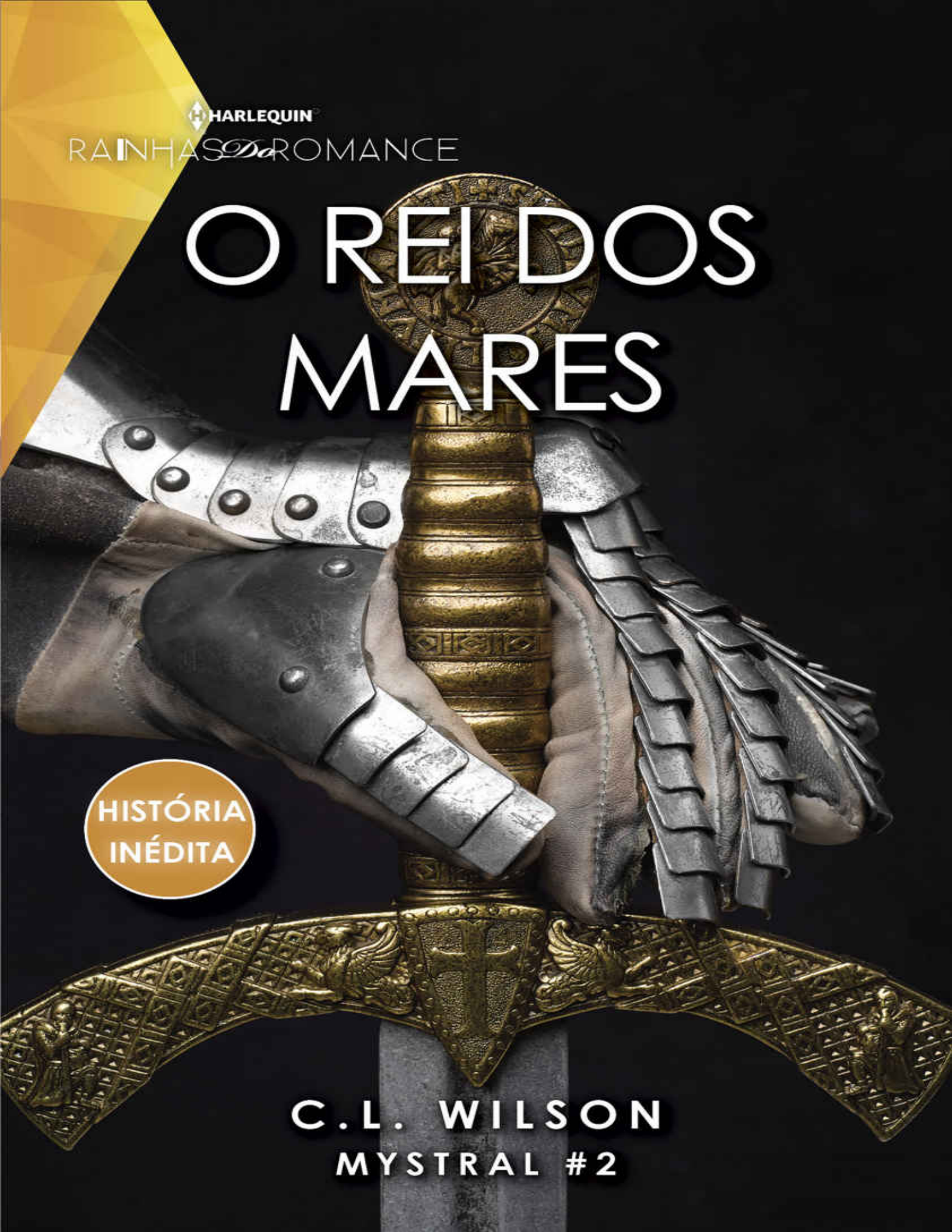




HARLEQUIN
RAINHAS *Do* ROMANCE

O REI DOS MARES

HISTÓRIA
INÉDITA

C.L. WILSON
MYSTRAL #2



C.L. Wilson

O rei dos mares

Tradução
William Zeytounlian



Rio de Janeiro, 2021

Copyright © 2017 by C.L. Wilson
Título original: THE SEA KING

Todos os personagens neste livro são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela Editora HR LTDA. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copyright.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa cedidos pela Harlequin Enterprises II B.V./ S.À.R.L para Editora HR Ltda.

A Harlequin é um selo da HarperCollins Brasil.

Contatos: Rua da Quitanda, 86, sala 218 — Centro — 20091-005

Rio de Janeiro — RJ

Tel.: (21) 3175-1030

Diretora editorial: *Raquel Cozer*

Editora: *Tábata Mendes*

Revisão: *Kátia Regina*

Produção do e-Book: *Abreu's System*

Adaptação de capa: *Lucio Pimentel, Renata Spolidoro e Beatriz Cardeal*

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

Wilson, C. L.

O rei dos mares [livro eletrônico] / C. L. Wilson; tradução William Zeytounlian. – Duque de Caxias, RJ: Editora HR, 2021.

ePub (Rainhas do romance; 126)

Tradução de: The sea king

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-65-5970-118-6 (recurso eletrônico)

1. Ficção norte-americana I. Título. II. Série.

21-88149

CDD-813

Cibele Maria Dias - Bibliotecária CRB-8/9427

*Para Michelle Graikowski.
Por tudo, todos esses anos.*

Agradecimentos

Como sempre, um imenso “obrigada” a todos os meus amigos, família e fãs que deram e continuam dando tanto apoio e motivação. Quero agradecer especialmente ao Starfish Club: Christine Feehan, Kathie Firzlaff, Sheila English, Susan Edwards, Karen Rose e Brian Feehan. Nossos retiros de *brainstorm* são os pontos altos do meu ano. Agradeço à minha mãe, Lynda Richter, à minha irmã, Carole Richter, e às minhas filhas, Ileah e Rhiannon Wilson, por serem as primeiras leitoras do meu trabalho, além de um “obrigada” especial para minha sobrinha, Kayla Dickens, por ser minha guru nas redes sociais.

Mando agradecimentos à minha editora, Tessa Woodward, e ao pessoal da Avon Books, por tudo que fazem.

Por fim, agradeço à Judy York, uma artista extraordinária. Adoro todas as capas dos meus livros, mas acho esta daqui especialmente linda! Você é a melhor!

Carta aos leitores

Aos meus leitores

Muito obrigada por escolherem este livro! O apoio de vocês é tudo para mim. Espero que vocês gostem da história de Gabriella e Dilys.

Não se esqueçam de visitar meu site, www.clwilson.com, para se inscreverem na lista privada de anúncio de lançamentos, participarem de meus concursos online e vasculharem a página em busca de tesouros escondidos e surpresas mágicas.

Adoraria saber mais sobre vocês, por isso podem me procurar no Facebook no endereço www.facebook.com/authorclwilson, contatar-me no Twitter na [@clwilsonbooks](https://twitter.com/clwilsonbooks), ou por e-mail em cheryl@clwilson.com.

Capítulo 1

*Praia do Pôr do Sol,
Ilha de Calberna*

— Mais alto, Dilys! Mais alto! — O grito agudo de Pangi Mahilo ecoou pela praia de areia rosa.

— Mais alto, é? — Rindo com o menino que se contorcia em seus braços, Dilys Merimydion, Príncipe das Ilhas Calbernas, lançou um olhar rápido na direção da mãe de Pangi que, depois de revirar os olhos para o filho, que Dilys vinha jogando para o alto, deu permissão com um aceno de cabeça. — Muito bem, então — disse Dilys a Pangi —, vamos mais alto. É melhor você se preparar! — Com um sorriso, Dilys lançou para o alto de sua cabeça o menininho todo desengonçado. Como Dilys tinha mais de dois metros e dez de altura, isso queria dizer que o menino voou a três metros ou mais acima do chão.

Os gritos perfurantes de gargalhada assustaram um bando de gaivotas que pairava próximo aos calbernanos reunidos na areia rosa da Praia do Pôr do Sol para celebrar o casamento de um dos marinheiros da frota naval de Dilys.

— Agora eu! Agora eu! — gritou o coro de crianças, enquanto Dilys devolvia Pangi ao chão.

— Você começou um alvoroço — murmurou o primo de Dilys, Arilon Calmyria, que em seguida sorriu para a horda de crianças que imploravam.

— Eu sempre faço isso. — Dilys adorava crianças, adorava interagir com elas e fazê-las dar risada. Talvez fosse assim por nunca ter tido irmãos ou irmãs. Ou talvez fosse assim pois desejava ferozmente ter esposa e filhos, num nível raro mesmo entre calbernanos fervorosos e espalhafatosos. — Levo um certo jeito em divertir os pequenos — acrescentou.

— Verdade. É por isso que você é o predileto deles.

— Ah, não... — corrigiu ele, com um sorriso. — Eu sou o predileto deles por causa de meu charme e beleza. Não é verdade, Beno? — Dilys dirigiu a pergunta para uma das crianças de 4 anos que estava apegada em sua perna que nem um crustáceo.

— Verdade! — gritou Beno.

Dilys recompensou o menino puxando-o do meio da pequena multidão e lançando-o alto no ar.

Perto, outro primo de Dilys, Ryllian Ocea, deu risada e disse:

— A veracidade das respostas obtidas em troca de ganhos pessoais é duvidosa, para dizer o mínimo. — Ryll estava estudando Direito como preparação para sua iminente aposentadoria dos trabalhos como mercenário e marinheiro que todos os calbernanos adultos tinham que cumprir antes do casamento.

A troca de carreira aconteceria ao longo do ano... para todos eles. Ryll ia entrar para o escritório de advocacia da mãe. Ari ia trabalhar com seus parentes na empresa de construção naval da Casa Calmyria. E Dilys ia começar seu treinamento para assumir as operações diárias do vasto império de transporte e agricultura da Casa Merimydion.

Pois no dia seguinte, Dilys, Ari, Ryll e todos os filhos do mar dignos de casamento e que no último inverno haviam navegado com eles para as Ilhas Æsir — o arquipélago ao norte que incluía os reinos da Cordilheira Invernal, Veralea e Enseada Marítima — ia regressar àqueles litorais para cortejar e reivindicar esposas entre as mulheres solteiras e viúvas da Cordilheira Invernal e Veralea. E, uma vez casados, seus dias de mercenário teriam fim.

Como se estivesse lendo os pensamentos de Dilys, Ari passou o braço sobre os ombros largos de Ryll e apontou com o queixo para o noivo e a noiva, ambos vestidos de azul-marinho cintilante, com tiaras de flores púrpuras e amarelas nas cabeças, e os pescoços cobertos por estolas volumosas feitas com folhas de *tili* verde-escuras, pontilhadas de minúsculos e delicados botões de *merimydias* brancas.

— Pensa só, primo, que daqui a um ano, vamos ser nós ali de pé na praia ao lado de nossas *lianas*, rindo como se tivéssemos acabado de vencer a Copa de Todas as Ilhas. — A Copa de Todas

as Ilhas era o prêmio mais cobiçado de vela competitiva de toda Calberna.

— Falando como ex-campeão de Todas as Ilhas — disse Dilys —, prometo que vocês vão dar muito, muito mais risada no dia do meu casamento.

— Sei que sim — concordou Ryll. Não era segredo entre os amigos próximos de Dilys o quão ansioso ele estava para encerrar o capítulo juvenil e solteiro de sua vida, para seguir ao próximo.

Quatro anos atrás, Dilys havia recebido sua *ulumi-lia* — a tatuagem que serpenteava sua maçã do rosto direita e que o proclamava como um homem digno de tomar para si uma esposa. A maioria dos calbernanos se casava em um ano, dois no máximo, tão logo recebessem a marca, mas esse não era o caso de Dilys. Tampouco era uma escolha sua. Já fazia quinze anos que ele navegava no mar, lutando na guerra dos outros. Ele estava mais do que pronto para os confortos e alegrias de uma esposa e uma família.

Como, por azar, a mãe dele era ao mesmo tempo *Myerial* — a rainha no exercício do poder — de Calberna e Matriarca da Casa Merimydion, uma das mais antigas e mais veneradas das Casas reais, e como Dilys era o filho único dela, seu casamento havia se tornado um assunto de Estado.

Ele carregava muito poder em seu sangue calbernano puro — poder que deveria mesclar-se com o sangue puro de outra grande Casa calbernana, não se diluir no casamento com uma *oulani*, uma estrangeira, mas a morte de sua prometida de infância, Nyamialine Calmyria, acabou com essas esperanças. E como qualquer filho de Calberna que se casasse com uma estrangeira permanecia ligado à Casa materna, ao invés de juntar-se à de sua esposa, um casamento entre Dilys e uma mulher *oulani* abria as portas para uma filha de meio-sangue se tornar a próxima *Myerial* de Calberna e a próxima matriarca da Casa Merimydion.

Assim, um comitê criado pelo conselho da rainha, liderado pelo tio de Dilys, Calivan Merimydion, havia passado anos investigando as linhagens e dons mágicos das famílias mais poderosas de Mystral em busca de uma noiva adequada para o príncipe deles. O comitê, que Ari, o primo de Dilys, havia jocosamente apelidado de “os Caça-

esposas”, havia concluído que Dilys deveria se casar com uma das filhas do rei de Verão, mas antes que o casamento pudesse ter sido marcado, o príncipe Falcão de Veralea fugiu com a prometida do rei do Inverno, assassinou o herdeiro do mesmo rei durante a fuga, e lançou a Cordilheira Invernal e Veralea em três longos anos de guerra.

Somente agora — após dois anos negociando tratados e quatro anos de guerra, rebelião e uma batalha feroz para evitar o retorno de um temível deus que teria lançado um inverno infinito sobre o mundo — que Dilys finalmente se preparava para reivindicar sua esposa estrangeira. Nem todos os calbernanos estavam contentes que este dia havia chegado. Um grupo autointitulado Aliança do Sangue Puro vinha sendo bem ruidoso em sua oposição a que Dilys tomasse uma esposa *oulani* e recebeu apoio de várias Casas poderosas.

— A Primavera ainda é a Estação que eles querem? — perguntou Ryll.

Dilys lançou outro menino ao alto, pegou-o, devolveu-o ao chão e respondeu à pergunta de Ryll com um encolher de ombros, antes de pegar o próximo menino e lançá-lo aos ares.

— Se a vontade do meu tio for feita...

Primavera Coruscate, a filha mais velha do finado rei de Verão, era a esposa que o tio Calivan e os Caça-esposas haviam escolhido para Dilys. Ela era sábia, prendada e, segundo todos os relatórios, possuía a magia mais poderosa dentre as três princesas conhecidas como as Estações de Veralea. Ainda que os dons do tempo de Veralea nunca se transmitissem para os filhos fora da linhagem real direta do reino, Primavera tinha outros dons — incluindo o apreciável talento de fazer as coisas crescerem, dom que beneficiaria bastante os empreendimentos agrícolas da Casa Merimydion. Ela seria uma mãe aceitável para a próxima rainha de Calberna, decidiram eles. Presumindo, é claro, que os deuses abençoariam a união com uma filha valorosa para a Casa Merimydion enquanto Alysaldria estivesse viva. Depois do casamento, também era esperado que Dilys unisse a força dos dons do tempo de Primavera com a força de seus próprios dons do mar de modo a refirmar o poder calbernano no Oceano de Olemas, onde

uma gangue de piratas vinha causando problemas e atrapalhando o comércio no último ano.

Ari lançou um leve sorriso na direção dele.

— Nenhuma chance de você conseguir a Outono no lugar dela? Quem sabe, sei lá, num lance do acaso?

Dilys deu risada. Outono Coruscate, a caçula das três Estações, era amplamente reconhecida como uma das mulheres mais bonitas do mundo — se não a mais bonita. Seu dom do tempo tampouco era um talento insignificante.

— Tudo é possível, primo.

Na verdade, das três Estações, a única que havia sido descartada como opção pelos Caça-esposas tinha sido a irmã do meio, Verão. Pelo que os Caça-esposas puderam descobrir, sua magia não passava do simples dom do tempo de manter brisas frescas constantes durante os meses mais quentes do verão.

Não que Dilys fosse deixar os Caça-esposas tomarem a decisão final acerca de qual princesa ele noivaria, mas, no caso da Verão Coruscate, ele tinha que concordar com a avaliação deles. Segundo todos os relatórios, ela não era apta ao posto. Seu temperamento era delicado demais para ser mãe da futura rainha de Calberna. Ainda que muitos calbernanos encontrassem paz e alegria casando com mulheres *oulani* de índole dócil, Dilys precisava de uma esposa que pudesse obter o respeito de seu povo, não apenas pedir sua devoção. A filha dele — a filha deles — precisaria de uma mãe forte e perspicaz o bastante que a preparasse para navegar nas correntes marítimas imprevisíveis da corte de Calberna.

Um dos pais veio caminhando na direção deles para resgatar os filhos do grupo ao redor de Dilys.

— A comida está pronta, meus filhos. Venham comer.

Os meninos fizeram cara feia.

— Mas, *Dede*, ainda não chegou nossa vez.

Um ar de dureza roubou parte da indulgência da expressão de Dilys. Uma das lições que os filhos de Calberna aprendiam desde cedo era a de obediência à autoridade. Quando mais velhos, a vida deles poderia depender de responder de bom grado o comando de outra pessoa.

— Obedeçam ao *dede* de vocês, meninos. Eu jogo vocês para o alto mais tarde, depois que vocês comerem.

— *Tey*, *Dilys* — concordaram os meninos, soturnamente. Eles seguiram o pai com passos pesados e ombros caídos, mas *Dilys* ficou contente ao ver que ambos logo se aprumaram e sorriram antes de chegar à mãe, uma mulher *oulani* de jeitos mansos, pele de textura suave e olhos verdes de um matiz claro. Eles se aconchegaram perto dele e lhe disseram algo que a fez rir e beijá-los. Ótimo. Até seu casamento, o primeiro dever de um filho de calbernano é honrar sua mãe e lhe dar felicidades em tudo.

— *Dilys*. — Ari o cutucou com o cotovelo.

— O que foi? — *Dilys* seguiu o olhar de Ari na direção de um calbernano familiar que vinha da cidade. Era um dos assistentes pessoais da *Myerial* que vinha a passos rápidos na direção da praia.

— Sinto muito, meus peixinhos. Parece que a brincadeira acabou por hoje. — *Dilys* se afastou do grupo de crianças e se aproximou rapidamente do assistente da mãe.

— *Moa Myerielua*. — Meu príncipe. O assistente da rainha pressionou o punho direito contra o coração, numa saudação calbernana. — Com sua licença, perdão pela interrupção. A *Myerial* solicita sua presença.

— O que foi? — A mãe de *Dilys* não era do tipo que o tiraria de um casamento sem um excelente motivo.

— Perdoe-me, *moa Myerielua*, mas não sei dizer. Apenas recebi ordens de localizá-lo e acompanhá-lo ao palácio.

— É claro. Preciso só de alguns minutos para pedir licença aos noivos.

— O que foi, primão? — perguntou Ari enquanto *Dilys* procurava os recém-casados para felicitá-los pela união e pedir desculpas por ter que ir embora.

— Aonde vamos? — acrescentou *Ryll*.

A forma instantânea e incondicional com que o seguiram fez o peito de *Dilys* apertar de emoção. Eles sempre lhe davam cobertura. Os três haviam se tornado mais irmãos que primos desde aquele dia terrível em que a prometida de infância de *Dilys*, *Nyamialine*, morreu no horrível acidente que ceifou as vidas da rainha de Calberna, *Myerial Siavaluana II* e sua única filha e herdeira, a princesa *Sianna*.

Aquele dia terrível forjou a fraternidade de Ari, Ryll e Dilys, atando-a com os laços de um luto compartilhado. Ruluin, irmão mais velho de Ryll, perdeu Sianna, e Ryll perdeu seu irmão, Ru, depois que este cometeu o *kepu*, como tantos outros naquele dia terrível.

— Está tudo bem, meus caros — disse-lhe Dilys. — A *Myerial* quer falar comigo, só isso. Fiquem aqui. Aproveitem o dia e dancem a *calipua* em honra à noiva.

— Você tem certeza, Dilys? — perguntou Ari.

Ele não tinha. Algo com certeza havia acontecido, mas, mesmo assim, Dilys deu um sorriso reconfortante de confiança.

— Tenho sim.

Cali Va’Lua, Palácio Real de Calberna

Meia hora depois, Dilys adentrou o altaneiro salão do torno de Calberna. A luz do sol banhava o salão de vidro submerso, claridade filtrada pelas águas azuis límpidas que o cercavam, iluminando os cardumes de peixes, golfinhos e outras criaturas aquáticas que nadavam nas profundezas da lagoa central do Cali Va’Lua. Na outra extremidade do salão, sobre o trono dourado que se erguia por sobre uma cama de corais escarlate, estava sentada a reverenciada e adorada *Myerial* de Calberna, Alysaldria I, Tesouro dos Tesouros, rainha das Ilhas Calernas.

A mãe de Dilys.

Como sempre, com aspecto belo e majestoso, ela estava envolta em seda leve, verde marinho. Duas longas faixas de seu cabelo preto como rocha obsidiana formavam um arranjo alto, decorado com brilhantes anêmonas rosas, fúcsia e escarlate, enquanto uma única cascata de cabelo da espessura de um punho, presa com um brilhante laço de pérolas, se esparramava sobre seu ombro esquerdo. Ela também parecia cansada. Dilys escondeu sua preocupação cuidadosamente antes de se aproximar do trono. Ele se deteve junto à base dos degraus de coral e se ajoelhou sobre um dos joelhos, curvando a cabeça em uma saudação de submissão.

— *Moa Myerial*. — Minha rainha. Se estivessem sozinhos, ele a teria chamado de *Nima*, Mãe, mas não se tratava de um encontro informal, não com a presença do lorde chanceler de Calberna, as

matriarcas das cinco Casas reais, o sumo sacerdote de Numahao e meia dúzia de altos dignitários no mesmo aposento. — Sua majestade me chamou?

A mãe dele não deu um sorriso de boas-vindas como costumava fazer. Seja lá o que fosse, era ruim. É claro, porém, que ele já havia presumido isso, tanto pela formalidade da intimação, quanto pela presença de pessoas de tão alta qualidade no salão do trono.

— O Tubarão atacou o comboio que estávamos escoltando até Ere — respondeu uma voz masculina brusca vinda de trás. Dilys voltou o rosto para o irmão gêmeo de sua mãe, Calivan Merimydion, lorde chanceler de Calberna. — A embarcação de seu primo Fyerin, a *Girovaga*, afundou. Não houve sobreviventes.

— *O quê?* — Por um longo e inerte instante, Dilys não conseguiu acreditar que tinha ouvido corretamente.

No último ano, piratas liderados por uma figura misteriosa conhecida apenas como Tubarão vinham saqueando embarcações navegando pelo Oceano de Olemas, a nordeste de Calberna. Os ataques se tornaram tão frequentes e cada vez mais ousados, que a Calberna começou a oferecer escolta militar armada para as embarcações navegando por perto ou no Olemas. Ainda que os piratas pudessem atacar — o que de fato fizeram — navios sob proteção da bandeira de Calberna, a ideia de que entrassem em confronto com uma embarcação calbernana de tripulação armada parecia impossível de compreender. Os calbernanos eram mestres dos mares! Não havia melhores construtores navais. Não havia melhores estrategistas navais. E graças aos dons do mar de Calberna, os próprios oceanos respondiam aos comandos dos calbernanos. Enfrentar um calbernano no mar seria suicídio. Ou pelo menos foi ao longo de um milênio.

Certa vez — e foi a única vez —, uma enorme armada composta de frotas navais de uma dezena de nações se formou para contestar a potência de Calberna. Atacaram-na não apenas nos mares, mas em suas próprias águas. Em desvantagem de mais de cem navios para um, nem mesmo a maior magia que Calberna já possuiu foi capaz de afugentar os invasores. Pelo menos não antes de Calberna devolver um golpe do qual os inimigos, dois mil e quinhentos anos depois, ainda tentavam se recuperar. Essa invasão

foi chamada de Massacre das Sereias. Ou, para os nativos, apenas o Massacre. Um ato sanguinolento de vingança que quase causou a extinção da raça calbernana.

Mas e agora? Um único pirata não apenas atacou, como afundou uma embarcação militar calbernana fortemente armada? Algo do tipo nunca havia acontecido. Nunca.

— Deve haver algum engano. Isso não é possível.

— O relato do ataque nos foi dado pelo príncipe Nemuan, que buscou e encontrou ele mesmo os destroços. O comboio foi saqueado e afundado também. — A expressão de Calivan era sombria. Nemuan era filho da antiga *Myerial*. Ainda que ele e Dilys estivessem longe de ser melhores amigos, na condição de príncipe de Calberna, sua palavra era indiscutível. — Não houve sobreviventes.

Dilys lançou um olhar preocupado na direção da mãe. Ele agora compreendia o ar cansado e frágil dela. Ela havia amado Fyerin tão profundamente quanto amava Dilys. Todos o adoravam. Fyerin era o tipo de calbernano que atraía a afeição das pessoas com a mesma segurança com que uma flor em botão atrai abelhas. Ari era muito parecido com ele. Cheio de bom humor e coragem, transbordando lealdade, ousadia, alegria; um espírito realmente vibrante.

— E o Nemuan tem certeza de que foi o Tubarão?

— Ele tem certeza. Ele encontrou o corpo de Fyerin no porão do navio.

Dilys respirou fundo e rapidamente cobriu o olhar para esconder a reveladora chama de fogo dourado que a força da emoção fez cintilar em seus olhos. O Tubarão era cuidadoso o bastante para não deixar para trás testemunhas de seus crimes — esse era um dos motivos para ele não ter sido caçado e detido até aquele momento —, mas era evidente que ele também queria receber créditos por suas matanças. Os capitães de todos os navios que ele afundava eram encontrados trancados no porão das embarcações naufragadas, estripados como peixes, sem a língua e os olhos, e a testa marcada com o símbolo de um tubarão. O consenso apavorante dos que examinaram as vítimas do Tubarão era que todas estavam vivas durante o processo. A ideia de Fyerin morrendo daquela maneira fez os caninos de ataque de Dilys descerem e

suas garras saírem de trás das unhas, picando a palma de suas mãos cerradas em punho.

Ele reprimiu a dor e a acorrentou com cabos de aço adamantino. Aquela perda era dolorosa, mas, como comandante da Primeira Frota de Calberna, sua função agora não era se enlutar, e sim evitar novas perdas.

— Senhor. — Dilys se virou para o almirante da Marinha calbernana. — Até trazermos esse *krillos* assassino para encarar a justiça, sugiro que redirecionemos a rota de todo o comércio não-essencial do Oceano de Denbe, para contornar o Cabo do Cervo ou através do Estreito de Kardouhm. — Isso custaria bastante aos cofres de Calberna. Circum-navegar o continente de Ardullan pelo Cabo do Cervo acrescentaria semanas ou até meses à maioria das viagens, e enquanto o Estreito de Kardouhm oferecia uma rota mais curta de Calberna ao Oceano de Denbe e aos ricos mercados do leste, o Omar de Kardouhm cobrava um pedágio alto de todos os navios que passassem por suas águas.

A almirante assentiu com a cabeça.

— O conselho aprovou essa medida não faz nem dez minutos, comandante. Também enviei um aviso de que todos os navios mercantes em um raio de cento e sessenta quilômetros do Oceano de Olemas deve possuir escolta militar. Duas galés de batalha para cada mercante. Meia dúzia para fazer guarda a cada comboio.

— Eu, é claro, vou cancelar minha viagem iminente à Cordilheira Invernal — disse Dilys.

— *Ono*. — Não. A negativa brusca veio da rainha de Calberna. — Você não vai fazer isso.

— Alys... — O fato de Calivan ter usado o apelido da irmã evidenciava, para Dilys, que se tratava de uma discussão que vinham tendo há algum tempo. Ele nunca chamava a *Myerial* de “Alys” na frente dos membros da corte, exceto quando ela se excedia em teimosia com ele.

— *Ono*, Calivan. E é sério. Nossa marinha tem jovens o bastante para lidar com esses piratas. Dilys e todos os calbernanos que conquistaram o direito de procurar uma esposa entre as mulheres das Ilhas *Æsir* vão zarpar para a Cordilheira Invernal na próxima semana, conforme o planejado.

— Ele ao menos deveria saber que tem a oportunidade de se casar com uma *imlani* e manter a linhagem sanguínea pura. — A fala veio de Dessandra Merimynos, prima distante da falecida rainha e atual matriarca da Casa Merimynos.

Alysaldria apertou forte os lábios e seus olhos dourados cintilaram de irritação.

Dilys olhou ao redor para os nobres e altos dignitários reunidos no salão e percebeu que o ataque pirata e a morte de Fyerin não eram os motivos reais para ele ter sido chamado até lá.

— Que *imlani*? Do que vocês estão falando?

O ministro interino de Assuntos Internos deu um passo à frente.

— Loto Sami estava a bordo da Girovaga. Como você deve saber, ele estava prometido à filha de Nyree Calagi, Coralee.

— Eles querem casar você com a Coralee Calagi — interveio Alysaldria.

— É do interesse da Calberna manter sua linhagem sanguínea real pura — acrescentou o ministro.

— Não é do interesse do meu filho — cortou ela. — Não é do interesse da Casa Merimydion. A Coralee tem 15 anos! Mesmo que o contrato de noivado fosse rescindido, meu filho teria que esperar pelo menos cinco anos para se casar com ela... quem sabe quanto tempo levaria até ela poder ter um filho... quem dirá uma menina... se o luto dela por Loto a impossibilitar de cumprir seus deveres como esposa?

— Alys... — murmurou Calivan.

Com os olhos dourados cintilando de irritação, ela olhou para ele.

— Não fique do lado deles, Cal. Você conhece bem minha opinião sobre esse assunto. O Dilys já esperou demais... só por insistência sua! E deles! — Ela apontou o dedo de forma acusativa na direção das outras matriarcas.

— Não entendo — interveio Dilys na esperança de acalmar a mãe. — O contrato de noivado entre a Casa Sami e a Casa Calagi foi assinado com sal e sangue. Ele é inviolável. Eu não poderia me casar com a Coralee nem se eu quisesse.

O Massacre roubou de Calberna a magia das Sereias, uma perda que não somente enfraqueceu a potência de Calberna, como também resultou em uma perigosa queda na taxa de natalidade das

mulheres *imlani*, especialmente aquelas com verdadeiros dons. Era por isso que famílias como a Casa Merimydion e as demais Casas reais negociavam contratos de noivado por décadas, até séculos, antes mesmo do nascimento de uma filha *imlani* de sangue puro. Elas cultivavam as linhagens meticulosamente para concentrar em suas filhas as magias de Calberna, numa tentativa de recuperar o poder das Sereias há tanto perdido.

— É o que todos nós achávamos — respondeu o ministro. — Mas o sumo sacerdote vem pesquisando sobre o assunto há meses. — O ministro gesticulou na direção do sumo sacerdote de Numahao, de pé ao seu lado. — Essa foi, na verdade, sua justificativa para quebrar o contrato com o rei de Verão no último inverno que lhe inspirou a ideia.

O sumo sacerdote concordou com a cabeça.

— Quando você quebrou o contrato com o rei de Verão para salvar Calberna e Mystral da ameaça do rei de Gelo — disse o clérigo —, fiquei pensando se um contrato de noivado nunca fora rescindido por motivos parecidos. Precisei voltar até quase a época do Massacre para descobrir que há precedentes de rescisão de noivado se, ao fazê-la, a rescisão previne algum dano à linhagem de *Myerials*. A Casa Sami já concordou em fazer essa concessão pelos interesses da Calberna. — Ele se curvou na direção da matriarca da Casa Sami.

Alysaldria agarrou os braços do trono e disse:

— Quero conversar em privado com meu filho e o lorde chanceler. Os presentes se curvaram à rainha e deixaram o salão do trono.

— Você sabe que é uma boa oferta, Alys — disse Calivan, quando as portas se fecharam atrás deles. — Uma esposa *imlani* vinda de uma casa de sangue real? É o melhor casamento que Dilys poderia esperar.

— Seria, caso o noivado tivesse acontecido quando Dilys e Coralee ainda eram crianças. Eles teriam tempo para formar os laços emocionais necessários para uma união de verdade. Mas a Coralee passou quinze anos se ligando ao Loto. Você, como eu, os viu juntos. O vínculo deles era forte e profundo. O luto dela também será.

— E nós estaremos todos aqui para ajudá-la a atravessar esse luto. Você subestima o Dilys, Alys. Se ele ficar aqui em Calberna pelos próximos cinco anos, e passar tempo com a Coralee, não tenho dúvidas de que vai arrebatá-la completamente, da mesma forma que Loto Sami o fez. No final das contas, ele é seu filho. Os dons dele são muitos e grandiosos.

— Dilys poderia tirar ouro de um dragão. Esse não é o ponto.

— Não, é exatamente esse o ponto. Se há uma pessoa que pode curar o coração de Coralee e formar com ela um vínculo forte o bastante para gerar as filhas que todos precisamos, essa pessoa é o Dilys. E não se esqueça que, algum dia, Coralee será a *Donima* da Casa Calagi. Mesmo que ela só dê luz a meninos, os filhos deles serão de uma linhagem real pura e poderosa, com esposas *imlani* garantidas para eles.

— E o que a Casa Sami vai receber em contrapartida? — Ela apertou os olhos. — A filha do meu tio Aleki, Aleakali Maru, será a próxima *Myerial* caso Dilys não tenha uma filha enquanto eu estiver viva. Ouvi boatos de que Aleakali está grávida de uma menina. Aposto que a Casa Sami renunciou ao contrato com Coralee em troca de um contrato de noivado com a filha de Aleakali. Por que casar um filho da Casa Sami com uma Calagi quando, em vez disso, poderiam casá-lo com uma futura *Myerial*?

— Se isso é verdade, por que não nos aproximamos nós mesmos de Aleakali e oferecemos Dilys para se casar com a filha dela?

— Não seja ridículo! — Interrompeu-o Alysaldria. — O Dilys conquistou o *ulumi-lia* dele há quatro longos anos. Eu não quero que ele espere mais *cinco* anos para ter uma esposa e você sugere que ele espere outros vinte?

— Você talvez devesse perguntar ao Dilys o que ele quer. Quem sabe ele não se importe em esperar mais alguns por uma esposa *imlani*. Quem sabe ele até prefira noivar com a futura *Myerial* de Calberna.

— Quem sabe não começam a nascer brânquias em porcos para eles nadarem com o kracken.

Em outras circunstâncias, Dilys estaria lutando para segurar a risada pelo comentário agudo. Apesar de sua mãe ter um coração grande e bondoso, ela também possuía um temperamento feroz,

uma obstinação de ferro e uma sagacidade com unhas e garras próprias.

— Prometer Dilys a uma infante que sequer nasceu está fora de cogitação — continuou a mãe dele —, mas quanto à moça Calagi, que nunca seja dito que tomei minha decisão sem levar em consideração os desejos do meu filho. — Alysaldria se virou para Dilys. — *Moa elua*, meu filho, você tem a oportunidade de se casar com uma esposa *imlani* de uma Casa nobre e poderosa. E ainda que eu esteja impaciente para ver seu futuro estabelecido, cinco anos não são a mesma coisa que vinte. Coralee Calagi é uma garota linda, com muitos dons. Ela irá se tornar matriarca da Casa Calagi quando a mãe dela tiver partido. Você e seus filhos terão tudo o que precisarem e o seu sangue — nosso sangue — irá tornar a Casa Calagi ainda mais forte do que já é hoje. Como apontou Calivan, essa é uma união boa e vantajosa, melhor do que eu poderia ter esperado depois da morte de nossa querida Nyamialine. Se você quer que ela aconteça, basta dizer que sim.

— Bem — respondeu ele, relutantemente —, se eu esperasse e me casasse com uma *imlani*, isso acabaria com o atrito entre você e as outras *Donimari*, que temem que uma meio-sangue herde o Trono dos Mares.

— Eu não me importo com isso. — A mãe dele fez um gesto impaciente. — Os que fizeram mais barulho em oposição têm interesse em ver o Trono dos Mares passar para minha prima Aleakali. Eles usaram a morte prematura de Loto Sami como uma desculpa para obter o poder que tanto desejam. Onde estavam esses cidadãos tão zelosos quando Nyamialine morreu? Algum deles se ofereceu a cancelar os contratos de noivado de suas próprias Casas ao filho da nova *Myerial*? *Ono*, eles não fizeram isso. Por isso, não estou perguntando o que eles querem; estou perguntando o que você quer.

Dilys hesitou por um instante. Não era o atraso que o levou a parar para refletir. Afinal de contas, ele já havia esperado quatro anos. Cinco anos a mais não seria muito tempo. Mas ele amou Nyamialine, sua prometida de infância. Ainda que só tenham passado a infância juntos, a morte dela roubou a alegria do coração de Dilys por anos. Ele sabia que Coralee, que passou sua vida

inteira amando e sendo amada por Loto Sami, não curaria a ferida dessa perda em apenas cinco anos. Nem mesmo se Dilys largasse o mar e passasse o tempo todo ao lado dela. Talvez fosse um engano egoísta da parte dele, mas ele queria uma esposa capaz de *amá-lo*, não que ficasse de luto pelo noivo amado que perdeu.

— *Nima* — disse ele, por fim —, eu vou fazer o que você sentir que é o melhor para a Calberna e para a Casa Merimydion. Se você quiser que eu me case com Coralee Calagi, eu o farei com o coração contente como dita meu dever.

— Mas? — questionou a mãe dele.

— Mas se a escolha couber a mim, então zarparei amanhã para Konumarr, conforme o planejado.

Alysaldria se recostou no trono e sorriu.

— O seu desejo é meu desejo. Nesse caso, está decidido.

— Alys... — Calivan começou a objetar, mas o olhar de imponente da irmã gêmea o silenciou.

— Lorde Chanceler — disse a *Myerial* em tom formal —, por favor chame os demais de volta para que eu lhes informe minha decisão.

A rainha havia se pronunciado. Percebendo que protestar era claramente inútil, Calivan se curvou formalmente e deu ordem aos guardas junto à porta para que abrissem os portões do salão do trono. Ele e Dilys se colocaram de pé ao lado do trono, criando um semblante de união conforme os outros entravam. Para fazer justiça a Calivan, não importava quais fossem suas opiniões pessoais acerca de um assunto, uma vez que a rainha decidisse qual medida tomar, ele jamais demonstrava, em palavras ou ações, suas objeções a ela.

— Lordes do mar, *Donimari* — Alysaldria acenou com a cabeça para os dignitários e matriarcas. — A decisão foi tomada. O príncipe e todos os seus homens zarparão amanhã para as terras invernais para cortejar as esposas cujo direito a tomar eles conquistaram.

— *Moa Myerial!* — protestou o ministro de Assuntos Internos.

Ela ergueu a mão em um gesto para silenciá-lo. Às matriarcas, a rainha disse:

— Meu filho tem 29 anos. Ele conquistou sua *ulumi-lia* quatro anos atrás e, mesmo assim, ainda não se casou. E por demanda de vocês. — Alysaldria se virou para olhar para o ministro de Assuntos

Internos. — Cinco... quase seis anos atrás, você e Calivan convenceram a mim e ao conselho de que Dilys deveria esperar para escolher sua *liana*, de modo que pudessem pesquisar todas as possíveis esposas e escolher uma união que conviesse melhor aos interesses da Calberna e da Casa Merimydion. Há quatro anos, Calivan me garantiu que uma Estação de Veralea seria melhor opção de união. Agora, vocês vêm me dizer que uma Estação de Veralea não serve e que devemos despojar a Casa Sami de uma felicidade pela qual esperam há tanto tempo, forçando meu filho a esperar mais cinco anos até que a filha de Nyree Calagi tenha idade para se casar?

O sumo sacerdote espalmou as mãos:

— *Moa Myerial*, por favor...

Os olhos dourados de Alysaldria queimaram de raiva.

— Você teme demais que essa Estação carregue uma filha para a Casa Merimydion? Ou você me acha incapaz de garantir que uma filha da Casa Merimydion nasça uma verdadeira *imlani*, apta a governar o Trono dos Mares? Você está sugerindo que sou fraca demais para isso?

Ambos o ministro e o sumo sacerdote recuaram.

— Já ouvimos o suficiente. — Com os olhos brilhando como dois sóis dourados, a *Myerial* se levantou junto ao trono. Ela não costumava Falar do Trono dos Mares usando o “Nós” real, mas, quando o fazia, queria dizer que estava encarnando o Poder de Calberna e sua decisão era irrevogável. Reconhecendo a natureza da ordem, Calivan, Dilys, as *Donimari* e todos os demais se ajoelharam e, com os olhos voltados ao chão, curvaram as cabeças em submissão.

— Ministros, *Donimari*, Nós agradecemos a vocês pela preocupação e pelo empenho em fazer o que acreditavam ser o melhor para os interesses da Calberna. Mas Nós não pediremos à Casa Sami ou à Casa Calagi que cancelem um contrato selado com sal e sangue. Nós tampouco privaremos Nosso filho, o *Myerielua*, de seu direito de buscar, sem mais delongas, a felicidade e a paz que tão valorosamente merece. Se Numahao abençoar a união dele com uma filha *imlani* para a Casa Merimydion, ela nascerá com dons suficientes para honrar o Trono dos Mares sobre o qual um dia

se sentará, mesmo que Nós tenhamos que dar Nossa vida para que isso aconteça. Assim Nós falamos. Assim deverá ser cumprida Nossa vontade.

Os cortesãos reunidos murmuraram em uníssono:

— Assim Vós falastes. Assim deverá ser cumprida Vossa vontade.

— Vocês estão dispensados.

O grupo se levantou e recuou para fora do salão, curvando-se enquanto saíam.

Assim que saíram e os portões do salão do trono se fecharam, Calivan se voltou à irmã:

— Alys, o que você fez?

Exausta, ela esfregou as têmporas.

— Eu fiz o que tinha que ser feito. Quebrei as pernas da Aliança do Sangue Puro e garanti que meu filho pudesse deixar a guerra no passado para finalmente reivindicar a paz que conquistou há tantos anos.

— Mas jurar sacrificar sua própria vida... você jurou isso diante do Trono dos Mares. — Calivan estava claramente horrorizado. Todos os bebês *imlani*, especialmente as meninas, nasciam com dons do mar pois tanto a *Donima* de sua Casa, quanto suas parentes *imlani* mais próximas lhes transmitiam parte de seus próprios dons antes da criança nascer. No entanto, o imenso poder guardado nas mulheres nativas da Calberna não era ilimitado. Uma mulher *imlani* era capaz de se esgotar até a aniquilação, exatamente como as *Myerials* faziam em seus leitos de morte ao transmitir seus poderes às sucessoras. E Alysaldria tinha acabado de proferir um juramento inquebrantável de fazê-lo, caso não conseguisse transmitir de outra maneira poderes à filha meio-sangue de Dilys.

— *Nima*... — Dilys estava tão horrorizado quanto o tio. — *Nima*, você não pode fazer isso. Eu não vou permitir. Eu aceito o noivado com Coralee Calagi. Nem que eu precise esperar dez ou vinte anos.

— É tarde demais, *moa elua*. Assim eu Falei.

— Nesse caso, não vou me casar. Vou viver como Calivan, ligado apenas a você e a mais ninguém.

Ela ergueu a cabeça. Seus olhos flamejantes encontraram-se e fixaram-se nos de Dilys.

— Você não fará isso. Eu o verei se casar e se estabelecer antes que o ano acabe. Verei meu filho... meu único filho... feliz.

— Como eu poderia ser feliz me casando com uma *oulani*, se o preço para isso é sua morte?

Ela emitiu um som de despeito e se levantou rapidamente.

— Como? Da mesma forma que encontrei felicidade sem seu pai. Você vai ser feliz porque deve. Pois seu dever com a Casa Merimydion e com a Calberna implica que tanto eu quanto você devemos encontrar meios de sermos fortes pelo bem dos outros, mesmo se não pudermos ser fortes com nós mesmos. — Aqui, a expressão dela se abrandou. — Dilys, *moa elua*, amanhã você zarpará para as Ilhas Æsir e irá trazer para casa uma filha para a Casa Merimydion, uma filha que encherá minha alma de alegria e contentamento, uma *liana* que você irá amar com todo o seu coração. Ela carregará filhos e, com a boa vontade de Numahao, uma filha para nossa Casa e para a Calberna. E seus filhos serão calbernanos bons e cheios de dons que trarão honra para nossa Casa, nosso país e nosso povo. Assim eu Falei. Assim deverá ser feita Nossa vontade.

Os olhos dele se encheram de lágrimas. Ele fez esforço para segurá-las. Sua voz saiu embargada quando curvou a cabeça em submissão e disse:

— *Tey, moa Myerial*.

— Ótimo. Então venha aqui e se ajoelhe diante de mim, meu filho. Eu lhe darei minha benção agora, não amanhã.

Ele subiu os degraus de corais e se ajoelhou diante do trono incrustado em pérolas de Calberna. Sua mãe se inclinou para a frente e tomou o rosto dele nas mãos.

— Meu filho forte, corajoso e lindo — disse ela. Havia nas mãos dela um leve tremor que o fez franzir o cenho, mas antes que Dilys pudesse dizer qualquer coisa, os grandes olhos profundos de Alysaldria brilharam como um sol.

O corpo dele se estremeceu. Uma força o atravessou como um furacão. A marca de nascença na parte interna de seu pulso esquerdo, um tridente dourado, ardeu e latejou, brilhando no mesmo tom amarelo dourado dos olhos da mãe dele.

— Que meu amor lhe traga força para vencer os desafios que aparecerem em seu caminho — suspirou ela, ao que beijou a *ulumi-lia* dele, a tatuagem furta-cor azul que serpenteava do canto do olho direito até a crista da bochecha de Dilys.

Ele revirou os olhos em êxtase. Os músculos de Dilys ficaram tensos, caso contrário, a energia que fazia seu corpo se estremecer implacavelmente o teria dizimado. Quando ela o soltou, atordoado e sem fôlego, Dilys desabou de joelhos diante da mãe. Seus pulmões ofegavam e o coração batia acelerado no peito.

Com uma das mãos, ela conduziu a cabeça dele ao colo e ele a pousou sobre o joelho da mãe com um gesto de amor e submissão devota, reconhecimento de que todo seu domínio nos mares, sua ferocidade em batalha e seu porte alto e intimidados, toda a sua verdadeira força e grande magia vinham daquela mulher pequena e magra que o lhe dera à luz. Ela o amava e comandava com a mesma paixão intensa com que amava e comandava sua nação. E como qualquer outro filho devotado de Calberna, ele a amava, servia e defendia apaixonadamente.

Dilys fechou os olhos enquanto a mãe acariciava delicadamente suas madeixas de cabelo suaves e pretos como obsidiana. A força que ela despejava se revirava com fúria dentro dele como uma tempestade, preenchendo-lhe completamente o corpo, fazendo sua pele parecer estirada e incendiada. Dilys lutou para assimilar aquele poder, para contê-lo e armazená-lo em suas células, de modo a usá-lo no futuro.

Aos poucos, sua pulsação retumbante diminuiu e sua respiração voltou a um ritmo calmo e desacelerado. Alysaldria fez um último cafuné maternal em suas madeixas e, em seguida, soltou-o.

Submetido à potência tremenda do dom da mãe, Dilys se ergueu sobre as pernas trêmulas.

— *Moa nana, Nima.* — Obrigado, Mãe. — Mas você não devia ter me dado tanto.

Os olhos dela ainda brilhavam como ouro derretido, mas parecia cansada e sem energia. Havia uma palidez sob o tom bronze profundo da pele dela.

Ele estava prestes a expressar sua preocupação, quando Alysaldria revirou os olhos e caiu desfalecida sobre seu trono.

— *Nima!* — Dilys se lançou na direção dela, tomando-lhe o corpo pequeno e magro nos braços, e erguendo-a do trono. — Tio Calivan!

— Chamem a curandeira! — ordenou Calivan para um dos guardas de pé no salão do trono. — Traga-a para cá, Dilys. Para a antecâmara. — Rapidamente, com o rosto tomado de preocupação, Calivan conduziu-a pelas escadarias atrás do trono até a antecâmara que ficava no andar de baixo. — Coloque-a naquele divã. — Ele apontou na direção do sofá longo e cheio de almofadas encostado contra a parede da sala privativa abaixo do salão do trono e foi buscar uma coberta fresca e um copo de água salgada gelada, enquanto Dilys acomodava a mãe.

Quando Calivan voltou com a coberta e água, ela já havia recobrado a consciência. Ela fez um aceno para dissipar a preocupação deles, mas, ainda assim, aceitou a água e o tecido úmido.

— Está tudo bem. Eu estou bem.

— Você não está bem — rebateu Dilys. — Você desmaiou.

— E é a culpa é só minha — disse ela. — O Calivan vem dizendo que eu não estou me alimentando direito. Acho que eu devia ter dado ouvidos a ele.

Dilys lançou um olhar preocupado ao tio, que estalou os dedos na direção de um dos guardas que os havia seguido até a antecâmara e o lhe ordenou:

— Mande a cozinha enviar algo para a *Myerial* comer. Imediatamente. Diga-lhes para mandar o que tiverem à mão. Sem atraso. Eles podem preparar algo mais substancioso mais tarde.

— *Tey*, lorde Merimydon. — O guarda se curvou e partiu apressadamente.

Dilys se virou para a mãe. Ela lutou para se sentar, mas, sem forças, acabou caindo contra o encosto do divã. Uma mãe gelada de medo apertou o coração de Dilys.

— *Nima*, é mais do que má alimentação. Você não está bem. — A palidez dela naquele dia. O tremor na mão antes de lhe dar a benção. Ela estava começando o *Esmaecer*, a perda de forças que acometia alguns calbernanos, especialmente depois de uma grande tragédia ou desgosto, quando o sofrimento ficava intenso demais para ser tolerado. Para os calbernanos, amor e felicidade não eram

simples emoções. Eles eram essenciais como ar e água. Um calbernano não conseguia viver sem eles.

— *Nima*, você não pode pedir que eu a abandone agora. Eu não posso. Eu não vou. — Ele ia ficar e se dedicar inteiramente a ela, derramaria sobre ela todo o amor de sua alma, de modo a mantê-la com forças. Dilys faria o que fosse necessário, não importava o custo.

— *Tey*, você vai. — Ela balançou a cabeça. — Não vou permitir mais delongas. Você irá viajar para as terras invernais e irá voltar com uma filha para que eu ame, uma filha para ser mãe de meus netos. Eu vou carregar seus filhos no colo.

Foi quando, repentinamente, sua decisão de Ordenar do Trono dos Mares fez todo sentido. Não surpreendia que ela tivesse feito um juramento inviolável para dar a própria vida para fortalecer a filha de Dilys. Não surpreendia que ela lhe tenha ordenado zarpar para no dia seguinte para a Cordilheira Invernal em busca de uma esposa. Ela sabia que estava começando o Esmaecer.

— Nesse caso, eu vou ficar, Alys — disse Calivan, abaixando-se para acariciar o cabelo da irmã.

Ela segurou o pulso dele e balançou a cabeça outra vez.

— *Ono*. Você e eu já discutimos sobre o assunto. Não tem pessoa em quem eu confie mais para proteger meu filho entre os *oulani* do que você.

— *Nima*...

— *Alys*...

Dilys e Calivan protestaram em uníssono, mas Alysaldria não ia ser dissuadida.

— *Ono*. Dilys, você vai partir amanhã conforme o planejado... com seu tio e sem brigarem. Você irá cortejar a Estação que seu tio e o conselho escolheram para você e você irá conquistar o amor dela. Depois, você irá trazê-la para Calberna e lhe dar filhos que deem, para vocês dois, tanta alegria e orgulho quanto você me deu. Isso é o que me fará feliz. Isso é o que eu preciso de você.

— *Nima*. — A garganta dele estava tão apertada que a voz saiu rouca. Ele tomou a mão dela e pressionou os lábios contra a palma. — Como você deseja, assim eu o farei, *moa nima*.

Na manhã seguinte, o sol ainda estava baixo no horizonte oriental quando Dilys se dirigiu às docas do palácio onde um bote azul brilhante o esperava para levá-lo até o navio. Ele e seu tio Calivan haviam intimidado Alysaldria desavergonhadamente na noite anterior, para que ela concordasse que o irmão gêmeo ficasse até se sentir mais recuperada. Dilys seguiria viagem, começaria o cortejo das Estações, e Calivan iria se juntar a ele dali a um mês ou algo do tipo, assim que Alysaldria recobrasse parte da força.

Quando Dilys chegou ao perímetro dos jardins do palácio, um calbernano saiu de trás das sebes.

— Então você está partindo para reivindicar sua *oulani*.

O corpo de Dilys ficou tenso. Seu estado de espírito já abalado ficou ainda mais sombrio. Ele se virou lentamente para encarar Nemuan, o filho da *Myerial* anterior.

Tatuagens cobriam dos pés ao pescoço o corpo de Nemuan, não deixando praticamente nenhum centímetro de pele bronze sem ornamento, mas, diferentemente de muitos calbernanos, cujas tatuagens eram feitas com um azul furta-cor produzido com anêmona real, madrepérola e traças moídas, metade das marcas de Nemuan havia sido feita com tinta fosca preta. Eram registros dos anos que havia passado nos mares, não procurando ouro ou fama, mas reparação e vingança pela perda da irmã, Sianna, e da mãe, a *Myerial* Siavaluana.

Apenas dois anos mais velho do que Dilys, Nemuan era um menino de 11 anos quando o incidente tomou as vidas de Sianna, Nyamialine e, por fim, de Siavaluana. Era jovem demais para buscar a própria morte para honrar a família, mas não para se lançar ao mar. Por dez anos, ele vendeu a própria espada sem lucrar com isso, enfrentando batalha após batalha, missão após missão, para provar sua força, habilidade e domínio do mar e navios que nele navegavam. Era uma forma de se livrar do estigma do fracasso de sua família em proteger suas mulheres. Só depois desses anos ele se voltou ao ouro e à fama, desejoso de conseguir para si uma *liana*. Infelizmente, para Nemuan, esses anos de cólera e fúria não deixaram uma marca apenas em sua pele. Mesmo tendo acumulado ouro e fama o bastante para conseguir uma *liana*, ele ainda devia conquistar uma.

Ele estava esperando, dizia, uma *liana* digna de se tornar *Myerial*. E exatamente como seus comparsas da Aliança do Sangue Puro, Nemuan deixou bem claro que achava que Dilys deveria fazer o mesmo.

— Nemuan. — Dilys saudou o primo sem qualquer entusiasmo.
— Achei que você ainda estivesse no mar.

O primo sorriu com a boca, mas nenhum traço de bom humor iluminou o dourado escuro e uniforme de seus olhos.

— E eu perderia o dia em que o filho de uma *Myerial* zarpou atrás de uma esposa *oulani*?

Dilys estreitou os lábios.

— O que passou, passou, primo — disse ele. — Nenhum sacrifício nos irá trazer sua mãe, Sianna ou Nyamialine de volta. É hora de você deixar a fúria e o luto para trás. Reivindique uma *liana* que lhe dê filhos. Procure a felicidade que essa vida ainda lhe reserva.

— Eu não esqueço tão fácil como você — rebateu Nemuan.

Dilys estreitou os lábios.

— Eu não esqueço nada. Mas não posso mudar o que passou, só o que virá. E eu escolho a vida, por mim e pelos filhos que minha *liana* irá me dar.

— Uma *Myerielua* digna desse nome diria que seria melhor ver a Casa Merimydion morrer do que manchar a linhagem real com sangue *oulani*. Em nome de Numahao, Merimydion, aja como o Príncipe das Ilhas que você deve ser, não como um fracote covarde e egoísta que não tem brio para fazer o que é certo.

Os olhos de Dilys se estreitaram. Querendo sair, as pontas de suas garras de batalha pressionaram contra a ponta dos dedos.

— Cuidado, Merimynos.

— Você teve a oportunidade de escolher o que era melhor para a Calberna... manter pura a linhagem sanguínea das Sereias. E você esnobou...

— Me foi oferecida a oportunidade de esperar cinco anos antes de me casar com uma garota que está em luto pela morte de seu amor. Em vez disso, escolhi procurar uma filha poderosa para a Casa Merimydion, uma filha para que minha *nima* ame, cujo coração não esteja se afogando em luto.

— Escolha que é boa para você e mais ninguém.

— A *Myerial* discorda disso.

— A *Myerial* está...

— *Mua!* — Silêncio! A mão de Dilys cortou o ar. Sua expressão ficou dura como pedra. — Posso até deixar passar seus insultos contra mim, mas não diga mais nada sobre minha mãe, caso contrário serei forçado a fazê-lo se arrepender disso.

Nemuan torceu os lábios.

— Como se você fosse capaz disso.

Um segundo depois, Nemuan estava de costas contra o chão, com a mão de Dilys na garganta. O rosto do filho da antiga *Myerial* estava ficando com um tom muito satisfatório de roxo.

— Eu poderia, seu eu quisesse. — disse Dilys. — Eu poderia muito facilmente. É bom você se lembrar disso, *pulan*. — A mãe de Dilys havia lhe dado mais do que um poderzinho. Ela havia se esgotado por ele, sem páreo para o primo sem irmã ou mãe.

Dilys soltou Nemuan e se levantou com um movimento ágil e desenvolto. Deixando o primo deitado, Dilys atravessou a plataforma de corais do píer e embarcou no bote azul brilhante.

— Não se incomode em vir se despedir de mim — disse ele.

Na traseira do bote, dois calbernanos lançaram remos longos na água límpida do canal, afastando-se do pátio da doca. Conforme o bote descia o canal em direção ao porto, Dilys conseguia sentir os olhos estreitados de Nemuan pairando sobre sua nuca. Nenhum dos dois teve empatia especial pelo outro, especialmente depois das mortes de Sianna e Nyamialine, mas o sangue que tinham em comum sempre os manteve nos limites da educação. Era evidente que esse vínculo não se sustentava mais.

Dilys sabia que, agora, tinha em Nemuan um inimigo.

Capítulo 2

Konumarr, Cordilheira Invernal

— Calbernanos, que alegam ser a raça escolhida da deusa Numahao, possuem todos os dons do mar que lhes permite manipular correntes marinhas, conversar com criaturas do mar e nadar sem precisar subir à superfície para respirar. Eles são chamados, com razão, de Senhores dos Mares, pois os oceanos do mundo obedecem a seus comandos. — O menino pequeno e de pele dourada em pé na frente da pequena sala de aula segurou as bordas do livro de capa de couro com as mãos e voltou seus olhos ansiosos para a professora.

— Excelente apresentação, Jori. — Gabriella Coruscate, a princesa de Veralea mais conhecida por seu dom de batizado, Verão, sorriu para o menino e pegou o livro de suas mãos.

O garoto de sete anos sorriu cheio de orgulho.

— Eu treinado com a minha Mam.

— Você *tem* treinado com sua Mam — corrigiu ela, bondosamente —, e sim, estou vendo que é verdade. Você progrediu bastante, Jori. — Sob a pele dourada, as bochechas do menino coraram de um rosado fofo, fazendo a superfície de sardas brancas sobre o rosto brilharem como estrelas. Ele tinha um jeito tão sério e adorável, com seus grandes olhos azuis e feixes de cabelo branco pendendo sobre a testa. Além disso, estava tão orgulhoso — todo ereto, com os ombrinhos estreitos dentro da camisa gasta, mas cuidadosamente lavada, passada e engomada —, nada parecido com a criança tímida e dolorosamente retraída que havia entrado pela primeira vez naquela sala, duas semanas atrás. Sem conseguir se segurar, ela se aproximou para bagunçar o cabelo dele e foi recompensada com outro sorriso reluzente e uma pulsação quase palpável de alegria, o que a inundou de um calor reconfortante.

Verão se permitiu aproveitar aquele calor por um instante; em seguida, afastou-se do carinho tentador de Jori e devolveu o livro à estante cuidadosamente organizada junto à parede.

— Muito bem, classe. Por hoje é isso. Amanhã não vai ter aula para todos poderem comparecer à cerimônia de boas-vindas aos calbernanos. Por isso, vejo vocês na próxima segunda, para começarmos o próximo capítulo da *História do mundo*, do Tantarri.

Ela sorriu com o coro de resmungos dos estudantes. Eles preferiam bem mais ler aventuras e sagas heroicas como o *Roland triunfante: Herói de Veralea* ou *A grande caçada* — preferência compartilhada pela irmã de Verão, Khamsin, Rainha da Cordilheira Invernal, que havia criado a nova escola pública de Konumarr —, mas ainda que fossem textos capazes de empolgar o leitor, eles não expandiam o conhecimento dos estudantes em geografia e história para além das costas das Ilhas Æsir. Khamsin estava decidida que os alunos formados em sua nova escola pública experimental deveriam sair de lá com a capacidade de ler, escrever, calcular e ter fundamentos sólidos em história, geografia e comércio, motivo pelo qual pressionou sua irmã, Verão, a dar aulas no final do semestre. As crianças buscavam Verão por conta própria. E que pai ou mãe se recusaria que seu filho tivesse aula com a princesa mais querida das Ilhas Æsir?

Verão não estava completamente convencida de que aquelas crianças — muitas das quais se juntariam aos pais nas atividades de plantação, pescaria, pastoreio ou caça — precisavam de uma educação que fosse além da leitura básica, escrita e aritmética, mas Khamsin insistiu que fosse assim. Quem poderia saber? Ela talvez tivesse razão. O próprio preceptor de Verão havia sido um entusiasta de história. Ele dizia que “um homem sábio aprende com aqueles que vieram antes dele para poder duplicar seus êxitos e evitar seus erros”. Mesmo que as crianças nunca precisassem saber por que motivo reis mortos há tanto tempo mergulharam sus nações em guerras ou as batalhas que afetaram o mundo, a parte sobre evitar os erros dos antepassados provavelmente valia a pena ser aprendida.

Essa era uma lição que Verão com certeza carregava no coração.

No exame que fosse, a *História* de Tanturri era o texto de que os alunos menos gostavam. Verão concordava em segredo com eles — ela sempre achou a leitura do livro morta e árida —, mas desde que a rainha da Cordilheira Invernal o havia incluído no currículo, ela teve que enfrentá-lo até o final. Com sorte, ela encontraria um jeito de tornar o material mais interessante, tanto para ela quanto para os alunos.

— A Lily — apontou ela com a cabeça na direção da jovem grávida no fundo da sala de aula — sugeriu que vocês poderiam gostar mais do Tanturri se a gente fizesse fantasias e atuasse alguns dos eventos históricos. O que vocês acham disso? — Ela sorriu quando um pequeno coro de aplausos substituiu os resmungos. — Ótimo. Vamos fazer as fantasias, então. Planejamos nossas fantasias para o primeiro capítulo e passamos na loja na Quíndia. Vocês vão poder treinar aritmética decidindo quanto de cada tecido vão precisar e calculando os custos totais.

Ela ficou de pé junto à porta enquanto as crianças saíam em fila, despedindo-se e oferecendo a cada uma delas palavras de incentivo pelo empenho em aula. Em resposta aos elogios, a alegria a inundava como uma onda de calor nutritivo. Ela os viu se dispersarem — alguns correndo para casa, outros para brincar em um dos muitos parques de Konumarr, os mais novos pulando nos braços carinhosos das mães que ali esperavam — e se forçou a continuar sorrindo, apesar da ânsia agri-doce que lhe queimava o peito.

Depois que todos foram embora, Verão permaneceu de pé junto à porta do edifício, fechou os olhos e voltou o rosto ao sol, deixando que a luminosidade tranquilizante banhasse sua pele, trazendo consigo uma explosão forte de energia que pouco a pouco aliviou a dor em seu peito. Como princesa real de Veralea, ela e as irmãs tinham uma afinidade especial com o sol: característica que, como descobriram recentemente, deviam ao sangue do deus do sol, Helos, que corriam nas veias delas.

Um som baixo veio de trás dela.

— Sua ideia foi um sucesso — murmurou Verão, sem abrir os olhos.

— Sim, senhora.

— Espero que você vá me ajudar costurando tudo o que as crianças não conseguem... e não tenho dúvidas de que você vai fazer a maior parte.

Houve um silêncio breve e incerto e, em seguida, uma risadinha.

— Sim, senhora.

Gabriella se virou para sorrir para Lily, a bela jovem veraleana que havia chegado em Konumarr poucos dias da chegada da própria Verão, há duas semanas. O marido de Lily havia morrido na última rebelião do inverno, deixando-a grávida e sozinha. Ela ouvira falar dos calbernanos vindo para cortejar mulheres, pois isso caminhou e pediu caronas desde a casa dela em uma cidadezinha a noroeste de Veralea, Pomares, até Konumarr. Ela chegou com uma barriga que não parava de crescer, sem lugar para ficar e apenas um punhado escasso de *pisetas* de cobre no bolso. Khamsin lhe ofereceu hospedagem de graça e trabalho na escola em troca de ajuda para limpar o edifício e preparar as salas de aula todos os dias, mas, depois da segunda vez que Gabriella encontrou Lily de pé no corredor do lado de fora de uma das salas, ouvindo às aulas, ela convenceu a moça a lhe dar assistência nas aulas.

— Você leva jeito com as crianças — disse Verão. — Você será uma mãe maravilhosa.

— Obrigada, Sua Alteza. — Lily sorriu timidamente e passou a mão em torno da barriga arredondada. Ela era uma garota adorável, uma autêntica veraleana, com cabelo preto esvoaçante, belos olhos chocolate-escuro e pele de um marrom profundo e brilhante, mas Verão achou a doçura sincera de seu espírito sua qualidade mais atraente. Pela relutância de Lily em falar sobre sua vida em Veralea, pela forma como saltava quando ouvia barulhos altos ou movimentos súbitos, e pelas olheiras que às vezes rodeavam seus olhos, Verão percebeu que a moça tinha visto e vivido coisas difíceis, mas Lily não havia deixado que essas coisas endurecessem seu coração delicado. Aquilo demandava força. O tipo de força que a maioria das pessoas não percebia, pois era muito sutil.

De repente, Lily recuou, soltou um resmungo abafado, e colocou a mão no lado direito da barriga.

— Ai, ai. Meu brotinho aqui tem um chute e tanto. — Ela deu risada e mostrou uma parte da barriga que visivelmente se mexia

enquanto a criança no útero se esticava e virava dentro dela.

Com o olhar fixo na barriga de Lily, a dor no coração de Verão voltou de forma torturante à vida. Com ela, veio o tremor interno e a terrível sensação de pressão, como o retumbar de um vulcão se preparando para entrar em erupção.

Ela se virou rapidamente para pegar o xale no gancho junto à porta.

— Preciso ir — disse ela. — Minha família está me esperando para o chá. Vou vir aqui no helosdia e vamos poder repassar seus planos para a fantasia das crianças. — Sem esperar pela resposta e sem arriscar lançar outro olhar na direção de Lily, ela caminhou em direção à porta. — Aproveite seu fim de semana, Lily.

O que estava acontecendo com ela?

Verão respirou fundo várias vezes enquanto caminhava rapidamente pelas ruas de Konumarr em direção à ponte que cruzava o largo e profundo fiorde Llaskroner que conecta a cidade ao palácio que fica na costa norte do fiorde. Desde que chegou ali, três semanas atrás, o muro de controle calmo e sereno que havia passado a vida inteira construindo ao seu redor vinha desabando. E não eram apenas rachaduras pequenas e sem importância, ainda que isso já fosse ruim o bastante. Não. Foram as fundações de seu autocontrole e sua capacidade de sublimar os próprios desejos que haviam sofrido abalos sísmicos graves.

Seria o legado de loucura de seu pai que começava a se manifestar nela?

Gabriella morria de medo de que esse fosse o caso, e temia ainda mais o que seria capaz de fazer às pessoas ao seu redor. O que poderia fazer às pessoas que amava.

Ela sabia que todos a achavam a mais fraca das Estações. Sabia que todos a achavam doce, delicada e bondosa a ponto de nunca ser capaz de machucar uma mosca. Era isso que eles deveriam achar. Essa era a faceta que a mãe de Verão, a finada rainha Rosalinda, a ensinou que mostrasse ao mundo, máscara que ensinou Gabriella a vestir tão bem que acabou virando uma segunda natureza para ela.

Mesmo agora, com sua mãe morta há tanto tempo — há quase duas décadas —, Verão ainda era capaz de ouvir sua voz, uma voz delicada e ao mesmo tempo tão firme, pulsante de uma magia que os ancestrais da rainha Rosalinda na Enseada Marítima há muito tempo apelidaram de Persuasão.

Você nasceu com um grande poder, minha querida. Não apenas da parte do seu pai, mas da minha também. Você deve aprender a controlá-lo. Se não aprender, pode machucar muita gente e eu sei que você jamais ia querer que isso acontecesse. Você deve aprender a controlá-lo, Gabriella. Você deve. Seu pai e eu sempre a ajudaremos como pudermos. Mas para começar, você deve aprender a manter sempre a calma. Afaste-se de pessoas e situações que a entristecem. Pratique enviar bondade, gentileza e felicidade ao mundo, de modo a receber bondade, gentileza e felicidade em retorno.

E foi exatamente isso o que ela fez. Ela evitava conflitos de toda forma. Raiva, ódio, violência: essas emoções picavam seus sentidos como urtigas, alimentando a escuridão dentro dela até sua própria escuridão urrar em resposta. Conforme foi ficando mais velha, Gabriella aprendeu a neutralizar o conflito ao invés de fugir dele. Ela dominou os dons Persuasivos que havia herdado da mãe e de seus ancestrais da Enseada Marítima, ainda que sempre tomasse cuidado para não “forçar” demais esses dons, temerosa de libertar suas outras magias mais perigosas.

Ela achava que tinha sido bem-sucedida em aprisionar seus dons mais mortais e em escapar da loucura que consumiu e destruiu seu pai, mas, desde sua chegada a Konumarr, sua serenidade tão arduamente conquistada e dolorosamente administrada havia se evaporado por completo. A fera que habitava dentro dela começou a se inflamar diante da menor provocação.

Não eram mais necessárias nem raiva, nem violência para abalar as fundações de seu autocontrole. Bastava que ela quisesse muito algo e que aquela *coisa* faminta, selvagem e feroz urrasse dentro dela, dilacerando e despedaçando seu autocontrole, ameaçando se libertar.

Como se, ao ver o bebê da Lily se mexendo e desejando — precisando! *Ansiando!* —, ela quisesse seu próprio bebê para amar,

ainda que fosse a última coisa que teria na vida.

Ela chegou à praça Ragnar, a praça central de Konumarr. Cerca de vinte aldeões estavam trabalhando duro, enrolando vinhas verdejantes ao redor de postes e amarrando cabos para as lâmpadas que seriam acesas na noite do dia seguinte para a comemoração de boas-vindas dos calbernanos à Cordilheira Invernal. Vários dos trabalhadores a viram e interromperam seus trabalhos para tirar os chapéus, se curvar ou prestar reverência.

— Sua Alteza Real.

Gabriella forçou um sorriso, tentando, de alguma forma, recompor a máscara da doce princesa Verão que todos esperavam ver.

— Por favor, isso não é necessário. Não quero interromper o trabalho de vocês. — Inconscientemente, um forte impulso de Persuasão abriu caminho entre suas palavras. Os trabalhadores, todos eles, voltaram imediatamente a suas tarefas como se ela sequer estivesse ali.

Abalada com o uso involuntário de seu poder, Verão abaixou a cabeça e saiu apressadamente. Isso não é certo. Isso não é nem um pouco certo!

Ela não ousou voltar imediatamente ao palácio. Ela precisava de paz, tranquilidade e de um lugar para se recompor, para reerguer as fundações de seu autocontrole que estava desabando. Em vez de atravessar a ponte que levava ao palácio, ela continuou caminhando apressadamente pela estrada principal de Konumarr. Ela queria sair correndo, mas isso chamaria atenção demais. Atenção implicava que as pessoas iriam bombardear seus sentidos com curiosidade e surpresa, e ela não estava preparada para correr o risco de ver novos danos às barreiras que mantinham sua magia sob controle.

Logo antes dos portões da cidade, Gabriella virou à esquerda no caminho de paralelepípedos que conduzia a seu lugar predileto em Konumarr: uma pequena gruta tomada de musgos escondida atrás da névoa de água da cachoeira da Barba Nevada. O ar dali era fresco e úmido, e o rumor da queda-d'água afogava todos os barulhos vindos da cidade. Era o único lugar em Konumarr onde ela se sentia bem e sozinha de verdade — sozinha o bastante para encontrar a paz da qual precisava tão desesperadamente.

Gabriella se sentou no banco de pedra no centro da gruta e fechou os olhos quando a névoa de água, respingando do véu branco que caía, molhou seu rosto. O líquido fresco evaporou rapidamente sobre o calor de suas bochechas quentes, mas ela se segurou com as duas mãos nos lados do banco de pedra e permaneceu ali até que a velocidade de evaporação da água diminuísse e voltasse ao normal. Só então ela abriu os olhos e, com um leve tremor de mãos, soltou a pulseira-amuleto do pulso e a segurou na palma da mão.

Os pequenos amuletos de joia que balançavam presos aos elos cintilaram para ela. Cada conchinha, estrela do mar e criatura marinha era cravejada com uma pedra colorida diferente.

Sua mãe ia gostar que você ficasse com isso. Ela ainda conseguia ouvir a voz do pai, antes que a loucura o tomasse por completo, antes que ela e suas outras irmãs soubessem que o pai tão amado delas havia se tornado um monstro. Ele deu a Gabriella a pulseira da mãe no dia de seu aniversário de 8 anos, menos de um ano depois da morte da mãe. *Você é tão parecida com ela.* Ela se lembrou da sensação das mãos grandes e largas do pai tirando as madeixas pretas encaracoladas do rosto dela. *Você é como um pedacinho da minha Rose, ainda viva para que eu ame.*

Verão soltou um suspiro sufocado e afastou as recordações, buscando no lugar delas a memória da mãe tirando a pulseira e a colocando nas mãozinhas pequenas de Gabriella, ensinando-a como encontrar calma nela. *Escolha um amuleto, querida. Qualquer um. Que tal esse golfinho azul aqui? Ele é todo alegrinho, não é? Esse sempre foi meu predileto. Agora, tente se concentrar nele. Concentre-se nesse golfinho azulzinho.*

Em um ritual que repetiu tantas vezes que se tornou um instinto, Gabriella tateou os amuletos com o dedo até encontrar o pequeno golfinho cravejado de safira. Pinçando o amuleto entre o polegar e o indicador, ela encarou atentamente o brilho azul da gema.

Imagine o golfinho nadando no oceano, rindo e saltando nas ondas. Muito bem, muito bem, minha bebê. Agora continue imaginando esse golfinho feliz até tudo o que está deixando você com raiva ou triste desaparecer. Essa é minha menina. Essa é

minha menina doce, bondosa, boazinha e linda. Eu te amo, Gabriella. Eu te amo muito, muito mesmo.

O amuleto de golfinho azul ficou desfocado. Gabriella piscou os olhos e uma umidade muito mais quente do que a da névoa da cachoeira rolou por suas bochechas.

— Ah, Mama — suspirou ela. — Ah, mama, eu tenho tanta saudade de você.

— Você está atrasada — a irmã mais velha de Gabriella, Viviana, mais conhecida pelo dom de seu batizado, Primavera, a cumprimentou enquanto saía para o terraço ocidental do palácio de Konumarr. Perscrutando Gabriella atenciosamente com seu olhar verde-claro que não perdia nada, Primavera franziu a testa. — Está tudo bem?

Com a pulseira da mãe já de volta ao pulso e as fraturas na fortaleza que continha seus poderes novamente seladas, Gabriella deu um sorriso alegre e luminoso e, com a desenvoltura de uma vida inteira de prática, escolheu uma mentira na qual sabia que as irmãs acreditariam.

— Claro. Está tudo bem. É que o dia estava lindo demais, precisei fazer um pequeno desvio no caminho de volta. Não imaginei que você fosse se importar.

O rei Wynter, cunhado de Verão, prometeu a ela e às irmãs que, assim que chegasse a primavera, seu país se transformaria em um dos lugares mais bonitos da terra, e ele não se enganou quanto a isso. Tendo transcorridos alguns longos e claros dias do verão ao norte da Cordilheira Invernal, o gelo e a neve do inverno tinham recuado, deixando cachoeiras pitorescas nas encostas das montanhas, criando constantes arco-íris na névoa. Konumarr, construída na nascente do vale do fiorde Llaskroner, estava localizada no coração de toda aquela beleza, cercada por falésias verdejantes, florestas exuberantes e uma vida abundantemente florescente. Em certas partes da cidade, era possível avistar, ao norte, as geleiras nos cumes das montanhas Skoerr.

— Bem, eu não me importo — disse Primavera —, mas temi que se você demorasse mais alguns minutos, Outono ia começar a comer o próprio braço.

— Não meu braço, Vivi — replicou Outono, a mais jovem e bonita das três princesas conhecidas como Estações de Veralea. — Eu estava pensando em comer o seu. — Com uma risada e um lançar de seus cachos castanho-avermelhados, Outono mostrou a língua e caminhou na direção da grande mesa em que havia sido servido um chá da tarde completo.

Como de costume, os criados do palácio haviam se superado. Pratos escalonados de sanduíche, saborosos e delicados bolos com cobertura, e uma variedade de outros doces haviam sido dispostos entre engenhosos arranjos de flores e plantas, dando a impressão de se tratar da própria natureza oferecendo, de forma generosa, iguarias deliciosas. Outono pegou um prato e começou a servir de guloseimas.

Gabriella olhou ao redor do terraço, mas, com exceção dos dois guardas e um criado de pé a uma distância discreta, as três Estações estavam sozinhas.

— Onde estão Tempestade e Wynter? Achei que eles iam se juntar a nós.

— Logo depois do almoço, Khamsin ficou enjoada de novo.

— Ah, coitadinha. — A irmã mais nova delas, Khamsin, certamente não teve uma gravidez das mais rotineiras. Mesmo grávida de oito meses, ataques de enjoo ainda a pegavam de surpresa a qualquer momento do dia ou da noite, fato que fez seu marido, Wynter, ficar zanzando em torno da amada esposa até ela ameaçar atirar um relâmpago dentro da cueca dele, caso ele não a deixasse em paz. — Espero que Tildy tenha preparado algo para ajudá-la a melhorar.

— Ela preparou e deve ter funcionado. Faz quase duas horas que vemos a Kham ou o Wynter. — Primavera piscou e ambas deram risada. — E aí, como foi na escola hoje? — perguntou Primavera. — Seus brotinhos aprenderam de montão?

— De montão — confirmou Primavera. Ela desviou o olhar de Primavera e tentou esconder o sorriso enquanto assistia a Outono empilhando três pedaços de torta de carne, quatro minis sanduíches, quatro pedaços de bolo com recheio de frutas e duas cornucópias de pastelaria cheias de frutas cristalizadas.

Vendo o sorriso da irmã, Primavera se virou e, em seguida, lançou um olhar arredio na direção de Outono.

— Halla do céu, Outono! Você pode deixar um pouco para os outros?

Outono ergueu uma das sobancelhas castanho-avermelhadas e fungou.

— Ah, para. Aqui tem o suficiente para alimentar um exército. Ninguém vai ficar sem comida se eu me der alguns mimos. O que vou fazer ainda mais agora, só para irritar você. — Mandando um beijo para Primavera, ela pegou outro pedaço de torta de carne e três grandes biscoitos de açúcar com glacê de cream cheese e os colocou sobre a pilha no prato.

Spring fez uma careta.

— Você é incorrigível.

Outono colocou um bolinho na boca, sorriu e fez uma reverência exagerada, junto a floreios com o braço livre. Por causa da graça natural de Outono, nenhum item sequer caiu de seu prato empanturrado.

Pela primeira vez desde o surto de perda de controle mais cedo, o medo de Gabriella havia se dissipado completamente e as artimanhas de Outono lhe arrancaram uma gargalhada autêntica. Ela tentou abafar a risada pois sabia que Primavera não aprovaria, acabou soltando um ronco de riso um tanto deselegante. Isso lhe rendeu um sorriso da parte de Outono e um olhar sombrio da parte de Primavera.

— Sério que você vai estimular esse comportamento dela, Gabi?

A risadinha contida de Gabriella se transformou em uma gargalhada descarada.

— Não consigo segurar. Ela é engraçada.

— Ela é ridícula. — Primavera pousou as mãos sobre a cintura esbelta. Sua postura estava reta e os olhos verdes, cortantes. Seu cabelo preto longo e absolutamente liso sequer se mexeu. — Espero que você vá se comportar melhor com os calbernanos amanhã, Aleta Seraphina Helena Rosalie Violeta Coruscate.

Outono revirou os olhos, caiu em uma das cadeiras à mesa e atacou a comida com a mesma concentração feroz de um general que comanda a invasão de um pequeno país.

— Ela está nervosa com amanhã — murmurou Verão enquanto ela e Primavera se dirigiam à mesa de chá para servir seus próprios pratos com menos de um quarto da comida que Outono pegou. — Você sabe como ela fica quando está nervosa.

Mesmo em um dia normal, a maioria das pessoas que via a quantidade de comida que Outono pegava ficava em choque. Quando ela estava nervosa, comia até o dobro do que costumava comer. Normalmente, a quantidade imensa que ela consumia deveria tê-la deixado mais gorda do que um leitão especial, mas, pelo contrário, ela mantinha a forma física perfeita, com cintura e membros magros, ainda que com curvas generosas nos lugares certos. Algo no fato de carregar o sol na alma fazia as calorias queimarem como lenha.

No entanto, se Verão comesse como Outono, suas curvas ficariam tão generosas que esgarçariam a costura de todas suas roupas!

— Eu também estou nervosa — murmurou Primavera —, mas você não me vê tentando enfiar a despensa do palácio inteira na goela!

— Não — concordou Gabriella. — Mas vejo você tentando controlar algo que sabe que não tem como. Também a vejo um tanto quanto obcecada. Quantas vezes mais você leu aquele relatório sobre os calbernanos ontem à noite?

Primavera corou.

— Verão, a Meiga, às vezes você manda umas “tortas” na gente.

Como prova de que estava ouvindo, mesmo de seu lugar à mesa, Outono se virou na cadeira para tagarelar:

— Vivi! Você fez um trocadilho! — Ela fez jainhas com os dedos para a irmã. — Estou tão orgulhosa de você!

Primavera revirou os olhos. Gabriella segurou a risada e disse em seguida:

— Já que você não respondeu minha pergunta, estou entendendo que você leu o relatório pelo menos mais... o quê?... umas duas vezes?

— Quatro — admitiu Primavera, com má vontade —, mas só porque eu estava sem sono! — Elas voltaram à mesa e se sentaram

perto de Outono. — É claro que você, Gabriella, não parece nem um pouco nervosa com amanhã.

— E por que eu estaria? — Gabriella alcançou o bule dourado. — Não que o lorde dos mares Merimydion vá prestar muita atenção a mim com você e a Outono por perto.

— Gabriella...

Achando graça de verdade, Verão riu.

— É verdade e você sabe. E para ser sincera, não me importo. Na verdade, muito pelo contrário. Não vou precisar me preocupar em causar uma boa impressão, ou pisar em ovos quando descobrir que meu potencial marido é um sapo asqueroso ou um boca aberta. Em vez disso, vou poder me sentar confortavelmente e curtir o espetáculo.

O comentário fez Outono se afastar do prato.

— Ah — disse ela. — Você não estava curtindo muito o espetáculo daquele embaixador vermesiano na semana passada. Ele estava super na sua. Os vermesianos sempre gostam de você. Eles acham que você faz o tipo deles. Toda meiga, delicada e prestativa.

Verão piscou os grandes olhos azuis de forma inocente e lançou à irmã um sorriso cômico:

— Eu *sou* meiga, delicada e prestativa.

Outono deu risada.

— E sorridente. E teimosa. E revoltada.

— Não seja cruel, Leta — repreendeu Verão. Mas ela não conseguiu segurar o sorrisinho que curvou os cantos de seus lábios. As irmãs delas sabiam mais do que qualquer outra pessoa. Elas sabiam das máscaras que ela mostrava ao mundo. O que elas não sabiam era de quanto os rostos que Gabriella mostrava a elas também eram uma máscara.

O sorriso dela diminuiu um pouco ao pensar nisso e, para esconder a reação, ela se esticou para pegar o grande bule de prata pousado no centro da mesa. Levantando-o, ela serviu uma corrente de chá de melrosa quente em uma xícara de cristal envolvida por um suporte de prata lindamente esculpido. Depois de acrescentar à xícara dois cubinhos de açúcar em formato de flor, ela passou a xícara para Primavera com uma colherzinha de prata.

— Falando nos vermesianos — disse Primavera —, quero pedir desculpas de novo por tê-la abandonado do jeito que abandonei. Eu não devia tê-la deixado fazendo sala para aquele cretino sozinho.

— Como eu já disse, não precisa pedir desculpas. Fazer sala para cretinos é minha especialidade. — Como sua mãe, Verão era considerada a pacificadora do palácio. Era um papel que costumava lhe cair bem. Gabriella suspirou. — Infelizmente, acho que não tive muito sucesso daquela vez.

Duas semanas atrás, um irritado Galil beda Turat, embaixador do Maak Korin beda Khan, o imperador mais rico e poderoso de Mystral, entrou no palácio de Konumarr vociferando, furioso que sua décima proposta de casamento desde que Outono completara 13 anos havia sido recusada. Com a diferença de que, enquanto o pai delas apenas recusava as ofertas de Maak, Wynter não somente as recusou, como o fez de uma maneira que tornava claro que as futuras tentativas do Grande Maak nunca seriam bem-vindas.

Gabriella tentou fazer o máximo para acalmar o embaixador revoltado, recorrendo por fim à Persuasão. A reação dele ainda a perturbava. O embaixador não estava apenas revoltado; ele estava com medo. Algo que Verão tinha aprendido com os anos era que um homem furioso e assustado é capaz de causar todo tipo de problema. E ainda que embaixador não representasse uma ameaça, o mesmo não poderia ser dito de seu senhor, o Maak Korin beda Khan.

— Você agiu melhor do que eu teria sido capaz — disse Primavera. — Se eu tivesse que morder meu lábio mais uma vez para não o ofender de forma explícita e indelicada, eu teria segurado o pescoço magrelo dele e lhe arrancado a vida. Ainda assim, isso não é desculpa para tê-la deixado sozinho com ele. Sei que os vermesianos te dão um negócio.

Um negócio como se tivesse sido enterrada aranhas, baratas e todo tipo de bicho peçonhento, mas tudo o que Gabriella se contentou em dizer — tranquilamente — foi:

— Eles estão entre os poucos visitantes que recebemos ao longo de todos esses anos que nunca fui capaz de gostar.

— Você consegue imaginar um desses vermes vermesianos se casando com a Verão? — interveio Outono. — Ele não ia nem saber

o que o atingiu. Em um ano, ela ia ter transformado Verma em uma nova Calberna! — Ela caiu na risada.

Verão se estremeceu toda ao se imaginar casada — ou melhor, escravizada — com um homem vermesiano.

— Algumas coisas estão além de meus poderes de Persuasão. — O que ela faria com os vermesianos, caso fosse colocada sob o poder deles, não seria nem tão engraçado, nem tão pacífico quanto Outono imaginava. Segurando outro estremecimento profundo, Gabriella pegou outra xícara limpa e serviu uma xícara de chá para si.

Ninguém — nem mesmo suas queridas irmãs — sabiam a verdadeira extensão dos dons mágicos de Gabriella. Elas não sabiam do dom de controlar a mente que ela herdara da mãe e de seus parentes da Enseada Marítima. Elas simplesmente achavam que ela — como a mãe — tinha uma bondade e um charme naturais capazes de amolecer os corações mais duros.

— Felizmente — disse Primavera enquanto Verão preparava seu chá —, duvido que alguma de nós deva temer ter que se casar com um vermesiano algum dia. Depois da recusa que Wynter fez da última oferta do Maak, estou segura em dizer que essa porta não foi apenas fechada, como também soldada de forma definitiva.

— Graças ao Halla sagrado, lar de todos os deuses — disse Outono com sinceridade profunda. Amplamente louvada como uma das mulheres mais bonitas de Mystral, com sua pele escura de veraleana, olhos lilases cor de violeta, e abundante cabelo castanho-avermelhado, assim que completou 13 anos, Outono se tornou alvo da incansável perseguição matrimonial do imperador vermesiano. — Pelo preço que o príncipe Maak Korin ofereceu dessa vez, eu tinha certeza de que estava perdida.

— O Wynter nunca faria isso com você — disse Verão.

— O Wynter é um rei — disse Primavera. — Reis fazem coisas de todo tipo.

Como princesas de Veralea, agora súditas da Cordilheira Invernal, as três sabiam e sempre souberam que seu destino era se casar em benefício de seus monarcas. Em Veralea, assim como em Verma e Cho, os homens ainda exerciam o poder — tanto familiar quanto político —, mas em Veralea, pelo menos, as mulheres eram

consideradas pessoas, não propriedade. Aqui na Cordilheira Invernal, a sociedade era ainda mais igualitária em questões de gênero. As condições de vida difíceis criavam não somente robustez física, mas estimulavam uma independência fervorosa. Uma mulher que tinha que cortar lenha, cuidar de sua fazenda e manter sua família e rebanho a salvo de predadores vorazes enquanto seus maridos saíam para caçar não aceitava docilmente ordens de qualquer pessoa. Mas o fato de as mulheres da Cordilheira Invernal serem independentes não significava que os reis abdicavam de suas prerrogativas de governar.

— Esse rei, não — disse Verão, firmemente, mas logo em seguida estragou o espetáculo de apoio inabalável ao monarca dizendo: — A Khamsin não permitiria que ele fizesse isso.

Outono sorriu.

— Verdade — concordou ela. — O rei de Inverno se derreteu de verdade. Quem diria, um ano atrás, que estaríamos dizendo isso agora?

As três caíram no riso de uma alegria compartilhada. Uma das coisas mais impressionantes — e infinitamente divertidas — de morar na Cordilheira Invernal nos últimos três meses era ter a chance de testemunhar o feroz e destemido Wynter da Cordilheira, Terror do norte e conquistador de Veralea, caído de amores pela irmã mais nova delas. Khamsin não o tinha comendo em sua mão — Wynter era senhor de si demais para isso —, mas não havia muitas coisas pelas quais, se ela desejasse, ele não moveria o Halla e a Mystral para lhe dar.

— Seja como for — interrompeu Primavera —, a verdade é que nós três vamos ter que nos casar com alguém. E o Wynter, independentemente de quão apaixonado está por Khamsin, irá atrás de alguém que contribua com a Cordilheira Invernal. Sendo assim, qual de nós vai ficar com o pirata?

— O lorde dos mares Merimydion não é um pirata — disse Verão.

— Ele é um mercenário que navega pelos mares vendendo seus serviços a quem paga mais — retrucou Primavera. — Para mim, isso é bem parecido com ser um pirata. — Colocando o chá de lado, ela se recostou à cadeira para olhar as irmãs. — Ainda assim, acho

que até um pirata é um marido em potencial melhor do que um vermesianos.

— E quem não seria? — murmurou Outono.

— Pirata não. Lorde dos mares... — corrigiu Gabriella. — Eles se autointitulam lordes dos mares.

Primavera lançou na direção de Verão um olhar frio com seus olhos verdes cor de grama. Não era um olhar cortante, mas quase. Com certeza era um aviso. Primavera não era tão explosiva quanto Tempestade, a irmã delas, mas certamente era capaz de formar uma bela tempestade caso precisasse. E parecia que ela estava prestes a precisar.

Levando em conta seu recente lapso de autocontrole, a última coisa de que Verão precisava era do temperamento forte de Primavera rompendo contra seus muros mentais recém consertados.

— Toma, coloque um pouco de hortelã em seu chá. — Gabriella esmagou um raminho e se inclinou para colocar os pedaços cheirosos da folha na xícara de Primavera. — Tem efeito calmante quando se fica irritado.

— Eu não estou irritada — retrucou Primavera. Quando por fim percebeu que o chá na xícara estava fervendo, ela fez uma careta. — Ou quem sabe estou. Sinto muito. Ter que recepcionar aquele embaixador vermesiano por três dias me levou ao limite e agora vamos ter que passar três *meses* fazendo sala para o *lorde dos mares*.

— Bem, a Tempestade prometeu que ele, pelo menos, é bem atraente — disse Outono. — E bonito. Nada a ver com aquele horroroso príncipe Rampion Papa que veio nos cortejar antes da guerra.

— O príncipe Rampion era um bom homem — reprovou Verão.

— Ele era agonizantemente apagado, magro que nem uma vara e o jeito dele dançar não valia uma *piseta*. Além disso, ele tem um nariz enorme e está ficando careca. — Ao lembrar, Outono fez uma careta.

Verão suspirou. Era verdade, o príncipe Rampion não tinha nada atraente em especial, mas algo na bondade e vulnerabilidade que o orgulho rígido dele encobria ganhou a empatia dela.

— Ele era muito inteligente — disse ela. — E tem o poder de fazer rosas crescerem.

Primavera revirou os olhos.

— Não surpreende que você tenha gostado dele.

Gabriella sorriu. Ela herdara da mãe a aparência, o dom da Persuasão e o amor pela jardinagem. Ainda que Primavera fosse, sem sombra de dúvidas, a melhor jardineira da família, ela preferia voltar seus dons a objetivos mais práticos: o cultivo de frutos, grãos e vegetais. “Flores são bonitas e legais”, dizia ela, “mas elas não alimentam uma família no inverno.” Verão foi quem herdou a paixão da mãe pelas flores. Havia algo de tranquilizante em cuidar de flores em um dia quente de verão, havia algo no aroma rico de terra molhada, na fragrância inebriante de botões em flor, na brisa fresca sobre o rosto. Jardins são ambientes de paz, e Verão gostava deles por isso.

Mas Primavera estava enganada. O interesse por jardinagem compartilhado por Verão e Rampion não foi o motivo para que ela se interessasse por ele. Por ser do tipo de homem delicado e bondoso, Primavera nunca se apaixonaria por ele.

O que o tornava, na opinião de Verão, o candidato a marido perfeito.

Infelizmente, Papa não estava de acordo. Rampion não era rico o suficiente, o reino de seu pai não era influente o bastante. Papa estava decidido a casar suas três filhas amadas com os reis mais ricos e poderosos de Mystral — e em troca dos melhores e mais vantajosos contratos. Ah, é claro que, ao tratar da situação com elas, ele floreava a situação. Ele dizia coisas como “eu só quero o melhor para minhas filhas”, o que não deixava de ser verdade, caso contrário as objeções reiteradas de Outono não o teriam impedido de aceitar umas das ofertas de Maak Korin.

Mas Verão também sabia que, apesar do amor do pai por suas três lindas Estações, no final das contas, ele amava ainda mais o poder. Se o irmão delas, Falcão, não tivesse estabelecido uma aliança com os calbernanos dois anos atrás, cedendo um exército de mercenários em troca de oferecer ao príncipe da ilha em questão uma das Estações em casamento, Outono àquela altura já teria se tornada a 41ª esposa de Maak Korin.

Não que o pai delas tivesse sido um homem ruim — ele ao menos não o foi desde sempre. A questão era que o amor mais verdadeiro, profundo e generoso de Verdan de Veralea — pois ele, até certo momento, foi capaz de amar — morreu junto a Mama. Daí em diante, esse amor se tornou tristeza, e a tristeza se transformou em raiva e em uma sede voraz e insaciável de poder, riqueza e qualquer coisa que preenchesse aquele imenso vazio outrora recoberto pelo amor da esposa.

Verão havia decidido que aquele seria o último ano em que tentaria acertar contas com a loucura que consumiu por completo o pai, a ponto de fazê-lo destruir a vida do filho, lançar o próprio reino à guerra e tentar matar a filha mais nova em várias ocasiões (o que o levou a perder a vida na última tentativa).

E por mais horrível e trágica que tenho sido a derrocada na loucura do rei Verdan, Verão talvez tenha sido a única das filhas que a compreendeu de verdade. Pois apesar da crença geral de que Verão era igual a mãe em todos os aspectos, a verdade era que ela era a mais parecida com o pai quanto à sua capacidade de amar de forma profunda e incondicional, bem como de ser completamente consumida por essas emoções.

Era exatamente por isso que, apesar de tudo, Verão Coruscate, que há tanto tempo desejava um amor verdadeiro, profundo e apaixonado, nunca se casou com qualquer um dos homens que lhe tenha tocado o coração.

Ela fechou os olhos brevemente, trancou as correntes inquebrantáveis que prendiam o monstro em sua alma, abriu os olhos outra vez e afetou um sorriso agradável.

— Não sei se o lorde dos mares Merimydion vai fazer o gosto de vocês muitos mais do que príncipe Rampion — disse ela. Ela ficou contente por não demonstrar nenhum indício de sua luta interna no tom de voz. Sua meditação na gruta havia funcionado.

— Isso não quer dizer muita coisa — resmungou Primavera. — Eu acho que comer massa corrida faria mais meu gosto do que o príncipe Rampion.

— Pelo menos não era o Korin beda Khan — acrescentou Outono.

— Belo ponto. — Primavera fez um gesto de oração com as mãos. — Mas voltando ao assunto do *lorde dos mares*... Fora os relatórios, o que mais sabemos sobre Dilys Merimydion?

— Nós sabemos que ele é rico, que é um guerreiro habilidoso, que é bonito, charmoso e que ajudou a salvar o mundo de um deus pavoroso que ia mergulhar toda Mystral em um inverno sem fim — acrescentou Outono. — Não quero atrapalhar seu empenho em encontrar defeitos nele, Viviana, mas esse último fato já basta para mim. O cara literalmente salvou o mundo. — Ela deu de ombros. — Eu sou capaz de passar três meses da minha vida sendo boazinha com ele só por isso.

Primavera suspirou.

— Sim, sim, mas nos relatórios que li, não tem nem um defeito sequer listado a respeito dele. Nenhum, e isso não é normal.

— Você está reclamando porque o relatório diz que Dilys Merimydion é um bom homem? — Verão balançou a cabeça.

— Não só bom. Bom demais. Bom demais para ser verdade. Só estou falando que isso está me soando como história de pescador.

Outono caiu na risada.

— Taí uma boa piada.

Primavera revirou os olhos.

— Para. Por favor. Nos poupe. — Além de seu vício por comida, Outono tinha um amor incorrigível por pegadinhas, trocadilhos e piadas ruins. Brincadeiras as quais, é claro, tinha enorme prazer em fazer com a família.

Outono fingiu estar indignada.

— Como seu eu fosse jogar minhas pérolas aos porcos... Do que a gente estava falando mesmo? Ah, sim, do Dilys Merimydion. O lorde do mar que é de babar.

— Ah, meus deuses — queixou-se Primavera. — Você já lhe deu um apelido. E ainda rimou...

— Eu tinha pensado em Dilycioso. Ou então em Homãorimydion. Afinal, a Tempestade disse que ele é um colírio. Não sei vocês, mas depois de dez anos sendo perseguida por aquele vermesiano verminoso, estou a fim de ser paquerada por um jovem e bonito pretendente que respeite as mulheres e as considere, *uau!*, seres

humanos de verdade. Tipo os homens, mas sem aquela parte pendurada. É chocante, eu sei, mas é verdade.

Verão não conseguiu se segurar. Ela começou a rir.

Primavera fez cara feia.

— Para com isso! Não a incentive! — Ela voltou a cara feia para Outono e disse: — Aleta Seraphina Helen Violeta Coruscate, você poderia, pelo menos por um breve momento, levar isso aqui a sério?

— Você está séria o bastante para nós três, minha cara Viviana. — Outono abaixou o tom de voz e, com firmeza, disparou: — Ele quer se casar com uma Estação, então precisa ser investigado. Algo nele soa como história de pescador. — Fazendo uma concha com a mão e colocando-a junto à boca, ela gracejou em voz alta para Verão: — Sei lá, talvez não seja porque ele tenha... você sabe... *brânquias*?

Verão cobriu a boca com as duas mãos e gaguejou de tanto gargalhar.

Primavera encarava as duas com despeito.

— Falando em jogar pérolas para os porcos. O que eu disse é sério, investiguei a situação de todos os ângulos possíveis e algo não fecha. O calbernano fez não apenas um, mas dois contratos, arriscando a vida de milhares de seus homens em uma guerra, especificamente para reivindicar, ou ter a chance de reivindicar, uma Estação como esposa. Por que não escolheram outra esposa menos cara? Tem muitas outras princesas à disposição, algumas até com magias parecidas com as nossas. Por que eles escolheram a gente?

— O Maak de Verma e Cho fizeram a maior oferta de noivado da história por Outono — apontou Verão. — O lorde dos mares Merimydion talvez queira a mesma coisa.

— Talvez, mas se fosse esse o caso, você não acha que a Khamsin teria nos dito que ele quer a Outono? Ele está interessado em nossos dons do tempo, a Kham disse que ele confessou isso, mas ele não se importou que esses dons não seriam transmitidos a nossos filhos. — Os dons divinos conferidos à família real de Veralea pelo deus do sol, Helos, nunca foram transmitidos para fora da família real. Ainda que Primavera, Verão e Outono tinham herdado os dons de seus antepassados, apenas Khamsin, agora

Rainha de Veralea e da Cordilheira Invernal, passaria seus dons para os descendentes.

— Acho que você está vendo motivos suspeitos onde eles não existem — disse Outono. — Afinal de contas, os calbernanos *já* dominam os mares. Imagino que, pelo menos por algum tempo, eles também queiram dominar o clima. Que marinheiro não gostaria disso? Céu limpo e bons ventos garantidos... Ou mandar umas tempestades para derrubar os oponentes... Uma geração disso bastaria para lhes dar uma bela vantagem.

Verão pegou um bolinho com glacê perfeito, coberto de grãos de açúcar, e lhe deu uma mordiscada delicada. A doçura picante do recheio de geleia de frutas vermelhas, cobertura de amêndoas e limão do bolo nuvem gelado encheu sua boca de prazer.

— Ah, pelo Halla, que delícia. — Ela empurrou o prato na direção de Primavera. — Você precisa experimentar esse bolo, Vivi. Ele está uma delícia.

— Sério mesmo? — Primavera olhou para as duas irmãs com olhar de repulsa. — Nenhuma de vocês está minimamente interessada em saber a verdade sobre nosso futuro noivo? Não acredito que vocês estejam sendo tão negligentes.

— Não estamos sendo negligentes, Vivi. Estamos sendo sensatas — respondeu Outono, em tom sério. — Em primeiro lugar, o lorde dos mares calbernano vão ser o futuro noivo de apenas uma de nós. Em segundo lugar, a Tempestade deixou claro que a escolha de se casar ou não com ele irá caber a nós, não a ele. Então ele não será o noivo de nenhuma de nós se nós não quisermos.

— E em terceiro lugar — acrescentou Verão —, está um dia lindo nessa cidade linda. Pela primeira vez desde que chegamos aqui, temos a tarde inteira só para nós mesmas, sem nenhum vermesiano verminoso ou pirata perturbadoramente perfeito — ela mandou um sorrisinho na direção de Outono — à vista, o que quer dizer que, depois que eu terminar meu chá, vou caminhar pelas orlas do fiorde, passar por aquelas cachoeiras lindas e aproveitar meu dia. Se eu fosse vocês duas, eu me acompanharia.

— Ah, me parece uma delícia — disse Outono. — Pode contar comigo. — As duas trocaram um sorriso.

— Vocês duas podem ir sem mim — disse Primavera. — Vocês devem estar me achando ridícula, mas eu sei que tem coisa nessa história e estou decidida a descobrir o que é. O povo daqui de Konumarr faz comércio com os calbernanos há séculos. Deve haver alguém que possa me esclarecer as motivações deles.

— Vivi, você está ficando obcecada com essa história — advertiu Gabriella. Primavera não costumava ficar cismada com nada, mas, quando ficava, parecia um cachorro com seu osso. Ela não largava mão. Os motivos para Dilys Merimydion querer uma Estação como esposa havia claramente se tornado uma dessas obsessões. Gabriella queria garantir que Primavera não ia se exceder além do saudável. Pois Verão não era a única que tinha herdado as características mais perigosas do pai.

Primavera abriu a boca para retrucar, mas logo a fechou. Depois de um momento breve de desconfiança, ela pegou dois bolinhos gelados, colocou-os um em seguida do outro na boca, e depois bebeu o resto de seu chá de melrosa mentolado.

— Vocês têm razão — disse ela, colocando a xícara de chá vazia sobre a mesa —, os bolinhos estão divinos e a hortelã deixa o chá bem tranquilizante. Acho que, no final das contas, vou me juntar a vocês duas na caminhada.

As três irmãs sorriram uma para a outra com todo o amor e compreensão partilhados. Elas podiam até ser filhas do rei louco, mas tinham jurado sempre se ajudarem, o que não foram capazes de fazer com o pai, nem com o irmão, Falcão.

Capítulo 3

Com a brisa do mar bagunçando o cabelo e o navio batendo ritmicamente contra as quentes águas tropicais do oceano de Varyan, Mur Balat, o comerciante de escravos mais infame, temido e obscenamente rico de toda Mystral olhou para seu convidado por sobre a xícara fumegante de chá de flor-estrela.

O chá era feito com a infusão de pétalas e estames de flores que cresciam uma vez a cada dez anos, somente nos picos mais altos das montanhas Chitzkali, no coração do território do déspota canibal Gulah Zin. Valorizado tanto pela raridade e dificuldade de obtenção de seu componente principal, quanto por suas lendárias propriedades curativas, o chá de flor-estrela era a bebida mais rara e mais cara de Mystral, um regalo do qual meia onça custava espantosas duzentas *coronas* de ouro. Mur Balat, no entanto, era um homem rico o suficiente para isso e tinha juntado riquezas o bastante para se dar presentes desse tipo.

Ele apreciava o gosto e os efeitos do chá por si próprios. Ele, porém, gostava ainda mais da mensagem que mandava à pessoa com quem dividia o chá.

Ele é um homem que pode comprar qualquer coisa que seu coração desejar, declarou a taça cara de néctar límpido. *Não importa quão raro, não importa quão caro, não importa quão difícil seja de obter.*

Considerando, é claro, que a pessoa pudesse pagar os honorários dele.

— Quer açúcar? — perguntou ele, educadamente. Nascido na condição de filho bastardo de uma feiticeira de Balalatika e do príncipe real de um reino há muito destruído, Mur Balat se vangloriava de seus bons modos. Podia até ser bastardo, ladrão, mercador de escravos e libertino, mas sua mãe havia garantido que

ele fosse criado, vestido e educado igual, se não melhor, do que os filhos legítimos do pai dele. Tudo às custas do pai, é claro.

Nos anos seguintes à morte da mãe, Balat concluiu que ela de fato havia amado seu belo e dedicado príncipe real. Se não fosse assim, ela não teria se dado o trabalho de assassinar a esposa do príncipe. Depois, não teria lançado uma maldição tão devastadora sobre seu amado e o reino do pai dele, enquanto ela ardia na pira por seu crime.

Os pais de Balat estavam mortos. Destruído pela guerra e pela conquista, e com sua população nativa assassinada ou escravizada, o reino outrora próspero que havia sido seu lar na infância era apenas a ruína estilhaçada de sua antiga forma. A mente brilhante da mãe de Balat, bem como a maior parte do trabalho de sua vida, foram destruídos pelos soldados do rei quando foram buscá-la. Graças ao Halla, a maior parte dos tesouros da linhagem de Balalatika foi poupada, com exceção do livro pessoal de magias da mãe dele, livro que ela começou a escrever para uso pessoal quando ainda era jovem. Tudo isso por quê? Por amor?

O amor torna você fraco. E tolo. Essa foi a lição que ele aprendeu com a morte da mãe. Era uma lição que seu convidado, para o bem do enriquecimento de Balat, não havia aprendido.

A irritação cintilou nos olhos do convidado de Balat, mas logo se abrandou. Ele se inclinou para pegar dois torrões de açúcar de uma cumbuca e os jogou na xícara. Em seguida, recostou-se à cadeira para mexer o chá com uma colherzinha dourada. Depois de tomar um gole, ele disse bruscamente:

— Delicioso, como sempre.

Balat sorriu e também se recostou à cadeira, sem qualquer traço de desaforo pelo comportamento seco do amigo. Ambos tinham uma amizade sólida há vários anos.

— É um prazer poder agradá-lo, meu amigo. — Ele sempre se lembrava de mandar ao amigo uma caixinha de chá de flor-estrela todos os anos. Era um lembrete tanto do passado que tinham em comum, quanto do poder que Balat detinha sobre ele.

Os dois haviam se conhecido anos atrás, enquanto viajavam por Mystral em busca das magias secretas do mundo. Depois que seus caminhos se entrecruzaram pela quarta vez, Balat fez questão de

criar laços com seu colega estudioso de magias. Mas ainda que ele e o amigo tivessem mantido contato ao longo dos anos — Balat nunca perdia contato com um conhecido útil —, fazia muitos anos que não se encontravam cara a cara. O amigo dele tinha dificuldades de deixar seu país por períodos longos ou curtos de tempo.

Esse, em parte, era um dos motivos para Balat ter aceitado encontrá-lo ali, no mar, em vez de em sua principal casa, uma poderosa fortaleza construída nos penhascos acima de Trinipor, a fervilhante capital escravista de Mystral. Viajar o tempo necessário para ir ou deixar Trinipor teria levantado muitas suspeitas para seu amigo. Dado quão perto Balat estava de finalmente liberar o maior poder da história de Mystral, aquele não era um bom momento para atrair vigilância desnecessária.

— Então — disse Balat, rompendo o silêncio —, estou entendendo que você reconsiderou minha oferta...

— Reconsiderarei. Você trouxe o que tínhamos combinado?

— Claro. — Balat estalou os dedos. Um criado se aproximou rapidamente e, com uma reverência ampla, apresentou uma bandeja ornada em ouro com uma jarra d'água, dois copos e uma caixinha. Balat colocou o jarro e os dois copos sobre a mesa e levantou a tampa da caixa, revelando um pequeno frasco de cristal repleto de um líquido de tom roxo profundo.

— Você vai achar esse aqui muito mais potente do que aquele lote que eu fabriquei antes. — Balat tirou a rolha do frasco, jogou uma única gota do líquido roxo na jarra d'água e mexeu o conteúdo com a haste de vidro que o criado retirou do bolso do avental. — A concentração está muito mais alta do que o recomendado. Para evitar que percebam, recomendo diluir uma gota em sete litros de água a cada dois ou três meses, aplicando não mais do que 60 ml por dose. — Tendo o amigo concordado com a cabeça, Balat serviu os dois copos com o líquido da jarra, oferecendo um ao amigo e o ficando ele mesmo com o outro. Balat bebeu primeiro o conteúdo do copo, ciente de que o amigo não o faria antes dele. Isso não o ofendia. Em parte, a natureza desconfiada do amigo era exatamente o motivo por que Balat gostava tanto dele.

Tendo esperado alguns segundos para observar o efeito da bebida em Balat, o convidado de Mur tomou um gole de seu copo para experimentar a bebida, e arregalou os olhos.

— Está bem mais potente do que o anterior. É como beber a própria juventude.

— Sim, aprendi o truque para separar as toxinas de modo a destilar a poção com uma concentração muito mais alta, o que aumenta o efeito e elimina os efeitos colaterais que você temia. A poção não é capaz de ressuscitar alguém, mas tem um efeito excelente em revitalizar quem quer que a absorva. Exceto beber direto da própria Fonte de Æternis, nada poderia conter melhor a morte. Esse frasquinho deve render uns vinte anos a você.

Balat tapou o frasco, modelou cera dourada sobre a rolha para selá-la e o colocou de volta na caixa.

— Conforme o combinado, estou incluindo a receita para produzir mais. — Ele mostrou um cartão dobrado cujo interior continha anotações alquímicas rabiscadas. Depois de colocar o cartão em cima do frasco, ele fechou e trancou a caixa com um movimento rápido de dedo, e a entregou ao amigo.

O convidado de Balat tentou abrir imediatamente a caixa, mas assim que tocou o fecho, faíscas amarelas dispararam do trinco. Recolhendo a mão e balançando-a por causa do choque que havia acabado de tomar, ele agradeceu Balat com um olhar zangado.

— É um feitiço de proteção?

Balat sorriu. Seu amigo não era a única pessoa de natureza desconfiada.

— É apenas uma garantia. Estou lhe dando o extrato como demonstração de boa vontade. Quando eu receber o que você prometeu, vou lhe mandar o segredo para quebrar o feitiço. Até lá, meu criado irá engarrafar o conteúdo da jarra para você. Deve durar até o fim do verão.

O amigo o encarou com olhar claramente amargurado.

— Depois de tudo, é improvável que eu o traia, não acha?

O mercador de escravos mais infame de Mystral encolheu os ombros e lançou mais um sorrisinho simpático.

— Cautela sempre me caiu bem. E então, temos um acordo, meu amigo?

Calivan Merimydion se esticou para apertar a mão do amigo sobre a mesa.

— Temos, sim. Antes que o verão termine, as Estações de Veralea serão suas.

Uma hora depois de as velas do navio de Calivan Merimydion desaparecerem no horizonte, um novo grupo de velas apareceu, desta vez de um navio vindo do norte. Enquanto a embarcação se aproximava, Balat desfrutou de uma ceia succulenta de lagosta, arroz com açafrão, legumes grelhados e frutas reluzentes.

Quando finalmente chegou, um enorme e assustador brutamonte saltou a bordo e foi diretamente em direção à mesa de jantar. Ele ignorou o olhar frio de desaprovação de Balat quando se sentou e pegou um cacho de uvas da travessa.

— Você aí. — O homem conhecido como Tubarão, o pirata mais temido de Mystral, estalou os dedos para um dos criados de Balat e apontou para o espaço vazio na mesa à sua frente. Depois de olhar com hesitação para Balat, que concordou com a cabeça, o criado saiu e voltou poucos segundos depois com um conjunto de serviço de mesa limpo para o pirata. — Recebi sua mensagem. Pelo que entendi, seu amigo decidiu vir em sua ajuda.

— Sim, ele veio.

— Sabe, a gente poderia resolver tudo sem ele. — Enquanto Tubarão falava, uma legião de criados se aproximou oferecendo uma gama enorme de iguarias fina do mar e de fazendas locais. Ele se serviu de três grandes lagostas-dos-recifes, uma salada, pepinos apimentados e uma tigela de pãezinhos crocantes nadando em manteiga de alho derretida. — Aquele feitiço que você me ensinou está funcionando bem. Nós podemos pegar as Estações sem qualquer ajuda extra.

— Talvez sim, mas fiz uns cálculos e consultei meus videntes. Raptar as Estações sem a ajuda dele acrescenta riscos desnecessários. Essa oportunidade é importante demais para que eu dê chance ao azar. Eu quero que as Estações sejam raptadas sem deixar qualquer vestígio que leve a nós ou a qualquer um dos meus clientes.

— O rei de Inverno irá suspeitar de ao menos um de seus clientes. O Maak não tem sido lá muito sutil na caça dele por Outono Coruscate.

— Suspeitas estão muito longe de certezas. Sem provas, eles não ousarão entrar em guerra contra a maior potência militar de Mystral. E pegar as três Estações em vez de uma só irá ajudar a dissipar as suspeitas que, de outra forma, naturalmente se voltariam ao Maak.

— E quem seria a segunda pessoa de quem eles suspeitariam? Estou pensando no mercador de escravos mais infame e influente de Mystral. — Tubarão lançou a Balat um olhar agudo.

— Verdade. E é por isso que preciso de você... para lhes dar pistas mais atraentes de serem seguidas.

— Hum. — O tubarão puxou o rabo da maior das lagostas e quebrou o casco dela com a força de sua gigantesca mão. Arrancando de dentro a carne suculenta do animal, ele a mergulhou na tigela de manteiga e a ingeriu com três largas mordidas. — E depois que você conseguir as Estações, eu vou ter o que eu quero?

— Assim que minhas transações por elas forem concluídas em segurança, darei a você tudo o que precisa para destruir seus inimigos.

— Nesse caso, temos um acordo. — O Tubarão lançou para trás os longos cachos de seu cabelo preto-esverdeado e quebrou com o dente uma das garras da lagosta. — É uma pena que nenhuma daquelas bruxas suas seja capaz de preparar um feitiço de vidência para mim. Eu faria qualquer coisa para ver a cara daquele *krillo* Merimydion quando ele descobrir que as três valiosas princesas *oulani* dele sumiram.

Konumarr, Cordilheira Invernal

— Halla do céu, lar de todos os bons deuses! — Verão murmurou baixinho a blasfêmia leve e tentou não ficar de queixo caído diante da aparentemente infinita massa de homens perfeitos caminhando altivamente diante da multidão enfileirada pelas ruas de Konumarr.

Gabriella não havia mentido quando, no dia anterior, dissera às irmãs que não se sentia nem um pouco nervosa com a chegada dos

calbernanos a Konumarr, mas, hoje, tal declaração não seria mais do que uma mentira deslavada.

Ao lado dela, Primavera balbuciou algo em surpresa, enquanto Outono segurou a mão de Verão e suspirou:

— Sei exatamente o que você quer dizer. Acho que morri e fui parar no Halla.

Os calbernanos haviam chegado. Eram quinze navios repletos de homens: uma força invasora, literalmente. Com a diferença que, dessa vez, ao invés de serem recebidos com espadas e flechas, como o foram no inverno passado, os invasores calbernanos marcharam pelas ruas de Konumarr sob uma chuva festiva de pétalas de rosas.

Verão se viu recuando conforme os calbernanos altos, morenos e barbaramente bonitos se aproximaram da praça Ragnar e da comitiva real reunida para recepcioná-los. Ela sempre achou os invernianos — com seus ombros largos e estatura grande — intimidadores, mas os calbernanos o eram mais ainda.

Eles estavam praticamente nus, cobertos apenas por tecidos bordados enrolados em suas cinturas finas, que lhes caíam até a metade da panturrilha e que, esvoaçantes, revelavam pedaços de suas pernas musculosas enquanto caminhavam. Cada homem ostentava um grande cinto incrustado de pedras preciosas, faixas douradas brilhantes nos tornozelos e bíceps, e grandes torques dourados nos pescoços. Eles também ostentavam brilhantes tatuagens azuis serpenteando do canto do olho direito até a maçã do rosto direita. Estavam todos descalços. Seus longos cabelos preto-esverdeados lhes caíam pelas costas em madeixas elásticas. Sinos nas tornozeleiras tilintavam a cada grande passada.

Como se precisassem de sinos para chamar a atenção de alguém! Pelos bons deuses, uma mulher poderia ser surda, muda e cega, e ainda assim ser atraída para aqueles calbernanos como uma mariposa vai para a chama.

O estômago de Verão se encolheu todo. Chocantemente rústicos, os calbernanos expunham de forma absoluta e desconcertante sua masculinidade brutal, poderosa e implacável. Por mais que tentasse, ela não foi capaz de tirar os olhos do maior, mais forte e mais bonito

de todos eles... o príncipe Dilys Merimydion, lorde dos mares de Calberna, filho da Myerial Alysaldria I.

Ele era enorme. Poucos centímetros mais baixo do que Wynter, o marido de Khamsin, mas quase meia cabeça mais alto do que a maioria dos demais calbernanos e invernianos. Ele emanava uma potência intensa, inconfundível.

E ele era lindo. Verão não conseguia pensar em outra palavra para descrevê-lo. As longas madeixas do cabelo dele eram de um preto brilhante que, sob a luz do sol, reluziam um verde profundo e misterioso, emoldurando-lhe o rosto de traços firmes, força e deslumbrante simetria: do gume firme do nariz, aos lábios carnudos e bem esculpidos, ao maxilar forte, às maçãs do rosto altas, aos hipnotizantes olhos de um dourado claro e cintilante. Mesmo as tatuagens exóticas que serpenteavam pelo bronzeado polido da pele dele eram bonitas, com seus padrões arredondados que brilhavam ao sol e atraíam a atenção para os músculos impressionantemente esculpidos dos braços, os ombros largos, o peitoral enorme e o abdômen rígido e definido dele. Ainda mais tatuagens rondeavam suas pernas igualmente impressionantes, provocando Verão com relampejos de azul e bronze cada vez que ele dava um passo.

Brilhantes e dourados, os olhos dele pousaram sobre ela, ao que Verão corou e desviou o olhar, constrangida por ter sido flagrada encarando-o. No entanto, logo que sentiu que a intensidade do olhar dele se desviou, ela arriscou mais uma espiadela.

Que o doce Halla a preserve. Ele era maravilhoso.

A marca de nascença em forma de rosa vermelha na parte interna do pulso direito de Verão — prova de sua ascendência real de Veralea — ficou em alerta e começou a latejar, pulsando no ritmo de seu coração acelerado. Por debaixo das muitas camadas brilhantes de seu vestido em tons de pedras preciosas, um fogo queimava dentro do corpo de Verão — um fogo abrasador, inquieto e voraz que ardia em temperaturas cada vez mais altas a cada passo ritmado das longas e cintilantes pernas do calbernano.

O príncipe de Calberna era grande demais. Masculino demais. Desconcertante demais. Atraente demais. Demais... em tudo. Para

ela, isso tornava Dilys Merimydion um veneno puro e mortal embrulhado numa embalagem perigosamente tentadora.

Verão Coruscate, a princesa que nunca se permitia amar, preferiria escolher um milhão de príncipes Rampions insossos ou se entregar a uma vida de solidão a arriscar seu coração e sanidade casando-se com um homem como Dilys Merimydion.

Comandando o mesmo exército de *calbernari* com quem havia zarpado para a conquista da Cordilheira Invernal e Veralea, Dilys caminhou intrepidamente pelas ruas de Konumarr. Era uma recepção muito diferente da que havia recebido há pouco mais de seis meses.

Em vez de espadas, flechas e guerreiros armados, a cidade estava decorada para uma festa. Os postes estavam cheios de guirlandas de flores e plantas, e enfeitados com fitilhos azuis, brancos e rosas. Havia coroas de flores e grinaldas penduradas em cada porta e janela. Bandeiras da Cordilheira Invernal — com a cabeça de um lobo branco sobre um fundo de azul gelo — tremulava em cada alpendre. Cada pátio havia sido transformado em um salão de festas com grandes mesas e cadeiras de madeira. O cheiro de carne assada e vegetais tomava o ar.

Invernianos e veraleanos alinhavam-se pelo caminho, e Dilys ficou muito contente em perceber que o número de mulheres e crianças era dez vezes maior do que o de homens. De olhos arregalados, eles observaram os calbernanos passarem em marcha e mais do que algumas poucas jovens se cutucaram, coraram e deram risadinhas escondidas, como as garotas costumam fazer quando querem chamar a atenção de um homem bonito. Isso também agradou a Dilys. Era bom saber que os homens dele encontrariam uma acolhida calorosa entre as mulheres daquela terra.

Ele sabia que os homens que vinham logo atrás dele estavam percorrendo com o olhar as potenciais esposas reunidas para os próximos três meses de cortejos — isso, é claro, sem deixar de observar os guardas invernianos fortemente armados e com suas armaduras parados ao longo da rota de procissão.

Como parte das condições negociadas no acordo com a rainha Khamsin da Cordilheira Invernal, nenhum dos calbernanos carregava armas; tampouco qualquer calbernano, mesmo desarmado, ficava verdadeiramente vulnerável. Eles carregavam a própria proteção nos ossos: as presas afiadas e as garras mortais que ficavam escondidas, mas prontas para cumprir sua função letal em um piscar de olhos. E essa era apenas uma das defesas naturais deles.

Dilys olhou para as águas frias e profundas do fiorde que corriam ao longo do caminho da procissão até a parte de trás do enorme palácio construído na encosta íngreme da montanha. A jovem e corajosa rainha de Inverno havia sido muito sábia ou muito tola na escolha desse lugar para a visita dos calbernanos. Onde quer que houvesse grandes volumes de água, seja de rio, lago ou oceano, os calbernanos sempre estariam em vantagem. Dilys ainda mais, agora que carregava dentro de si os imensos dons da mãe.

Apesar de gostar de Khamsin das Tempestades, Dilys não sobreviveu a uma vida de trabalho mercenário sendo um bobo inocente. Se, no final das contas, aquele dia fosse uma emboscada, não uma recepção, sangue ia correr como vinho.

E tampouco seria sangue apenas calbernano.

Como nenhum guarda da Cordilheira Invernal puxou a espada, ele concluiu que a jovem rainha fora guiada pela sabedoria, optando por aquela localização especialmente para tranquilizar Dilys e seus homens. E havia sido feliz quanto à escolha. A processão deles até o palácio de Konumarr transcorreu sem incidentes e, por mais que não fizesse tanto barulho quanto faria por seus próprios soldados, ainda assim multidão presente saudou os calbernanos enquanto eles passavam.

Ele supôs que aquilo não deveria surpreendê-lo tanto assim. Afinal de contas, Dilys e seus homens havia ajudado a derrotar o rei de Gelo e seu temido exército.

A principal rua da cidade conduzia à ampla praça que o encarregado de conduzir Dilys lhe informou se tratar da praça Ragnar e, chegando ali, a procissão parou. Somente Dilys e seus oficiais atravessaram a praça para se aproximar do ponto onde a

família real da Cordilheira Invernal e a futura esposa de Dilys esperavam.

Dilys deixou seu olhar pairar com satisfação explícita sobre as três Estações reunidas atrás do rei e rainha da Cordilheira Invernal.

Os relatórios e reconstituições que os artistas fizeram das três princesas veraleanas não haviam feito justiça a elas. Com suas peles escuras e sedosas, seus olhos com grandes cílios e seus lábios carnudos feitos para beijos apaixonados, a beleza delas era indescritível. Cada uma usava um vestido bem ajustado ao corpo, feito em seda de diferentes tons de pedras preciosas que combinavam perfeitamente com os olhos delas.

Com olhar firme e inabalável, duas das Estações — a beldade de cabelo castanho-avermelhado, Outono, e Primavera — observaram-no se aproximar. A terceira, uma *myerina* adorável e ruborizada cujo cabelo ondulado caía em ondas preto-azuladas sobre os ombros, parecia mais tímida. Por entre as irmãs, ela o observava com seus olhos azuis grandes e surpresos enquanto achava que ele não a estava vendo, mas logo desviava o olhar assim que ele tentava fitá-la nos olhos. Essa, então, era a pequena melrosa. A doce e solar Estação chamada Verão, amada por seu coração extraordinariamente bondoso e seus jeitos delicados.

Ele voltou a atenção para as duas Estações que os Caça-esposas haviam aprovado para ele. Ainda que não tivesse acreditado nisso até aquele momento, as odes em louvor à beleza de Outono Coruscate não eram exageradas. Quando mais, não faziam justiça à sua perfeição vibrante e estonteante. Ela era completamente exótica e totalmente inebriante: de seus olhos azul-violeta aos longos e extravagantes cachos de seu vivo cabelo castanho-avermelhado, que faziam-no recordar o pôr do sol no oceano, passando pelas curvas exuberantes perfeitamente visíveis em seu vestido púrpura-ametista. O fato de ela o encarar com interesse explícito era um bom presságio para os próximos meses.

Ainda que Primavera — a princesa que os Caça-esposas decidiram que seria a melhor escolha para ele — não possuísse o mesmo primor de encantos que a Estação mais jovem, qualquer homem ainda a acharia encantadora: tinha os olhos de um verde límpido e penetrante, o cabelo preto e sedoso até a cintura, e um

corpo esbelto e bem formado. O melhor de tudo, na opinião de Dilys, era o olhar destemido e desafiador dela.

Os calbernanos não temiam a força de uma mulher. Eles a exaltavam. Admiravam. Se tivessem sorte, casavam-se com ela. Não havia tesouro maior do que uma esposa corajosa, forte e destemida que pudesse passar essa coragem, força e destemor a seus filhos e filhas.

Só de olhar para ela, Dilys sabia que Primavera lhe daria um trabalho e tanto antes que pudesse pedi-la em casamento. Ela, é claro, ia achar que a proposta seria ideia dela, crença à qual ele não faria objeção alguma. Ele abriu um sorriso largo ao pensar nisso.

Dilys atravessou até o final da praça e parou diante do tablado. Seus capitães e oficiais se aproximaram para preencher o espaço atrás dele, enquanto o resto dos soldados permaneceram em formação na rua principal.

Os invernianos que haviam recebido Dilys nas docas para instruir a ele e seus homens acerca dos protocolos do dia avançaram um passo e fizeram uma grande reverência a seu rei e rainha.

— Suas Graças, apresento-lhes o lorde dos mares Dilys Merimydion, filho da *Myerial Alysaldria I*, lorde protetor da Calberna, Protetor da ilha dourada de Cali Kai Meri, Almirante da Primeira Frota, Comandante dos Dragões do Mar, o agrupamento militar mais famoso da Marinha calbernana, e Capitão da *Kracken*, nau capitânia dos Dragões do Mar.

Dilys permaneceu altivo enquanto os invernianos anunciavam seus títulos. Quando a apresentação acabou, ele colocou o punho direito sobre o lado esquerdo do peito e curvou levemente o tronco, mantendo a cabeça alta e os olhos fixos no rei Wynter. Curvar-se demais significava expor o pescoço, oferecer vulnerabilidade como um gesto de confiança e submissão. Dilys e seus soldados não se curvavam assim diante de nenhum homem.

— Lorde dos mares Merimydion. — Wynter da Cordilheira, o Rei Branco, retribuiu a saudação de Dilys com um aceno de cabeça. — Seis meses atrás, vocês vieram a essas praias na condição de invasores. Hoje, porém, eu e minha rainha saudamos você e seus homens como hóspedes de honra da Cordilheira Invernal. Esperamos que o dia de hoje marque o início de uma longa e

próspera amizade entre nossas nações. — Os olhos azul-gelo do rei de Inverno eram frios e firmes. Um redemoinho branco se agitou dentro daqueles olhos e o ar ao redor de Dilys ficou subitamente frio.

A maioria dos homens — especialmente aqueles em trajes tão leves com os de Dilys e seus *calbernari* — teria ficado azul de frio e começado a tremer. Mas os calbernanos, que viviam e nadavam nas profundezas de todos os oceanos do planeta, eram sem dúvida a raça mais resistente de toda Mystral. Eles eram capazes de regular a temperatura sanguínea e, por debaixo de suas peles bronzeadas, havia uma camada fina de pele isolante que os mantinha frios no verão e quentes mesmo nas profundezas mais congelantes do oceano.

Assim, quando a temperatura ao redor despencou, o corpo de Dilys reagiu instintivamente, esquentando o sangue para neutralizar os efeitos do frio. Enquanto isso, ele encarou Wynter Atrialan destemidamente. Um sorrisinho lhe tocou os cantos da boca.

Ele compreendia bem o que estava em jogo. O rei de Inverno queria garantir que Dilys soubesse que, apesar da derrota do rei de Gelo, o famigerado poder do Olhar de Gelo ainda poderia ser invocado por Wynter Atrialan.

Ele inclinou a cabeça em reconhecimento à advertência. A neve diminuiu no olhar do rei de Inverno e o ar esquentou rapidamente.

— Paz e amizade entre nossas terras é minha esperança, bem como da *Myerial*, Wynter da Cordilheira — respondeu Dilys. O olhar dele se voltou para a pequena beldade negra ao lado do rei da Cordilheira Invernal, ao que seu sorrisinho se alargou em um franco riso de admiração. Ela estava resplandecente em seu vestido amarelo-crisântemo e o volume de sua gravidez era bastante evidente.

Para ela, ele se curvou amplamente em um meneio elegante, respeitoso, cheio de admiração, a ponto de revelar o pescoço.

— E você também, rainha Khamsin. O amor e a maternidade lhe caem ainda melhor do que a coragem e a guerra. Você está deslumbrante. *Doa akua*, seu marido, é um homem de sorte.

— Obrigada, lorde dos mares Merimydion. — A jovem rainha da Cordilheira Invernal sorriu enquanto seu marido, ao lado, lançou a

Dilys um olhar sombrio de desconfiança e se aproximou da esposa.

Somente para alfinetar o rei de Inverno por sua fria advertência de pouco antes, Dilys sustentou o olhar caloroso de admiração por mais alguns segundos. Em seguida, ele recuou e foi aos negócios, apresentando os capitães e oficiais de sua comitiva.

— Este lindo camarada é meu primo, Arilon Calmyria, descendente da grande *Myerial* Siesulania V, Protetor da Baía Branca e das Ilhas Irmãs, Comandante da frota dos Cavaleiros da Tempestade e Capitão da nau *Orca*. — Dilys e Ari poderiam facilmente se passar por gêmeos, de tanto que se pareciam. A única grande diferença entre os dois, além da coleção de tatuagens um pouco mais impressionante de Dilys, era o fato de Ari ser uns cinco centímetros mais baixo.

Ari se curvou de leve na direção de Wynter e, em seguida, fez a reverência calbernana completa em respeito a Khamsin. Enquanto voltava, fitou-a nos olhos com um olhar de admiração masculina ainda mais profundo do que o que Dilys havia mostrado pelos dons femininos dela.

— O prazer em conhecê-la é realmente todo meu, rainha Khamsin das Tempestades. — Ari pronunciou essas palavras com um ronronar sensual e a voz fervilhante. — Os elogios consideráveis que meu primo fez da senhora ao longo dos últimos meses não lhe fazem justiça. — Na invasão do último inverno, Ari permaneceu junto aos navios perto da costa da Cordilheira Invernal, protegendo a ponta da praia e o flanco dos invasores enquanto Dilys e seus homens juntavam-se a Falcão, de forma que não chegou lutar contra o rei de Gelo, nem a se encontrar com Khamsin.

Enquanto Ari concentrava seus charmes notáveis em Khamsin, as bochechas dela coraram em um tom rosa escuro:

— O... ah... prazer é meu, lorde dos mares Calmyria — respondeu ela, com um tom de voz ligeiramente ofegante. — Um leve rugido subiu pela garganta de Wynter, o que apenas fez o sorriso de Ari se alargar e intensificar.

Dilys lhe deu um chute sutil no tornozelo quando se mexeu para apresentar os próximos nobres calbernanos que o acompanharam ao terraço.

— Este nobre filho do mar é meu primo Ryllian Ocea, descendente da *Myerial* Kailuani III, Protetor da Ilha da Areia Prata, Comandante da frota dos Dança-Ondas e Capitão da nau *Narwhal*. — Ryll, exemplo de quão perigoso e temível um calbernano poderia ser, era um exímio marinheiro, capaz de conduzir um galeão por entre costas rochosas, em meio à neblina densa, sem fazer o casco do navio sofrer o mínimo arranhão. Ele tinha uma intuição incrível acerca das ondas e correntes marinhas, e sabia exatamente como reagir na hora certa. Dilys sabia controlar os mares; Ryll conseguia se tornar parte dele.

Ainda que pudesse ser tão provocador quando Ari e Dilys, era nítido que Ryll concluía que já haviam puxado demais o rabo do lobo. Ele se curvou de leve para Wynter, mais profundamente para Khamsin, mas guardou seus consideráveis encantos masculinos sob amarras firmes, enquanto Dilys continuou a apresentar o restante dos capitães e primeiros oficiais.

— Bem-vindos, lordes dos mares — disse Khamsin com um sorriso assim que ele terminou. — É meu prazer apresentá-los às minhas irmãs, as Estações de Veralea. Suas Altezas Reais, as princesas Primavera, Verão e Outono Coruscate.

— *Myerialannas* — Dilys deixou que sua expressão demonstrasse a profunda admiração por cada uma delas. — É com grande alegria que eu as saúdo. — Ele tentou (e fracassou) captar o olhar da pequena melrosa, mas as outras duas o fitaram e acenaram com a cabeça em reconhecimento à saudação.

— Lorde dos mares — disse Primavera, com tom de voz frio como uma manhã congelante.

— Lorde dos mares. — A exótica Outono arqueou arrogantemente uma sobrancelha e ergueu o belo nariz.

Ele sorriu para as duas.

— Lorde dos mares — suspirou Verão, com os olhos fixos no pomo de Adão dele.

Ela realmente não era muito menor do que as irmãs, percebeu ele. Ela era tão esbelta e bem formada quanto as outras, mas, por causa de seu jeito tímido, parecia muito mais frágil e delicada. Além disso, ele a deixava nitidamente nervosa. A pulsação no pescoço de

Verão vibrava como um passarinho aprisionado, e ela estava fazendo de tudo para não lhe atrair a atenção.

Apiedando-se dela, Dilys voltou a atenção novamente para a jovem rainha da Cordilheira Invernal. Eis uma mulher que provou seu valor de todas as formas possíveis. Ela não havia apenas se casado com o homem que amava logo que se conheceram, seis meses atrás; ele nunca deixava a Cordilheira Invernal sem ela.

— É nosso prazer receber você e seus homens como nossos hóspedes pelos próximos três meses — disse Khamsin. — Lorde dos mares Merimydion, conforme discutimos em nossas comunicações anteriores, preparamos acomodações no palácio para você e seus oficiais. Você tem certeza de que prefere que seus homens permaneçam aquartelados nos navios?

— Tenho, sim. — Parecia o mais sábio a ser feito. Afinal de contas, a última vez que seus homens estiveram na Cordilheira Invernal, foi na condição de invasores. Mantê-los embarcados parecia a decisão mais segura contra o caso de algum inverniano guardar rancor. Ele não queria que nenhuma forma de violência estragasse a oportunidade de que ele e seus homens encontrassem *lianas*, estreitando laços com a Cordilheira Invernal.

— Ótimo. O povo de Konumarr preparou uma comemoração de boas-vindas à Cordilheira Invernal para você e seus homens. Lorde dos mares Merimydion, por favor venha até aqui para começarmos as festividades. — Ela se virou para o marido e estendeu a mão. Juntos, com Dilys ao lado, eles caminharam até a ponta do terraço com vista para a cidade.

Eles olharam para a multidão de calbernanos, invernianos e veraleanos reunidos e, em tom de voz solene, Wynter começou a falar.

— Seis meses atrás, o lorde dos mares Dilys Merimydion da Calberna e os homens que o acompanham hoje vieram às costas de nosso reino. Eles vieram como invasores, sem saber que Rorjak, o Rei de Gelo, havia se erguido. Mas a rainha Khamsin, sábia e corajosa a despeito de sua juventude, convenceu o lorde dos mares e seus homens a lutar conosco, e não contra nós. Graças à sabedoria, coragem e dons do tempo de nossa rainha, à bravura de nosso povo, bem como à renomada destreza guerreira dos

calbernanos, o Rei de Gelo foi derrotado. Juntos, invernianos e calbernanos liderados pela rainha Khamsin e este homem, o lorde dos mares Merimydion, me salvaram, salvaram a Cordilheira Invernal e salvaram toda Mystral.

Vivas sonoros emanaram da multidão, indubitavelmente proferidos de forma igual por invernianos, veraleanos e calbernanos.

— Como gratidão, convidamos os calbernanos que tomaram parte na vitória para voltar aqui hoje e viver a nosso lado, como amigos confiáveis, pelos próximos três meses. É costume entre os calbernanos procurar esposas entre mulheres de outras terras, e cortejar noivas dentre aqueles de vocês desejosos de considerar tal união um dos sinais de gratidão que a rainha Khamsin concordou em conceder aos calbernanos em retribuição pela ajuda na derrota do Rei de Gelo.

Nesse momento, Khamsin avançou um passo e, carregada por uma brisa controlada, sua voz ecoou:

— Esses homens viverão entre nós pelos próximos três meses. Aproveitem esse tempo para conhecê-los. Casar-se com um estrangeiro, deixar seu lar e tudo que isso implica é uma decisão e tanto, decisão que não deve ser tomada levianamente. Não tenham pressa. Tomem a decisão que for melhor para vocês, mas façam-no de forma livre. Casar-se ou não cabe a vocês.

— Minha rainha tem toda razão — acrescentou Wynter, com voz firme. — Demos a esses homens três meses para cortejar uma esposa, não a certeza de que obteriam uma. Se alguma de vocês se sentir pressionada de qualquer maneira, venha até mim ou à rainha imediatamente, e colocaremos um fim no problema. — Ele pairou com o olhar duro sobre a horda calbernana.

De pé ao lado de Wynter, Dilyls ergueu uma sobrancelha, mais surpreso do que ofendido pela sugestão de que um calbernano poderia, uma vez sequer, usar de força bruta para conquistar uma *liana*. Uma mulher livre e com vontade própria não permaneceria relutante diante das aproximações decididas de um calbernano.

— Acima de tudo — continuou Wynter —, saibam que, independentemente do que escolherem, sempre terão um lar aqui. Há trabalho, comida e abrigo na Cordilheira Invernal e em Veralea para a mulher ou criança que quiser. Quanto àquelas que

escolherem se casar e partir, saibam que vão à Calberna com nossa bênção. Por fim, o calbernano que escolher uma mulher entre as cidadãs de Veralea ou da Cordilheira Invernal, se for de seu desejo, será bem-vindo para morar aqui, com sua esposa, na condição de cidadão de nosso reino.

Dilys sustentou seu sorriso leve. Nenhum calbernano abandonaria sua terra natal para se tornar um *oulani*. A Calberna era erguida sobre a devoção de seus filhos e a força de suas mulheres. Ainda que o destino tornasse necessário que a maioria dos filhos de Calberna buscasse suas parceiras entre outros povos de Mystral, um calbernano e sua *liana* sempre regressavam à Calberna.

Khamsin olhou para Dilys.

— Lorde dos mares, o senhor gostaria de dizer algumas palavras?

Ele acenou com a cabeça e avançou um passo na direção do parapeito para se dirigir à multidão.

— Primeiramente, eu gostaria de agradecer ao rei Wynter e a sua corajosa e graciosa *liana*, rainha Khamsin, pela calorosa acolhida. Meus homens e eu estamos ansiosos para passar os próximos meses com vocês e retornar à Calberna com *lianas* ao nosso lado. Meus homens podem muito bem falar por si mesmos, mas, em nome deles e de mim, direi apenas que, na Calberna, nossas mulheres, todas as mulheres, são estimadas. A devoção de um calbernano por sua *liana* é eterna e incondicional. A alegria delas é nossa alegria. Sua felicidade e conforto, nosso dever sagrado. Nenhuma mulher se arrependeu em aceitar um calbernano como parceiro, nem nunca se arrependerá. A decisão de se casar é toda de vocês. Se, no entanto, a decisão for de se casar com um calbernano — e ele se virou para dirigir as últimas palavras às Estações, captando, pela primeira vez, a surpresa nos olhos azuis da doce Verão —, não haverá escolha melhor.

Os olhos dela eram como águas límpidas. Eram de um azul puro, profundo e reluzente; olhos cintilantes de luz, calor e ondas convidativas. Eles o chamavam, aqueles olhos, da mesma forma que o mar. Por um instante, o mundo desapareceu e Dilys mergulhou fundo e rápido naquele lindo azul mágico e sem fim. Naquele instante, ele sentiu uma paz perfeita, uma sensação

inexplicável de certeza. Era como encontrar o lar depois de uma via de vagueando a esmo.

Uma onda sonora forte rompeu contra ele e o arrastou de volta à superfície, à realidade. Dilys respirou fundo, como se recobrasse o fôlego depois de mergulhar de verdade nas profundezas do mar, e se virou para ver a multidão comemorando e o início da festa.

A rainha Khamsin estava dizendo algo. Dilys franziu a testa e tentou fazer sua mente abalada retomar o curso de algum pensamento coerente.

— ...a festa preparada no palácio para você e seus oficiais. — Ela acenou com a mão na direção da grande ponte de pedra que conectava o fiorde ao amplo palácio na costa norte.

Ele forçou um sorriso. O que foi que Khamsin disse? Algo sobre segui-la até a festa? Com o corpo levemente virado, prestes a partir, ela o encarava como se o esperasse. Dilys avançou um passo e percebeu ter feito a escolha correta ao vê-la sorrir, segurar o braço do marido e guiá-los pelo caminho.

Ele voltou o olhar para as Estações, mas onde antes estavam as três, apenas duas tinham ficado.

Verão havia partido.

Pelo sol do verão!

Gabriella se recostou contra o muro de pedra fresco atrás de uma pilha de caixas em um beco sombrio atrás da praça Ragnar e pressionou a mão contra o coração que batia freneticamente.

O que, pelo santo nome de Helos, tinha acabado de acontecer? O calbernano tinha se virado do nada, os olhares deles se encontraram e então...

Abalada e perturbada, ela respirou fundo uma vez, e então outra. Verão não sabia nem por onde começar a descrever o que havia acontecido. Era como se, com um olhar, ele tivesse mergulhado nas partes mais profundas e secretas de sua alma, lugares onde ninguém, nem mesmo ela, havia estado.

Depois, ele saiu tão abruptamente como entrou, deixando dentro dela algo que não estava ali antes. Um vazio doloroso. Como se parte dela estivesse faltando. Uma parte que e/le havia pegado... parte que somente ele poderia devolver.

Tremendo de calor e frio ao mesmo tempo, ela envolveu o quadril com os braços.

Era possível que ele tivesse lançado um feitiço sobre ela? Como teria ousado? Ele tinha acabado de consentir, ao lado da irmã e do cunhado dela, que todas as mulheres teriam liberdade para escolher seus maridos calbernanos, e mesmo assim lançou algum feitiço para fazê-la desejá-lo desesperadamente?

Tão logo este último pensamento se formou na mente de Verão, ela deu risada da própria absurdidade dele. Por que motivo ela acharia que, tendo lhe lançado um olhar, ele teria concluído que a desejava a todo custo, por meios justos ou escusos? Com Verão cercada por suas duas irmãs tão mais desejáveis, por que ele ia querer isso?

Não, não, era muito mais provável que a sensação perturbadora que lhe tomou o corpo quando os olhares se encontraram tivesse sido produto de sua própria imaginação e da atração assombrosamente poderosa que sentiu por ele.

Nunca na vida Verão tinha olhado para um homem e se sentido um mendigo faminto diante de uma ceia suntuosa. Ela estava lambendo os lábios só de vê-lo. Mesmo agora, a simples lembrança daquela pele bronzeada, brilhante e tatuada, daqueles músculos flexionando ao menor movimento, desviavam o sangue para todas as partes mais femininas de seu corpo.

Uma coisa era certa. Ela nunca, jamais, se permitiria ficar a sós com ele. Só Helos sabia o que ela poderia fazer.

— Verão?

O som da voz de Primavera fez Verão dar um pulo para fora de seu esconderijo.

A irmã mais velha olhou para ela com preocupação.

— Você está bem, querida?

— Estou bem.

— É que você sumiu do nada. — Os olhos observadores e frios da irmã analisaram Verão rapidamente, e não deixaram de notar a cor viva nas bochechas dela. — Você está se sentindo mal, amadinha? Chamo a Tildy?

— Não! — Pelo Halla, a última coisa que Verão queria naquele momento era ser examinada pela babá de quando era criança,

Tildavera Greenleaf. Aquela senhora astuta tinha o dom irritante de saber com exatidão o que afligia uma pessoa.

Dando-se conta de que sua objeção tinha sido contundente demais, Verão tirou o cabelo do rosto e tentou se acalmar.

— Não — disse ela outra vez, em tom de voz bem mais moderado. — Eu estou bem. Algo que comi no café da manhã não me desceu muito bem, mas já estou melhor. — A mentira lhe saiu facilmente dos lábios e Verão colocou a máscara de serenidade de volta no lugar. — É melhor voltarmos antes que nosso noivo pense que fugimos.

— Duvido que ele sequer notaria nossa ausência. — Primavera contorceu a boca. — A Outono está com ele.

Verão conseguiu, de alguma maneira, juntar forças para sorrir e dar uma risada. Eles pareceram dissipar a desconfiança que restava em Primavera. As duas caminharam de braços dados até o palácio, a uma distância do príncipe de Calberna boa o bastante para que Verão desse conta de controlar o pânico.

Enquanto caminhavam, a cidade de Konumarr se enchia de vida, música e risadas, assumindo uma atmosfera carnavalesca. Malabaristas, acrobatas, dançarinos com fogo e músicos tomaram as ruas, fornecendo diversão em cada canto e praça. Àquela altura, grupos de mulheres corajosas o bastante para se mesclar aos calbernanos já se encontravam cercados por homens abertamente interessados, cada um tentando atrair atenção para si. Verão observou uma criança corajosa se aproximar de um dos homens e lhe tocar as tatuagens azuis brilhantes. Quando ele se ajoelhou para mostrá-las, uma dezena de crianças e um número semelhante de mulheres se agrupou ao redor. As pessoas sorriam, e a comida e a cerveja corriam soltas. O gelo tinha sido quebrado.

A recepção que Khamsin e Wynter estavam dando no outro lado do fiorde, nos jardins ocidentais do palácio, era mais comedida do que as celebrações da cidade, mas não menos acolhedora. Uma pequena orquestra tocava de uma gruta iluminada por velas e mesas transbordavam de iguarias de Veralea e da Cordilheira Invernal. Grupos de nobres, mercadores e comerciantes ricos, bem como de senhoras solteiras da aristocracia e de bom nascimento se reuniram para conhecer os oficiais da Calberna.

O olhar de Verão percorreu a multidão reunida, detendo-se ao passar por um calbernano em especial. Ele estava de costas para ela, mas ela sabia que se tratava dele. As mechas de cabelo longas e preto-esverdeadas que lhe caíam sobre as costas guiaram o olhar de Verão pelos ombros musculosos, percorrendo a coluna de Dilys até o saiote esvoaçante preso com o cinto no cóis bem definido dele. O ventre dela começou a palpitar. Verão sentia a pele corar. Tremulamente, ela respirou fundo.

— Vivi?

— Oi, Gabriella...

— Você acha que a gente consegue convencê-los a usar roupas de verdade?

Primavera deu risada.

Capítulo 4

A pequena melrosa o estava evitando.

Sozinho nas sombras, examinava a beleza dos jardins iluminados por tochas no avarandado ocidental do palácio. O sol havia se posto há mais ou menos uma hora, mas sua luz ainda brilhava no horizonte e a recepção continuava animada. Havia música tocando. Comida e bebidas corriam soltas sem qualquer sinal de interrupção. Os oficiais dele estavam nitidamente se divertindo. Apesar de aqui, no palácio, o número de potenciais *lianas* não ser tão superior ao deles, como era o caso de seus irmãos no fiorde, não faltava companhia feminina interessante.

Um ano de guerra deixou a Cordilheira Invernal com uma boa quantidade de viúvas, mesmo entre as famílias nobres e de bom nascimento.

Verdade seja dita, Dilys ainda estava surpreso com a cordialidade da recepção. Afinal de contas, no inverno passado, os calbernanos haviam desembarcado naquelas praias como combatentes inimigos. No entanto, até onde ele percebeu, nenhuma das mulheres reunidas ali no palácio havia perdido seu amor para uma espada ou tridente calbernano. Dilys se sentia aliviado com isso. Guerra era guerra, tinha um preço, mas a alegria de um casamento em que uma das partes sofreu por causa da outra só poderia ser fugaz.

Isso fez Dilys refletir se a pequena melrosa não o estaria evitando por culpá-lo pela morte do pai. Foram os *garm*, não os calbernanos, que mataram o rei Verdan. Pode ser que ela acha que, sem os calbernanos e o auxílio de seu exército, não teria havido rebelião e, assim sendo, o rei ainda estaria vivo.

Ou ela talvez guarde rancor pelo contrato que Dilys quebrou com seu irmão, Falcão. O príncipe de Veralea havia falado com muito carinho de todas as irmãs, mas especialmente da mais bondosa, a que ele chama de “nossa doce rosa do verão”. Eles talvez tivessem

laços estreitos. Ela talvez quisesse que o pai e o irmão tivessem tomado sua terra natal de volta, e culpasse Dilys pelo exílio de Falcão.

Quaisquer que fossem os motivos dela para evitá-lo, suas irmãs não partilhavam do mesmo sentimento — ou, se partilhavam, ao menos sabiam esconder muito melhor.

Outono, no começo, estava um pouco arrogante e distante. Dilys esperava isso. Uma mulher bonita como ela sem dúvidas estava acostumada a ser paparicada por homens, por isso Dilys fez questão de se aproximar dela não como um homem deslumbrado por sua beleza, mas como um amigo próximo. Assim que descobriu o amor da moça por comida e risadas, agradá-la com ambas ajudou a derrubar suas barreiras.

Primavera era uma amêndoa mais difícil de quebrar. Fria e profundamente inteligente como os relatórios diziam, ela não era fácil de ser conquistada. Dilys, porém, não ligava para desafios. Depois de passar mais ou menos uma hora na companhia dela — hora durante a qual ele conversou com ela sobretudo sobre os muitos artigos que ela havia escrito sobre técnicas de agricultura e novas espécies de vegetais resistentes a pragas —, ela a deixou e se mesclou aos demais convidados. A partida dele a surpreendeu tanto quanto a escolha de assunto da conversa. Dilys sentiu os olhos de Primavera pairarem sobre ele em vários momentos. Missão cumprida.

A pequena melrosa, no entanto, continuou esquiva. Ele captou relances dela ao longo da noite, mas sempre que tentava abrir caminho até ela, ela sempre sumia antes que ele chegasse. Agora, em vez de ir atrás dela, ele encontrou um lugar seguro e silencioso que lhe oferecia uma excelente vista dos jardins. De lá, das sombras, observou-a abrir caminho entre a multidão reunida.

Enquanto a observava, ele pôde ver quão naturalmente as pessoas respondiam a ela, como seus sorrisos eram verdadeiros e como suas expressões ficavam doces quando ela estava por perto. De tempos em tempos, alguém lhe dizia algo que a fazia gargalhar. Quando isso acontecia, se iluminava de uma alegria incandescente e as pessoas iam sem demora gravitar em torno dela, como mariposas em torno de uma chama radiante.

Seus próprios homens não pareciam muito mais imunes do que os invernianos aos charmes displicentes dela. Sempre que ela parava para sorrir e conversar com algum deles, eles se endireitavam e enchiam o peito em resposta à atenção que ela lhes dava.

A reação dos homens de Dilys não o surpreendia. Os calbernanos se nutriam de atenção feminina. Era o alimento mais doce para a alma. O que surpreendeu Dilys foi quanto se ressentia de serem seus homens os destinatários da atenção de Verão Coruscate.

Se ele não fosse esperto, diria que estava com ciúmes, o que, é claro, era ridículo. Os “galanteios” dele à mais doce das filhas do rei Verdan não era para ser mais do que um fingimento bem-educado. Dessa forma, o nítido desejo dela de evitá-lo deveria ser um alívio muito bem-vindo: era uma distração a menos para interferir em seu cortejo resolutivo da majestosa princesa Primavera ou da bela princesa Outono. Ainda assim, quanto mais Verão Coruscate sorria e encantava seus homens, quanto mais ela despejava sua incandescência luminosa sobre eles, enquanto negava a Dilys um mínimo olhar que fosse, mais tenso e irritado ele ficava.

Ele havia dito a si mesmo que o melhor seria deixar para lá e ficar longe dela. Ainda assim, enquanto a observava vagar para fora da multidão achando que ninguém a estava observando, Dilys foi atrás.

Os caminhos do jardim estavam iluminados por lanternas, mas Gabriella foi pelas sombras, preferindo o anonimato tranquilo da escuridão enquanto descia a colina em direção à costa do fiorde Llaskroner. A lua crescente grande e prateada no céu, cuja luz refletia sobre as águas escuras do mar, e o relativo silêncio que se formou conforme os sons estridentes da festa iam ficando mais baixo, acalmaram os nervos agitados de Verão.

Ao longo de toda a noite, ela não conseguiu se desligar da presença de Dilys Merimydon, quase como se houvesse algum tipo de fio invisível os conectando, puxando-a e lhe alterando os sentidos cada vez que ele se aproximava.

Manter-se longe dele se mostrou uma tarefa surpreendentemente difícil. Os calbernanos eram tão encantadores e divertidos quanto sua fama dizia, e isso era duplamente — não, tripla,

quadruplamente! — verdadeiro em relação ao líder deles. Tudo nele a atraía. Quando ele falava, o timbre grave e rico de voz penetrava a pele de Verão, fazendo brilhar com força, calor e voracidade a chama que habitava no âmago dela. E todas as vezes que ele curvou a cabeça para cochichar algo para Outono ou Primavera... ah, doce Helos, ela ficou com ciúmes... com *ciúmes*! Das próprias irmãs, tão amadas! Por causa de um homem que mal havia conhecido!

Verão nunca havia sentido algo do tipo, e era incapaz de explicá-lo. Ao longo da noite, ela deve ter conversado com ao menos uma centena de oficiais calbernanos, e nem um sequer — nem mesmo Ari Calmyria, que era a imagem cuspidada e escarrada de seu primo, Dilys — chegou perto de afetá-la da mesma maneira. Ah, os calbernanos eram todos bastante bonitos e encantadores, certamente, mas eles não faziam o sangue de Verão ferver só por estarem respirando o mesmo ar.

O único aspecto positivo de sua desconcertante hipersensibilidade à presença de Dilys Merimydion era que, a noite inteira, ela sabia onde ele estava. Isso lhe permitiu realizar manobras evasivas sempre que o sentia caminhar em sua direção.

Não obstante, o uso contínuo deste pequeno dom ao longo da noite deixou seus nervos abalados e sua tranquilidade arrasada. Daí sua caminhada solitária até o fiorde, por meio das tranquilas áreas beijadas pela sombra do jardim.

O terraço que dava para a costa do fiorde ficava a dois metros e meio acima do nível da água. Ele possuía, em ambos os lados, escadas de pedra espiraladas que levavam a uma base de pedra e a um píer de madeira que ficava conectava ao fiorde. Uma dúzia de barquinhos estava ancorada ao longo do píer, incluindo três botes pequenos. Eram embarcações de lazer que trazidas das docas para a diversão dos cortesãos, caso eles ou os oficiais calbernanos quisessem remar ou navegar pelo fiorde.

Verão caminhou até o final do píer, olhando com cara feia para as pilhas de cordas enroladas e âncoras que haviam sido deixadas de forma displicente junto ao píer. Ela sabia que os trabalhadores ainda estavam trazendo os barcos das docas, e que, conforme o faziam, iam reequipando as embarcações, mas francamente, eles não

poderiam ter limpado o espaço de trabalho deles depois da jornada? Aquela bagunça era um perigo.

Ela estava colando o pé deslizante sobre uma das âncoras abandonadas e empurrando-a para mais junto ao píer, de modo a abrir espaço, quando uma voz vinda por trás anunciou:

— A noite está linda.

O som da voz já bastante familiar de Dilya Merimydion fez Verão dar um pulo e se virar. Um dos pés dela deslizou para dentro de uma pilha de cordas enroladas e ela lutou para recuperar o equilíbrio.

Como foi que ele conseguiu se aproximar sem que ela percebesse, dado que ela havia passado a noite tão sensível a cada movimento dele? Ela não sabia como ou por que sua hipersensibilidade a ele havia falhado, mas lá estava ele, de pé no outro extremo do píer.

Como durante toda a noite, o coração dela acelerou.

— Me perdoe, *myerina* — disse ele. — Não quis assustá-la.

Não, você só quis invadir minha privacidade, pensou ela, acidamente.

Quando o calbernano congelou por um instante, com olhar surpreso, uma onda de calor mortificante fluiu para as bochechas de Verão.

Pelos santos deuses! Ela disse aquilo em voz alta?

Ela *disse*!

— Me perdoe — murmurou ela. Uma coisa era evitar um convidado do rei. Outra, era abertamente grosseira. Na condição de princesa real e de membro da corte, o comportamento dela refletia diretamente sobre o rei e a rainha da Cordilheira Invernal. — Tive um dia longo.

Em vez de ter um ataque de orgulho masculino ferido, como muitos outros pretendentes teriam, o príncipe calbernano simplesmente ergueu as sobrancelhas. Em seguida, o canto da boca dele se curvou num sorriso irônico.

— Então você *de fato* passou a noite inteira me evitando. Eu achei mesmo que não podia mais ser por acidente.

Em circunstâncias normais, seguramente escondida atrás de uma de suas máscaras, Gabriella poderia encontrar uma resposta

tranquila, sem entregar os pontos. Agora, pelo contrário, ela corou e respondeu:

— Você não parecia estar com falta de companhia — disse ela, ao que, vendo o sorriso de Dilys se alargar, desejou que o chão se abrisse e a engolisse.

— Ah, *myerina*... Fico lisonjeado que você tenha notado. É verdade que suas concidadãs fizeram a meus homens e a mim nos sentirmos muito bem recebidos, mas não foi para cortejar aquelas mulheres que naveguei meia Mystral.

Ele devia saber quão deslumbrante era seu sorriso, com todos aqueles dentes brancos bem-dispostos e aqueles olhos dourados brilhantes, em vivo contraste com o bronzeado calbernano de sua pele. Ele provavelmente estava acostumado a conseguir tudo do jeito dele. Era só abrir aquele sorriso com a boca e os olhos, e flexionar aqueles músculos impressionantes, que a maioria das mulheres caíria como pinos de boliche.

Ele começou a caminhar pelo píer, diminuindo a distância entre eles. A cada passo dele, Verão era mais impactada pelo tamanho, beleza e força masculina que emanavam de Dilys como vapor de uma chaleira. Impactada também, é claro, por aqueles músculos rígidos e ondulantes se flexionando por debaixo de toda aquela pele quente, escura e sedosa perturbadoramente exposta por seu escasso traje calbernano. O brilho iridescente das tatuagens azuis de Dilys refletia com uma beleza sobrenatural sob a luz da lua, como se tivessem polvilhado poeira cósmica sobre ele. Era uma visão forte e estranhamente atraente.

Ela desviou o olhar antes que seus olhos seguissem o padrão cintilante daquelas tatuagens até lugares que ela não queria ir. Tudo naquele homem era perigoso para ela e, como evitá-lo não pareceu funcionar, tinha chegado o momento de tentar uma abordagem um pouco mais direta.

— Por favor, lorde do par, sejamos honestos um com o outro. Tampouco você atravessou meia Mystral para *me* cortejar. Você veio para cortejar minhas irmãs.

Essa fala o deteve. A verdade tem esse efeito sobre um homem. Verão, porém, tinha que confessar que doía um pouco saber que ele não era diferente dos demais.

— Por que você diria isso? — perguntou ele.

— Sério mesmo? — Ela revirou os olhos. — Você sabe quantos homens já vieram cortejar as Estações de Veralea? A Primavera fez essa conta na semana passada. Setecentos e noventa e dois homens. Você é o septucentésimo nonagésimo terceiro. Foram reis, imperadores, príncipes, duques, nobres e fidalgos, vez ou outra mercadores, qualquer pessoa com riquezas, poder ou um nome antigo. Outono é a Estação que a maioria deles quer. Afinal de contas, ela é a mais bonita. O pretendente que prefere intelecto a beleza, vem atrás da Primavera.

Ele inclinou a cabeça para o lado. Os olhos dourados de Dilys brilharam à luz da lua.

— E quem vem atrás de você? — perguntou ele, em tom suave.

Gabriella queria se dar um chute. Ela não costumava ser tão desatenta com a própria língua. Nem tão honesta.

— Não falei isso para que você sentisse piedade — retrucou. — Tampouco foi para chamar sua atenção — acrescentou rapidamente, caso ele a visse como uma pobre coitada carente.

Mas ele não a via nem com piedade, nem com o olhar de um homem cuja educação impecável ou generosidade inata exigiam que ninguém ao seu redor se sentisse desprezado. Ele, pelo contrário, a encarava com uma expressão que só poderia ser descrita como *pensativa*.

Ah, não. Não, não, não, não. Não.

Ela não ia ser “interessante” para ele. Ela não ia ser o enigma que ele se sentia obrigado a resolver. Ela não ia ser nada além daquela terceira Estação que ele não notou ou em quem não pensou.

Verão Coruscate! Levanta essa cabeça e dispensa logo esse homem! Agora!

— Lorde dos mares Merimydion...

— Dilys — interrompeu ele.

— *Lorde dos mares Merimydion* — repetiu ela, com um olhar de alerta —, convido o senhor, de todo meu coração, a concentrar seus cortejos em Suas Altezas Reais Primavera e Outono. Tenho certeza de que nenhuma das duas se opõe à perspectiva de noivar com um príncipe da Calberna.

Ele avançou um passo.

— E Sua Alteza Real, a *Myerialanna* Verão?

Os olhos dele eram, de verdade, de um dourado incrível. Quase metálicos. Cintilando em luz.

Ela engoliu seco e recuou um passo instintivamente.

Infelizmente, Verão tinha se esquecido de dois fatos: (1) que seu pé direito estava emaranhado na corda enrolada e (2) que ela estava muito perto da borda do píer.

Graças ao pé preso na corda, ela perdeu o equilíbrio. E graças à sua proximidade da borda do píer, quando ela saltou para trás para se apoiar na perna livre e tentar recuperar o equilíbrio, a ponta do sapato dela não pousou sobre madeira sólida, mas sobre éter insubstancial.

Com os braços balançando de forma frenética e ineficiente, Gabriella soltou um grito de susto e caiu de costas no fiorde.

As cordas enroladas ao redor do tornozelo de Verão ficaram tensas e a âncora que ela havia empurrado para mais perto da borda do píer pouco antes caiu na água logo depois dela.

Quando Verão se deu conta, ela, as cordas e a âncora estavam afundando rápido para o fundo do fiorde.

O susto da queda e a água fria de tirar o fôlego deixaram Gabriella atordoada por um instante, mas, logo em seguida, a necessidade de respirar lhe fez recobrar os sentidos. O grito instintivo que ela soltou enquanto caía a deixara quase sem ar nos pulmões. Esperneando e se debatendo, ela tentou nadar de volta à superfície, mas a âncora presa a seu tornozelo era pesada demais. Ao invés de subir, ela continuou a afundar rapidamente.

Houve um estardalhaço de água como se algo grande tivesse tocado a superfície. Verão não deu atenção a isso. Todo seu ser estava concentrado em se libertar da âncora que a estava arrastando para a morte. Os pulmões dela começaram a queimar conforme a necessidade de respirar ia se tornando urgente.

Ela puxou a corda áspera e inchada ao redor do tornozelo, mas o peso da âncora estreitava ainda mais os nós. Desesperada, ela segurou a corda um pouco abaixo do tornozelo na tentativa de diminuir a tensão e soltar os nós.

Quando algo a segurou, soltando um grito instintivo, o pouco ar que ainda lhe restava nos pulmões a abandonou e subiu em bolhas

ligeiras. A água entrou por sua boca e garganta. Ela tossiu, engoliu mais água, porém, poucos segundos depois, ela foi tomada por uma estranha sensação de calma.

Verão tinha vaga consciência de estar se afogando, mas não conseguia mexer mais os braços ou as pernas. Ela também percebeu que a “coisa” que a havia agarrado era Dilys Merimydion, que deve ter mergulhado logo depois dela.

Ele a segurou pelo braço e puxou. Como ela não reagiu, ele levou meio segundo para se dar conta da situação. Ele não tentou desfazer os nós que a atavam à âncora. Apenas passou a mão por debaixo do pé dela e fez o peso da âncora desaparecer na hora.

Ele girou e se aproximou para, passando o pulso esquerdo sobre o direito dela, agarrá-la. A marca de nascença em forma de rosa vermelha na parte interna do punho dela — prova da linhagem nobre de Veralea — ardia com um calor quase explosivo, e as tatuagens espalhadas sobre o corpo de Dilys Merimydion se fulguraram de um azul luminoso e fosforescente que iluminou a ele, a ela e às águas turvas ao redor.

O olhar dele — amplo, consternado, dourado — perfurou o dela enquanto os corpos inertes de ambos desciam às profundezas frias.

Os contornos do olhar de Gabriella ficaram desfocados e o mundo inteiro escureceu.

A próxima coisa de que ela se deu conta, foi que estava deitada de costas sobre o píer de madeira. Dilys Merimydion estava agachado ao lado dela cantarolando algo. Em seguida, o que parecia ser um verdadeiro oceano de água saiu pela garganta de Verão como se ele tivesse literalmente tirado a água dos pulmões dela cantando. Pouco depois, ele colocou os lábios contra os dela e lançou para dentro Verão um sopro quente de magia poderosa. Cada nervo e célula do corpo dela bramiu de volta a uma vida elétrica e selvagemmente pulsante.

Quando ele se afastou, ela respirou profunda e tremulamente, e ergueu os olhos para encarar o rosto escuro e bronzeado de Dilys. As tatuagens dele estavam vívidas e cheias de uma beleza sobrenatural; cada espiral e padrão emitia um brilho fosforescente, como se a luz azul das estrelas dançasse sobre a pele. A onda

estilizada que serpenteava do canto do olho até a crista da maçã do rosto de Dilys parecia se mover como a superfície da água.

Apesar de terem acabado de nadar, ele estava completamente seco e, assim percebeu Verão, ela também. O cabelo dela estava todo bagunçado, sem os grampos e as madeixas soltas ao redor do rosto, mas cada centímetro do corpo dela parecia seco.

Os calbernanos, ao que parecia, não eram apenas senhores das águas do oceano.

Ele continuava agachado ao lado dela. Toda aquela pele deliciosa e suave a menos de um braço de distância, pele cheia de saborosos aromas tropicais e de prazeres da terra que nem o mergulho imprevisto no fiorde foi capaz de lavar. Será que ele sempre tinha aquele cheiro? Será que dava para comer? A língua dela ficou sedenta por uma mordida e as palmas das mãos coçavam de vontade de alisar os músculos do peitoral dele, de descobrir se a pele de Dilys tinha uma sensação tão boa quanto o cheiro.

— Você está bem?

A voz era grave, rouca e rústica de todas as maneiras certas. Ela estremeceu quando cada músculo feminino de seu corpo se contraiu. Os dedos de Verão se fecharam.

Não o toque! Não o toque! Pelo amor do Halla, Verão, não o toque!

Ela umedeceu os lábios subitamente ressecados.

— B-bem. Eu estou bem — ela conseguiu dizer, de alguma maneira. Pelo amor de Helos! Dilys Merimydion não era somente um perigo terrível para ela; ele era o veneno potentemente atrativo que ela queria sorver. Cada momento que ele permanecia ali, agachado ao lado dela, a conduzia para mais perto do abismo.

Ele tomou a mão direita de Verão, passou o polegar delicadamente sobre a marca de nascença em formato de rosa vermelha na parte interna do pulso dela e, em seguida, virou seu próprio pulso esquerdo para lhe mostrar uma marca dourada em formato de tridente.

Não era raro em Mystral que filhos de linhagem particularmente dotadas — normalmente da realeza — tivessem provas desses dons na parte interna de seus pulsos. As moças nasciam com sua marca de nascimento no pulso direito e os meninos, no esquerdo.

Wynter, o marido de Khamsin, por exemplo, trazia um lobo branco na parte interna de seu pulso esquerdo.

Verão nunca dava muita atenção à sua rosa, a não ser quando ela esquentava para avisá-la de uma falha iminente em suas defesas internas. Ela se recordou, porém, de algo estranho que aconteceu no casamento de Wynter com Khamsin. Algo poderoso e elementar aconteceu quando as marcas deles se tocaram.

Algo não muito diferente do que havia acabado de acontecer na água entre Dilys e ela.

Algo — admitiu Khamsin às irmãs numa certa tarde de risos e conversas de garotas — que ainda acontecia entre os dois em momentos íntimos e que tinha resultados escandalosamente deliciosos. Khamsin havia concluído que se tratava de algum tipo de prova de compatibilidade entre parceiros — alguma forma de confirmação divina do tipo “ele é a pessoa certa para você” —, bem como um “ímpeto” a mais em certas horas, confessou com a bochechas coradas.

Intrigada, Primavera insistiu em levar a cabo uma série de experimentos preliminares para testar a teoria. Nada aconteceu quando as irmãs tocaram as marcas umas das outras. Tampouco aconteceu quando Primavera roçou “sem querer” a marca dela contra a de Wynter. Outono também tentou, sem obter resultados. Elas insistiram para que Verão fizesse o mesmo, mas, àquela altura, Wynter já estava ficando um pouco nervoso com o fato de suas irmãs ficarem trombando de forma aleatória e roçando braços. De sua parte, Verão também achou um pouco perturbador ficar testando sua compatibilidade sexual com o marido da irmã mais nova, e se recusou a fazê-lo.

Naquele momento, no entanto, Gabriella tinha a leve suspeita de que a teoria de Khamsin pudesse estar correta.

Ela tentou puxar o braço, mas Dilys não o soltou.

— Pode me soltar agora — ordenou ela, imitando o tom arrogante de Outono.

Ele não se mexeu. Em vez disso, encarou-a fixamente e, lenta e deliberadamente, colocou o pulso esquerdo sobre o direito dela.

Verão respirou fundo e ficou paralisada sob ele, tomada pelo novo rompante de energia que lhe atravessou o corpo. Com a diferença

de que, em vez do raio que lhe atordoou os sentidos, a onda dessa vez ativou cada célula sensual de seu corpo. Se Dilys não estivesse a seu lado, ela teria envolvido a cintura dele com as pernas e o trazido para cima. Como estavam, ela ardeu por ele da pior forma possível. A maneira como as narinas dele se dilataram e as tatuagens brilharam com em uma rajada azul fosforescente, somente atiçaram as chamas do desejo dela. Ela queria pedir que ele a... a beijasse. O dom da Persuasão de Verão se inflamou, trazendo-lhe palavras e magia à ponta da língua.

— Seus olhos ficaram dourados — murmurou Dilys. Algo na maneira como ele o disse a fez congelar. Verão foi tomada de confusão e admiração. Os olhos de todas as irmãs Coruscate mudavam de cor quando elas evocavam seus poderes. Os olhos de Khamsin ficavam prateados como um relâmpago. Os de Primavera assumiam um tom elétrico de verde. O de Outono pareciam labaredas. E os de Verão ficavam dourados: quanto mais poder ela evocava, mais claro e nítido era o dourado. As irmãs sempre compararam esse tom a um sol brilhando nos olhos dela, a uma marca de Helos, mas era evidente que Dilys achava o tom expressivo de outra coisa.

No momento chocante em que os olhos deles haviam se encontrado pela primeira vez... naquele momento explosivo no fiorde... e agora quando, novamente, a voracidade sexual estranhamente poderosa dela veio à tona com um simples roçar do braço dele... tudo isso fez as suspeitas se tornarem certeza.

Khamsin tinha razão. A reação das marcas *realmente* significava algo.

Verão suspeitava que aquilo não queria dizer somente que havia encontrado alguém compatível com ela... ela suspeitava que aquilo queria dizer que ela havia encontrado a pessoa mais compatível com ela. O parceiro de sua vida. O homem por quem Gabriella poderia ter o mesmo tipo de amor que Khamsin havia encontrado com Wynter.

O tipo de amor que a mãe havia tido com o pai dela.

Um amor cuja perda levou Verdan de Veralea a tal loucura, que ele destruiu a si mesmo, seu filho, seu reino e quase o mundo inteiro.

Que os deuses a ajudem.

Ela queria isso... quer dizer, não a destruição e tristeza que o pai dela havia causado, mas o amor que ele sentiu. O amor que Khamsin e Wynter tiveram. Aquele amor perfeito, arrebatador e profundo. Ela desejava tanto esse amor, que sua voracidade era como um fogo queimando dentro da alma.

E lá estava ele. Ao alcance da mão.

— Dilys — suspirou Verão, pronunciando o nome dele pela primeira vez, ao que os olhos dele brilharam forte como um ícone dourado sobre o altar de um deus.

Pronunciar o nome dele foi bom, bom como nada antes na vida. As sílabas murmuradas pairaram sobre a pele dela como uma carícia quente e voluptuosa, carícia que lhe penetrou a pele até os ossos. Como se aquele nome, parte perdida dela mesma, finalmente tivesse encontrado um lar. A vontade de tê-lo brilhou ainda mais forte, tornando-se uma dor doce e terrível.

Havia uma voz gritando em alerta dentro da cabeça dela, mas não passava de um eco frágil. A advertência foi logo abafada pela canção sedutora que a chamou, atraindo a alma de Verão para amarras doces de luz.

— Me chame — suspirou a canção, que não falava com palavras, mas por ondas poderosas de emoção, correntes calorosas tão fortes que Verão era capaz de sentir suas resistências sendo sugadas. Era uma canção de homem. A canção *dele*. — Cante meu Nome. Peça que eu seja só seu. Pois sou seu e de mais ninguém.

Do âmago de Verão, uma voz brotou e murmurou urgentemente: *Peça que ele seja só seu. Torne-o seu.*

A certeza brotou na alma dela. Ela era capaz. Ela podia se unir a ele por toda eternidade. Cada parte do ser de Verão queria exatamente aquilo.

Ela ergueu a mão e, espalmado os dedos, fazendo-os deslizar sobre a pele inebriantemente quente e deliciosamente suave das bochechas lindas dele, ela segurou o rosto de Dilys.

Sem tirar os olhos dos dele, ela puxou o rosto de Dilys de forma delicada e inelutável, guiando-lhe os lábios aos dela.

Ela nunca havia beijado um homem. Quis fazê-lo algumas vez, mas nunca se permitiu. Ali, naquele momento em que as bocas de

ambos se tocaram, ela soube que nunca ia querer beijar outro homem na vida. Ele era o único para ela. Ele era tudo o que ela sempre quis, tudo o que poderia precisar.

A sensação dos lábios dele era suave, firme e quente. Um aveludado macio ao toque. Ela os saboreou tocando-os com a ponta da língua.

Dilys se estremeceu e, abrindo mais a boca, inclinou a cabeça, cindiu os lábios contra os dela e aprofundou mais o beijo. Ele esticou as pernas, alongando o corpo e pressionando-o contra o dela. Era um peso delicioso, quente e firme, sustentado pela ajuda dos braços fortes que, apoiados sobre a madeira do cais, a circundavam. Os fios longos, sedosos e cheirosos do cabelo dele caíram sobre os ombros de Verão e lhe acariciaram as bochechas. Eles — como Dilys — cheiravam a noites tropicais ardentes e brisas marinhas mornas — doces, picantes, exóticas. Ele tinha o gosto da resposta para cada sonho melancólico e doloroso que Verão teve ao longo de sua extensa e sombria solidão.

Ela se entregou ao beijo, deleitando-se. Verão deslizou as mãos ao redor da bela e quente firmeza do peito musculoso de Dilys, desbravando ali cada ondulação e concavidade, cada textura. A pele de cetim... O aveludado irregular dos mamilos enrijecidos... O aço trêmulo de músculos contraídos...

Ela seria capaz de ficar assim com ele uma vida inteira sem se cansar. Verão percorreu com as unhas o caminho acidentado da coluna de Dilys e se deliciou com a forma como ele respirou fundo, se estremeceu e em seguida lhe atacou a boca loucamente, lambendo-a, saboreando-a, sorvendo-a. Os dedos dele mergulharam na massa de cachos soltos de Verão, seguraram a cabeça dela e trouxeram-na para mais perto, mais forte para o beijo dele como se, pelo ímpeto e pelo desejo, ele pudesse fazê-la entrar em seu corpo, pudesse torná-la parte de si.

Ele a beijou até deixá-la tonta e ofegante, até que ele também ficasse ofegante. Quando finalmente se afastou para respirar, Dilys estava com um olhar atordoado e uma expressão confusa.

— Minha santa Numahao — suspirou ele. — Como isso é possível? Você é... você é...

Encarando-o, ela sorveu a beleza de Dilys, saturou a alma com a maravilha agridoce daquele momento e tentou guardar cada mínimo detalhe na memória. Os polegares de Verão deslizaram pela pele de Dilys, acariciando-lhe o símbolo azul brilhante na bochecha, tracejando-lhe as linhas e ângulos do belo rosto.

Em seguida, ela sorriu com uma delicadeza dolorosa, com o coração tomado pela certeza de que, se se permitisse, ela o amaria como jamais poderia amar outra alma... ela o amaria como nenhum outro ser em Mystral poderia amar alguém.

Com o poderoso dom da Persuasão pulsando em sua voz, ela lhe disse suavemente:

— Nada. Não sou nada para você. — Ela teve que envolver os dedos na nuca dele e segurá-lo firme enquanto ele tentava, instintivamente, se afastar e rejeitar o comando incitado por cada palavra que ela pronunciava. — Você veio até aqui para cortejar minhas irmãs, não a mim. Eu não sou a esposa de que você precisa e você não tentará me conquistar.

Ele deu um sorriso trêmulo que logo se desfez. Incapaz de se segurar, ela o beijou uma última vez. Beijou-o com toda o desejo atormentado que lhe arranhava de dentro para fora, beijou-o até lágrimas de arrependimento e dor brotarem nos cantos de seus olhos. Em seguida, ela se afastou para, em um tom ainda mais inabalável de força Persuasiva, dizer:

— Você não irá se lembrar disso. Nem que veio até mim, nem que salvou minha vida, nem que nos beijamos. *Você não irá lembrar. Você não irá tentar me conquistar.*

No terraço do palácio, sob a luz suave das estrelas e o brilho de centenas de lanternas acesas sobre o jardim, Ari Calmyria estava desfrutando da companhia de Lady Fern Auriflama. Genial, erudita e admiravelmente independente, a veraleana Lady Fern chocou a família e a comunidade quando pegou a pequena fortuna que o pai havia lhe deixado na ocasião de sua morte e partiu para o norte para procurar um marido entre os calbernanos, em vez de se casar com o obtuso filho dos vizinhos mais próximos, depois que as terras e títulos de sua família passaram para um primo distante.

— Ou melhor, para casar meu dinheiro com ele — confessou Lady Fern, torcendo o lábio sarcasticamente. — Foi só depois que a guerra fez um rombo considerável nos cofres deles que Lady Alder, mãe de Salix, começou a me considerar uma noiva potencial para o filho dela.

— Tenho certeza de que não era só pelo dinheiro que ele estava... — Ari se deteve no meio da frase tão logo cada célula de seu corpo entrou em estado de forte atenção. Algo lhe atravessou os sentidos, um murmúrio que ressoou com força. Uma voz. Feminina. Cheia de mágica.

Antes que pudesse rastrear a origem da Voz, ela se calou.

— Lorde dos mares Calmyria?

A mão quente no braço atraiu a atenção de Ari para a bela veraleana usando óculos ao lado dele. Ela o estava olhando com evidente preocupação.

— Me perdoe, *myerina*. Onde eu estava mesmo? Ah, sim, o vizinho idiota que não é capaz de ver o tesouro diante dos olhos dele...

— Esqueça isso — exclamou Lady Fern. — Você está bem? O que aconteceu? Pareceu que você foi atingido por um raio.

Ele foi, de certa forma, mas não era algo que queria tratar com uma *oulani*. Ari forçou um sorriso.

— Não é nada. Achei ter ouvido algo, mas devo ter me enganado.

Lady Fern não era tão fácil de ser dissuadida.

— O que você acha que ouviu? E por que parece que todos os seus conterrâneos ouviram a mesma coisa, enquanto os demais não ouviram nada? — Com um aceno de mão, ela gesticulou para os convidados.

Ari olhou ao redor do terraço. Os demais oficiais certamente pareciam tão surpresos quanto ele e estavam pensando ainda mais para esconder.

Ele captou o olhar de Ryll e ergueu as sobrancelhas em interrogação silenciosa. A resposta de Ryll foi um balançar de cabeça e um encolher de ombros. Ele tampouco sabia de onde a Voz havia vindo.

Ari se voltou outra vez para Fern e lhe dirigiu um sorriso poderoso, cheio de um charme desarmador.

— O motivo para nós todos termos ouvido e vocês não é facilmente explicável, *myerina*. Os calbernanos, como você pode notar, têm uma audição extremamente aguçada. É um dos nossos muitos dons do mar. Aliás, tenho uma história hilária de quando eu era menino e tentei me esgueirar perto do meu pai...

Enquanto começava a contar sua história, tirando de Lady Fern a oportunidade de arrancar dele mais uma palavra, ele trocou um olhar eloquente com Ryll por sobre a cabeça da interlocutora.

A situação em Konumarr tinha acabado de ficar exponencialmente mais interessante. Quem quer que fosse a detentora daquela Voz que eles haviam acabado de ouvir, ela estava em posse de um dom com o qual Ari nunca havia se deparado fora da Calberna.

Um dom enorme, mágico. Um poder que as maiores Casas de Mystral passaram milênios cultivando, consolidando e casando entre si na esperança de obter seu potencial máximo: a mágica vocal conhecida como *susirena*.

O Canto da Sereia.

Tendo deixado Dilys Merimydion desnorteado e sozinho no píer, Verão tomou seu caminho de volta aos jardins. Ela foi cautelosa o bastante de ir pela sombra e de entrar no palácio por uma das portas laterais, tomando uma das escadarias de serviço estreitas para ir ao segundo andar, onde ficavam os aposentos. Com o cabelo solto em cachos despenteados sobre as costas, e os lábios avermelhados e inchados por causa dos beijos apaixonados, qualquer um que a visse não teria dúvidas do que havia acontecido. Ela não estava a fim de lidar com fofocas desenfreadas e sussurros escandalizados feitos pelas costas.

Ela também não sabia se a Persuasão que tinha usado em Dilys seria capaz de segurar os rumores de que a princesa Verão havia beijado alguém naquela noite.

A avó materna dela, a rainha Rosemary da Enseada Marítima, com quem havia travado correspondência ao longo dos anos, alertara Verão de que os dons Persuasivos que ela havia herdado não eram ilimitados. O dom funcionava melhor se ela tentasse Persuadir as pessoas a acreditarem em algo na qual elas já

estivessem propensas a crer. Nesses casos, um empurrãozinho de leve seria capaz de cimentar tão bem a opinião de uma pessoa, que nem um cataclismo apocalíptico seria capaz de abalar a crença em que ela foi Persuadida a crer.

Um empurrão mais forte de Persuasão — como o que Verão usou em Dilys — poderia apagar lapsos de tempo ou blocos inteiros de memória, mas, dependendo da força da recordação ou da importância emocional do que estava sendo apagado, às vezes, mesmo a mais forte das Persuasões poderia apenas turvar a mente com uma confusão surreal. Nesses casos, a pessoa sendo Persuadida seria capaz de lembrar de tudo, mas julgaria se tratar apenas de um sonho ou de um fruto de sua imaginação. Infelizmente, esses frutos confusos poderiam facilmente parecer mais reais se as pessoas ao redor comesçassem a especular sobre os motivos de uma certa princesa ter sido vista com o cabelo despenteado, as bochechas coradas e os lábios inchados como se tivessem sido picados por uma abelha.

Isso Verão não poderia deixar acontecer. Não importava o que custasse, Dilys Merimydon já não podia se lembrar do que havia acontecido entre os dois naquela noite.

Ela mesma carregaria o fardo de nunca poder esquecer.

É claro que já era doloroso. Ela não tinha dúvidas de que seria ainda pior nas próximas semanas e meses, quando seria forçada a ver o homem, que agora sabia ser o perfeito para ela, cortejando as irmãs — e pior, apaixonando-se por uma delas. Casando-se com uma delas. A alma dela queimava como fogo só de pensar em Dilys beijando uma de suas irmãs como a havia beijado, só de pensar nele pousando o corpo quente e pesado sobre Primavera ou Outono, olhando nos olhos delas com a fascinação, a ternura e a devoção que eram para ser de Verão. Só de pensar nele dividindo aquele corpo com a irmã, dando a ela os filhos que eram para ser de Gabriella.

A rosa no pulso de Verão começou a arder.

Ela colocou a mão sobre a marca de nascença vermelha que ardia, desviou os pensamentos daquela trilha perigosa, raivosa e invejosa, e tomou o corredor apressada até a segurança do quarto.

Ela não chamou a aia para ajudá-la a trocar de roupa. Seus nervos estavam demasiadamente à flor da pele para arriscar ter outra pessoa por perto. Tirar o vestido de festa e as camadas de baixo não era fácil, mas ela deu um jeito e, tão logo terminou, jogou a pilha de roupas sobre um divã próximo e vestiu sua camisola predileta, peça de linho leve cuja sensação fresca, delicada e relaxante lhe tocou a pele. Em seguida, sentou-se em frente ao toucador, fechou os olhos e escovou o cabelo bem mais do que as habituais cem vezes. Como os puxões tranquilizantes da escova ajudavam a acalmar os nervos de Verão, ela continuou enquanto refletia sobre coisas calmas e felizes.

Quando recuperou a calma outra vez, Verão se levantou do toucador e andou ao redor do quarto, apagando as velas que a aia havia deixado acesas. Apesar do tardar da hora, o céu noturno de verão na Cordilheira Invernal ainda estava iluminado, pois o sol brilhava não muito abaixo da linha do horizonte para que houvesse escuridão completa. E logo estaria claro outra vez. A aurora irromperia em breve. Quando Verão foi às janelas para fechar as persianas, ela viu Dilys Merimydion subindo os degraus que davam para o terraço bem iluminado.

Rápido assim, toda a meditação calmante, todo o empenho em bloqueá-lo do coração e da mente, simplesmente se desfez. Verão não conseguia tirar os olhos dele. Ele era tão lindo. Era como se os deuses o tivessem criado para ser o Halla privado dela, a encarnação ambulante e falante de tudo o que ela sempre quis, de tudo o que sempre precisou ou desejou.

De tudo o que ele nunca poderia ter. O que o fazia ser mais seu Hel do que seu Halla pessoal, ponderou Verão.

Ela o havia enganado de caso pensado quando, mais cedo, lhe dissera que nenhum pretendente havia vindo atrás. Vieram sim. Em grandes quantidades, e não apenas os que sabiam que não tinham chance com Outono e Primavera. Teve pelo menos uma dúzia deles que Verão achou que seria capaz de amar. Ela os dispensou a todo, um a um, usando seu dom da Persuasão. Sempre era doloroso. Com alguns mais do que com outros. Mas a sensação de dispensar um pretendente nunca foi igual àquela... como uma faca

incandescente cravada no peito... como se, ao rejeitar Dilys Merimydon, Verão estivesse dilacerando seu próprio coração.

No patamar de baixo, ele parou no meio do terraço e pressionou a mão contra o peito. Franzindo a testa, ele ergueu o olhar. Com um suspiro, Verão recuou para a penumbra das cortinas. O olhar de Dilys perscrutou janelas e varandas, retornado várias vezes à varanda dos aposentos de Verão, como se soubesse que ela estava lá, observando-o. Como se algum fio invisível os atasse, conectasse-os com uma sensibilidade natural à presença do outro.

Ela apertou as cortinas até as juntas dos dedos ficarem brancas.

— Nada — murmurou ela, em um tom de voz que não passava de um fio tênue. — Não sou nada para você e você não virá atrás de mim. — Verão continuou murmurando sem parar, até que um dos oficiais o chamou pelo nome e finalmente desviou a atenção de Dilys. Antes que ele pudesse se virar na direção dela, Verão fechou bem as cortinas e se apressou à cama.

Pelo bom Halla, se a simples visão dele lhe enfraquecia a força de vontade e lhe desfazia a calma com tanta facilidade, então Verão ia ter que estabelecer como missão pessoal ficar distante dele ao máximo. Ia ser difícil. Konumarr não era um lugar muito grande. Mas ela ia conseguir.

Verão havia passado a vida aprendendo a se distanciar de pessoas e situações que ameaçassem seu autocontrole. Antes, mesmo que doesse imensamente se afastar do que queria, bastava que ela simplesmente se lembrasse da paz que tinha, e tudo ficava mais fácil.

Essa vez, porém, não seria fácil. Nem perto. Mas ela ia se afastar.

Pois quando Gabriella fugia de seus desejos, ela não estava simplesmente se resguardando.

Ela estava salvando vidas.

Capítulo 5

— Dilys! Graças a Numahao, aí está você! — Ari atravessou o jardim do terraço apressadamente, com Ryll na esteira logo atrás. Assim que chegaram perto, Ari tomou Dilys pelo braço e o puxou para a penumbra, fora do campo de visão dos convidados presentes na festa, que continuava animada. — Você a encontrou?

Dilys olhou para o primo com olhar desorientado.

— Encontrei quem?

— Você sabe. A mulher que usou a *susirena*.

— A *susirena*? — A desorientação se transmutou em surpresa. — Uma das mulheres usou a *susirena*? Certeza? Quem foi?

— Não sabemos. Ela Falou por pouco tempo, a Voz se dissipou rápido demais para conseguirmos descobrir a origem. Mas todos nós ouvimos. — Estreitando os olhos dourados, Ari inclinou a cabeça para o lado. — Estou surpreso que você não tenha ouvido. Onde você estava?

— Fui caminhar pelo fiorde. — Dilys passou os dedos distraidamente sobre o tridente dourado no pulso esquerdo. — Existe alguma possibilidade de a *susirena* ter vindo de algum de nós? Quem sabe alguém tenha decidido se exhibir e impressionar uma mulher...

Ari bufou.

— Não foi um de nós. Sei reconhecer a Voz de uma mulher quando a escuto, Dilys.

— O Ari tem razão — concordou Ryll. — Com certeza foi uma Voz de mulher. E mesmo tendo sido rápido e em tom baixo, ainda assim foi um murro e tanto. Estou surpreso que você não tenha escutado.

— Talvez tenha vindo de alguma ilha distante e eu estivesse fora do alcance. Podemos perguntar amanhã para os *calbernari* no vilarejo se eles escutaram alguma coisa. Por enquanto, vamos pedir aos oficiais para ficarem de ouvidos bem abertos. Se tem alguma

mulher aqui com o dom da *susirena*, não queremos voltar à Calberna sem ela. Temos que traçar a linhagem dela, saber de onde ela vem. — Se tinha outro lugar em Mystral onde a *susirena* se manifestava, a *Myerial* ia querer ser informada e os filhos da Calberna certamente iam querer procurar esposas em tais terras. — Por enquanto, vamos voltar à festa. Não quero que nossos hóspedes pensem que estamos insatisfeitos com a hospitalidade deles.

Os três regressaram à multidão no terraço com naturalidade. Eram três horas da madrugada, o sol já estava nascendo, mas a festa não dava sinais de acabar. Dilys tinha que dar esse crédito aos invernianos: eles seguramente sabiam dar uma festa. Ele não recordava ter participado de tamanha fartura e diversão. Comidas e bebidas corriam soltas em abundância infinita, e a música e a dança continuavam sem parar.

Se aquela festa era um teste, se os invernianos estavam na expectativa de ver os calbernanos descambarem numa bebedeira des governada, eles estavam decepcionados. Os calbernanos — com seus metabolismos extremamente rápidos — raramente ficavam embriagados. Álcool e drogas de qualquer tipo queimavam tão rápido que ficavam sem efeito. E mesmo que esse não fosse o caso, Dilys e seus soldados tinham ido à Cordilheira Invernal para encontrar esposas, tarefa que os calbernanos levavam bastante a sério.

Ainda que Dilys e seus companheiros continuassem alertas e vigilantes, a mulher que proferiu aquele suspiro de *susirena* não usou a Voz novamente. Finalmente, por volta das seis da manhã, os convivas começaram a ir para suas camas. Dilys esperou ser informado de que todos os seus homens haviam retornado em segurança aos barcos antes de se recolher nos aposentos que lhe tinham providenciado no palácio. Neles, ele fechou as cortinas e derramou um véu de água sobre as portas e janelas antes de se acomodar na cama para algumas horas de sono.

Seu sono não foi tranquilo. Ele se virou e revirou com sonhos atormentados de imagens de olhos dourados, mares ensolarados e de uma canção que lhe envolvia o coração, enchendo-o de anseios desesperados e uma sensação inabalável de perda.

Ele acordou às dez e meia com os lençóis enrolados no corpo e a mão envolvendo uma enorme ereção.

— Pelos doces mares, Merimydion — murmurou ele. — É só te falarem que uma mulher sussurrou a *susirena* e você sonha a noite inteira com Sereias? — Com uma gargalhada aflita, ele se livrou dos lençóis, cuidou da ereção e deu um longo mergulho na espaçosa banheira vitoriana na câmara de banho de sua suíte.

Por sorte, os invernianos tinham estatura e compleição parecidas com as dos calbernanos, de modo que Dilys pôde esticar completamente as pernas na banheira e se submergir por completo, prazer raro para um calbernano distante de casa. Uma variedade de sabonetes e sais de banho havia sido colocada na mesa ao lado da banheira. Ele sentiu o aroma de todos e escolheu os que mais se adaptavam a seu humor. Ele despejou os sais na água e afundou outra vez, desfrutando da sensação luxuriosa e sedosa da água contra a pele. Água é a essência vital da Calberna, tão essencial quanto comida e amor.

Aconchegado no calor sensual da banheira, ele tentou planejar o cerco e a conquista de Primavera e Outono, mas sua mente se rebelou, voltando teimosamente tanto ao mistério da mulher que havia dito a *susirena*, quanto — inexplicavelmente — à esquiva terceira Estação, Verão Coruscate.

Que ele pensasse em uma mulher com o poderoso dom da Voz, até fazia sentido; mas pensar em Verão Coruscate? Por que não conseguia tirá-la da cabeça? E por que seu nítido desejo de evitar sua companhia o incomodava tanto?

Ele massageou o pulso esquerdo e refletiu acerca do mistério da aparente aversão da doce Estação por ele. Era possível que algo tivesse acontecido e a deixado desconfiada de homens. Ao longo dos anos, Dilys conheceu uma quantidade considerável de mulheres que haviam sofrido abusos. Ele não navegou os oceanos de Mystral por mais de uma década — visitando alguns de seus portos mais perigosos e mercados de escravos mais cruéis — sem ter visto as tristes vítimas do lado mais sombrio de Mystral. Na verdade, tendo em vista a forma como Verdán Coruscate havia tentado assassinar a própria filha no inverno passado, Dilys não ficaria surpreso em descobrir que a crueldade do finado rei se estendia outras filhas que

não a caçula. Ainda assim, Dilys estava quase seguro de que tais maus-tratos nunca aconteceram. Em primeiro lugar, porque se alguém ousasse machucar a mais delicada e amada das Estações, toda Veralea tomaria armas. Em segundo lugar, porque, na noite anterior, Verão não evitou outros homens, somente Dilys. Não evitou nem mesmo o Ari, que era praticamente seu irmão gêmeo.

Ainda assim, ela agiu como se Dilys fosse um lobo e ela um cordeiro indefeso pronto para ser devorado, caso se afastasse da segurança do rebanho. Ele não conseguia entender. Ele era um homem grande e destemido, como qualquer outro filho do mar, mas nunca machucara uma mulher. Especialmente uma mulher que veio cortejar.

Especialmente ela...

O simples pensamento de que ela o pudesse considerar capaz de tal ato fez as garras de batalha de Dilys saltarem e as presas descerem, como se ele se preparasse para despedaçar os demônios que haviam inspirado tais medos em Verão. Ele rosnou, liberando uma corrente de bolhas que flutuou até a superfície. Em seguida, sentou-se tão abruptamente que a água transbordou para fora da banheira.

— Você está sendo um idiota — murmurou para si mesmo. — Que te importa se ela gosta ou não de você? Ou se ela tem medo? Você não veio até aqui por ela. Ela não é nada para você. *Nada*.

Que homem que, diante da possibilidade de cortejar duas atraentes e adoráveis mulheres abertas a suas aproximações, passaria raiva se enredando com uma terceira que claramente não o queria?

Só um tolo narcisista.

Dilys não era nem um tolo, nem um narcisista.

Seja lá o que fosse essa obsessão maluca por Verão Coruscate, tinha que acabar imediatamente. Ele estava ali para se casar com Primavera ou Outono, e era isso que ia fazer. De que importava que, apesar da beleza deslumbrante de Outono e de toda a inteligência e elegância real de Primavera, nada dentro dele gritasse “É ela!”? Ele era um calbernano. Independentemente da mulher com a qual se casasse, uma vez casado, ela se tornaria o centro da vida dele e ele se dedicaria pelo resto de seus dias à felicidade dela.

E quanto àquela fixação inexplicável por Verão Coruscate?
Dilys pegou a esponja marinha e o sabonete.
É melhor esquecer.

Trinta minutos depois, vestindo uma brilhante *shuma* azul e branca atada por um cinto com ondas espumantes incrustadas em safiras e diamantes, Dilys deixou seus pensamentos inquietantes sobre Verão Coruscate para trás e se concentrou na tarefa a ser realizada. Ele havia ido até lá para reivindicar uma esposa valorosa e *forte*, para fortalecer os laços entre a Calberna e a Cordilheira Invernal, e para forjar alianças comerciais em benefício dos dois países.

Era hora de tratar disso.

Dilys já havia concluído que o caminho mais rápido para o coração de Primavera era por meio de seu amor pela horticultura e interesses intelectuais. Como a agricultura era uma das principais atividades da Casa Merimydon — a navegação sendo a outra —, havia muito espaço para os dois encontrarem um terreno comum, estabelecerem uma relação amigável e construírem uma base sólida de respeito mútuo.

Quanto a Outono, ele continuaria a diverti-la com risadas e um pouco de aventura. Como é natural para uma mulher que passou a vida inteira sendo cortejada por homens, ela não era particularmente transparente sobre seus interesses, mas que passarinho trancado numa gaiola não gostaria de voar livremente? Dilys achou que ela poderia gostar de velejar e fazer trilhas, atividades que a afastariam da corte onde sempre estava sendo observada, seguida e cortejada por pretendentes cheios de esperança.

Ele tampouco ficou alheio aos olhares de admiração que ambas as princesas tinham lançado a ele e seus homens. Foi por isso que escolheu a *shuma* azul e branca. E também foi por isso que decidiu trocar as tornozeleiras com sinos e os braceletes por peças de platina frisada com o mesmo relevo de ondas do cinto. O metal branco, os diamantes brilhantes e o tecido de brancura pura contrastavam drasticamente com sua pele bronze escuro e com suas longas madeixas de preto obsidiano que lhe caíam livre e displicentemente sobre os ombros e costas.

Seu aspecto transmitia exatamente aquilo que ele era: um rico e valoroso lorde dos mares da Calberna — forte, poderoso e de passado guerreiro. Confiante em tudo e agradável aos olhos. Um homem que mesmo uma princesa rica, bonita e com dons mágicos ficaria contente em chamar de seu.

Com um aceno de mão, Dilyls removeu os véus de água das portas e janelas, e deixou o quarto.

Ele encontrou Ari e Ryll também saindo de seus quartos, ambos de banho tomado, atentos e sorridentes.

— Vocês acham que eles vão servir comida? — perguntou Ari. O ronco do estômago dele fez os três darem risada. Os três haviam se alimentado fartamente durante a festa de recepção, mas o metabolismo dos calbernanos queimava comida tão rápido quanto substâncias tóxicas.

— Se não estiverem, o fiorde está a um mergulho de distância — respondeu Ryll.

Um mergulho no fiorde e uma caçada rápida e bem molhada no café da manhã pareciam ideias mais do que excelentes, viscerais, mas Dilyls negou com a cabeça:

— Por enquanto, nós vamos comer como *oulani*.

Ryll suspirou.

— Espero que eles pelo menos tenham salmão. Eu gosto de salmão.

Eles viraram o corredor e Ari quase atropelou uma jovem criada que corria pelo corredor com os braços cheios de tecidos. A criada arfou de surpresa. Os tecidos caíram no chão. Em vez de correr para pegá-los, a criada ficou parada encarando Ari.

Ele sorriu com os dentes brancos e brilhantes, o que só pareceu confundir ainda mais a moça.

— Pronto, deixe-me ajudar você com isso, *kali mana* — disse ele. A garota permaneceu imóvel enquanto Ari recolheu os tecidos caídos e os empilhou cuidadosamente de volta nos braços dela. Com sorriso ainda mais caloroso, ele manteve o olhar dela cativo. — Estamos caçando algo para comer. — A voz rouca e o olhar de apreço dele deram a impressão de que ele não se importaria em jantá-la, o que, de certa maneira, seria mais do que satisfatório para

ambos. — Você poderia nos indicar o salão de café da manhã mais próximo?

A garganta da moça tentou funcionar, mas não conseguiu emitir nenhum som. Ela engoliu seco, equilibrou os tecidos em um dos braços e, com o dedo trêmulo, apontou para um dos corredores próximos.

— *Moa nana, kali mana.* — *Muito obrigado, tesourinho.* Com um último sorriso prolongado, Ari se virou e avançou na direção que a criada havia indicado.

Balançando a cabeça, Dilys e Ryll o seguiram.

— Você não devia fazer isso — murmurou Ryll.

— O quê?

— Você sabe o quê. A pobre garota provavelmente não vai conseguir fazer um pingaço do trabalho que tem para hoje.

Ari sorriu e olhou para trás por cima do ombro. A jovem criada estava de pé no exato lugar em que eles a haviam deixado, observando-os com os tecidos precariamente equilibrados nos braços moles.

— Eu só ofereci algo para alegrar o dia dela.

Dilys revirou os olhos.

— O Ryll tem razão. Use seus charmes com sua futura *liana*. — Ari não usou a *susirena* para impressionar a criada, ainda que todos os *imlani*, inclusive os homens, possuíssem o dom em algum grau. Nenhum guerreiro de verdade das Ilhas pensaria em usar magia para fazer uma mulher desejá-lo. Aprender a cortejar e conquistar uma mulher era parte do treinamento rigoroso deles tanto quando saber lutar e velejar. Um homem calbernano é capaz de seduzir com sua voz, seu toque, seu olhar e até com os mínimos movimentos de seu corpo. E tinha sido *isso* que Ari havia acabado de fazer.

— Vocês só estão com ciúmes porque as *myerinas* gostam mais de mim do que de vocês. Ari ergueu uma sobrancelha. — Inclusive aquela beldade graciosa de olhos azuis e linda como o verão.

Dilys ignorou a contração rápida e violenta nas entranhas, e deu risada:

— Se você está falando da princesa Verão, eu não diria que arrancar dela meia dúzia de palavras agradáveis seja um sinal de afeto.

— Em todo caso, foram doze palavras a mais do que ela deu para você.

— Ela é tímida.

— Ela não parecia tímida conversando com todo mundo ontem à noite. Na verdade, me pareceu que ela estava fazendo questão de passar em todas as mesas menos a nossa, e de conversar com todos os calbernanos menos você. Pois ela conversou comigo. E ela também conversou com você, não é, Ryll? — Ele não esperou que Ryll respondesse. — Sim, não é? Sim, ela conversou. E deve ter gostado do que ouviu, pois voltou outra vez para conversar por bastante tempo, não foi? Era você que estava cheio de papo com ela por uma meia hora hoje de manhã no terraço, não?

Ryll fez uma cara:

— Me deixe fora disso, Arilon Calmyria.

Dilys franziu para o primo.

— Você conversou com a *Myerialanna* Verão por meia hora hoje de manhã? Sobre o quê? — Ele foi tomado de suspeitas. — Você não está atrás dela, está?

Nitidamente afrontado, Ryll se endireitou:

— Não estou, não — respondeu de maneira áspera, com palavras duras como pedra. — As três Estações são proibidas. Todos nós sabemos disso.

— Mas você conversou com ela por meia hora.

— Eu cruzei com ela de manhã depois de nadar. Ela queria conversar. O que eu podia fazer?

— Ela queria conversar sobre o quê?

— Espera — interrompeu Ari. — Você foi nadar hoje de manhã?

— Ele olhou para o primo. — Você foi caçar, isso sim! Você já comeu!

Pego no flagra, Ryll se remexeu.

— Só comi um salmão ou outro. Ninguém viu.

— E você não me convidou? Seu egoísta...

Dilys cortou a fanfarronice de Ari.

— Você disse que a *Myerialanna* Verão queria conversar. Sobre o que era?

— Na maior parte do tempo, sobre o Falcão, o irmão dela.

— Ah. — Dilys se recompôs um pouco. Uma irmã perguntando sobre o irmão não era preocupante. Mas e... — E na menor parte?

A expressão do primo ficou confusa.

— O quê?

— Você disse que ela queria conversar sobre o Falcão na maior parte do tempo. E na menor parte? Sobre o que mais ela conversou?

— Ah, hum... — Ryll começou a parecer nitidamente desconfortável.

— Ryllian...

— Ela estava sendo educada, só isso. São os costumes *oulani*.

— Qual é o costume *oulani*?

— Perguntar sobre os interesses dos visitantes, sobre a cultura e experiências deles.

— E sobre a *ulumi* dele — interrompeu Ari, com um sorriso afetado e um ar triunfante de retribuição, dando tanto o troco pelo fato de o primo ter ido caçar no fiorde sem ele, quanto uma cutucada em Dilys.

— Ela perguntou sobre a sua *ulumi*? — Dilys aumentou o tom de voz. Apesar de ter decidido tirar Verão Coruscate de sua cabeça pouco antes, as garras de batalha de Dilys saíram numa resposta instintiva de territorialismo.

Ulumi eram as tatuagens furta-cor que cobriam os corpos de todos os homens calbernanos adultos com experiência militar. Na Calberna, quando uma *myerina* pedia a um homem que contasse a história das incursões vitoriosas marcadas a tinta em seu corpo, era um sinal de interesse íntimo. Eles, é claro, sabiam que semelhante demonstração de curiosidade da parte de uma *oulani* não queria dizer necessariamente a mesma coisa. Mesmo assim, quando uma mulher solteira perguntava sobre as tatuagens de um calbernano, inevitavelmente começavam as especulações, piscadinhas maliciosas e apostas descaradas e descontroladas.

Vendo as garras de Dilys, Ryll recuou e ergueu as mãos desarmadas:

— Não foi nesse sentido.

— E em que sentido foi?

— Ela não perguntou sobre as minhas *ulumí* em particular. Ela perguntou sobre o sentido delas em geral.

— E qual foi sua resposta?

— Eu disse a ela que as *ulumí* eram registros pessoais das vitórias em batalha de cada calbernano e que, se ela quisesse detalhes mais específicos, deveria perguntar a você.

Dilys encarou o primo duramente.

— Ela não veio me perguntar.

Ryll não se intimidou.

— Você ainda estava em seu quarto. Uma princesa da família real dificilmente bateria na porta do quarto de um pretendente.

— Sabe, Dilys — disse Ari, pausadamente, com os olhos cheios de malícia —, para um homem que passou mais de uma noite da viagem da Calberna até aqui explicando como a princesa Verão não seria um bom partido para você, você me parece bastante chateado com a possibilidade de ela estar mais interessada no Ryll do que em você. — Ele apontou para as mãos de Dilys com o olhar e ergueu as sobrancelhas.

Dilys fez uma careta.

— Só fiquei surpreso com ela ter gostado tanto do Ryll.

— Valeu aí — disse Ryll, em tom seco.

Dilys fez uma careta.

— Não nesse sentido. Qualquer mulher teria sorte em ser sua *liana* — Ele estava sendo ridículo. Orgulho ferido à parte, o medo evidente que Verão sentia de Dilys e a preferência dela por seu primo deviam ser muito convenientes para ele.

São, sim, muito convenientes, Dilys se corrigiu, firmemente. Na verdade, se Ryll tivesse a oportunidade de conquistar a princesa Verão, Dilys não atrapalharia.

Dilys respirou fundo e se forçou a tomar uma atitude generosa.

— Isso aqui — disse ele, mostrando as garras —, isso aqui é instinto, não uma reivindicação de esposa. — Para provar, ele forçou as garras a se recolherem. Custou um esforço considerável, bem mais esforço do que deveria, mas as garras pretas voltaram lentamente às bainhas atrás das unhas. — Viu só? — Nenhum calbernano adulto entregava os pontos sem brigar. Especialmente quando o assunto eram potenciais *lianas*. Se Dilys fosse realmente

manter sua reivindicação, as garras não teriam recuado até que tivesse obtido a vitória. Que elas continuassem a lhe cutucar a ponta dos dedos, era algo que Dilys ia ignorar...

— O conselho da Rainha e eu concordamos que, das três irmãs, a princesa Verão era a que tinha menos chances de me servir como esposa. Ela é linda, claro, e parece ter uma índole doce e bondosa como mostraram todos os relatórios. Mas a *liana* com quem vou me casar terá fogo na alma, como a irmã Khamsin e as outras duas Estações. Ela será, se essa for a vontade dos mares e das estrelas, mãe de nossa próxima rainha.

— Sério mesmo que você não está interessado? — Ari o pressionou.

— Nem um pouco — mentiu Dilys. Ele estava bastante interessado. Que homem digno desse nome não estaria? Ele, no entanto, havia sido enviado até lá para escolher a princesa mais forte para tornar noiva. Verão Coruscate não cumpria esse requisito. Não foi por ela que Dilys foi até lá. *Ele não ia atrás dela.*

E ele ia manter as garras bem guardadas, independentemente de quanto a nítida brutal preferência de Verão por Ryll o incomodasse.

— Nesse caso, você não se incomodaria nem um pouco em saber que a *Myerialanna* Verão também perguntou ao Ryll o que queria dizer quando as *ulumis* de um calbernano ficavam azuis? — perguntou Ari.

E *plaff!* as garras saíram outra vez. Dilys cerrou os punhos para escondê-las. Ela perguntou ao *Ryll* sobre os rituais de acasalamento calbernanos? Dilys se estremeceu todo enquanto relances confusos de seus sonhos lhe percorreram a mente. *O azul fosforescente de ulumi brilhantes. Olhos dourados queimando na escuridão das águas envoltas pela noite. O formigamento ardente de cada nervo de seu corpo. E uma Voz cantando em tom doce, chamando-o...*

A visão se dissipou quando Ryll empurrou Ari com força, fazendo-o esbarrar em Dilys.

— Que as tempestades te afundem, Calmyria! Pare de fazer parecer que estou atrás das princesas dele! — Virando-se para Dilys, Ryll ergueu as mãos em um gesto de súplica. — Não foi nada a ver com o que ele está falando, Dilys. Nossos caminhos se cruzaram por acidente. Ela disse que andou lendo coisas sobre os

calbernanos para poder ensinar às crianças do vilarejo antes de nossa chegada. Ela dá aula na nova escola pública que a rainha abriu na cidade. Por acaso, ela disse que esbarrou com uma citação sobre as *ulumis* brilhantes e ficou pensando no que aquilo poderia significar. E eu disse a ela que, se estava curiosa, *deveria perguntar a você*. — Ele pronunciou essas últimas palavras entre os dentes semicerrados, encarando Ari enquanto o fazia.

Ari, o malicioso contumaz, apenas sorriu e disse:

— Mas, ainda assim, ela escolheu perguntar para você, não ao Dilys. — Ele deu risada e se esquivou do soco que Ryll deu em sua direção. — Só estou falando!

Normalmente, Dilys acharia graça nas palhaçadas de Ari: se desviaria dos golpes com um sorriso no rosto. Era comum haver provocações e competitividade bem-humorada entre os homens nos primeiros estágios dos galanteios calbernanos, quando queriam chamar a atenção de uma mulher — especialmente se a mulher ainda não tinha declarado sua preferência. As coisas não ficavam sérias até as *ulumis* de um calbernano brilharem, o que significava que a *liakapua* — o ritual de acasalamento — havia começado de verdade. Uma vez começado, nem mesmo Ari ousaria provocar Dilys da forma como estava fazendo. Pois para um homem calbernano em *liakapua*, mesmo a mais leve das provocações poderia ser interpretada como um desafio, e, com bastante frequência, os desafios àquela altura do ritual despertavam batalhas brutais por dominância. Considerando que os homens calbernanos estavam munidos de garras e presas de batalha afiadas como navalhas, tais disputas acabavam em ferimentos sérios e mortes.

Mas as *ulumis* de Dilys não tinham ficado azul brilhante. Ele não estava em *liakapua*.

Motivo para não fazer sentido que Dilys quisesse tanto pular na garganta de Ryll.

— Já basta, Ari — disse Dilys, pouco depois, depois de reprimir o impulso selvagem de causar danos físicos a Ryll. — Você já se divertiu o bastante, agora deixe o coitado do Ryll em paz. E, para responder sua pergunta, não, não estou nem um pouco incomodado pelo fato de a *Myerialanna* Verão estar mais à vontade com o Ryll do que comigo, nem que ela o tenha escolhido para perguntar sobre

nossas *ulumi*. Você sabe por que estou aqui. Você sabe que procuro numa esposa. E você sabe que Verão não tem isso. Digamos assim — resumiu Dilys, decidido a colocar um fim nas provocações de Ari —, a princesa Verão é como uma xícara aconchegante de chá com leite, mas eu estou sedento por uma aguardente veraleana bem forte. Por pura hospitalidade, vou cortejá-la nas duas primeiras semanas, da mesma forma que as irmãs, mas, depois disso, se o Ryll a quiser, ele estará livre para ir atrás.

Eles viraram o corredor e quase esbarraram com duas das Estações: Primavera, majestosa em um vestido azul gelo, e Verão, delicadamente feminina em um vestido rosa suave e profundo.

Uma preocupação momentânea pairou sobre a mente de Dilys. As duas princesas devem ter ouvido o que ele tinha acabado de dizer. A salvação dele foi que ele e os primos estavam conversando na Língua do Mar, a linguagem da Calberna, e não em Eru, a língua comum. Dilys torceu para que as princesas de Veralea não o tivessem entendido.

Primavera sorriu com graça majestosa. Nada em sua expressão indicava ter compreendido a rejeição de sua irmã como “chá com leite”, nem a forma excessivamente casual como a ofereceu aos cortejos do irmão. — Lorde dos mares Merimydion. Lorde dos mares Calmyria. Lorde dos mares Ocea. Bom dia.

— Bom dia, lordes dos mares — Verão ofereceu sorrisos tímidos a Ryll e Ari, e um mais forçado a Dilys. O olhar dela pairou pouco acima do queixo dele e rapidamente se afastou. Suas bochechas coraram de um rosa escuro. E apesar de ele ter decidido não a cortejar, aquele tom rosado despertou nele todos os instintos masculinos de proteção e cobiça que possuía.

Como as garras de batalha de Dilys ameaçaram sair de novo, ele forçou o olhar a permanecer em Primavera. A bela, alta e desenvolta Primavera, que mesmo depois de uma noite de festa e de tão poucas e preciosas horas de sono, tinha o porte de uma rainha. Ele conseguia facilmente imaginá-la sentada no conselho da Rainha da filha deles, dando conselhos e orientando-a com força e sabedoria.

— Vocês três se levantaram cedo — continuou Primavera. — Isso é bastante raro para os povos desacostumados às festas da

Cordilheira Invernal. Nós não esperávamos vê-los até ao menos à tarde.

— Os calbernanos precisam de muito pouco sono — informou-a Ryll.

O estômago de Ari roncou.

— O que nós precisamos, no entanto, é de bastante comida. — Ele proferiu essas palavras com um olhar tão cheio de súplica, que fez a tímida Verão dar risada.

O som do riso dela era leve e musical, como o ressoar da brisa oceânica no lado de fora do quarto de Dilys na Calberna. O couro cabeludo de Dilys vibrou e suas mechas de cabelo se enrolaram ao som da risada de Verão Coruscate.

— Nós estávamos descendo agora mesmo para o café da manhã — ela respondeu a Ari, sorrindo. — Será um prazer lhes mostrar o caminho.

Ryll e Ari aceitaram o convite na hora, tomando posição ao lado dela tão prontamente que, rindo de novo, Verão enlaçou os braços nos deles e seguiram todos o rumo das escadas. Percebendo o olhar calmo e atento de Primavera, Dilys desfez as rugas da testa, compôs seu sorriso mais charmoso e ofereceu o braço para guiar a mulher que poderá muito bem ser a futura mãe de seus filhos.

Os cinco desceram as escadas até o salão de banquetes, que não ficava muito distante do terraço com jardim usado no baile da noite anterior. O salão de banquetes, grande e bem decorado, já estava preparado com três mesas compridas cheias de comida, incluindo frios e carnes marinadas, vegetais, salmão defumado e uma gama variada de alimentos servidos em travessas de prata. Dezenas de mesas estavam dispostas ao redor do salão de modo que os visitantes de Konumarr pudessem comer e conversar em grupos menores.

— Por favor, sirvam-se no bufê. — Primavera acenou na direção das mesas repletas de comidas, enquanto Verão foi conversar com um dos criados que estava servindo os convidados do café da manhã.

— Peço desculpas, lorde dos mares — disse Primavera, chamando novamente a atenção dele. — Verão, Outono e eu não vamos nos juntar aos senhores esta manhã. Imaginamos que os

senhores iam continuar na cama, por isso marcamos outro compromisso no café da manhã.

— A falta de vocês será sentida, *Myerialanna* Primavera — respondeu ele com sinceridade. — Apreciei bastante sua companhia nas festividades de ontem à noite. Espero que possamos nos ver ao longo do dia.

— Tenho certeza de que vamos. Ah, aqui está uma água para você. — O criado com quem Verão havia falado pouco antes se aproximou da mesa trazendo uma bandeja com copos cheios. — Levemente salgada, como vocês gostam de tomar a primeira bebida pela manhã.

Dilys sorriu.

— Você estudou nossos costumes.

— Eu e minhas irmãs estudamos. Achamos que seria prudente.

O criado colocou o primeiro copo diante de Ari, que tomou um gole para experimentar, acenou em aprovação e em seguida sorveu o restante. Ryll fez o mesmo.

— Aproveitem o café da manhã, lordes dos mares — murmurou Primavera, sorrindo, enquanto Dilys envolvia o pequeno copo com os dedos e bebia o líquido.

Ele arregalou os olhos. A água salgada dele não era água.

Com os olhos lacrimejantes, Dilys se engasgou e tossiu enquanto a dose de aguardente veraleana pura e cristalina, que tinha acabado de beber, lhe descia pela garganta.

— Ah, meu caro — disse Primavera, com uma expressão bastante convincente de surpresa. Em seguida, porém, não conseguindo mais segurar o sorriso doce, ela disse: — Não agradou ao seu paladar, lorde dos mares Merimydion? Espere um instante. Vou pedir algo para suavizar. Um instante depois, o criado voltou com o serviço de chá. Primavera serviu metade de uma taça com chá e, em seguida, despejou uma porção generosa de leite e entregou a mistura para Dilys. Com um sotaque perfeito de Língua do Mar, ela disse: — Aqui está. Chá com leite. Pode beber. Tenho certeza de que o senhor irá se sentir bem melhor. Agora, peço desculpas, estou atrasada. Por favor, lordes dos mares, aproveitem o café da manhã dos senhores. Nosso salmão é excelente. Eu lhes recomendo, porém, o peixe-cão. Ou quem sabe o rabo de porco

assado lhes vá cair melhor. — Ela lançou um último sorriso meloso e partiu, desaparecendo com Verão pela porta na outra extremidade do salão.

Dilys, com uma última tosse para limpar a garganta e a traqueia que ardiam, se recostou à cadeira e resmungou com uma risada de admiração.

— É disso que eu estava falando, meus amigos! Pelos deuses, que mulher!

— Que babaca arrogante e insuportável. — Verão fez uma careta enquanto caminhava pelo piso de madeira do salão de baile vazio, contíguo ao salão de banquetes. — Que coragem a dele, me empurrando para o primo como se eu fosse algum tipo de... de... de prêmio de consolação a ser repassado aos amigos!

— Tente se acalmar, querida. — Primavera passou o braço sobre os ombros de Verão. — De qualquer forma, eu nem achei que você gostasse dele. Afinal de contas, você passou a noite passada inteira o evitando.

Verão corou. Não era sua intenção deixar tão óbvio que o estava evitando na cerimônia de boas-vindas, mas, depois da forma chocante como respondeu a um simples olhar dele, ela ficou apavorada. E, levando em conta o que aconteceu depois no fiorde, Verão tinha razão em fazê-lo.

— Eu não gosto dele — mentiu Verão, em tom perfeitamente creditável. — Ou melhor, eu não gosto dele para mim. Você ou Outono seriam, sem dúvidas, um par muito melhor para ele.

— Nesse caso, você devia considerar a falta de interesse dele como algo bom. — Primavera colocou o dedo debaixo o queixo de Verão, ergueu o rosto da irmã e a observou profundamente com os olhos verdes. — Isso é algo bom, não é, Gabriella?

— É claro que é! É só que... ah! — Ela pressionou as mãos contra as bochechas quentes. — Acho que sou mais orgulhosa do que pensava. Nenhum homem nunca deixou tão na cara que me achava insuficiente. — Apesar de tê-lo Persuadido a esquecê-la, a acreditar que ela não era a mulher perfeita para ele, ela não o havia Persuadido a compará-la a algo tão medíocre como chá com leite! Por mais que soubesse que aquilo era ridículo, mesmo assim

machucava! Ainda mais depois de ter dormido tão pouco, atormentada que foi por sonhos perturbadores de Dilys Merimydon flutuando no mar escuro com o corpo iluminado pelas tatuagens azul fosforescente, os brilhantes olhos dourados e as mãos estendidas... para ela. Enquanto isso, uma voz cantava uma canção sem letra tão nostálgica, que Verão acordou com o travesseiro molhado de lágrimas, punhos cerrados e um vazio doloroso no peito.

— Temo que a rejeição de meus charmes por Dilys Merimydon fez um estrago nada atraente em minha vaidade — confessou ela.

— Ele é um porco idiota — disse Viviana, em tom bravo, posicionando-se firmemente na defesa de Verão. — Quisera eu ter trocado a água salgada dele por aguardente veraleana. Foi você que serviu, não é?

Verão mordiscou o lábio e confirmou com a cabeça.

— Ah! Eu sabia! Logo que percebi o que você tinha feito, servi uma xícara de chá com leite para ele!

Verão ficou boquiaberta.

— Ah, e agora eles sabem que nós falamos a Língua do Mar... ou pelo menos que eu falo. Fiz questão de mudar de língua para recomendar que eles comessem peixe-cão ou rabo de porco no café da manhã.

Ela não conseguiu mais se conter e desatou a rir. Gabriella colocou a mão rapidamente sobre a boca para sufocar o riso e lançou um olhar nervoso na direção da porta do salão, que estava fechada. Ao longo dos anos, ela conheceu uma boa quantidade de príncipes cheios de si que não aceitaram tranquilamente serem motivo de risos, especialmente depois de terem lhes pregado uma peça.

— Você não fez isso!

— Fiz, é verdade. É o mínimo que eles mereciam. — Verão entrelaçou o braço ao de Verão. — Vem, irmãzinha. Vamos comer nosso café da manhã.

— Pode ir na frente — disse Gabriella. — Eu preciso fazer uma coisinha. Acho que uma das minhas ligas está soltando.

— Está bem, mas não demore muito. — Primavera deu um beijo na bochecha de Gabriella e partiu em direção ao terraço, onde o

resto da família a esperava.

Tão logo Primavera saiu de vista, Verão deu meia-volta e foi em direção ao lavabo mais próximo o mais rápido que podia sem chamar a atenção. Ela não passou por ninguém no caminho, o que era bom. A sustentação de sua máscara costumeira estava um pouco frágil, para falar o mínimo.

Assim que ficou sozinha e trancou atrás de si a porta do quarto bem equipado, mesmo essa máscara frágil caiu. Ela se recostou contra a parede e levou as mãos ao rosto.

— Helos do céu, Gabriella! Qual é o seu problema? Você trocou a água dele por aguardente! Você quer revelar a Persuasão que lançou nele de propósito?

Se Primavera não tivesse se dado conta do que Verão havia feito e agido tão rápido, as suspeitas de Dilys Merimydion o teriam levado a Verão, pois foi ela quem trocou palavras em privado com o criado que levou a “água” à mesa dos calbernanos. Se isso tivesse ocorrido — se Dilys tivesse visto a tímida Verão agindo de forma tão pouco condizente com a imagem recatada e “chá com leite” que havia fixado —, a surpresa poderia ter lhe afrouxado as amarras da memória.

E como, pelo visto, os calbernanos haviam percebido a Persuasão forte que ela usara com Dilys na noite passada — pequena revelação que Ryllian Ocea deixou escapar pela manhã, quando os dois se encontraram nos jardins —, não haveria como reavivar tais memórias sem chamar a atenção de todos os calbernanos em Konumarr.

Saber que os calbernanos haviam detectado a forte Persuasão que Verão lançara sobre Dilys era, no mínimo, perturbador. Por sorte, eles pareciam tão alheios quanto qualquer pessoa a Persuasões básicas. Ryllian com certeza não se deu conta dos sussurros relaxantes de “você pode me contar tudo, seus segredos estão a salvo comigo” que Verão havia usado naquela manhã, enquanto tentava arrancar informações dele. E ainda que ele tivesse conseguido resistir sem problemas às perguntas sobre as tatuagens azuis, Ryllian não era imune aos dons de Verão. Foi assim que lhe contou sobre a forte Persuasão que todos detectaram na noite anterior.

De qualquer maneira, pensando retrospectivamente, perguntar ao primo de Dilys sobre as tatuagens azuis foi uma idiotice e tanto. Se ele contasse sobre a curiosidade dela a Dilys, isso poderia enfraquecer as Persuasões, revelando a encenação de Verão. Ela só arriscou a conversa porque, durante as longas e agitadas horas de insônia da noite anterior, ela chegou à conclusão brilhantemente surpreendente de que Dilys Merimydion deve ter usado nela algum tipo de magia secreta de Calberna, para fazê-la desejá-lo tanto.

Ela se dava conta agora de como tais suspeitas eram ridículas. A colocação de Dilys sobre o “chá com leite” deixou humilhantemente claro que, com exceção da força bizarra que atravessou os dois e turvou a mente dele na noite anterior, ele não estava nem de longe interessado nela! Ele a ofereceu aos primos, Halla do céu!

Algum tempo depois, um barulho de crepitação a arrancou desses pensamentos inquietos. A água de cheiro deixada para os convidados lavarem as mãos havia evaporado por completo. As pétalas de rosa que flutuavam pela superfície da água eram agora pedacinhos torrados de carvão no fundo de uma bacia vazia. O ar do recinto estava quente e seco. Mais alguns minutos, e a sala estaria em chamas.

Apavorada, Verão reprimiu seus poderes mágicos.

Por pouco ela não perdeu o controle, algo que não acontecia há quase vinte anos. E levando em conta as camadas e mais camadas de feitiços recobridores e controles que passou a vida inteira construindo e aperfeiçoando para manter sua magia reprimida, não seria um comentário mal-educado de Dilys para os primos — não importa quão doloroso fosse — que passaria tão fácil por suas defesas.

O fato de que tal comentário ter importância era horrível para Verão.

Era algo que não tinha nada a ver com Dilys Merimydion. Era algo que explicava todas as emoções espinhosas que Verão vinha experimentando desde sua ida a Konumarr. O desejo voraz de um filho só seu. Os rompantes de Persuasão que não queria usar. A forma louca e impulsiva como respondeu a Dilys Merimydion. E, é claro, a fúria incomum que a tomou depois que Dilys rejeitou seus encantos.

Gabriella se agarrou ao balcão e encarou o próprio reflexo no espelho sobre a bacia agora vazia.

Pelos deuses. Tinha começado.

Ela estava enlouquecendo que nem o pai.

Capítulo 6

Gabriella precisou de 15 minutos de meditação com os amuletos em joia do bracelete da mãe dela até se sentir satisfeita com seu controle sobre as magias mais perigosas. Depois de mais uns cinco minutos se certificando de que a costumeira máscara tranquila havia voltado firme ao lugar, ela deixou o lavabo e atravessou o jardim privado na lateral do palácio onde Khamsin, Wynter, Primavera e Outono já estavam sentados. De volta a Gildenheim, Valik, braço direito de Wynter, e Krysti, jovem guarda de Khamsin, sempre se juntavam à família para o café da manhã, mas os dois não foram a Konumarr. Valik ficou para supervisionar a reconstrução dos exércitos da Cordilheira Invernal depois da batalha com o rei de Gelo no inverno passado, e Krysti foi junto para servir como pajem de Valik e iniciar seu treinamento como cavaleiro.

— Ah, aí está você, querida — disse Primavera, enquanto Verão se sentava. — Eu estava aqui explicando que nós nos atrasamos hoje de manhã por causa de nossa participação em... hum... relações internacionais. — Ela sorriu, serviu uma xícara de chá de jasmim do bule e entregou-a a Gabriella.

— Os calbernanos acordaram, é? — Khamsin levou a xícara aos lábios e, sobre a borda, olhou para Primavera e Verão.

— É mesmo surpreendente — disse Primavera. — E com o aspecto em nada pior, apesar da falta de sono e da quantidade de álcool que ingeriram na bebedeira de ontem. Ouvi dizer que o líder deles, o lorde dos mares Merimydion tem bastante gosto pela aguardente veraleana. — Ela lançou um olhar sorridente na direção de Verão. Gabriella levantou a xícara rapidamente na intenção de dissimular o sorriso.

Wynter estreitou os olhos para as cunhadas.

— Hum — disse ele.

— Então — interveio Khamsin —, agora que vocês passaram algum tempo com os calbernanos, o que vocês acham deles?

— Bem, não sei quanto à Primavera e a Verão, mas, até o momento, não estou decepcionada — disse Outono, ao que começou a narrar uma série de anedotas engraçadas de suas aventuras na festa de boas-vindas da noite anterior.

Gabriella deixou a conversa ao redor fluir enquanto avaliava a própria situação. Agora que sabia que estava enlouquecendo, ela precisava formular um plano. Ela não tinha como permanecer ali e pôr sua família em perigo. Livre, sua magia era perigosa demais. Ainda que as irmãs fossem bastante protetoras — e Wynter estava dando sinais de superar as três! —, ela não tinha como confessar a verdade a nenhuma delas. Elas insistiriam em tê-la por perto, tentariam corrigir os erros que ela cometeu. Verão não tinha como permitir que isso acontecesse.

Por sorte, a declaração de falta de interesse de Dilys Merimydion por ela lhe dava a desculpa perfeita para ficar nas sombras. Ela teria que esperar poucos dias até que a preferência dele por Primavera e Outono se tornasse evidente o bastante para passar despercebida. Depois, apenas algumas pestanejadas com os olhos mareados, um leve tremular de voz e um pequeno empurrãozinho de Persuasão convenceriam seu novo cunhado a aproveitar a oportunidade de ajudar Gabriella a marcar distância entre ela e o último pretendente a rejeitá-la. Quanto à questão de para onde ela iria, bem, ela estava querendo viajar para as montanhas Skoerr, ao norte, para ver o lugar onde o sol nunca se punha. Uma vez lá, ela poderia Persuadir um dos guardas enviados por Wynter a levá-la a outro lugar — algum lugar longínquo, onde sua família nunca pudesse encontrá-la ou ninguém que ela pudesse machucar.

— Gabriella, oiii?

Verão pestanejou. Outono estava passando a mão diante do rosto de Verão.

— Ah, perdão. — Gabriella corou. — Eu estava perdida em pensamentos.

— Isso é nítido. — As sobrancelhas castanho-avermelhadas de Outono se ergueram e sua boca se curvou em um sorriso de troça.

— Esses calbernanos realmente acabam com a concentração de uma mulher.

Recusando-se a morder a isca, Verão sorriu tranquilamente.

— É mesmo? Não percebi.

— Ah! Mentirosa!

— Eu confesso que, se eu não fosse casada — disse Khamsin, eu consideraria um noivo calbernano. Dilya Merimydion e os companheiros dele são bastante agradáveis aos olhos.

Franzindo a testa, Wynter ficou duro ao lado da esposa.

— Eu estou aqui do seu lado, esposa — resmungou ele.

Ela sorriu e lhe deu um tapinha na mão.

— Eu sei, marido, e você é tudo o que eu poderia querer ou precisar. — Conforme ele ia amolecendo, ela acrescentou: — Mas ainda assim eu posso aproveitar a vista.

Ele fez uma carranca que, logo em seguida, se transformou em sorriso.

— Ah, você está dizendo que eu posso aproveitar a vista também, é?

Agora foi Tempestade quem fez cara feia.

— Eu não recomendaria isso.

Wynter deu uma risada alta, profunda e sonora e, com uma velocidade surpreendente, ergueu Tempestade no colo, tirando-a da cadeira. Ela resmungou nos braços dele.

— Wynter! Você está louco? Me coloca de volta já!

— Acho que não. Pelo visto ainda não te dei um trato de verdade, pois você ainda precisa admirar a vista de outros homens. — Carregando facilmente a esposa, que se debatia, ele fez uma reverência para as Estações. — Senhoritas, tenham um bom café da manhã.

Aos risos, as três assistiram Wynter Atrialan, o temível rei de Inverno, levar a irmã delas.

— Vocês alguma vez imaginaram que a gente veria algo do tipo?

— perguntou Outono quando Wynter parou para apreciar a esposa em admiração explícita. Depois, tendo a beijado profundamente, os dois desapareceram para dentro do palácio.

— Nunca — respondeu Primavera.

— Eu nunca sonhei que ele pudesse ser simpático — confessou Outono. — Quem dirá amável. Mas está na cara que ela o ama.

— Tão na cara quanto que ele a ama.

Outono suspirou, encarou a entrada agora vazia por onde desapareceram Wynter e Khamsin e, apoiando o queixo sobre a mão disse:

— Qual é a chance de nós termos a mesma sorte?

Primavera pegou a xícara.

— Quase zero, então não perca seu tempo sofrendo por isso.

Outono fez uma careta e se virou para olhar feio para a irmã.

— Você precisa ser sempre tão pessimista, Primavera?

— Ser realista não é a mesma coisa que ser pessimista.

— Que estranho pois, vindo de você, soa igualzinho. — Outono mostrou a língua e virou novamente a cabeça. — Sendo um pouco mais *otimista*, os calbernanos são famosos por despejar rios de dedicação sobre as esposas. Esse tipo de amor já está de bom tamanho para mim. Além disso, acho que tem coisas muito piores para ver ao acordar do que Dilys Merimydion. — Ela pegou um punhado de uvas do cesto de frutas e enfiou uma na boca.

Só de pensar em Outono acordando ao lado de Dilys, a rosa no pulso de Gabriella ficou quente. Para se distrair da ideia, ela pegou os talheres e começou a atacar a comida.

— Ainda que ele tenha uma beleza que qualquer mulher certamente gostaria — admitiu Primavera, em tom contrariado —, eu não gostei da forma como ele rejeitou Gabriella como pretendente hoje de manhã.

Outono franziu a testa e se inclinou para a frente de Gabriella em um gesto de proteção tão instintivo, que Verão duvidava que a irmã sequer se deu conta.

— Ele foi desagradável com a Verão?

Enquanto Primavera contava a Outono o que havia se passado no encontro com Dilys Merimydion naquela manhã, Gabriella limpou a comida do prato e pegou um bolinho de mirtilo do cesto no meio da mesa. Ela espalhou um bocado de coalhada no bolinho, acrescentou um pouco de geleia e deu uma mordida. Comer algo pecaminosamente gostoso era outro truque que havia aprendido para evitar que suas emoções subissem a níveis letais. Ela

degustou os sabores deliciosos do bolinho, da coalhada e da geleia, voltando a atenção para o prazer dos gostos, e não para a raiva tensa e ciumenta que fervilhava dentro dela.

— Deixe-me ver se entendi direito — disse Outono, depois que Primavera lhe pôs a par de tudo. — Vocês pregaram uma peça no príncipe real da Calberna trocando a água dele por uma dose de aguardente. Ele ficou tossindo e se engasgando na frente dos companheiros e do salão cheio de criados. Depois disso, a única resposta dele foi rir e aplaudir a ousadia de vocês... e você acham que isso é um defeito de caráter? Vocês não se lembram da reação daquele horrível príncipe Berong depois que eu coloquei uma dose de nada de pó de coceira na roupa dele que estava para lavar? Ele ficou roxo de raiva e saiu correndo pelo palácio ameaçando degolar as pessoas!

Spring franziu o cenho.

— Você perdeu a parte em que narrei a forma cavalheiresca como o lorde dos mares Merimydion rejeitou a Verão como esposa em potencial? Ele tomou essa decisão antes mesmo de conhecê-la!

— Ele veio com um plano pronto — corrigiu-a Outono. — E achei que isso fosse de seu interesse.

Primavera abriu a boca, mas em seguida a fechou, tomou um gole demorado de chá e, por fim, confessou:

— Está bem. Sim. Eu admiro que ele tenha feito a lição de casa e tenha vindo com um plano. Isso mostra um certo grau de preparação e minúcia que eu acho atraente. É uma qualidade que todo líder devia ter.

— Além disso, ele tem um senso de humor ótimo e a capacidade de rir de si mesmo, o que, para mim, o torna ainda mais atraente. Quanto a você... — Outono voltou o olhar de admiração para Verão. — Deixando de lado minha decepção por você ter pregado uma peça sem minha participação... — de todas as três Estações, nenhuma gostava mais de uma pegadinha do que Outono — ...tudo o que digo é: meus parabéns, irmã! Eu não fazia ideia de que Gabi, a boazinha, tinha esse tipo de malícia dentro de si.

Verão corou, dando outra mordida no bolinho, murmurou:

— Ele me deixou furiosa — disse, enquanto mastigava.

Outono deu alguns tapinhas de parabéns nas costas de Verão. Em seguida, sorriu e disse:

— Eu me sinto como uma mãezona orgulhosa vendo o filhotinho voando pela primeira vez. Todas as aulas de pegadinha que dei ao longo desses anos não foram à toa.

Primavera limpou a garganta e lançou um olhar repressivo para a mais nova das Estações.

— Voltando ao lorde dos mares Merimydion. Você pode até estar disposta a jogar sua cautela para os ares, mas eu não estou.

Após a crítica da irmã, o sorriso de Outono se transmutou em uma careta.

— Há uma diferença entre jogar a cautela para os ares e admitir que achei o cara uma pessoa agradável, sagaz e atraente... o que é verdade. Só estou dizendo que, ao longo desses anos, tivemos pretendentes bem mais desagradáveis atrás da gente. Sério, Primavera, por que você sempre tem que ver o que há de pior nas pessoas?

— Pois o que há de pior nas pessoas é o que elas tentam esconder com mais afinco e eu não gosto de ter surpresas desagradáveis. Eu prefiro saber a verdade completa, tanto o que há de ruim, quanto o que há de bom, antes de ligar o resto de minha vida a uma pessoa.

A irritação desapareceu do rosto de Outono. Ela pegou a xícara, bebeu um gole e concordou com a cabeça:

— Faz sentido. Você sempre foi a irmã capaz de tomar decisões usando o cérebro. A Gabi toma decisões usando o coração. — Ela lançou um sorriso carinhoso na direção de Verão. — Já eu, sempre confiei em meus instintos, e meus instintos estão dizendo que a gente poderia ter um fim muito pior do que se casar com um homem como Dilys Merimydion. Por isso, se nenhuma de vocês estiver interessada, ficarei mais do que contente de manter nosso pretendente entretido durante a estadia dele. — Ela alcançou um cacho de uvas frescas no cesto de frutas colocado no meio da mesa, colocou mais uma uva brilhosa na boca e sorriu enquanto mastigava.

Verão cerrou os dedos com força. Outono era uma criatura deslumbrante. E ele era tão bonito quanto ela. Fazia sentido que ela

quisesse conquistá-lo.

E isso era melhor para todos, insistiu a parte racional da mente de Verão.

Já a parte louca, voraz e perigosamente primitiva, no entanto, não estava dando ouvidos. O chá na xícara dela estava começando a ferver.

— Eu preciso ir — anunciou Gabriella. Enquanto se levantava, ela vestiu a máscara calma e agradável. — Tenho um monte de trabalho para fazer antes de a escola voltar na segunda. A Lily teve a brilhante ideia de fazer uma peça para estimular o interesse das crianças em história, mas temos que fazer todo um planejamento e preparação antes de começarmos. — Seu plano era fazer as crianças usarem suas habilidades em matemática e resolução de problemas para criar, comprar e costurar as fantasias, mas, antes, ela precisava fazer todos os cálculos para iniciar o projeto. Uma professora sempre precisa saber a resposta antes de fazer a pergunta.

— Posso ajudar você, se quiser — ofereceu-se Primavera —, dada a maneira como Outono se ofereceu para distrair os calbernanos.

— Bem distraídos. — Outono sorriu e abanou as sobrancelhas.

Verão sentiu um calor por debaixo da pele. Ela virou as costas para Outono rapidamente, antes que a tentação de transformar a irmã em uma pilha de cinzas ruiva ficasse difícil demais de conter.

— Não, está tudo bem, Vivi. Tenho certeza de que você tem outros planos para o dia.

— Na verdade, não tenho. Pelo menos não até o momento. Estou esperando um pacote da parte do tio Clarence, mas ele ainda não chegou. — O tio Clarence era o irmão da finada mãe delas e atual príncipe herdeiro da Enseada Marítima. Ainda que o avô materno delas, o já idoso rei Eustace, continuasse sendo o monarca em exercício, o tio Clarence havia assumido a maior parte das atividades cotidianas da governança do reino.

— Pacote? — Outono, que estava espalhando coalhada e geleia em dois bolinhos, parou o que estava fazendo para erguer o olhar. — Que tipo de pacote?

— Nada que seja do seu interesse. São uns livros.

— Por que o tio Clarence está mandando livros para cá?

Primavera encolheu os ombros.

— Porque eu pedi a ele, ué. — Ela sorriu para Verão e entrelaçou o braço ao dela. — Vamos?

— Espera lá. Por que você está saindo com tanta pressa? — Deixando de lado os bolinhos e estreitando os olhos, Outono se pôs de pé com as mãos nos quadris. — Que tipo de livros que o tio Clarence está mandando para você exatamente, Viviana?

Primavera ergueu os olhos aos céus em uma súplica silenciosa aos deuses do Halla. Em seguida, soltou um suspiro e soltou o braço de Verão para poder se virar.

— Muito bem, se você quer tanto saber, ele está me mandando cópias de tudo o que os arquivos reais da Enseada Marítima têm a respeito da Calberna e o povo de lá. Os enseadanos são marinheiros há milênios. Imaginei que se existe um povo capaz de ter informações úteis sobre os calbernanos, seriam eles. — A pequena economia da Enseada Marítima era quase que inteiramente ligada ao oceano, diferentemente de Veralea e da Cordilheira Invernal, cujas atividades primárias aconteciam em terra firme. — E antes que você venha me provocar dizendo de novo que estou ficando obsessiva, saiba que mandei o pedido semanas atrás. Ainda que, para ser bem honesta, eu o faria de novo. — Ela olhou para Verão como que em busca de apoio. — Sei que não tenho como provar, e que vocês duas me acham uma ridícula obsessiva, mas eu não consigo me livrar da sensação de que há algo que os calbernanos não estão nos contando. Estou decidida a descobrir o que é. E *antes* que uma de nós decida se casar com o príncipe deles.

Gabriella mordeu o lábio.

— Tá, o que vou falar é um pouco constrangedor. Mandei uma águia para o tio Clarence ontem, antes de os calbernanos chegarem, pedindo as mesmas informações. — Ela deu de ombros e, envergonhada, sorriu em resposta à surpresa de Primavera. — O fato de eu não estar preocupada como você não implica que eu não confie em meus instintos. Você estava tão segura de que algo nos calbernanos soava como... hum... *história de pescador*, que achei prudente ajudar nas investigações.

Outono desatou em riso. Seus risinhos baixos foram rapidamente ganhando volume e força, até o ponto de ela ter que se apoiar em uma das cadeiras e chorar de tanto gargalhar.

— Sério, Aleta — disse Primavera, carrancuda —, não tem graça.

— Ah, tem sim — disse a irmã, entre risos —, mas não pelo motivo que você acha. — Ela sugou ar o bastante para poder dizer: — Eu mandei uma águia para o tio Clarence hoje de manhã! Exatamente pelo mesmo motivo que a Gabi! — Ao que explodiu em gargalhadas hilária até o ponto de os joelhos cederem e Outono cair estatelada no chão do terraço. Os olhos dela se arregalaram de surpresa por um instante, mas a queda apenas a precipitou em um novo rompante de gargalhadas.

Gabriella e Primavera a encararam primeiro, em seguida trocaram olhares, e logo estavam rindo descontroladamente como Outono.

As três riram e riram sem parar. A risada fez por Gabriella o que nenhuma meditação teria sido capaz: apagou as centelhas da inveja raivosa que vinha alimentando em seu âmago e lavou seu mau-humor com uma enxurrada de alegria e amor fraterno.

O som das três princesas rindo com tanto gosto fez os criados que passavam por perto rirem e levou mais de um calbernano — Dilys entre eles — a correr do salão de banquete em direção ao hall em busca da fonte de um som tão delicioso.

Não existe nada como som de uma gargalhada alegre de mulher. A risada de uma criança tem sua magia especial: é cheia de inocência e juventude. Mas uma risada de mulher... o som da alegria de uma mulher aquece o coração de um lorde dos mares e o lhe acende uma centelha de energia rejuvenescedora. Era uma das doces recompensas que os homens calbernanos desfrutavam por garantir a felicidade de uma — ou de qualquer — mulher.

Por algum motivo, o som das risadas das Estações ressoou profundamente em Dilys, satisfazendo-o tão fortemente quanto um toque físico. Sorrindo, ele fechou os olhos e deixou o calor irradiante da alegria delas se despejar sobre si.

— Você acha que elas estão rindo da pegadinha da aguardente? — murmurou Ari, ao lado dele.

Ainda sorvendo o som mágico da alegria das Estações, Dilys deu de ombros.

— Não sei. Talvez. Espero que sim, pois terei sido eu a fonte de tanta alegria. — Outros homens talvez ficassem com o orgulho ferido de imaginar uma mulher rindo às custas deles, mas esse não era o caso dos calbernanos. Pelo menos não se a graça não fosse mal-intencionada, o que não era o caso. Dilys oscilou um pouco quando um novo rompante de risos mandou ainda mais energia às suas veias.

— Acho que isso vale um pouco de crédito aos Caça-esposas por terem escolhido minha *liana* — disse ele, quase inebriado pela energia vinda dos risos. — Se uma simples risada das Estações tem essa força, só Numahao sabe que outras dádivas um vínculo com uma delas trará.

— Como assim?

Dilys abriu os olhos e, sorrindo, virou-se para Ari. Ele achou que o primo estava de brincadeira, mas não havia sinais de senso de humor nos olhos Ari, apenas uma curiosidade sincera.

— Você não está sentindo isso?

— Claro que estou. Não sou surdo. Elas têm uma risada abundante, mas nós já desfrutamos de outras risadas tão abundantes quanto.

Dilys segurou a mão de Ari, mas, em vez de uma sobrecarga intensa de energia, como a desencadeada em suas próprias células, ele sentiu apenas um leve formigamento. Era um pouco mais potente do que o estímulo moderado que se costuma receber da risada de uma mulher, mas nada parecido com a energia bruta que Dilys estava recebendo.

Um rápido olhar ao redor informou a Dilys que o restante dos oficiais também não estava sendo afetado da mesma forma. Depois de se aqueceres no calor da alegria feminina por mais alguns instantes, os outros oficiais já estavam retornando ao salão de banquete para a refeição matinal.

— Interessante — murmurou Dilys.

Ari estreitou os olhos e, então, desatou a rir.

— Ah! Não acredito nisso. Você está aqui há menos de um dia e já estabeleceu uma conexão com uma delas!

— Eu não tinha pensado nisso. — Dilys se virou na direção de onde vinham os risos das Estações. — Talvez uma delas tenha estabelecido uma conexão comigo. — Muitas mulheres *oulani* já tinham formado laços emocionais com Dilys antes. Algumas, antes de ele conquistar sua *ulumi-lia*. Outras, depois, enquanto ele esperava os Caça-esposas terminarem o trabalho deles. Mas com nenhuma delas ele havia estabelecido uma conexão tão forte, nem nenhuma delas possuía força o bastante para lhe dar aquele tanto de energia com apenas uma risada. Só a mãe dele tinha sido capaz disso.

— Aposto na Outono — disse Ryll. — Juro que vi um pouco daquela arrogância dela começando a derreter ontem à noite.

— Talvez. — Ele sabia que Outono o achava atraente. Todos os calbernanos eram atraentes para o sexo oposto. Era parte da biologia deles, um atrativo feito para despertar as conexões emocionais de que precisavam para se fortalecer e sobreviver. No entanto, por mais que Outono admirasse sua aparência, Dilys não sentiu da parte dela nada que fosse além do interesse físico previsível. O mesmo valia para Primavera. Quanto à pequena melrosa que o ignorara completamente, sem chance que *ela* tivesse formado qualquer tipo de conexão com ele.

A não ser que... a conexão tivesse vindo dele. Dilys refletiu sobre a raiva inexplicável que sentiu naquela manhã, quando Ari o provocou a respeito da preferência evidente de Verão pela companhia de Ryll. Numahao do céu, a preferência descarada dela por outros homens fez Dilys forjar, inconscientemente, uma conexão territorial para impedir que qualquer pessoa se aproximasse dela? Foi isso que o perseguiu em sonhos, lhe destruiu a paz e o deixou furiosamente possessivo naquela manhã? Dilys nunca se sentiu tão mesquinho.

Mas tampouco esteve numa missão cujo objetivo era conquistar uma *liana*.

A despeito de toda amabilidade e bom humor, os calbernanos eram ferozmente primitivos quando o assunto era reivindicar uma parceira. Uma vez que um calbernano iniciasse a *liakapua*, um terrível flagelo caía sobre qualquer pessoa — especialmente os homens — que tentasse interferir. Todas as habilidades marciais

que um lorde dos mares aprendeu ao longo de seus anos em busca de ouro e fama seriam mobilizadas para derrotar intrusos, provando-o, assim, merecedor do laço com a *liana* que ele reivindicava.

Ainda assim, Dilys não queria ser daquele tipo de homem que coloca a si, suas vontades e necessidades na frente de todos. Seu pai não foi assim. Esse não foi o tipo de filho que sua mãe criou.

— Ou, quem sabe, não existe nenhum tipo de vínculo entre mim e as Estações — especulou ele. — Quem sabe o motivo para a risada delas ter me energizado mais do que a vocês seja porque a linhagem sanguínea delas está mais bem-sintonizada à minha. — Dilys preferia essa explicação à possibilidade de estar sendo territorialista com uma mulher que não queria nada com ele. Mesmo assim, ele precisava saber que tipo de conexão era aquela e o que a havia iniciado. Se uma das irmãs havia criado um laço emocional com ele, ele precisava descobrir. Por outro lado, se ele havia criado sem querer qualquer tipo de reivindicação territorialista em relação a Verão Coruscate, ele precisava desfazê-la de modo a deixá-la desimpedida para explorar seu interesse por Ryll. Fosse qual fosse a circunstância, Dilys deveria descobrir a fonte da conexão conversando com as Estações e segurando a mão de cada uma das princesas.

Ele deu tapinhas nos ombros de Ari e Ryll:

— Vocês dois, voltem para o salão e terminem o café da manhã.

— Eles já tinham consumido três pratos de comida cada, o que queria dizer que ainda tinham uns bons dois ou três pratos ainda por comer. Dilys encarou o hall que conduzia o terraço de onde a risada das Estações emanava.

— Aonde você vai? — perguntou Ari.

Dilys se virou e, esboçando um sorriso enquanto caminhava de costas na direção do terraço, disse:

— Estou indo descobrir quão boa foi a impressão que causei ontem à noite.

Verão e as irmãs ainda estavam rindo quando atravessaram a porta que ligava o terraço ao palácio. Tão logo Gabriella cruzou o umbral, seus “sensores” começaram a acusar a presença de Dilys. O riso morreu na garganta dela. Rapidamente, ela começou a procurar

uma rota de fuga rápida, mas já era tarde demais. O lorde dos mares alto e devastadoramente bonito percebeu a presença delas e veio caminhando com passos firmes.

Gabriella de pronto deu um passo para trás das irmãs. Em seguida, Dilys Merimydion parou diante delas e fez uma reverência ampla e profunda.

— *Myerialannas*. *Myerialanna* Outono. — Virando-se para Outono, ele a agraciou com um sorriso deslumbrante, tomou-lhe a mão e se curvou para beijar as costas dos dedos dela. — Muito obrigado pelo prazer de sua companhia ontem à noite. — Dilys soltou a mão de Outono e se virou para pegar a de Verão. — *Myerialanna* Primavera. — Dilys se curvou de novo e, de novo, deu outro beijo, só de que dessa vez nas costas dos dedos de Primavera. Vindo de outro homem, aqueles beijos na mão pareceriam afetados ou exagerados. Esse não era o caso de Dilys Merimydion. Como o resto nele, o gesto fluía de forma charmosa, sincera e confiante. — E obrigado também por sua companhia. Eu me diverti muito com nossa discussão e estou ansioso pela oportunidade de continuá-la. E *Myerialanna* Verão...

Quando os olhos dourados de Dilys concentraram sua atenção nela, Gabriella se encolheu e abaixou o olhar, esforçando-se ao máximo para parecer nervosa, desconfortável e com um pouco de medo. Não era difícil. Ela *estava* nervosa, desconfortável e com *bastante* medo.

Ela apertou as mãos com tanta força, que todo o sangue abandonou os dedos.

— ...Nós não tivemos a oportunidade de nos conhecermos um pouco melhor — Dilys ia dizendo. — Mas quem sabe em breve? Assim espero. — Ele estendeu a mão em convite.

Ela hesitou e recuou um passo, soltando as mãos apenas para colocá-las atrás das costas. Tocá-lo naquele momento — ou, aliás, em qualquer outro! — seria uma péssima ideia. O monstro que as risadas compartilhadas com as irmãs haviam colocado para dormir estava despertando outra vez. E ele desejava Dilys Merimydion. Desejava-o mais do que desejou qualquer outra coisa. Ela não ousava tocar a mínima parte dele, nem um toque simples e inocente de mãos. Pois, se o fizesse, Verão não o soltaria mais.

— Ah — disse ele. Um rompante de fortes emoções atravessou os sentidos de Verão. Remorso. Culpa. Uma vergonha cortante. Tudo por causa dele.

Verão percebeu que Dilys interpretou sua relutância como indício de uma mulher traumatizada por maus tratos recuando de um golpe assustador. Ele a via como a rosa frágil, tímida e reservada que todos acreditavam que ela fosse. De sua parte, Dilys achou que Verão estava relutante por ele ter lhe machucado o coração delicado e indefeso pouco mais cedo, com aqueles comentários descuidados, e ele se desprezava por isso.

Verão devia ter aproveitado essa crença e tirado o máximo de proveito dela. Em vez disso, ela foi atropelada pelo desejo repentino e avassalador de apaziguar as preocupações dele. Ela teve que se esforçar bastante para não jogar fora a arma poderosa que ele a havia oferecido sem perceber. Representar o papel da florzinha frágil e machucada dava a Verão o pretexto perfeito para evitá-lo.

— Com licença, *Myerialanna* Outono — disse ele, em tom baixo —, mas eu poderia trocar algumas palavras em privado com as *Myerialannas* Primavera e Verão?

Antes que Outono pudesse responder, Primavera respondeu em tom calmo:

— Não há nada que o senhor precise dizer a nós, lorde dos mares Merimydion, que exija maior privacidade do que a que já temos aqui. Além disso, a Outono já está ciente do incidente desta manhã.

— Ah — disse ele outra vez. Ao invés, no entanto, de se contorcer de vergonha, como a maioria dos homens faria, Dilys assentiu com a cabeça e disse: — Assim seja. *Myerialanna* Primavera, *Myerialanna* Verão, para meu grande constrangimento, ambas ouviram uma conversa que não devia ter acontecido. Meus primos estavam tentando tirar sarro de mim por causa da preferência da *Myerialanna* Verão pela companhia deles ontem à noite e, para minha vergonha, eles conseguiram. Minha escolha miserável de palavras foi infeliz, mas não passou de um escudo para meu orgulho ferido. Eu vim aqui cortejas três das princesas mais admiradas e desejadas de toda Mystral: as Estações de Veralea. Conduzi meus homens em batalha e enfrentei um deus

para obter tal honra. Eu gostaria de ser mais claro: a oportunidade de passar algum tempo na companhia de qualquer uma de Suas Altezas Reais é um presente inestimável, presente que não tenho intenção de desperdiçar. Peço sinceras desculpas por qualquer dor que minha tolice orgulhosa possa ter causado e imploro a ambas, com toda humildade, que me perdoem. Se isso for possível, por favor, vamos começar do zero.

Ela conseguia sentir o olhar dele sobre o corpo como um toque físico. Cada palavra de Dilys ressoava sinceridade e o som da voz dele incendiou os sentidos de Verão. A cadência baixa e melodiosa daquela voz — voz bonita, profunda e aveludada — era como uma droga para ela. Ela queria mergulhar naquele som e se envolver nele por completo. Queria se deitar nua ao sol e deixá-lo sussurrar aquela mágica sedutora sobre sua pele. Cada célula no corpo de Verão implorava para que ela acreditasse nele, que o perdoasse, que começasse do zero, que... *espera!*

Ele a estava... *Persuadindo?*

Ela quase deu um salto de surpresa. Halla do céu! *Ele estava a Persuadindo mesmo!* Desde que se tornou adulta, Verão nunca havia conhecido outra pessoa — nem entre seus parentes da Enseada Marítima com mais poderes — capaz de Persuadi-la. Se os calbernanos, porém, tinham um dom forte o bastante para influenciar a mente dela, isso explicava por que haviam sentido a Persuasão que Verão havia usado contra Dilys na noite anterior.

Bom, isso dava outra dimensão à situação toda. *Os calbernanos possuíam o dom da Persuasão.* Não surpreendia que as pessoas de toda parte (especialmente as mulheres) os achassem tão charmosos, tão irresistíveis. Não surpreendia que eles estivessem dispostos a lutar uma guerra para poder casar seu príncipe a uma das Estações de Veralea. Eles devem ter descoberto, de alguma maneira, acerca dos dons potentes de Persuasão que corriam entre os membros da família real da Enseada Marítima, dom que a matriarca da família, por motivos óbvios, se empenhou ao máximo para manter em segredo. O pai delas certamente revelou a informação para convencer os mercenários calbernanos a apoiarem o projeto dele de reconquista de Veralea, ainda que, obviamente, não tenha revelado qual das filhas possuía a magia.

Esse talvez pode ter sido o grande motivo secreto pelo qual Primavera ficou obcecada. A vinda dos pretendentes não tinha nada a ver com a busca de esposas com poderes que ajudassem as atividades navais da Calberna. Dilys Merimydon e seus companheiros estavam interessados em fortalecer suas habilidades de influenciar e controlar a mente dos outros!

Que bando de dissimulados!

Claro, o fato de *ela mesma* ter usado o dom para influenciar e controlar mentes ao longo de toda vida não vinha ao caso. Ela nunca o fez para obter ganhos pessoais. No máximo, ela o usou para não ser um perigo para os outros.

Verão obviamente não era a única sentindo os efeitos da Persuasão de Dilys. Primavera estava sorrindo para o príncipe da Calberna e aceitando as desculpas dele com uma receptividade incomum.

— Obrigada, lorde dos mares. Seu pedido de desculpas foi muito gentil.

Fez-se um silêncio... e ele se prolongou. Ainda sorrindo simpaticamente, Primavera recuou um passo e pisou de propósito no dedão do pé de Verão. A dor aguda atraiu toda a atenção de Verão.

— Sim, obrigada — murmurou ela. Ela ergueu o olhar até o nariz de Dilys, antes que o brilho circundante dos olhos dourados dele bombeassem sangue com força pelas veias dela. Ela desviou o olhar. Levando em consideração o que havia acontecido no dia anterior, naquela primeira ocasião em que seu olhar encontrou o de Dilys, era possível que os calbernanos fossem capazes de Persuadir não só com a voz, mas com os olhos também. Verão não ia arriscar.

— É muito gentil de sua parte.

Outro silêncio se prolongou. Por fim, o lorde dos mares limpou a garganta e disse:

— Convido vocês três para me acompanharem à nau *Kracken* esta noite para jantar e assistir ao pôr do sol navegando pelo fiorde. Há tempestades acontecendo na banda ocidental do Varyan, vai ser um espetáculo.

Outono e Primavera aceitaram o convite, mas Verão negou com a cabeça. Recusar um convite dele exigia esforço. A atração sedutora da Persuasão envolvia cada palavra que Dilys falava, tornando quase impossível negar suas propostas. Verão, no entanto, tinha uma vida inteira de prática negando as coisas a si mesma, por isso conseguiu responder:

— Me parece uma proposta adorável, mas temo que eu deva recusá-la. Eu dou aula na escola recém-inaugurada pela rainha no vilarejo e estou bastante atrasada com o preparo das aulas da semana que vem.

Por sorte, o lorde dos mares não insistiu mais. Com uma reverência final e a promessa de vir buscar Outono e Primavera às oito da noite, ele pediu licença para sair.

A respiração de Verão não voltou ao normal até que ele desaparecesse de vista.

— Bem — disse Primavera. — Vocês têm que dar esse crédito a ele: ele não fica de enrolação. O que você acha, Outono?

— Huum? — murmurou Outono, distraída. — Que foi? — Ela desviou o olhar de admiração das costas de Dilys, que ia saindo, e se deteve em um grupo de calbernanos que estava levantando objetos pesados para a admiração de espectadoras femininas. Em seguida, esfregando a mão no quadril, ela se virou para Primavera e disse: — Vou ter que dizer, a Tempestade não exagerou quando nos alertou que esses calbernanos são uns sonhos eróticos ambulantes. Dá uma conferida no meu rosto. Eu babei sem querer?

Primavera revirou os olhos.

— Você é incorrigível.

Outono deu uma risadinha.

— Agora, pelo menos, sinto um pouco de compaixão por esses pobres desgraçados que vão de cara nos postes enquanto ficam atrás de mim. — Não que algum dos calbernanos fosse saber o tamanho da sinceridade e da admiração da cobiça de Outono por eles. Para quem não a conhecia bem, ela sempre seria a princesa arrogante. Outono havia aperfeiçoado essa máscara há anos e usá-la se tornou como uma segunda natureza para ela.

A irmã mais velha soltou um longo e sofrido suspiro e, em seguida, dirigiu a atenção a Verão.

— E você, Gabriella? Que retração e encolhimento foram esses? Você está mesmo triste com os comentários idiotas dele de hoje de manhã ou aconteceu alguma coisa entre você e o lorde dos mares Merimydion ontem à noite que nós não estamos sabendo?

Verão segurou um calafrio. Primavera tinha o hábito de enxergar muito mais do que as pessoas queriam mostrar, inclusive Gabriella.

— Não, não é isso — mentiu ela. — É que, como ele deixou a preferência dele muito clara, pensei em usar isso a meu favor. Estou mesmo cheia de trabalho da escola para fazer. Se ele me acha empolgante como uma xícara de chá com leite, vou comprovar as expectativas dele. Assim, ele não vai desperdiçar nem o tempo dele, nem o meu com uma corte que está fadada a não dar em nada.

Os olhos lilases de Outono se arregalaram:

— Bem pensado, Gabi. — O olhar bem aberto de admiração se transmutou em um olhar estreito de acusação. — Uma pena que essa *merde* não passe de ladainha.

As bochechas de Verão ficaram quentes.

— *Aleta!* — disse Primavera, em tom baixo e repreendedor.

— Que foi? — O senso de humor desapareceu do rosto de Outono. — É verdade e você sabe muito bem. A Gabi foge de qualquer homem a respeito de quem ela sinta a menor chance de ter algo mais do que amizade. E ela faz isso pelo mesmo motivo que você tenta encontrar os segredos profundos e obscuros que todos eles estão, supostamente, escondendo.

— Como se nós fôssemos as únicas! E você e essa sua coisa de objetificar os homens?

— Sim, eu faço isso mesmo! Eu confesso! Nós podemos até ter métodos diferentes, mas fazemos a mesma coisa. E pelos mesmos motivos. Porque temos medo de nos apaixonar e acabar que nem *ele*.

As três trocaram olhares de assombro.

— Não sei quanto a vocês duas, mas eu estou cansada de ter medo — continuou Outono. — Nós três temos dons perigosos. Alguns mais perigosos do que outros. — Outono colocou a palma da mão sobre uma vela acesa em cima da mesa, a uma distância que faria a chama lhe queimar a pele, mas sequer se mexeu. Ela fechou a mão devagar e a chama se apagou. Em seguida, ela abriu o

punho com um movimento rápido que fez todas as velas do salão acenderem repentinamente ao mesmo tempo. Ela olhou nos olhos das irmãs. Seus olhos roxos cintilavam com chamas ardentes. — Mas a Tempestade e o Wynter têm dons tão perigosos quanto os nossos e isso não os impediu de procurar um amor.

— É diferente — disse Primavera.

— Por quê? Pois eles não tiveram escolha e nós temos? — Outono se levantou e sacudiu a saia para alisar as rugas no tecido. — Essa é nossa chance, irmãs. Tudo o que sabemos, tudo o que vemos, tudo o que contaram diz que Dilys Merimydion é um homem nobre e honrado que vem de um país reconhecido pela forma como tratam bem as mulheres.

— Ele é um mercenário — recordou-a Primavera.

— Além de um mercador obscenamente rico, senhor de terras e príncipe — retrucou Outono. — É um libertador de escravo. É bonito como qualquer mulher desejaria que um homem fosse. É charmoso também, com um senso de humor surpreendentemente ótimo. Suas objeções, Viviana, não passam de obstáculos que você lança no caminho por causa do medo. Khamsin gosta dele. Isso, para mim, tem peso. Por isso, vocês duas podem ficar inventando desculpas para evitá-lo e não se permitirem gostar dele. Quanto a mim, a não ser que chegue alguma revelação apavorante da parte do tio Clarence, meu plano é acolher os cortejos dele e ver no que dá.

Verão precisou de várias horas sozinha no quarto, com a atenção toda concentrada no planejamento das fantasias das crianças, antes de finalmente conter as chamas da fúria possessiva que a fala de Outono antes de partir despertou nela. Mesmo agora, quando a ameaça de uma perda fatal de controle já havia passado, ela sabia que se tratava de uma trégua temporária. As defesas de Verão estavam abaladas, para dizer o mínimo. Em se tratando de alguém reivindicando para si a atenção de Dilys Merimydion, essas defesas eram praticamente inexistentes.

Pior ainda, o desejo voraz de tê-lo e mantê-lo apenas para si não era um desejo falso criado pela Persuasão com que ele tentou manipulá-la mais cedo. Não. Aquela ânsia cabia inteiramente a ela mesma. Em Dilys Merimydion, pelo visto, os desejos mais profundos

de Verão, desejos de uma vida inteira, haviam encontrado um ponto focal. Ela não tinha como se esquivar deles, nem os dominar, não importava quanto tentasse.

Quanto à corajosa afirmação de Outono de que Wynter e Khamsin descobriram e acolheram o amor apesar dos dons perigosos de ambos, ela tinha razão. No entanto, os pais de Verão também foram felizes — maravilhosamente felizes — até a morte da rainha Rosalinda.

Poderes perigosos e emoções profundas não faziam uma boa combinação. Ponto final. Por mais felizes que Khamsin e Wynter fossem hoje, o amor deles patinava à beira de um precipício frágil e potencialmente desastroso.

Por isso, se Outono tinha razão quanto a Dilys Merimydion ser possivelmente o melhor marido que uma mulher poderia querer ter, esse era exatamente o problema. Com ele, um casamento levaria ao amor e o amor conduziria a uma porta escancarada para o desastre.

O único motivo para Outono se julgar capaz de amar sem colocar ela mesma ou os demais em risco era que, por mais que seus dons pudessem ser bastante perigosos, ela nunca tinha matado inocentes com eles.

Verão, sim.

Capítulo 7

Angra do Homem Morto, Ilha do Corvo

Nos esgotos maltrapilhos de uma cidade chamada Angra do Homem Morto — lar de piratas e da gentilha nômade vinda de todas as partes da Mystral —, o pub Donzela Afogada era o buraco infame e úmido frequentado por aqueles de quem a própria luz fugia de medo.

Nele, as conversas eram reservadas e em voz baixa, e as armas ficavam à mostra e sempre por perto. As “moças” que caminhavam desleixadamente do bar às mesas — tomando pedidos e servindo as bebidas e gororobas que vendiam sob a alcunha de “comida” — haviam há muito passado do auge. Com os cabelos desgrenhados, os seios flácidos levantados por sutiãs apertados e encardidos, e a maquiagem borrada ao redor dos olhos cansados e dos lábios feios, toda beleza que elas podiam ter possuído algum dia havia há muito as abandonado. Não que os frequentadores igualmente grosseiros do Donzela parecessem se importar.

Flint Grumman — o sinistro e musculoso proprietário e barman do Donzela Afogada — servia as cervejas e doses de uísque com um toco de charuto queimado e mastigado preso entre os dentes pretejados. De tempos em tempos, as cinzas do charuto caíam na bebida que estava preparando. Ele não só a servia mesmo assim, como cobrava a mais pelo privilégio do cliente.

Nenhum frequentador jamais reclamou.

Quando a porta se abriu, a luz entrou rapidamente no pub sombrio, mas logo foi eclipsada pela enorme figura que se abaixou para conseguir atravessar o umbral. O sussurro rouco de conversa entre os frequentadores do pub cessou.

Com silêncio desconfortável, todos os patifes e malandros no Donzela assistiram ao recém-chegado se aproximar do bar e pedir uma bebida com um sinal. As mãos de Flint tremiam enquanto servia. Um pouco de cinza despençou da ponta do charuto para dentro do copo. Depois de pestanejar um pouco, com um movimento que não surpreendeu ninguém que conhecesse o recém-chegado, Flint colocou o charuto sobre o balcão, pegou um copo novo e serviu novamente a bebida. Ele empurrou a segunda dose na direção do recém-chegado e, com a mão tremendo, embolsou a moeda do homem.

— Estou aqui atrás de um navio e de homens para tripulá-lo.

Silêncio.

Os que o observavam de canto de olho voltaram a atenção para suas mesas e seguraram a respiração. Nenhum deles queria chamar a atenção do pirata conhecido como Tubarão.

Os saltos de bota bateram contra o piso de madeira gasto. O Tubarão fixou o olhar sombrio e mortal em três homens sentados em uma das mesas surradas do Donzela.

— Eu disse que estou aqui atrás de um navio e de homens para tripulá-lo.

O maior dos três homens à mesa — Jack Malvern, o Sanguinolento, capitão do navio pirata *Ceifador* — começou a tremer. O tremor lhe desceu os braços, fazendo os dedos fortes e roliços tamborilarem contra a mesa.

— Decidi que o seu vai servir — disse o Tubarão.

Como se tivesse se libertado abruptamente de amarras invisíveis, Jack, o Sanguinolento irrompeu da cadeira empunhando duas espadas.

O Tubarão recuou um passo, ao que as espadas de Jack, o Sanguinolento, erraram o alvo. Duas lâminas brilhantes com cerca de 45 centímetros saltaram das mangas da casaca do Tubarão e lhe caíram precisamente nas mãos. As lâminas cortaram o ar na velocidade de um raio, formando um borrão prateado na penumbra do salão.

Jack, o Sanguinolento, era conhecido por suas velozes e sorrateiras habilidades assassinas com as espadas. Era costume

dizer que ele conseguia decapitar um homem e lhe tirar a carne dos ossos antes que o corpo tocasse o chão.

O Tubarão era mais rápido.

Com uma expressão de surpresa súbita e emitindo um baque orgânico, a cabeça de Jack, o Sanguinolento, tocou o as vigas do piso e pousou junto à pilha de carne picotada e ossos ensanguentadas que antes foram seu corpo.

O Tubarão fixou o olhar desalmado nos dois homens que restavam à mesa:

— Você, qual é seu nome?

O primeiro dos companheiros de Jack, o Sanguinolento, engoliu seco.

— Tunney. Red N-Ned Tunney.

— Parabéns, Red Ned. Você agora é o capitão do *Ceifador*. — O Tubarão deslizou as lâminas de volta para o coldre de pulso equipado com molas e as enfiou de dentro das mangas da casaca outra vez. — Junte a tripulação e as provisões para o navio. Vocês vão zarpar amanhã, na maré da manhã.

Sem esperar para ver se as ordens iam ou não ser obedecidas, o Tubarão deu meia-volta, pulou a pilha de carne e ossos, e saiu pela porta do Donzela Afogada.

Konumarr, Cordilheira Invernal

A pele dele era deliciosa de tocar. O veludo morno sob as pontas dos dedos de Verão transbordava uma energia sensual. As palmas das mãos dela pairaram sobre as curvas do corpo bem bronzeado de Dilys, tracejando os volteios e padrões das tatuagens furta-cor azuis que contavam uma história tátil misteriosamente interessante para ele. As tatuagens brilhavam ao toque da ponta dos dedos, avivando-se de uma luz azul clara e fosforescente que devolvia ondas eróticas de calor que atravessavam o corpo de Verão e lhe tiravam o fôlego. Sob um véu de cílios pretos como obsidiana, os olhos dele emanavam uma fraca luz dourada.

Ele estava deitado nu sobre a seda exuberante e opulenta, o veludo e o cetim bordado dos lençóis dela. Era uma tentação negra. Ela se ajoelhou sobre ele, montando sobre os quadris de Dilys.

Onde quer que a pele dos dois se tocasse, a carne de Verão era inundada de um prazer tão deliciosamente intenso, de uma conexão tão pura e profunda, que ela não queria que aquilo acabasse nunca.

Tremulamente, ela respirou fundo e arqueou as costas. As madeixas soltas do cabelo de Verão caíam sobre a pele nua das costas e lhe tocavam as curvas das nádegas. Os seios nus mergulharam na direção das mãos de Dilys, que os esperava. Ele os levou à boca e percorreu os mamilos de Verão com o cetim quente e áspero da língua. Dilys prendeu um dos mamilos enrijecidos entre os dentes. Verão foi atravessada por um calor e um suave suspiro de prazer irrompeu de seus lábios.

Ela o segurou pela cabeça, penetrou-lhe as madeixas densas com os dedos, segurando-o firme e tremulamente, cheia de prazer, enquanto a boca de Dilys fazia magia na dela e seus dedos dançavam sobre a pele úmida e quente de Verão.

— Dilys. Por Helos, Dilys!

A respiração de Verão ficou mais acelerada e rala, e seus quadris oscilavam em um ritmo instintivo enquanto o empuxo de prazer intenso crescia dentro dela. Todo o corpo dela ansiava por um alívio que ela sabia que, de alguma forma, só ele poderia lhe proporcionar. Verão pairou à beira do precipício esperando que um movimento derradeiro de dedos ou língua finalmente a empurrasse para baixo.

Foi então que, abruptamente, a cena mudou.

A mulher sobre o corpo nu de Dilys, sussurrando o nome dele enquanto mexia os quadris não era mais Verão. Era Outono. Congelada, imóvel e furiosa junto à porta, Verão assistia tudo.

Um rugido de raiva pela traição subiu rasgando sua garganta.

— Como você ousa? — A voz dela tremulou. As vidraças da janela vibraram. — Como você ousa pegar o que é MEU?

Surpresos, Outono e Dilys viraram os rostos.

Outono estendeu a mão:

— Verão... espera! Espera!

Mas era tarde demais. A rosa no pulso de Verão ficou em brasas e chamas lhe apareceram no canto dos olhos. As defesas de Verão desmoronavam enquanto sua magia há muito dormente entrava em erupção com fúria cataclísmica.

Os olhos de Outono se arregalaram e, em seguida, ficaram vermelhos de sangue quando cada um dos vasos capilares explodiu. A boca dela se escancarou num grito estrangulado enquanto o corpo começava a se contorcer. E todo aquele famigerado cabelo ruivo se transformou em chamas com quase a mesma exata cor.

Gabriella acordou gritando, com a pele quente, o coração batendo forte e o corpo com uma necessidade insatisfeita tão intensa, que era praticamente uma dor física.

O cheiro de tecido queimado a fez xingar baixinho e se levantar da cama. Ela arrancou o lençol da cama e o mergulhou na bacia d'água que deixara do lado da cama especialmente para esse propósito. Quando o perigo iminente de fogo se dissipou, ela levantou o lençol encharcado e olhou com consternação e desânimo as marcas carbonizadas que, vistas em conjunto, tinham o formato inconfundível de suas mãos firmemente agarradas ao tecido.

Xingando baixinho, Verão dobrou o lençol queimado e molhado, e o enfiou na sacola que estava usando para guardar restos de tecido e material de acabamento para o projeto de história com fantasias da escola. Era a segunda vez naquela semana que colocava fogo na cama enquanto tinha sonhos que foram se tornando cada vez mais eróticos e violentos. Se a aia de Verão, Amaryllis, acreditou na história de que a senhora havia deixado uma vela acesa cair sobre o lençol — quando aconteceu pela primeira vez —, era improvável que fosse acreditar na mesma desculpa de novo.

Gabriella pegou um lençol fresco que havia furtado da lavanderia no dia anterior e começou rapidamente a forrar a cama, de modo a esconder as provas do incêndio accidental.

— Droga. Droga. Droga — murmurou ela, enquanto fazia a tarefa.

Nos dias posteriores à chegada dos calbernanos, Verão foi capaz de manter os poderes sob controle durante o dia. Era evidente, no entanto, que suas defesas não bastavam mais para conter a magia enquanto dormia. E Gabriella não se preocupava apenas com os lençóis queimados. Suas irmãs — Outono, em especial — haviam morrido diversas vezes e de diferentes formas macabras em seus pesadelos. Não era preciso muita análise para entender por quê. Durante toda aquela semana, Dilys havia demonstrado uma

preferência nítida pela companhia de Outono. Era evidente que o inconsciente de Verão considerava Outono uma ameaça que precisava ser eliminada.

Temerosa de demonstrar tal violência na vida real, Gabriella começou a evitar Primavera e Verão da mesma forma que Dilys, fato que não passou despercebido pelas irmãs. Elas não estavam muito contentes com a situação, mas a preocupação e o desgosto das irmãs apenas aumentavam o desconforto de Verão, fazendo-a se afastar ainda mais.

O plano de Verão, que consistia em expor Dilys a seu dom Persuasivo eliminando-o, dessa forma, da vida das irmãs e da dela, não funcionou. O imenso carregamento de livros e documentos do arquivo da Enseada Marítima enviados pelo tio Clarence não continham a menor pista de que os calbernanos pudessem controlar mentes. E ainda que o tio Clarence tenha enviado uma águia em particular alertando-a a manter os poderes escondidos dos calbernanos, pois eles possuíam, de fato, tais dons, o conteúdo literal da mensagem — “tenho conhecimento do fato de que os calbernanos podem ser muito Persuasivos, por isso insisto que você e suas irmãs tomem cuidado com eles” — era vago demais para ser usado contra os visitantes.

O que era bom. Se Wynter enxotasse os calbernanos de Konumarr sob o pretexto de usarem magias para controlar a mente — o que Wynter certamente faria —, Verão não teria como usar a nítida preferência de Dilys por Outono como pretexto para fugir de Konumarr. E agora que havia enlouquecido a ponto de queimar os lençóis durante o sono, abandonar a família não era mais uma possibilidade futura: era uma necessidade imediata. Quanto mais tempo permanecesse ali, mais perigosa Verão se tornaria. Ela nunca se perdoaria se machucasse uma das irmãs ou Wynter — ou, aliás, qualquer outra pessoa.

Com a cama refeita e amarrotada de propósito para parecer que Verão havia dormido sobre aquele lençol, ela abriu as portas do terraço, deixou entrar um pouco de ar fresco e espirrou um pouco de perfume sobre a cama, de modo a esconder o leve cheiro de queimado nos tecidos. Em seguida, tocou o sino para que Amaryllis viesse ajudá-la a se vestir.

Aguenta só mais uns dias, Verão, disse a si mesma, enquanto esperava Amaryllis. *Só mais alguns dias*. Ela já havia plantado a semente da ideia em Wynter, contando-lhe que a preferência de Dilys por suas outras duas irmãs era apenas a última manifestação de uma longa sucessão de rejeições. Ela o fez acreditar que tais rejeições causaram nela uma profunda ferida emocional que estava ficando cada vez mais difícil de carregar. Amanhã, ela mencionaria outra vez seu desejo de visitar as montanhas Skoerr para ver o sol que nunca se punha, só que, dessa vez, incluiria na fala um pouquinho de Persuasão — em dose sutil o bastante para escapar aos ouvidos dos calbernanos — para ajudar Wynter a perceber que sua viagem solitária a um dos rincões mais gelados e remotos da Cordilheira Invernal era exatamente o que Verão precisava para superar a rejeição de seu último pretendente. Uma vez lá, distante dos calbernanos e de sua capacidade de detectar a Persuasão, ela usaria a potência máxima de seus poderes para criar algum tipo de incidente trágico que lhe tirasse a vida. Anteriormente, Verão pensava em forjar a própria morte e em passar o resto da vida reclusa. Agora, porém, levando em conta quão rapidamente sua loucura a assediava e quão fixada sua fúria estava nas irmãs, os planos haviam mudado.

Mesmo isolada nos rincões mais longínquos da Mystral, Verão não tinha como ter certeza de que, em sua loucura, ela permaneceria ali, nem de que as pessoas que amava estariam seguras. Afinal de contas, Khamsin havia sido mandada para a Cordilheira Invernal e, mesmo assim, o pai delas foi atrás e tentou matá-la.

Não, só havia uma forma de Verão garantir que nunca machucaria ninguém. Ela não ia mais fingir a própria morte. Ela ia torná-la real.

Depois de passar a manhã inteira velejando no fiorde com Primavera e Outono Coruscate, Dilys se deitou na cama da espaçosa cabine de capitão do *Kracken*, encarou as vigas bem ajustadas do convés acima e tentou entender os sentimentos que tiraram a graça de um dia que ele devia ter desfrutado.

— Dilys?

Dilys virou a cabeça para a porta aberta e, abaixando a cabeça para passar do umbral, seu primo Ari entrou na cabine.

— Me falaram que você estava aqui. — Com a intimidade casual de uma vida de amizade, Ari puxou uma das cadeiras da cabine, girou-a e a colocou ao lado da cama. Com a cadeira na posição invertida, ele se sentou e apoiou os braços sobre o encosto. — O que aconteceu, primo? Você passou a manhã quieto, deixou as *Myerialannas* no palácio depois do passeio e voltou para cá.

Dilys reprimiu uma careta. Ele devia saber que seu comportamento estranho não passaria despercebido pelos primos.

— O que aconteceu? As coisas não vão bem com as *Myerialannas* Primavera e Outono?

— Ono. — Se ao menos o problema dele fosse tão simples... — Quer dizer, as coisas com elas vão muito bem. O problema não é esse.

— Qual é, então?

Dilys entrecruzou os dedos atrás da cabeça e encarou o teto. Os calbernanos são, por natureza, bastante sociáveis. Eles precisam de conexões íntimas com amigos e familiares, precisam das confidencialidades e interações capazes de estreitar laços emocionais. Dilys, porém, não havia falado com Ari e Ryll sobre seu mal-estar emocional a semana inteira, e isso era estranho vindo dele. Talvez a hora tivesse finalmente chegado. Conversar sobre o assunto poderia ajudar a resolver o problema.

— A Primavera foi a Estação que escolheram para mim. Você sabe disso.

— Tey. Ela ou Outono. Você é um filho afortunado do mar.

— Tey, muito afortunado — concordou ele, sem qualquer entusiasmo. — Faz sentido que a Primavera tenha sido a escolha do conselho para mim. O fato de ter se reunido com eles prova que, das três, ela é a líder. Ela tem um porte de rainha.

— Você, porém, se sente mais atraído pela Outono.

— Não. Quer dizer, sim, mas não.

Ari ergueu as sobrancelhas.

— Bem, isso explica tudo.

Dilys mostrou os dentes e rosnou:

— Sim, eu acho a Outono mais atraente. Ela é mais acolhedora e receptiva do que diz sua reputação. Eu gosto bastante da companhia dela. Ela me faz rir mais do que qualquer outra mulher que conheci na vida. E ela já deixou claro que não recusaria uma oferta de casamento de minha parte. Não é essa a questão.

— Você achou a mulher mais bonita do mundo mais atraente do que pensava ser possível, o conselho da Rainha a aprovou como sua potencial *liana* e o cortejo está indo bem. Me desculpa, primo, mas não estou entendendo o problema.

— É claro que não. Você não está entendendo porque *não era* para ter problema algum. — Assediado por uma súbita decepção, Dilys se sentou na cama e esfregou o rosto com as mãos. — Ah! O que ela tem? Não faz sentido! Estou parecendo um peixe preso no anzol, só que nunca vi nem a isca, nem o anzol! Só sei que é isso.

— A Outono te colocou num anzol?

— Não! Não ela!

— Foi a Primavera, então?

— Não, também não! — Dilys saltou da cama e começou a caminhar de um lado para o outro na cabine. — Se fosse alguma delas, eu estaria me debatendo contra as paredes? Eu vim até por causa delas. Foi para cortejá-las que me mandaram para cá.

— Ah. — Ari tirou as madeixas fartas de cabelo de cima do ombro. — Então a “ela” que está segurando o anzol em questão é a boazinha, a Verão.

Dilys ergueu a mão aos céus.

— Eu falei, não faz sentido!

Ari balançou a cabeça.

— É claro que faz. Ela é linda. Bondosa. Depois de quinze anos lutando a guerra dos outros, voltar para a casa e encontrar uma mulher dessas seria como fugir para o paraíso. Quem de nós *não a acharia* atraente?

— Não tem nada a ver com me sentir atraído ou não. Preciso de uma esposa forte, poderosa e *destemida*, capaz de dar à luz a próxima rainha. A Verão é uma covarde!

— Isso é um pouco duro de sua parte.

— Ah, é? Que adjetivo você usaria, então? Ela corre para o lado contrário toda vez que me vê. Ela não trocou mais de duas palavras

comigo desde que chegamos.

— Tá, isso não é verdade. contei pelo menos uma dúzia de palavras.

Dilys parou de caminhar de um lado para o outro e se virou para fuzilar o primo com os olhos.

— Vou pegar seu cérebro e esmagá-lo contra a parede até seu cérebro virar sopa.

Ari deu risada sem qualquer sombra de medo.

— Antes, você teria que me pegar.

— Meu ponto é — disse Dilys, entre os dentes semicerrados —, ela não chega perto do que eu preciso. É nítido que ela não quer nada comigo. Por que, então, eu não paro de pensar nela? Nos meus sonhos... — A voz dele embargou quando lembrou em vívidos detalhes o sonho erótico que, transformado em pesadelo, o arrancou do sono naquela manhã.

— O que têm os seus sonhos? — perguntou Ari, com um tom provocador na voz.

Dilys foi atravessado de tensão. Seu primeiro instinto era rosar e agarrar. Os sonhos com Verão, com as mãos dela sobre a pele dele, a pele dele sobre a dela... a sensação atraente e sedosa da nudez dela contra o corpo dele... intimidades que pertenciam a ele e a mais ninguém. Eram coisas que não deviam ser faladas. Nem mesmo com primos que Dilys amava como irmãos.

— Ela tem aparecido nos meus sonhos todas as noites — foi o que, por fim, confessou. — E desde que chegamos. — Dilys se recusou a contar a Ari quão eróticos os sonhos foram se tornando; como, em sonhos, ele fazia amor sem parar com Gabriella Coruscate; como aquela sensação parecia a coisa mais correta e perfeita que fizera na vida. Ou como, nos últimos tempos, esses sonhos passaram a terminar as noites com rompantes de fúria e violência. Recusou-se a contar como, naquela manhã, havia acordado gritando, dilacerado por um pesadelo tão vívido que ainda era capaz de sentir o fedor acre da pele queimada de Outono Coruscate... como ainda conseguia ver Gabriella de pé junto à porta, com uma expressão tão feroz e mortal, que só um idiota suicida teria a pachorra de enfrentá-la.

— É como se, de alguma maneira, ela tivesse entrado em mim. E mesmo tendo me evitado desde nossa chegada, a situação tem piorado, não melhorado. Sempre que fecho os olhos, ela aparece. Eu consigo senti-la a meu lado, consigo sentir o aroma do cabelo dela, mas, quando vou ver, ela desaparece. Eu consigo ouvi-la... mas nada. Sempre que estou com Primavera e Outono fico pensando: “Isso está errado. Você não devia estar aqui.” É como se, cortejando as irmãs, eu a estivesse traindo. *Traindo-a!* Traindo uma mulher que claramente não quer nada comigo! — Ele recostou a cabeça contra o vidro frio das janelas da cabine. — Aff. Eu te falei que não fazia sentido algum.

— Não sei não. Isso me soa a feitiçaria. — Ari fez uma expressão sombria.

Dilys se virou e se recostou contra a janela.

— Ah, para com isso, Ari. Elas são bruxas do tempo, não conjuradoras de feitiços.

— Elas são de uma das famílias mais poderosas da Mystral, que tem se casado com outras das famílias mais poderosas da Mystral há milênios. Quem sabe que tipo habilidades mágicas eles não acumularam e transmitiram ao longo desses anos? Ou que tipo de serviços mágicos não podem ter contratado?

Dilys abriu a boca para refutar a acusação de Ari, mas fechou-a logo em seguida. É claro que séculos de matrimônios com outras famílias com poderes mágicos teriam gerado descendentes com muito mais do que apenas seus dons do tempo como, por exemplo, o controle sobre pássaros do príncipe Falcão. Esse foi um dos motivos para os Caça-esposas terem escolhido uma Estação como noiva. Dilys também sabia que muitas famílias ricas mantinham conjuradores de feitiços em suas folhas de pagamento para cuidarem de situações que exigissem talentos que a família não possuía.

Dilys considerou essas hipóteses por um instante e, por fim, balançou a cabeça:

— Não, não faz sentido. A Verão deixou bem claro que não quer nada comigo. Por que ela ou qualquer uma delas me enfeitiçaria para que eu não conseguisse desejar mais ninguém?

— Eu consigo imaginar muitos motivos, a começar pelo fato de que nós *invadimos* o país deles no último inverno. Nós podemos até não guardar rancor das pessoas contra quem nos pagam para combater, mas isso não quer dizer que elas não guardam rancor de nós.

Isso certamente era possível, mas...

— Não sinto esse rancor. Nem da parte do rei Wynter. É melhor ter a Calberna como aliada do que como inimiga, ele sabe bem disso.

— Então, quem sabe, não foi a família. Talvez tenha sido alguém que não queira que você se case com uma delas. Não esqueça que ainda não descobrimos quem foi a mulher que usou a *susirena* em nossa primeira noite aqui. Ela talvez tenha feito algo contra você. — Ari segurou o encosto da cadeira e encarou Dilys com um olhar de suspeição crescente. — Os piratas... você acha que eles podem ter infiltrado um conjurador de feitiços para impedir que você se casasse com uma bruxa do tempo, que você poderia usar contra eles? Nossa viagem foi planejada por meses e o motivo de nossa vinda não foi segredo para ninguém. Eles com certeza sabem que seu casamento com uma Estação lhe dará uma arma poderosa para usar contra eles.

Dilys refletiu um instante sobre o assunto, mas logo balançou a cabeça:

— Não me surpreenderia, mas tudo o que eles fizeram contra nós foi direto, explícito e brutal. Essa hipótese é discreta demais para eles... além de não ser sangrenta o bastante. — Ele suspirou e percorreu o cabelo com os dedos. — Quer saber minha opinião? Estou começando a achar que sou eu mesmo que estou fazendo isso comigo. Talvez eu não esteja tão pronto para o casamento quanto achava. Talvez a parte de mim que pertencia a Nyamialine ainda não esteja pronta para deixar outra mulher entrar em meu coração, daí eu sabotar minhas oportunidades de me casar com uma Estação. Ou, quem sabe, estou tão acostumado a ter as mulheres interessadas por mim, que a única que acho estimulante é a que não me quer.

— Para começo de conversa, conquistar uma mulher só para provar que você consegue fazer que ela o deseje é o tipo de desafio

que só os homens *oulani* apreciam. Não faz seu estilo. Quanto à Nyamialine... — A voz de Ari amansou. — Minha irmã amava muito você. Se ela estivesse viva, o laço de vocês seria inquebrantável. Seria uma união para toda a vida. Mas vocês dois eram crianças quando ela morreu. O amor que partilhavam, os laços que criaram, eram laços de amizade e carinho, não laços profundos de *liana* para *akua*. Eu não ia querer vê-lo vivendo sozinho. Ela não ia querer isso para nenhum de nós.

— Eu sei disso. — Na verdade, agora que Dilys havia dito em voz alta que talvez estivesse abrigando algum tipo de conexão com Verão, ele percebia que os laços outrora fortes com Nyamialine tinham se rompido por completo. Nada deles permanecia. Como poderia ser diferente depois de sua atração inexplicável por Gabriella Coruscate ter se infiltrado por completo em cada parte de seu ser?

Ari balançou com a cadeira.

— E então — perguntou —, o que você vai fazer? Você vai cortejar a Verão e ver o que acontece?

Diante de tal sugestão, Dilys deu uma risada sem qualquer sombra de humor.

— Como você pode sugerir que eu faça uma coisa dessas? Nas poucas vezes que me aproximei dela num raio de vinte metros, ela começou a tremer como se eu fosse um tigre faminto e ela, uma coelha indefesa que escolhi comer de lanche. Ela provavelmente desmaiaria e gritaria se eu demonstrasse o menor sinal de desejo por ela. — Desejo que, depois dos constantes sonhos eróticos que vinha tendo com ela, ele acharia muito difícil não revelar.

— Ela se sai muito bem comigo e com o Ryll.

Lá estava ela outra vez: a agressividade instantânea de Dilys.

— Faça-me um favor, Ari. Não fique me recordando disso. — Ele levantou uma das mãos, mostrando as pontas das garras de batalha parcialmente desembainhadas. — Sério. Não estou brincando. Pois seja lá o que esteja me fazendo achar que eu só deveria estar cortejando a ela e mais ninguém, a situação perde a graça com vocês dois colados nela.

Ari levantou as mãos em um gesto de rendição.

— Não vou falar mais nada. Juro.

— Valeu.

— Quer saber o que eu acho?

Ari estava com uma cara que fez Dilys desconfiar.

— O quêêê? — respondeu lentamente, arrastando a palavra.

— Eu acho que, se você está sentindo algo tão forte por Verão Coruscate, e se tem certeza de que seus sentimentos não são obra de algum conjurador de feitiços, então você fará um desserviço a você e às Estações se não a cortejá-la, inclusive à Verão.

— Você não ouviu o que eu disse antes? Ela. Não. Me. Quer. E, de qualquer forma, não fui enviado para cá para me casar com ela.

— Eu não dou um *fark* para quem te mandaram se casar. Se seus instintos dizem, sem sombra de dúvidas, que a Verão Coruscate é a pessoa certa para você, então nesse caso meu conselho é que você dê ouvidos a eles. Quanto a ela não querer você, segundo minha experiência... que, no quesito cortejar mulheres, modéstia à parte, é bem maior que a sua... quando uma mulher foge de um marido potencial, como Verão Coruscate está fugindo de você, não é dele que está fugindo. E não é porque não o quer. — Ele ergueu as sobrancelhas.

— Você acha que ela está mais interessada em mim do que demonstra?

— Posso dizer que a vi encarando você uma vez ou outra, quando achava que ninguém estava olhando... e ela não parecia estar achando a vista ruim.

Era possível?

— Mesmo que isso fosse verdade, eu já disse ao Ryll que ele pode se sentir livre para cortejá-la.

— Sério que você está dizendo isso? — Ari olhou incisivamente para as mãos de Dilys, onde as garras de batalha haviam se estendido à simples ideia de que Ryll pudesse cortejar Verão. — Como se isso fosse acontecer.

Dilys cerrou os punhos. Estranhamente — ou, quem sabe, não tão estranhamente —, ouvir Ari zombar da ideia de ele ou Ryll considerarem um interesse romântico por Verão aliviava todo tipo de tensão e agressividade contida nele. As garras de Dilys já estavam retraindo, e sem que ele as forçasse.

— Então vai ser isso. — Ari se levantou, girou a cadeira e a colocou de volta no lugar. — Nós vamos passar a noite em companhia de Verão Coruscate e você vai cortejá-la. E você não irá aceitar um não como resposta. Fechado?

Dilys hesitou um pouco. Ele nunca cortejou uma mulher que não o quisesse. Nunca teve que fazê-lo. Mas o Ari tinha razão, se tudo nele dizia que Verão era a mulher certa, Dilys estava sendo um imbecil ao ignorar os próprios instintos.

— Fechado — respondeu ele.

— Ótimo. E se ela tentar fugir, o Ryll e eu vamos estar presentes para impedir e reconduzi-la a você.

— Pelo amor das deusas, Ari, eu vou cortejar, não caçar.

— Ah. Essa, talvez, seja a verdadeira raiz de seu problema. Você acha que cortejar e caçar são coisas distintas. — Ari sorriu, revelando um sorriso branco com as presas de batalha para fora. — Não são.

— Você está se saindo muito bem, Lily. — Gabriella incentivou a jovem veraleana que esbarrava com as palavras do livro que estava aprendendo a ler. — Bota para fora. — Para evitar ao máximo a presença dos calbernanos hospedados no palácio, Gabriella vinha ficando na escola até mais tarde para costurar as fantasias históricas para as crianças e para ensinar Lily a ler e escrever.

— Não, esse A não é longo. — Gabriella corrigiu enquanto Lily pronunciava a palavra errado outra vez. — Esse A é curto, como em “ar” e “pá”.

Lily fez uma careta.

— Pelo sol do Verão! Não dá para ser mais difícil? Se as letras têm sons diferentes, por que alguém não inventou letras diferentes?

Sem se irritar com a irritação da garota, Gabriella sorriu.

— Não sei. Faria mais sentido, não?

Lily não se acalmou.

— Meu pai talvez estivesse certo. Sou burra demais para aprender — murmurou ela. — Trabalhar no pomar talvez seja tudo o que eu vá fazer na vida.

— Não diga isso. — Gabriella se inclinou para segurar as mãos de Lily. — Nunca diga uma coisa dessas. Você não é nem um pouco

burra. Você já avançou tudo isso em apenas um mês.

— Mas tudo isso é inútil — disse Lily. — Nenhum trabalho que eu saiba fazer exige que eu leia ou escreva.

— Talvez não seus trabalhos no passado — concordou Verão —, mas e quanto aos trabalhos que você poderá fazer depois que aprender a ler e escrever?

— Tipo o quê? — Lily ergueu as sobrancelhas castanhas. — A pele dela era de um tom marrom muito mais escuro do que a de Verão, bronzeada com um tom rico e profundo, produto de uma vida inteira ao ar livre, sob o sol, nos pomares de Veralea, colhendo frutas e podando árvores. Os olhos dela, de um tom suave cor de chocolate, cintilavam sob a luz do sol.

— Tipo dar aula, por exemplo. Ou trabalhar em algum armazém de navio, ajudando com os inventários e relatórios de estoque. Ou quem sabe administrando seu próprio ateliê de costura... Pensa só como essa semana teria sido mais fácil se você pudesse ter feito uma lista do que precisava ao invés de calcular e lembrar tudo de cabeça.

Lily fungou.

— Não foi difícil. Na verdade, foi bem mais fácil do que isso aqui. — Ela lançou o livro sobre a escrivaninha.

— Você acha que foi fácil porque é inteligente e tem uma memória ótima — disse Gabriella. — Eu não conseguia guardar o nome daqueles tecidos, metragens e penduricalhos na cabeça nem por dois minutos, quem dirá por dias, quem nem você.

A careta de Lily se abrandou um pouco.

— Sério?

— Sim, é sério. Fiquei impressionada... e com um tantinho de inveja. — Lily ficou boquiaberta. Nitidamente, nunca havia lhe ocorrido que uma princesa pudesse invejar algo dela. — O que eu quero dizer é que ler e escrever abre muitas portas. Você vai ter mais opções para sustentar seu bebê e a si mesma. — Gabriella hesitou um pouco e, em seguida, acrescentou. — Não é isso o que você quer? Criar um lar seguro para você e seu bebê, e ter recursos suficientes para nunca mais ficar numa situação ruim?

Ainda que Lily nunca tivesse contado muito sobre sua vida pregressa em Veralea, Gabriella sabia que algo ruim havia

acontecido lá. A moça sempre se encolhia e tremia quando ouvia barulhos estridentes, e sempre olhava para trás por cima dos ombros, como se alguém estivesse em seu encalço. Tinha cicatrizes no pulso, nas costas e nos braços, marcas que mantinha escondidas em vestidos de manga comprida. Gabriella só sabia delas pois, certo dia na semana anterior, havia chegado mais cedo na escola e encontrado Lily trocando de roupa no vestiário.

Mordendo os lábios carnudos, Lily corou e abaixou o olhar.

— Sim — admitiu com um suspiro rouco. — Vim aqui para isso.

— E eu prometo que vou ajudar ao máximo. Aprender a ler é um primeiro passo excelente. — Ela sabia que Lily tinha ido até lá para se casar com um calbernano. A moça, no entanto, achava os mareanos grandes e de peito nu um pouco intimidantes. (Quem poderia julgá-la?) Ela ainda não tinha conseguido juntar coragem para se aproximar de um deles. Como muitas mulheres — muitas delas tornadas viúvas ou órfãs por causa da guerra — tinham ido a Konumarr para ter a oportunidade de encontrar um noivo, Lily ainda não havia conseguido atrair a atenção de algum calbernano. Em mais de uma ocasião, Gabriella a havia encontrado olhando pela janela, suspirando diante da visão de mulheres felizes e sorridentes caminhando na companhia de seus pretendentes estrangeiros.

— Você realmente acha que consigo a aprender a ler?

Gabriella deu um aperto na mão de Lily.

— É claro que acho. Você não teve determinação o bastante para chegar até aqui sozinha? Sei que não deve ter sido fácil.

— Não foi... — concordou Lily.

— Bem, se você conseguiu aquilo, consegue isso também. Você é inteligente. Você já aprendeu tanta coisa no pouco de tempo que está aqui. Você só precisa continuar firme nos estudos e não desistir.

— Não, senhora. Quer dizer, sim, senhora. — Lily fez uma careta e respirou fundo. — Quer dizer, obrigada. Obrigada por toda ajuda, Sua Alteza. Nunca conheci uma Lady tão generosa como a senhora.

Gabriella sorriu. Ela estava preocupada com aquela moça destemida. Lily tinha um bom caráter, era trabalhadora e generosa: qualidades admiráveis em qualquer pessoa. Além disso, especialmente na última semana, Verão encontrou paz de verdade

na companhia dela. O bebê se revirando e chutando na barriga de Lily não despertava mais a fera em Gabriella, como duas semanas atrás, provavelmente porque a fera havia concentrado seu foco em Dilys Merimydion e nas irmãs dela.

— Vamos terminar essa página e parar mais cedo — sugeriu Gabriella. — Estou sabendo que vão acontecer bailes nas praças hoje à noite. Acho que você devia ir.

Lily lançou um olhar ansioso e demorado pelas janelas da escola, de onde entrava o som de casais se cortejando. Em seguida, porém, a expressão de Lily ficou melancólica e ela disse:

— Ah, não sei. Foi uma semana cheia. Eu estava pensando em repor o sono.

— Não seja besta. Vá para o baile. Você vai se divertir. — Gabriella detestava o fato de Lily estar trancada naquela escola quando, na verdade, deveria estar o vilarejo dançando e conhecendo jovens bonitos.

— Hum... está bem, eu talvez vá — murmurou a jovem.

Gabriella, que havia passado a vida tergiversando, era capaz de sentir o cheiro de uma mentira deslavada a quilômetros de distância. E Lily não chegava perto de ser uma boa mentirosa.

— Quer dizer que você não vai. — Gabriella levantou a mão para impedir por antecipação quaisquer protestos falsos. — Pelo menos me diga por que você não vai quando está na cara que gostaria de ir. O motivo não pode ser o bebê. Na cidade, tem pelo menos uma centena de mulheres grávidas atrás de esposo.

Mordendo o lábio e corando de leve, Lily confessou.

— É que... bem... eu não conheço ninguém. Entre trabalhar na escola e estudar à noite, não consigo sair muito. Não que eu esteja reclamando! — apressou-se em acrescentar. — Longe de mim. Sou muito grata pelas aulas, pelo trabalho e pelo lugar para morar. Mais grata do que seria capaz de expressar...

— Mas você não teve muito tempo para fazer outras coisas.

— E tudo bem! — exclamou Lily. — Aqui, eu ganhei coisas com as quais não poderia nem sonhar.

Gabriella colocou mão sobre a de Lily e sorriu.

— Está tudo certo. Eu super te entendo. A culpa é minha. Estou tão envolta em minha própria vida, que acabei sendo insensível.

Não me dei conta de quão pouco tempo deixei para você viver a sua própria vida.

— Ah, não, senhora. Nem um pouco. Por favor, não ache uma coisa dessas. É só que... bem, eu sei que consegui vir sozinha de Pomares até aqui, mas, ao contrário do que você acredita, consegui por desespero, não por coragem. Eu sou uma grande covarde, sério. Especialmente quando se trata de ir a algum lugar sem a companhia de um conhecido. Antes de começarmos a fazer as fantasias, tive muitas oportunidades de sair e conhecer gente, mas não fui. Era mais fácil, mais confortável, ficar sozinha.

Gabriella nunca diria que Lily era uma pessoa tímida e reservada. Muito provavelmente porque a moça era bastante prestativa e eficiente. E provavelmente porque levava jeito com crianças, dosando bem o tom firme de autoridade com seu jeito bondoso e acessível.

Agora, Gabriella se sentia culpada por não ter prestado mais atenção. Ela estava tão preocupada com as próprias questões, que se tornou completamente cega para as de Lily. Não era de sua índole ser assim e ela detestava o fato de ter sido egoísta. Esse, porém, era um descuido que Verão poderia corrigir. Ela estava bem acostumada a lidar com pessoas tímidas e reservadas. Diverti-las, tirá-las do casulo e ajudá-las a fazer amigos, na verdade, sempre foi um de seus principais papéis. (Ser amigável com cretinos era o outro papel que costumava caber a ela.) Ainda que Gabriella não fosse ficar em Konumarr por tempo suficiente para ver Lily com a vida assentada, ela poderia, ao menos, garantir que a moça saísse um pouco da escola, conhecesse alguns calbernanos e fizesse amigos que não a deixassem se esconder.

E poderia começar fazendo Lily sair da escola para se divertir naquela noite.

— Acho que dançar nas praças é exatamente o que você precisa — disse Gabriella. — Para ser bem honesta, meu plano era ir com você para dançar um pouquinho. — A súbita chama de esperança que se acendeu nos olhos de Lily fez Gabriella se sentir ainda mais culpada por não ter percebido antes como a moça estava se sentindo sozinha.

O rompante de esperança de Lily logo se dissipou.

— Você? Uma Lady da nobreza? Dançando na praça? — Lily balançou a cabeça. — Ah, acho que não. Não seria certo. — Como a maior parte dos veraleanos, Lily foi criada com uma ideia muito rígida de quais eram as classes sociais e de que lugares cada pessoa devia ocupar. Esse era um dos aspectos de que Gabriella menos gostava em sua terra natal. Aqui, na Cordilheira Invernal, havia nobres e plebeus, mas a necessidade de sobreviver ao clima severo os tornava muito mais dependentes uns dos outros, muitas vezes borrando, ou até apagando, as fronteiras entre classes sociais.

— Meu plano não era ir de Lady da nobreza — disse Gabriella, pensando rápido. — Você e eu temos quase o mesmo tamanho. Eu pensei que você poderia me emprestar um vestido ou quem sabe um lenço.

— Eu... você tem certeza?

— Absoluta — disse Gabriella. Na verdade, quanto mais ela pensava no assunto, melhor a ideia soava. Uma das técnicas que a mãe havia ensinado a ela para se acalmar era fugir do que a deixava tensa fazendo algo leve e divertido. E os deuses sabiam que, desde a chegada dos calbernanos, Verão andava mais tensa do que uma mola. Dançar, passatempo do qual sempre gostou, provavelmente lhe faria muito bem. E como era improvável que o príncipe da Calberna e as irmãs fossem se juntar ao povo comum, ir às festas nas praças em companhia de Lily era, muito provavelmente, a opção mais segura para aquela noite.

Lily mordeu o lábio.

— Bem, tenho o vestido que minha mãe fez para mim. Acho que deve servir em você. É minha melhor roupa.

— Ah, não, não posso usar seu melhor vestido. Você devia vesti-lo.

— Não posso. — Lily deu um sorriso cabisbaixo e deu um tapinha na barriga. — Ele não serve mais em mim.

— Ah. Nesse caso, eu ficaria honrada em usar o vestido que sua mãe fez para você.

Capítulo 8

O vestido da mãe de Lily precisava de alguns pequenos ajustes para servir em Gabriella. Como a princesa não tinha como sumir por uma tarde inteira sem despertar a atenção de todos, Verão deixou Lily trabalhando e voltou ao palácio para criar um álibi para a noite. Depois de um rápido jantar com a família, ela anunciou que não estava se sentindo bem, voltou aos aposentos dela e instruiu Amaryllis de que não gostaria de ser incomodada. Depois disso, para sair em segredo do palácio, bastava usar a porta lateral e sussurrar algumas poucas palavras de Persuasão, fazendo os guardas desviarem o olhar.

Uma hora depois, usando o lindo vestido lilás de mangas compridas e babados, Gabriella deixou a escola na companhia de Lily. Lily havia colocado um vestido de cintura alta amarelo que fazia um contraste surpreendente com os olhos, pele e cabelo escuros dela. Ambas estavam cobrindo a cabeça com lenços brancos amarrados por debaixo das longas madeixas de cabelo preto. As duas pareciam camponesas de Veralea a caminho do baile.

— Nós podíamos ser irmãs — disse Verão, enquanto se dirigiam para uma das muitas praças largas da cidade. Ela e Lily tinham a mesma estatura. Tinham o cabelo da mesma cor e comprimento. A pele de Lily era mais escura, mas, se não estivessem de pé lado a lado, a diferença não era perceptível.

— Sim, imagino que sim, Sua Alteza.

Gabriella se deteve e segurou Lily pelo braço.

— Não. Nada desse negócio de “Sua Alteza”. Hoje, não sou princesa, Estação, nem Lady. Você tem que me chamar de Gabriella.

— Eu... eu não consigo.

— Claro que consegue. Tente. Gabriella.

— Gabriella — sussurrou Lily que, em seguida, com um olhar arregalado e horrorizado no rosto, cobriu a boca com as mãos.

Afetadamente, Verão olhou para os lados e para o céu. Em seguida, riu:

— Viu só? Você não foi atingida por um raio!

Depois de um momento de surpresa, Lily riu.

— Diga outra vez — incitou-a Verão.

Com um pouco mais de confiança, Lily falou:

— Gabriella.

— Excelente. — Ela entrelaçou o braço ao de Lily. — Já que somos tão parecidas, se alguém perguntar, acho que você deveria responder que é minha irmã. Tudo bem por você?

— Eu... se for de sua vontade, Sua... hã... Gabriella.

— Sim, é de minha vontade.

Juntas, de braços dados, as duas seguiram por uma rua lateral de paralelepípedos até a avenida principal. Mesmo com o relógio da praça badalando nove horas da noite, o sol ainda brilhava intensamente quando as duas chegaram ao local. Uma banda de percursionistas, violinistas e flautistas reunidos no terraço de um dos edifícios da praça tocava uma melodia alegre enquanto calbernanos e mulheres sorridentes lindamente vestidas giravam pela praça.

Lily os observou com um misto de felicidade e tristeza.

— O Tomis sempre prometia que um dia íamos dançar juntos — disse ela. Ela passou a mão sobre a barriga. — Nós nunca dançamos.

— Tomis... era o seu marido? — Lily nunca o havia chamado pelo nome.

Com os olhos mareados, Lily olhou para Verão, mas logo desviou o olhar.

— Ele ia ser. Nós nunca chegamos a nos casar de verdade... só dissemos os votos para nós mesmos. — Ela olhou para baixo e arrastou o sapato no chão. — Ele se alistou para ganhar dinheiro para nos casarmos de verdade. Daí, depois que o Tomis morreu e que eu descobri que estava grávida... bem... meu *da* não é um homem legal. Ficar por lá teria sido ruim.

Então o agressor tinha sido o pai. Era uma pena Gabriella não poder arriscar ir atrás dele para fazer justiça. Ela não se

incomodaria em soltar seus monstros contra um homem capaz de agredir a própria filha, especialmente uma filha de boa índole como Lily.

— Por isso você veio para cá.

Lily confirmou com a cabeça.

— Eu ouvi falar que os mareanos iam vir para cá atrás de esposas, daí pensei: por que não? Ouvi dizer que eles tratam bem as mulheres e pensei que ao menos meu bebê poderia ter uma vida melhor do que a minha. — Ela balançou a cabeça e secou as lágrimas. — Perdão por mentir para a senhora, Sua... — Ela se deteve antes de nomear o título. Em seguida, respirou trêmula e profundamente. — Perdão — disse outra vez, em tom baixo, sem olhar para Verão. — Eu vou entender se você quiser que eu deixe a escola.

— Deixar a escola? — Gabriella olhou para Lily verdadeiramente surpresa. — Por que eu ia querer que você deixasse a escola?

Os olhos de cor de âmbar da moça piscaram solenemente.

— Porque eu menti para você, senhora.

— Gabriella. Você aceitou que ia me chamar de Gabriella.

— Foi antes.

— Antes do quê? Antes de você confirmar o que eu já sabia? — Verão sorriu. — Não seja besta. Se você quiser, você tem um lar aqui, Lily. Tem um lugar para morar, um trabalho e educação. Nessa noite, estamos indo para as praças para nos divertir e ver se você conhece algum calbernano que seja de seu interesse. Mas se você preferir continuar em Konumarr e educar seu filho sozinha, você sempre terá um lugar, se não na escola, no palácio.

— Sim, senhora... Gabriella. Obrigada.

— Só tem mais uma coisa que eu preciso saber.

— Senhora? Quer dizer, o que é?

— Qual é sua idade de verdade, Lily? Suspeito que, diferente do que você disse, você não tem 20 anos.

Lily mordeu a parte de dentro da bochecha.

— Faço 17 anos na primeira freikasdia do mês que vem.

— Entendi. — Tão jovem... — Me diga uma coisa, você está realmente interessada em se casar com um calbernano? Ou você

veio até aqui pois acha que se casar com eles é a única forma de garantir o básico para seu bebê?

Lily olhou ao redor para os homens altos, fortes e tatuados rindo, dançando e conversando com as mulheres da Cordilheira Invernal e da Veralea que vieram atrás de maridos.

— Bem, eles são os homens mais bonitos que já vi na vida.

— São mesmo.

— E, como eu disse, ouvi dizer que eles tratam bem as mulheres. Nada mal para uma moça.

— Não mesmo. Mas você não precisa se sentir pressionada a se casar.

Lily soltou um suspiro.

— Eu sei, eu amava meu Tomis de verdade. Nós crescemos juntos. Mas ele se foi e eu não quero passar o resto da minha vida sozinha. Quero um pai para o filho dele. E quero ter mais filhos. Preciso de um marido para isso. — Lily se virou para Gabriella. — Quero um homem bom. Não um parecido com meu *da*.

— Muito bem, então. — Com um sorriso, Verão passou o braço ao redor da cintura de Lily. — Se você quer mesmo um marido calbernano, então vamos achar um que seja bom para você.

Ela não estava lá.

Tão logo colocou o pé no terraço do palácio, onde seus oficiais e as damas da corte estavam reunidos para as diversões da noite, Dilys sentiu a ausência de Verão Coruscate. Tendo se preparado para a caça, ao ver seus planos frustrados, Dilys se sentiu tanto frustrado, quanto mal-humorado.

Quando Primavera e Outono entraram no terraço para se juntarem às festividades, ele foi direto até ela, quase se esquecendo de dar um sorriso de boas-vindas ao se aproximar. Dilys se forçou a cumprir os protocolos básicos de decoro antes de perguntar às princesas sobre o paradeiro da irmã delas. O esforço dele deve ter dado errado, pois ambas Outono e Primavera pareceram surpresas.

Depois de as duas Estações trocarem um olhar eloquente, Primavera respondeu:

— A Verão avisou que não está se sentindo bem esta noite. Ela se retirou mais cedo e pediu para não ser incomodada.

— Aconteceu algo entre vocês dois? — perguntou Outono. Havia algo no tom de voz dela que Dilys não foi capaz compreender.

— *Ono* — negou ele. — Não aconteceu nada. — A curiosidade dele aumentou. — Por quê? Ela disse que aconteceu algo? — Fazia vários dias que Dilys não conseguia se aproximar de Verão, mas, depois de ter mordido a língua naquela primeira manhã, ele vinha evitando cuidadosamente dizer ou fazer qualquer coisa que as princesas pudessem tomar por ofensa.

— Não, é claro que não.

— Algum dos meus oficiais disse ou fez algo que a chateou? Pois se fez, eu...

— Seus oficiais têm se portado como perfeitos cavalheiros — garantiu-lhe Outono. — Não quis sugerir nada do tipo. Só achei que sua pergunta pudesse indicar que você e ela podiam ter... hum... decidido passar mais tempo juntos.

Dilys hesitou. Ocorre-lhe, com atraso, que indicar qualquer interesse por Verão podia não ser a melhor forma de cair nas graças das duas princesas que ele vinha cortejando desde a chegada. Para um homem treinado desde o berço para compreender e antecipar os desejos das mulheres, esta era uma perspectiva especialmente chocante. Como, no entanto, nenhuma delas pareceu incomodada com a possibilidade de seu interesse por Verão, Dilys admitiu com cautela:

— Achei que eu e ela talvez pudéssemos começar a fazê-lo.

As irmãs trocaram outro olhar. Dessa vez, Dilys reconheceu o teor. Não era um olhar bom. Ele queria dizer que Dilys havia interpretado de forma totalmente equivocada a resposta das duas Estações à pergunta dele.

— É mesmo? — perguntou Primavera, com as sobrancelhas pretas arqueadas sobre os olhos verdes gélidos.

— Eu achava que você preferia alguém com um pouco mais de fogo do que ela — disse Outono. — Alguém um pouco mais, tipo... — ela se virou para a irmã — ...como foi que ele chamou mesmo a Verão?

— Chá com leite — complementou Primavera, com o olhar gélido pregado ao rosto de Dilys.

— Isso. Chá com leite. — Outono virou-se de novo para Dilys e sorriu.

Aquele sorriso quase o fez recuar um passo. Ele se segurou bem a tempo. Há certas criaturas no mundo a quem um homem não pode ousar demonstrar medo, caso queira sobreviver. Mulheres, especialmente mulheres com raiva que julgavam estar protegendo uma irmã querida, estão entre as mais perigosas dessas criaturas.

— Como já expliquei, esse comentário foi uma demonstração estúpida de orgulho ferido, da qual me arrependi tão logo a pronunciei. Não foi a sério, nunca foi, e já pedi desculpas por isso. Desculpas que vocês três aceitaram — recordou-lhes Dilys.

— Bem, uma coisa é perdoar — disse Outono. — Outra coisa é esquecer.

— São duas coisas absolutamente diferentes. — Primavera se posicionou ao lado da irmã, criando literalmente um muro de pura feminilidade bem no caminho de Dilys. — E, a julgar pelo fato de a Verão ter feito questão de manter distância de você, eu diria que ela também não se esqueceu de nada.

— Além disso, o perdão é bastante duvidoso. — O sorriso de Outono era tão cortante que surpreendia Dilys não estar sangrando com lacerações múltiplas.

— Estou ciente de que vou precisar me empenhar bastante para reconquistar as boas graças da irmã de vocês. Esse é um dos motivos para minha esperança de conversar com ela essa noite. Queria começar a arrumar as coisas.

— E? — O olhar de Primavera não se abrandou nem um pouco. Confuso, Dilys franziu as sobrancelhas.

— E o quê?

— Os outros motivos para você querer conversar com ela — explicou Outono, em tom seco. — Quais são?

Dilys havia encarado exércitos inimigos menos cruéis do que aquelas duas mulheres o interrogando sobre suas intenções a respeito da irmã delas. A admiração dele aumentou na mesma proporção que o interesse pela mulher que inspirara tamanho amor e lealdade.

Dilys havia ido até lá para cortejar as três Estações de Veralea e para escolher, dentre elas, uma *liana* forte, sábia e capacitada para

dar à luz a nova rainha da Calberna. Tudo o que ele sabia, tudo o que havia descoberto pessoalmente a respeito de Outono e Primavera, dizia que elas, e não a irmã, eram a escolha certa para tal papel.

E ainda sim, cada instinto e cada célula em seu corpo lhe diziam que Verão — e não as sábias, capacitadas e fortes irmãs dela — era não apenas a mulher certa para ele, mas a *única* mulher para ele.

As princesas queriam saber quais eram as intenções dele acerca da irmã delas. Um homem cauteloso cobriria as apostas agora. Mesmo se Dilys quisesse seguir os próprios instintos para ver o que mais viria delas, ele deveria manter as opções em aberto — cortejando as três irmãs, conforme o acordo com Khamsin das Tempestades —, para o caso de seus instintos estarem errados.

Mas ele havia lutado batalhas o bastante para saber que, às vezes, um ataque direto, corajoso, no estilo tudo ou nada, era o único caminho para a vitória. Levando em conta que seu desejo por Gabriella Coruscate vinha ficando cada dia mais forte, e apesar de ela haver elevado a capacidade de evitá-lo à condição de arte, esta era uma batalha em que a cautela era a pior opção.

— Me desculpe, mas meus outros motivos são de ordem pessoal. Não vou fazer a Verão o desserviço de divulgá-los antes de ter a oportunidade de conversar com ela em privado. — Ele fez uma reverência séria, primeiro para Primavera e então para Outono. — *Myerialanna* Primavera, *Myerialanna* Outono. Agradeço a ambas pela honra de sua companhia nos últimos dez dias. Vocês me fizeram sentir verdadeiramente bem-vindo. Qualquer homem se sentiria agraciado pelos deuses por poder chamar a si mesmo de seu *akua*, seu marido. Agora, se vocês me permitem, já que a *Myerialanna* Verão não irá se juntar a nós para as festas, vou deixá-las a sós.

Enquanto se afastava, ele ouviu Outono dizendo:

— Ele acabou de... *dar um fora* na gente?

— Quer saber? — respondeu Primavera, em tom pensativo. — Eu acho que sim.

O tom de voz de Outono baixou ao ponto de um sussurro, mas a audição afiada de Dilys foi capaz de ouvi-lo facilmente, como se ela estivesse lhe falando a plenos pulmões diante do ouvido:

— Eu sabia que tinha algo rolando entre eles dois! Eu *sabia*! Eu falei que a Verão estava mentindo! Eu falei que ela estava mentindo até para a gente.

— Parece que sim. A pergunta é... por quê?

E era a respeito dessa pergunta que Dilys continuava refletindo, horas depois, enquanto caminhava pelos jardins iluminados à meia-luz que conduziam às margens do fiorde Llaskroner.

Presumindo que as irmãs tinham razão, por que motivo Verão Coruscate se empenharia tanto em evitar um pretendente por quem se sentia atraída? Por qual motivo ela se empenharia tanto em não somente fazê-lo acreditar que não gostava dele, mas também que tinha *medo* dele? E por que, visto que compartilhava de um vínculo tão íntimo com as outras Estações, ela mentiria acerca dos próprios sentimentos mesmo para as irmãs que amava e confiava acima de qualquer pessoa? Não fazia sentido.

A grama espessa e macia sob os pés de Dilys cedeu lugar à pedra dura do terraço e degraus que conduziam ao pequeno cais. Nele, havia vários botes a remo e veleiros atracados para uso dos convidados do palácio. Dilys desceu os degraus e chegou ao cais de madeira. A lua havia se erguido ao céu. Sua luz prateada refletia sobre a superfície escura da água.

Por um momento, ele pensou ter visto uma mulher de pé na outra extremidade do cais; a lua recortava a silhueta esguia de seu corpo. No entanto, quando Dilys voltou sua atenção a ela, ela desapareceu. Ele franziu o cenho e se deteve. Era uma visão estranha, como um relance de memória ou um fragmento confuso de sonho emergindo de seu inconsciente. Devia ser um sonho. Dilys nunca esteve naquele cais à noite e na companhia de uma mulher. Suas navegações noturnas com Outono e Primavera foram todas a bordo do *Kracken*, não em pequenos veleiros, decisão tomada de caso pensado, de modo que Dilys pudesse se concentrar em divertir as princesas, não em lidar com cordas, velas e retrancas. Quanto a seus mergulhos diurnos no fiorde, Dilys os havia restringido às primeiras horas da manhã, quando a maior parte do palácio e do vilarejo continuava dormindo, mas o sol já havia nascido.

E ainda assim, este lugar... que *agora*... pareciam tão familiares.

Dilys fechou os olhos com força, esfregou as têmporas e tentou entender de onde vinha aquela memória. Nela, ele estava de pé ali ou em um lugar muito parecido. A única diferença era que o cais de sua memória não estava tão limpo e organizado quanto agora. Faltavam as cordas enroladas e as várias âncoras jogadas nas bordas do píer... pois a mulher... tinha tropeçado em uma das cordas. Ela tinha... caído. Dilys conseguia ouvir o barulho da água. E o silêncio, pois ela não retornava à superfície. Um longo segundo se arrastou... depois outro... Ele conseguia sentir a madeira úmida do píer sob a sola dos pés enquanto o atravessava correndo e mergulhava nas águas plácidas e escuras do fiorde...

Dilys sentiu o peito apertar. Ele colocou a mão sobre o coração e pressionou as garras contra a pele espessa do peitoral. A mulher estava se afogando. Ele tinha tentado salvá-la. Ele conseguia vê-la através da água, conseguia ver o cabelo escuro pairando como tiras de seda do mar diante do rosto dela. Conseguia ver olhos dourados brilhando para ele através da escuridão.

Olhos dourados, não azuis. Não eram, portanto, de Verão Coruscate. De quem eram, então? Por que ele não conseguia se lembrar?

Do pôr do sol à penumbra semi-iluminada da noite curta de verão, Lily e Gabriella riram, dançaram e conversaram com belos homens calbernanos. Timidamente, Lily flertou. Já Gabriella, não. Muitos calbernanos tentaram se aproximar dela, mas ela lhes dizia que já estava comprometida e que só tinha ido para acompanhar a irmã.

As mesas transbordavam com a comida fornecida pelo rei e pela rainha. Mais mesas ainda transbordavam de vinho, cerveja e hidromel cujos copos custavam apenas uma *piseta* de cobre. Lily começou bebendo o ponche doce gratuito até o atencioso jovem calbernano que havia dançado com ela várias vezes lhe comprar uma taça de vinho de gelo; depois de secar rapidamente a primeira taça, ele lhe comprou uma segunda. Antes que Lily chegasse ao fim da segunda taça, Gabriella percebeu que aquilo estava errado. Tanto por não ter se alimentado bem durante o dia, quanto por ser fraca para álcool, o vinho forte ia subir direto para a cabeça de Lily.

— Ei, ei, está na hora de te levar para casa — anunciou Gabriella quando Lily começou a trançar os passos.

— Eu vou acompanhá-las até a residência — disse o jovem calbernano que havia trazido o vinho a Lily. Ele parecia sinceramente aflito por seu presente tê-la deixado alterada.

— Não precisa... É Talin, não é? Não estamos muito longe daqui. — Verão tinha passado uma excelente noite de diversão e anonimato. Mas Talin e Lily haviam passado do ponto e Verão não queria que ele descobrisse que ela havia mentido sobre sua identidade. Se ele as acompanhasse até a escola, quem ele veria partir seria a princesa Verão, pois Verão não tinha como voltar ao palácio usando o vestido de Lily.

— O sol já se pôs e a Lily-myerina não está em si — replicou Talin. — Eu vou acompanhá-las.

A aprovação de Gabriella ao moço subiu mais um nível. Proteger uma pessoa vulnerável é um traço de caráter admirável. Mas, ainda assim, ele não ia voltar com elas.

— Sério, Talin, não precisa. Com o exército calbernano inteiro aqui e com a Guarda Branca patrulhando as cidades, Konumarr é atualmente o lugar mais seguro da Mystral. — Ela sorriu para amaciar a recusa. — Qual é o seu navio, Talin?

O jovem estufou o peito de leve.

— Eu sou tripulante do *Kracken*, Gabriella-myerina.

O navio de Dilys Merimydion. Até parece... Com *toda certeza*, Talin não ia acompanhá-las de volta à escola.

— Vou lembrar à Lily de procurá-lo por lá amanhã — disse ela, com um leve empuxo de Persuasão. — Está bem? Ótimo. Tenha uma ótima noite, então. — Sem lhe dar tempo para objetar ou rejeitar o comando sutil, Gabriella passou o braço ao redor da cintura de Lily e seguiu na direção da avenida.

Depois de alguns desvios propositais de modo a garantir que Talin não havia decidido segui-las, Gabriella conduziu Lily por uma das ruas paralelas que levava à escola.

— Vem, Lily, vamos te levar para casa.

Lily piscou lentamente e deu um sorriso bêbado.

— Eu não sou a Lily, não. Cê que é. Viu só? — Ela mostrou o vestido lilás de Gabriella. — Cê tá com o viisstido dela. — Ela deu

um cutucão no peitoral de Verão. — Você é a Lily. Eu sou a Gabriella. — Lily pendeu a cabeça para trás e caiu na risada.

Verão soltou um suspiro.

— Está bem, Gabriella. Vamos levar você para casa. E chega de vinho de gelo para você.

Lily fez um beicinho.

— Mas eu gossto de viinh de gelo.

— Dá para ver — respondeu Gabriella, em tom seco.

— Eu gostei do Talin.

— É, ele parecia bem legal.

— Ele também gostou de mim.

— Pareceu mesmo.

— Você é uma amiga tão legal, Lily. — Lily passou o braço ao redor do pescoço de Verão, tirando do lugar o lenço que lhe prendia, e lhe tascou um beijo sonoro e molhado na bochecha. — Eu queria que você fosse minha irmã. Essa foi a melhor noite da minha vida. — Dito isso, ela se desgrudou de Verão e saiu correndo pela rua na direção da escola. Lily tirou o lenço da cabeça e começou a rodá-lo em círculos no ar. — Eu amo o Talin. Eu te amo. Eu amo *todo mundo*! — Ela subiu saltitando e dançando os degraus da entrada da escola, desapareceu na penumbra da porta recuada e começou a cantar desafinadamente:

— A Lily é minha amiga maior... é minha comadre na Terra Invernal — cantou, ao que desatou em risos de bêbada por causa da rima.

Verão suspirou e deu um riso tristonho enquanto arrumava o lenço na cabeça e se inclinava para recuperar o que Lily havia lançado ao ar. Uma certeza era: vinho de gelo para Lily, nunca mais.

O céu estava escuro e a lua havia se escondido atrás de um grupo de nuvens. Lamparinas a óleo acesas em cada quadra mantinham a rua bem iluminada, mas muitos becos estreitos que cortavam entre os prédios eram intransponíveis. Mais tarde, Gabriella ia criticar a si mesma por não ter prestado muita atenção enquanto percorria os becos mais sombrios perto da escola.

O soco nas costelas a pegou completamente de surpresa.

Ele a atingiu como um martelo. Verão ouviu um estalido, sentiu a ardência súbita de dor e, em seguida, sentiu a força das pernas se

dissipar.

Seu corpo se estatelou de lado contra os paralelepípedos cinzas da rua. Se ela não tivesse apoiado o braço direito enquanto caía, ela também teria batido a cabeça. Ainda assim, Verão ficou atordoada com o impacto do braço na pedra e da cabeça contra o braço. Seu cabelo desfeito caiu sobre o rosto, deixando-a cega no chão enquanto tentava recuperar o fôlego.

— Você achou que eu não ia te encontrar, sua vagabunda idiota?
— Ela ouviu o triturar das botas contra a pedra. Em seguida, algo duro bateu no lado de seu corpo. O pouco de ar que havia conseguido recuperar se esvaiu novamente tão logo uma nova e ardente dor lhe rasgou o peito. O animal bateu outra vez nela!

Verão gemeu de dor. Em seguida, soltou um grito estrangulado quando uma mão carnuda lhe agarrou a frente do vestido e a puxou do chão.

— Você achou que podia simplesmente fugir? Você achou que eu não viria atrás?

A mão lhe deu um golpe de revés na base mandíbula. A boca de Verão ficou cheia de sangue ao impacto dos dentes uns contra os outros. Ela se engasgou e tossiu sangue. O último golpe fez a maior parte do cabelo sair do rosto dela, permitindo-lhe ver ao menos os contornos do agressor. Um homem corpulento e grosseiro, com o rosto envolto em sombras, pairava sobre ela. Ela semicerrou os olhos, ofuscada pela luz da lâmpada de iluminação da rua.

O homem congelou. Ele puxou Verão mais para perto do foco de luz, de modo a ver melhor o rosto dela.

— Quem diabos é você? Onde está minha filha? Por que você está usando o vestido dela?

Foi quando, da direção da escola, veio o grito de Lily.

— *Da!*

— Lily! — O agressor de Gabriella a soltou, deu um último e brutal chute, e partiu em direção à escola. — Fique onde você está, sua cadela vagabunda!

Lily gritou de novo. Poucos momentos depois, Gabriella ouviu uma enxurrada confusa de xingamentos entremeados ao som de socos e chutes contra a porta fechada. Graças a Helos, mesmo

bêbada, Lily deve ter tido a lucidez de entrar correndo na escola e trancar a porta.

Verão se virou, apoiando as mãos e os joelhos no chão. Um baque ardente lhe atravessou o peito. Ela se curvou de dor e cuspiu sangue. Respirar era difícil, como se Verão tivesse uma pedra pesada sobre o peito. Ele deve ter quebrado uma das costelas com o primeiro chute e, com o segundo, deve tê-la empurrado para dentro do pulmão.

O barulho da porta da escola se quebrando a fez se levantar, apesar da dor lancinante. Aquele brutamontes estava indo pegar a Lily. A Lily grávida. Apenas um soco ou chute como os que havia dado em Gabriella faria Lily perder o bebê que a fizera fugir para proteger.

Verão envolveu o torso com o braço e foi cambaleando até a escola. Tinha visto as cicatrizes nas costas e braços de Lily, e sabia que aquele monstro devia ser o autor delas. Verão preferia ser condenada aos fogos congelados do Hel a deixá-lo encostar mais um dedo na moça doce e tímida com quem tanto se preocupava.

Ela entrou pela porta espatifada da escola. Os corredores estavam escuros e as lâmpadas, apagadas. Verão, porém, seguiu os sons dos pés correndo, dos gritos estridentes e dos xingamentos. Subiu as escadas. Atravessou o corredor das salas do segundo andar. Todas as portas estavam fechadas, com exceção de uma ao final do corredor. A porta estava aberta e seu grande visor de vidro estava estilhaçado.

Dentro da sala, as carteiras estavam reviradas, jogadas aleatoriamente de lado como se fossem brinquedos de criança. O pai de Lily a estava segurando pelo pescoço contra a parede. O punho dele — aquele imenso martelo — estava recuado, pronto para desferir um golpe contra a barriga dela.

A dor nas costelas de Gabriella cedeu espaço a outra forma de dor, uma forma conhecida. Era a sensação quente e tensa do poder despertando com um rugido. Fazia quase vinte anos que Verão não libertava sua magia mais poderosa. Vinte anos desde o dia em que Verão matou.

Magia que estava libertando agora.

O poder saiu rugindo de dentro de Verão como uma fera selvagem e indomável correndo para fora da jaula. Uma tempestade de fogo violenta, feroz e abrasadora. Uma fúria capaz de incinerar toda e qualquer pena, compaixão ou piedade.

— *Tire suas mãos dela!*

Nas praças de Konumarr, onde a música continuava tocando e os convivas continuavam dançando, todos os calbernanos se detiveram e estremeceram repentinamente. Um segundo depois, todos urraram ao mesmo tempo. O som fez os músicos pararem de tocar imediatamente e fez as águas do fiorde se revirarem em ondas agitadas.

As garras saltaram para fora. As presas de combate desceram nas bocas.

Como se fossem um só, todos os calbernanos abandonaram a dança, as companheiras e o verniz de civilização, e tomaram a rua correndo.

No palácio de Konumarr, Ari, Ryll e o resto dos oficiais da tropa iam e vinham pelas trilhas do jardim iluminado por tochas e dançavam no terraço do palácio iluminado por lamparinas. Estavam todos aproveitando mais uma noite fresca e agradável na companhia das nobres adoráveis e bem-educadas que, quem sabe, poderiam ser suas futuras parceiras.

Foi quando o som irrompeu. Era um Grito como nunca haviam escutado antes. Ele lhes penetrou rasgando o ser. Perfurou-os no âmago. Inflamou uma chama selvagem e furiosa que queimava de forma inimaginável.

Como se fossem um só, e para o choque de suas companheiras, todos urraram. Suas vozes despedaçaram o silêncio da noite.

A água do fiorde se ergueu em resposta, formando ondas que irrompiam forte contra as margens.

Com as garras e presas de fora, eles saíram correndo. Alguns atravessaram a ponte que conectava com a cidade de Konumarr. Outros mergulharam nas ondas sonoras e inquietas do fiorde, lançando jatos fortes de água às margens.

Ela os havia Chamado. Eles deviam responder.

Dilys estava de pé à beira do cais, tentando recordar, sem sucesso, o rosto da mulher de olhos dourados de suas visões.

Foi quando seu mundo virou de ponta-cabeça.

Uma Voz irrompeu contra ele com a força de um maremoto. Era uma voz que esvaziou os oceanos, que rasgou o tecido do universo, que explodiu o sol. Garras e presas quentes como o fogo agarraram-lhe a alma.

Dentro dele, um núcleo frio e dormente desde o nascimento entrou ferozmente em erupção. Era um vulcão cuspidor de fogo, chamas e pedras incandescentes, cujo nascimento lhe rasgava o manto da alma. Dilys se transformava.

Despertava.

Ele havia passado a vida inteira adormecido e não sabia.

Aquela Voz... *Ela* tinha Gritado, fazendo o resto do mundo desaparecer, deixando apenas a necessidade de responder... de servir... de proteger.

Um urro saltou rasgando de dentro dele, explodindo garganta afora. Um urro bruto, aflito. Um grito trovejante de êxtase, medo e fúria. Um Grito de resposta cheio de júbilo e urgência.

As águas do fiorde se revoltaram, formando ondas agressivas e espumantes na superfície. Os joelhos de Dilys se dobraram, juntando força nas coxas. Com um salto explosivo, ele mergulhou sobre um jato de água que se ergueu ao encontro dele. A água o carregou até o outro lado do fiorde, levando-o ao cais do vilarejo em poucos segundos. Dilys pousou no chão e saiu correndo.

Ele não tinha que buscar. Não precisava pensar aonde ia. Naquele mesmo dia, mais cedo, ele havia dito a Ari que se sentia como um peixe no anzol. Aquele sentimento, no entanto, era incomparável com o de agora. O de agora era como ser trespassado por um arpão de caçar baleias, e a corda invisível atada a ele puxava Dilys mais rápido do que seus pés eram capazes de correr.

Ele voou pelas ruas de Konumarr. Milhares de outros também corriam ao redor dele. Todos os calbernanos em Konumarr... seguindo a mesma linha invisível.

Dilys desnudou as presas de combate e rosnou. Ele lutaria contra todos, se preciso. Até a morte, dele ou deles. Suas garras eram

afiadas. Seu corpo, forte.

Todos os potenciais rivais de Dilys se reuniram em torno de um prédio a uma quadra de distância da principal avenida de Konumarr. Dilys vociferou uma Palavra desconhecida. Ela foi expelida do vulcão recém-nascido dentro dele, vulcão carregado com mais do que o já vasto poder que a mãe lhe transmitira. Os potenciais rivais recuaram de surpresa, abrindo o caminho que levava ao edifício de pedra.

Dilys subiu os degraus de três em três e atravessou correndo a porta estilhaçada. Ele nunca esteve naquele prédio, mas encontrou a escada sem titubear e subiu por ela aos saltos. Já havia outros calbernanos dentro do edifício de pedra. Outros que lotavam o corredor entre ele e ela, aquela que o arrastou tão inexoravelmente para junto de si. A multidão de calbernanos também ouviu o Grito dela e, como Dilys, eles responderam ao chamado sem palavras. Eram homens sedentos de serem conclamados, dispostos a provar sua força, velocidade e ferocidade em batalha.

Os tendões no pescoço de Dilys estavam saltados como cabos de aço. Ele urrou em desafio. Com os olhos em chamas e as presas à mostra, alguns calbernanos urraram em resposta, mas a chama dourada nos olhos de Dilys e a terrível Palavra que seus lábios vociferaram fizeram todos se ajoelharem em submissão. Eles se curvaram profundamente, a ponto de mostrar o pescoço, e lhe cederam passagem.

Bom mesmo que o fizessem. Dilys teria lhes despedaçado a carne e pintado as paredes de pedra com o sangue deles.

No final do corredor, outra porta despedaçada estava entreaberta. Atrás dela, estava a sala repleta de carteiras empilhadas contra a parede. Uma multidão de calbernanos estava amontoadas no espaço restante. Eram os que estavam mais perto quando ela Gritou. Diferentemente dos soldados no corredor, eles abriram caminho e deram passagem a Dilys sem oferecer oposição, ainda que alguns peitorais retumbassem e algumas presas estivessem de fora.

O reconhecimento da liderança tranquilizou Dilys. O fluxo quente de sangue se acalmou, bem como o martelar de veias tão alto que chegava a ensurdecê-lo.

Só então ele conseguiu escutar o som abafado de soluços. De mulher. Assustada.

Ele abriu caminho pela última fileira de calbernanos até o pequeno círculo no final da sala. Ali, encontrou uma jovem bonita de vestido amarelo sentada no chão ensanguentado carregando o corpo abatido de outra mulher, esta com um vestido lilás esfarrapado e manchado de sangue. A julgar pela pele escura e cabelo preto, bem como pelo estilo e qualidade das vestimentas, ambas deviam ter vindo de algum vilarejo ou fazenda de Veralea.

As duas estavam cobertas de respingos de sangue escarlate. As paredes atrás delas também. Bem como o chão ao redor. Uma faixa vermelha espessa e larga conduzia à parede do lado oposto onde havia o que parecia ser uma pilha de carne trucidada.

Dilys levou algum tempo até perceber que aquela pilha de carne eram os restos de um homem. O peitoral dele havia implodido: o homem estava com as costelas escancaradas e dobradas para trás, e os órgãos liquefeitos. A cabeça e os membros estavam separados do tronco, como rolhas retiradas de uma garrafa.

Dilys se virou para a moça chorando sobre a outra vestida de lilás. Aquela jovem veraleana chorando... terá sido *ela*? Foi *ela* quem Gritou com força tão intensa, que despedaçou um homem e reuniu todos os calbernanos na cidade?

Como era possível? Ninguém, além de poucas filhas da Calberna, teria voz para tal magia. Dilys estaria ciente da existência dela. A Casa dele e outras dentre as mais poderosas da Calberna estavam há milênios empenhadas em trazer para sua terra natal aquela magia poderosa e há muito perdida.

Não podia mais ser aquela veraleana. Quem Gritou era, com certeza, calbernana. Mas que pai ou mãe calbernano permitiriam que sua filha — especialmente uma filha com aquele dom — deixasse a proteção das Ilhas? Aliás, como uma filha dessas poderia ter nascido e permanecido desconhecida de todos?

Era impossível. Não tinha como ser.

Ainda assim, sem qualquer dúvida, uma mulher com o grande poder calbernano há muito perdido tinha Gritoado com uma Voz que não era ouvida na Mystral há pelo menos dois mil anos.

— Quem é você? — perguntou Dilys à veraleana em prantos. — De onde você é? Onde está a mulher que fez isso? — Ele apontou para o monte de carne.

Dilys não queria parecer ameaçador, mas a reação que a Voz havia despertado nele continuava tão forte, que suas palavras soaram como um rugido mortal. Com as garras e presas de combate completamente estendidas, ele devia parecer e soar aterrorizante.

Com certeza aterrorizou a moça de vestido amarelo, pois, em resposta à pergunta dele, ela puxou o corpo da moça de lilás para mais perto do peito e, tomada de medo, começou chorar e implorar que ele não as machucasse.

Atrás de Dilys, os outros homens ficaram inquietos. Eles haviam se submetido inicialmente à sua autoridade e lhe cedido passagem, mas a reação daquela moça a ele, reação de nítida rejeição, reabriu as vias da contestação.

Dilys estava dividido. Por um lado, precisava se acalmar e retraindo garras e presas para tranquilizar a moça histérica o suficiente para obter algumas respostas. Por outro, com milhares de calbernanos em sua esteira, todos prestes a matar, ele precisava estar pronto para a luta ao menos até resolver o mistério: descobrir quem tinha Grito e aonde ela fora, caso não fosse uma das camponesas veraleanas.

Que certamente não era.

Foi quando Dilys se deu conta de algo que lhe deu um nó nas entranhas. Não importava quem era a dona da Voz, pois ele tinha a obrigação firmada em contrato de cortejar exclusivamente as Estações de Veralea nas próximas dez semanas. Quebrar um contrato selado com sangue e sal o estigmatizaria eternamente como quebrador de juramentos, tornando-o indigno da mulher portadora daquela Voz.

O que implicava que, independentemente de quem fosse, ele não tinha o direito de cortejá-la naquele momento.

Não tinha direito de ser reivindicado por ela até que as Estações fizessem suas escolhas.

Numahao do céu.

Ele ainda estava se recuperando dessa percepção quando alguém abriu caminho vindo do fundo da sala.

— Lily?

Dilys se virou. Sua agressividade cresceu numa resposta instintiva. Ele reconheceu um de seus homens do *Kracken*. Tratava-se de um balista chamado Talin.

— Você conhece essas mulheres, Talin? — Dilys não conseguia tirar o rosnado da voz.

— *Tey, moa Myerielua*. Bem... só um pouco. Eu as conheci hoje à noite. São Lily e Gabriella, a irmã dela, ambas de Veralea. — Talin avançou um passo e, observando Dilys atentamente, chamou: — Lily? Sou eu, Talin. Você se machucou?

A moça de vestido amarelo chorando ergueu o olhar, arfou e, ao ver Talin, desatou novamente em lágrimas, balbuciando palavras incoerentes na Língua do Sol, o dialeto de Veralea, confirmando a aposta de Dilys acerca das origens das moças.

Talin começou a avançar um passo na direção delas, mas o rosnado de alerta de Dilys o impediu no meio do caminho.

Dilys forçou-se à razão. Ele não tinha nenhum direito aqui. Absolutamente nenhum.

— Desculpa — murmurou ele para Talin, que estava congelado no lugar. — Pode ir.

Mesmo tendo autorizado que Talin se aproximasse das moças, quando o balista se ajoelhou ao lado delas, as garras de Dilys saíram, ansiosas para dilacerar alguém. O Talin, provavelmente.

— Lily — disse Talin. — Você pode me dizer o que aconteceu? Vocês se machucaram? Esse sangue é seu?

A garota balançou a cabeça nervosamente e disse em Eru, a língua comum:

— Não. Eu não me machuquei. Ele até tentou, mas ela o impediu. — Em seguida, ela começou a balbuciar outra vez na Língua do Sol.

— Quem o deteve? Quem fez isso? Aonde ela foi? — perguntou Dilys. Dessa vez, o som do rosnado dele não fez Lily gritar. Ele fez a moça se encolher, se recusar a falar e se recolher junto a Talin, buscando nitidamente sua proteção.

Talin lançou a Dilys um olhar cortante que, dadas as circunstâncias, era certamente justificado. Era nítido que ele havia

estabelecido com Lily um vínculo próximo o bastante para a moça se sentir à vontade de procurar sua proteção. Isso lhe dava o direito de corresponder, mesmo que fosse para protegê-la de seu próprio príncipe.

Dilys segurou o rosnado e fechou os punhos. Era um gesto de paz, ainda que de uma paz desconfortável. Uma maneira de esconder as garras que ele não tinha como forçar que se recolhessem.

Talin se virou para a mulher.

— Lily, quem o deteve?

— Ela o deteve. — Ela puxou o corpo da outra mulher para mais perto. — Mas ele ia me matar.

— Você está dizendo que sua irmã fez isso? Que a Gabriella o impediu?

Balançando a cabeça e soluçando, Lily enterrou o rosto no pescoço de Talin. Ele trouxe mais para perto o corpo da moça, que tremia inteiro.

Atordoados, Dilys observou a figura ensanguentada da mulher de vestido lilás desmaiada no chão. O Grito tinha vindo *dela*? De uma fazendeira da Veralea? Como era possível?

Além do rosto dela estar virado para o outro lado, havia muito cabelo e sangue nele para que Dilys pudesse lhe ver a fisionomia. Um dos braços dela, esbelto e bonito, estava caído para o lado. A palma da mão, virada para cima e toda arranhada, parecia frágil e vulnerável. Seu vestido estava ensanguentado, rasgado e manchado de lama e pó. A situação toda não tinha acontecido ali, naquele edifício. E tampouco havia acontecido por acidente. Havia várias pegadas enlameadas de bota na altura da cintura do vestido dela.

Alguém a tinha chutado e pisoteado.

Dilys olhou para a pilha de carne que foi seu agressor: aferiu a altura do homem pelo tamanho do fêmur e da mão carnuda ainda presa aos restos do braço. Tratava-se de um homem adulto e grande. Um brutamontes, a julgar pela massa. Não tão enorme quanto os invernianos ou calbernanos, mas bem grande se comparado às mulheres.

Dilys se virou para os calbernanos reunidos atrás dele e avistou Ryll entre eles.

— Ryll, mande buscar a curandeira. Rápido.

Tentando acalmá-la, Talin embalava Lily no colo enquanto ela soluçava algo na Língua do Sol contra seu pescoço. Passados alguns minutos, Talin franziu o cenho e ergueu o olhar.

— Com seu perdão, meu príncipe. Minha Língua do Sol não é muito fluente. Ela está repetindo algo sobre a princesa. Que ela matou a princesa.

Dilys levou algum tempo para processar a informação.

Em seguida, pela segunda vez, o corpo dele congelou por inteiro quando o ardente vulcão recém-desperto entrou novamente em erupção.

Aquele lugar — o olhar de Dilys pairou ao redor, pousando sobre a pilha desordenada de carteiras apoiada contra a parede — era uma escola. A rainha da Cordilheira Invernal tinha inaugurado uma escola em Konumarr. Era algo de que se orgulhava muito e de que falara muitas vezes desde a chegada dos calbernanos. Uma das irmãs dela dava aula na escola... e tinha, inclusive, usado isso como desculpa para se manter longe do palácio.

As Estações eram conhecidas pelos dons de seu batizado, mas todas tinham outro nome. Nomes ridiculamente longos, típicos da Veralea. Dilys sabia disso pois havia decorado todos antes de partir em viagem. Sabia, inclusive, o nome de Gabriella Aretta Rosadora Liliana Elaine Coruscate.

Gabriella.

A Estação conhecida como Verão.

Dilys avançou de pronto, ajoelhando-se no chão ensanguentado.

Os demais calbernanos rosnaram para ele.

Ele não rosnou em resposta. Ele *urrou*. Sequer teve que usar a Palavra dessa vez. A simples força de seu alerta furioso bastou para reduzir os rosnados dos calbernanos a um rumor baixo de descontentamento. Como se continuassem descontentes com a situação, mas não mais o desafiassem.

Dilys estendeu o braço à mulher caída e desmaiada. Suas mãos tremiam. Ele se deteve. Encarou-as duramente. A preocupação com a moça foi capaz de realizar o que sua força de vontade não

conseguiu: as garras de batalha se retraíram, desaparecendo na ponta dos dedos, de modo a não fazer o menor arranhão na preciosa pele dela. Só então Dilys se permitiu tocá-la, afastando as mechas ensanguentadas de cabelo da frente do rosto de Verão.

— Gabriella — chamou ele, em tom delicado. — *Myerialanna* Verão...

Ele ouviu a reação de surpresa de Talin. O balista não tinha feito a conexão. Pelo visto, nenhum dos calbernanos tinha, pois os demais presentes na sala ficaram abruptamente em silêncio, fazendo os níveis de tensão diminuírem de forma considerável. Como era esperado.

Se a mulher caída era, de fato, Verão Coruscate, então, tanto a pela liderança assumida, quanto pelo contrato firmado com sangue e sal, o direito a cortejá-la pertencia a Dilys. *Sem qualquer contestação.*

Ele virou o rosto da mulher para o dele e limpou os respingos vermelhos, revelando-lhe a pele marrom delicada e os belos traços. Ela estava de olhos fechados, mas ele não precisava ver aquele azul lindo e profundo para ter certeza.

Dilys se inclinou e respirou fundo com alívio e surpresa.

Era ela.

Verão Coruscate. A Estação que vinha assombrando seus sonhos desde a chegada. Havia sido a tímida, medrosa e supostamente impotente princesa de Veralea quem, de alguma forma — por algum milagre incrível e impossível do destino — tinha falado com a lendária Voz da Sereia.

Capítulo 9

— *Myerielua*... — disse Talin, com a voz estranhamente trêmula. — *Myerielua*... as suas *ulumi*...

Dilys voltou o olhar para si próprio. Todas as tatuagens de seu corpo estavam brilhando, claras e fosforescentes, por causa de algum tipo de fogo interior.

Ao ver as linhas brilhantes, algo estalou em sua cabeça e memórias — nítidas, verdadeiras e irrefutáveis — inundaram sua mente. A mulher de pé no píer, sob a luz da lua... tinha sido ela. Os olhos... olhos azuis que se tornaram dourados quando ela usou seus poderes mais surpreendentes... eram aqueles olhos. Os dedos que haviam tracejado as linhas azuis e brilhantes das *ulumi* dele... também eram dela. Era dela a voz dizendo seu nome com espanto e desejo, dando-se conta do vínculo nascente entre os dois. Eram dela os lábios selando esse vínculo com um beijo.

O que estava acontecendo com ele era inquestionável: era o que havia começado naquela primeira noite, no píer sob o luar, quando Dilys mergulhou no fiorde para salvá-la e retornou em *liakapua*.

Ele tinha começado o rito de acasalamento de sua espécie... com ela, Gabriella Coruscate. A princesa de Veralea que havia usado sua magia para manipular a mente dele.

Foi ela a *Sereia* que usou a Voz para fazê-lo esquecer que pertencia de corpo e alma a ela.

Antes que Dilys pudesse processar a informação, contorcendo-se, ela começou a tossir, espirrando sangue no rosto dele. O sangue *dela*.

— Onde está a curandeira? — urrou ele. — Tragam-na para cá *agora*!

Ele deitou Verão delicadamente no chão e pressionou a palma das mãos sobre o peitoral dela.

— Você não irá morrer, *moa kiri*. Eu não vou deixar. — A mãe de Dilys havia lhe dado quase toda a força antes de sua partida da Calberna. Agora, ele carregava consigo uma força vital tremendamente poderosa, um oceano de energia mágica pura do qual tirava suas próprias forças e potencializava seus próprios dons.

Dilys não tinha domínio sobre carne e osso, mas sobre sangue... daí o assunto era outro.

Sangue consiste, sobretudo, em água. Era parte do oceano que dera vida a tudo. Parte de Numahao que todo ser vivo carregava dentro de si.

E sobre água Dilys tinha domínio.

Ele fechou os olhos para não desviar a atenção aos corpos angustiados e poder se concentrar no sangue, na água, que corria pelas veias de Verão. Ela não estava em boa situação. Suas costelas tinham sido quebradas e o pulmão, perfurado. Um dos pulmões tinha parado de funcionar e o outro estava enchendo rapidamente de sangue. Além disso, um coágulo de sangue estava se formando rapidamente sobre o abdômen dela, onde a bota do agressor havia lhe dilacerado o rim. Verão tinha outras lesões, mas essas eram as mais graves. Primeiro, ele se concentrou nos pulmões. Se ela parasse de respirar, os outros ferimentos não teriam importância.

Dilys encontrou as perfurações na pele delicada que revestia os pulmões de Verão, e de onde fluíam pequenos rios de sangue. Ele bloqueou esses fluxos um por um, forçando-os, com sua magia, a voltarem no sentido contrário. Usou a magia também para refazer as paredes danificadas das células, substituindo as que haviam sido danificadas por barreiras invisíveis que reconduziam o sangue de volta às veias.

Verão tinha muitos ferimentos internos. Controlar todos era difícil. Dilys era capaz de demover um oceano inteiro com o mínimo movimento de seus dons do mar, mas, nesse caso, cada vaso sanguíneo, cada rasgo em uma veia, era como um oceano à parte para controlar. Controlar oceanos era, na verdade, muito mais fácil porque a tarefa de agora era delicada, e exigia concentração intensa e destreza máxima. E, independente da gravidade do ferimento, cada vaso sanguíneo rompido exigia o mesmo nível de empenho

para ser controlado. A tarefa demandou ao limite as habilidades de Dilys. E mesmo assim, Verão precisava de mais.

O coração dela estava gaguejando. O corpo dela estava se desligando. Mesmo com Dilys trabalhando o mais rápido que podia, ela estava morrendo mais rápido do que ele era capaz de salvá-la. Cada segundo que passava tragava a força vital de Verão.

Dilys cedeu sua própria força a ela.

Ele não podia mais titubear. Não tinha tempo para dúvidas. Desde o momento que a havia beijado no pfer, na primeira noite, sua vida pertencia a ela. Dilys despejava sobre Verão tudo o que a mãe dera a ele, toda a vida que suas próprias células possuíam. Ele precisava mantê-la viva até que a curandeira chegasse para consertar o que ele não era capaz.

— Você irá sobreviver, *moa kiri*. Não vou deixá-la morrer.

Verão demandava muito. Dilys escoou toda sua energia para ela, dando-lhe tudo, com exceção da magia que necessitava para controlar o sangue pelas veias dela e da força que precisava para respirar. Ainda assim, não havia sinais da curandeira. Ele daria mais a Verão — ele sacrificaria a própria vida sem titubear para salvar a dela —, mas até que a curandeira chegasse para consertar os danos sofridos pelos órgãos, a única coisa que separava Gabriella da morte era Dilys. E, sem ajuda, Dilys não ia aguentar muito mais tempo. Ele precisava de energia, e rápido.

— Ryll, Ari, venham aqui! Preciso da ajuda de vocês!

Eles tinham a conexão mais íntima com Dilys, os laços mais fortes de amor e sangue. Eles dariam a Dilys o que ele precisava com mais rapidez e presteza do que os outros calbernanos. Para salvar a vida dela, no entanto, Dilys seria capaz de sugar até a última gota de força do último de seus soldados em Konumarr.

Eles colocaram a mão sobre os ombros de Dilys. Um fluxo renovado de energia — energia forte e potente, vida e magia em abundância — despejou-se sobre ele. Ele a canalizou em seu corpo e transmitiu-a a Verão, passando para ela o bastante para manter o sangue nas veias circulando, e mantendo para si o suficiente para continuar funcionando.

Alguém continuava soluçando histericamente. A moça. A testemunha.

Dilys falou na Língua do Mar:

— Talin... a moça, a Lily... você tem conexão com ela?

— *Tey, Myerielua*.

— Ela sabe demais. Dê um jeito nisso. Sua conexão é forte o bastante ou você precisa de ajuda?

Ele hesitou um pouco e então...

— *Ono, Myerielua*. Eu consigo. Não preciso de ajuda.

— Então vá em frente. Já. Antes que a curandeira chegue.

No instante seguinte, ele ouviu Talin murmurar algo suavemente para a moça grávida, a amiga de Verão, e uma onda de *susirena* preencheu a sala.

— Fui eu que matei o agressor — instruiu-o Dilys. — Diga isso a ela. Não me arrependo de tê-lo feito, só lamento não ter chegado aqui antes.

Ele ouviu Talin murmurar em Eru. Com um lindo tom de voz em *susirena*, ele apagou a memória que Lily guardava do Grito que Gabriella lançou para matar o agressor e substituiu-a pela memória de Dilys destruindo o brutamontes com suas próprias mãos.

A capacidade de controlar mentes — usado, nesse caso, para a manipular memórias — era um dos dons mais secretos dos calbernanos. Era um dom que os calbernanos escondiam de suas parceiras *oulani*, lição aprendida a duras penas na época das Sereias. As pessoas temem, com razão, que alguém possa lhes controlar a mente. Quando o medo delas se torna grande demais, elas se tornam perigosas. É por isso que, nos últimos dois mil e quinhentos anos, os marinheiros calbernanos vinham se empenhando em buscar e destruir todo e qualquer registro das Sereias, de suas habilidades e do fim que tiveram, espalhando desinformação meticulosamente pensada para alimentar dúvidas sobre qualquer registro remanescente. Era por isso que, por milênios, enquanto trabalhavam secreta e incansavelmente para trazer a magia das Sereias de volta à Calberna, os calbernanos também se empenhavam incansável e sistematicamente para transformar em mito e lenda tudo o que os estrangeiros sabiam sobre o tema.

E foram bem-sucedidos. Ainda que a lenda da Sereia ainda existisse, as Sereias tinham se transformado em seres mitológicos

raramente associados à Calberna. Ainda que a magia dos calbernanos da atualidade não se comparasse ao poder que as Sereias da antiguidade possuíam, o povo das Ilhas havia resgatado o poder de *susirena* dos ancestrais o suficiente para todos os *imlani* serem capazes de influenciar pensamentos e — em havendo conexão emocional com o alvo — até apagar ou substituir memórias.

Mas o Canto da Sereia — o verdadeiro Canto da Sereia, a Voz com potência de não somente controlar mentes, mas também de destruir objetos —, era uma magia que não se via desde o Massacre.

Não até aquele momento. Não até Gabriella Coruscate.

Que estava morrendo mais rápido do que Dilys era capaz de mantê-la viva.

Ele havia conseguido conter o grosso do sangramento nos pulmões quando uma queda na pressão sanguínea no rim dilacerado dela lhe chamou a atenção. Uma das principais veias tinha se aberto, lançando um rio de sangue sobre a cavidade abdominal de Verão.

— *Calbernari!* Todos comigo! Nós a estamos perdendo! — O desespero e o medo se combinaram, forjando um cinturão de aço que esmagou o peito de Dilys, tirando-lhe o fôlego. Uma outra dezena de mãos pousaram sobre a pele dele, dando-lhe mais energia. Muitos outros se conectaram a Ari e Ryll, fazendo sua energia chegar a Dilys por meio deles. Dilys sorveu tudo o que era capaz, concentrando seus esforços em estancar a hemorragia interna e manter o coração de Verão batendo.

— Droga! Onde está a curandeira?

— Aqui! — Uma voz gritou do fundo da sala. — Estou aqui!

Os calbernanos se espremeram para abrir caminho.

Tildavera Greenleaf, a enfermeira idosa e de cabelos brancos que ele tinha visto aqui e ali no entorno da rainha Khamsin, veio caminhando apressadamente entre a multidão, carregando uma bolsa. O Rei Branco em pessoa a seguia de perto.

— Pelo Hel, o que está acontecendo aqui? Quem fez isso? — Com uma nevasca se revirando dentro, os olhos azuis gélidos de

Wynter Atrialan fixaram-se em Dilys. A temperatura do corpo dele despencou imediatamente. — Foi você quem fez isso?

— Não é o momento — urrou Dilys por entre as presas de batalha, em resposta à pergunta insultante de Atrialan. O que ele queria mesmo dizer era “*fark*”, mas isso causaria mais problemas do que seria conveniente. Ele voltou a atenção a Tildavera Greenleaf. — Você, ama. O rim ela... uma veia dele estourou. A senhora consegue consertar?

— Sim. Vamos colocá-la em algum lugar plano para eu poder trabalhar.

— Não dá. — Cada palavra ia rapidamente se tornando um esforço que exigia mais energia do que Dilys podia gastar. Ele se forçou a explicar. — Se nós a mexermos, ela morre. Faça de onde ela está. O rim direito. — Ele indicou o lado com um gesto de queixo. — Rápido.

Sem retrucar, a enfermeira se ajoelhou ao lado de Gabriella e abriu a bolsa que trouxe consigo. Ela remexeu o conteúdo do pacote e puxou de dentro um embrulho que desenrolou, revelando vários instrumentos cirúrgicos. Em seguida, pegou um segundo embrulho que continha agulhas de vários tamanhos e carreteis do que parecia ser linha preta.

Usando uma tesoura pequena do pacote, ela cortou o vestido lilás na altura da cintura, a chemise de linho logo abaixo e desnudou o abdômen de Verão, que estava escuro por causa do golpe e inchado por causa da hemorragia interna.

— Vou precisar de lâmpadas de cultivo — disse ela enquanto operava. — Umas dez, formando um círculo ao nosso redor.

O Rei de Inverno se virou e começou a gritar ordens.

As lâmpadas chegaram pouco depois e, em poucos instantes, Dilys, a enfermeira Greenleaf e Verão estavam cercados por um anel de sóis fulgurantes em miniatura que deixaram a sala quente e clara como se fosse dia. A enfermeira Greenleaf passou um unguento sobre a pele de Verão e em seguida pegou um bisturi pequeno e bem afiado. Quando a idosa cortou a carne de Verão, Dilys teve que conter a urgência instintiva de revidar.

— Minha nossa... — sussurrou ela quando, abrindo a incisão, revelou o rim lesionado.

— Conserte. Rápido. — Com sua magia, Dilys estava contendo um vazamento de sangue de Verão e reconduzindo-o de volta às veias, mas o fluxo era tão grande, que era como tentar segurar água com uma peneira.

Concentrada, Tildavera Greenleaf se pôs a trabalhar.

Dilys tinha que conceder isso a ela: a idosa era uma curandeira ágil, eficiente e com um talento divino. Em pouco tempo, ela deu pontos nas veias rompidas e no rim dilacerado, enquanto Dilys impedia o fluxo de sangue na área onde a curandeira estava trabalhando. Quando a parte de costura terminou, a enfermeira polvilhou um pó esverdeado sobre as feridas pespontadas, murmurando suavemente algumas palavras enquanto o fazia. Uma vibração de energia emanava de suas mãos. Como estava conectado a cada uma das moléculas de sangue de Verão, Dilys conseguia literalmente sentir as feridas se fechando aos encantos da curandeira Greenleaf. Aos poucos, ele foi soltando a circulação de sangue no rim de Verão. Tremulamente, ele soltou um suspiro de alívio ao constatar que os pontos e magias que a curandeira Greenleaf usara tinham ficado no lugar.

— A senhora tem um dom, curandeira — disse ele.

— É uma erva mágica. É uma solução temporária. Ela ainda vai precisar de muito descanso, luz do sol e cuidados para cicatrizar. — Com a incisão principal ainda aberta, ela dirigiu a luz de uma das lâmpadas de cultivo para o rim exposto. Em seguida, voltou a atenção às costelas quebradas e ao pulmão que tinha parado de funcionar. Ela soltou um estalido com a língua no céu da boca. — Bom, aqui vamos precisar de mais do que de agulha, linha e um pouco de erva mágica. Espero que o desgraçado maldito que fez isso com ela tenha tido uma morte dolorosa.

— Ele teve.

A curandeira voltou o olhar a Dilys.

— Você que matou?

— *Tey*. — A mentira saiu fácil. Não que fosse tão mentirosa assim. Dilys teria destroçado membro por membro daquele *krillo* desgraçado, e com muito prazer, caso Verão não o tivesse feito antes.

Tildavera Greenleaf deu um sorriso rápido e cínico.

— Ótimo. — O sorriso desapareceu tão logo voltou a atenção novamente às costelas de Verão. — Você não teria controle sobre o ar também, não é?

— *Ono*. É uma pena, não tenho.

— Nesse caso, vamos ter que fazer do jeito difícil.

Eles passaram a meia-hora seguinte trabalhando arduamente. A curandeira Greenleaf fez outra incisão para aliviar a pressão sobre o pulmão danificado e para consertar as costelas quebradas. Vários pedaços de ossos quebrados tinham perfurado o pulmão de Verão em lugares diferentes. A curandeira retirou pedacinho por pedacinho, costurou os cortes maiores do delicado tecido pulmonar e, por fim, realinhou as costelas quebradas, sempre polvilhando o pó mágico verde.

Durante todo o tempo que a idosa operou, Dilys permaneceu ajoelhado ao lado de Verão lhe alisando o rosto, pescoço e cabelo com carícias delicadas cheias de força e energia, e sussurrando em tom de voz envolvente: “Você vai ficar bem, *moa kiri*. Você é forte. Vida e magia correm em suas veias. Você é um manancial de força, rainha de todas as águas. Toda a vida, energia e vitalidade e cada oceano, cada mar, cada rio, lago ou riacho vive em você. E se você ainda precisar de mais, pode pegar de mim. O que é meu é seu, sem dúvidas ou limites. Enquanto houver ar em meus pulmões, você nunca irá parar de respirar. Enquanto meu coração bater, o seu nunca irá parar. Seja qual for a dor em você, deixe-me carregá-la para você. Eu ofereço minha potência, magia e força vital para alimentar a sua. Fique comigo, *moa kiri*. Viva para mim.”

Como Sereia, Gabriella carregava consigo vasto e enorme poder dos mares; no entanto, foi o amor que forneceu a rede confiável de laços emocionais profundos que a manteve viva. Foi o amor que lhe permitiu usar, controlar e partilhar desse poder. O vínculo entre amantes era a maior fonte de força de uma Sereia, seguido de perto pela conexão maternal com os filhos e, por fim, pelos laços de família e amizade.

Apesar da gravidade da situação, Dilys sentiu uma esperança de verdade florescer no peito. Isso porque, apesar de Verão ter magistralmente evitado sua presença e fugido do laço entre eles, o

vínculo não só existia... como já era extremamente forte. Forte o bastante para aceitar a inundação de amor e devoção salvadores que Dilys despejava. Desperta, Gabriella podia até sentir medo do que ele representava para ela. Seu inconsciente, no entanto, não apenas reconhecia o direito que ele tinha de protegê-la e satisfazer-lhe as necessidades, como também aceitava o cuidado dele sem titubear. Ela sorvia a devoção e respondia à voz e aos dons dele da mesma forma que uma *imlani* respondia ao parceiro de sua predileção.

Perceber isso acalmou a mente e o coração de Dilys. Independentemente de quais tenham sido os motivos para ela ter limpado a memória dele, eles não tinham nada a ver com falta de desejo ou incompatibilidade enquanto parceiros. O restante, eles poderiam ajustar com o tempo.

Uma a uma, Dilys ia sentindo que suas magias deixavam de ser requisitadas conforme a curandeira Greenleaf restaurava o pulmão de Verão e estancava as piores hemorragias. Um a um, Dilys ia liberando os vasos sanguíneos que estava controlando, mantendo apenas uma conexão de proteção com o sangue dela. Ainda conectado, ele seguiu o fluxo de sangue nas veias dela para ter certeza de que não havia mais nenhum vazamento perigoso. Não havia e Dilys já era capaz de sentir Verão ficando mais forte.

Ele se inclinou para aproximar os lábios dos ouvidos dela.

— Você conseguiu, *moa kiri*. Eu sabia que você ia conseguir. — Tendo passado o perigo de vida, ele pôde se concentrar em mandar o restante de sua energia pelo vínculo estabelecido entre os dois. — Um presente para você, *moa kiri*, dado de coração. Sempre que você quiser, eu lhe darei mais. — Ele acariciou o cabelo de Verão e fechou os olhos, repousando a testa na dela enquanto fazia uma prece silenciosa de agradecimento a Numahao.

Ao lado dele, Tildavera havia posicionado várias lâmpadas de cultivo sobre o peitoral de Verão, voltando toda sua atenção à incisão perto do rim. O resultado deve ter agradado a curandeira, pois ela deu pontos na ferida, aplicou mais pó verde e magia, e subiu para fechar a incisão sobre as costelas de Verão.

— É o melhor que posso fazer. — Agachada, a curandeira voltou seu olhar para o rei Wynter, que permaneceu no lugar com uma

presença silenciosa e carrancuda durante toda a cirurgia. — Ela precisa de descanso e luz do sol. Vou mantê-la em observação para o caso de haver uma infecção, mas agora ela está nas mãos dos deuses.

— Ela pode ser deslocada de lugar agora? — Wynter perguntou.

— Sim, contanto que seja feito com cuidado. Se não receber empurrões abruptos, o cicatrizante herbóreo que usei deve segurar.

— Ela olhou na direção de Lily. — Vou examinar a moça antes de sairmos.

Wynter fez um aceno breve de cabeça e gritou ordens para que seus soldados trouxessem uma maca. Enquanto a curandeira Greenleaf ia examinar Lily e os invernianos se apuravam para obedecer ao rei, Dilys virou-se para cumprimentar os primos e os demais que estenderam mãos para alimentá-lo de magia e força.

— Meus agradecimentos — disse-lhes. — Vocês salvaram nossas vidas.

— Não precisa agradecer, primo — disse Ryll.

— É melhor você irem dormir. Especialmente vocês dois. — Ele deu um sorriso exausto para Ari e Ryll. — Vocês parecem acabados.

— Pff — bufou Ari. — Se olha no espelho.

— Ah, bem, a vantagem é que minha futura *liana* ainda não acordou...

Os primos de Dilys deram risada e trocaram tapinhas nas costas. Os invernianos chegaram com a maca. Dilys permaneceu ali até ter certeza de que Gabriella tinha sido erguida do chão com segurança e colocada no veículo sem maiores problemas. Em seguida, deu um último beijo na testa dela. Ele teria ido com eles, mas uma mão gigantesca lhe segurou o ombro e o manteve agachado.

— Não precisa acompanhar. Vão cuidar dela. — Wynter encarou Dilys com um olhar congelante de aço. — Por ora, eu e você precisamos trocar umas palavrinhas.

Normalmente, a ordem seca teria feito Dilys se eriçar, mas ele estava tão exausto e tão feliz por Gabriella estar segura, que sua única reação foi fazer um aceno de cabeça cansado. Além disso, a bem da justiça, mesmo não sendo conhecido por sua paciência, o rei da Cordilheira Invernal segurou suas dúvidas, controlou a raiva e

não interferiu até que Gabriella estivesse curada. Isso lhe angariou a boa vontade de Dilys a ponto de as garras do calbernano permanecerem recolhidas.

— Claro, Sua Graça. — Dilys aceitou a mão estendida de Ryll para se levantar e riu de leve ao cambalear de tontura. Fazia uma hora que estava agachado no chão e suas pernas ficaram dormentes. — Estou a seu serv...

A voz dele falhou quando a dormência das pernas se espalhou para o resto do corpo e uma densa onda negra se abateu sobre ele. Em seguida, caiu desfalecido e ouviu, de muito longe, o eco das vozes de Ari e Ryll gritando seu nome.

A próxima coisa de que se deu conta foi de acordar ao som tranquilizante de água corrente e do calor da luz do sol no rosto.

Por um instante, deitado ali de olhos fechados, não sabia ao certo onde estava. Não estava a bordo do *Kracken*. Em vez da brisa salgada e dos aromas tropicais familiares das Ilhas, a cama em que estava deitado cheirava a pinheiro e zimbro, e não oscilava ao balanço do mar. Alguma fontezinha borbulhava ali por perto.

Ele abriu um olho, semicerrando-o de leve ao brilho intenso da luz do sol que entrava pelas janelas abertas perto da cama. Ele ergueu a mão para cobrir os olhos e resmungou baixinho quando seu corpo foi atravessado por uma dor aguda. Seus braços, todo seu corpo, pareciam pesados como chumbo, e doíam como se alguém o tivesse batido com um bastão. Doía principalmente nas costas e perto das costelas.

Um farfalhar de tecido fez as orelhas dele tremularem. Ele ouviu um leve bater de pés contra o chão, o clique do trinco da porta e, por fim, o sussurro leve de voz de mulher:

— Diga ao rei que ele acordou. — Os pés saíram correndo. A porta fez outro clique e o quarto voltou ao silêncio. A mulher, quem quer que fosse, havia partido. Vozes murmuravam no corredor do lado de fora. Falavam uma língua estrangeira, mas familiar. A Língua do Gelo.

Konumarr. Ele estava em Konumarr. Em seu aposento no palácio.

Ao se dar conta disso, um dique se rompeu e uma enxurrada de memórias afluiu a Dilys. Konumarr. Cortejando esposas.

— Gabriella!

Ele se endireitou bruscamente na cama, jogou as cobertas e se levantou.

Em seguida, assaltado pela tontura e pela fraqueza nas pernas, escorou-se no objeto sólido mais próximo. Pelas deusas, ele estava fraco. E faminto. E morto de sede.

Ele esticou a mão para a pequena fonte de pedra que alguém havia deixado perto da cama — origem do som de água corrente que tinha escutado — e chamou a água para si. Seus dons do mar falharam como uma vela que crepita. A água continuou correndo sobre a pirâmide de pedra brilhante sem responder a seu chamado.

Dilys encarou a fonte em consternação silenciosa. Ele estava seco de energia. Completamente. Fazia anos que isso não acontecia com ele. Não desde que era garoto e estava aprendendo a controlar a própria magia. Ele dera tudo a Gabriella e ficado com nada para si mesmo.

Com um suspiro, ele foi cambaleando até a fonte e colocou a mão nela. Dilys permaneceu algum tempo ali, de olhos fechados, absorvendo a força revigorante da água correndo sobre sua pele. Ele precisava mesmo era de um mergulho no oceano, mas como não tinha forças nem para rastejar até o outro lado do quarto, teria que se contentar com a pequena fonte. Aos poucos, ele sentiu o corpo ganhar forças e diminuir a sensação de que as pernas iam deixá-lo na mão.

Alguém tinha deixado um jarro grande de água e um copo vazio sobre o toucador junto à parede. Ignorando o copo, ele levou o jarro à boca e bebeu todo o conteúdo, que era levemente salgado. Secar o líquido do jarro ajudou bem mais do que colocar a mão na fonte. Tão logo terminou de esvaziá-lo, Dilys se sentiu bem melhor. Ainda não estava pronto para mover oceanos, mas pelo menos era capaz de caminhar sem a sensação de que ia cair a qualquer momento.

Ele não teria muita serventia para Gabriella naquele estado, mas estava decidido a dar o que ela precisasse.

Com essa ideia em mente, ele caminhou até o armário onde estava a variedade de *shumas* de cores vibrantes que ele havia trazido consigo da Calberna. Dilys escolheu a *shuma* azul turquesa que fazia lembrar o oceano que circundava a ilha de sua família,

Cali Kai Meri. Junto, colocou um conjunto de braceletes esmeralda, coral e turquesa com pequenos peixes de recife incrustados em pedras preciosas.

Dilys estava prendendo a *shuma* à cintura quando a porta do quarto se abriu e Wynter Atrialan entrou por ela.

— Ótimo. Você não morreu. Eu não estava muito ansioso para contar para a rainha da Calberna que o único filho dela morrera em meu reino.

O fato de Dilys não ter respondido “Ué, os reis da Cordilheira Invernal não dormem”, mas “Onde está Gabriella, preciso vê-la” dá uma boa ideia de qual era seu estado mental.

As sobancelhas se ergueram sobre os olhos azul gelo do rei.

— Quer mesmo? Bem, eu preciso de algumas respostas. A começar por uma explicação detalhada do que aconteceu duas noites atrás.

— Ficarei contente em conversar sobre o assunto assim que tiver visto Gabriella.

— Eu o deixarei vê-la assim que me der por satisfeito quanto ao ocorrido.

A agressividade de Dilys despertou e as garras começaram a pressionar a ponta dos dedos.

— Insisto que o senhor me leve até ela — persistiu Dilys. Ele tentou usar a *susirena* de modo a fazer Atrialan ceder, mas a magia não respondeu a seu chamado. A água o tinha ajudado a recuperar parte da força física, mas não as reservas mágicas.

— É assim que as coisas funcionam na Calberna? Os forasteiros saem dando ordens para sua mãe, a Rainha, e ela obedece?

Apesar da agitação, Dilys sentiu as bochechas corarem. Por mais que Dilys detestasse admiti-lo, o Atrialan tinha razão. A *Myerial* ficaria envergonhada com a falta de decoro do filho. Ele respirou fundo e tentou se acalmar.

— Peço que me perdoe, Sua Graça. Minha preocupação pela *Myerialanna* Verão me tirou do prumo. Você viu como ela se machucou seriamente. Pode ser que precise de novo de minha ajuda.

— Ela não precisa. A recuperação dela foi simplesmente miraculosa. Na verdade, enquanto você estava deitado nessa cama

nos últimos dois dias fazendo sua melhor imitação de morto, ela estava desperta e ao ar livre tomando sol. Ela já está quase totalmente recuperada. A Tildavera diz que devemos a você a vida e boa parte da rápida recuperação de Verão, e esse é o motivo pelo qual irei fazer vista grossa para sua impertinência de agora há pouco. Minha boa vontade, porém, acaba por aí. Você não vai chegar perto dela até que eu tenha algumas respostas. — Atrialan dirigiu a Dilys um sorriso frio e afiado. — E então, o que vai ser, Sua Alteza? Quer ficar aqui batendo boca ou quer nos ajudar a não perder mais tempo, explicando de uma vez que *fark* está acontecendo? A começar por me explicar por que você e todos os calbernanos em Konumarr estavam na escola da rainha com o cadáver de um homem e a irmã de minha esposa quase morta de tanto apanhar? E por que seus soldados resolveram espalhar guardas pela cidade e erguer *aquilo* — Atrialan apontou com o dedo para a janela atrás de Dilys — em volta do meu palácio?

Dilys virou-se para ver ao que Atrialan estava apontando e ficou levemente boquiaberto. Um muro brilhante de água cintilava a poucos centímetros do terraço. Sua água era tão cristalina que era praticamente transparente. Um véu marinho semelhante ao véu protetor de água que Dilys colocava ao redor do quarto todas as noites antes de dormir. Só que muito mais forte. Ele não acreditava que não tinha notado.

— Ah. — Dilys coçou o queixo para esconder o desconforto. — Eu não tinha percebido que eles fizeram isso.

— Fizeram o quê? O que é isso?

— É um véu marinho. Uma proteção. Nada de perigoso. — Não era totalmente verdade. O véu marinho oferecia, de fato, proteção contra ataques e invasões, mas ele também permitia aos calbernanos identificar todos que passassem por ele, além de prender ou afogar quem precisassem, caso necessário. Atrialan, porém, não precisava saber dessa parte. — Imagino que meus soldados acharam de bom tom somar defesas calbernanas às suas, dado meu estado de saúde fragilizado e o ataque sofrido por Gabriella. Eu não saberia dizer ao certo, pois acabei de acordar e o senhor é a primeira pessoa com quem falei. — Dilys piscou os olhos inocentemente e ofereceu um sorrisinho simpático.

— E quanto aos calbernanos que se acham no direito de assumir a guarda pessoal da princesa Verão?

Eles tinham que assumir. É claro que tinham que assumir. Eles se depararam com a primeira Sereia nascida em dois mil e quinhentos anos. Todo calbernano na Cordilheira Invernal — e, aliás, em toda Mystral — morreria para protegê-la. Da mesma forma que morreriam para proteger o segredo acerca de quem Verão era.

— Sou o príncipe deles. Minha intenção é tornar Gabriella minha *liana* e mãe da futura *Myerial* da Calberna. Meus soldados sabem disso. Logo, eles a protegem como se fosse a princesa deles.

— *Verão* é a estação com quem você planeja se casar? — A voz de Atrialan chegava a pingar incredulidade. — Não foi ela quem você dispensou logo no primeiro dia aqui? Do que foi que você a chamou mesmo? Ah, sim — ele estreitou os olhos —, de *chá com leite*.

— *Todo mundo* está sabendo dessa história? — Dilys resmungou e esfregou o rosto. Ele nunca ia esquecer disso. — Pedi desculpas às três Estações por essa estupidez no dia mesmo em que aconteceu. E as desculpas foram aceitas.

Atrialan ergueu as sobrancelhas.

— E depois dizem que os calbernanos conhecem as mulheres.

Dilys fez uma careta. Ele bem que mereceu a resposta. Ainda assim, doía tomar um sermão de Wynter da Cordilheira sobre como lidar com as mulheres.

— Voltaremos à situação entre você e Verão mais tarde — anunciou Atrialan rapidamente. — Ainda tenho algumas perguntas sobre a noite em que elas foram atacadas. Testemunhas disseram que você e seus homens começaram a correr no exato momento, até os que estavam no outro lado do fiorde, e que todos foram direto para a escola. Como era possível que todos os calbernanos em Konumarr tivessem se dado conta de que a princesa Verão estava em apuros exatamente no mesmo momento? E como todos vocês sabiam exatamente aonde ir?

Essa era fácil de responder sem evasivas ou mentiras.

— Nós, calbernanos, temos uma audição afiada. Ouvimos os gritos dela. Quando uma mulher grita do jeito que ela e a

companheira fizeram, os calbernanos atendem correndo. Faz parte de nossa natureza.

— O agressor da princesa Verão foi reduzido, literalmente, a um monte de carne ensanguentada. Você alega ter sido o responsável, mas não tem ferimentos, nem mesmo um arranhão nos dedos, o todo o sangue encontrado em você era da Verão. Como isso é possível.

— Você por acaso viu o que aquele *krillos* dos infernos fez com a Gabriella? Eu acabei com ele tão rápido, que ele sequer teve tempo de revidar. Quanto a não ter sangue em mim, a curandeira, Greenleaf, não é? já deve ter lhe informado acerca de meus dons do mar, dons que me dão poder sobre a água. Esses dons também me dão algum poder sobre sangue, incluindo a habilidade de tirá-lo de minha pessoa, o que fiz antes de colocar minhas mãos em Gabriella. E, antes que o senhor pergunte, usei a mesma habilidade para estancar a hemorragia interna de Gabriella e para deixar o máximo de sangue pulsando nas veias dela enquanto a curandeira terminava a operação. Só parei depois que ela não estava mais em perigo de morte. — Ele olhou no fundo dos olhos de Wynter e lhe disse com toda sinceridade: — Se fosse preciso dar minha vida para salvar a dela, eu o teria feito sem pensar duas vezes.

— Hum — resmungou Atrialan. Ele pareceu amolecer um pouco, o que significava que Dilys ainda não havia contradito nada do que Ari, Ryll ou os outros já tinham lhe dito. Ainda assim, era nítido que ele continuava suspeito. Atrialan tinha um instinto para descobrir mentiras e respostas evasivas muito mais forte do que Dilys havia percebido. Mas também era verdade que ele tinha reconhecido o selo da verdade na última resposta de Dilys. — Desde sua chegada, você passou todos os dias cortejando Primavera e Outono. Na verdade, minhas fontes me disseram que você e Verão têm se evitado desde o primeiro dia. Como é possível então, lorde dos mares, que o senhor tenha decidido tão de repente que deseja ela como esposa justamente a mulher que fez questão de desdenhar desde o começo? Você não trocou mais do que uma dúzia de palavras com ela desde o dia de sua chegada, mas agora, de repente, nenhuma outra mulher serve e sua devoção é tanta que o faria dar a vida por ela. Dar a vida por uma mulher sobre a qual não

sabe nada. Uma mulher que deixou muito claro não querer cortejar. Como uma coisa dessas é possível?

— Eu nunca não estive interessado em Gabriella.

— Você tem uma forma curiosa de demonstrar isso.

Dilys segurou a resposta atravessada que queria dar. Pensou consigo que Atrialan tinha todo direito de ser protetor com as mulheres de sua família. Era uma qualidade louvável. Com efeito, uma qualidade muito calbernana. O saco era estar do outro lado, tendo que lidar com aquele protecionismo intrusivo.

— O senhor quer saber a verdade? Está bem. Aqui vai. Sou o único filho da rainha da Calberna. Quando eu me casar, minha filha, que Numahao garanta a mim e à minha esposa essa benção, se tornará a próxima rainha da Calberna. Como com qualquer outra nação da Mystral, compete à Calberna ter uma governante forte. Foi por isso que, antes de zarpar das Ilhas, fui instruído pelo conselho da Rainha a me casar com Primavera ou Outono. Eles tinham a opinião de que as duas eram as Estações mais fortes e, portanto, as melhores opções para mãe da próxima rainha da Calberna. Sou um filho obediente. Apesar de minha atração por Gabriella, o que, ao contrário do que o senhor acredita, foi forte e instantânea, tentei fazer o que o conselho da Rainha esperava de mim. Mas, conforme passavam os dias, foi ficando cada vez mais evidente que, enquanto meu dever ditava que cortejasse Primavera ou Outono, meu coração me reconduzia sempre de volta a Gabriella. É verdade, ela vinha me evitando. Não sei o motivo para isso. Mas tenho a intenção de passar o resto de meu tempo aqui desvendando esse mistério e convencendo-a de que sou o único homem certo para ela.

— Dilys se recostou contra o toucador e cruzou os braços. — Agora, por favor, Sua Graça, respondi todas as suas perguntas. Preciso ver a Gabriella. Preciso ter certeza e ver com meus próprios olhos que ela está completamente recuperada, do jeito que o senhor diz. — Ele deu um sorriso firme. — É um negócio calbernano. — E era mesmo. Fazia dois dias que Dilys estava separado de sua futura parceira e a necessidade de estar perto dela, de tocá-la e certificarse de que tudo estava bem já começava a inquietá-lo.

— Ainda não terminamos. Fiquei sabendo que a Calberna está com problemas no Oceano de Olemas.

Dilys fechou a cara.

— Mesmo que estivéssemos, e não estou dizendo que é verdade, em que isso me impede de ver a Gabriella?

— Impede porque eu digo que sim — Arrogantemente, Atrialan arqueou uma das sobrancelhas. — Como eu disse, se você quer ver a princesa Verão, terá que responder todas as minhas perguntas. Não estabeleci restrições sobre o tema dessas perguntas.

Dilys cerrou os dentes com força.

— Tem um pirata em especial que está causando problemas no Olemas. Nada que não possamos resolver.

— Não foi a impressão que tive. Os embaixadores de Verma e Cho estiveram aqui não muito antes da chegada de vocês. Um deles me disse que um grupo grande de piratas havia se aliado e conseguido paralisar o comércio da Calberna naquela parte do mundo. Ele me disse também que os calbernanos tinham... deixe-me ver, quais foram exatamente as palavras dele... ah, sim! “entregado os pontos a eles”.

— O embaixador de Verma e Cho esteve aqui para trazer outra oferta de Maak Korin beda Kahn pela *Myerialanna* Outono, não foi?

— Dilys não esperou pela confirmação. Todos sabiam da obsessão de Maak em tornar Outono sua. — Ele sem dúvidas sabia de minha viagem para cá, bom como dos motivos, e estava empenhado em me depreciar diante de você.

— Ele não é nossa única fonte. Informações vindas da Enseada Marítima dizem que, atualmente, quem quiser fazer passar mercadorias em segurança pelo Olemas, tem que pagar pedágio aos piratas. Soubemos também que as frotas não poderiam conter nem embarcações, nem escoltas calbernanas, ou mesmo um calbernano sequer a bordo, caso contrário seriam atacadas e afundadas. Além disso, nos disseram que os piratas já afundaram mais de um navio calbernano.

Dilys xingou baixinho. Sua esperança era de que a dimensão real do problema não tivesse se tornado de conhecimento comum.

— Está bem, sim — reconheceu ele. — Estamos com problemas por lá. Estamos tomando providências.

— Hum. — Wynter recostou-se à parede. — A propósito, como se faz para afundar um navio calbernano? Eu achei que vocês

controlavam toda e qualquer onda do oceano.

— Controlamos. Afundar um dos nossos navios é quase impossível, sinal de que esses piratas não são simples rebeldes. Eles dispõem de magias poderosas.

— E parecem estar mirando na Calberna. Afundar navios de uma incontestável senhora dos mares... — Wynter arqueou uma das sobrancelhas brancas e falou arrastadamente: — Deve ser uma vergonha e tanto.

— Vergonha não é a palavra que eu escolheria, Sua Graça — informou-o Dilys, friamente. — Meu primo Fyerin, querido por minha mãe e por mim, foi assassinado por esses piratas. Perdemos o navio e todos os marinheiros dele para o mar.

Todo vestígio de humor arrogante foi varrido do rosto de Wynter Atrialan, permanecendo apenas a franqueza séria por debaixo da máscara.

— Eu não sabia. Peço desculpas. Perder alguém que se ama não é assunto para piada.

— *Ono*, não é. Como o senhor deve saber, os calbernanos conseguem respirar debaixo da água. Afogar um de nós não é tarefa tão fácil quando afundar um de nossos navios. E esses piratas conseguiram. — Ele sentiu a ponta das garras cravarem a superfície do toucador e tentou relaxar as mãos. O resto do corpo, no entanto, continuava duro como uma prancha.

— Foi-nos sugerido que talvez um dos motivos para seu interesse em se casar com uma das Estações tenha que ver com usar os dons do tempo delas para ajudar sua marinha. Quem sabe até ajudar a derrotar os piratas em batalha.

— Eu luto minhas próprias guerras, Sua Graça. E sou contratado por outras pessoas para lutar as guerras deles também, pois sou bom para caramba nisso. — Dilys deu um sorriso cruel. Ele não era um simples mercenário. Ele era o líder de uma das forças bélicas mais temidas do mundo.

— Nesse caso, se você se casar com uma Estação, e não estou dizendo que irá, não há chances de que vá usar a mágica dela contra os piratas? Pois se você tem esperanças de usar Gabriella dessa maneira, pode subir no seu navio e voltar para a Calberna

imediatamente. Nem pelo Hel eu deixaria você se casar com ela para usá-la e colocá-la em risco lutando contra piratas.

Foi a vez de Dilys estreitar os olhos.

— O senhor me insulta gravemente ao sugerir que eu colocaria a vida de minha *liana* em risco. Além disso, como a maioria dos homens na Mystral, o senhor parece padecer de uma concepção errônea acerca das mulheres, como se elas precisassem, de alguma forma, estar sob a tutela de um homem. Não é assim. Do momento em que nos casarmos em diante, as escolhas de minha *liana* caberão apenas a ela. Nem a mim, nem a você.

— Se eu acho que as mulheres precisam de... — Wynter se deteve e desatou numa gargalhada incrédula. — Você já *conheceu* minha esposa? Ah, espera, conheceu sim. Num *farking campo de batalha*!

— Concordo, Sua Graça. Os invernianos tendem a valorizar as contribuições e capacidades das mulheres muito mais do que a maioria dos outros povos.

Rápido como veio, o riso de Wynter Atrialan desapareceu e Dilys se viu outra vez encarando o azul congelante dos olhos do rei de Inverno.

— Minha resposta quanto a usar um de minhas irmãs, especialmente a Verão, para lutar contra os piratas é não. Eu não tinha dito nada até o momento pois seu cortejo de Outono e Primavera não tinha avançado a um ponto em que eu considerasse necessário. Mas como você se interessou por Verão, a situação mudou. Todas as Estações foram criadas com delicadeza, mas a Verão em especial é inocente e delicada demais para ser colocada em tal situação. Por isso, digo desde já que não permitirei que você coloque a ela ou qualquer das Estações em uma situação em que possam se machucar. E essa decisão não tem nada a ver com desvalorizar as capacidades delas ou acreditar que elas precisam estar sob tutela. Tem a ver com proteger minhas parentes. E eu garanto a você, lorde dos mares, que planejo levar isso às últimas consequências.

— Ainda assim, fui para o campo de batalha lado a lado com sua esposa grávida enquanto lutávamos contra o rei de Gelo — recordou-lhe Dilys, em tom suave. Uma nevasca começou a se

revirar nos olhos de Wynter. Dilys se desencostou do toucador e cruzou os braços. — Entendo suas preocupações, Sua graça, e admiro sua determinação em proteger as mulheres de sua família. Mas, pelo contrato que firmei com sua esposa, tenho o direito de cortejar as Estações de Veralea... *todas* as Estações de Veralea, e isso inclui Gabriella. Contrato pelo qual paguei, devo lembrá-lo, com a vida de muitos calbernanos. Já fui inquirido pelo senhor e respondi pacientemente todas as suas perguntas. Se o senhor tiver mais alguma, pode guardá-la para mais tarde. No momento, vou visitar a Gabriella. E depois, vou cortejar a Gabriella. E quando ela consentir se tornar minha *liana*, o que garanto a Sua Graça que irá acontecer, eu irei me casar com a Gabriella. Quanto ao que irá acontecer depois disso, caberá a ela seguir sua consciência e escolher as guerras que quer lutar. Independentemente do que ela escolher, darei minha vida e a vida de todos os soldados sob meu comando, de todos os homens calbernanos, se necessário, para mantê-la segura.

— E então? — Nem dois segundos depois de Wynter voltar a seu escritório no outro lado do palácio, a porta próxima à escrivaninha se abriu e Khamsin entrou no quarto. — O que você acha?

Ele olhou para a esposa e reparou nas teias de aranha penduradas nos cachos pretos do cabelo dela.

— Eu acho que você não está em condições de se enfiar em passagens secretas para espionar os convidados do palácio.

— Ah, vá. De que serviria termos passagens secretas, se não pudéssemos usá-las? Tomei todo cuidado e estou segura. Não tente mudar de assunto. O que você acha do Dilys?

— Acho que ainda não gosto dele. — Ele virou a cadeira e abriu os braços para pegar a esposa no colo.

Ela deu risada, beijou-o e lhe fez um carinho no rosto.

— Você vai gostar mais quando o conhecer melhor.

— Duvido. Acho que ele tem planos de usar a magia de Verão para lutar contra os inimigos e não gosto disso.

— Eu lutei contra seus inimigos.

— Mas eu não planejei que fosse assim. Eu a teria impedido, se estivesse em meu poder.

— Bom para todos nós que você não o fez. Além disso, o Dilys Merimydion fez tudo o que pôde para me proteger. Incluindo sacrificar alguns dos melhores soldados dele. Ele fez o que era certo e ajudou a salvar a vida de todos nós. Muito mais do que meu irmão, meu pai e muitos de nossos concidadãos fez.

— Continuo não sendo um grande fã dele. E você não é a Verão. Ela não tem um pinga de maldade no corpo.

Khamsin recuou e lançou um olhar ofendido ao marido.

— Você acabou de me chamar de má?

— Você entendeu o que eu quis dizer. Você sabe vencer uma briga. A Verão não sabe nem como entrar em uma.

— Hummm. — Ela pegou uma das tranças que pendiam sobre a têmpora do marido e começou a enrolá-la no dedo. — Acho que você a está subestimando. Ao fim e ao cabo, ela é uma das Estações de Veralea. O sangue do Deus do Sol corre nas veias dela da mesma forma que corre nas minhas.

— Pode até ser, mas existe um motivo para todos que a conhecem serem tão protetores com ela. O motivo é que ela não é forte, nem intimidadora.

— Agora você está dizendo que sou intimidadora?

— Exatamente. Halla sabe que você *me* faz tremer nas bases.

— Ah, quem me dera. — Khamsin agora segurava o final da trança e a roçava displicentemente para cima e para baixo na bochecha do marido.

Wynter sorriu e a deixou acariciá-lo como queria. Ela estava usando um vestido verde muito bonito e atraente. O olhar dele pairou sobre o volume sedoso dos seios carnudos à mostra no decote quadrado do vestido. Para o prazer de Wynter, a gravidez havia avolumado mais do que apenas a barriga de Khamsin. Ele se inclinou para beijar esses “volumes” da esposa, mas só o par macio de cima, já que não tinha como se inclinar na cadeira o suficiente para alcançar o pequeno volume rígido da barriga.

Bem, nem tão pequeno assim. Ele espalmou a mão sobre o ventre dela, mediu-o e franziu de leve a testa.

— Quanto tempo falta?

— Mais umas três semanas. Dá para acreditar?

— Mais três semanas? Deve estar errado. Eles não têm mais como crescer aí dentro. Não tem espaço!

Khamsin deu risada.

— Fale isso para os bebês!

Ela gritou quando ele a ergueu no ar para poder lhe dar um beijo na barriga.

— Chegou a hora, meus chapas. Podem ir saindo.

Wynter levou a mão à boca quando um dos bebês lhe devolveu um chute ou soco em resposta.

Ele sorriu para Khamsin e a colocou de volta no colo.

— Você viu isso? Eles nem nasceram e um deles já está dando um murro no queixo do pai. É um guerreiro.

— Ou *uma guerreira*.

O sorriso dele diminuiu.

— Ou *uma guerreira*. Como a mãe.

Khamsin passou o braço ao redor do pescoço do marido e sorriu para ele. Os olhos cinzas dela brilhavam intensamente sob a moldura escura dos cílios e a pele marrom de veraleana.

— Sabe, o Dilys tem razão. No final das contas, independente do que achamos, assim como minhas outras irmãs, a Verão vai fazer o que acha certo, incluindo usar seus dons do tempo para ajudar o marido na luta contra os piratas.

— Ela ainda não se casou com ele.

— E nunca irá, se você não sair da frente. Eu sei que você quer protegê-la, todo mundo quer, mas você precisa deixá-la viver a própria vida. Não tem como protegê-la para sempre.

— É o que você acha. — Ele afastou o cabelo dela do rosto, desfrutando da sensação sedosa das madeixas brancas que atravessavam a cabeleira como um raio no céu noturno.

— Wynter.

— Khamsin. — Ele a beijou lentamente e, em seguida, sorriu ao ver os olhos dela, lentos e pesados de prazer por causa do beijo. — Nem por todo ouro na Mystral eu venderia a Outono para aquele *griss* vermesiano, e tampouco vou vender a Gabriella para que esse lorde dos mares a use.

— Ninguém está falando sobre vender minha irmã a Dilys Merimydion. E esse papo é bem moralista para um homem que

reivindicou sua esposa como prêmio de guerra, ameaçando desposar as quatro filhas do meu pai até conseguir de nós um herdeiro.

— Você mostrou os erros de meu jeito — declarou ele, piedosamente.

— Ahh. Acho que se trata mais de um caso de “faça o que eu digo, não faça o que eu faço”.

Era mesmo. Completamente. Ainda assim, Wynter fungou e disse:

— Só estou pensando no que é melhor para a Verão.

— Eu acho que se casar com um homem capaz de amá-la, respeitá-la e admirá-la é do interesse dela, você não?

— Não se o cara planeja usá-la para lutar contra piratas. Ele é um mercenário calbernano. Ele valoriza dinheiro acima de qualquer coisa, e os piratas estão cortando os lucros da Calberna.

— Dinheiro não é a única preocupação dos calbernanos e você sabe disso. E ele não disse que tinha planos de usar os dons dela para lutar contra os piratas.

— Tampouco disse que não tinha esses planos.

Ela deslizou a mão para dentro da túnica do marido, de modo a acariciar a pele delicada do peitoral dele. Ele abaixou as pálpebras e ronronou. Wynter adorava a sensação das mãos da esposa em sua pele. Era um toque sempre tão quente. Os dons de tempestade eram literalmente como uma fogueira ardendo por debaixo da pele dela.

— Wyn — disse ela com um murmúrio igualmente caloroso. — Dê uma chance a ele. — Os lábios dela buscaram e encontraram o pescoço de Wynter, mordiscando beijinhos sobre as veias cuja pulsação aumentava aos poucos.

— Uma chance? — sorriu Wyn. Ele sabia que estava sendo manipulado, mas, conquanto ela continuasse a beijá-lo e acariciá-lo, ele não se importava.

— Hum-hum. Nós devemos a ele muito mais do que poderíamos retribuir. Além disso, ele é um homem bom. Seria um marido muito melhor para Gabriella do que a maioria dos pretendentes que vieram aqui ao longo dos anos. Os calbernanos são bastante fiéis, amorosos e protetores com suas mulheres.

— Me soa como um cachorro.

Ela recuou para encará-lo.

— Ah, sério? Quer dizer que você não é bastante fiel, amoroso e protetor?

Ele sorriu:

— Au.

Ela lhe deu um tapa no peitoral e bufou de achar graça.

— Seu cérebro deve ter congelado.

Como Khamsin não voltou imediatamente a beijá-lo e acariciá-lo, Wynter franziu o cenho.

— Você não vai mais tentar me seduzir para conseguir o que quer? Ainda não funcionou. acho que você precisa me paparicar com mais favores sexuais.

— Ah, é? — Ela arqueou expressivamente uma das sobrancelhas pretas. — E você acha que vai funcionar?

— Não sei. Vamos ver no que dá. — Ele se recostou na cadeira, oferecendo-se a ela. — Sou todo seu, *min ros*. Pode seduzir.

Ela fez uma expressão adoravelmente decidida e disse:

— Muito bem — disse e, para alegria de Wynter, levantou a saia e montou sobre ele.

— Humm — murmurou Wynter em aprovação. — Até agora está funcionando.

— Shhh. — Ela pousou o dedo sobre os lábios dele. Em seguida, substituiu-o pelos lábios e o beijou até deixá-lo entorpecido.

Bem, não entorpecido por completo. Wynter ainda tinha um punhado de pensamentos vagando e se chocando aleatoriamente no espaço jubiloso de seu cérebro.

— Não pare — murmurou ele quando Khamsin afastou a cabeça. — Acho que está funcionando.

— Ótimo. — Ela conduziu as mãos dele aos cordões na parte de trás do vestido. Enquanto Wynter tentava desatá-los, Khamsin voltou a lhe beijar o pescoço. — Como eu ia dizendo — murmurou ela com a boca junto à pele dele. — O Dily's Merimydion é um homem bom. Quero que todas as minhas irmãs sejam felizes em seus casamentos da mesma forma que eu sou no meu. Acho que você pode fazer isso acontecer. — Ela lambeu o ponto que tinha

acabado de beijar. — Nunca ouvi falar de uma esposa calbernana que fosse infeliz. Nunca.

— Ela não gosta dele. Ela deixou bem claro que não gosta dele.

— A Primavera e a Outono acham outra coisa. Elas acham que ela gosta tanto dele, que está assustada. Por isso que tem fugido tanto dele. Acho que elas podem ter razão. Lá na Veralea, quando vinham pretendentes, a Gabriella nunca sumia quando aparecia algum mais questionável. Na verdade, quanto mais horroroso fosse o pretendente, mais solícita ela era com ele. Ela só tendia a evitar os mais charmosos que demonstravam algum interesse por ela. E eu nunca a vi evitar um pretendente como ela evita o Dilys Merimydion. — Khamsin encontrou a orelha do marido e fez coisas com a respiração e a língua que, fazendo-o estremecer, quase o levaram a despedaçar os cordões do vestido.

— Sabe o que eu acho? — ele rosnou quando o espartilho dela abriu, libertando os seios tornados mais fartos pela gravidez para que lhe encontrassem a boca.

— O quê? — Ela ofegou e arqueou as costas para ajudá-lo.

— Eu acho que não quero que você fique falando ou pensando em outros homens enquanto faço isso. — Ele deslizou a mão para debaixo da saia dela, encontrando ali a pele macia da coxa de Khamsin. Wynter a acariciou delicadamente, subindo com a mão até encontrar outro tipo de calor. Ali, acariciou-a até a cabeça de Khamsin pender para trás e os olhos dela assumirem aquele tom prateado e vítreo que ele tão bem conhecia e adorava.

— Outros homens? — gemeu ela. — Que outros homens?

Ele sorriu:

— Isso mesmo.

Capítulo 10

— Ele está pedindo para vê-la de novo, senhora.

Verão, que estava tomando sol no terraço particular da família real, fez uma careta:

— Diga a ele que estou descansando. Que *ficarei* descansando o resto da tarde e que não quero ser incomodada.

— Sim, senhora. Avisarei a ele. — A criada do palácio que tinha trazido a mensagem fez uma reverência e se retirou apressadamente.

Assim que saiu, Verão virou-se na espreguiçadeira.

— Continue, Lily — disse à jovem veraleana, que há vários dias vinha treinando a leitura à cabeceira de Gabriella. Assim que Lily retomou a leitura interrompida de *Roland triunfante*, Gabriella fechou os olhos, colocou a mão sobre eles e tentou esvaziar a mente.

Sua paz, entretanto, continuava fugidia.

Dilys Merimydon vinha simplesmente se recusando a aceitar os sinais. Nos dois dias seguintes à sua recuperação, ele fez nada menos do que dez pedidos diários para vê-la. Ela rejeitou todos os pedidos sob o pretexto de que não estava em condições de receber visitantes, mas sabia que não teria como se esconder por muito tempo atrás dessa desculpa. As habilidades de cura e ervas mágicas da Tildy's, bem com as dádivas do sol tinham feito a saúde de Verão ficar *melhor* do que antes do ataque. Na verdade, apesar de ter se recuperado de ferimentos tão graves que poderiam tê-la matado, Gabriella se sentia bem como não acontecia *há anos*. Ela transbordava energia e força e, pela primeira vez em muito tempo, não tinha que lutar constantemente para manter sua magia sob controle.

Não que ela confiasse que tal controle fosse durar, é claro. A seu entender, a explosão de magia que saiu dela e que destróçou o brutamontes do pai de Lily foi o equivalente mágico da erupção de

um vulcão ativo: aliviou a pressão que vinha aumentando, mas o alívio era temporário. Outra erupção era inevitável.

Mesmo assim, pelo menos por enquanto, ela não era uma ameaça imediata à própria família ou outras pessoas. Ela estava se sentindo tão bem que, não fosse por Dilys Merimydion, já teria voltado à escola para retomar as aulas. Em vez disso, estava trancada em seus aposentos e naquele terraço. Trancada pois, assim que parasse de fazer de inválida, perderia a única proteção que a mantinha afastada de Dilys Merimydion.

Verão se sentou tão bruscamente que Lily parou de ler no meio da frase.

— Sinto muito, senhora — desculpou-se a moça com um sussurro apavorado. — Sei que leio algumas coisas errado, mas é que não conheço essas palavras grandonas.

— O quê? — Dando-se conta de que Lily achou que o movimento brusco era uma demonstração de irritação, Gabriella apressou-se em tranquilizar a moça. — Ah, não, Lily, você está se saindo muitíssimo bem. Estou muito orgulhosa de todo o seu progresso. É que estou com dificuldade de me concentrar hoje. Em vez de leitura, por que não conversamos um pouco?

Lily corou e abaixou a cabeça.

— Hã... está bem, Sua Alteza, se é o que a senhora deseja. Só não sei sobre o que a senhora gostaria de conversar.

— Bem, você pode me contar o que você e o Talin planejaram para hoje. — Lily e o jovem calbernano vinham se encontrando bastante desde a festa na praça.

— Nós vamos velejar pelo fiorde... e fazer um piquenique. — Lily alisou com as mãos o tecido elegante e refinado do vestido. As roupas simples e desgastadas de Lily viraram passado. Tão logo Gabriella recuperou a consciência, ela insistiu para que Lily lhe fizesse companhia durante a recuperação e mandou entregarem a Lily um guarda-roupa novo de vestidos feitos com tecidos refinados que em nada pareceriam descabidos para a filha de algum mercador rico ou aristocrata. Lily continuou usando vestidos simples, mas os tecidos, ainda que resistentes, eram de primeira linha.

O gesto de Gabriella não era apenas de generosidade, nem um reforço casamenteiro nada discreto. Ela gostava de verdade da moça. Gostava do espírito e coragem que ela vinha demonstrando em seu empenho para dar uma vida melhor para si e para seu bebê. Tendo sentido na pele a fúria do pai de Lily, Verão tinha um respeito ainda maior pela resiliência da jovem. Por isso, mantê-la por perto e continuar a incentivá-la a ler e se desenvolver era a melhor contribuição que Gabriella poderia dar para ajudar Lily com seus objetivos.

Mas, além disso, passar horas ensinando Lily a ler dava a Gabriella algo com que ocupar a cabeça. Algo diferente dos pensamentos constantes acerca de Dilys Merimydion que a assombravam desde que acordara do ataque.

— Me parece uma delícia — Verão disse a Lily. — Nunca velejei. Minha mãe tinha medo de água. — Gabriella sempre se impressionou com a ironia de a princesa de um reino marítimo ter tanto medo do mar. As poucas vezes que sua família se aventurou nas costas de Veralea, Mama recusou-se resolutamente a ir à praia.

— Olá, querida Gabriella. Como está se sentindo hoje? — Usando um vestido amarelo claro radiante, e carregando um buquê lindo de flores, Outono desceu graciosamente os degraus do terraço. — Toma. São para você. E aqui está o bilhete. — Ela colocou as flores nas mãos de Verão e virou-se para Lily com um sorriso frio no rosto. — Olá, Lily. Indo se encontrar com seu moço, não?

Uma preocupação mesclada a desconfiança percorreu o rosto de Lily, que a escondeu rapidamente abaixando a cabeça em reverência.

— Sim, Sua Alteza. Obrigada por perguntar.

— Ah, não agradeça — disse Gabriella. Ela colocou o bilhete de lado sem abri-lo e colocou as flores em cima. — Ela só está se inteirando das fofocas do palácio, não é mesmo, Outono.

Outono arqueou uma sobrancelha.

— Bem, é nítido que você está melhorando. Já entrou no estágio rabugento da recuperação.

Gabriella corou, consumida imediatamente pelo sentimento merecido de culpa.

— Desculpa.

Outono deu um sorriso bonito e radiante, e foi como um sol saindo de trás das nuvens.

— Não se preocupe. Eu te desculpo. Eu tenho um coração de santa, você sabe. — Ela caiu na cadeira que Lily tinha desocupado e pegou o livro que a moça havia deixado sobre a mesa. — *Roland triunfante?* — Ela deu risada. — Óbvio que sim, essa seria a primeira escolha de Khamsin, não é mesmo?

— Óbvio. — Roland Soldeus era a figura história mais famosa da Veralea, além de ser o ancestral semideus do qual descendia a família real veraleana. — Ela está decidida a consertar, leitor a leitor, a chocante falta de veneração por ele na Cordilheira Invernal.

— É deliciosamente subversivo da parte dela. — Devolvendo o livro no lugar, Outono dirigiu a potência de seu sorriso para Lily e disse: — Divirta-se hoje, Lily.

Nitidamente dispensada, Lily olhou cheia de dúvidas para Gabriella na espera de uma confirmação. Em seguida, fez uma rápida reverência e saiu apressada.

— Eu gostaria que você não fizesse esse papel de princesa com ela — repreendeu-a Gabriella assim que a moça partiu. — Ela é um doce de garota.

— Que quase te fez morrer.

— Não foi culpa dela. Se você visse as cicatrizes dela...

— Ouvi falar bastante delas. — Outono revirou os olhos à reação de surpresa de Verão. — Oi, querida? Costureiras... Elas falam bastante. Além disso, eu não estava fazendo papel de princesa. Eu a estava apressando com toda a bondade de meu coração e minha nova compulsão perversa de bancar a casamenteira. O rapaz dela está lá embaixo abrindo um buraco na pedra de tanto andar de um lado para o outro inquieto. Você não vai ler o bilhete.

Gabriella olhou para o bilhete dobrado e selado saltando de trás do buquê de flores deixado de lado:

— Não.

— Você pode se esconder aqui até o dia do apocalipse, mas não vai servir de nada. Ele não irá embora.

— Não estou interessada.

— Eu não consigo acreditar nisso — murmurou Outono. — Pela primeira vez na vida, estou interessada de verdade em um homem. Ele é jovem, bonito, rico, é príncipe, não é uma babaca arrogante e... já falei bonito? Resumidamente, tudo o que uma mulher poderia querer. E quem que ele deseja? Você! Ele olha para mim como se eu fosse um pão mofado. Não é um tapa na cara?

— É exatamente por isso que devo ficar longe dele. Ele já teve bastante interesse em você e terá de novo em breve.

— Ah, não. Nem vem me usar de desculpa. A princesa Outono da Calberna já era. O mesmo vale para a Primavera. Ele deixou isso bem claro mesmo antes de você ter sido atacada... e da forma mais gentil, é claro. — Ela balançou a cabeça. — Olha, Gabriella, entendo que deve ter sido horrível testemunhar o que ele fez com aquele homem horrendo que machucou você, mas, na minha opinião, o Dilys merece um prêmio. Aquele brutamontes merecia ser estripado. Se eu estivesse lá, eu teria ateado fogo nele.

Gabriella baixou as pálpebras sobre os olhos. Quando despertou do ataque, descobriu que Dilys Merimydion e os soldados dele haviam reivindicado a responsabilidade pela morte do pai de Lily. E ela permitiu que ele o fizesse pois não queria que as irmãs a olhassem com o mesmo medo que Verão testemunhou nos olhos dos pais na primeira vez que matou alguém com sua magia.

Quanto aos motivos de Dilys Merimydion para ter se proclamado o assassino, ela os desconhecia. Primeiramente, achou que ele o tinha feito para ficar em bons termos com Outono e Primavera. Afinal de contas, seria natural que elas gostassem mais de um homem que salvara a irmã delas de uma morte certa. Em seguida, porém, ela descobriu que ele tinha parado de cortejá-las e que deixara claro seu plano de, pelo contrário, cortejar Verão.

— Dilys é um homem bom — continuou Outono.

— Ah, então agora é o Dilys, é?

— Sim, é ele. E tenho outra novidade para você. Ele e eu nos tornamos bons amigos. Digo com sinceridade, meu amigo merece uma chance. — Outono não tinha amigos homens, especialmente homens jovens, atraentes e em sua melhor forma. Verdade seja dita, fora as irmãs, ela não tinha muitos amigos. Os homens queriam mais do que ela estava disposta a oferecer e as mulheres não

gostavam do fato de Outono sempre atrair toda a atenção masculina. — Ele salvou sua vida — pressionou-a Outono. — Não apenas matando aquele homem horrível, mas depois. Até a Tildy disse que você teria morrido sem os “abracadabras” calbernanos que ele fez em você. O mínimo que você pode fazer é se encontrar com o homem e agradecê-lo. Você deve isso a ele.

— Aleta! — exclamou Gabriella. — *Pare*. Eu já disse que não o verei hoje e ponto final.

— Bem, é uma pena. Ele já está subindo.

— O quê? — Gabriella se endireitou.

Graciosa, serena e contente consigo mesma, Outono levantou-se:

— O rapaz da Lily não era o único fazendo buraco na pedra lá embaixo de tanto andar de um lado para o outro. Quando me ofereci a entregar as flores e o bilhete do Dilys, disse a ele para esperar cinco minutos e só então subir.

— Ah! Eu não acredito! Como você pôde fazer isso comigo? — Gabriella jogou de lado o cobertor leve com o qual Tildy insistira que se cobrisse e se levantou. Fazia um par de dias que vinha prolongando sua condição de enferma. Os Coruscates tendem a se recuperar rápido com a ajuda do sol e ela não era a exceção. — Bem, já que você o convidou a subir, pode ficar aqui e diverti-lo sozinha, pois estou indo embora!

A ameaça de esbarrar com Dilys Merimydion pelos corredores do palácio fez com que Verão não fugisse para dentro. Em vez disso, ela caminhou apressada pelos jardins do castelo na esperança de sair escondida pelo portão e se esconder em sua gruta predileta atrás da cachoeira da Barba Nevada.

Assim que a saia rosa choque de Verão sumiu atrás da sebe do jardim, Outono voltou-se para Primavera, que estava saindo para o terraço do jardim. Outono lançou um sorriso orgulhoso e triunfante à irmã.

— Eu te falei que ela ia fugir.

— Falou mesmo. — Primavera, porém, não parecia tão orgulhosa como Outono. Ela parecia preocupada. — Ainda não estou muito segura quanto a isso. E se estivermos erradas?

— Não estamos.

— Mas, e se estivermos?

Outono passou o braço ao redor dos ombros da irmã mais velha. Não era da índole de Primavera titubear depois de ter tomado uma decisão. Ela era uma líder muito forte para ter dúvidas debilitantes quanto a si mesma. As duas vinham conversando sobre a situação Verão-Dilys desde o dia em que Gabriella foi atacada e tinham entrado em acordo sobre não continuarem estimulando o medo de envolvimento emocional da irmã. Primavera estava deixando seus instintos maternos e uma vida inteira protegendo a doce Verão atrapalharem o que era melhor para ela.

— Coragem, mamãe passarinha — disse Outono, apertando o ombro de Primavera. — Chegou a hora de empurrar sua filhotinha para fora do ninho.

Gabriella caminhou até a outra extremidade do jardim leste sem se deparar com nenhum calbernano. Ela estava começando a se felicitar pela fuga limpa quando o calbernano que mais queria evitar saiu de trás de uma sebe e se prostrou bem em seu caminho.

Em um momento, estava sozinha, correndo para a seu refúgio predileto em Konumarr; em outro, estava indo de cabeça contra o peitoral nu do homem mais rígido, gostoso e chocantemente sedoso que já viu na vida.

Ele apareceu tão repentinamente no caminho, que Verão não teve tempo de erguer as mãos. O rosto dela se amassou contra os músculos duros como pedra do peitoral de Dilys. Ele a envolveu com os braços, espalmando-a com uma mão nas costas para equilibrá-la e, com a outra, segurando-lhe a nuca. Ele estava quente como uma fornalha. Sua pele era tão incrivelmente macia e, ah, tão cheirosa, que enchia as narinas de Verão com aromas de coco, de jasmin-manga e de quentes noites tropicais. O cheiro dele a seduzia; a textura de sua pele a fazia querer mais.

Igual à primeira vez que o tocou.

Verão plantou as mãos sobre o muro rígido e ardente da pele de Dilys, e o empurrou. Dilys Merimydion a soltou, o que fez Verão, com o coração batendo loucamente no peito, tropeçar alguns passos para trás.

— Peço seu perdão, lorde dos mares Merimydion. Não o vi no caminho. — Ela tentou ultrapassá-lo pela direita.

Ele espalmou a mão enorme, envolvendo o cotovelo com uma pegada leve, mas firme.

— Não vá — disse ele. — Precisamos conversar.

— Eu...hã... — Ela olhou para o portão do jardim e o caminho tão curto até ele. Sua fuga estava tão próxima.

— *Ono, Myerialanna* Verão — disse ele, lendo claramente as intenções dela. — Acabou essa coisa de fugir. Assim como acabou minha vontade de esperar pacientemente até que você crie coragem. Faz dias que você está bem o suficiente para receber visitantes, mas, apesar de meus numerosos pedidos, recusou-se a me ver. Por quê?

A pele de Verão estava formigando no lugar onde ele a havia tocado. Ela deu um puxão no cotovelo, mas a pegada de Dilys continuou inabalável. Em vez de se humilhar lutando contra a força dele, que era maior, ela se forçou a permanecer imóvel.

— Converse comigo. — O tom de voz dele abaixou, tornando-se um murmúrio rouco e sedutor. — Eu posso ajudar com seus medos, mas você precisa conversar comigo. — Os olhos dele cintilavam um dourado leve tão suave, tão carinhoso, que Verão quis mergulhar nos braços de Dilys, rendendo seus medos e a si mesma à proteção dele. A mão enorme dele se levantou e avançou como que para lhe acariciar a bochecha.

Ela se encolheu. Verão temia que, se ele a tocasse, nem que fosse com o mínimo daquela ternura brilhando nos olhos, ela não se conteria e se lançaria aos braços dele.

Dilys entendeu errado o encolhimento dela. A mão que a segurava pelo braço apertou a pegada e Dilys rosnou — *rosnou!* — para ela.

— Não ouse se afastar de mim toda encolhida como se eu fosse machucá-la, Gabriella! Você sabe que não sou disso!

Por um instante, ela permaneceu imóvel encarando-o com cara de boba, surpresa com a percepção — a certeza absoluta — de que não o havia apenas irritado, mas também *machucado*. Em seguida, surpreendeu-se novamente ao se dar conta de que machucá-lo era como enfiar uma faca no próprio coração.

Pouco depois de perceber isso, o senso de autopreservação bem desenvolvido de Verão falou mais alto. Com ele, veio um rompante

de indignação justificada. Ele tinha acabado de Persuadi-la de novo? Ela não estava certa, mas não conseguia encontrar outra explicação para o que parecia ser uma ligação emocional profunda com ele. Especialmente depois de ter feito um trabalho de mestre em evitá-lo e, por conseguinte, evitar a formação *desse tipo* de ligação.

Mais nervosa do que temerosa, ela puxou o braço da mão dele e disse:

— Me solta! Como você ousa me manipular? Como ousa se dirigir a mim de forma tão familiar? Você não tem o direito!

— Ah, tenho sim — retrucou ele. — Você me deu esse direito quando me beijou aquela noite nas docas.

O estômago de Verão se revirou. Ah, pelo doce Halla, ele se lembrava daquele beijo! As Persuasões segurando as memórias dele estavam se desfazendo!

— Não faço ideia do que você está falando. — Na esperança de reforçar o domínio enfraquecido sobre as memórias dele, ou de pelo menos lançar-lhe na mente alguma confusão capaz de fazê-lo se perguntar se tais memórias eram ou não reais, Verão respirou fundo, encheu a voz de Persuasão e disse: — Olha, me disseram que a Tildavera não teria conseguido salvar minha vida sem você. Agradeço muito por isso.

Dilys estreitou os olhos um pouco como se sentisse a pressão dela sobre sua mente e memórias. Como não queria que as suspeitas dele atrapalhassem seus esforços, Verão forçou um pouco mais.

— Por isso, muito obrigada, lorde dos mares Merimydion, por seu imenso serviço para mim e minha família. Tenho certeza de que o senhor está ansioso para passar o dia cortejando minhas irmãs, então não quero segurá-lo. Sei como é importante que o senhor leve alguma delas à Calberna para ser sua esposa. Tenho certeza de que, seja qual for de minhas irmãs que você escolher, vocês dois serão muito, muito felizes juntos. — Com um último empurrão de Persuasão e um frio sorriso de aristocrata, ela se virou e começou a se dirigir ao portão.

Verão tinha dado dois passos quando ele começou a rir.

— Ah, *moa myerina*! Como, pelo santo Halla, você foi capaz de enganar todo mundo ao longo dos anos, e como conseguiu *me* enganar!, sendo essa péssima mentirosa?

Apesar de seu plano de fugir rapidamente, Verão ficou boquiaberta e se virou para encará-lo. Ela não era uma péssima mentirosa. Ela era uma excelente mentirosa!

— Tenho certeza de que você não faz ideia do que está falando.

— Ela respirou fundo.

— É claro que tem. — Ele sorriu. Sinistramente. — Aqui vai um aviso, *moa kiri*: se você *tentar* usar sua Voz outra vez para me fazer trair o vínculo que tenho com você, Numahao me ajude, vou te passar uma rasteira e me ajoelhar sobre suas costas até suas bochechas ficarem vermelhas como a Rosa em seu pulso! Como seu *akua*, posso até estar ligado a seu corpo e sua alma, mas a mente é minha e não sua.

Ela levou alguns instantes para superar o choque da ameaça de surra e perceber que seu empenho em Persuadi-lo não havia somente falhado miseravelmente, como também todas as Persuasões que usara antes haviam se desfeito por completo.

Ele se lembrava *de tudo*.

Merde!

Era hora de fugir rápido.

— Tenha um bom dia, lorde dos mares. Ela deu meia-volta e se apressou em direção ao portão.

Ele disparou para perto dela com uma rapidez surpreendente. Em um segundo, estava a poucos passos atrás dela e, no seguinte, se interpunha entre ela e a liberdade. Dilys não estava mais sorrindo.

— Basta, Gabriella.

— Eu já disse para não me chamar assim.

— Eu disse que esse é um direito meu, direito dado e aceitado, e eu vou usá-lo. Quanto à autoria da morte daquele homem que agrediu você, nós dois sabemos que não fui eu. De muito bom grado eu teria despedaçado aquele *krillos* miserável com minhas próprias garras se você não o tivesse destruído com sua Voz.

— Com minha...? Você acha que eu matei um homem com minha voz? — Verão sequer teve que fingir surpresa dessa vez. Ela nunca tinha feito essa conexão! Sempre tinha chamado o enorme poder

mortífero que habitava dentro dela de “a fera”, mas, agora que Dilys o sugeriu, ela via que ele tinha razão. O poder que emanava de cada poro de seu corpo e saía dela na forma de um urro terrível era um *grito* de fúria assassina. Pelos deuses. — Mesmo que isso fosse possível, posso garantir que eu nunca *m-mataria* um homem a sangue-frio. — A língua de Verão tropeçou nas palavras quando sua mente foi tomada por memórias vívidas do pai de Lily (da boca aberta e dos olhos arregalados de pavor ao perceber que ia morrer) e de sua própria satisfação selvagem em saber que ela ia dar cabo nele, destruindo-lhe a capacidade de machucar qualquer pessoa novamente. Pelos deuses, que fúria ela não sentiu. A Rosa do Verão no pulso dela ardeu mais forte do que uma forja, como se um pedaço do sol tivesse se alojado sob a pele dela.

— O que você fez foi legítima defesa e justiça, não assassinato, *moa halea* — disse Dilys. Ele tentou segurar as mãos dela. Verão conseguiu colocar a mão esquerda atrás das costas, mas ele segurou a direita. Os dedos de Dilys tracejaram as linhas na palma da mão dela. Ele passou o polegar sobre a Rosa vermelha na parte interna do pulso de Verão. — E não teve nada de frio nisso.

A boca dela secou. A pele de Verão formigava onde quer que Dilys tocasse e a Rosa dela esquentou na hora, latejando de calor ao ritmo de sua pulsação sanguínea cada vez mais acelerada.

— Se você acha que sou capaz de matar alguém, mesmo um homem horrível como o pai de Lily, está tremendamente enganado. Todo mundo sabe que sou a menos poderosa das três Estações. — Verão pronunciou essas palavras em tom rouco e trêmulo. Ela deu um puxão para tentar soltar o pulso, mas a pegada de Dilys continuou inabalável.

— Mais uma mentira. Dessa vez, uma que passou a vida inteira construindo. Não me leve a mal. Foi sábio de sua parte esconder seu poder do mundo. Há pessoas que a matariam se descobrissem do que você é capaz. Outras, mais do que eu seria capaz de contar, que nunca parariam até obter poder sobre você, forçando-a a usar seus dons para ganho pessoal. Mas entre nós, *moa kiri*, essas mentiras sem fim precisam parar. A conexão entre um *akua* e uma *liana* se enfraquece quando não há sinceridade absoluta. Não permitirei que você se machuque dessa forma.

— Eu não sou sua *liana*. Você não é meu *akua*. E eu não estou mentindo!

— Quer saber o que eu acho? Eu acho que você mente há tanto tempo e para tanta gente, que nem sabe mais quando está falando a verdade. Eu vou ajudá-la com isso. De agora em diante, para cada mentira que você me contar, vou escolher uma intimidade para compartilharmos. Não vai ser nada demais. Só um beijinho ou carícia que vamos dar ou receber, dependendo das necessidades do momento.

Ela ficou boquiaberta.

— E por que motivo na Mystral eu concordaria em barganhar como você?

Dilys lançou a Verão um sorriso de determinação inabalável.

— Ah, *moa kiri*, eu não pedi que você concordasse. Eu só expliquei como planejo ajudá-la a manter nosso vínculo puro, intacto e poderoso para que eu possa ver melhor suas necessidades, conforme dita meu dever e direito.

Ela o encarou e esfregou o pulso, ainda que ele não a tenha machucado nem um pouco.

— Olha, seja lá o que for que você acha que está rolando entre nós, você está enganado. Tão logo tirei suas memórias do que aconteceu naquele píer, você deixou bem claro que não se interessava por mim. Ou por acaso já se esqueceu de como prefere uma aguardente veraleana a um chá com leite?

Ele recuou.

— Essa besteira que eu falei... te machucou.

— Não, não machucou — mentiu Verão. — Eu teria que *me importar* com sua estima para me incomodar com a falta dela. — Como ele ainda estava bloqueando o caminho para o portão leste, ela deu meia-volta e começou a caminhar de volta ao palácio.

— *Tey*, está na cara que machucou e me arrependo por isso. — Ele acompanhou o passo dela sem dificuldades. — Fui um idiota. Um tolo. Falei de forma descuidada, movido por meu orgulho ferido. Você não é um chá com leite. Você tem tão pouco a ver com essa insipidez, que nem sei como a comparação entrou em minha cabeça. Você é fogo, sem sombra de dúvidas. Não a chama flamejante e intensa de sua irmã Outono ou a combustão controlada

de sua irmã Primavera. Você não é tão pouco. Você é um vulcão nas profundezas do mar. Uma potência tão vasta, mas tão bem escondida, que a maioria das pessoas nunca descobriria a existência dela. Mesmo eu não entendi o que você era até ter matado aquele homem.

— Ah, entendi. Você está interessado por mim porque acha que eu tenho alguma espécie de poder terrível do qual você pode tirar vantagem.

— *Ono*. Como você sabe muito bem, eu me senti atraído por você desde o começo. Atraído profunda e poderosamente. Por você e mais ninguém.

Verão titubeou. As palavras de Dilys recordavam-na das que a voz fazia ressoar fundo nela: *Reivindique-o. Ele é seu e de mais ninguém*.

Verão afastou a memória e os sentimentos que ela trazia consigo, e voltou a caminhar abruptamente.

— Você tem um jeito bem estranho de demonstrar sua atração.

— Você deixou bem claro que não acolhia meus cuidados. Além disso, eu tinha recebido ordens do conselho da minha rainha no sentido de me casar com uma de suas irmãs, Primavera ou Outono.

— Quanto a isso, nada mudou. Vá cumprir seu dever, lorde dos mares.

— *Tudo* mudou. E estou tentando cumprir meu dever... em relação a você. — Ele segurou o braço dela. — Gabriella, por favor, me escute.

Ela se soltou da mão dele.

— Não me toque! E não me chame assim!

— Você por acaso sabe o poder imenso que carrega?

— Eu sou uma bruxa do tempo de Veralea. Nada além disso. E, como bruxa do tempo, nem tão poderosa assim. — Quem sabe, se ela repetisse isso o bastante, ele começaria a acreditar nela.

— O que você é sem qualquer sombra de dúvidas, Gabriella, é uma Sereia. E você carrega o maior e mais antigo poder da Calberna.

Ela ficou boquiaberta. De todas as coisas que esperava ouvir dele, “você é uma Sereia” não chegava nem perto das opções.

— Você andou tomando umas aguardentes veraleanas de novo?

Dilys fez uma careta que o fez parecer perigoso.

— Não é brincadeira.

— Ou você está brincando ou está louco. Todo mundo sabe que esse negócio de Sereia não existe. Elas são um mito, lendas fantásticas criadas por marinheiros tempos atrás.

— Não, Gabriella. As Sereias eram reais. Elas foram massacradas há dois mil e quinhentos anos por homens perversos que atacaram as Ilhas. A Voz da Sereia nunca mais tinha sido ouvida em Calberna e em toda Mystral até a noite em que você matou aquele *krillos*.

— Vou repetir que não matei aquele homem — protestou ela.

— Você está repetindo uma mentira — retrucou Dilys. — Mas você o matou, sim, e usando uma voz que atraiu todos os calbernanos em Konumarr para o seu lado. Todos, sem exceção. Só um tipo de magia é capaz de fazer isso, a *susirena*, o Canto da Sereia. E levando em conta quem você é, todo o resto faz sentido. A atração entre nós. O motivo para eu não ter conseguido parar de pensar em você. O porquê da sensação de quando você olha nos meus olhos, às vezes, parece mergulhar no fundo de minha alma. Pois é o que você faz. Pois, desde o primeiro momento, você me reconheceu como seu *sirakua*, o parceiro da Sereia.

— Eu não fiz isso.

— A Sereia em você o fez. — Dilys tomou a mão de Verão que estava tão surpresa com a declaração dele, que não fez objeções quando ele a pousou sobre o coração. — Sou seu por direito, Gabriella.

Pelos bons deuses, a pele dela era tão quente, tão macia.

— E-eu não quero reivindicá-lo.

— Tudo por causa da besteira que fiz no começo. Eu não percebi que você era a *myerial myerinas* que é e a machuquei com minhas palavras orgulhosas.

Não, era porque, naquele momento, ela só conseguia pensar em deixar as próprias mãos pairarem sobre a extensão inebriantemente tocável daquele peitoral liso, musculoso e nu. Ela recuou com as mãos antes que cedesse à tentação e acabasse se humilhando. Pelo doce Halla, era como se o corpo inteiro dele fosse uma arma,

uma arma especialmente desenvolvida para esmagar as defesas dela.

— Você tem todo direito de esperar algo melhor da parte de seu parceiro. — A voz dele tinha uma ponta de irritação. — Minha única desculpa é que você é a primeira Sereia nascida em milênios. Eu não reconheci os sinais. Mas eu irei me redimir de minha cegueira inicial, Gabriella. Antes que os dois próximos meses de cortejo terminem, provarei a você que sou um parceiro de quem você possa se orgulhar, um *akua* que você jamais se arrependerá de reivindicar.

Os músculos debaixo da pele macia dele pareciam tão duros. As diferentes texturas do corpo dele eram fascinantes. Verão seguiu com os olhos o traçado de uma das tatuagens azuis circulares e se segurou para não a tracejar com o dedo também. O que ele estava falando mesmo? Algo sobre os dois próximos meses? Era muito pouco tempo. Uma vida inteira não bastaria para explorá-lo por completo. Passado algum tempo, as palavras dele começaram a ser registradas por Verão.

— Espera... quê?

Ele franziu a testa.

— O que o quê?

— Dois meses do quê?

— Eu jurei passar os próximos dois meses de cortejo empenhado em me provar a você.

— Cortejo? Você não estava interessado em me cortejar. Até onde sei, nada mudou.

— Tudo mudou.

— Não para mim. Por isso, sugiro que você volte a dedicar sua atenção às minhas irmãs, pois minha resposta, lorde dos mares Merimydon, minha resposta é “não”. — Mesmo tendo negado, Verão se viu oscilando para a frente. O cheiro de fragrâncias tropicais frescas, sobreposto ao aroma quente de homem que emanavam dele preenchiam as narinas e entorpeciam os sentidos de Verão. As longas tranças de cabelo obsidiano brilhavam ricamente sob a luz do sol. E a pele dele... aquela extensão infinita de pele quente e bronzeada coberta com padrões cintilantes misteriosamente sedutores feitos em azul furta-cor. Havia uma história ali... uma história para ela... uma história que ela poderia

compreender apenas tocando, tracejando cada linha e símbolo com as mãos... os lábios... o...

Gabriella se deteve antes que as mãos vazias e sedentas pousassem sobre o corpo dele. Ela praticamente deu um salto para trás para se distanciar dele.

— Pelo Sol do Verão! — exclamou, perdendo as resistências diante da presença inescapável de Dilys e a ânsia ardente e terrível que ele despertava nela. Era como se cada parte dele fosse uma droga desenvolvida *exatamente* para inebriar os sentidos e confundir o juízo dela. — Você não tem umas *roupas de verdade* para colocar?

Os dois foram cercados por um silêncio de surpresa.

Em seguida, com uma voz que parecia estranhamente chocada, ele disse:

— Minha forma de me vestir... perturba você, *Myerialanna*?

— Como poderia ser diferente? — gritou ela. — Você fica andando de um lado para o outro seminu, pelo santo Halla!

— Meu traje não é diferente dos de meus conterrâneos. Ou você também fica perturbada com o traje deles? Meus primos Ryll e Ari perturbam você? Eu a vi conversar com eles mais de uma vez.

A última frase de Dilys terminou com um rosnado que fez o corpo de Verão se estremecer. O raio disparado ao ter lhe tocado a pele atingiu Verão outra vez depois do sinal audível de territorialismo que Dilys não conseguia esconder.

Mais tarde, ela diria a si mesma que ter esbarrado de cara contra o peitoral duro, nu e chocantemente sedutor de Dilys Merimydion fez as partes racionais do cérebro dela emperrarem e pararem de funcionar. Não tinha outra explicação. Pois se a parte racional do cérebro dela estivesse funcionando direito, ela teria morrido antes de admitir o que admitiu em seguida. Especialmente para ele.

— É claro que eles não me perturbam! Por que perturbariam? Eles são totalmente diferentes de... de...

— Completamente diferentes do quê?

— Disso! — Ela ergueu a mão e apontou para o peitoral, ombros, braços e tudo o mais embaixo do pedaço de pano colorido amarrado em volta da cintura dele. — De você!

A careta de Dilys se abrandou, cedendo lugar a um primeiro indício de sorriso masculino irônico.

— Você está dizendo que só *eu* a perturbo, *moa halea*?

Ele abaixou a voz a um tom grave e rouco que lançou arrepios pela espinha de Verão. A pele se arrepiou toda. Ah, sim, ele a perturbava para valer. Demais da conta. E ela não ia aceitar isso!

— Nossa conversa acabou. *Não* me siga mais. Não haverá cortejo entre nós. — Ela deu meia-volta e saiu em direção do portão leste do jardim. Dessa vez, para sua surpresa, ele não tentou impedi-la.

Dilys observou Verão recuar com os olhos estreitados. A bela Estação de olhos azuis tinha passado semanas o evitando como a peste e achava que ele a deixaria continuar assim. Ele a viu atravessar apressadamente o portão do jardim e descer a trilha que corria paralela ao fiorde, tentando colocar o máximo de distância que podia entre os dois.

Agora, pelo menos, ele entendia por que ela o vinha evitando. Entendia por que ela vinha sendo tão fria e reservada com ele, enquanto tratava os primos dele com tanta generosidade. Agora, pelo menos, ele entendia por que ela se esquivava do toque e tremia diante da presença dele.

Verão Coruscate não tinha passado o último mês tentando fugir desesperadamente da presença dele porque temesse ou não gostasse de Dilys. Ela não o evitou sempre que pôde por ele não ter lhe despertado o interesse ou por tê-la ofendido no primeiro dia.

Não. Verão Coruscate fugia dele porque ele a *perturbava*.

Ryll, o durão, severo e muitas vezes assustador subcomandante dos Dragões do Mar não a perturbava. Ari, o primo que era o próprio reflexo de Dilys, não a perturbava. Os milhares de calbernanos vagando por Konumarr em suas *shumas* não a perturbavam.

Só o Dilys.

E não a perturbava pouco.

Ele a perturbava muito.

Além disso, não havia nada de tímido ou envergonhado na voz dela quando o disse. Pelo contrário, havia um fogo com chamadas

vivas e crepitantes. Um fogo cujo estalidos faziam os dedos dos pés de Dilys se curvarem e o corpo dele cantar tenso de ansiedade.

Sabe aquele anzol e linha que o fisgaram logo no primeiro momento do encontro dos dois? O mesmo anzol e linha que tinham crescido a ponto de se tornarem um arpão baleeiro tão logo a voz da Sirene o arrastou por toda cidade para chegar ao lado dela? Continuavam ali.

A ferida agora ardia como uma forja revigorada.

Dilys ficou preocupado com a insistência de Verão em não o ver depois do Chamado que fez a ele e a todos os calbernanos na cidade. Ele começou a achar que talvez tenha cometido um erro. Que ele não era dela. Que os sentimentos que o consumiam vivo não eram recíprocos.

Agora, porém, ele sabia que não era verdade. Sabia que o que tinha sentido não era um mal-entendido brotado do momento selvagem e chocante em que a Voz da Sereia foi entoada pela primeira vez em mais de dois mil anos.

Ele era dela. Ele era dele e ela sabia disso.

E ela também era dele. Só estava lutando contra o fato, da mesma forma que Dilys lutou inicialmente.

Pois, pelo visto, o anzol e a linha funcionavam para os dois.

Ele observou as ondulações azul brilhante do longo vestido de Gabriella desaparecerem além do portão do jardim.

Os lábios dele se curvaram de leve.

Qualquer um de seus primos ou soldados teria reconhecido aquele sorriso lento, decidido e predatório na hora, bem como a obstinação cravada na expressão facial de Dilys enquanto ele descia dos terraços dos jardins do palácio e mergulhava no fiorde Llaskroner.

Dilys Merimydion estava indo à caça.

Capítulo 11

A água fria do fiorde deslizou sobre a pele de Dilys como as carícias de uma amante enquanto ele nadava bem abaixo da superfície. Se ele fosse um gato, estaria ronronando. A água, como o amor, era um nutriente vital para os calbernanos, mas, com exceção de seu eventual mergulho noturno quando o resto do palácio e da cidade está dormindo, Dilys manteve sua necessidade do mar sob controle estrito durante a estadia na Cordilheira Invernal. Ele tinha ido lá para conquistar uma esposa estrangeira e não queria parecer forasteiro ou repugnante demais para sua futura mulher.

Agora, tudo isso tinha mudado. Dilys não estava mais cortejando uma simples princesa *oulani*. Ele estava no encalço de uma Sereia, Sereia que se julgava capaz de despistar os próprios desejos negando-os e... negando-o. Dilys pretendia provar o contrário e, para tanto, precisava mobilizar toda vantagem à sua disposição. Inclusive a força e revigoramento obtidos do mar.

Ela estava caminhando — ou melhor, correndo — na direção da gruta debaixo da cachoeira. Dilys soube por Ari e Ryll que este era um dos lugares prediletos dela.

Dentro da água, finas membranas cresciam entre os dedos das mãos e dos pés de Dilys, películas transparentes, mas bastante elásticas, que lhe davam velocidade no mundo fluido do mar. Os músculos do corpo dele se tencionavam e distendiam enquanto ele nadava. Se preciso, ele seria capaz de nadar mais rápido do que um golfinho, mas, por ora, mantinha uma velocidade tranquila e uniforme. Ele nadou de lado perto da superfície da água e observou os movimentos da saia azul de Gabriella enquanto ela corria pela bela trilha que conduzi à gruta da cachoeira.

Ela o desejava. Desejava tanto que praticamente foi incapaz de não o tocar. Desejava tanto que preferia fugir dele a encarar a verdade.

Saber disso foi um afrodisíaco potente que despertou todos os instintos masculinos predatórios, territorialista e possessivos de Dilys. E cada um desses instintos aguçados estava agora fixado, completa e imutavelmente, na princesa Verão Coruscate.

Era hora de ver a que temperatura o fogo dela ardia.

Ele nadou fundo o bastante para se esconder da vista dela. Dilys não precisava subir à superfície para pegar ar. As brânquias que se abriram ao longo das costelas dele filtravam oxigênio direto da água. Ainda assim, a cada cem metros, ele nadava para perto da superfície de modo a vê-la melhor. Cada vez que o fazia, cuidava para não agitar a água, o que lhe trairia a posição.

Os calbernanos sabiam como caçar no mar.

O borbulhar e revirar da cachoeira foi aumentado. Dilys reduziu a velocidade. A presa dele tinha chegado à gruta.

Pelo Sol do Verão! Gabriella caminhou sobre a chão de pedra úmido e coberto de musgo da gruta escondida sob a cachoeira da Barba Nevada, a principal afluyente que fazia escoar as águas dos cumes nevados e geleiras das montanhas Skoerr para o fiorde Llaskroner. Uma brisa oeste soprou névoa úmida da cachoeira para dentro da gruta, molhando as bochechas de Verão, mas, as gotículas normalmente tão refrescantes evaporaram no instante em que tocaram a pele dela.

Uma tensão se emaranhou no âmago dela, como se o medo lhe envolvesse os nervos. Por que ela abriu a boca nos jardins do palácio e surtou com Dilys acerca de suas vestimentas? Que tipo de larva entrou no cérebro dela e a fez jogar fora, com algumas poucas palavras bestas e irrefletidas, uma vida inteira de autopreservação? Verão armou a própria cova como uma corça que sai dos arbustos bem na mira do caçador.

Gabriella não era uma caçadora. O veraleanos, de forma geral, não eram. Eles eram fazendeiros, jardineiros, professores. Verão, porém, tinha passado seus últimos meses na Cordilheira Invernal. Caçar era um estilo de vida aqui. Todo homem era um predador nato. E Verão acabou conhecendo mais do que detalhes sobre a natureza deles. Ela presenciou a tensão sutil que os invadia todos quando avistavam a presa. Ela sentiu a emoção eletrizante que

corria pelas veias deles enquanto perseguiam a caça. Ouviu o entusiasmo e a satisfação que traziam na voz quando falavam de seus feitos.

E ela acabara de despertar essas mesmas respostas em Dilys Merimydion.

Por que, ah, por que ela não ficou de boca fechada, se lamuriando e desviando até conseguir escapar a salvo? Enquanto ele achasse que ela o temia, Verão estaria segura. Tanto o orgulho quanto os instintos protetores dele iriam nesse sentido.

Agora, porém, ele sabia que o medo dela não era a respeito dele, mas do que ele a fazia sentir.

E isso, como diziam aqui na Cordilheira Invernal, era um caldeirão de peixe diferente.

Ela fincou o pé no chão, deu um rodopio e levou as mãos ao rosto.

— Mas eu sou uma idi...

De repente, os pulmões de Verão ficaram completamente sem ar e a voz dela cortou.

Ela não conseguia se mexer.

Ela achou que ia ganhar algum tempo. O resto do dia. Algumas horas, pelo menos. Um tempo para limpar a cabeça e planejar o que fazer.

Devia ter pensado melhor. Dilys Merimydion não era um mercenário letal temido pelo mundo inteiro por dar a seus oponentes tempo para se organizarem e reconstituírem as defesas. Quando ele descobria uma fraqueza, ele ia com tudo. Com artilharia pesada.

E Dilys Merimydion era, ele mesmo, uma artilharia muito, *muito* pesada.

Ele se ergueu do fiorde como um majestoso deus do mar, atravessando o dilúvio branco e espumoso da cachoeira da Barba Nevada como se ela fosse um véu de pétalas de flores: seu corpo elegante, negro e poderosamente musculoso não se curvou ao peso imenso da água que teria esmagado outro homem. Ele olhou fixamente nos olhos dela e, com movimentos lentos, conscientes e fluídos, ele escalou as rochas pretas caídas na entrada da cachoeira, parando agachado sobre grande rochedo no topo da

pilha como se fosse um imponente predador selvagem se exibindo sob o sol.

O efeito era... espetacular. Se ela já não o desejasse loucamente, agora o faria.

A água caía e corria sobre ele, deslizando sobre a pele sedosa de Dilys e afogando o olhar voraz e desejoso de Verão no corpo escultural dele. As dobras da *shuma* molhada agarravam-se ao corpo dele como uma segunda pele quase transparente, moldada aos músculos pesados e definidos da coxa. Ao olhar ardente e voraz de Gabriella, a saliência escandalosa entre as pernas dele começou a pulsar e crescer, erguendo o tecido molhado da *shuma*.

— Fique me olhando assim, como se quisesse me comer, *moa halea*, que vou acabar deixando — murmurou ele em tom grave e rouco.

O som gutural da voz atravessou arrastadamente os sentidos de Verão, mas foi o outro tom, tom latente e secreto, que fez cada pelo do corpo dela se arrepiar. Não era tanto o som, mas sim uma vibração profunda afinada com precisão a cada zona erógena do corpo dela. Enquanto Dilys falava, aquele som ia entrando pela pele de Verão, fazendo os mamilos dela se intumescerem a ponto de doer. Um calor se concentrou nas dobras subitamente inchadas e latejantes entre as pernas dela. O corpo dela começou a tremer sutilmente.

Que Halla a ajude. Aquela era outra forma de encantamento calbernano. Uma Persuasão erótica. Tinha que ser. Um homem não tinha como levar uma mulher à beira de um êxtase avassalador com apenas algumas palavras ditas em voz gutural, independente de quão profunda, aveludada e sombriamente sedutora ela fosse.

Não que Gabriella tivesse se permitido alguma vez na vida chegar tão perto de um homem que achasse atraente a ponto de saber o que é um êxtase avassalador, é claro, mas, nos últimos meses, Khamsin vinha sendo sua fonte de informações. Decidida a não deixar as irmãs se casarem ignorantes e despreparadas, Kham contou com exatidão às Estações o que se passava na cama conjugal, o que os futuros maridos delas esperavam e, o mais importante na opinião dela, o que elas tinham direito de esperar dos maridos em contrapartida. As conversas eram acompanhadas de

muitos olhos arregalados, suspiros e risadinhas, mas também de um ávido interesse. Primavera até fazia anotações.

Em todo caso, aquele sentimento trêmulo, quente e forte, como se o corpo dela estivesse prestes a explodir, era muito parecido com o êxtase avassalador descrito por Khamsin. Mais uma palavra de Dilys, e Gabriella temia não conseguir mais se segurar.

As dobras laterais da *shuma* branca e azul de Dilys Merimydon se dividiram. A perna comprida e musculosa deslizou por entre a fenda no tecido com graça desenvolta: ele caminhou sobre a superfície da pedra e desceu ao piso úmido do chão da gruta. Cada movimento lento, calculado e sedutor era como uma dança sensual. Ele cruzou a distância curta que os separava e se pôs tão próximo, que Verão praticamente sentia o calor emanando da pele dele.

Ela sabia que devia fugir. Aquele homem era um perigo para ela. Toda aquela atração sexual selvagem era apenas a ponta do iceberg. Se ela o deixasse se aproximar — se desse vazão aos sentimentos que ele despertava — ela se apaixonaria tão rápido e tão forte que não teria mais volta. Verão perderia todas as esperanças de se salvar. Ela tentou se virar e correr, mas seu corpo trêmulo parecia surdo aos comandos do cérebro.

Com medo de não ser capaz de resistir caso mergulhasse outra vez naquele oceano ensolarado e ouvisse aquela voz ordenando-lhe que reivindicasse seus direitos sobre ele, ela abaixou o olhar dos olhos para a boca dele. Mas então, a única coisa que conseguiu pensar foi “Meus deuses, que boca linda!” e se lembrar das formas variadas e escandalosas que um marido podia usar a boca, conforme contou Khamsin.

— P-pare aí mesmo — gaguejou ela.

— Parar o quê? — Ele inclinou a cabeça.

— Você s-sabe o quê. — A proximidade dele era esmagadora. — Para de tentar me s-seduzir.

— É o que eu estou fazendo? — As palavras dele tocaram as bochechas de Verão como beijos que abriam um caminho quente até a boca dela.

Ela engoliu seco. O coração batia forte contra o peito.

— Você sabe que é.

A boca dele pairou sobre a dela tão perto, que os lábios de Dilys roçaram nos dela enquanto falava:

— Se quiser me impedir, basta me Ordenar... *Sirena*.

Ela abriu a boca para lhe dizer que parasse, mas as palavras prenderam na garganta quando Dilys ergueu a mão para segurar o rosto dela. A pele dela queimava onde ele tocava.

— Chega de mentiras, Gabriella — murmurou ele. — Me diga a verdade. Do que você tem medo, a ponto de fugir tanto do que deseja?

— Não sei do que você está falando...

A pressão da boca de Dilys contra a dela cortou a mentira no meio e Verão a engoliu. Ele passou um dos braços ao redor da cintura dela e puxou-a mais para perto, estreitando o abraço até toda a extensão do corpo de Verão estar pressionada contra o dele. Dilys percorreu o cabelo dela com a outra mão, envolvendo a nuca dela com os dedos e segurando-a firme. Enquanto isso, levou a boca à dela. A boca suave como seda, quente como fogo. Incansável como o mar.

Quando os joelhos de Verão estavam prestes a ceder, ele parou de beijá-la e recuou.

— Eu disse que esse era o preço a pagar por cada mentira — disse ele. — Tente outra vez, *moa kiri*. Dessa vez, me diga a verdade.

Verão achou que a voz dele soou um pouco tensa, mas era difícil saber ao certo. A mente dela estava nadando em círculos estonteantes e era difícil conectar os pensamentos. Juntar a coerência mental necessária para analisar o estado dele estava completamente além das capacidades dela.

— Não sei o que você...

Ele a beijou novamente, dessa vez cortando a mentira mais cedo. Os círculos estonteantes na mente dela se tornaram um redemoinho. Dilys cindiu os lábios de Verão e lhe acariciou a língua com a própria. Pelos deuses, ele tinha gosto de chocolate, chantili, biscoitos de caramelo e frutas com mel... o gosto de qualquer prato doce e delicioso que ela tenha provado na vida e desejado mais.

Verão quase reclamou quando ele recuou pela segunda vez.

— Tente outra vez — disse a ela. Dessa vez, a voz dele estava realmente áspera.

— Eu não...

Mal havia dito duas palavras, e os lábios dele foram uma terceira vez aos dela. Já era demais. Os joelhos trêmulos de Verão cederam. Incapaz de continuar se recusando a ele, incapaz de continuar negando os próprios desejos, ela caiu contra o corpo alto e duro de Dilys. Ela ergueu os braços, envolvendo o pescoço dele. Os dedos de Verão penetraram as tranças sedosas do cabelo de Dilys, segurando-o com firmeza. Com dificuldade, ela respirou fundo e se estremeceu toda ao gosto inebriante, ao aroma, à visão, ao gosto e aos sons dele que a invadiram, sobrepujando-lhe todos os sentidos. Gabriella fechou os olhos para bloquear ao menos um dos sentidos, mas isso apenas fortaleceu os demais.

A mão no quadril dela deslizou para baixo. Ele agarrou as nádegas dela e a levantou sem fazer força alguma. Os pés de Verão saíram do chão. Ele a pressionou forte contra si, segurando o v secreto do sexo dela contra o volume intumescido do dele. Ele a deslizou para cima e para baixo até uma tensão tremenda e deliciosa se retorcer com força dentro dela.

Ela se estremeceu novamente. Arqueando-se nos braços de Dilys, Verão afastou os lábios dos dele para gemer sob a tempestade daquele beijo, tormenta que lhe despertou sensações loucas e selvagens no corpo.

Ela inclinou a cabeça para trás e gemeu enquanto os lábios dele tracejavam uma trilha de fogo pela garganta dela. Como era possível que algo banal como um *pescoço* pudesse ser tão sensível? O dela, no entanto, era — pelo menos para ele. Dilys fez algo perto da orelha de Verão que a fez se estremecer e, cravando as unhas na carne, agarrar-se ao ombro dele.

— O que você está fazendo comigo? — arfou ela.

— Nada além do que você está fazendo comigo — murmurou ele, contra a pulsação do pescoço dela. Os lábios dele mergulharam nas curvas fartas dos seios dela. Os dentes dele mordiscaram a pele que homem algum tocou. Ele excitou a pele desnudada pelo decote do vestido, mas também as partes que o tecido fino ainda cobria. — Você me quer, Gabriella. Não se faça de mentirosa negando isso.

— Não estou mentindo — insistiu ela. — Eu... — A voz dela cortou quando Dilys a girou e, atravessando a distância curta até um dos bancos de pedra da gruta, deitou-a sobre a superfície dura.

Ele o fez para liberar as mãos, percebeu Verão pouco depois, quando ele subiu no banco e se deitou sobre ela, apalpando-a enquanto a beijava outra vez. Dilys a beijou até Verão gemer palavras indistintas. Em seguida, se sentou e guiou-lhe a mão pelo corpo.

— Você está mentindo sem precisar. Você não é a única que está sentindo isso. Me toque, *moa kiri*. Você não está vendo, não está sentindo o que faz comigo? — Ele levou as mãos dela por sobre as ondulações duras de pele do abdômen até os músculos protuberantes do peitoral. Ali, pressionou as palmas das mãos dela contra o coração pulsante. — Sinta como meu coração bate rápido. Isso é por você e nenhuma outra. Eu não tinha entendido até você ter me Chamado para o seu lado. Agora, porém, tudo faz perfeito sentido.

Ainda segurando uma das mãos dela contra o coração, ele levou a outra ao rosto.

— Não tema o que você sente — disse ele, beijando a palma da mão dela. — Não tenha medo de mim. — Em seguida, com o olhar fixo no dela o tempo todo, Dilys levou os dedos de Verão um por um à boca, envolvendo-os com o calor úmido e acariciando-os com movimentos misteriosamente sensuais de língua, entoando uma jura emocionante a cada dedo. — Eu nunca vou magoá-la — prometeu depois de soltar o mindinho. — Eu nunca vou trai-la. — Úmido, o dedo anelar de Verão tremeu contra os lábios dele. — Eu vou protegê-la de qualquer perigo. — A carícia feita no dedo do meio fez a respiração de Verão sair entrecortada. — Eu vou me dedicar à sua felicidade — disse acariciando o indicador, seguido de perto pelo polegar: — O que você precisar, o que você desejar, eu irei prover. — Tirando o polegar da boca, ele roçou a boca na pele macia da palma da mão e lambeu delicadamente a parte interna do pulso de Verão. — Pois eu sou seu e de mais ninguém, Gabriella Aretta Rosadora Liliana Elaine Coruscate.

Em seguida, com os olhos fixos nos dela, Dilys disse:

— Reivindique o que é seu por direito. — Ele cobriu a Rosa dela com os lábios e acariciou a marca vermelha levemente saliente com a língua.

Era como se ele tivesse tocado o corpo dela com um chicote de fogo. A Rosa dela ardeu, o corpo se arqueou para trás e um raio lhe atravessou as veias, viajando rapidamente da Rosa para os seios e dos seios para o ventre. Gabriella se estremeceu violentamente, assolada pelas ondas de prazer intenso que cresceram mais e mais até se tornarem uma ânsia feroz, tremenda e ardente.

Dilys olhou para a Sereia se contorcendo diante dele sobre o banco de pedra da gruta. Ela era a coisa mais linda que ele viu na vida. Tipicamente veraleana, a pele escura de Gabriella estava molhada da névoa de umidade da cachoeira e corada pela intensidade da paixão que a fizera tremer descontroladamente nos braços dele. Os olhos dela, azuis como o céu e profundos como o mar, estavam bem abertos e brilhavam em contraste com a moldura sedutora e escura dos cílios grossos. Os lábios dela, carnudos e exuberantes, estavam abertos e ofegantes.

Os dedos dele percorriam o cabelo de Verão. Era uma cabeleira macia, sedosa e preta como nanquim. Era como ondar de tinta quebrando na corrente do oceano. Ele passou as mãos por trás da nuca dela e tomou os contornos meigamente arredondados da cabeça de Verão.

A pontinha da língua rosa despontou entre os lábios divididos, umedecendo e dando brilho às carnes fartas da boca de Verão.

— Dilys, e-eu...

O som do nome dele sendo pronunciado por aqueles doces lábios fez o sangue dele esquentar e o corpo ficar duro de desejo. Ela não o havia Chamado pelo verdadeiro Nome, o nome que o teria reivindicado por direito, mas não importava. O som do nome comum dele falado por aquela voz enrouquecida pelo desejo era como comer folhas de *arras* — um dos afrodisíacos mais potentes da Mystral — direto da árvore. Ele ergueu as pernas dela para cima das coxas e pressionou a virilha contra a dela. A boca de Dilys mergulhou, demandando aqueles lábios reluzentes com beijos

abruptos e ferozes cheios de voracidade selvagem e surpreendente domínio.

Desde a tenra infância, os meninos calbernanos eram ensinados a velejar, lutar e usar o mar para proteger a Calberna e as mulheres dele para, um dia, terem ouro e fama suficientes para reivindicar uma *liana* por direito.

Havia, porém, outra habilidade — habilidade que não tinha a ver com guerra ou riqueza — que todo homem calbernano buscava ao se aproximar da idade adulta. A *Ililium*: o conhecimento e domínio das artes sensuais.

Todo homem calbernano que carregava a *ulumi-lia* — a tatuagem azul na maçã do rosto direita que o designava digno de possuir uma *liana* — não tinha apenas conquistado ouro e fama para honrar a esposa de sua escolha; ele também dominava todas as maneiras possíveis de mergulhar a esposa em prazeres carnavais, fazendo-a chegar ao clímax repetidamente.

Os homens calbernanos quer traziam a *ulumi-lia* eram senhores do mar, senhores da guerra e senhores das artes sensuais.

Ainda assim, naquele momento, com Verão Coruscate nos braços e o gosto dela nos lábios, todas as habilidades adquiridas por Dilys se esvaíram, deixando-o entregue à necessidade instintual de saciar a fome voraz que tinha dela. Ele a queria nua nos braços, pele com pele, penetrando-a. A fricção deliciosa e quente do sexo. Tomando-a para si e sendo tomado por ela. Corpo e alma fundindo-se em um, unindo duas metades para todo sempre.

Ele inclinou a cabeça. Dilys abriu a boca e forçou os lábios dela a fazerem o mesmo. Ele deslizou a língua para dentro, emaranhando-a à dela. Ele a invadiu. Reivindicou-a. Ela possuía gosto de sol e mel, de uma magia quente e elementar. Ela queimou Dilys. Incendiou a alma dele.

Ele deu mordiscadas leves nos belos lábios carnudos de Verão, fazendo a pele dela esquentar e inchar contra a dele. Ao invés de se afastar, ela correspondeu a cada mordida sedenta, a cada movimento de língua, a cada gemido voraz e cheio de desejo com suas próprias respostas apaixonadas. As lindas palmas das mãos de Verão deslizaram sobre a pele nua do peitoral, os ombros largos e os braços tensionados de Dilys. Incitando-o, ela cravou as unhas

na carne das costas dele. A pontada de dor — evidência do desencadeamento da paixão dela — apenas o inflamou mais.

Ele apertou o corpo dela ao dele como se pela pura força do abraço pudesse entrar na alma dela e se fixar ali por toda eternidade.

O sexo dele estava duro, pesado, com a pele estirada a ponto de quase explodir. Cada roçar do tecido da *shuma* quase o levava ao limite, sensibilizando-o a ponto de Dilys temer que poderia gozar ali mesmo, apenas com um beijo.

Ela se contorceu e balançou as pernas ritmicamente, movimento que quase levou Dilys à loucura.

— *Moa kiri... moa myerial myerinas...* coloque suas pernas em volta de mim. — A voz dele saiu arrastada, engasgada. Cada palavra tinha que abrir espaço na garganta tão apertada que ele mal conseguia respirar, quem dirá falar.

Ela obedeceu sem reclamar: deslizou as pernas ao redor da cintura dele, acomodando os tornozelos bem junto à base da lombar dele. A pegada dela, forte e intensa, incendiou a mente de Dilys com ideias acerca de outras formas e partes dela que poderiam apertá-lo daquele jeito.

O sexo dele estava encaixado entre as coxas plenamente abertas dela, separado dos portões do Halla pela *shuma* e pela saia exageradamente cheia de camadas. Dilys foi atravessado de desejo e voracidade. Ele precisava entrar nela. Era uma necessidade feroz, arrebatadora. Um instinto primitivo gravado em cada célula do corpo dele. O mesmo tipo de imposição primal, implacável, de vida ou morte que conduzia tantos seres do mar.

Com as costas arqueadas, Verão gemeu e suspirou enquanto ondulava o quadril em ritmos instintivos que o deixaram ainda mais ávido por ela. Os seios fartos de Verão pressionavam o decote do corpete.

— Preciso ver você — disse ele, arrastadamente. Sem pensar duas vezes, as garras de batalha saltaram para fora e fatiaram os cordões da frente do corpete. O tecido se abriu. Os seios dela se esparramaram livremente. Eram duas esferas firmes, bonitas e exuberantes, com pele sedosa como creme de chocolate, encimadas por mamilos escuros de bordas estreitas. Bendita

Numahao. Ela era maravilhosa. Mais perfeita do que Dilys sonhou que uma mulher poderia ser. Tudo nela parecia ter sido criado especificamente para levá-lo à loucura.

Ele estendeu os braços e encheu as palmas das mãos com os seios dela.

— Você é tão linda, *moa kiri*. Tão suave, tão doce...

Com um grito curto e engasgado, ela segurou os pulsos e tentou afastar as mãos dele.

Ele tomou as mãos de Verão e entrelaçou os dedos aos dele.

— Não, Gabriella, por favor. Me deixe ver você. Me deixe tocá-la.

— Suavemente, irresistivelmente, ele levou as mãos dela para o lado e inclinou a cabeça para capturar um dos mamilos rígidos com a boca. Ela soltou um gemido agudo e se curvou para ele.

Enquanto o fazia, a Rosa do Verão que ardia intensamente na parte interna do pulso direito dela deslizou sobre o tridente dourado no pulso esquerdo dele.

A sensação era a de ser atingido por um raio.

Saltando de surpresa, Dilys urrou e sentiu cada músculo do corpo tremer. O corpo dela se arqueou junto, erguendo-se no banco alinhado ao dele, como se fios invisíveis os atassem. Um gemido saiu rasgando da garganta de Verão. Os olhos azuis claros dela cintilaram um dourado puro.

A bordo de sua nau, Dilys já teve que enfrentar uma boa quantidade de furacões e ondas violentas que teriam mandado qualquer outro navio para o fundo do oceano. Ele sentiu a ferroadada das tempestades. Sentiu o murro de ventos tão fortes que mesmo um calbernano não suportaria. Sentiu o estalido elétrico de raios que cindiram o ar e fizeram cada pelo do corpo dele se arrepiar. Enfrentou ondas de doze metros batendo contra o casco do navio como uma criança que bate o brinquedo contra a borda da banheira.

Tais potências brutais e descontroladas não chegavam perto da força que o tomava naquele momento.

Uma força que urrou pelas veias dele transformando o sangue em lava fundida, fazendo-o tremer profunda e violentamente. O sexo dele ficou duro como pedra, quase a ponto de explodir. A necessidade se tornou uma agonia torturante, uma voracidade tão intensa que era como uma entidade se contorcendo dentro dele. Se

ele não estivesse montado sobre o banco, a imensidão do que estava sentindo o teria feito cair de joelhos.

Com um grito de rendição, ele caiu sobre Verão, chupando os seios e tateando a saia dela. Dilys lutou contra as camadas volumosas de tecido azul. E estava detestando toda aquela roupa. Ele precisava sentir a pele dela; precisava de pele nua contra pele nua.

— Meu santo Helos! — Inundada pela sensação indescritível, Gabriella prendeu a cabeça de Dilys contra o peito. O prazer chocante que a engoliu quando ele colocou as mãos e a boca em seus seios nus não se comparava à necessidade infernal que a consumia agora. Os braços e pernas dela se agarravam a ele como uma trepadeira à parede. O quadril oscilava em um ritmo desesperado contra ele. Ela precisava. Queria. Ardia. Ansiava, vorazmente, além de qualquer razoabilidade. Só Dilys Merimydion poderia dar o que ela desejava.

E ele estava demorando demais!

Puxando a cabeça dele dos seios, ela rosnou:

— Rápido, droga! Rápido! — Em seguida, levou a boca à dele e, atacando-o, esbaldou-se. Ela mordeu a língua dele e saboreou o gosto doce e metálico do sangue de Dilys. Ele gemeu, inclinou a cabeça e a beijou mais intensamente do que nunca, como se apenas com um beijo pudesse entrar nela e preencher aquele lugar vazio clamando por socorro.

Alguma parcela distante e estarecida da mente de Verão sussurrou “O que você está fazendo?”, mas o corpo dela não lhe deu atenção. Era como se alguma força selvagem e primitiva a tivesse possuído.

A essa força primitiva desejava-o — Dilys Merimydion — de maneiras que Gabriella sequer havia sonhado.

Ela sentiu uma brisa fresca pairando sobre o flanco. Ele finalmente tinha conseguido vencer a luta contra o emaranhado de tecido da saia dela. Ela curvou as costas quando Dilys lhe agarrou as nádegas.

Um rosnado furioso ressoou do peitoral de Dilys quando seus dedos encontraram mais uma camada de tecido entre a mão dele e

a pele nua de Verão. Ela sentiu um puxão e ouviu o barulho de tecido se rasgando. Em seguida, afastou os lábios dos dele e arqueou as costas quando sentiu dois grandes dedos deslizarem pela pele nua a um lugar desconhecido ao toque de homem.

Sem hesitar, esses dedos foram contornando as formas arredondadas das nádegas dela, deslizando e explorando ali até encontrarem, por entre elas, uma pele ainda mais macia e íntima.

Sim! Sim! Ela arqueou ainda mais as costas, projetando os seios para cima. A boca quente dele foi tracejando um caminho ardente pela garganta de Verão até chegar outra vez ao volume exposto dos seios dela. Ali, mordiscou os mamilos intumescidos fazendo-a gemer e se estremecer contra seu corpo. Os dedos dela mergulharam nas tranças espessas e macias do cabelo de Dilys e puxaram a cabeça dele para perto. A mão entre as pernas de Verão acariciaram-lhe a pele lisa e abrasante. Cada roçar da ponta dos dedos dele contra a pele fizeram a ânsia dela aumentar.

Foi quando ele recuou, afastou-se dos seios dela e deteve os dedos que estavam fazendo uma magia deliciosa e febril.

— Não! Por favor — lamuriou-se Verão. O quadril dela convulsionado sob a mão e os dedos dele. Ela se lançou contra ele ciente sem saber exatamente do que precisava, mas ciente de que precisava de algo e que somente ele poderia provê-la disso. — Por favor!

— Meu Nome, Gabriella — disse ele. Havia na voz dele um som inaudível que rasgava o corpo de Verão, mergulhava-lhe na pele e fazia vibrar cada célula de seu corpo. — Fale o meu Nome.

— Dilys! — gemeu ela, estremecendo-se. — Dilys, por favor!

— Meu Nome de verdade, Sereia. Fale meu Nome de verdade e eu lhe darei tudo o que quiser e ainda mais.

A ânsia que ela achava que não poderia piorar ficou ainda maior. A magia na voz dele pairou como um sussurro sobre os nervos de Verão e brincou sobre o corpo dela como milhares de lábios, línguas e dedos, tornando-se uma tormenta agonizante maravilhosa. Nesse ponto, ela pensou que não havia nada que pudesse dizer ou fazer para obter a satisfação inimaginável que desejava.

Um nome vibrou no fundo da mente dela. O mesmo nome que ouvira antes. Bizarro e estrangeiro, era um nome a um só tempo

novo, mas familiar como sua própria pele. Era o Nome dele, ela sabia. Ele subiu pela garganta e pulsou na língua de Verão, forçando-se a ser Invocado. Mas Verão não ousou fazê-lo. Se o fizesse, se ela o deixasse entrar, se se permitisse amá-lo com a entrega descontrolada e devoradora que, naquele momento, tomava cada célula de seu corpo... ele seria a fagulha a despertar o inferno apocalíptico dentro dela.

A cabeça dela se debatia. Ela estava em agonia de tanto desejo. Ela ergueu os braços e o agarrou com os dedos.

— Dilys, chega disso! — Como ele não respondeu imediatamente ao clamor dela, o desespero de Verão se muniu dos espinhos da raiva. Ele achava que podia recusá-la? Achava que ele poderia atormentá-la, dobrando-a à sua vontade? — Chega! — urrou ela. Nesse momento, algo muito poderoso e profundo veio rugindo pelo corpo de Verão e se despejou boca afora, uma voz de Comando.

Dilys se encolheu como ela tivesse lhe desferido um golpe poderoso. Os olhos deles brilharam em um tom dourado intenso. Os lábios dele se abriram, desnudando brilhantes dentes brancos que agora incluíam um nítido par de longas presas.

Ele mergulhou sobre Verão, tomando-lhe um seio com a boca e o outro com a mão. O polegar debaixo da saia dela pressionou com firmeza entre as pernas dela, fazendo-a arfar e tremer. Ele ergueu um pouco a cabeça, puxando de leve o mamilo entre os dentes, e o acariciou com a língua até que ela gemesse e lhe implorasse que fosse até o fim.

Nesse momento, Dilys proferiu as palavras "*Ililia nua*" com uma voz que penetrou cada parte do ser de Verão.

Sensações explodiram em cada terminação nervosa de Verão. Um grito subiu rasgando pela garganta enquanto um oceano de prazer a inundava. Ele irrompeu contra ela selvagememente, revirando-a e banhando-a repetidamente até Verão se sentir mole e fraca, com a garganta dolorida pelo grito incontido.

Com as mãos trêmulas, Dilys tomou o rosto dela.

— Agora, Gabriella — incitou-a com um sussurro ríspido. — Fale meu Nome.

Ela encarou os olhos febris e cintilantes de Dilys, e se viu outra vez boiando em um mar de luz solar, circundada de calor e de um

esplendor ofuscante. A voz continuava a ressoar na mente dela, aquele Canto da Sereia que lhe prometia felicidade, amor e pertencimento eterno, um fim à solidão que lhe rodeava a alma desde o nascimento. Não era para Verão ficar sozinha. Ela devia se unir a alguém. Devia ser parte de outra pessoa: parte *dele*. Duas metades de um todo unidas por laços inquebrantáveis que somente ela era capaz de forjar.

— Fale meu Nome, *Sirena*. Reivindique-me como seu parceiro por direito. Una-me a você para todo sempre. — Era a voz de Dilys que se dirigia a ela naquele mar ensolarado; os tons de voz, no entanto, pulsavam incontrolavelmente nela como milhares de cinzeis lhe escavando o muro da vontade.

Apesar do alívio devastador que acabara de lhe dilacerar cada parte do ser, o poder que Verão temeu a vida inteira não estava perto de ter se esgotado. Pelo contrário, ele fervilhava dentro dela, aumentando como lava na garganta de um vulcão, pressionando cada vez mais, fazendo a ânsia arrepiante de seu corpo abalado pelo prazer parecer comparativamente mínima.

Reivindique o que é seu. Fale meu Nome. Liberte-nos.

A voz era como uma sensibilidade paralela dentro dela, uma fera enjaulada lutando para se libertar, um bicho furioso com as correntes com que Verão o prendia há muito tempo. Essa fera queria Dilys com avidez selvagem, feroz; alegrava-se com a proximidade dele; tentava alcançá-lo com toda sua enorme força.

E ela, Gabriella — a Estação que sabia que horrores advinham quando alguém como ela abaixava a guarda e se rendia à loucura do amor —, era tudo o que os separava.

Se ela cedesse...

— Não! — gritou ela. — Não! — Ela se sentou rapidamente e lhe empurrou o peitoral com força suficiente para tirar o equilíbrio de Dilys.

— Gabriella. — Verão se levantou e Dilys tentou segurá-la.

A poderosa força selvagem ainda saltitava faminta dentro dela. Se ela o deixasse tocá-la, se o deixasse seduzi-la outra vez, perderia a batalha para manter a fera contida. Ela não podia mais deixar isso acontecer.

— Não! — gritou ela. — Vá embora. — Ela o empurrou outra vez, mas, dessa vez, de forma espontânea, um disparo de magia saiu junto.

Houve um clarão e um cheiro de queimado.

E Dilys Merimydion saiu voando pela cortina espumante da cachoeira da Barba Nevada.

— Gabriella — disse Dilys, ressurgindo na superfície do fiorde Llaskroner a tempo de ver a Sereia com quem planejava se casar fugindo da gruta da cachoeira da Barba Nevada segurando as lapelas do corpete com as mãos. — Gabriella, pare! — Ela parou, avistou-o no meio do fiorde e, em seguida, voltou a correr em direção ao palácio.

Ele nadou rapidamente para a margem norte do fiorde e estava prestes a subir à superfície da água quando se deu conta de que estava sem a *shuma*. O *gudo* de linho que usava por baixo estava queimado e pendurado, em farrapos, em um dos lados do quadril. Além disso, Dilys trazia marcas de queimado no abdômen. Ele tocou a pele avermelhada para conferir a sensação e assobiou à sensibilidade dolorosa. O golpe de poder que o mandou voando pelos ares não havia apenas queimado a *shuma*, como também o corpo dele.

Fosse um pouco mais baixo, teria queimado algo de que Dilys, pelo Hel, sentiria muito mais falta do que da *shuma*.

E teria sido bem-feito!

Ele mergulhou outra vez na água, desceu às profundezas e nadou da costa até o centro do canal. Ele acompanhou o vestido azul de Gabriella atravessando os jardins e voltando ao palácio, onde ela tomou uma porta lateral e desapareceu de vista.

Dilys esperou até que ela estivesse segura para submergir outra vez sob as ondas até as profundezas das águas frias do fiorde. A membrana entre os dedos das mãos e dos pés dele se estendeu, dando-lhe grande velocidade enquanto nadava do fiorde ao alto-mar. Depois do que havia ocorrido entre ele e Gabriella, Dilys precisava do reconforto de seu elemento natural, o mundo de águas salgadas azuis e profundas. Ele precisava refletir e se reorganizar.

Sem sombra de dúvidas, ele havia cometido um enorme erro tático.

As veias dele chiaram de tanta fúria. Dilys foi tomado de um arrependimento agudo e doloroso. Onde estava a cabeça dele? Como foi capaz de cometer um erro tão crasso? Ele tinha passado a vida inteira treinando para um objetivo final: criar um vínculo poderoso e duradoura de parceria com uma mulher a quem se ancoraria de corpo e alma.

Ainda assim, quando a mulher apareceu em sua frente, ao invés de cortejá-la com os instrumentos que passara uma vida inteira preparando, ao invés de conquistar o amor e a confiança dela com paciência e habilidade, estragou tudo. Dilys afastou Verão desde o primeiro dia. Ele a rejeitou, a insultou, machucou os sentimentos dela e agora, depois de se dar conta do que ela era — de *quem* ela era, tanto para a Calberna quanto para ele —, ele ainda a pressionou. Ao invés de cercá-la com a sutil confiança do príncipe calbernano que ele era, ele a golpeou com a fineza de um tubarão enlouquecido. Se seus mentores tivessem testemunhado tal conduta, teriam virado as costas de tanta vergonha.

Dilys não poderia culpar Verão se ela não quisesse chegar a um quilômetro de distância dele!

Com as garras completamente estendidas, ele levou as mãos fechadas ao rosto. Era tudo o que podia fazer para não despedaçar a *ulumi-lia* da bochecha em desprezo a si mesmo. Ele não era perfeito. Cometia erros. Mesmo agora, apesar de tantos anos de treinamento. Mas nunca em sua vida havia pisado na bolsa tantas vezes e tão feio como com Verão Coruscate.

Seu fracasso era ainda mais revoltante por terem sido cometidos com *ela*.

Ele nunca deveria tê-la seguido até a gruta. Ele sabia que ela o desejava. Verão não conseguia esconder isso. Mesmo que ela não tivesse se entregado tanto quanto ele durante o beijo, Dilys sabia ler os sinais corporais de uma mulher bem o bastante para saber que ele a excitava nos registros mais básicos e primitivos.

Ele devia ter usado isso a seu favor. Devia ter sido paciente. Devia ter lançado a isca diante dela até que *ela* viesse até *ele*. Ao invés disso, ele a encurralou, deixou-a sem ter para onde fugir,

esmagando-a com sua presença física e paixão desenfreada até Verão não aguentar mais.

E, ao fazê-lo, pode ter colocado tudo a perder.

Tem certas coisas que a força bruta não é capaz de conquistar. Certas vitórias exigem astúcia.

Ele precisava se reorganizar, acalmar a tempestade indomável de emoções e desejos, bem como a *necessidade* dolorosa que o revirava do avesso. Dilys precisava encontrar — ou se forçar a obter — calma o suficiente para pensar.

Ele não podia mais cometer outro deslize. De agora em diante, sua caçada teria que ser impecável, caso contrário ele perderia tudo de uma só vez. E isso era impensável.

A única coisa que lhe dava alguma esperança era a forma meiga e incontrolável com que ela saiu dos braços dele depois de lhe ter Ordenado que acabasse com aquele tormento e de, em contrapartida, ele ter Ordenado a ela que se rendesse ao *ililia nua*, o oceano de prazer.

Ela era uma Sereia. Dilys não tinha como incitá-la com a sombra fraca da *susirena* que os homens calbernanos possuíam, a não ser que ela o permitisse. E ela não o permitiria a qualquer homem, a não ser que partilhasse com ele um laço de confiança.

Ela pode até ter mentido para ele, tentado negar os próprios desejos e se recusado a chamá-lo pelo Nome. Em algum registro, porém, a Sereia nela reconheceu nele um homem em quem podia confiar. Reconheceu-o como parceiro. Como o parceiro *dela*.

Dilys se agarrou a essa ideia como a um farol de esperança.

Daquele momento em diante, ele ia corrigir todos os erros cometidos. Ia cortejá-la como ela merecia, até conquistar a confiança dela e provar a Verão que ela possuía a devoção completa dele; até convencê-la, sem sombra de dúvidas, que ele era o parceiro certo — e o *único* — para ela. Até que ela o Chamasse pelo Nome, o unisse a ela e, em contrapartida, se unisse a ele de corpo e alma.

Essa era a missão para a qual Dilys tinha treinado a vida inteira. Gabriella era a conquista que ele passara a vida inteira lutando para obter.

Preenchido com um senso renovado de propósito, Dilys subiu à superfície do oceano reunindo, de forma instintiva, todos seus dons do mar para ganhar velocidade. Ele não esperava obter muita resposta. Ainda que Ryll, Ari e vários de seus soldados tivessem lhe dado, dia após dia, uma quantidade considerável de energia — de modo que Dilys não precisava mais lutar para passar o dia sem desmaiar —, manter Gabriella viva sugou toda a imensa magia que a mãe lhe dera. Dilys não tinha como recuperar tal energia. Ainda assim, naquele momento, ele disparou pela água a uma velocidade que só podia ser impulsionada por uma imensa magia.

Foi quando ele se deu conta de que, nos cumes da paixão, a Sereia em Gabriella dera energia a ele. Um enorme oceano de energia. Mais energia do que a mão havia sido capaz de compartilhar com ele — e Alysaldria carregava em si a magia concentrada de várias gerações de rainhas calbernanas.

Ele irrompeu da superfície da água, projetando-se para o alto e planando levemente no ar. Os raios dourados e quentes do sol envolveram-no em um mar de luz, ao que Dilys respondeu com uma gargalhada de júbilo antes de arquear majestosamente o corpo e mergulhar outra vez nas acolhedoras ondas azuis do Varyan.

Ela era dele. Verão podia negar quanto quisesse, mas ela era dele tanto quanto ele era dela.

Ela havia aceitado a paixão, o cuidado e a devoção dele, e lhe retribuído com confiança, paixão e sua gloriosa magia de Sereia, enchendo-o de uma energia crepitante e de uma força jamais vista por Dilys. Ao fazê-lo, independentemente de quais tenham sido suas intenções, Verão havia completado o *makura ki*, o toque da dádiva e do recebimento, e se comprometido com a *liakapua*, o rito calbernano de acasalamento.

Capítulo 12

Graças à escadaria dos criados e ao uso inteligente da Persuasão, Gabriella conseguiu voltar ao quarto dela sem despertar a atenção das pessoas para sua aparência desarrumada. Uma vez segura atrás das portas fechadas e trancadas, ela arrancou o vestido azul e a chemise de seda e então permaneceu imóvel e nua pensando no que faria com eles. Se ao menos a lareira estivesse acesa, ela poderia queimar as roupas, mas era verão e a lareira estava apagada.

Sem outro método à disposição, ela jogou o vestido e a chemise no canto do quarto e começou a andar de um lado para o outro com passos curtos e inquietos. Passados cinco segundos, ela resmungou e levou as mãos ao rosto.

Pelo Sol do Verão! O que tinha se passado com ela?

Dilys a beijo, a tocou, e Verão perdeu completamente a cabeça. Ele *chupou os dedos dela*, pelo santo Halla! Em seguida, chupou outra coisa ainda mais escandalosa. Verão cobriu os seios com as mãos e, tocando os mamilos ainda sensíveis, se estremeceu e sentiu os músculos ficarem tensos à reminiscência da paixão. Ela colocou as mãos para trás das costas e voltou a andar de um lado para o outro.

— Foi magia — murmurou. — Só pode ter sido isso.

Não havia outra explicação.

Um beijo e um toque, e ela praticamente implorou para o Dilys Merimydon dar cabo nela ali mesmo, no banco da gruta da cachoeira da Barba Nevada!

Ela o deixou desfazer os laços do corpete, tocar-lhe os seios... ela o deixou *beijá-los*! Ela o envolveu com as pernas e friccionou as partes mais íntimas do próprio corpo contra as dele. Deixou que ele colocasse as mãos por debaixo da saia e lhe tocasse a parte íntima

que nem as criadas que a ajudavam com a toalete podiam acessar, caso Verão não estivesse com a toalha.

E, pelos deuses, ela gostou de cada momento daquilo.

Verão queria mais.

Mesmo agora, depois de Dilys tê-la oferecido o maravilhoso alívio que, muito certamente, era o êxtase sobre o qual Khamsin havia lhes contado, Gabriella queria mais. Muito, muito mais.

Uma batida na porta a fez ofegar e dar meia-volta.

— Gabriella? — chamou a voz de Primavera. — Gabriella, você está aí? Você está bem, querida?

— S-só um minuto! — Verão correu ao camarim, tirou um roupão do cabide e correu para atender a porta enquanto enfiava os braços nas mangas. A meio-caminho da porta, ela se lembrou do vestido jogado no canto do quarto. — Já vou! — gritou enquanto corria para escondê-lo. A busca frenética ao redor do quarto não apresentou muito mais opções de esconderijo para o vestido do que antes.

— Gabriella, o que está acontecendo? Abra a porta! — Mais batidas. A maçaneta girou bruscamente.

Verão correu ao camarim e jogou o vestido no canto, atrás de outros vestidos pendurados, reorganizando-os de modo a esconderem o tecido azul.

— Gabriella!

Enquanto amarrava o cinto do roupão, Verão correu em direção à porta. Uma mecha de cabelo que lhe caiu sobre a bochecha a deteve. Verão levou a mão a ela. O penteado perfeitamente arrumado que Dilys Merimydion deixou em completa desordem... Pelos deuses! Só de botar os olhos naquela bagunça, a Vivi ia fazer mais perguntas do que Gabriella estava disposta a responder no momento. Ela começou a tirar os grampos e colocá-los no bolso do roupão. Uma vez tirados todos os grampos e o cabelo solto sobre as coisas, ela passou os dedos para alisá-los, respirou fundo e, por fim, abriu a porta.

— Vivi. O que foi? — Gabriella tentou ao máximo parecer surpresa e preocupada. — Aconteceu alguma coisa?

Primavera estreitou os olhos e percorreu o quarto com os olhos enquanto passava pelo umbral da porta.

— Um dos criados disse que viu você subindo as escadas correndo. Fiquei preocupada. — Ela se virou para Verão. — Eu soube que você se deparou com o lorde dos mares Merimydion no jardim. — Verão corou ao som do nome de Dilys, o que fez Primavera estreitar ainda mais os olhos. — Gabriella, seja sincera. Está tudo bem? Aconteceu algo?

— A-algo? — Verão ouviu o leve tremor na própria voz. Se pudesse, ela se daria um chute. Se não quisesse que Viviana descobrisse todos os detalhes humilhantes de sua indiscrição, precisava fazer melhor do que aquilo. — Não seja besta, Vivi. Sim, eu me deparei com o lorde dos mares no jardim. Ele tentou me convencer a aceitar os cortejos dele, eu recusei e fui embora. Fim da história.

Viviana não era besta para ser enganada tão facilmente.

— Se foi isso o que aconteceu, Gabriella, então por que você está aqui em seu quarto com cara de quem acabou de sair da cama?

Por sorte, ser uma doente em recuperação dava a Verão a desculpa perfeita.

— A caminhada me cansou mais do que eu imaginava. Voltei ao quarto para me deitar um pouco.

— E não chamou uma criada para ajudá-la?

— Não precisei. Era um vestido fácil de pôr e tirar sem ajuda. — Fácil até demais. Dilys conseguiu tirar com uma só mão. Gabriella se virou para o outro lado, desviando o rosto para esconder o rubor violento que lhe aqueceu as bochechas. — Que inquisição é essa, Vivi? — Ela colocou uma ponta de zango na voz, na esperança de que Primavera a julgasse escondendo irritação, não segredos. — Parece que você acha que fiz algo errado. Eu só queria ficar sozinha! Não dá para entender isso?

— Claro que sim. — Imediatamente arrependida, Primavera deu um passo para perto de Verão e lançou o braço ao redor dos ombros da irmã. — Fiquei preocupada, só isso. Você é minha irmãzinha. Sempre tomei conta de você.

Verão se sentia um verme. Ela se virou e se lançou nos braços de Viviana em verdadeiro remorso.

— Me desculpa. Você sempre tomou conta de mim, é verdade, e eu te amo por isso. Eu estou irritada com algo que não é culpa sua.

Primavera alisou o cabelo desfeito de Verão.

— Ele te irrita tanto assim? — perguntou ela, em tom suave.

— Ah, Vivi. — Repentinamente, os olhos de Verão se encheram de lágrimas. Ela quis abraçar a irmã e, aos prantos, contar a história inteira para pedir conselhos.

Viviana viu as lágrimas e ficou tensa.

— *Aconteceu algo, não? O que foi? O que foi que ele fez?*

Havia um brilho belicoso nos olhos de Primavera. Uma fúria que ela raramente mostrava. Ao vê-la, Gabriella engoliu a confissão. Se Gabriella lhe contasse a verdade sobre o ocorrido na gruta, Primavera iria diretamente conversar com Wynter para pedir que Dilys Merimydion prestasse contas de suas ações. Ele tinha se dado liberdades conjugais em relação ao corpo de Verão — e pouco importaria a Primavera que Gabriella não somente não conseguiu impedi-lo, como o incitou a ir mais rápido, implorando por mais. Uma vez que Wynter — que vinha levando o papel de homem da família muito a sério nos últimos dias — descobrisse o que tinha se passado na gruta, ele casaria Verão com Dilys Merimydion antes que sol se pusesse.

— Não aconteceu nada, Vivi — mentiu Gabriella. Apesar do fato de Dilys Merimydion parecer agora possuir um detector de mentiras infalível sintonizado a Verão, ela ainda era uma excelente mentirosa. Ela o foi a vida inteira. Mesmo sem usar a Persuasão. Verão saiu do abraço de Primavera e secou os olhos. — É que ainda estou cansada e um pouco estranha. Meu corpo pode até estar curado, mas eu ainda não tenho nem metade da energia que eu tinha antes de aquele homem horrível me atacar.

Além disso, ela era muito boa em manipular pessoas com revezes emocionais. Tipo culpa. Culpa funcionava perfeitamente.

Primavera abandonou imediatamente as perguntas. Ela se culpava pelo ataque sofrido por Verão por não ter insistido que a irmã sempre fosse à escola de Khamsin acompanhada por guardas. Era uma concessão que Verão havia obtido de Wynter e Khamsin meses atrás.

— Claro... Foi indelicado de minha parte. — Repentinamente cheia de remorsos e cuidados maternos, Vivi abandonou o assunto

e conduziu Verão a uma cadeira. — Sente-se aqui, querida. Vou pedir um chá para você.

Primavera caminhou até a correia bordada e cheia de contas ao lado da cama e a puxou três vezes. Alguns minutos depois, a criada de Verão apareceu.

— Traga um chá para Sua Alteza, Amaryllis. E alguns daqueles bolos nuvem que ela adora.

— Você não vai querer? — perguntou Verão enquanto Amaryllis fazia uma reverência e deixava o quarto.

— Não. Como você disse, está cansada. É melhor eu deixá-la descansar em paz. Além disso, Outono e eu vamos sair para velejar esta tarde.

O corpo de Verão ficou tenso. As mãos dobradas sobre o colo se fecharam firmemente.

— Com o lorde dos mares Merimydion? — Teria o Dilys se declarado parceiro dela, tomado aquelas chocantes liberdade na gruta enquanto continuava rondando as irmãs de Verão caso as coisas não dessem certo com ela?

Ela sentiu o olhar cortante de Primavera sobre ela.

— Não — disse Viviana, lentamente. — Com os lordes dos mares Ocea e Calmyria. Eles prometeram nos ensinar a guiar um esquife.

— Ah. — Verão relaxou os dedos. — Parece divertido.

— Tenho certeza de que será. Agora que os conheci melhor, estou achando os lordes dos mares Ocea e Calmyria bastante sociáveis. Ainda que Ari, quer dizer, o lorde dos mares Calmyria e Outono fiquem se cutucando, é ótimo vê-la descontraída e dando risada. Eu me sinto um pouco mal por tomar o tempo deles enquanto deveriam estar cortejando esposas em potencial, mas eles garantem que tem tempo para as duas coisas — Primavera caminhou até a estante de livros ao lado do toucador e se recostou nela. Ela observou o rosto de Gabriella enquanto acrescentou: — Mas, para ser bem honesta, desde que o lorde dos mares Merimydion deixou claro que não estava mais interessado em buscar uma potencial união comigo ou com a Outono, tenho a impressão de que os primos dele têm saído mais com conosco para não nos sentirmos rejeitadas.

Gabriella detestava o fato de sua pulsação sanguínea ter acelerado. Um momento antes, ela ficara instantaneamente enciumada e possessiva diante da ideia de Primavera e Outono saírem para velejar com Dilys; agora, porém, seu coração batia entusiasmado com a confirmação de que ele não ia mais cortejar as duas?

— Sinto muito — disse ela. — Sei que você gostava dele.

— Eu gostava mesmo — concordou Primavera. — Ainda gosto, e estou perfeitamente contente em continuar gostando dele, mas na condição de cunhado.

— Bom, se o plano dele é passar o resto do tempo aqui me cortejando, ele está cometendo um erro terrível. Não quero nada com ele desde o começo e continuo não querendo.

— Gabriella.

Verão ergueu o olhar, mas logo em seguida os desviou dos olhos verdes objetivos da irmã.

— Que foi?

— Sei que você e o lorde dos mares Merimydion trocaram muito mais do que meras palavras hoje no jardim. — Primavera ergueu a mão antes que Verão pudesse pronunciar a mentira que estava na ponta da língua. — Seus lábios estão inchados e você está com um chupão aqui — indicou ela no próprio pescoço.

Ruborizando-se inteira, Gabriella levou a mão à boca e ergueu o colarinho do roupão sobre o pescoço.

— E tenho que confessar uma coisa. Você não o encontrou por acidente. Outono e eu sabíamos que você ia tentar fugir, por isso dissemos que ele viria nos encontrar no terraço e dissemos a ele que esperasse nos jardins.

Verão ficou boquiaberta.

— Vocês *mentiram* para mim? — Hipocrisia, seu apelido é Verão Coruscate... — Vocês *armaram para mim*?

— Sim — admitiu Primavera, corajosamente —, armamos.

— Por que vocês fizeram isso? — Verão estava magoada de verdade. As irmãs sempre lhe davam cobertura. Sempre. Verão poderia até mentir para elas acerca de algumas coisas (como sobre matar pessoas com seus poderes ou seus sentimentos por Dilys

Merimydion), mas ela nunca trairia um membro de sua família. Especialmente Primavera ou Outono. Jamais.

— Nós achamos que você deveria dar uma chance a ele.

— Essa decisão cabe a mim, não a vocês! — exclamou ela. — E espera lá! Não era você que estava aqui, cinco minutos atrás, toda preocupada com a ideia de ele ter “feito algo” comigo? Se você que ele é desse tipo de homem, por que gostaria que eu lhe desse uma oportunidade? Por que você manipularia a situação para eu me deparar com ele?

— É óbvio que eu nunca achei que ele fosse do tipo de homem que forçaria a barra com você. Além disso, como você jurou que ele não o fez, tanto faz.

Verão fechou bem os lábios. Ela não tinha como discutir sem confessar que havia mentido antes. E, a bem da verdade, ainda que Verão mentisse de bom grado a respeito de certas coisas, mesmo ela não tinha como pretender que ele tirou vantagem dela, já que foi ela quem o envolveu com as pernas e ordenou “Rápido, Dilys! Rápido!”. Ela puxou uma parte do cabelo para a frente e começou a escová-lo exasperadamente para esconder o rubor do rosto.

— Como foi que você se tornou uma apoiadora tão fiel de Dilys Merimydion? — murmurou Verão, com o rosto corado. — O papel de casamenteira não faz muito seu estilo. Especialmente em se tratando de mim. — Ela encarou os olhos de Primavera pelo espelho. — Você sabe que eu não quero ficar com ele.

— Quase tê-la perdido me fez mudar de opinião.

— Primavera...

Viviana pousou as mãos sobre os ombros de Verão.

— Sei do que você tem medo e não vou mentir dizendo que são medos infundados. Você tem razão em estar preocupada. Todas nós temos. Mas nós também temos o direito de encontrar alguma felicidade nessa vida. Minha opinião é que Dilys Merimydion pode ser a sua.

Ele é seu. Seu e de mais ninguém.

Reprimindo o arrepio trazido pela lembrança da voz e de todos os sentimentos que ela trazia consigo, Verão largou a escova de cabelo e se levantou.

— Sinto muito, Vivi, sei que você quer meu bem, mas não vou mudar minha opinião. Agora peço licença, estou muito cansada e preciso me deitar. — Verão cambaleou um pouco e se apoiou na quina do toucador como se as pernas tivessem fraquejado.

Tomada de pesar instantâneo, Primavera passou o braço ao redor da cintura da irmã.

— Deixe-me ajudá-la a chegar na cama.

Gabriella sentiu uma pontada de culpa por usar o amor de Viviana para distraí-la, mas afastou o sentimento antes que ele se assentasse. O monstro já a estava pressionando a aceitar Dilys Merimydion. Seus hormônios loucamente despertos a estavam pressionando para aceitá-lo. Outono a estava pressionando. Ela não precisava que Primavera se juntasse ao coro.

Verão era forte, mas também tinha seus limites.

Primavera entrou em modo maternal, levando Verão para a cama como quando eram crianças e lhe tirando o cabelo do rosto.

— Descanse. Vou pedir para que não a incomodem.

— Obrigada, Vivi.

— A seu dispor, querida. — Primavera deu um último abraço, mas, ao invés de soltar Verão imediatamente, recuou apenas o suficiente para olhar nos olhos da irmã. — Só para garantir, antes que eu vá embora, Verão... se o Dilys Merimydion fez mais do que beijá-la mais cedo, quando vocês se encontraram, você me diria, não é?

Verão encarou fixamente os olhos da irmã.

— É claro — mentiu com perfeita sinceridade.

Depois de um olhar longo e perscrutador, Primavera assentiu com a cabeça:

— Ótimo. — Ela fez um carinho no cabelo de Verão e pressionou os lábios contra a têmpora dela. — Vou deixar você descansar, então. Eu te amo, irmãzinha.

— Eu também te amo, Vivi.

— Bem? — No final do corredor, eu sua biblioteca privativa, Khamsin praticamente pulou em cima de Primavera tão logo a irmã entrou e fechou a porta.

Primavera suspirou e encolheu os ombros.

— Diz ela que nada aconteceu. Disse que estava cansada da caminhada e voltou ao quarto para descansar.

— Hum. — Khamsin não acreditava naquela história. Uma das criadas que estava limpando um dos quartos superiores na ala leste relatou ter visto um enorme revirar de águas no fiorde e, em seguida, Gabriella correndo em direção ao palácio com o cabelo molhado e o vestido torto. Isso tudo enquanto Dilys gritava por ela.

— O que você acha?

Primavera suspirou.

— Acho que ela quer que a gente cuide de nossas próprias vidas.

— Então você acha que aconteceu algo...

— Ela está escondida no quarto, com os lábios inchados e está com umas marcas de mordida no pescoço. Algo certamente aconteceu.

— Mas nada sério o bastante para ela querer contar a você. — Kham escondeu os dedos cruzados sob as camadas de sua saia completa à moda da Cordilheira Invernal. Wynter continuava batendo na mesma tecla de que não deixaria nenhuma das Estações sair de seus aposentos sem escolta armada. Se o pequeno esquema casamenteiro de Outono e Primavera tivesse dado errado, se Dilys tivesse perdido o controle da situação, a terra certamente viraria um Hel.

— Nada que a Verão ache que eu precise saber.

— Você por acaso sabe o porquê de toda essa aversão dela por Dilys Merimydion?

Primavera se sentou em uma das poltronas de couro azul gelo da biblioteca.

— Porque ele a faz sentir coisas com as quais Verão não se sente à vontade.

Kham franziu a testa.

— Como assim? — Ela havia passado a maior parte da vida isolada, exilada da corte de Veralea e separada da própria família. As irmãs e o irmão faziam todos questão de fugir da corte escondidos para visitá-la sempre que podiam, mas, nesse tempo, Khamsin não chegou a passar com as irmãs nem metade do tempo que vinham passando agora. Os últimos meses passados juntas na Cordilheira Invernal as aproximou muito mais, ainda que as

Estações fossem sempre partilhar de uma conexão muito mais profunda entre si. Elas sabiam os segredos umas das outras.

— Ela teme poder se apaixonar por ele.

— Mas isso é bom, não?

Primavera sorriu melancolicamente.

— Não necessariamente. Não para nós.

— Explique-se.

E Primavera o fez.

Meia-hora depois, ainda refletindo sobre os medos que as irmãs carregavam sem que ela nunca tivesse percebido, Khamsin entrou no escritório de Wynter.

— E então? — perguntou ele, assim que ela entrou. Ele também tinha ouvido os relatos da corrida de Verão de volta ao palácio e a única coisa que o impediu de sair à caça de Dilys Merimydion para causar um incidente internacional foi a insistência da esposa para que deixasse Primavera conversar com Verão, descobrindo assim o que tinha ocorrido.

— De acordo com a Primavera, diz ela que nada aconteceu.

— Você acredita?

— Nem um pouco.

Wynter fechou os dedos em punho.

— Vou arrancar aquele sangue de peixe dele.

— Não, não vai.

— Espera só para ver.

Khamsin contornou a enorme escrivaninha do marido e o abraçou.

— Você não vai intervir. Nem eu. Ainda não.

— Por que não? — Ele permaneceu imóvel. O olhar de Wynter estava fio, mas sem o nevoeiro pelo qual mostrava o poder congelante do Coração de Gelo.

— Porque sim. — Ela pousou a mão sobre o coração dele e o massageou com círculos pequenos e reconfortantes. — Essa deve ser a grande chance de a Verão conseguir para ela o que nós dois temos e não vou pôr isso em risco. Eu não vou pressioná-la e você não vai bater nele. Nós dois vamos ficar na nossa e deixar os dois resolverem a questão. Pelo menos por enquanto.

— Não gostei da ideia.

— Claro que não. Você é territorialista. — Wynter rosnou e Khamsin sorriu para ele tão cheia de amor, que parecia que ia explodir. — Não sei o que aconteceu naquela gruta, mas se Dilys fez algo que merecesse uma surra, a Verão teria dito algo à Primavera. E ela não o fez. Isso me diz que, ainda que ela diga que não quer nada com ele, a Verão não está pronta para te mandar pegar o Dilys.

— Eu vou *me* mandar pegar o Dilys.

— Ele salvou sua vida, Wyn.

— Daí agora pode fazer o que quiser com ela? Só por cima do meu cadáver.

Kham deu risada.

— As intenções dele não são desonrosas. Se Verão aceitasse, ele se casaria hoje mesmo com ela.

— Perfeito. Até lá, ele pode manter as mãos e outras partes bem guardadas. — Wynter levou as duas mãos de Khamsin à boca e as beijou. Em seguida, beijou a boca da esposa até que ela ficasse com os joelhos moles. Por fim, colocou-a sentada na cadeira e caminhou em direção à porta.

— Aonde você vai? — perguntou ela.

— Trabalhar em minhas relações internacionais.

— Wyn...

Ele se deteve à porta do escritório.

— Não se preocupe, *min ros*. Serei bastante diplomático. — Ele mostrou os dentes, estalou os dedos e partiu.

— Ah, que ótimo. — Khamsin suspirou e se levantou. Era melhor deixar a Tildy de sobreaviso para o caso de algumas feridas precisarem ser curadas.

Depois de um dia tedioso trancado no quarto, além de outra noite se revirando na cama por causa de sonhos perturbadoramente eróticos, Verão acordou na manhã seguinte cansada e indisposta. Tão logo se levantou da cama, um relampejo de cores lhe captou o olhar. Ela abriu as cortinas que cobriam as portas de vidro que davam para a varanda e perdeu o fôlego.

A varanda dela estava inteira coberta de flores. Flores em tons vivos e radiantes de vermelho, rosa, amarelo, roxo, fúcsia, laranja e

azul. Ela abriu a porta, respirou fundo e murmurou de prazer. O aroma delas era incrível. Mesmo sabendo quem deve tê-las mandado, ela não conseguiu se segurar de tocar nas pétalas delicadas e de aspirar as fragrâncias deliciosas.

Era uma extravagância ridícula e romântica: a varanda repleta de botões frescos e cheirosos com gotas de orvalho cintilando como diamantes sobre as pétalas coloridas.

Apesar de tudo, incluindo seu próprio senso de autopreservação, Verão adorou o presente.

Dilys Merimydon tinha escolhido uma das melhores estratégias para escapar às defesas dela. Flores eram uma das fraquezas de Verão, sendo as outras crianças, animais de estimação, boa comida (especialmente sobremesas) e sua vergonhosa obsessão com os chocolates pecaminosamente sofisticados criados por Zéfiro Hallowill, o mestre chocolateiro que deixou o reino distante da Enseada do Vento há quinze anos para se tornar o confeiteiro real da Veralea. Está bem, não era um conjunto muito único de paixões secretas para uma mulher, mas Verão sempre foi a mais feminina das filhas de Verdan Coruscate.

Cada uma das flores na varanda estava entre suas prediletas, o que indicava que, provavelmente, uma ou ambas as Estações o ajudaram. Ele não assinou as duas dezenas de cartõezinhos enfiados entre as flores, mas a forte cursiva masculina e a mensagem repetida em cada um deles não a deixava com dúvidas quanto à identidade do responsável por aquela prodigalidade floral.

Reivindique-me seu por direito, diziam os cartões.

Verão respirou fundo de novo o ar perfumado de aromas inebriantes e se estremeceu ao recordar a tempestade incontrolável de êxtase que passou sobre ela, arrancando-lhe grito atrás de grito de um prazer insensato. Pelos deuses, ela queria experimentar aquilo outra vez. Foi só ter um gostinho da paixão, um gostinho dele, e Verão já estava perigosamente viciada.

O que ela desejava, porém, era muito mais do que apenas erotismo. Ontem, nos braços de Dilys, ela olhou fundo nos olhos dele e viu tudo o que sempre quis retribuindo-lhe o olhar. Tudo. Mesmo coisas que sequer sabia que queria.

Ela olhou para os cartões nas mãos e leu a escritura em tinta preta.

Reivindique-me seu por direito.

Ela apertou forte a mandíbula. Verão rasgou os cartões em dois e jogou os pedaços sobre o toucador.

A criada dela, Amaryllis, entrou no quarto poucos minutos depois com o chá matinal e arregalou os olhos ao ver as flores.

— Nunca vi tantas flores no mesmo lugar. Elas são lindas. Foi o lorde dos mares Merimydon que as mandou?

— Os cartões não vieram assinados?

Se Amaryllis ouviu ou não o tom seco na voz de Gabriella, não deu sinais disso.

— Ninguém me avisou que a senhora teve entregas hoje de manhã. Por que a senhora pediu para colocarem todas as flores na varanda?

Verão se virou para olhar através das portas de vidro que conectavam à varanda. Ela ficou tão hipnotizada pela beleza e fragrância das flores, que sequer parou para refletir sobre como elas tinha ido parar ali.

Dilys Merimydon esteve na varanda dela.

No meio da madrugada.

Enquanto ela estava dormindo!

Ela apertou as lapelas do roupão. Será que ele espiou pelo vidro? Terá ele entrado no quarto? Quem sabe não ficou ao lado dela, observando-a dormir. Talvez a tenha tocado. Será que tocou os seios dela? Será que a beijou enquanto, absorta em devaneios eróticos de seus sonhos, Verão dormia profundamente?

Que Helos a castigasse por tamanha depravação, mas só de pensar nisso, cada parte íntima do corpo de Verão inchou e latejou de calor em resposta.

Furiosa com a própria excitação, ela afastou os pensamentos da mente e fez uma cara feia para a criada.

— Não importa quem as mandou nem quando chegara, Amaryllis. Depois que terminar de me ajudar a me vestir, quero que você se livre delas.

— Ah, mas...

— Todas! — exclamou Verão. — Não me importa como. Não quero ver nem uma flor neste quarto quando eu voltar.

A expressão amigável de Amaryllis mudou para uma de choque e, depois de um longo momento, ficou inexpressiva. Ela engoliu o resto das objeções e fez uma reverência rígida e obediente.

— Sim, senhora. Como a senhora quiser.

— Ótimo. E toma. — Verão varreu com as mãos os restos dos bilhetes de Dilys de cima do toucador e os entregou a Amaryllis. — Jogue isso daqui também.

Os restos dos bilhetes desapareceram no bolso do avental de Amaryllis.

— Sim, senhora.

— Obrigada, Amaryllis. Acho que vou usar o vestido de linho branco hoje. — Verão serviu para si uma xícara de chá enquanto Amaryllis desapareceu dentro do camarim.

Branco era frio e calmo, imaculado e imaculável. Com sorte, Dilys Merimydon entenderia a mensagem.

Pelo visto, os calbernanos não entendiam a linguagem das cores.

Dilys Merimydon, que esperava Verão na base da escada quando ela se diria ao café da manhã, olhou para o vestido branco dela e, ao invés de se afastar, foi direto na direção dela. O olhar dele se fixou nela de tal maneira que teria feito o sangue de Verão se esquentar novamente, caso ela não estivesse distraída em encará-lo com horror.

— Eu que fiz isso com você?

A *shuma* azul claro e o cinto prata em nada ajudaram esconder os cortes, arranhões e hematomas que cobriam o corpo dele e faziam as tatuagens azuis furta-cor praticamente brilharem por contraste. Debaixo de um dos olhos, ele trazia um hematoma escuro que se estendia até a tatuagem de *ulumi-lia*, e ainda outro no maxilar.

— Isso aqui? — Ele apontou para o corpo surrado. — *Ono, moa halea*. Eu fui convidado a participar de um jogo de combate ontem à tarde.

— Um combate com quem? Kukuna, o deus da Pedra?

O sorriso dele se abriu e, em seguida, diminuiu quando apontou para o corte no lábio.

— Foi uma luta intensa. Você andou lendo as lendas do meu povo. Você tem curiosidade sobre a Calberna. Isso é bom.

Ela fez uma careta.

— Não vá tirando conclusões. Eu li a maioria dessas lendas *antes* de conhecer você, para ensinar sobre a Calberna às crianças na escola. — Dito isto, tomada de curiosidade, Verão perguntou: — Qual dos soldados de Wynter deu uma sova em você?

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Eu sou insofribel.

— Não me parece. Ou você quer dizer que o outro cara ficou pior?

Ele inclinou a cabeça para o lado como se pensasse na resposta e, por fim, deu aquele meio-sorriso charmoso e disse:

— Ficou parecido. Declaramos empate.

— Quem você deixou “sovado” então?

— Não importa. Tivemos nosso embate, testamos nossas habilidades e intenções, e saímos com um novo entendimento um do outro. — A expressão leve dele se tornou mais séria. — Gabriella...

— Não me chame assim.

Ele continuou como se ela não o tivesse interrompido.

— Fiquei esperando você aqui mais de uma hora. Vim pedir desculpas a você mais uma vez. — Ele se aproximou um passo e abaixou o tom de voz. — Parece que sempre piso na bola com você. Eu a apressei ontem. Pressionou quando devia ter sido paciente.

Verão sentiu as bochechas ficarem mais quentes no mesmo instante. Ele estava perto depois. O aroma quente, tropical e masculino dele a envolveu. Verão engoliu seco e recuou um passo. — Olha, lorde dos mares Merimydion...

— Dilys — corrigiu ele.

— *Lorde dos mares Merimydion* — reiterou ela —, você não precisa me pedir desculpas por nada. O que aconteceu ontem foi um erro, mas já foi. São águas passadas. Eu já esqueci o que aconteceu e você deveria fazer o mesmo.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Você esqueceu? Eu não acredito. — Ele se aproximou mais um passo. Ela recuou subindo mais um degrau. — O que aconteceu entre nós não é esquecível. *Eu* não sou esquecível. Não para você.

— Você tem uma opinião bastante elevada de si mesmo.

— Não tão elevada quanto merecida. Eu sei quando uma mulher olha para mim e gosta do que vê. E sei quando ela quer mais.

E ela queria, pelos deuses. Verão já estava derretendo e com as mãos coçando para não o tocar. Ela queria acariciar as feridas dele, beijar até sará-las. E queria mais do que ele dera a ela ontem.

Verão recuou mais um degrau e, quando ele começou a avançar novamente, ergueu a mão para detê-lo.

— E você acha que isso não é pressionar?

— Eu não disse que não ia mais pressionar. Só disse que me arrependo de ter pressionado demais ontem. Sei que as coisas entre nós aconteceram mais rápido do que prevíamos. A situação deixou você mais cautelosa e eu mais impaciente do que costumo ser. Por isso, estou recuando no momento. Viu só? — Ele recuou dois degraus e deu um sorriso desconcertante. — Se você preferir, podemos fingir que não aconteceu nada ontem e começar do zero, sendo hoje nosso primeiro dia de cortejo.

— Não vai ter cortejo nenhum.

— É claro que vai ter. Vim a Konumarr para isso. Assim sendo, *moa halea*, gostou das flores que deixei em sua varanda hoje de manhã?

— Não — disse ela, curtamente. — Não gostei, então não mande mais. E nós *não estamos* nos cortejando.

— *Tey*, estamos sim.

— Não, não estamos.

— *Tey*, estamos sim. Como você pode duvidar disso depois do que partilhamos na gruta? Eu achei que eu soubesse todos os segredos da *ililia nua*, mas duvido que os próprios deuses conheçam prazeres tão incríveis.

As bochechas dela ficaram vermelhas como um pimentão.

— Pare com isso! — sussurrou ela.

Ele sorriu com ternura.

— Não precisa se envergonhar. O que aconteceu entre nós é prova da força de nossa conexão. Eu devia ter nos conduzido até

aquele ponto mais devagar, mas depois de tocá-la e beijá-la, eu só conseguia pensar em... *mais*. Creio que nós dois queríamos, *téy*?

— Eu certamente não queria! — exclamou ela.

Ele arqueou as sobrancelhas.

— Uma intimidade de minha escolha é o preço para cada mentira que você me contar — recordou-lhe Dilys. — Como você não para de mentir, só posso presumir que está me pedindo que a beije novamente.

— Não dá para conversar com você — bufou ela. — Sai da minha frente. Estou atrasada para o café da manhã. — Ela tentou contorná-lo, mas ele segurou o braço dela.

— Espere. Por favor. — O sorriso agradável sumiu do rosto de Dilys. — Tem uma questão importante que precisamos tratar. Minha intenção era conversar sobre ela ontem, mas você me distraiu de uma forma muito gostosa.

Ela arqueou as sobrancelhas na tentativa de afetar a mesma altivez intimidadora que Outono dominava tão bem.

— Empenhar-me-ei em não o repetir no futuro. Por ora, deixe-me ir imediatamente, caso contrário, chamarei os guardas.

— Me dê só mais dois minutos de seu tempo.

— Não estou aberta a negociações.

— Dois minutos. É importante. Tem a ver com sua segurança e de sua família. — Como Verão zombou em seu ceticismo, Dilys continuou: — Você que é a mentirosa, *moa kiri*, não eu. Fora meu comentário sobre chá com leite, não falei nada além da verdade desde o dia que cheguei.

É, a alfinetada doeu...

— Ah, é? E as mentiras que você contou a Khamsin sobre ter matado o pai de Lily?

O sorriso dele se encheu de satisfação presunçosa.

— Então você lembra que foi você...

— Ah! — Verão não conseguia acreditar que tinha caído na armadilha. Ela o encarou. Ele era mais sorrateiro do que ela achava. E se ele não estivesse usando essa sorrateirice contra ela, Verão provavelmente ia sentir uma pontada de admiração invejosa por ela. — Está bem. Me solte e lhe darei seus dois minutos. — Ela encarou incisivamente a mão que lhe segurava o braço até que ele a

soltasse. Em seguida, cruzou os braços sobre o peito. — Pode falar — ordenou ela.

Ele se aproximou um pouco e baixou tanto o tom de voz que nenhum dos dois teria sido capaz de ouvir a menos de um metro.

— O poder que você carrega, o dom da Sereia, você comentou sobre ele com alguém desde que eu lhe disse o que era? — O pretendente sedutor e charmoso tinha ficado no passado. Aquele Dilys com expressão sombria, tom brusco e jeito direto era todo negócios.

— Não — confessou ela.

— Ótimo. Não comente com ninguém. Nem mesmo com suas irmãs.

Verão não gostou do comentário.

— Por que não?

— Porque se as pessoas descobrirem o que você é, você e todos que você ama correrão um grande perigo.

— Bem, já é um pouco tarde para manter o segredo. Segundo você, todos os calbernanos em Konumarr já sabem. E a Lily também.

— *Tey*, mas meus soldados prefeririam sofrer os tormentos de Hel a trair seu segredo. E pedi para o Talin dar um jeito nas memórias da Lily. Ela se recorda da mesma história que contei para sua família, que eu matei o pai da Lily pois ele atacou você.

O coração de Verão bateu em falso e, em seguida, começou a pulsar furiosamente. Ela sabia que Lily acreditava na história de Dilys ter matado o pai dela, mas presumia que isso tinha a ver com a paulada que tinha tomado na cabeça.

— Você pediu para o *Talin* “dar um jeito” nas memórias de Lily? — E voz dela aumentou de tom e volume. Dilys fez um sinal de aviso e ela reduziu a voz a um suspiro. — Quer dizer que ele também pode manipular mentes? *Todos* os calbernanos conseguem?

— Nada perto do que você consegue, mas sim. A *susirena* é um de nossos dons de Numahao.

Ela levou a mão à garganta.

— Nessas semanas todas de cortejo... seus homens usaram magia para conquistar nossas mulheres? Você usou sua magia em *mim*?

— Não! — A surpresa no rosto dele pareceu verdadeira demais para ser fingida. — Um calbernano nunca usa a *susirena* para conquistar uma *liana*. Os homens calbernanos dedicam suas vidas a serem dignos do amor de uma mulher. Você acha que nós, qualquer um de nós, se contentaria com um amor falso, obtido por magia? — A mão dele recortou o ar. — A simples sugestão disso é um insulto. Somente um *krillos* desprezível sem qualquer honra aceitaria o que deve ser dado livremente.

— Ainda assim, você admite que o Talin usou magia para alterar a mente da Lily.

— Para apagar a lembrança de um segredo que ela nunca devia ter descoberto. Para proteger você... e a ela. — Ele respirou fundo e tentou claramente se acalmar. — Gabriella, você precisa entender, o que você é... o que você é capaz de fazer... é um tesouro inestimável. Homens perversos já mataram dezenas de milhares de pessoas do meu povo e quase nos levaram à extinção por temerem o dom que você possui e o quererem para si. Como não conseguiram, não pararam até destruí-lo. E conseguiram. Eles varreram as Sereias da face da Mystral por quase dois mil anos. Você é a primeira Sereia nascida desde o Massacre, Gabriella. A primeira Sereia a Cantar em dois mil e quinhentos anos.

— O que significa, exatamente, ser uma Sereia?

— Significa que você possui a magia mais potente de toda a Calberna. Entre outras coisas, que você pode matar com sua Voz, como você matou aquele *krillos* que te atacou, ou curvar as mentes à sua vontade. Como você fez quando apagou minhas memórias depois de nosso primeiro beijo.

O olhar dele era intenso. As palavras, perturbadoras. Verão desviou o olhar e deu uma risada forçada.

— Bom, nesse caso está claro que não sou uma Sereia, já que meus esforços não funcionaram.

— Por acaso, tenho algum grau de imunidade contra seu poder. Tanto por ser calbernano quanto pelo fato de a Sereia em você me reconhecer como parceiro, ainda que você insista em mentir quanto a não me querer.

— Não é mentira. Eu *não* te quero.

Ele se mexeu tão rápido que ela quase não teve tempo de ofegar antes que ele a erguesse do chão, fundisse a boca à dela e a beijasse a ponto de lhe derreter o cérebro. Em seguida, ele a colocou de novo sobre as pernas bambas e disse:

— Isso foi pela mentira. E só para você saber, *myerina*, envolver um homem com as pernas e Ordená-lo a lhe dar prazer não é uma forma eficiente de ilustrar sua falta de interesse.

O rosto dela ardeu de vergonha.

— Acho que seus dois minutos acabaram. Tenha um bom dia, lorde dos mares Merimydion, mas o tenha longe de mim.

— Sua covardezinha — disse ele, erguendo as mãos e abrindo passagem. — Está bem. Fuja de novo, se quiser. Mas me prometa que vai guardar segredo sobre o que conversamos a respeito da *susirena*. Há pessoas que fariam de tudo para colocar as mãos em você.

— Nesse momento, o único homem que parece fazer de tudo para colocar as mãos em mim é você — retrucou ela.

— Ah, eu quero colocar em você muito mais do que minhas mãos. Acho que já tínhamos deixado isso claro. A diferença é que, comigo, você ficaria segura, protegida e amada. Eu devotaria minha vida à sua felicidade. Os homens dos quais estou falando a usariam, e usar aqui quer dizer que controlariam você machucando você e as pessoas que você ama. Por isso, por favor, prometa que não irá contar a ninguém, pelo menos até estarmos casados e de volta à Calberna, onde posso garantir sua segurança.

— Isso é muito fácil. Eu não tinha planos de contar a ninguém e, já que nunca vamos nos casar — ela sorriu com doçura —, posso prometer de coração que vou levar o segredo do tal do poder da Sereia para a tumba junto comigo. — Ela empinou o nariz, deu meia-volta e tomou o corredor para se juntar às irmãs no café da manhã.

A saída arrogante perdeu um pouco do efeito dramático quando a risada de Dilys veio na esteira.

— Desafio aceito, *moa leia* — disse ele, assim que ela se virou. — Este é meu juramento solene: antes que minha estadia aqui na Cordilheira Invernal termine, você e eu iremos celebrar nossa união

futura. Por ora, aproveite seu dia. Eu passarei o meu pensando em outras coisas com que tentá-la amanhã.

Capítulo 13

Falar que vai rejeitar os cortejos de um calbernano obstinado é fácil, difícil é fazer. Especialmente quando o calbernano obstinado é Dilys Merimydion.

Em acréscimo ao dilúvio de flores inebriantemente cheirosas deixadas na varanda de Verão todas as manhãs, dezenas de bilhetinhos e presentes românticos chegaram até ela. Não tinha como saber quando nem onde seriam entregues, e tampouco o lugar em Konumarr ou o momento do dia pareciam fora de limites ao esforço de Dilys Merimydion de conquistá-la.

Verão ia à biblioteca e um cartão com os dizeres “Reivindique-me seu por direito” caía de entre as páginas do livro. Ia ao jardim podar as rosas e encontrava um bilhete perfumado dobrado dentro das luvas. Nele, a parte da frente trazia os dizeres “Reivindique-me seu por direito”, enquanto a parte de dentro continha um verso de um dos poemas prediletos dela. Verão saía para visitar as lojas de Konumarr e um trio de crianças encantadoras se reunia na esquina para, conforme ela ia se aproximando, cantar com suas puras e cristalinas vozinhas infantis. Quando elas terminavam, Verão e os demais passantes que tinham parado para ouvir a canção batiam palmas; quando, porém, ela se aproximava para dar às crianças uma moeda de ouro em agradecimento, cada uma delas apertava um cartão contra a mão dela. Três cartõezinhos, cada trazendo a mesma grafia familiar: “Reivindique-me seu por direito.”

E todas as manhãs, no café da manhã, lá estava a mesma caixinha com laço esperando por ela na almofada da cadeira. Numa manhã, a caixa trazia uma pulseira com safiras lindas como Verão jamais vira antes — cada pedra era circundada por diamantes ovais na forma de pétalas de margarida. Ela colocou a pulseira de volta na caixa e a entregou a um criado:

— Por favor, mande devolverem isso ao lorde dos mares Merimydion.

O criado fez uma reverência e levou o belo presente embora.

Na manhã seguinte, outra caixa a esperava quando Verão desceu para o café da manhã. Esta continha um pequeno broche dourado na forma de um tridente, símbolo da Casa Merimydion. Ela também mandou devolver. E assim por diante.

Na sexta manhã, achando que ia malográ-lo, Verão pediu que lhe mandassem o café no quarto. Quando, no entanto, a criada levantou as tampas abobadadas dos pratos, Verão encontrou não um, mas três presentes lindamente embrulhados e enlaçados postos entre bolinhos, frutas e um barquinho de cerâmica com ovos mexidos cremosos. Cada um continha uma florzinha encravada em pedras preciosas sobre um caule de ouro. Uma quarta caixinha, escondida na cumbuca de açúcar, continha um vasinho de cristal do tamanho de um polegar, perfeito para receber as três joias floridas.

Sem conseguir se segurar, Verão colocou as três flores de joia dentro do vaso e o posicionou do lado do prato enquanto comia. A luz do sol vinda das janelas ao sul fez as florezinhas cintilarem e lançarem arco-íris prismáticos sobre a toalha de linho que a criada tinha colocado sobre a mesa.

O vasinho lindo com suas flores de joia em miniatura eram a coisa mais encantadora que Verão tinha visto na vida. Mas tão logo terminou de comer, Verão colocou cada uma das partes do minúsculo arranjo de volta em sua respectiva caixa e as entregou à criada, Amaryllis.

— Mande devolverem ao lorde dos mares Merimydion.

— Sim, senhora — disse Amaryllis, fazendo uma reverência curta.

Na manhã seguinte, Verão voltou a se juntar à família no terraço para o café da manhã. Lá, no terraço privativo da família, sobre a cadeira reservada a ela, havia uma grande caixa amarela com a tampa removível envolta em fita e um laço de cetim verde.

— Que caixa enorme! — disse Outono. Ela lançou um sorriso ansioso à irmã. — Vai, abre logo. Vamos ver o que tem dentro!

— Temos que dar esse crédito ao lorde dos mares Merimydion — disse Primavera. — Quando ele coloca uma coisa na cabeça, ele não aceita não como resposta.

— Ah, qual será o presente de hoje? — perguntou Khamsin, com uma palminha de empolgação.

Os presentes matinais de Dilys Merimydion, bem como os cartões e mimo ao longo do dia tinham se tornado assunto de grande interesse das irmãs de Verão. A ponto de Verão suspeitar que as criadas levavam cada um dos presentes rejeitados para Primavera, Outono e Tempestade verem antes de o devolverem ao incorrigível lorde dos mares calbernano.

Wynter ficou carrancudo, nada contente com o pretendente insistente de Verão nem com o interesse da esposa nisso. No entanto, diante do entusiasmo explícito de Khamsin, Wyn apenas revirou os olhos e se recostou à cadeira.

— Abra logo essa porcaria, Verão. Vamos ver que extravagância o Merimydion quer que você mande de volta para ele hoje. — Wynter cruzou os braços sobre o peitoral incrível.

Ela possuía um carinho enorme por Wynter, e não somente por ele ser a única pessoa na família que tinha se alinhado à Facção Verão em vez da Facção Dilys na guerra das vontades que Outono se deu a liberdade de apelidar de “Cercos do Cortejo”. Verão nunca se esqueceria do rosto surrado de Wynter lhe dizendo bom dia no café da manhã no dia seguinte ao ocorrido na gruta ou então doçura brusca dele ao chamá-la em privado para confirmar que Dilys Merimydion não tinha feito com ela nada que merecesse algo mais sério de que um “combate de luta-livre”.

Sorrindo com essa memória, Verão puxou a fita sobre a caixa amarela.

A expectativa dela era a de que os presentes fossem refinados e extravagantes. Enquanto os presentinhos da tarde tendiam a ser coisas simples, o presente que abria cada dia nunca falhava em arrancar suspiros de admiração.

O de hoje não era exceção.

Quando Verão ergueu a tampa da caixa, ela não precisou colocar a mão dentro para alcançar o conteúdo. O presente matinal saltou — ou melhor, voou — para fora.

Centenas de borboletas com asas de joia tomaram o ar em uma nuvem de beleza vívida e colorida. Uma dezena delas pousou sobre

a louça da mesa logo após ter sido solta. Outra dezena voou até o jardim, pairando ao redor das flores em busca de néctar.

Verão e as irmãs observaram as belas criaturas por vários minutos. Em seguida, voltando à cadeira com um sorriso malicioso no rosto, Outono disse:

— Bem, esse presente aí você não vai ter como devolver!

Verão abriu a boca, mas logo a fechou e, apesar da própria relutância, caiu na risada e confessou:

— É, acho que não. — Ela fora derrotada de verdade.

Só por curiosidade, ela olhou dentro da caixa. Algumas borboletas permaneceram ali. Ela colocou o braço dentro da caixa e passou os dedos delicadamente sob as perninhas compridas, ajudando-as a sair. Duas borboletas saíram voando, mas uma terceira permaneceu presa à mão dela, abrindo e fechando lentamente as lindas asas preto e turquesa. Com a outra mão, Verão alcançou o fundo da caixa para pegar o que havia sobrado: um grande cartão dobrado.

Reivindique-me seu por direito dizia outra vez a parte externa do cartão. Assim que abriu de dentro, uma borboleta de papel pintado saltou e abriu suas asas lindamente coloridas em tons de azul.

— Gabriella Aretta Rosadora Liliana Elaine Coruscate, *myerial-myerinas*, você dá asas a meu coração.

Ciente de que os olhos observadores das irmãs e do cunhado pairavam sobre ela, Verão fechou o cartão e o colocou debaixo do prato.

— Não sei o que o Dilys fez para penar tanto para cair em suas graças, mas você tem que dar esse crédito a ele. O cara sabe se arrastar pelo perdão uma mulher. — Quando Verão disparou um olhar acusatório contra Outono, a irmã levantou as mãos. — O que foi? Saber dar uma boa rastejada é um talento que poucos homens dominam. Você poderia cometer erros bem piores do que se casar com um homem que sabe pedir desculpas.

— É verdade. — Khamsin concordou com ênfase o bastante para fazer o marido se endireitar na cadeira. — Não que eu tenha muitas reclamações quanto a esse quesito — acrescentou ela, rapidamente, esticando o braço para dar um apertão na mão do marido.

— Uma vez que não me casarei com Dilys Merimydion, o talento dele em se rastejar não faz nenhuma diferença para mim — disse Verão a todos, estreitando os olhos ao perceber que Outono estava segurando o riso. — E como ele nunca esteve em minhas boas graças, ele não está se rastejando para voltar.

Outono revirou os olhos.

— Por favor, me diga que você não está usando aquele comentário ridículo do “chá com leite” contra ele.

— Não, é claro que não — disse Verão, juntando as sobrancelhas em estranhamento ao perceber que estava dizendo a verdade. Em algum momento no interlúdio entre gruta e agora, ela o havia *de fato* perdoado. Ele sequer se lembrava do motivo para ter ficado tão magoada com o comentário. Afinal de contas, havia passado a vida inteira lutando *para ser* chá com leite, para reprimir cada centímetro de fogo e paixão dentro de si. Ouvir Dilys a chamar por esse apelido devia tê-la feito se orgulhar da capacidade de enganar os outros, não a ter deixado magoada e ressentida por ele não ter visto além das aparências.

— Se não é isso, então o que é? — persistiu Outono.

— Nada da sua conta! — Verão se virou para Khamsin com um sorriso decidido e disse: — E você e o Wynter, já escolheram os nomes dos bebês?

Khamsin e Wynter trocaram um olhar. Por um instante, Verão achou que eles continuariam com as perguntas, mas, em vez disso, Kham pousou a mão sobre a barriga e disse:

— Bem, não vamos saber o sexo até eles nascerem, mas decidimos que, independentemente do que for, o primeiro menino irá se chamar Garrick e a primeira menina irá se chamar Rosalind.

— Que linda homenagem a nossa mãe e ao irmão do Wynter. — Enquanto falava, Verão observou Outono com o canto do olho. Por um instante, ela achou que a irmã mais nova ia começar a falar de novo, mas Primavera fez um rápido aceno de cabeça e, amuada, Outono encolheu na cadeira.

O nome de Dilys Merimydion não veio à baila outra vez.

Gabriella viu borboletas a manhã inteira. Elas estavam por toda parte, batendo suas lindas asas com graça indolente. Fazendo

Verão se recordar constantemente do exótico príncipe marítimo que as mandou.

Outono estava enganada. Dilys não estava se rastejando. Apesar das centenas de cartões pedindo perdão, tais gestos extravagantes não eram pedidos de desculpas. Eram ataques planejados para enfraquecer as defesas dela.

Desde aquele dia na gruta, Dilys Merimydion ficou, ao mesmo tempo, ausente e onipresente. Ele nunca se aproximava dela, mantinha distância, mas garantia que ela permanecesse com o pensamento nele o dia inteiro: andando para um lado e para o outro com *shumas* de cores vibrantes, feitas para captar o olhar dela e com o corpo besuntado em óleo, brilhando sob o sol; tirando toda roupa até ficar só com a roupa íntima que pelo visto todos os calbernanos usavam por debaixo da *shuma* e nadando no fiorde, sob a varanda dela, todas as manhãs e tarde. (E, que os deuses a perdoem, ela começou ficar ansiosa por esses momentos); invadindo cada parte da vida dela — incluindo os sonhos, pelo santo Halla! — até que ela não conseguisse passar cinco minutos sem pensar nele.

Rastejando... Rá!

Aquele homem só irá se rastejar no dia que o fogo reinar sobre o império de gelo de Rorjak.

Mas... vá lá... as borboletas eram bonitas. E românticas. Tipo o presente mais lindo que ela poderia imaginar.

Ela desceu o corredor que possuía uma fileira de amplas janelas palladianas com vista para os jardins. As janelas estavam abertas para deixar a brisa do verão entrar e uma linda e rara borboleta neuroptera estava pousava sobre o parapeito, exibindo suas asas deslumbrantes. As cores das asas eram vibrantes: azul real, turquesa, lavanda, azul-petróleo e inúmeros tons intermediários, todos intercalados com traços delicados de um preto puro e leves toques cintilantes de um amarelo solar. Com a parte inferior polvilhada em rosa e prata ao longo das bordas recortadas, as asas se abriam e fechavam, frágeis, quase efêmeras.

Arrebatada contra a própria vontade, Verão ficou observando a borboleta tomar sol no parapeito até que o som de risadas de

criança e vozes masculinas conhecidas a fizeram recobrar os sentidos.

— Dilys! Dilys! Dilys!

Dilys, os primos deles e mais uma dúzia de crianças estavam jogando kickbola no gramado. Verão tinha visto Dilys cercado de crianças várias vezes. Elas gravitavam ao redor dele aonde que fosse. Provavelmente por causa da forma natural e sincera com que ele lhes dava tempo, atenção e carinho.

Ele seria um pai extraordinário.

Lá fora, um menino subiu na base-mãe de kickbol. Dilys, que estava jogando na posição de lançador, rolou a bola inflável de couro na direção da base. O menino deu um chute nela, mandando cambaleante por cima de Dilys, entre a segunda e terceira bases. O time adversário, que incluía Ari e Ryll comemorou enquanto os jogadores deles atravessavam todas as bases. Fora do campo, dois meninos do time de Dilys foram correndo atrás da bola, mas, antes que a alcançassem, o chutador já tinha passado da terceira base e voltava para a base-mãe.

Quando Dilys se virou para parabenizar o chutador, ele olhou na direção de Gabriella. O olhar de ambos travou e ambos congelaram. A risada no rosto de Dilys se transmutou em um riso caloroso e profundo. Algo de extasiante e fora do possível de tão bonito.

— Dilys! Cuidado! — gritou alguém um milésimo de segundo antes que a bola de couro batesse na cabeça de Dilys, mandando-o tonto para a lateral. O jovem defensor que tinha lançado a bola até gritou “Foi mal, Dilys”, mas logo estragou o pedido de desculpas caindo no riso.

Ao invés de ficar bravo, Dilys soltou um rugido de zombaria, pegou a bola e saiu correndo atrás do menino, que gritou e saiu em disparada.

Liberta do encanto perigoso do olhar de Dilys, Verão recuou às sombras das janelas palladianas e observou a partida de kickbol se transformar em um hilariante jogo de pega-pega e cócegas. Quando se deu conta de que estava rindo das palhaçadas de Dilys, Verão se endireitou e se deu um chacoalho.

— Verão, você é uma idiota. Uma idiota fácil de manipular! — Ela encarou com cara feia a borboleta pousada sobre o parapeito da

janela. — Chispa daqui! — disse ela. Ela sacudiu os dedos perto da borboleta. — Chispa daqui!

A borboleta continuou abanando tranquilamente as asas.

Verão podia ter investido contra a borboleta e a afugentado, mas não conseguiu chegar a esse ponto. Suspirando pela própria fraqueza, ela abaixou a cabeça e foi embora.

Naquela tarde, a cesta estava esperando por Verão no quarto, quando ela voltou para se vestir para o jantar.

Era uma cesta grande, trançada com juncos finos marrons, coberta com tecido vermelho e branco e colocada no centro da cama.

Dizendo a si mesma que daria apenas uma olhadinha no conteúdo da cesta antes que Amaryllis a levasse embora, Verão caminhou até a cama. Quando se aproximava, um latidinho agudo, abafado somente pelo tecido quadriculado, rompeu o silêncio do quarto.

Verão congelou.

Veio outro latido. E depois mais outro. O cesto balançava conforme o que havia dentro dele pulava de um lado para o outro.

O coração de Verão bateu forte contra o peito. Ela fechou os dedos com força. Não. Ele não deu a ela um...

— Au! Au! Au!

Ela puxou o tecido quadriculado de cima da cesta e encarou o pacotinho travesso de orelhas desengonçadas e pelo dourado saltitando nas quatro patinhas dentro da cesta.

Dilys Merimydon tinha lhe dado um filhotinho de cão!

Um filhotinho de cão!

Tão logo a viu, o cãozinho deu outro latidinho agudo, se abaixou e, com a bundinha para cima, balançou o rabinho. Em seguida, com seu sorrisinho de língua para fora, o filhotinho saltou em direção à borda da cesta, sacudindo no ar as grandes orelhas.

A cesta tombou. O bichinho de barriguinha rechonchuda e tom de creme teria caído do alto da cama se Verão não o tivesse segurado no ar.

As garrinhas duras dele se agarraram ao corpete dela. O tecido delicado se rasgou. O duro chicote do rabo do animalzinho bateu

contra o braço dela e a linguinha rosa babou o rosto de Verão inteiro em votos felizes e empolgados de boas-vindas. O corpinho quente se balançou e revirou inteiro, dando latidinhos e rosnadinhos agudos.

Pelo santo Halla. Ela fechou os olhos e acariciou o filhotinho. Ele era tão pequeno. Tão quentinho. Tão amoroso, feliz e cheio de vida. Ele se tornaria amigo dela, se Verão permitisse. Também seria leal, ela sabia. Ele a seguiria a toda parte, dormiria junto na cama, se sentaria ao lado dela, passearia com ela, brincaria com ela.

E ela o amaria.

Demais da conta.

Os olhos de Verão se abriram. Com vontade implacável, ela reprimiu a dor e o desejo há muito enterrados nela, devolveu o filhotinho à cesta e a cobriu novamente com o tecido quadriculado.

Dessa vez, ela ignorou os latidos, rosnados e movimentos do cãozinho enquanto, com a cesta nos braços, caminhou pelos corredores do palácio até os aposentos de Dilys Merimydion.

Colocando a cesta no chão, ao lado do pé, ela bateu à porta do quarto de Dilys. Como ninguém atendeu imediatamente, ela bateu mais forte.

— Lorde dos mares Merimydion! Você está aí? Abra essa porta?

Várias portas se abriram no corredor. Cabeças curiosas pipocaram nelas. Verão ignorou todas.

— Abra essa porta agora! — *Pá! Pá! Pá!*

A porta se escancarou. Dilys apareceu no umbral segurando uma toalha ao redor da cintura. Era nítido que ele estava tomando banho e que sequer se deu ao trabalho de fazer a magia de tirar água que lhe corria pela carne nua. O fato de Verão não ter notado a nudez dele dá uma boa ideia do estado emocional dela. Ele trazia a expressão cheia de preocupação.

— Gabriella? O que foi, *moa kiri*? O que aconteceu?

— Toma. — Ela se abaixou para pegar a cesta com o cão e a empurrou na direção dele, forçando-o a segurá-la com ambas as mãos para que não caísse. O cãozinho latiu e pulou dentro da cesta, tirando o pano de cima do lugar. O narizinho preto e os olhos marrons espiaram por debaixo do pano quadriculado. Ao vê-la, o cãozinho soltou um latido de empolgação e pulou contra a parede

da cesta como se estivesse tentando alcançá-la. O coração de Verão se apertou todo de dor.

— Para mim já chega. Você precisa parar com isso! Não quero seus presentes e não quero você. — O cãozinho enfiou a cabeça para fora do tecido e lambeu a mão de Verão com a linguinha rosa. Ela recuou com a mão. A garganta dela estava fechando; os olhos, mareando. — É s-sério! — disse, engasgando-se. — Chega!

Como os lábios começaram a tremer, Verão os apertou com força, deu meia-volta e saiu em marcha pelo corredor, deixando Dilys de pé ali, encarando-a com a cesta do filhotinho nas mãos e a toalha molhada amarrotada ao redor dos pés.

Dilys encarou com desalento a silhueta de Verão, que partia rapidamente. Ele tinha certeza de que a conquistaria com os presentes diários. Até onde sabia, as borboletas daquela manhã tinham sido um sucesso; no entanto, havia mudado drasticamente do café da manhã até aquele momento.

Ele voltou ao quarto, chutando a toalha com um pé e, em seguida, fechando a porta com o outro. Dilys colocou a cesta no chão, tirou o filhotinho e, com a testa franzida, olhou para o cãozinho.

— O que aconteceu para ela ficar tão chateada, hein, garotão? — perguntou.

O filhote latiu e lambeu a mão de Dilys com entusiasmo. Dilys aconchegou o cão contra o peitoral e coçou o queixinho dele.

Aquele filhotinho não era um vira-lata qualquer. Ele era um *malam* dourado puro-sangue muito caro e muito cobiçado. É uma raça conhecida pela inteligência, conexão profunda com o dono e temíveis instintos de proteção. Tão logo criasse um vínculo com Gabriella, o *malam* a defenderia até a morte. A raça, é claro, adora água. Dilys nunca daria à sua *liana* outro tipo de animal.

Quando ele escolheu o animal, ficou se imaginando passeando com Gabriella perto da rebentação em Merimydia Oa Nu, e o cachorrinho dela entrando e saindo da água, fazendo suas brincadeiras. Imaginou gargalhadas de verdade. Não aquelas risadas baixas e contidas que todas as pessoas escutavam dela, mas do tipo de risada que fazia uma pessoa se escancaram e se despejar como raio de sol irrompendo dentre as nuvens. Uma risada

de alegria de verdade, como a que ele ouviu no dia seguinte à chegada a Konumarr.

Ele também queria que Gabriella tivesse ao lado dela outro protetor dedicado além dele mesmo, um protetor capaz de esfaquear a goela de qualquer *krillos* que ousasse sonhar lhe causar mal.

Apesar de serem filhotes pequenos, *malams* dourados cresciam bastante. E, diferentemente da maioria dos cachorros grandes, que raramente viviam mais do que dez ou quinze anos, não era incomum ouvir falar de *malams* longevos e de boa saúde até os vinte anos. Depois que ele morresse, Dilys garantiria que Verão estaria circundada de amigos queridos, filhos e outros bichos para, dando-lhe amor e alegria, ajudá-la a superar o luto.

O coração da mãe de Dilys era fundo e vasto como o oceano, e ela sequer era uma Sereia de verdade. Comparado ao dela, o coração de Gabriella era exponencialmente maior e com uma capacidade igualmente grande de amar, sofrer e sentir.

Outono vinha sendo uma boa amiga para Dilys, ajudando-o a confirmar suas observações sobre os gostos e aversões dela, mas era evidente que ela não sabia tudo sobre a irmã de olhos azuis, caso contrário o teria aconselhado de outra forma a respeito do filhotinho.

Era chegada a hora de pedir conselhos para a pessoa em quem Verão confiava mais do que ninguém: a irmã mais velha, Primavera.

Ele procurou Primavera Coruscate na estufa construída a meio quilômetro dos amplos jardins ocidentais do palácio. A estrutura de autoportante pesada e de vidro tinha sido concebida e posicionada para receber o máximo de luz do sol direta ao longo do dia. As árvores no terreno ao redor haviam sido derrubadas para não fazerem sombra e bloquearem o sol, o que devia ser muito importante durante o inverno frio e rigoroso da Cordilheira Invernal.

Mas aqueles eram os meses de verão, quando tudo estava verde, quente e o úmido por causa do gelo derretido nas montanhas Skoerr. Assim que entrou na estufa, Dilys se viu cercado de vapor quente. Ainda bem que ele estava com as costumeiras roupas leves típicas da Calberna.

Os pés descalços se moveram silenciosamente sobre o chão de terra da estufa. Aquela estrutura era imensa. Tinha pelo menos quatrocentos metros de comprimento por duzentos de largura, e era repleta de fileiras meticulosamente organizadas, caixas e vasos suspensos repletos de vegetação. O teto alto de vidro — com angulação íngreme para suportar a neve pesada do inverno — era sustentado por enormes colunas ao redor das quais cresciam ramos de árvores frutíferas e trepadeiras carregadas de uvas, tomates e vagens. A estação de crescimento da Cordilheira Invernal podia até não ser longa, mas aquela estufa foi concebida para aproveitá-la ao máximo. Dilys não tinha dúvidas de que a produção daquele edifício poderia prover toda Konumarr e o palácio com frutas e vegetais frescos o ano inteiro.

Primavera — que estava usando um vestido verde leve e sem adornos, e um avental bastante manchado sobre a frente do corpete e da saia — estava ajoelhada ao lado de uma plantação de alfaces, colhendo sementes e enfiando os dedos no solo mole e argiloso. Ela não estava usando luvas de jardinagem. Conforme Dilys se aproximava, a pele dele começou a vibrar. Ela estava usando magia.

Não a magia do tempo que era o dom natural de todos os membros diretos da família real de Veralea — dons do tempo não funcionavam muito bem dentro de uma estufa —, mas de outro tipo. Algum tipo de magia do crescimento. Ele respirou fundo. Dilys sentiu na língua o gosto intenso e gramíneo da magia. Tinha gosto de luz do sol e primavera. Sem sinal de perigo.

— Princesa Primavera — murmurou ele. Dilys manteve a distância. É sempre sábio fazê-lo quando com mulheres de magia.

Ela continuou arrancando sementes e enterrando os dedos na terra sem responder.

Ele esperou pacientemente. Dilys estava acostumado a esperar que as mulheres terminarem de fazer suas magias.

Cinco minutos depois, Primavera tirou as mãos do solo, esfregou-as displicentemente no avental sujo e se levantou.

— Princesa Primavera — disse ele outra vez, ainda mantendo a distância.

Absorta em pensamentos, com a testa franzida, ela se virou para ele e se surpreendeu ao vê-lo de pé ali.

— Ah, lorde dos mares Merimydion, não ouvi você entrando.

Primavera tinha um risco de terra na bochecha e outro no queixo. Seus olhos verdes normalmente perfurantes estavam suaves e vagos, e os cabelos longos, lisos como régua, formavam duas tranças arqueadas e amarradas perto da orelha com laços verdes. O efeito deixava Primavera Coruscate, a mais velha e friamente majestosa das três Estações, parecer surpreendentemente inocente e juvenil.

— Se não for atrapalhar, *Myerialanna* — murmurou ele —, eu gostaria de conversar um instante com você sobre sua irmã Gabriella.

O olhar vago e a doçura abandonaram o rosto de Primavera, deixando no lugar o olhar verde intenso e cortante que ele esperava encontrar ali.

— O que tem ela? — Tais palavras vieram circundadas de um tom de enorme proteção: um muro de espinho só esperando para picá-lo em pedacinhos.

O coração de Dilyls se reconfortou em aprovação. Protecionismo era um traço de caráter que ele admirava em quem quer que encontrasse.

— Você sabe que tenho enviado presentes diários a ela.

Primavera ergueu uma das sobrancelhas elegantemente, formando um arco preto fino e expressivo.

— Não teria como passar batido por mim. Seus presentes viraram o assunto da vez em Konumarr.

É claro que sim. Tendo, inicialmente, marcado presença ao redor de Outono e Primavera, ele queria declarar seu interesse fixo por Verão em termos inconfundíveis. Não só para convencer Gabriella de sua determinação, mas também para afastar qualquer ideia de que tinha se “contentado” com ela ao invés de escolhê-la de cara. Verão Coruscate era a *liana* escolhida por ele, a única Estação que ele queria e ele não ia permitir que o menor boato no sentido contrário.

— Eu dei um cachorrinho a ela essa tarde. Um *malam* dourado. Ela devolveu, o que, é claro, eu estava esperando, mas quando o

fez, pareceu visivelmente chateada, quase aos prantos.

— Ah — disse Primavera.

Dilys franziu a testa.

— “Ah”, o quê? Ela adora animais, eu sei disso. Já vi como ela abre o sorriso quando as crianças do vilarejo levam os cachorros delas para brincar no parque. Eu a observei fazendo carinho nos cachorros e jogando gravetos para eles. E percebi a saudade no olhar dela quando eles iam embora.

— Se você quer saber por que seu presente a deixou chateada, deveria perguntar diretamente a ela.

Uma resposta leal. Mas ele estava na posição de uma calbernano em pleno cortejo que, de alguma maneira, havia compreendido errado algo de vital sobre sua *liana* e, em consequência, a havia magoado. Dilys precisava de respostas e não ia permitir que a lealdade de Primavera o impedisse de obtê-las.

— Se eu achasse que ela fosse conversar comigo, até perguntaria. E mesmo que ela conversasse, é improvável que me dissesse a verdade.

Primavera ergueu uma das elegantes sobancelhas pretas. Ela fitou Dilys com um olhar duro e frio.

— Se Gabriella não quer que você saiba o motivo, não posso ajudá-lo. A última vez que deixei Outono me convencer a fazer isso, a Gabriella apareceu toda desgrenhada e perturbada e se trancou no quarto. Diz ela que nada aconteceu, mas nós dois sabemos bem que é mentira, não é mesmo?

Dilys curvou os dedos.

— O que aconteceu entre mim e Gabriella naquele dia não é de sua conta...

— Protejo minhas irmãs desde a morte de nossa mãe — interrompeu-o Primavera. — Considero o bem-estar delas de minha conta!

Ele respirou fundo e reprimiu uma resposta cortante. Ela não era calbernana. Não sabia quão gravemente tinha acabado de insultá-lo.

— Você sabia — disse ele — que os homens calbernanos devem conquistar o direito de reivindicar uma *liana*? E não é uma tarefa fácil. Um calbernano passa décadas estudando, treinando e obtendo

ouro e fama suficientes para se provar forte, corajoso e habilidoso o bastante para ser digno de uma esposa.

A elegante sobancelha preta se ergueu. Primavera não disse nenhuma palavra, mas seus vívidos olhos verdes continuaram a observá-lo com intensidade inabalável.

— Uma vez conquistado esse direito, um homem calbernano não tem privilégio ou responsabilidade maiores do que garantir a felicidade e bem-estar de sua *liana* — continuou Dilys. — Não há nada que ele não pudesse fazer por ela. Nada que ele não lhe desse para fazê-la feliz. Um calbernano seria capaz de cortar o próprio braço a causa dor à sua *liana*, mesmo que, aos olhos do mundo, ela ainda não fosse dele. — Dilys endureceu tanto o olhar quanto o tom de voz ao dizer: — E mesmo que eu tivesse atacado uma mulher, qualquer mulher, da forma que você está sugerindo, meus próprios soldados teriam me trucidado e jogado os pedaços aos tubarões. E teriam razão em fazê-lo.

— Entendi. — Primavera coçou o queixo com as costas das mãos. Uma nova mancha, muito maior que a anterior, deixou praticamente o queixo dela inteiro preto.

Dilys a joia no cinto e a frente da fivela se abriu, revelando um pequeno compartimento à prova d'água.

— Por favor... A Gabriella pareceu profundamente angustiada quando foi devolver o cachorrinho. Preciso entender o porquê. — Ele tirou do compartimento um pedaço de tecido limpo dobrado num pequeno quadrado, sacudiu-o e o ofereceu a Primavera.

— Tem sujeira no meu rosto? — perguntou ela, sem parecer surpresa.

— No queixo. E aqui também. — Ele apontou no próprio rosto o lugar onde estava a mancha no de Primavera. Enquanto esfregava o rosto, ela disse: — Eu nunca pediria a você que traísse a confiança de Gabriella, *Myerialanna*. Só estou pedindo orientação para não cometer outro erro parecido. Você não pode me ajudar?

Com o rosto limpo e a pele rosada pela limpeza brusca, Primavera devolveu o lenço a Dilys. Ele o dobrou novamente e colocou de volta no compartimento. Tão logo fechou a fivela, esperou pacientemente a resposta de Primavera.

— Eu prometi ao jardineiro-mor que ia dar uma olhada em uns tomates doentes — disse ela, após um longo silêncio. — Você pode me fazer companhia, se quiser. Talvez ajudasse a fazer o tempo passar mais rápido.

Se Dilys queria? Ele não conseguia conter o sorriso.

— Seria um prazer, *Myerialanna*.

Dilys a seguiu até a fileira central da estufa. O cheiro de planta e terra era forte. Sob seus pés descalços, o chão estava quente e macio.

— O que você estava fazendo com as plantas e a terra lá atrás? — perguntou ele, curioso acerca da magia da princesa veraleana.

— Ah, só dando uma ajudinha — disse ela. Ao vê-lo erguer a sobrancelha, ela acrescentou: — Aquele pedaço de terra estava com poucos nutrientes. Agora não está mais.

— Ah... Todas as suas irmãs possuem esse dom?

— Todos os veraleanos possuem o talento básico de adubar terra e fazer plantas florescerem. Esse é um dos motivos para nosso reino ser tão precioso. Nas outras terras, os campos ficam bastante tempo em cultivo; na Veralea, porém, nossa estação de crescimento nunca acaba, os nutrientes de nossa terra nunca se esgotam e nossas colheitas são as mais suculentas, as mais maduras e as mais deliciosas do mundo. Alguns de nós — ela lançou um olhar na direção dele — sabem fazer outras coisas crescerem também. Nosso pai, por exemplo. Ele conseguia fazer qualquer coisa crescer.

— Tipo o quê?

Ela deu de ombros e Dilys não ficou particularmente surpreso com ela não dar mais informações. Os calbernanos também não falavam de suas magias com estrangeiros. Primavera, porém, não era do tipo de mulher que ficava de conversa mole. Quando ela falava, falava por algum motivo. Verdan era capaz de fazer coisas crescerem. Fazia coisas além de cultivar plantas e adubar o solo. O mesmo valia para outras pessoas, incluindo Primavera e, possivelmente, Gabriella. Dilys guardou essa informação.

Eles passaram por fileiras de amplas folhas verdes que faziam sombra para abóboras amarelas, verdes e laranjas. Passaram também por uma coluna absolutamente coberta — do chão ao teto

incrivelmente alto da estufa — por trepadeiras frondosas cheias de vagens carnudas.

— Essa estufa não estava aqui no ano passado — disse Dilys. Ele e os soldados não chegaram a desembarcar em Konumarr. As defesas ao longo do fiorde Llaskroner eram fortes demais. Eles escolheram uma faixa de terra costeira inabitada há cerca de cento e cinquenta quilômetros de distância ao sul. Ele, no entanto, tinha estudado Konumarr e se debruçado sobre mapas e esquemas fornecidos pelos mercadores espiões que navegavam livremente pelos portos de terras estrangeiras.

— O rei mandou construí-la no começo do ano. Tem outra perto de Gildenheim. Foi mais uma ideia de minha irmã Khamsin. Ela queria ver se as estufas seriam capazes de produzir suprimentos suficientes para abastecer o palácio e os vilarejos ao redor ao longo do ano. Uma forma de diminuir a dependência da Cordilheira Invernal em relação à importação de alimentos de outros países, especialmente nos meses frios.

— Mas agora a Veralea pertence à Cordilheira Invernal. Comida nunca mais será um problema.

Primavera deu de ombros novamente.

— Sempre que possível, os invernianos preferem ser autossuficientes. Em todo caso, como o clima aqui em Konumarr é mais ameno do que em Gildenheim, e como vamos passar o verão inteiro aqui, o rei decidiu criar outra estufa em Konumarr para ver se a localização faz diferença na produção.

Eles haviam chegado aos pés de tomate. Os grupos de tomates em vários estágios de amadurecimento que pendiam entre pungentes folhas verdes pareciam perfeitamente saudáveis aos olhos de Dilys. Ao vê-los, no entanto, Primavera franziu o cenho.

— Essas plantas não estão saudáveis? — perguntou ele. Agricultura não era o forte de Dilys, mas ele sempre estava disposto a aprender algo novo.

— Não tão saudáveis quanto poderiam estar — respondeu ela. — Os tomates deviam estar maiores e em maior número. — Ajoelhando-se, ela enfiou a mão direita na terra e começou a examiná-la com os dedos. Com a mão esquerda, alcançou e começou a acariciar o cabeludo talo central do tomateiro. — Olá,

amiguinho — sussurrou ela. — Como você está se sentindo hoje? Um pouco indisposto?

Dilys tinha ouvido falar que os veraleanos conversavam com suas plantas, mas, até aquele momento, havia considerado tais histórias uma piada e nada mais.

— Tenho certeza de que, se você tentasse, nenhuma outra planta em toda Mystral poderia competir com você no tamanho, quantidade ou qualidade perfeita da sua fruta — disse Primavera à planta. — O que você acha, hein?

Os ramos da planta foram se engrossando diante dos olhos de Dilys. Novas gavinhas se desdobraram e foram se enrolando ao longo da enorme coluna de madeira. Os tomates já crescidos se incharam enquanto novas florezinhas amarelas desabrocharam ao longo dos ramos novos e antigos da planta. Os sentidos de Dilys ficaram loucos, reconhecendo ordens mágicas nas simples palavras de incentivo. A magia de Primavera Coruscate não estava apenas nas palavras: ela também fluía de sua voz.

Não se tratava da mesma *susirena* potente que a irmã possuía, mas algo muito próximo.

— É um talento muito impressionante — foi tudo o que ele disse.

— Hum — murmurou Primavera, concordando sem prestar muita atenção. — É um dos dons que herdei do meu pai. — Tirando os dedos da terra, ela percorreu o tomateiro com as duas mãos, inspecionando os caules fibrosos e cachos de frutos da mesma forma que uma mão inspecionaria o filho durante o banho. Enquanto acariciava a planta, Primavera sussurrava palavras de incentivo: — Cultivar é um negócio engraçado. Eu poderia cruzar esse tomate vermelho com uma variedade que produz frutos amarelos e teria como resultado algumas plantas que dão tomates vermelhos, algumas que dão tomates amarelos e algumas com tomates vermelhos nos mesmos ramos. Ou então, dependendo da linhagem deles, eu poderia cruzar dois tomateiros vermelhos e produzir uma planta com frutos amarelos.

Tendo terminado de curar a primeira planta, Primavera se dirigiu à segunda. Ela enfiou a mão direita na terra e, com a esquerda, acariciou a planta e sussurrou seu encantamento de incentivo. Quando a planta se estremeceu e respondeu aos comandos,

desdobrando novos caules, folhas e flores, e inchando os frutos entre as folhas, ela disse:

— Nem sempre nosso pai foi igual ao que se tornou no fim da via.
— Ela pressionou os lábios com força. Os olhos tomaram um aspecto sombrio. Primavera lançou a Dilys um olhar fechado. — Ele não foi louco sempre.

— Eu sei — murmurou Dilys. Se eles se conhecessem melhor, ele teria pousado a mão no ombro dela para reconfortá-la. Mas, como não se conheciam, ele manteve as mãos recolhidas. — Eu o conheci quando era criança. Viajei com minha família à Veralea para a cerimônia de nomeação da princesa Outono. Era visível quanto ele amava os filhos e a família. Meu pai e minha mãe ficaram muito impressionados com a devoção dele. Eles o acharam quase calbernano nesse aspecto. — Era o maior elogio que um calbernano poderia fazer a um *oulani*. — Essa memória foi um dos motivos para não recusarmos o apelo de seu irmão, Falcão, quando ele veio nos pedir ajuda.

— Sim — disse ela. — Quando meu pai amava, ele amava por completo, com toda força, emoção e magia que havia nele. Ele não guardava as coisas para si. Detestava isso. Como eu disse, ele tinha o dom de fazer as coisas crescerem. — Com as mãos na terra e os pensamentos vagando por caminhos invisíveis, a voz de Primavera embargou. Por fim, com uma sacudida brusca, ela voltou a si. — Minha mãe, por outro lado, era mais calma. Ela o amava de todo coração também, mas o amor dela nunca cresceu tanto a ponto de ela perder a razão. Ela era a rainha perfeita para meu pai. Uma chuva refrescante para o incêndio de verão dele. Ela o equilibrava. — Primavera inclinou a cabeça para o lado. — Todo mundo fala como Gabriella e eu somos parecidas com ela... especialmente a Gabriella. Acho normal a comparação. Dos cinco irmãos, nós duas somos as mais calmas. E além de ter herdado os aspectos físicos de minha mãe, a Gabriella ainda é a mais bondosa de nós, tem o coração mais amoroso de todas. Mesmo, ao ver a bondade dela quando se conheceram, confundiu essa característica com fraqueza.

Dilys ia começar a falar em defesa própria, mas logo fechou a boca. Ele tinha, *de fato*, sido enganado pelo que Gabriella mostrava

ao mundo. Ele tinha, *de fato*, subestimado a força, a paixão, a vitalidade e o poder que ela mantinha tão bem guardado dentro de si. E a culpa não era completamente dele... pois, desde o começo, ela fugiu dele como um coelho amedrontado.

Primavera pegou um dos tomates verdes na mão e se inclinou para sussurrar algo a ele. A fruta inchou e amadureceu na hora.

— Mas o que essas pessoas esquecem sobre todas as Estações é que, independentemente de quão parecidas em aparência e caráter sejamos de nossa mãe, o sangue e a magia de Verdan Coruscate também correm em nossas veias. E nenhuma de nós — disse ela, endireitando-se para revelar a vista de um vibrante tomate amarelo crescendo entre os vermelhos — recebeu o nome de Serenidade pelo dom de batizado.

— Você está dizendo que a Gabriella é muito mais forte e potencialmente perigosa do que aparenta — interpretou Dilys. — Isso eu já sabia. Os calbernanos não temem a força de uma mulher, seja ela mágica ou de outro tipo. Nós a enaltecemos.

— Eu e minhas irmãs também não tememos a força que herdamos de nosso pai — murmurou Primavera. — O que nos preocupa é a fraqueza.

Naquele momento, finalmente, Dilys compreendeu. Finalmente entendeu o hábito de Gabriella de não deixar os homens se aproximarem dela, de deixá-los a uma distância segura dizendo palavras mornas com uma doçura modesta que a fazia desaparecer em relação às irmãs mais arrojadas e vibrantes. Ele finalmente compreendeu o medo que ela sentia por ele, o medo que tinha do que ele a fazia sentir. Finalmente entendeu a dor dela ao receber um cãozinho para amar.

Era natural que a filha de um homem louco fosse assombrada pelo fantasma da loucura.

Gabriella era uma Sereia. Ela sentia tudo de forma mais profunda que os outros. Na verdade, o vasto poder que tinha vinha das emoções que lutavam dentro de si.

Ela havia passado a vida inteira tentando reprimir tal emoção, temendo os próprios sentimentos. Pensando que a profundidade do amor que sentia, das próprias emoções, era prova de que estava

destinada a seguir o mesmo caminho do pai de derrocada na loucura...

— Ela tem medo de amar?

Primavera passou o dedo nas folhas pontiagudas da planta à sua frente.

— Você conheceu meu pai. Conheceu-o no fim da vida. Você viu com os próprios olhos o que pode acontecer a alguém com grandes poderes que ama sem freios e perde o objeto amado.

— A Gabriella teve um cachorrinho quando era mais nova?

— Nós não podíamos ter animais quando éramos crianças. Meu pai achava prudente manter crianças com magias potentes longe de seres vivos tão frágeis. Ele devia estar certo. Minha mãe chamava a mim e a Outono de “trovoadinhas”. Sempre que ficávamos chateadas, nós formávamos tempestades, o que era bem comum. A gente se emocionava bastante. Daí veio a Khamsin e nos humilhou.

— Os lábios de Primavera se cindiram em um sorriso irônico.

— E a Gabriella?

Primavera encolheu os ombros.

— Não é segredo de ninguém que ela sempre foi a mais bondosa de nós três.

Tinha que ser. Na condição de Sereia, ela tirava força do amor, precisava dele como uma planta precisa de chuva e um peixe precisa de água. Ainda bebê, ela deve ter agido de forma instintiva no sentido de ter o melhor resultado em conseguir o que precisava: receber atenção e amor constantes devia acalmá-la e deixá-la feliz, tornando-a uma criança boazinha a qual todos amavam.

— Bom — continuou Primavera —, é claro que eu não era uma criança das mais comportadas. A regra de não termos animais de estimação que o papai criou não me impediu de sair escondida do palácio para ir brincar com os cachorros do menino que cuidava dos estábulos. Por sorte, nunca sofri um ataque mais sério. Tinham acontecido uma série de acidentes horríveis envolvendo cachorros no estábulo e, se eu estivesse lá, poderia ter machucado alguém.

Dilys não tinha outros irmãos, mas ele já tinha convivido bastante com os filhos dos outros para saber que os mais novos tendiam a seguir o mais velho aonde quer que fosse. Primavera estava contando a ele que Gabriella tinha ido escondida com ela aos

estábulos... que foi atacada por um dos cachorros... que estava presente quando algo aconteceu com as duas. Era uma Gabriella criança, uma jovem Sereia, esmagada sob o jugo de um primeiro luto, incapaz de processá-lo.

Na Calberna, as jovens *imlani* eram mimadas e protegidas de todas as emoções sombrias até serem capazes de lidar com elas, até saberem liberar a dor, a raiva e o luto de forma que não machucassem a si mesmas e aos outros. Em Veralea, ninguém sabia tomar tais precauções. E, ao lidar com uma criança com poderes enormes como os de Gabriella, o resultado de tal ignorância só poderia ser catastrófico. Só poderia deixá-la... não, claramente a *deixou*... com cicatrizes emocionais profundas.

— Obrigado, *Myerialanna* Primavera.

— Pelo quê? — Primavera sorriu obliquamente e se virou para os tomateiros. — Feche bem a porta ao sair, por favor.

Capítulo 14

O Cerco do Cortejo tinha terminado.

Na manhã seguinte à devolução do cachorrinho, não havia um tapete de flores na varanda para saudá-la com um turbilhão de cores ou o perfume inebriantemente delicioso. Não havia presentes na bandeja de café da manhã. Em vez disso, havia um simples cartão colocado debaixo do prato. Ele dizia:

Perdoe-me, Gabriella. A intenção dos meus presentes era agradar, não incomodar. Para reparar meu erro, vou honrar seus desejos e parar de enviá-los.

Dilys.

Ele era fiel à própria palavra. Nos cinco dias seguintes, ela não recebeu uma flor sequer. Tampouco viu sombra dele. Dilys não assombrou mais os jardins do palácio, não apareceu mais nas refeições. Os calbernanos continuavam jogando bola com as crianças do vilarejo nos gramados do palácio e parques da cidade, mas Dilys não estava mais entre eles. E, apesar de se levantar cedo e ficar acordada até mais tarde para observar, Verão não viu mais Dilys Merimydion — parcamente vestido ou não — nadando no fiorde embaixo da varanda dela.

Tinha conseguido, então. Finalmente tinha conseguido afastar Dilys Merimydion.

Verão disse a si mesma que era melhor assim. Ela não tinha futuro com ele nem com ninguém. No entanto, a ausência da atenção incansável dele — a ausência *dele* — a fez se sentir destituída, como se tivesse perdido algo precioso.

Mesmo afetando um rosto sereno e tocando a vida como se tudo estivesse bem, a máscara costumeira dela parecia estranhamente frágil e desajustada, sensação que foi se intensificando com a passagem dos dias. As noites de Verão eram inquietas, assoladas por sonhos que oscilavam entre o desejo sexual e um sentimento

doloroso de perda que mais de uma vez a arrancou do sono e a fez descobrir o travesseiro encharcado de lágrimas. Conforme os dias passavam, ela ia se tornando cada vez mais ciente do vazio doloroso que vicejava no peito e crescia lentamente, tornando-se, a cada dia, mais doloroso e mais vazio.

Naquela manhã, seis dias depois de ter devolvido o cãozinho, Gabriella não aguentava mais. Ela saiu à procura de Ryllian Ocea para descobrir onde Dilys estava. Ela tentou ser sutil nos questionamentos, inserindo a questão sorrateiramente entre cortesias matinais, mas podia jurar que viu um traço de — o que era? alívio? satisfação? — nos olhos dourados de Ryll quando ele respondeu a ela:

— *Ono, Myerialanna*. O príncipe não foi embora da Cordilheira Invernal. Bem, ele saiu sim, mas só temporariamente. Alguns assuntos exigem a atenção dele, por isso ele foi a nado encontrar um de nossos navios em alto-mar.

— Nada sério, espero...

— Nada que *Myerielua* não possa resolver. — Ryll sorriu. — Ele deve voltar em breve. Vou dizer que você o procurou.

— Ah... hum... não, não precisa. Eu não... digo, eu não o estou procurando. — Ela deu uma risada nervosa e colocou o cabelo para trás da orelha. — Eu só queria ter certeza de que ele estava aqui... quer dizer, *bem*! Só queria saber se ele está bem. Que ele não estava com nenhum mal-estar por causa da... hum... da coisa com o pai da Lily... — Como se sentia afundando numa cova aberta por ela mesma, Verão disse: — Fico feliz que ele esteja bem de saúde. — Em seguida, fechou a boca antes que fizesse ainda mais papel de boba e partiu.

Ela sabia que Ryll a entregaria e que Dilys tomaria isso como um convite para retomar os cortejos. O que deve ter sido exatamente o que aconteceu pois, naquela noite, logo depois de Gabriella terminar de se vestir para o jantar, alguém bateu à porta do quarto dela. Amaryllis foi atender e voltou carregando um envelope de pergaminho selado.

— É para você, senhora — disse Amaryllis, segurando o envelope e lutando para não sorrir.

Por quase uma semana, Gabriella vinha repetindo para si mesma que o fim dos cortejos de Dilys Merimydion era a coisa certa e necessária a ser feita, mas, no instante que reconheceu a mesma cursiva forte e masculina das centenas de cartões de “Reivindique-me seu por direito”, o coração traiçoeiro dela fez uma dancinha besta. *Ele não desistiu!*

Ela pegou o envelope, que Dilys havia endereçado usando o título formal completo dela: *Para Sua Alteza Real Gabriella Aretta Rosadora Liliana Elaine Coruscate, Princesa de Veralea, Duquesa do Vale*. O nome dela estava circundado por volteios e floreios complexos: um padrão geométrico de plantas pontuadas por florezinhas coloridas a tinta. Era um desenho lindo. A pessoa deve ter levado horas para terminá-lo.

Uma gota de cera azul-marinho com a forma do tridente de Casa Merimydion selava a parte de trás do envelope. O selo se soltou facilmente com um leve toque de unha. Dentro, abrigado em papel dourado, um cartão escrito em cursiva um pouco menos elaborada do que a mão da chancelaria usada na corte anunciava:

O lorde dos mares Dilys Merimydion solicita a honra de sua presença no jantar no Pergolado do Jardim Sudeste. Sete de noite. Siga o caminho de flores.

— O caminho de flores? — murmurou Gabriella em voz alta,

— No corredor, Sua Alteza.

Curiosa, Gabriella colocou a cabeça para fora da suíte e, em seguida, abriu-a. Duas fileiras paralelas de flores conduziam pelo corredor e desapareciam virando o corredor. O espaço entre as fileiras estava preenchido com pétalas soltas e botões.

— Ele por acaso depenou todos os jardins daqui até a Veralea?

— Maldito, talvez tenha mesmo. Ela franziu a testa para o resultado emocionante que a extravagância romântica dele causou no corpo dela. — Que horas são, Amaryllis?

— Dez para as sete, senhora.

Ela devia recusar o convite. O caminho de flores que conduzia a Dilys Merimydion também levava a um perigo incomensurável.

Ainda assim, Verão se viu devolvendo o convite a Amaryllis e dizendo:

— Por favor, coloque isso sobre meu toucador. E não toque a tinta.

— Sim, senhora. — Incapaz de conter o sorriso, a criada fez uma reverência e carregou o bilhete numa bandeja de volta aos aposentos de Verão.

Verão permaneceu no corredor por um longo momento, respirou fundo e tentou conter o frio na barriga.

— Ah, eu vou me arrepender tanto disso — murmurou ela.

Com isso, Verão Coruscate avançou com o pé direito e tomou o caminho que conduzia a Dilys Merimydion.

A notícia de que Verão estava se aproximando chegou a Dilys muito antes de que a mulher objeto de seus cortejos.

Ele estava de pé debaixo da sombra rajada do pergolado coberto de trepadeiras. A luz do sol da tarde brilhava fresca sobre ele e uma brisa suave, carregada de aromas do mar e da beleza perfumada do jardim, murmurou sobre a pele dele.

Atrás dele, aguardando o deleite de sua senhora, esperava uma confortável mesa de jantar coberta com uma toalha branca impecável, duas confortáveis cadeiras com almofadas e um balde de prata cheio de gelo para refrescar a garrafa já sem rolha de um dos melhores espumantes das adegas de Cali Va’Lua.

Ele mandou buscar o vinho no dia que percebeu que a frieza de Verão em relação a ele não tinha anda a ver com falta de interesse e o escolheu para aquela semana enquanto planejava a próxima etapa de seu cerco para conquistar a fortaleza que era o coração de Gabriella Coruscate.

Agora, esperando a chegada dela, Dilys se deu conta do aperto estranho no peito e da inquietação desconfortável na barriga. As mãos dele, que deviam estar soltas para os lados, abriam e fechavam sem parar.

Eram os nervos, percebeu ele.

Ele estava nervoso.

Era a primeira vez que ela escolhia ir ao encontro dele. A primeira vez que ela demonstrava disponibilidade para considerar o cortejo.

Ela podia estar indo para dispensá-lo. Conhecendo bem a pequena e arisca melrosa dele, era exatamente isso que tinha em

mente. Mesmo assim, independentemente de quais fossem suas intenções, ela estava indo ao encontro dele. Ela aceitou o convite e tomou o caminho que ele havia disposto para ela...

Uma vez que ela chegasse, caberia a Dilys mantê-la ali.

Ele permaneceu sozinho em seu silêncio enquanto ela se aproximava. Dilys estava com o cabelo para trás. Ele usava uma *shuma* branca impecável com um cinto de platina pura incrustado de diamantes. Com os olhos imóveis, ele a observou se aproximar, sorvendo a beleza suave e tranquilizante dela. Ela estava usando um vestido lavanda claro, tom pastel que dava um matiz levemente violeta aos lindos olhos dela. O volume espesso e preto do cabelo dela tinha sido habilmente empilhado sobre a cabeça em uma combinação de cachos e tranças, com longos cachos lhe caindo pelas costas até a cintura. Nos pés, ela calçava sandálias lavanda.

— Você está excepcionalmente bonita essa noite, Gabriella. Você fica muito bem de lavanda.

— Obrigada. — A voz dela soou seca e pragmática. — Lorde dos mares Merimydion, achei que tinha deixado bastante claro que...

— Dilys — corrigiu ele. — Para você, me chamo Dilys. — Ele falou deliberadamente baixo, tornando o próprio nome um murmúrio tão rouco que parecia quase um ronronado. Os olhos claros e atentos dele notaram o leve tremor na respiração que Verão não foi capaz de conter. Ele escondeu o sorriso. Ah, sim, ela achava que tinha ido até o fim do caminho para encerrar de uma vez por todas com o cortejo.

Dilys não tinha intenções de permiti-lo.

— Vamos, *moa leia*, sente-se. — Ele caminhou até a mesa esperando sob o pergolado, puxou a cadeira, mas ela não se movimentou no sentido de aceitar o convite.

— Lorde dos mares... Dilys — trocou ela ao ver o olhar de alerta que ele lançou em sua direção. — Isso tem que parar.

— Do que você está falando, Gabriella?

— As flores, os recados, os presentes. Isso! — Ela acenou para a mesa lindamente posta sob o pergolado e para os criados esperando estáticos as ordens de Dilys. — Tudo isso!

Ele ergueu a mão dela. Ela era tão pequena perto da dele, os dedos eram tão delicados, pareciam dedos de passarinho. O

marrom cremoso e polido da pele veraleana dela era suave e sedoso. Levando a mão aos lábios, ele pressionou um beijo demorado contra a pele deliciosamente cheirosa e, em seguida, calmamente, disse:

— Não.

Os lábios dela cindiram em surpresa. Lábios tão macios, rosados e deliciosos. Ele queria tanto beijá-los.

— Como assim, “não”? — perguntou ela.

Ele beijou a mão outra vez — uma má substituta para os lábios carnudos e úmidos dela, mas melhor do que nada — e disse:

— Eu quero dizer que não, Gabriella. Eu não vou abdicar de meu direito de cortejá-la.

— Seu *direito*? — As narinas dela se abriram. Os olhos se inflamaram. Ele nunca tinha visto os olhos dela assumirem aquele tom de azul. Era um tom azul quente e elétrico, mais próximo do fogo que do céu.

— Se você acha que tem direito a qualquer coisa de mim, está muito enganado, senhor! — continuou Verão. — Minha irmã, a *Rainha* Khamsin — a ênfase dela na palavra “rainha” quase o fez sorrir. Como se o título da irmã pudesse convencê-lo a mudar de ideia. Ele, filho da *Myerial*, neto de tantas *Myerials*... — deixou claro que nem eu nem minhas irmãs somos obrigadas a aceitar seus cortejos. E eu com certeza escolho não o aceitar. Por isso, muito obrigada pelo convite para jantar, mas infelizmente devo recusá-lo, bem como futuros convites do tipo que você queira fazer. — Ela deu um puxão na mão, tentando soltá-la da dele.

Os dedos de Dilys continuaram enrolados ao redor do pulso delicado de Verão. Era uma pegada delicada, mas firme como pedra.

Ela puxou mais forte de novo. E mais outra vez. Tentou soltar os dedos do pulso.

Ele permaneceu firme como pedra. O ar ao redor dos dois ficou mais quente e a brisa ficou mais forte. Verão não costumava manifestar seus dons do tempo de forma involuntária — provavelmente porque passou a vida mantendo as emoções e dons em rédea curta —, mas agora estava. A brisa fez o tecido da *shuma* dele levantar-se, mas Dilys parecia uma estátua de rocha. Quando

ela recuou um passo e colocou todo o peso no próprio corpo em seu empenho de escapar, o corpo dele não se mexeu nem um centímetro.

— Me solta! — exclamou ela.

Ele deu um sorrisinho indolente.

— Não.

Pela santa senhora dos mares, ela era adorável. O rosto de Verão se ruborizou e os olhos brilharam como estrelas. Os lindos seios dela balançavam aos esforços de se soltar; o volume suave deles pressionava contra o decote do vestido lavanda enquanto Verão lutava para respirar. Se por um instante ele suspeitasse que ela o permitiria, Dilys a levaria ao macio gramado do jardim naquele mesmo momento, arrancaria o vestido do corpo dela e devoraria cada centímetro delicado e inebriante dela até levar à erupção do vulcão dentro de Verão. Por fim, faria com que ela se afogasse no magma lindo, poderoso e abrasador que continha com tanta força.

— Você não tem direito de me manter aqui — disse a ele.

O sorriso sumiu do rosto dele. Com toda seriedade e ternura no mundo, ele disse a Verão:

— Tenho sim, Gabriella. Eu paguei por esse direito com o sangue que derramei e com os homens que pedir no gelo e na neve dos campos de batalha da Cordilheira Invernal.

Barrando momentaneamente a inquietação incontrolável, ela congelou.

— O contrato que fiz com seu irmão me deu o direito de tomar você como minha *liana* com ou sem o seu consentimento. Eu cedi esse direito quando quebrei o contrato com seu irmão, mas meu contrato com sua irmã ainda me garante o direito de cortejar você. Três meses cortejando as Estações da Veralea, foi isso que comprei quando me juntei à sua irmã para derrotar o Rei de Gelo. Fui paciente pois cometi muitos erros com você no começo. Desse dia em diante, porém, pretendo aproveitar cada dia de cortejo a que tenho direito.

Dilys tinha passado os últimos sete dias decidindo a melhor forma de proceder com Verão. Agora que compreendia melhor por que ela estava tão decidida em recusá-lo, tinha bolado um plano diferente para conquistá-la. Ela era uma Sereia. Todos os presentes que ele

tinha escolhido com tanto cuidado e despejado sobre ela eram reflexo da devoção cada vez maior que sentia; eram presentes de amor dados de coração aberto que só alimentaram a força e reforçaram a capacidade dela de recusá-lo. Dilys tinha, sem querer, reforçado os portões que vinha tentando derrubar. E ainda o estava fazendo de longe, sem a interação pessoal e companheirismo que poderiam ter ajudado a enfraquecer os muros de adamantinos dela.

Por isso, Dilys mudou de estratégia. Ele cortou o dilúvio de presentes na esperança de criar um vácuo de necessidade que funcionaria a favor, e não contra ele. Privar-se dela na última semana tinha sido extremamente difícil. Dilys já se sentia conectado a ela. Ficar completamente longe — não se permitindo nem a mínima visão dela — foi a coisa mais difícil que Dilys fez na vida. Doía fisicamente ficar longe dela por tanto tempo e com as coisas não resolvidas entre os dois.

Ontem, porém, quando ela foi atrás de Ryll para perguntar de Dilys tinha deixado a cidade, ele percebeu que a estratégia tinha funcionado. Agora era o momento de avançar para a próxima fase do novo plano: forçá-la a encarar os próprios medos com ele ao lado para ajudá-la a enfrentá-los.

Ele acenou para a cadeira ao lado dele.

— Por favor, *moa kiri*, sente-se. Sua cunhada, a chef Ingarra, preparou algo especial para nós. Você não quer que o trabalho dela tenha sido em vão, não é?

Verão se sentou. Outras mulheres teriam caído na cadeira com um movimento de ressentimento, mas mesmo ali, como em todas as coisas, Gabriella demonstrou uma graciosidade exuberante. Ela se sentou na cadeira com uma elegância desenvolta e harmoniosa que era o absoluto oposto do olhar fumegante que trazia nos olhos e da tensão no maxilar delicado.

Como última carícia, ele passou o polegar sobre a mão dela e por fim a soltou. Com um breve aceno para os criados à espera, ele também se sentou.

A etiqueta da corte estipulava que a cadeira dele à mesinha deveria estar na frente dela, mas Dilys não queria que houvesse nem mesmo essa mínima distância entre os dois. Ele se sentou ao

lado dela perto o bastante para, caso o quisesse, pudesse lhe alcançar a mão outra vez.

O primeiro prato foi colocado diante deles. Era uma delicada sopa fria de verão com frutas frescas amassadas e néctar. Um criado despejou o espumante dourando nas taças finas ao lado dos pratos.

Verão ignorou a sopa e o espumante. Carrancuda, ela o encarou.

— Mesmo tendo conquistado o direito, não tem por que você se dar ao trabalho de me cortejar — disse-lhe, sem rodeios. — Não vai servir de nada. Eu não vou me casar com você.

— De qualquer forma, irei cortejá-la mesmo assim conforme o contrato que firmei com sua irmã.

— Você só está desperdiçando nosso tempo e jogando fora a oportunidade pela qual pagou um preço tão alto. Se você realmente quer ter uma Estação como *liana*, você deveria concentrar seus esforços em Primavera ou Outono. Elas pelo menos gostam de você. — Ela o encarou e, incisivamente, acrescentou: — *Eu não*.

Dilys ficou pensando se ela realmente achava que aquela cara feia ia assustá-lo. Que ele tomaria a aversão declarada — e absolutamente falsa — dela por ele como qualquer coisa que não um desafio. Por um instante, ele ficou tentado a lhe dizer quão bonita — e absolutamente encantadora — ele a achava quando ficava brava. Se dissesse, porém, quanto gostava do caráter dela, ela tentaria reprimi-lo. A última coisa que Dilys queria de Verão era a máscara serena que ela usava com todo mundo.

Nesse sentido, ao invés disso, ele sorriu tranquilamente olhando no fundo dos olhos azul fogo dela e disse:

— Lembre-se bem, *moa kiri*, de que o preço para cada mentira é uma intimidade de minha escolha. — Em vez de beijá-la, no entanto, ele disse: — Experimente a sopa, *shishi*. A chef me mandou um pouco para experimentar no começo da semana. Nunca provei nada parecido. É um sonho doce na ponta da língua. — Ele levou a colher à boca e, gemendo de prazer, fechou os olhos enquanto saboreava a sopa. — Está melhor do que eu lembrava. Estou falando sério, Gabriella, você precisa experimentar essa sopa. — Só para provocá-la e fazer os olhos dela ficarem mais bravos, ele pegou mais sopa com a colher e a segurou diante dos lábios de Verão num gesto íntimo para que ela provasse.

Dilys tinha subestimado quão próximo estava do vulcão adormecido do temperamento dela.

Verão deu um tapa na mão dele, mandando sopa sobre a toalha de mesa branca e lançando a colher sobre as pedras do pavimento.

— Não estou interessada na sopa! Pode pegar o contrato que você fez com minha irmã e enfiar no meio do seu... — Gabriella se deteve no meio da ordem vulgar, jogou o guardanapo sobre a mesa e começou a se levantar. Ela já estava farta de Dilys Merimydion. Estava no limite.

Dilys esticou a mão para segurá-la pelo pulso. Ela soltou um grito gutural de fúria de entre os dentes semicerrados e arrancou a mão da pegada dele.

O olhar no rosto dele fez Verão congelar no lugar.

Pela primeira vez desde que o príncipe da Calberna tinha chegado a Konumarr, uma raiva de verdade cintilou nos olhos dele, transformando o caloroso matiz de ouro fundido deles em algo frio, severo e assustador. Não assustador no sentido de Verão temer que ele a machucasse. Bem, talvez um pouco. Afinal de contas, ele era mortal acima de tudo, o olhar dele era assustador porque ela se deu conta de que não queria que ele a olhasse daquela forma nunca mais. Jamais.

— Meu contato com sua irmã custou muitas vidas. Algumas delas me eram tão caras que o deixaram um buraco no coração impossível de ser preenchido. Por isso, não, não irei desonrar o sacrifício de meu calbernanos e amigos jogando fora o que eles pagaram com a vida. — Cada palavra era como uma mordida afiada de som cortando a pele de Verão. — Tampouco deixarei você desonrar sua irmã quebrando os termos do juramento dela ou ofender a sua cunhada que passou a última semana elaborando e preparando um jantar para agradá-la. Você é melhor do que isso, Gabriella Coruscate. Aja conforme.

As bochechas dela esquentaram. Gabriella ficou boquiaberta. A dor momentânea que ela sentiu à menção dos amigos mortos — Verão compreendia a terrível dor da perda — secou imediatamente diante da acusação lançada contra si. Ela não conseguia acreditar que ele a havia repreendido — e de forma tão cortante! Mordendo o

lábio, ela se afundou outra vez na cadeira e encarou incisivamente a mão enrolada ao redor do pulso até que ele a soltasse. Em seguida, colocou o guardanapo sobre o colo outra vez.

— Eu achei que os calbernanos se vangloriavam de nunca perderem a calma com as mulheres.

— Eu não perdi a calma, Gabriella. Eu nunca faria uma coisa dessas com você nem com qualquer outra mulher. Mas não ficarei quieto enquanto você atrai para si a vergonha de não se importar com os sacrifícios, juramentos ou esforços dos outros.

Ferida, mas incapaz de se defender da acusação cheia de verdade, ela se sentou em silêncio constrangedor enquanto os criados substituíam a toalha de mesa manchada, limpavam as bordas das cumbucas de sopa e traziam uma nova colher a Dilys. Ela se sentiu uma criança grosseira, sem modos e malcomportada. E não gostava nem um pouco da sensação.

— Obrigada — disse ela em voz desanimada quando os criados terminaram de limpar a bagunça dela.

A mulher que tinha colocado um vaso de flores novo no centro da mesa fez uma reverência.

— Com prazer, Sua Alteza — disse ela.

Os criados recuaram a uma distância discreta. Um silêncio constrangedor pairou entre eles.

Gabriella não conseguia olhar para Dilys. O olhar dela pairou sobre o jardim, sobre uma borboleta, sobre a mesa recém-reposta. Os dedos dela tracejavam o relevo dos talheres de prata perfeitamente alinhados à cumbuca dela.

Ele suspirou.

— Por favor, experimente a sopa, Gabriella. A Ingarra a criou especialmente em sua honra. Ela a chamou de Doçura de Verão.

Verão não queria fazer essa concessão a Dilys, mas tampouco queria magoar Ingarra mandando a sopa de volta intacta — especialmente depois de a cunhada tê-la criado especialmente em honra dela. Não ocorreu a Verão duvidar da informação dada por Dilys: se ele disse que Ingarra tinha criado a sopa em honra de Gabriella, então era verdade.

Gabriella mergulhou a colher na cumbuca e levou a sopa aos lábios. Uma explosão de sabores exuberantes tomou a língua dela.

— Está deliciosa — confessou. Boa demais para guardar rancor dele por tê-la obrigado a experimentar. Ela suspirou e deixou de lado o ressentimento.

— Eu falei que você ia gostar. — O brilho intenso nos olhos dele já tinha diminuído, deixando-os calorosamente dourados e fixos em aprovação sobre ela, além de algo mais que deu um frio na barriga de Verão.

— O que tem nela?

— Alguns tipos de fruta, néctar, temperos e, acho eu, um pouco de mágica. A Ingarra não admitiu para mim, mas estou quase certo de que ela é algum tipo de feiticeira da cozinha. — Ele mostrou os dentes brancos em sorriso.

O frio no estômago de Verão quintuplicou de intensidade. Aquele sorriso devia ser proibido por lei. Ela inclinou a cabeça um pouco para tomar outra colherada de sopa e soltou um gemido de prazer. Leve, doce, frutada, picante, cheia de surpresas e delícias, a mistura de Ingarra era incrível. Quem sabe a chef de Konumarr não tinha *mesmo* a capacidade de fazer algum tipo de encanto enquanto cozinava?

Ou, quem sabe, pensou Verão quando Dilys se voltou para a própria comida, o verdadeiro encanto em jogo ali não era o homem sentado ao lado dela, tão perto que ela praticamente conseguia sentir o calor emanando da pele cheirosa dele. Ele tinha um cheiro de óleos exóticos, um aroma rico, masculino e totalmente atraente. O bronzeado da pele dele era levemente escuro e brilhava em contraste com a toalha e a *shuma* impecavelmente brancas. As mãos dele eram grandes e fortes. O olhar de Verão vagou pelos braços de Dilys, deteve-se no impressionante volume do bíceps e, por vim, continuou até a largura ainda mais impressionante dos ombros e peitoral dele. *Tudo* nele era grande e forte.

Um calor perturbador se espalhou pela barriga dela. Antes de ter ido à Cordilheira Invernal, ela não tinha o costume de ficar rodeada de gigantes. Os invernianos mais baixos que conheceu tinham pelo menos um metro e oitenta de altura enquanto Wynter passava dos dois metros e dez; com seus músculos firmes e potentes, todos eram tão fortes quanto altos. Ainda assim, nenhum deles fazia Verão se sentir tão pequena, tão delicada ou tão feminina quanto

Dilys Merimydon naquele momento, simplesmente por estar sentado ao lado dela à mesa de jantar. Ela queria passar a mão por toda extensão daquela pele nua e brilhante, e redescobrir a sedosidade dela e a firmeza dos músculos logo abaixo. Ela queria explorar todas aquelas tatuagens furta-cor intrigantes, e tracejar com o dedo suas linhas serpenteantes. Queria prová-las com a língua. Trazê-lo para dentro do corpo repetidamente, cada vez mais, da mesma forma que tinha sonhado durante toda a semana. Verão se revirou um pouco na cadeira; em seguida, ergueu os olhos e viu Dilys a encarando tão fixamente e com tanto desejo, que sentiu o coração batendo forte no peito.

Ela abaixou o olhar e se reprimiu duramente pela própria falta de controle com ele.

Verão precisava desesperadamente encontrar algum assunto para conversa — impedindo-o, assim, de olhar para ela como se fosse comê-la — e falou a primeira coisa sem ter a ver com sexo que lhe passou pela cabeça.

— Conte-me sobre seus amigos que morreram lutando contra o Rei de Gelo. — Antes que as palavras tivessem terminado de sair da boca dela, ela corou com a mesma medida de vergonha e horror. Aquele calbernano a tinha tirado tanto do prumo, que ela nem sabia mais como travar uma conversa bem-educada! Em nenhuma cultura da Mystral era considerado aceitável interrogar um convidado sobre a perda recente de uma pessoa amada. Em um gesto instintivo, ela pousou a mão sobre o braço dele em desculpas. — Perdão! Por favor, esqueça que perguntei. Não é assunto meu.

Ao invés de ficar ofendido, Dilys cobriu a mão dela com a dele.

— Sua pergunta não me ofende, *moa myerina*. Os calbernanos que morreram com honra gostariam de ser lembrados e ter suas vitórias celebradas. Além disso, a morte deles me deu o direito de estar sentado aqui ao seu lado hoje. Por que você acharia que não é de sua conta?

— Não quis incomodá-lo. É nítido que você ainda está em luto pela morte deles.

— É claro que sim. Irei me enlutar pela morte deles o resto da vida. — Ele ficou acariciando as costas da mão de Verão com o polegar. Cada movimento era como uma carícia de pluma. — Mas o

coração de um calbernano é grande. Ainda que as perdas sejam muitas, as alegrias também são. — Ele sorriu. — Aanas Holokai era o mais velho dos meus amigos que caiu aquele dia. Quando meninos, eu e ele dividimos a mesma cabine em nossa primeira viagem pelo mar. Ele tinha um sorriso lindo e uma voz capaz de se igualar à dos pássaros no céu. Ele tinha acabado de conquistar a *ulumi-lia* — com a mão livre, Dilys passou o dedo sobre a tatuagem azul serpenteante na bochecha e cujo formato lembrava ondas estilizadas — e estava ansioso para encontrar uma *liana* com quem começar a própria família. Ele sonhava com uma mulher doce e agradável a quem pudesse mimar e proteger. Uma mulher a quem pudesse levar alegria todos os dias cantando. Ele queria ter uma família grande. Com quantos filhos sua esposa pudesse lhe dar.

— Se ele não encontrasse a *liana* que queria aqui, teria comprado uma no mercado de escravos?

Ele encolheu os ombros.

— Provavelmente. Tem muitas mulheres nos mercados de escravos que precisam de carinho e atenção. — O maxilar de Dilys ficou tenso. — Infelizmente, a Mystral está cheia de bárbaros rudes que tratam suas mulheres como se fosse gado. Ficamos felizes de libertar mulheres desses lugares. Mesmo as raras que escolhem não se casarem com calbernanos recebem abrigo nas Ilhas.

— Vocês libertam as mulheres que compam nos mercados de escravos?

Ele ergueu as sobrancelhas.

— É claro que sim. O que você achou que fazíamos com elas? — Dilys não parecia ofendido, só curioso.

— Pensei o óbvio, é claro. Seus soldados querem esposas. Eles compam mulheres de mercadores de escravos. — Ela espalmou as mãos.

Ele fugiu.

— Nenhum calbernano que tenha recebido a *ulumi-lia* jamais aceitaria uma esposa contra a vontade dela, independente de quanto ouro tenha. Todas as escravas são libertas, cortejadas e se casam com o calbernano da escolha delas por vontade própria. Ou não se casam, se assim desejarem.

— Ainda assim, você acabou de me contar que seu contrato com o Falcão lhe prometia uma das Estações em casamento.

— Sim, e a que eu escolhesse entre vocês viria à Calberna, onde eu teria que cortejá-la como deve ser e você teria que me aceitar de livre e espontânea vontade antes de nos unirmos em matrimônio.

— Você sempre foi arrogante desse jeito?

— Arrogante, não — corrigiu ele. — Confiante. Tem uma diferença.

— Não tanta, pelo que estou vendo.

— Sou o príncipe da Calberna. Treinei minha vida inteira não apenas para liderar nossos guerreiros em batalha, mas também para servir e proteger mulheres que são nosso coração e verdadeira força. Passei anos aprendendo o que as mulheres querem e como lhes dar isso de modo que, no dia que encontrasse minha *liana*, eu saberia como ser tudo o que ela precisa. E, acredite em mim, Gabriella, são aulas nas quais prestei muita atenção.

As bochechas dela ficaram vermelhas ao se lembrar de como ele tinha provido tudo o que ela precisava no interlúdio da gruta da cachoeira da Barba Nevada. Abaixando a cabeça para esconder o rosto ruborizado, ela tomou uma última colherada da sopa Doçura de Verão feita pela Ingarra, e acenou para que os criados limpassem a mesa para o próximo prato.

— E o que você irá fazer quando seus três meses acabarem e eu não me casar com você? Vai procurar uma esposa nos mercados de escravos?

Ele balançou a cabeça, mandando as longas e sedosas tranças que pousavam sobre os ombros para trás das costas.

— Isso não me preocupa.

— Não tenha tanta certeza disso. — Ela tirou a mão debaixo da dele e pegou a taça de vinho.

Ele ergueu a sobrancelha escura e elegante.

— Ah, *kalika u moa kiri*, sol do meu coração, antes que meu tempo aqui acabe, você *irá* me escolher para ser seu *akua* por livre e espontânea vontade. Você irá me reivindicar e se ligará a mim como seu marido, seu amante, seu parceiro para a vida, o pai de seus filhos, seu companheiro e seu protetor.

Ela se forçou a curvar o canto da boca.

— Só nos seus sonhos — zombou ela, levando a taça aos lábios.

— Sim, Gabriella. Em meus sonhos. — A voz dele baixou a um tom grave que mandou arrepios de fogo pelas veias dela. — E nos seus também, suspeito.

A mão de Verão tremeu fazendo o espumante saltar pela borda da taça e molhar os dedos dela. Ela disparou um olhar a ele. Ele não tinha como saber dos sonhos dela... *tinha?*

Os lábios dele se curvaram em um sorriso malicioso. Ele tirou a taça de vinho dos dedos dela sem qualquer resistência e a colocou de lado. Em seguida, mantendo-a cativa com seu par de olhos dourados hipnóticos, ergueu a mão dela até a boca e, lentamente, lambeu o vinho dos dedos dela.

Cada toque lento, quente e úmido da língua dele disparava contra o corpo dela como uma corrente elétrica, emitindo um calor escaldante que a percorria da ponta dos dedos direto para as partes mais femininas do âmago de Verão. Ainda olhando nos olhos dela, ela trouxe a palma da mão dela até a carne nua do peitoral, curvando os dedos dela sobre a extensão enorme do músculo do peito.

A boca dela ficou seca. Pelo Halla, ele era um pecado, como a mais quente das fantasias que ela poderia sonhar. Sob a pele de seda e suave, o músculo dele era duro como uma pedra. Os dedos dela se fixaram e tremeram contra carne dele. O corpo dela tremia inteiro. A boca dele se curvou num sorriso lento e fervilhante que a fez se contorcer na cadeira, e os olhos dourados e leoninos cintilaram em satisfação indolente e masculina.

— Ah, sim, *moa halea*. Você será minha *liana*. Disso eu não tenho a menor dúvida.

Gabriella recuou com a mão.

— Se você pretende mesmo me cortejar, precisa parar com isso. Um casamento envolve mais do que só atração sexual.

A Dilyls, agradava muito que, ao se afastar, a mão e a voz dela tremiam. Agradava-o ainda mais a confissão, da parte dela, de que havia atração entre os dois. A menção ao casamento era, é claro, apenas um estratagema, uma isca para manipulá-lo a entregar uma das armas mais poderosas que ele tinha naquela guerra de

vontades. Em todo caso, Dilyls gostou da menção ao tema. Quanto mais ela falasse do casamento, mais habituada ficaria à ideia.

— De fato, tem mesmo — concordou ele, recostando-se à cadeira para dar a ilusão de uma pequena trégua. — Acho que é costume um casal usar o momento dos cortejos para se conhecer melhor. Vamos começar com você. Sei que a maioria das pessoas acha que você é honesta, ainda que você minta sempre que convém. — Ela revirou os olhos, o que o fez rir. — Sei que você ama flores bonitas, mas só as que têm perfume igualmente bom, e que é muito generosa, menos com os chocolates de Zéfiro Hallowill. Esses você monopoliza, mesmo de suas irmãs.

Ela o encarou.

— Quem te contou iss... — Os lábios dela se franziram numa careta irritada. — A Outono.

Ele sorriu.

— Eu e ela nos tornamos bons amigos nessas últimas semanas.

— Bons até demais, parece — resmungou ela.

— A maior lealdade dela é a você. A questão é que ela acha que eu seria um excelente marido para você. — Antes de concordar ajudá-lo a cortejar Verão, Outono jurou assá-lo como uma salsicha no espeto se ele algum dia distratasse de qualquer maneira a irmã dela. E não era brincadeira. — Meus primos e eu gostamos muito da companhia dela. Fiquei com a sensação de que é raro para ela ter amigos homens, especialmente atraentes, solteiros e jovens.

— Sua modéstia continua me deixando sem palavras.

Ele riu.

— Na verdade, eu estava me referindo ao Ari e ao Ryll. Em todo caso, obrigado.

Os criados serviram o segundo prato, uma salada de folhas verdes, castanhas e damascos cristalizados e pedaços de queijo de cabra. Ele esperou os criados saírem e Verão pegar o garfo antes de dizer:

— Me conte sobre sua mãe. O que você lembra dela?

Gabriella encolheu os ombros.

— Não muito. Eu era muito pequena quando ela morreu.

— Você tinha 7 anos, se não estou enganado.

Ela cutucou a salada.

— Sim.

Velha o bastante para ter mais do que impressões e lembranças vagas. Ela possuía memórias. Só não as estava compartilhando.

— Fiquei sabendo que ela era muito bondosa e gentil, era uma influência tranquilizadora para seu pai.

— Era mesmo.

— Ouvi dizer que você se parece muito com ela.

— É o que as pessoas dizem.

Ele pegou a taça de vinho, bebeu um gole e a observou sobre a borda de cristal até o silêncio fazer Verão parar de revirar a salada no prato e olhar para ele. Delicadamente, sem qualquer sinal de recriminação, ele disse:

— Uma conversa flui melhor se as duas partes participarem, Gabriella. — Colocando a taça de lado, ele segurou a mão dela. — Ou deveríamos deixar a parte de nos conhecermos melhor para lá e voltar a explorar nossa atração sexual mútua?

Ela puxou a mão.

— Sim, minha mãe era bondosa e gentil. Ela foi, provavelmente, a pessoa mais bondosa, gentil e amorosa que conheci na vida. Quando ela sorria, parecia que tinha um sol no seu coração. E quando ela ria... nem a pessoa mais triste do mundo seria capaz de se agarrar a seus sentimentos amargos ao som da risada dela. Eu me lembro do dia em que ela morreu como se fosse ontem. — Verão passou a mão sobre o coração como se ele doesse. — Sinto saudades dela. Todos os dias. O lugar dela no meu coração tem um furo que nada, nunca, preencheu. E acho que nunca irá.

— Ela parece incrível.

— Ela era. E, além do aspecto físico, não sou nem um pouco como ela.

— Ah, duvido disso.

Verão ergueu os olhos azuis. Eles brilhavam intensamente dentro da moldura de cílios escuros e da pele escura de veraleana dela. Mas, apesar de todo o brilho, aqueles olhos carregavam também muitas sombras.

— Não. Não me pareço mesmo com ela. Vai por mim.

A vontade dele era a de envolvê-la nos braços e beijá-la até que todas aquelas sombras desaparecessem.

— Nunca existiu na Mystral criaturas com coração tão grande ou tanta capacidade para amar quanto as Sereias. A intensidade da emoção era um reflexo do poder delas. A fonte dele, na verdade. Quando elas amavam, elas amavam profundamente, por completo, sem restrições. Ninguém ama desse jeito sem sentir tristeza na mesma proporção. Seus sentimentos por sua mãe são um exemplo perfeito disso. Mas, para ser bem honesto, é um pequeno milagre que você tenha sobrevivido ao luto da morte dela sem manifestar seu poder de alguma forma violenta. Especialmente sendo tão jovem na época. Seu pai não estava em condições de acolher você. Ele estava envolto demais no próprio luto. E seu irmão e irmãs também eram novos demais para ajudar.

— Nesse caso, você talvez tenha se enganado quanto a eu ser uma Sereia.

Ele escondeu um sorriso. Ela era tão rápida em negar as coisas que a deixavam desconfortável. Tão decidida a sustentar as próprias máscaras.

— *Ono, moa kiri*. Não tem engano nenhum. Só mais um mistério. Pelo que me ensinaram, a maioria das Sereias não obtém controle total sobre os próprios dons até a idade adulta. Você talvez tenha aprendido a controlar os seus antes. — Ele comeu um pouco da salada e esperou que ela fizesse o mesmo antes de perguntar: — Você se recorda de alguma outra perda traumática que pode ter sofrido antes da morte de sua mãe? Alguma ocasião em que seus dons tenham se manifestado com tanta força que o choque levou você a reprimi-lo?

Ele não estivesse atento à reação dela, teria perdido o momento em que o garfo de Verão se deteve no meio do caminho, tremendo de leve à lembrança do ocorrido.

— Não que eu me lembre — disse ela. Havia algo no tom de voz dela que Dilys conseguiu reconhecer. A vibraçõzinha que indicava que ela estava mentindo. Outra vez.

Ele recuou. Acabara de confirmar que tinha mesmo ocorrido algum incidente. Algum incidente traumático o bastante para que Gabriella achasse que mesmo agora, vinte anos depois, precisava mentir a respeito.

Ele, no entanto, ainda precisava da verdade. Precisava que ela lhe contasse sobre os demônios do passado para que ele pudesse ajudar a exorcizá-los. Ele mudou de tática e tentou chegar à raiz do problema por outro ângulo.

— Levando em consideração os dons que você possui, não surpreende que seu pai tenha enlouquecido depois da morte de sua mãe. Para você possuir o poder que tem, ela deve ter tido o poder da Sereia em quantidade suficiente para prendê-lo a ela. Quando essa conexão foi danificada... bem, a verdade é que ele ter sobrevivido tanto tempo depois dá testemunho de quão forte ele era. De todas as suas irmãs, você era a que ele mais amava, não?

Ela pousou o garfo sobre a mesa e olhou para ele.

— Minha mãe não era uma Sereia e eu não quero conversar sobre meu pai.

A recusa dela era decepcionante, mas não inesperada. Gabriella tinha se tornado especialista em se recusar a encarar os próprios problemas.

— Sobre o que vamos conversar, então? Temos uma noite inteira pela frente.

Ela franziu a testa.

— Não sei. Acho que vou fazer um monte de questões enxeridas sobre a *sua* vida.

Na esperança de que o “enxerimento” dele cessasse, Verão claramente queria ter soado ameaçadora. Dilys, porém, sorriu com verdadeiro deleite:

— Que excelente ideia. — Ele espalmou as mãos convidativamente. — Para você, *moa liana*, eu sou um livro aberto. Pergunte o que quiser.

Capítulo 15

Verão apertou os lábios em despeito. Mais uma vez ele lançou a isca e mais uma vez ela foi lá e mordeu. Ela óbvio que ele queria que ela fizesse perguntas sobre ele para demonstrar interesse na vida, história, gostos e desgostos dele. Pois ele sabia que, mantendo-se ignorante a respeito dele, era mais fácil mantê-lo distante.

— Está bem — disse ela. — Já que você se interessa tanto por pais, vamos falar sobre o seu.

A intenção dela era sacudi-lo da posição cômoda, mas Dilys simplesmente encolheu os ombros.

— O que você gostaria de saber? Ele se chamava Dillon, nascido na Casa Ocea.

— A Casa do seu primo Ryllian.

— A mãe do Ryllian era irmã do meu pai. Meu pai foi um bom calbernano. Excelente em batalha, forte de coração. Sábio de tantas maneiras... Devotado à minha mãe, é claro. Eles foram prometidos desde o nascimento e se casaram no dia seguinte a meu pai receber a *ulumi-lia* dele. Eles estavam esperando uma segunda criança, uma filha, quando ele foi assassinado. Minha mãe perdeu o bebê. Ela o teria seguido na morte, pois o vínculo deles era muito forte, mais tinha o irmão gêmeo, meu tio Calivan, para ajudá-la a superar o luto e a mim também, ainda que eu fosse pequeno demais para ajudar de muitas maneiras.

— Você está dizendo que ela ia se matar porque ele morreu?

— Não, não foi isso que quis dizer. — A melancolia recurvou os cantos dos lábios de Dilys. — Minha mãe não é uma Sereia, nem agora que carrega a magia das *Myerials* combinada à da Casa Merimydion, mas está muito perto disso. De tal forma que, se não fosse meu tio, os laços dela com meu pai a teriam matado quando ele morreu.

— As Sereias não sobrevivem aos parceiros delas?

— Segundo nossas histórias, essa era um dos preços de ter tanto poder. Sereias que tenha encontrado seus parceiros não conseguiam viver sem eles, nem eles sem elas. Uma vez forjado, o laço deles tornava-se uma espécie de simbiose necessária à sobrevivência de cada um. Foi assim que as Sereias foram massacradas. Os atacantes descobriram o segredo, entendeu? Eles estouraram os próprios tímpanos de modo que a *susirena* não pudesse influenciar a mente deles, entraram escondidos em nossos palácios e vilarejos, e assassinaram os companheiros e filhos das Sereias, cortando as ligações mais profundas que tinham com seus entes amados. Mesmo a maior e mais poderosa de todas as Sereias, a *Myerial* Maikalaneia, não sobreviveu ao massacre da família dela. Foi por isso que miraram primeiro a família dela. Mesmo que o inimigo não conseguisse ouvir o Canto dela, ela poderia ter Grito até arrancar a carne dos ossos e espatifado todos os navios da armada deles. Ela era capaz de Gritar para que os continentes se reintegrassem ao mar, tamanho era seu dom. Mas tudo o que eles precisaram fazer para destruí-la foi matar as pessoas que ela amava. — Ele segurou a mão dela. — Nem preciso dizer que esse é mais um segredo calbernano que você não deve revelar a outras pessoas.

— Não — murmurou Verão, recuperando-se dos pensamentos acerca do que aqueles perversos homens do passado tinham sido capazes de fazer para destruir as Sereias que tanto temiam. Não surpreendia que Dilyls fosse tão enfático em pedir a Verão que não revelasse a verdade do que era a ninguém, nem mesmo à família dela. — O seu pai... como foi que ele morreu?

— Assaltantes invadiram o entreposto da Casa Merimydion. Nós temos muitas restrições quanto a quem navega por nossos portos, mas esses assaltantes foram espertos. Eles entraram escondidos em uma das embarcações de um dos nossos parceiros de comércio mais confiáveis. Depois, esperaram até a maior parte dos moradores da cidade ir à festa de aniversário de nossa princesa. Meu pai e eu estávamos voltando para nosso barco para regressar à casa.

— Você estava com ele quando ele foi morto?

— Ele me deixou dormindo com um dos guardas enquanto ia ao entreposto buscar um presente que tinha chegado para minha mãe. Ele tinha mandado trazer tesouros de toda Mystral em preparação para as comemorações de aniversário da minha irmã. Foram os vários objetos de valor inestimável que atraíram os ladrões. Meu pai partiu para cima deles. Eles estavam armados e ele tinha à disposição apenas as presas de batalha e as garras. Ainda assim, conseguiu matar seis ladrões antes de morrer. — As palavras dele eram verdadeiras. O tom de Dilys dizia tudo.

— Quantos anos você tinha?

— Oito.

O coração dela se comprimiu. Ele era tão novo. Pouco mais velho do que ela quando a mãe morreu... dia horrível do qual Verão se lembrava como se fosse ontem.

— Sinto muito. Sei bem como deve ter sido horrível para você. — Ela segurou a mão dele com um gesto instintivo de compaixão.

Ele enganchou os dedos suavemente e pousou a outra mão sobre a dela, de modo que a mão de Verão ficou cercada pelo calor de Dilys. As pálpebras baixas cobriam os olhos de Dilys. Quando, instantes depois, ele ergueu os olhos, havia neles um brilho que fez o vazio dentro de Verão formigar e, em seguida, rumorejar.

— Obrigado — disse ele. O rumorejo dentro de Verão se tornou um murmúrio e ressoou fundo nela. A sensação acalmava a dor. Era como se aquela ressonância ajudasse preencher o vazio.

Ela recuou com a mão. Ele não tentou impedi-la, mas tampouco abriu as mãos. Os dedos dele imprimiam uma pressão mínima, de modo que Verão liberou a própria mão lenta e relutantemente. Mesmo depois de liberta, ela sentiu que pequenos fiozinhos ainda os atavam, puxando-a cada vez mais forte conforme se afastava.

— De qualquer modo — continuou Dilys depois de um instante —, minha mãe quase não sobreviveu à morte do meu pai. Ela perdeu o bebê, o que tornou a dor ainda pior. Às vezes, acho que mesmo com minha presença e a do meu tio para ancorá-la na vida, ela teria se Esvanecido completamente caso a *Myerial* não tivesse morrido no ano seguinte.

Dilys fez silêncio quando os criados se aproximaram para tirar os pratos de salada. Em seguida, veio um desfile de criados

carregando bandejar com os vários pratos principais da refeição. O jantar foi um deleite gastronômico. Nada exagerado como um jantar de Estado, mas igualmente bem-preparado. Havia duas opções de saborosos peixes, uma ave recheada com frutas e castanhas, e uma torta de cordeiro moído com a crosta dourada assada no ponto perfeito. Como vegetais de acompanhamento, Ingarra tinha preparado pepinos-do-mar leves e crocantes ao molho assados com abóboras do verão, coco e suflê de raiz de calava, batatinhas assadas regadas com óleo de alho e um prato de alga-marinha picante que Dilys contou ser o predileto dos calbernanos.

A torta de cordeiro moído, abóboras e batatas eram os três pratos preferidos de Gabriella. Os outros eram especialidades calbernanas que nunca tinha experimentado. Ainda que Dilys não a tenha incentivado a prová-los, ela aceitou uma pequena porção de cada um dos pratos calbernanos. Cada vez que o fazia, uma onda de calor murmurava pelas veias dela. Ela levou algum tempo até se dar conta de que a sensação estava vindo de Dilys, que ela era capaz de sentir no corpo a felicidade de aprovação dele. A sensação era... nutritiva, revigorante. Como uma chuva depois da seca.

Ela queria acusá-lo de fazer algum tipo de encanto, mas aquela sensação não parecia errada. Parecia certa. Tão incrivelmente certa que ela não queria que parasse. A tensão que a tinha machucado tanto durante a última semana estava se esvaindo de Verão.

Ela deu uma mordida no primeiro prato de peixe. Tratava-se de um pargo vermelho empenado acompanhado de um molho de três sabores. A combinação de gostos doces, ácidos e picantes aliada à crocância da crosta empanada e à carne macia do peixe deliciou as papilas gustativas de Verão.

— Está incrível. — O elogio dela angariou um amplo sorriso de aprovação de Dilys e mais uma onda de calor no corpo.

— Fico feliz que você tenha gostado. Eu só escolhi comidas que você pudesse gostar.

— Você escolheu? Você não disse que a Ingarra preparou o menu? — Ela ficou surpresa. Ingarra era muito reservada quanto a quem deixava entrar em sua cozinha e ainda mais restrita quanto aos pratos que ia preparar ou não.

— Ela escolheu a sopa e as saladas, mas, para o prato principal, eu quis dar a você um gostinho da Calberna. Usamos ingredientes e temperos muito diferentes de vocês nas Ilhas Æsir, mas fiz uma seleção de pratos baseados nos seus preferidos da cozinha local. Incluí os seus pratos prediletos ao menu, caso você não estivesse se sentindo muito aberta a aventuras.

— Você escolheu bem — murmurou ela depois de provar de todos os pratos novos. — Todos estão deliciosos.

Ondas de calor banharam os sentidos de Verão.

— Dar felicidade à minha *liana* em todas as coisas é meu prazer.

— Não sou sua *liana* — retrucou ela. Pela primeira vez, no entanto, o gesto de rejeição pareceu mais uma mentira franzina do que uma verdade inabalável.

— Você será.

Uma risada engasgada irrompeu de Verão antes que ela pudesse impedi-la.

— Você sempre é tão seguro de si mesmo?

Com os olhos brilhando como os de um felino caçador, ele sorriu:

— Eu sou calbernano.

— Ah... sim... “Calbernano” é a palavra usada na Língua do Mar para dizer “arrogante”, não é?

O riso baixo e rouco dele rolou percorreu a pele de Verão, fazendo-a se arrepiar.

— Como eu já disse, desde os 5 anos de idade, passei toda minha vida aprendendo as habilidades necessárias para satisfazer e proteger uma esposa. — Um dos dedos longos dele colocou uma mecha comprida e macia do cabelo para trás da orelha de Verão. A voz dele baixou ao tom de um ronronado sensual. — E todas as habilidades necessárias para mantê-la feliz em todos os sentidos.

A boca de Verão ficou seca de repente.

— Verdade? — A cabeça dela foi tomada de imagens de Dilys mantendo a mulher dele, e Gabriella, feliz em todos os sentidos. A julgar pelo ocorrido na gruta, ele tinha estudado direito. As bochechas de Verão se esquentaram e ruborizaram. Ela limpou a garganta, empurrou as imagens eróticas para fora da cabeça e tentou conduzir a conversa de volta a um rumo mais seguro. — Você treinou todos os dias desde os 5 anos de idade?

— Eu e todos os meninos calbernanos. No dia seguinte ao meu aniversário de 5 anos, eu me mudei da casa dos meus pais para o vilarejo de treinamento de nossa propriedade e morei lá, sob o cuidado dos meus instrutores, até ir para o mar aos 12 anos.

— Que tipo de treinamento você recebeu?

— O costumeiro. Treinos militares, navais e de sobrevivência, é claro. Caça, vela, artes marciais, estratégia militar em terra e água. Habilidades básicas de como ler e negociar contratos. De como usar meus dons do mar. Um dia da semana sempre era dedicado à *myeriasu*, a arte de cortejar e cuidar de uma *liana*. Sobre como conversar com ela, como tranquilizá-la. Como entender as necessidades dela e satisfazê-las.

Gabriella limpou a garganta outra vez.

— E quando você teve tempo para ser menino?

Ele encolheu os ombros.

— Tive muito tempo para isso nos primeiros cinco anos da minha vida.

— Isso é horrível.

— Longe disso. Eu adorei meu treinamento e me saí muito bem em todas as disciplinas. — Uma luz maliciosa adentrou os olhos dele. — Incluindo em meus treinamentos nas artes eróticas, que começaram quando eu atingi os 17 anos de idade.

O rosto de Verão corou violentamente e ela olhou na hora para ver se os criados estavam perto o bastante para ouvir o último comentário de Dilys. Não estavam. Na verdade, não havia nenhum criado por perto. Eles tinham desaparecido em algum momento depois de ter servido os pratos principais, deixando Dilys e Verão sozinhos no jardim.

Ainda faltavam várias horas para o sol se pôr, mas ele já tinha descido o bastante para lançar a sombra do palácio sobre aquela parte do jardim. Repentinamente, pairou uma atmosfera mais íntima sobre a mesa de jantar debaixo do pergolado. Era um verdadeiro cenário para a sedução.

E ainda que ela tenha cedido o bastante para aceitar jantar com ele, ela não estava pronta para repetir o que tinha acontecido na gruta.

— Lorde dos mares Merimydion — começou a dizer ela.

— Dilys — interrompeu ele, com tom de voz agradável, mas insistente.

Ela suspirou. Em seguida, concluiu que aquela luta não valia a pena e se rendeu:

— Dilys, pois bem. Se você for tentar me seduzir sempre que ficarmos juntos no mesmo lugar, vou fazer com que nossos encontros futuros aconteçam na companhia de meu cunhado.

Ele pressionou a mão contra o peito.

— Ah, *moa kiri*, assim você me fere...

— Que sorte não seria a minha — resmungou ela, baixinho.

— Muito bem. Nada de demonstrações ou conversas sobre meus excepcionais talentos nas artes eróticas até segunda ordem sua. Será uma grande perda, sem dúvidas, mas obedecerei a seus desejos.

Contra a própria vontade, Verão desatou em riso. Pelos deuses. Aquele homem era tão seguro de si mesmo.

Por motivos óbvios, uma vozinha traiçoeira sussurrou dentro dela.

Não. Ela não ia se deixar seduzir por ele. Não ia ser seduzida.

Ele sorriu para ela. Sedutoramente...

O coração de Verão começou a bater forte no peito.

Ela pegou o garfo e o afundou na comida. Dessa vez, concentrou-se deliberadamente nos pratos não-calbernanos para evitar despertar novas ondas de aprovação da parte dele.

— Preciso ser sincera — disse ela, depois de experimentar as batatas assadas que estavam absolutamente deliciosas —, não aprovo nem um pouco os costumes do seu país. — O tom de voz dela era beligerante. Arranjar briga parecia ser muito mais seguro do que deixar as entranhas dela ficarem molengas e fracas.

Ele arqueou as sobrancelhas em uma expressão de leve curiosidade.

— Ah, é? De que costumes você fala?

— De todos eles. De forçar todos os homens a prestar serviço militar. De tirar as crianças das mães aos 5 anos de idade. — Ela fez uma careta. — Pensei que sua raça fosse dedicada à felicidade das mulheres. As mães calbernanas com certeza não ficam felizes quando seus bebês são arrancados dos braços tão cedo. — Para ir

direto ao ponto, ela olhou no fundo dos olhos dele e disse: — Eu nunca seria feliz assim. Nunca.

Eu nunca serei sua liana. Se é o que devo fazer, tolerarei seus cortejos, mas não há chances de me casar com você. Você está desperdiçando seu tempo. Ela quis que os olhos dissessem essas palavras; quis que ele desistisse e fosse embora.

Ele não o fez.

O sorriso de Dilys desapareceu, mas sem trazer o alívio que Verão queria. O rosto escuro e exoticamente bonito dele ficou mais austero. Mais forte. Uma expressão ameaçadora, forte e inabalavelmente resoluta se combinaram numa expressão que parecia muito menos amigável e mais atraente do que nunca.

Rindo, o Dilys maroto a seduzia. O Dilys austero e soturno a assustava um pouco, como se sua aura palpável de poder e domínio a atraísse como uma mariposa à chama.

— As mulheres do meu país compreendem o que nossos homens devem ser para o benefício de todos. — A voz dele ressoou como um suspiro baixo, suave e sombrio e fez todos os nervos de Verão tilintarem.

Com as mãos trêmulas, ela pegou o vinho e, apressadamente, bebeu um gole.

— Que é?

— Fortes. Destemidos. Capacitados. — Ele se inclinou para a frente, invadindo o espaço dela com sua presença potente e esmagadora. — Dispostos a morrer pelo que é importante para nós.

Forte, a pulsação de Verão bateia forte nas veias e fazia palpitar a base da garganta dela.

— E o que é importante para vocês?

— Você leu sobre a Calberna, sobre nossa história e lendas. Você já sabe.

Ela engoliu seco e molhou os lábios.

— Suas mulheres.

— Nossas mulheres — concordou ele. As palavras dele sopraram sobre a pele dela como um feitiço. Misteriosos, dourados e hipnotizantes, os olhos dele brilharam. — Nossas mães, irmãs e filhas. Acima de tudo, nossas esposas. As *lianas* que nos completam. Muitas *oulani* acham que não existe conexão maior do

que entre mãe e filho. Para elas, talvez, isso seja verdade. Pode ser que seja verdade para as mulheres de nosso país. Não sei. Mas, para um homem calbernano, não existe vínculo maior, nem laço mais vital, do que entre um calbernano e sua *liana*. Não faz diferença se ela é *imlani* ou *oulani*. Ele só é capaz de dar tudo o que é a ela. Somente dela ele pode receber tudo em retorno.

Estava ali, na magia negra da voz dele... a promessa que prometia... *tudo*. Tudo o que ela mais temia. Tudo o que ela desejava. Tudo o que, dentro dela, doía como uma ferida aberta no tecido da alma: um espaço vazio, não-preenchido.

Com a respiração trêmula, ela tomou fôlego e soltou o ar.

Um movimento e ela poderia mergulhar outra vez naquele mar iluminado de sol. Cada palavra de sua boca era como uma pedra amarrada ao corpo dela que a puxava para baixo e a arrastava às profundezas mais sombrias do oceano, àquele lugar assustador no âmago de sua alma. Àquele vulcão. O sol ardente que queimava no centro do ser de Verão; o inferno de magma que se movimentava nela como uma criatura selvagem enjaulada, um dragão aprisionado atrás de um muro de vontade pétrea erguido ao longo de toda uma vida.

Chame-o. Reivindique-o seu por direito. Fale o nome dele. Torne-o seu e de mais ninguém.

Era uma atração muito forte. Atração de dar a ele tudo de si... de compartilhar o fardo daquele dom assustador e mortífero que vivia dentro dela. De receber tudo dele em contrapartida: a força, a coragem e a certeza confiante de que era senhor do mundo em todos os aspectos. De confiar que ele era forte o bastante para protegê-la, mesmo de si mesma.

Como seria viver sem medo? Como seria amar por completo, com tudo? Amar sem reservas, sem esconder a verdade sobre si mesma?

Seria loucura.

Uma loucura linda, em satisfação própria.

Verão sabia qual sangue corria nas próprias veias. Ela tinha visto, em primeira mão, a loucura em que caíra Verdán Coruscate quando perdeu o que amava tão profundamente.

Dilys alegava que as Sereias não eram capazes de sobreviver sem seus parceiros... mas e se ele estivesse enganado? Se esse, de fato, fosse um de seus dons, ela não era apenas uma Sereia. Ela era uma bruxa do tempo da Mystral, descendente de Helos, o Deus do Sol. E se as regras e limitações que governavam as Sereias de antigamente não se aplicassem a ela?

E se ela se entregasse a ele, se permitisse amá-lo e acabasse descobrindo que a conexão deles *não a destruiria* quando ele morresse?

Verão sabia que a loucura do pai era apenas a sombra do que aconteceria se alguma tristeza despertasse o monstro que vivia na alma dela.

Ela tentou se libertar da magia enigmática da voz de Dilys Merimydion. Era impossível com ele tão perto, tão sedutoramente forte e sério. O melhor que ela podia fazer era fazer uma frágil oposição.

— E você acha que o desejo de um calbernano pela esposa justifica que ele tire uma criança tão pequena dos braços da mãe?

— Não, o desejo não justifica. O que justifica é a conexão. Por ela, tudo vale a pena. — As palavras dele ressoaram com confiança inabalável. — Nossas mulheres, nossas esposas, são o coração da Calberna. Sem elas, os homens calbernanos não têm função. Nós morreríamos da mesma forma que você morreria sem o coração que bate em seu peito.

Ele esticou o braço lentamente e, delicadamente, pousou três dedos sobre o tecido fino que cobria o peito esquerdo de Verão. Gabriella segurou o ar na garganta. Surpresa, ela o encarou em silêncio. Não tentou se mexer nem tirar a mão dele. Dessa vez, não havia nada de sexual ou provocador no toque dele que, ainda assim, a deixou surpresa do mesmo jeito.

— Apesar de toda a força, o coração é frágil — continuou ele. — Ele precisa estar cercado por grades de ossos para se proteger. O coração precisa ser protegido o tempo todo, a todo custo. — Ele virou as mãos. Agora, com a ponta dos dedos, um toque suave como pluma e incrivelmente delicado, Dilys acariciou a pele logo acima do decote do vestido de Verão. — Os filhos da Calberna são esses ossos. Nós somos a lança, a espada, o escudo

inquebrantável que protege o coração vulnerável da Calberna. Nascemos para isso. Nós vivemos para isso.

O corpo dela começou a tremer. Será que Dilys sentia a batalha sendo travada dentro dela? Ele fazia ideia de quão perto ela estava de se jogar nos braços dele e implorar que ele fosse o escudo inquebrantável dela?

— Ainda assim, eu não aguentaria dar meu filho aos cuidados de outra pessoa — disse a ele. A voz dela soou como um sussurro áspero. — Eu nunca deixaria alguém tirar meu bebê de mim. — O fogo aprisionado no fundo dela se incendiou só de pensar nisso.

Por fim, Verão encontrou forças para se recostar à cadeira e colocar uma pouco de distância necessária entre os dois.

Ele olhou para a mão ainda esticada, mas vazia, e franziu o cenho. Os dedos continuavam se movimentando ligeiramente como se acariciassem a pele dela. Ele fechou a mão em punho e a puxou para o lado do corpo.

Em seguida, tão rápido quanto surgiu, a estranha seriedade de Dilys desapareceu e foi substituída pelo sorriso leve e charmoso que Verão esperava ver no rosto dele. Ela podia voltar a respirar. Voltar a pensar. Verão pressionou a mão trêmula contra os lábios.

— Minha mãe sentia o mesmo que você. — Ele comeu uma pequena garfada do segundo prato de peixe. Era um linguado recheado com cogumelos salteados, cebolas verdes e farinha de rosca com ervas. — Mas eu fui prometido ainda criança a uma *imlani* de sangue real. Era imperativo que meu treinamento começasse o mais cedo possível. De qualquer forma, minha mãe fez as coisas do jeito dela. — Com os olhos visivelmente cheios de amor, ele deu um sorriso cheio de afeto. — A maioria dos filhos faz treinamento na academia em Cali Va’Lua. Minha mãe não deixou que eu fosse para lá. Ela permitiu que eu fizesse meus treinamentos no vilarejo na propriedade da família e forçou os instrutores a virem até mim. Foi o jeito dela de me manter por perto enquanto, na mesma época, os outros meninos já tinham deixado a família.

Verão ouviu praticamente nada depois da palavra “prometido”. O desejo que vinha tirando seu fôlego se esvaiu. No lugar dele surgiu a chama violenta de algo que era suspeitosamente parecido com um sentimento de posse.

— Você foi prometido? — Havia menção ao tema nos relatórios que tinha lido sobre ele.

— *Tey*, quando eu tinha 4 anos de idade. Foi um contrato de prometimento de longa data, forjado décadas antes de eu nascer.

Ali tinha história. E não era muito boa, a julgar pelo sorriso cada vez menor dele. A selvageria na alma de Verão apaziguou um pouco. Ela foi recuperando pouco a pouco a razão. Ele não estaria ali, cortejando-a, se tivesse uma esposa a espera dele na Calberna. Diferentemente dos vermesianos, os calbernanos não praticavam poligamia. E, levando em conta a forma como os calbernanos prezavam pela inviolabilidade de seus contratos, uma promessa entre duas das principais Casas do rainhado não teria sido quebrada por escolha.

— O que aconteceu?

— Ela morreu no mesmo acidente que matou nossa princesa herdeira, Sianna. Nossa rainha seguia a filha na morte poucos dias depois. Foi assim que minha mãe se tornou a *Myerial*.

— Sinto muito por isso.

— Obrigado. — Ele passou um dos dedos sobre o tecido alvo da toalha da mesa. — Mas essa ferida já não dói mais como antes. Nyamialine e eu éramos crianças quando ela foi tirada de mim, e nosso vínculo ainda não estava formado por completo.

Nyamialine. O nome da prometida de infância dele era Nyamialine.

Ele deu uma sacudidela nas tranças lançando-as em dança sobre as costas e disparou um sorriso delicado e caloroso que tirou o fôlego de Verão. Dilys se inclinou na cadeira, pegou uma flor de cor cremosa do canteiro e a ofereceu a Verão.

— Chega de conversa triste. Vamos falar de coisas mais felizes para aproveitarmos o resto de nosso jantar.

— Está bem. — Verão pegou a flor, levou-a ao nariz e inalou o perfume adorável dela. A tristeza, o constrangimento e a inexplicável erupção de ciúmes desapareceram todos ao mesmo tempo face ao sorriso e brilho no olhar calorosos de Dilys.

— Excelente. Você pode me contar sobre o seu trabalho na escola da rainha Khamsin. Vi como os alunos adoram você.

Eles se permaneceram em temas mais seguros e menos carregados emocionalmente durante o resto do jantar. Para sua surpresa, Verão achou a companhia Dilys realmente divertida: era inteligente, engenhosa, atenciosa, cheia de anedotas divertidas e emocionantes das muitas viagens. Ele também era um ótimo formulador de perguntas. Dilys conseguiu persuadir Verão a dar mais informações sobre si mesma do que ela jamais ofereceria intencionalmente.

Quando a refeição acabou e a esplêndida sobremesa preparada por Ingarra — um bolinho com glacê coberto por florezinhas lindas feitas em açúcar — era nada além de migalhas, Dilys acompanhou Verão de volta aos aposentos dela e se despediu.

Ele não tentou beijá-la. Nem nos lábios, nem mesmo na mão. Ele simplesmente permaneceu ao lado dela, alto e forte, e ofereceu-lhe um último presente: uma rosa perfeita. Só que a rosa que deu a ela dessa vez não vinha de um dos botões fortes que cresciam no frio da Cordilheira Invernal. Aquela vinha de uma das mudas híbridas mais delicadas que a mãe cultivava. Era uma rosa criada e cultivada exclusivamente no orquidário de Vera Sola, na Veralea. Tratava-se da delicada flor rosa choque claro, com bordas em um matiz mais suave e o núcleo surpreendentemente dourado conhecida como Beleza Radiante da Rainha Rosalinda.

Lágrimas brotaram nos olhos de Verão enquanto aceitava a flor. Mesmo ainda no clima de devolver todos os presentes dele, Verão não devolveria aquela rosa. Era como segurar um pedacinho de casa, uma memória querida da mãe, na palma das mãos.

— Ocorreu-me — disse ele — que estando longe da Veralea por tanto tempo, você poderia estar com saudades do lar, por isso pensei em trazer um larzinho para você aqui.

Ela acariciou as pétalas delicadas e aveludadas da flor e, em seguida, olhou para o rosto bonito e bronzeado dele. Olhou para o dourado dos olhos de Dilys, que brilhavam em um tom suave enquadrado pelos cílios e pele escuros. Olhou para as ondas azuis estilizadas serpenteando ao redor da maçã do rosto dele. Verão foi inundada de ternura por ele.

— Obrigada — sussurrou ela. Ela não sabia se a alguma das irmãs tinha contado a ele do apego especial que tinha às rosas da

mãe ou se ele simplesmente tinha adivinhado, mas, de todos os presentes que ele havia despejado sobre ela, aquele foi o que a tocou mais fundo.

Ele nunca lhe pareceu tão atraente como agora, naquele momento. Lá estava ele diante dela, um oásis de força e beleza sobrenatural dando-lhe boas-vindas. Tudo nele atraía os sentidos de Verão: o tecido suave do branco imaculado da *shuma* ao redor da cintura estreita, os pés descalços sobre o piso de mármore, a extensão larga e musculosa do peitoral e ombros dele, ombros que pareciam fortes o bastante para carregar o peso do mundo. Acima de tudo, ela se sentia atraída pela pele escura, quente e sedosa cujas tatuagens azuis furta-cor brilhavam em suas múltiplas curvas hipnóticas, sem falar no aroma de óleos exóticos que só aumentava o desejo dela de se aproximar e cheirá-lo da mesma forma que as flores que amava tanto.

Era como se cada parte do ser de Dilys estivesse diante dela murmurando suavemente: “Eu sou tudo o que você sempre quis. Sou tudo o que você vai precisar. Posso protegê-la, mesmo de si mesma, basta que me deixe amá-la.”

A Rosa de Verão pulsou quente no pulso. Era tão difícil — tão terrivelmente, dolorosamente difícil — ficar sozinha quando tudo nela alardeava a necessidade de se sentir completa.

Se ele se inclinasse naquele momento para beijá-la como a luz nos olhos de Dilys dizia que ele queria fazer, ela o permitiria. E retribuiria o beijo.

Ao invés disso, com um último sorriso leve, ele inclinou a cabeça e recuou um passo.

— Boa noite, princesa. Que seus sonhos sejam doces.

E logo estava se virando... partindo... e ido embora.

Gabriella permaneceu ao lado da porta por bastante tempo encarando o espaço vazio deixado onde Dilys estava. Ocorreu a ela que, além da resistência inicial e começo ruim no jantar, ela havia desfrutado a noite mais maravilhosa e perfeita de sua vida. Ela nunca tinha se deixado levar pela conversa com um homem como naquela noite — tampouco tinha revelado tanto de si mesma a alguém.

Ela nunca tinha experimentado uma sensação de paz e pertencimento tão perfeitas.

Uma sensação de estar em casa.

Muito depois de Amaryllis tê-la ajudado a colocar a roupa de dormir, Gabriella ainda permaneceu acordada na cama olhando para a rosa da Veralea que tinha colocado em um vasinho sobre a mesinha de cabeceira. Ela passou as poucas horas da breve noite do verão de Konumarr pensando seriamente em Dilys Merimydion, contemplando possibilidades de como seria a vida com ele e imaginado a si mesma permitindo-se amá-lo. Esperou que a conhecida sensação de terror surgisse e a envolvesse com suas garras. Esperou que o monstro urrasse em triunfo e se libertasse.

Pela primeira vez na vida, porém, o terror não veio e o monstro não despertou.

Capítulo 16

Em todos os dias da semana seguinte, Dilys passou várias horas cuidadosamente planejadas e frugalmente repartidas na companhia da mulher com quem planejava se casar.

Ele tomou cuidado de manter os próprios desejos guardados. Quanto mais a desejava, menos se permitia tocá-la. Ele tinha deixado muito evidente o desejo por ela. Agora era o momento de deixar a informação sobre tal desejo surtir efeito sobre Verão.

Dilys não duvidava que ela o desejava tão desesperadamente quanto ele a ela, mas Verão ainda se mostrava sensível e escorregadia demais para uma abordagem mais direta. Forçá-la a confessar o desejo não tinha funcionado. A resposta dela foi acusá-lo de usar magia e fugir. Tampouco a sedução funcionou. A resposta dela foi se culpar de ter perdido a capacidade de resistir a ele. Já a ausência *funcionou*, mas Dilys não conseguia ficar longe, não completamente. Com os dois unidos pela *liakapua*, eles precisavam passar tempo juntos, precisavam dividir emoções, partilhar toques.

Por isso, Dilys a via todos os dias por poucas horas. Ele abandonou todas as técnicas de sedução que tinha passado a vida inteira aprendendo para conquistar o vínculo com a *liana* de sua predileção. Em vez disso, ele simplesmente oferecia companheirismo a Verão quando estavam juntos. Oferecia amizade e risos. De vez em quando, até uma pequena aventura, algo para quebrar a monotonia segura da majestosa jaula real em que Verão vivia. Num dia, levou-a para caminhar nas montanhas. Noutro, levou-a para passear em um dos pequenos esquifes invernianos e ensinou-a a reconhecer os ventos e ajustar as velas. E, ontem mesmo, os dois foram coletar amoras-brancas com uma outra dúzia de casais e crianças. Depois, juntaram-se ao grupo em uma das praças da cidade, onde trocaram risadas por um par de horas e fizeram tortas com as amoras-brancas coletadas no passeio.

Gabriella — que nunca tinha feito algo assado na vida — acabou com praticamente a mesma quantidade de farinha que ia na torta no próprio corpo. Ainda assim, o dia foi muito agradável, as tortas ficaram uma delícia e, ao fim da tarde, ao acompanhá-la de volta aos aposentos, Dilys podia jurar que ela parecia triste com a separação.

Havia casamentos diários conforme as veraleanas e invernianas iam escolhendo seus parceiros entre os calbernanos. Dilys compareceu a várias cerimônias com Verão, incluindo o casamento da amiga dela, Lily, com Talin, o balista da nau de Dilys. Mesmo preocupada com Lily ter escolhido um parceiro tão rápido e imprudentemente, era nítido que Talin adorava sua nova *liana* e que seus cuidados faziam bem à moça. Lily continuava tímida — provavelmente sempre o seria —, mas havia nela uma pitada nova de confiança, uma prontidão maior para sorrir e dar risada. Quanto a Talin, ele ficou se pavoneando para um lado e para o outro com sua nova *obah*, sorrindo como um peixinho *koki* e se vangloriando da paternidade próxima, orgulhoso como se fosse o pai biológico do bebê.

Cada vez que Verão e Dilys ficavam juntos, ele tentava abordar de dezenas de formas diferentes o evento terrível na infância que a apavorou tanto a ponto de passar a vida inteira escondendo as emoções, aprisionando o próprio poder e representado a necessidade inata de uma Sereia de dar e receber amor.

Ela ainda não havia confiado o segredo a ele, mas a paciência de Dilys estava dando frutos. Verão estava cada vez mais reservada nas conversas. Ela parou de mentir constantemente para ele... bem, pelo menos na maior parte do tempo. Parou de tentar colocar o máximo possível de distância física entre os dois. Agora, na verdade, era frequente que ela escolhesse diminuir a distância ao invés de aumentá-la. E ontem, quando ele a levou de volta para o quarto, Verão se inclinou a ele com as bochechas levemente coradas; Dilys sabia que podia ter abaixado a cabeça e a beijado sem que ela tentasse impedi-lo.

Mas Dilys não queria o consentimento passivo de Verão.

A próxima vez que a beijasse, queria que fosse por iniciativa *dela*.

Dilys só esperava que esse momento chegasse logo pois ter que se segurar estando ao lado dela o estava matando. Cada momento na companhia de Verão era um tormento maravilhoso que o deixava acordado na cama todas as noites, atormentado pelo desejo e pela necessidade.

Ele se reconfortava com a ideia de que as vitórias mais preciosas eram as que custavam mais esforço. Quando a Sereia finalmente o reivindicasse por direito, todas as noites insones e todos os momentos dolorosos de privação teriam valido a pena.

Ao menos era isso que Dilys dizia a si mesmo sempre que tinha que lutar para reprimir o próprio desejo e vestir a cada vez mais torturante máscara de Dilys, o Pretendente Paciente antes de se encontrar com a Sereia que estava decidido a conquistar.

Dilys fez uma careta ao ver o próprio reflexo no espelho enquanto arrumava o caimento da *shuma* verde, azul e dourada. Em seguida, fez um ajuste desnecessário no cinto incrustado de esmeraldas e safiras, e desceu as escadas para buscar a futura esposa para a aventura do dia.

Verão e Dilys tomaram um chá da tarde leve acompanhado de dezenas de bolinhos com cobertura de glacê que ela tanto gostava e uma bandeja repleta de chocolates pecaminosamente deliciosos da butique de Zéfiro Hallowill. Verão não conseguiu se decidir entre um e outro e acabou comendo bastante de ambos de seus confeitos prediletos. Dilys não parecia se incomodar com a gulodice dela. Ele apenas sorria com prazer complacente e oferecia mais bolinhos e chocolates, desfrutando do prazer dela como se fosse seu.

— Você não vai achar tanta graça quando eu tiver o dobro do peso — ela o alertou.

Ele apenas sorriu e terminou de beber o chá da xícara.

— Se isso te preocupa, venha caminhar comigo depois. Estou querendo entrar no labirinto do jardim oeste. O Ryll me contou que tem uma fonte linda no centro.

Ela segurou o braço dele e o deixou conduzi-la pelos terraços com jardins até o labirinto de quatro acres feito de abetos que percorria as margens do fiorde a oeste do palácio. O labirinto, criado há vários séculos por uma das rainhas da Cordilheira Invernal, era

divertidíssimo. Além dos muitos caminhos sinuosos, ele incluía seis pontes de pedra e madeira pintada que passavam sobre as altas sebes, dando aos caminantes uma vista elevada do labirinto por vários ângulos.

Enquanto caminhavam pelo labirinto e conversavam, acabaram de alguma forma no assunto da promessa de casamento de quando Dilys era criança. Gabriella não sabia muito bem como o assunto veio à baila, mas, assim que aconteceu, ela se percebeu cada vez mais tensa e levemente irritadiça. Dilys, é claro, percebeu isso na hora.

— O que foi?

Ela tirou um galho cheiroso com espinhos suaves de um dos abetos e abaixou o olhar enquanto o girava nos dedos.

— Nada. Não sei... Não consigo imaginar você prometido a alguém. — Ela jogou o galho fora.

Ele se inclinou para pegá-lo.

— Talvez, *moa leia*, não é que você não consiga me imaginar prometido a outra, mas que você não queira imaginar isso.

Ela lançou a ele um olhar cortante.

— Tenho certeza de que não é isso.

Ele deu um sorrisinho irônico.

— Você continua tão rápida em me negar toda e qualquer chance. Por que isso?

— Eu disse desde o começo que não vou me casar com você.

— Você disse, sim — concordou ele —, mas nunca me disse o porquê. O que torna a perspectiva de ser minha esposa tão pouco atraente? Não sou um homem violento nem sem graça. Nós gostamos da companhia um do outro e nunca ficamos sem assunto. Além disso, é claro, não tínhamos como ser mais compatíveis no sentido sexual.

Ela corou e lançou um olhar de alerta a ele. Dilys apenas sorriu e continuou listando todos os motivos por que seria um ótimo marido para ela.

— Eu sou calbernano, então você sabe que eu nunca a magoaria ou trairia. Tampouco tentaria controlá-la.

— Não, você só me seduziria para fazer o que você quer.

Os olhos dele cintilaram quentes luzes douradas.

— Um homem precisa saber estratégias para que a mulher amada não passe por cima dele. Como ela poderia amá-lo de outra forma? — Ele passou as agulhas macias do ramo de abeto sobre os lábios de Verão, carícia delicada que a fez perder um pouco do ar e recuar um passo.

— Você não me a-ama. — Ela gaguejou no a do amor. — Não tem como.

— Não tenho como? — Ele ergueu o ramo de abeto aos próprios lábios. Verão assistiu a tudo com atenção arrebatada. Era quase um beijo. Dos lábios dela para os dele, tomando por mensageiro o pequeno ramo cheiroso. — Eu acho que tenho como.

— Você não sabe nada sobre mim!

— Imagino que sei mais de você do que seu pai sabia sobre sua mãe, quando os dois se casaram. Além de ter me familiarizado com as informações preparadas pelo conselho da Rainha, passei o último mês aprendendo tudo o que podia sobre você. Seus gostos e aversões. Como fazê-la sorrir, mesmo quando você não quer. Como saber quando você está mentindo, o que, aliás, você faz com uma frequência abominável, ao menos quando o assunto não é de seu agrado. Sei que você gosta de crianças e de coisas femininas. Sei que você seguiria Hekane até o Hel se ela fizesse uma trilha de chocolates do Zéfiro Hallowill. Sei que você gosta de mim, mais do que gosta, mas que, por motivos que ainda não consegui determinar, não compartilhe isso comigo. E eu sei, Gabriella Coruscate — ele esfregou o raminho de abeto contra os lábios dela outra vez, inclinando-se mais para perto de modo a acariciar a boca dela da mesma maneira — que você é tudo o que eu poderia desejar, tudo o que eu poderia precisar, tudo o que eu sou capaz de pensar em termos de unir minha vida à de outra pessoa.

— É uma pena, pois nesse caso você deve estar extremamente decepcionado. — A intenção dela era que a piada soasse leve, uma réplica picante que mostrasse a Dilys que a declaração dele não significava nada para ela. Ah, mas como a garganta dela estava seca e apertada, a voz de Verão saiu mais como um sussurro trêmulo do que uma tréplica aguda.

— É uma pena, pois *nós dois* devemos estar extremamente decepcionados — corrigiu ele. Dilys enfiou o raminho de abeto no

bracelete como se fosse uma lembrança querida daquele momento. — Eu posso dar a você tudo o que você sempre sonhou ter, Gabriella, basta que você me permita fazê-lo.

— Eu já tenho tudo que preciso. — Ela se virou e olhou para a trilha do jardim. Era perigoso ficar muito tempo na companhia de um calbernano alto, negro e impenitentemente másculo obstinado em seduzir.

Ele se aproximou dela.

— Isso é mentira — murmurou ele com os lábios tão próximos do ouvido dela, que Verão quase desencarnou. — Você quer um marido. Você quer filhos. Quer um amor. Eu posso dar todas essas coisas a você. — A voz de Dilyls penetrou a pele de Verão, fazendo a pele dela se arrepiar e os seios se intumescerem.

Pelo amor de Helos. Ela queria mesmo. Queria tudo aquilo. Ela o queria. Queria se lançar nos braços dele, prometer-lhe dar tudo o que ele pedia e receber tudo o que ele oferecia. Verão queria se unir a ele para todo sempre e com a força daquelas tatuagens azul furta-cor brilhantes: de forma permanente e explícita, à vista de todos. Para que nenhuma outra mulher pudesse conhecer o brilho provocante e sedutor daqueles olhos ou ouvir o próprio nome sussurrado por aquela voz grave e aveludada.

— O preço é alto demais — arguiu ela.

— Quê preço?

Verão tinha entrado por uma viela errada no labirinto e terminado num beco sem saída. Encurralada, ela se virou e, na esperança de obter um alívio, cuspiu a verdade.

— Do amor!

Ele apoiou as mãos na sebe dos dois lados da cabeça de Verão, de modo que ela se viu levemente presa entre ele e a parede do labirinto.

— Conte-me por que o amor machuca tanto você, Gabriella. Tem uma ferida em sua alma, uma dor da qual você nunca fala. Eu sei disso, pois eu também conheci a dor e o sofrimento. Falar sobre ajuda.

Gabriella sentiu novamente aquele empuxo profundo no âmago. O impulso de se abrir e desnudar a própria alma a ele. Ela balançou a cabeça.

— Não, não ajuda.

— Tente. Converse comigo, Gabriella. Solte o fardo que você insiste em carregar. Entregue-o a mim. Sou forte o bastante para carregar os problemas de nós dois. Deixe-me ajudá-la.

— Eu estou bem — insistiu ela. Verão recusou-se a olhar nos olhos dele. Se o fizesse, ela se entregaria. Ela sabia disso.

— Nesse caso, devo contar a você sobre Nyamialine?

Ela encolheu os ombros e arriscou lançar um olhar ao rosto dele.

— Se assim quiser. — Se Verão tivesse força de vontade, teria dito que não. Ela devia ter dito não. Mas a parte dela que o achava atraente estava sedenta de saber tudo sobre ele, incluindo a história de seu primeiro amor perdido. Dilys não falava sobre sua prometida da infância desde a noite do jantar no jardim.

— Ela se chamava Nyamialine Calmyria. Ela era irmã do Ari.

Isso surpreendeu Verão. Sem refletir, ela ergueu o olhar e foi subitamente aprisionada pelo olhar dourado de Dilys.

— Do Ari?

— *Tey*. Esse é um dos motivos para sermos amigos tão próximos. Nossa conexão vai além do sangue de nossos parentes. — Ele se endireitou um pouco e recuou com uma das mãos, usando-a para agarrar um cacho do ombro de Verão e enrolá-lo com o dedo. — Fomos prometidos no dia do nascimento dela. Eu tinha 4 anos.

— É muito cedo.

— Na Calberna, as filhas *imlani* são tão raras e preciosas que os contratos de prometimento são escritos com décadas, às vezes séculos de antecedência. Como já lhe contei, o contrato entre mim e Nyamialine foi desse tipo, redigido muito antes do nascimento do meu avô.

— Seus pais não fizeram nenhuma objeção?

— Por que eles fariam objeções? A Calmyria é uma boa Casa, muito poderosa, descendente de rainhas e Sereias, como a minha. Casar um filho com a Casa Calmyria é uma grande honra. Ari e eu teríamos nos tornado irmãos de verdade, não só de coração.

— Mas vocês têm a vida inteira traçada por outra pessoa antes mesmo de nascerem...

— Que nem a sua? — Ele balançou a cabeça. — Gabriella, você nasceu princesa da Veralea e Herdeira da Rosa. Eu conheço os

costumes de seu povo. Eventualmente, quando seu pai estivesse pronto para entregá-la em casamento, você se uniria a um príncipe de alguma terra próxima em benefício de sua família e da Veralea. Você nega isso?

Ela fez uma careta.

— Não. — É claro que aquele seria o destino dela. As princesas e os filhos não primogênitos de uma casa real eram isso: capital humano usado para ganhos políticos, econômicos e diplomáticos.

— E aqui estou eu, príncipe de uma terra próxima, oferecendo-lhe um casamento que beneficiará sua família, Veralea e a Cordilheira Invernal e garantias de que vou me dedicar à sua felicidade e alegria. O que nisso assusta você?

Ela estava cansada de ficar encurralada entre ele e a sebe. Verão passou por debaixo do braço dele e começou a caminhar bruscamente na direção da próxima intersecção do labirinto.

Com suas passadas longas, Dilys a alcançou antes que ela tivesse dado quatro passos. Ele, no entanto, não continuou a pressioná-la.

— As filhas da Calberna são criadas com amor e todos os cuidados, *tey*, mas também são criadas para governar. Governar suas famílias, suas Casas e mesmo o Reinado da Calberna. Você insiste em achar que o casamento é uma armadilha imposta pelos homens sobre as mulheres pois é assim que ele costuma ser usado no resto do mundo. Este é um crime que nós, calbernanos, achamos repugnante. A força da Calberna é emanada de nossas mulheres. Nós as protegemos e amamos, não as aprisionamos.

— E se a Nyamialine decidisse que não queria se casar com você?

— Isso nunca aconteceria. Eu seria o que ela precisasse que eu fosse.

— E quanto ao que você precisa?

— O que eu preciso, Gabriella, é uma esposa que eu possa amar. Uma companheira que seja devotada a mim como eu serei devotado a ela. Eu preciso que o vazio dentro de mim finalmente seja preenchido.

Ela engoliu seco. A despeito de toda arrogância, força e bravatas, essa última confissão proferida em voz rouca revelava uma

vulnerabilidade profunda que Verão não suspeitava existir. Ele era um homem solitário com um coração desejoso de amor e de um lugar para si.

— Você não deveria precisar de outra pessoa para se sentir completo.

Ele pestanejou... e em seguida caiu na risada. Não havia traço de sarcasmo ou zombaria naquela risada. Era mais uma risada de surpresa.

— Mas eu preciso, Gabriella. Sou calbernano. Precisamos da completude de uma parceria da mesma forma que precisamos de ar para respirar e comida para nos nutrirmos. Como já lhe disse, os calbernanos são um povo simbiótico. Da mesma forma que nossas mulheres não conseguem sobreviver sem o amor de seus parceiros e familiares, nossos homens não conseguem sobreviver sem a força e amor de nossas mulheres. É de nossas mulheres, de nossas parceiras *imlani*, que nossa magia flui. Esse poder dentro de você, essa força tão imensa que te dá medo, nunca devia ter sido contido. Não era para ele estar retido dentro de você. Ele é feito para ser compartilhado com seu parceiro, seus filhos, sua nação. Isso é ser uma Sereia.

Havia algo de deslumbrante na vida que Dilys estava descrevendo. A ideia de fazer parte de algo maior do que si mesma. Algo irresistivelmente pleno e integral. Verão quase sentia a necessidade e o amor dele irrompendo sobre ela como ondas na praia, extraindo dela força e amor, e retribuindo com o mesmo num ritmo perfeito de vida e de paz.

Ela quase era capaz de sentir o monstro dentro de si se tranquilizando, deixando de se debater contra a jaula ou de ameaçar destruir tudo. Sentia-o alimentando a força de Dilys e de outras pessoas, nutrindo ao invés de destruir; não mais temendo o amor, mas abraçando-o.

Que sonho perigosamente sedutor...

Verão se virou e começou a caminhar de novo, dobrando à direita ao chegar em outra intersecção. Dilys a acompanhou de perto.

— O que foi? — perguntou ao se aproximar. — Do que você está fugindo agora?

— Como a Nyamialine morreu? — rebateu ela.

Dilys soltou um suspiro diante da esquiva de Verão, no entanto, mesmo assim, contou-lhe do incidente que custou tantas vidas.

— O parceiro da *Myerial* e todos os homens solteiros das Casas Merimynos e Calmyria com mais de 14 anos tiraram a vida em sinal de luto — disse, concluindo a história.

— O quê? — Ela olhou para ele horrorizada. — Isso é bárbaro!

— É o costume dos calbernanos. A morte de mulheres *imlani* de duas das Casas mais poderosas da Calberna não foi uma perda pequena.

— E a resposta de seu povo a ela foi causar mais mortes?

Ele respirou fundo e soltou o ar de maneira a fazer Verão pensar que ele estava tentando manter a paciência.

— Não acabei de contar a você sobre a natureza dos calbernanos? O sacrifício foi um índice de nosso luto, sim, mas também foi necessário para prevenir que as Casas Merimynos e Calmyria se enfraquecessem demais. Nós não temos Sereias, Gabriella. Apenas uma Sereia com um poder como o seu teria sido capaz de prover forças o bastante para tornar o sacrifício de tantos desnecessário. O parceiro da *Myerial* teria morrido de qualquer forma, mas os outros... muitos deles podiam ter sido salvos. Você poderia tê-los salvado. O seu poder, o dom que você teme a ponto de não conseguir falar sobre, esse poder poderia tê-los salvado.

Ela o encarou. Verão nunca pensou em seu monstro pessoal como algo além de um perigo a ser contido.

— Disso você não sabe. Você não sabe nada sobre meu poder. Você não entende o que ele é capaz de fazer.

— Então me conte, Gabriella. Conte-me o que ele é capaz de fazer. Conte-me por que você o teme tanto.

Dilys queria se aproximar dela, abraçá-la, ajudá-la a encarar os demônios do passado. Ele lutaria como pudesse contra eles. Mas Verão não tinha dado esse direito a ele... e tinha deixado claro que não ficaria feliz se ele o tomasse para si. Por isso, Dilys permaneceu imóvel diante dela e desejou silenciosamente que ela se abrisse e lhe confiasse os segredos e verdades. Que os compartilhasse como ele havia feito.

Por um momento angustiante, ele achou que ela ia rechaçá-lo outra vez. Verão, no entanto, começou a falar:

— Você sabe a história do meu pai. Como ele morreu. As coisas que ele fez. — Verão tirou um raminho da sebe e começou a desnudá-lo dos espinhos folha por folha. — A Tempestade tentou esconder ao máximo de nós a pior parte da história, mas, certa vez, eu a ouvi de canto de ouvido enquanto conversava com o Wynter. Eu sei que nosso pai tentou matá-la mais de uma vez. Sei que ele quase conseguiu. — Ao sentir a emoção transbordar, ela enrugou as sobancelhas. — Nosso pai, m-meio pai, era um monstro.

— Ele não estava bem — concordou Dilys, delicadamente.

— Ele estava louco. — Ela amassou o resto do ramo e o deixou cair. — Ele amava minha mãe tão profundamente que, quando a perdeu, perdeu a cabeça também. — Os lindos olhos dela se encheram de lágrimas. Ela tentou segurá-las olhando para o céu, piscou rapidamente, mas elas lhe escaparam pelo canto dos olhos, escorrendo pelas têmporas até o cabelo.

Não tinha como ele manter distância dela. Não com a dor dela jorrando pelos olhos. Ele a tomou nos braços.

— Eu lamento, *moa leia*. Lamento sua dor. Mas o que aconteceu com ele não tem nada a ver com você.

Ela se afastou.

— Eu sou igual a ele! Você não percebe? Eu sou igual a ele! — Ela se virou e saiu em disparada.

Dilys correu atrás dela. Como ela estava indo para o centro do labirinto, e não para uma das saídas, ele esperou que ela diminuísse a velocidade para alcançá-la. Quando isso aconteceu, ela estava mais calma. As lágrimas tinham parado de cair.

— Você não tem nada a ver com ele, Gabriella. Não teria como ser. Você é uma Sereia. Seu coração é cheio de amor. Você nunca seria capaz de ficar obcecada com ódio e ganância por poder da forma que seu pai ficou no final da vida. Não faz parte de sua natureza.

— Como você pode provar o que diz? Posso até ser uma Sereia, mas, se sou, sou a primeira de minha raça. Uma Sereia com sangue veraleano, não calbernano. Quantas das suas Sereias da antiguidade tinham o poder do Sol e quem sabe quantas outras

formas de magia ancestral na veia, igual a mim? — Os dois chegaram ao centro do labirinto. Ela caminhou pela grama até a fonte e encarou firmemente a água. — Você acha que sou uma Sereia. Todos os demais acham que sou igual a minha mãe. Todos vocês acham que sou boazinha, calma e gentil, que eu nunca seria capaz de machucar alguém... que eu nunca faria algo horrível... Mas vocês todos acham isso porque é isso que eu quero que você achem. Se vocês soubessem como eu sou de verdade...

— Gabriella.

— Eu sou filha de meu pai.

— Não, você não é.

O rosto dela se enrugou todo em uma expressão de angústia afetuosa, como se ela amasse e odiasse ao mesmo tempo a forma como Dilys partiu imediatamente em sua defesa.

— Sim, Dilys, eu sou. O monstro que vivia nele vive em mim também. Você viu o que eu fiz com o pai da Lily.

— Eu vi. E se você não tivesse matado aquele *krillo* miserável, eu o teria matado. Seu cunhado o teria matado. Todos os meus soldados, todos os soldados da guarda do seu irmão, mesmo sua irmã Khamsin o teria matado. Você olharia para todos nós horrorizada e nos chamaria de monstros?

— O pai da Lily não foi a primeira pessoa que matei, Dilys.

Capítulo 17

Pronto. Ela falou. Tinha confessado a terrível mancha sombria que trazia na alma.

Diante dele, Verão estava de punhos cerrados e com o peito ofegante, como se tivesse corrido uma maratona.

— Conte para mim — disse ele. Dilys segurou as mãos dela. Não havia traço de horror nos olhos dele, nenhum traço de medo, só acolhimento, compaixão e aceitação. Um por um, ele foi abrindo os dedos firmemente fechados, beijou as duas palmas das mãos e pressionou as mãos de Verão contra o peito. Sobre elas, pousou as próprias mãos, como que para ancorá-las ali. Enquanto isso, ele manteve os olhos nos dela. Fixos. Acolhedores. Inabaláveis. — Conte para mim — disse outra vez.

Nesse momento, enquanto encarava o mar infinito banhado de sol dos olhos quentes e dourados dele, Verão praticamente ouvia a voz dele, suave e doce, sussurrando uma canção de encanto: *Dê-me sua dor*, moa kiri. *Deixe-me carregá-la para você. Deixe-me libertar você.*

A boca dela tremulou. Pelos deuses, ela queria poder fazer isso. Verão nunca quis tanto ser a mulher doce, amável e boazinha que o mundo achava que ela era. Nunca quis tanto que sua alma fosse imaculada, que o monstro não existisse. Se ela fosse tudo o que havia passado a vida fingindo ser, ela poderia se jogar nos braços dele e se render às promessas do paraíso. Ela poderia aceitar os cortejos e o amor de Dilys. Permitir-se amar em contrapartida.

Essa simples ideia lhe dava vontade de chorar.

Havia uma dor terrível e angustiante dentro dela. Um choro de criança alto, de lamento. Outras vozes também, gritos agudos. Homens e cavalos. Desesperados. Fora de si. Sons do terror irracional e abjeto que as criaturas emitem quando a morte se aproxima com sua mão violenta e agonizante.

Ela teria tapado os ouvidos com as mãos para calar os gritos, mas Dilys as estava segurando.

— Conte para mim, Gabriella.

Ela fechou os olhos, ergueu a cabeça e perdeu um pouco do equilíbrio, de modo a única coisa que a impediu de cair foram as mãos ancoradas contra o peito dele.

— Eu os matei. Matei todos eles.

— Quem, *moa kiri*?

— Um homem e três meninos. Lá em Vera Sola. — Sob as mãos que a ancoravam, os dedos de Verão se fecharam e cravaram na carne musculosa do peito de Dilys. A visão de mil pesadelos se ergueu diante dos olhos dela. Olhos ferozes e aterrorizados. Bocas abertas, gritando.

— Quem eram eles, Gabriella? — A voz de Dilys a chamou de volta do passado. Arrastou-a de volta aos jardins do palácio de Konumarr. De volta para ele.

Ela abriu os olhos e encarou Dilys.

— O chefe do estábulo e os três filhos dele. Todos acham que eles morreram em um incêndio, mas não. Eu os matei do mesmo jeito que matei o pai da Lily.

Se Verão esperava que Dilys fosse recuar, ela se decepcionou. Ele permaneceu firme e imóvel como uma rocha. Calmo e paciente. À espera dela.

— Conte para mim — disse ele em tom de voz suave como as asas daquelas borboletas que tinha lhe dado naquela manhã, mas também insistente como o mar. E, como esse mesmo oceano, ele era capaz de desgastar a mais dura das pedras. Dia a dia, hora a hora, ele quebrava contra os muros de granito que Verão havia erguido em torno do próprio passado. Muros que, agora, com um último estremecimento de protesto, ruíam. As respostas que Dilys vinha escavando para obter durante todas aquelas últimas semanas agora jorravam como água pelas fendas de uma barragem rachada.

— Eu não podia mais ter animais de estimação. Nenhuma de nós podia. Meu pai dizia que era uma má ideia. No final das contas, ele tinha razão. — Ela conseguia sentir o coração potente de Dilys batendo na palma da mão. Batendo lento, firme. — O menino do estábulo tinha filhotinhos. A Primavera saiu escondida para brincar

com eles e eu fui atrás. Eu tinha 4 anos. Fiquei apaixonada por eles de cara. — Verão pestanejou. — Eu sempre senti as coisas com mais intensidade do que Falcão ou minhas irmãs. Minha mãe dizia sempre que eu tinha puxado isso a ela, mas que meu temperamento era do meu pai. Não é uma combinação muito segura.

Como se ainda fosse aquela criancinha, a raiva fez o peito de Verão arder e o estômago doer. Ela fechou as mãos em punhos bem cerrados. A raiva fez a garganta dela secar e apertar enquanto despejava o que fervilhava no coração.

Era um sentimento terrível e desconfortável. Verão era uma princesa de natureza doce e solar. Era comum as outras se enraivecerem e trovejarem — especialmente a irmã mais nova —, mas Verão nunca o fazia. Ela não gostava de chatear as pessoas. Isso fazia a pele dela pinicar e os ossos doerem. Ela queria deixar as pessoas contentes. Nesse aspecto, era como a mãe. Ambas se davam melhor em ambientes calmos e cheios de amor. Ambas absorviam a bondade como uma rosa absorve a luz do sol. É o que nutria a alma delas.

Quando, porém, Verão ficava com raiva, ela literalmente era capaz de sentir um fogo crepitando dentro de si. Um fogo violento. Perigoso.

A mãe, evidentemente, sabia desse fogo, da mesma forma que sabia tudo sobre os filhos.

— Olhe para mim, Gabriella — costumava dizer a mãe naquele tom de voz gentil e implacável que não tolerava desobediências, teimosias ou coisas do tipo. Normalmente, a mãe chamava Verão pelo dom de seu batizado, como a maioria das pessoas; quando, porém, a chamava pelo nome de batismo, significava que aquilo que estava prestes a dizer era para ser ouvido e acolhido. Às vezes, o que era para ser ouvido e acolhido eram palavras de amor e orgulho, gotas preciosas de luz dourada que banhavam por completo a alma de Verão. — Eu te amo, Gabriella, minha menininha amada. Os deuses me abençoaram, Gabriella, dando-me uma filha tão doce e tão carinhosa. Você me dá muito orgulho, Gabriella.

Às vezes, porém, o que era para ser ouvido e acolhido eram palavras de ensinamento ou de repreensão gentil. Esse era o caso

de quando o fogo ardente da raiva queimava no coração de Verão a ponto de ela achar que ia explodir.

— Olhe para mim, Gabriella — dizia a mãe nesses momentos. — Olhe para mim agora, minha querida. Deixe passar, Gabriella. Fique calma. Essa é minha menina. Pronto, passou. Você é uma menininha tão boazinha. — Nesses momentos, quando o fogo estava seguramente contido e a marca de nascença em forma de Rosa no pulso direito de Verão não queimava mais como carvão incandescente na carne, a mãe a acolhia nos braços e, com seu amor tranquilo, doce e nutritivo, envolvia a filha em um mundo de paz, calma e bondade. Nesse momento, tudo voltava ao normal.

Só que a mãe não estava presente nos estábulos naquele dia e Verão — bem protegida, mimada, cercada de amor — nunca tinha vivenciado a dor, o horror e a fúria combustiva que irrompia nela ao perder o que amava.

— O que aconteceu com os cachorrinhos que amava, Gabriella?

Levemente confusa, com o pensamento ainda mergulhado em memórias, ela pestanejou e olhou para Dilys.

— Eles morreram, é claro. Mas disso você já sabia.

— *Tey, moa leia.* Eu suspeitava. — Os dedos entrelaçados aos dela faziam carícias leves, delicadas e sutis. — Fale comigo, Gabriella. Conte-me o que aconteceu. — A voz dele soava calma como um lago imóvel no alto de uma montanha. De alguma forma, ela tornava mais fácil que as palavras fossem ditas.

— Não foi culpa de ninguém. Eles eram filhotinhos e não deviam estar nos estábulos. Meu pai tinha comprado um cavalo novo. Era um garanhão caro, puro sangue. Os filhotinhos saíram da baia deles. O chefe do estábulo e o filho mais velho dele estavam trazendo o cavalo de volta à baia, tentando acalmá-lo... mas os filhotinhos devem tê-lo assustado.

Até aquele dia, Verão não gostava de cavalos. Não conseguia chegar perto deles. Ela cavalgava, é claro, mas apenas com éguas mansas ou machos castrados e tranquilos. Além disso, desde o ocorrido, nunca mais pisou dentro de um estábulo.

— Minha mãe, meu pai e meus irmãos tínhamos acabado de voltar de um passeio quando tudo aconteceu. Eu ouvi gritos e latidos e fui correndo aos estábulos antes que alguém pudesse me

deter. Vários dos filhotinhos já estavam mortos quando cheguei lá. O garanhão e mais uns seis cavalos estavam descontrolados, pisoteando tudo ao redor. A mãe dos filhotinhos estava rosnando para ele, tentando proteger as crias. Quem poderia culpá-la? O chefe do estábulo e os filhos dele tentavam acalmar o garanhão, mas os filhotinhos o tinham rodeado e só pioravam a situação latindo e indo para debaixo das patas dele. Tudo aconteceu ao mesmo tempo. A mãe dos cachorrinhos mordeu a perna dianteira do cavalo e ele caiu. O filho mais velho do chefe do estábulo chutou uma das filhotinhas e ouvi a coluna dela quebrar. Foi quando eu intervi.

Pelos deuses, o fogo e a fúria crepitavam dentro dela. O mesmo uivo trêmulo de raiva que irrompeu do frágil peito dela aos 4 anos de idade.

— A filhotinha que ele chutou... era a que eu mais amava. Eu estava planejando levá-la escondida para os meus aposentos para cuidar dela. E ele a tinham matado. Por isso eu os matei.

Verão olhou para Dilys e se recordou do que sentiu depois de ter despejado toda a raiva. Depois de o chefe do estábulo, os três filhos e o cavalo aterrorizado, de olhos esbugalhados, terem caído se contorcendo no chão como se todos os ossos e órgãos tivessem explodido dentro da carne, transformando-os em sacos flácidos e sangrentos de pele... Ela os encarou, encarou os seres humanos que tinha matado, e, pela primeira vez na vida, não sentiu *nada*. Ela se sentiu esvaziada, como se tivesse aberto um buraco nas entranhas e virado um casco fino e sem conteúdo.

— Não sei o que iniciou o incêndio. Talvez também tenha sido minha culpa. Ou de alguma lâmpada que caiu. Ou talvez tenha sido meu pai, depois de ver o que eu tinha feito. De qualquer forma, ele e minha mãe fizeram todos acreditarem que foi o incêndio que os matou.

— E fizeram certo. Você era só uma criança, Gabriella. Não foi culpa sua.

Ela ignorou a absolvição de Dilys. Ela não mudava em nada o ocorrido. Tampouco ela a merecia.

— Depois desse dia, meu pai baniu todos os animais de estimação da Vera Sola. Todos os cães e gatos foram retirados da

cidade. Eu fui proibida de ir aos estábulos e, sempre que eu cavalgava, eles se certificavam de que eu não usasse nunca o mesmo cavalo para que eu não me apegasse a ele. Eu fui proibida de brincar com as outras crianças até que soubesse me controlar. Minha mãe me ajudou a trabalhar nisso diariamente.

Verão recordou a sensação das mãos da mãe segurando seu rostinho. Lembrou-se dos olhos da mãe fixos nos dela, inabaláveis, abrandando o fogo que se alastrava na alma de Verão.

— Há um poder enorme em você. Por isso, você deve, *deve*, controlá-lo, Gabriella. É seu dever controlar suas emoções, caso contrário poderá machucar as pessoas. E sei que isso é algo que você não gostaria de fazer.

Por isso, Gabriella aprendeu a controlar a raiva e a reprimir os sentimentos ruins, violentos e ardentes. Aprendeu a fazê-lo para a mãe. Pois a mãe era a ancoragem de Verão durante as tempestades, da mesma forma que ela era a do pai. Uma ancoragem gentil, firme, inabalável.

— Foi difícil depois que minha mãe morreu — Verão disse a Dilys. — Mas eu vi como meu pai desprezava a Tempestade, mesmo ela sendo apenas um bebê, por não ser capaz de controlar os próprios dons. A ideia de que ele me odiasse do mesmo jeito era insuportável. — Ela encolheu os ombros. — Por isso, aprendi a ficar longe das coisas que me trouxessem sentimentos muito intensos. Aprendi a evitar emoções extremas e a fazer as pessoas ao meu redor ficarem felizes para que, por extensão, eu também ficasse.

— Daí eu apareci na história.

— Daí você apareceu na história.

— O que eu faço você sentir, Gabriella?

Ela ergueu o olhar. Tracejou com o olhar as linhas bonitas e fortes do rosto dele.

— Muito — confessou ela. — Além de qualquer conta.

Emoções irromperam na alma de Dilys como a luz do sol que irrompe de trás das nuvens depois de uma tempestade em alto-mar. Elas o inundaram com a mesma sensação de alívio e satisfação de uma luta bem vencida, a mesma sensação profunda de espanto diante da beleza e dos desafios desse mundo maravilhoso. Daquela

mulher que, de alguma forma, em um período muito curto de tempo, tinha se tornado seu mundo. Mundo não menos maravilhoso do que o outro, cujos mares Dilys navegou a maior parte de sua vida.

— E se eu promettesse a você que nunca mais precisaria temer seus poderes, *moa kiri*? Você me deixaria amá-la?

Os dedos de Verão espalmados sobre o peitoral de Dilys tremiam. Ou talvez fosse ele quem estava tremendo. Ele não tinha certeza.

— Você não tem como prometer isso — disse ela.

— E se eu pudesse? E se eu pudesse prometer que você nunca mais vai machucar alguém, por acidente ou não, você pararia de me rechaçar?

Os olhos de Verão estavam enormes e profundamente azuis. A boca macia dela tremia. Ela parecia tão incerta. Medo e esperança oscilavam indecisamente nos pratos de uma balança delicadamente equilibrada. Dilys nunca quis beijá-la tanto quanto naquele momento.

Mas não o fez. Tinha que vir até ele. Tinha que tomar a decisão.

— Não — disse ela em um sussurro tão baixo, que ele teve que se esforçar para ouvi-la. — Não, eu não o rechaçaria.

— E você se permitiria me amar? Seria capaz disso? De me amar?

Ela abaixou as pálpebras. A cabeça de Verão se inclinou, deixando a Dilys a vista da partilha perfeita dos cachos brilhantes de seu penteado engenhosamente arranjado. Era um cabelo tão sedoso e preto quanto o de qualquer *imlani*.

— Se não fosse um perigo a todos ao meu redor? Se eu poderia amar você assim? Imagino que sim. — Ela puxou as mãos sobre o peitoral dele com força o bastante para que ele tivesse que soltá-la. — Mas isso não importa — acrescentou. — Você não tem como mudar quem eu sou.

Dilys cogitou que ela pudesse fugir naquele momento. Que fosse tentar abrir o máximo de distância entre os dois. Ela era como uma tartaruga sem casco, vulnerável, e era especialista em fugir de pessoas e situações que a faziam se sentir assim. Verão, no entanto, não fugiu, ao que o coração de Dilys quase explodiu de orgulho, esperança e amor tão fortes que lhe trouxeram lágrimas aos olhos.

— Não há nada em você que eu gostaria que mudasse, Gabriella Aretta Rosadora Liliana Elaine Coruscate — disse-lhe, em tom rouco. — Você é perfeita do jeito que é. — Surpresa, ela ergueu o olhar. Dilys sorriu com a reação dela. — Pense nisso, *moa kiri*, você acabou de me contar a experiência mais dolorosa de sua vida. Uma lembrança tão terrível, que você passou a vida inteira se privando da possibilidade de amar. Você acabou de liberar em sua mente todas essas experiências horríveis, mesmo as partes sobre as quais não me contou, e, ainda assim, o poder que tanto temia não a esmagou.

Ela ficou boquiaberta. Gabriella virou a mão direita e olhou surpresa para a marca de nascença em forma de Rosa no pulso. Ela a tocou com os dedos e, por fim, pressionou a mão contra o peito.

— Como?

Devagar, ele tomou a mão dela, desenrolou os dedos delicados e pousou a palma da mão trêmula sobre o próprio coração.

— Você me deu sua dor. Deixou que eu a tirasse de você e desse, em contrapartida, o meu amor.

— Eu não entendo.

— Você não nasceu para ficar sozinha, *Sirena*. Você nasceu para amar e ser amada. Para compartilhar o que há dentro de você. E queira você admitir isso ou não, seu coração sabe que pode compartilhar comigo.

Dilys conseguia ver a dúvida no rosto dela e sentir o medo entrando nele, gota a gota, pelos fios de confiança e necessidade que tinham se multiplicado e fortalecido nas últimas semanas, atando-os ainda mais intimamente. Sob a dúvida e o medo, no entanto, corria um sabor adocicado que lhe aguçou os sentidos. O gosto da esperança.

Com a benção de Numahao. Pouco antes — quando Verão lhe contou sobre o terrível incidente da infância e involuntariamente deixou que ele carregasse sua angústia —, tal dom inconsciente e o compartilhamento de emoções espalharam fragmentos esparsos de magia por todo corpo de Dilys, pipocando por seu corpo com formigamentos de energia. Esse novo sabor, porém, essa esperança, por mais frágil que fosse, era como um raio brilhante que

iluminava a noite, um rio de puro poder que o inundava. E Verão sequer se dava conta disso... ela sequer estava tentando dividir seu dom com ele.

Ele mal conseguia imaginar como seria quando ela o reivindicasse por direito e forjasse laços de amor ainda mais fortes do que os que já os uniam agora.

— Deixe-me amá-la, Gabriella Aretta Rosadora Liliana Elaine Coruscate.

Ela o encarou. Ainda que durante toda sua vida Dilys julgasse que os olhos dourados das *imlani* da Calberna eram os mais bonitos do mundo, agora, no entanto, tinha outros parâmetros. Não poderia haver olhos mais bonitos do que aqueles de safira límpida e profunda. Olhos azuis como o céu de verão e os mares mais bonitos que ele já navegou.

— Por que você faz isso? — perguntou ela.

— Isso o quê?

— Me chama por meu nome completo. Você está tentando fazer algum tipo de magia calbernana comigo?

Ele sorriu.

— Não do jeito que você está pensando.

— Pois sei de alguns povos que acham que os nomes têm poder. Que, ao chamar uma coisa por ser verdadeiro nome, você pode se conectar a ela.

O sorriso dele se alargou.

— Nomes têm, *de fato*, poder. Os nomes de verdade, ao menos. E, sim, quero me conectar a você de todas as formas possíveis. Mas, antes de mim, *você* deve me reivindicar como seu.

— E como faço isso?

— Você já sabe meu Nome verdadeiro. Diga-o e você me tornará seu para sempre. Quando você o fizer, eu também saberei seu Nome verdadeiro. Até lá, irei chamá-la pelo nome completo pois é o único nome de verdade que conheço. — Ele encolheu os ombros e se sentiu levemente tímido quando disse: — Faz com que eu me sinta mais próximo de você. — Ele passou o dedo sobre a lateral do rosto dela. — Eu também chamo você por outros nomes que são todos verdadeiros de alguma forma. *Moa leia*, minha flor. *Moa halea*, meu amor. *Moa kiri*, meu coração. *Myerial u moa kiri*, rainha do meu

coração. *Moa liana*, minha esposa, minha amada, minha companheira de toda vida.

Os lábios dela estavam cindidos. Os olhos, um pouco confusos. Onda a onda, ela despejava uma energia doce e quente sobre ele. Era o sentimento mais maravilhoso do mundo. Era como alimento para uma alma faminta. Dilys não tinha se dado conta de quão faminto estava. Como qualquer homem faminto diante de um banquete, ele queria se fartar. Queria pegar tudo o que tinha a lhe oferecer e nunca mais sentir fome.

Ele, porém, ainda não era dela. Ela não o tinha reivindicado para si nem o convidado a entrar. Até que fizesse, aquela dádiva deslumbrante de amor e poder não era dele. Tomar à força o que deve ser dado é o pior dos crimes. Na Calberna, é punido com morte.

Estremecendo-se com a necessidade urgente que ela despertou nele, Dilys inclinou a cabeça. Ele apertou a mão dela com mais força contra o peito e desejou que ela ouvisse seu apelo silencioso:

Reivindique-me seu por direito, Sirena. Diga meu nome. Faça-me seu.

Mas, como ela não o escutou, com profunda tristeza e muita força de vontade, ele soltou a mão de Verão e recuou um passo para quebrar a conexão entre os dois. A perda súbita da força doce que vinha dela o fez gemer. Deixá-la, deixar aquele Halla de comunhão machucava Dilys de formas inéditas. Nada além do preenchimento do amor dela e da completude absoluta do pedido dela seria capaz de aliviar a fome que ardia nele naquele momento.

Se ela não aceitasse, ele se Esvaneceria. Ou melhor, faria o equivalente dos homens calbernanos: se entregaria ao oceano e nadaria às profundezas até ficar sem forças no corpo, a não ser a que os peixes tiraram de seu corpo perdido e sem vida.

Ele tentou sorrir em resposta ao olhar interrogador dela, mas era um esforço grande demais para ele.

— Vamos, *moa kiri*. Vou levá-la de volta ao palácio.

Enquanto saíam dos caminhos sinuosos do labirinto, o chamado familiar retumbante de uma trombeta de conchas calbernana soou à distância.

— O que foi isso? — Verão perguntou.

Dilys, que tinha parado para ouvir o som, subiu de três em três o conjunto mais próximos de degraus e se virou para olhar para o fiorde por cima da sebe do labirinto. Ele ergueu a mão para proteger os olhos e olhar para a embarcação calbernana navegando em direção a Konumarr.

— Dilys, o que foi? — Verão se juntou a ele no alto da escada e se virou para olhar na mesma direção.

Três bandeiras familiares tremulavam do mastro principal da embarcação se aproximando: a bandeira verde e azul da Calberna, com ondas azuis e brancas da Casa Merimydion e, em cima das duas, a pequena coroa branco e dourada sobre um fundo vermelho coral. A flâmula dos emissários da *Myerial* da Calberna.

— Acho que meu tio chegou.

— Seu tio?

— Calivan Merimydion, irmão gêmeo da minha mãe. O plano original era que ele me acompanhasse até aqui, mas minha mãe... ficou doente e ele ficou na Calberna para ajudá-la.

Ela ficou imóvel ao lado dele.

— Sua mãe está doente?

Ao ouvir o tremor na voz dela, Dilys se amaldiçoou por tê-lo dito, pois isso provavelmente a fazia se lembrar da própria perda. De qualquer forma, ele tinha falado e ela perguntado. Não restava mais opção a não ser falar a verdade.

— Ela está Esvanecendo — contou-lhe com honestidade. — Eu falei para você que as Sereias não sobrevivem à perda dos parceiros, *tey*? Bem, minha mãe tinha em si a Sereia a ponto de a morte do meu pai quase tê-la levado junto. Mas então a *Myerial* morreu e minha mãe herdou o dom da rainha. — Ele encarou o horizonte, mas não viu o navio do tio se aproximando. Viu, isso sim, memórias do rosto pálido e magro da mãe no dia anterior à morte de Nyamialine. — Às vezes, eu achava foi só pelo dom da rainha e o dever que vinha com ele, não o amor de meu tio, que a fez permanecer conosco.

Uma mão quente e esguia lhe tocou o braço. Era um toque suave de reconforto e empatia. Com ele, veio outra onda impressionante de força repleta de compaixão e potência.

Ele pousou a mão sobre ela e sorriu.

— Vim aqui procurar uma esposa não apenas para minha alegria, mas também para oferecer à minha mãe uma filha para amar e a promessa de um neto por quem esperar. Alegrias suficientes para mantê-la comigo por mais algum tempo. — O sorriso de Dilys tomou um ar de autodepreciação quando confessou: — Posso já ser um homem feito, mas não estou pronto para perder minha mãe.

— É claro que não está. — Havia na voz dela uma nota tão doce, tão cheia de bondade e compreensão, que ele sentiu vontade de tomá-la nos braços e nunca mais soltá-la.

Em vez disso, ele ergueu a mão para segurar o rosto e passar o polegar pela crista das maçãs do rosto de Verão, tracejando o caminho onde, se Numahao quisesse, o par da *ulumi-lia* dele logo estaria.

— Você, *moa kiri*, é uma *myerial myerinas* de verdade — disse ele com a voz rouca.

Ela não se afastou. Permaneceu imóvel, encarando-o.

— O que isso quer dizer?

— O tesouro de todos os tesouros. A pérola das pérolas. A rainha de todas as rainhas. Quer dizer que você é uma mulher sem igual.

— Ah. — Sob o tom marrom veraleano, as bochechas dela ficaram rosadas. — Eu não diria tanto.

— Eu diria.

Com os lábios cindidos, as bochechas ruborizadas e os olhos grandes, de um azul infinito, ela o encarou e ele se segurou para não a beijar. Em seguida, ela corou em um matiz mais profundo de rosa e se afastou com uma risadinha envergonhada.

— Bem, hum... Vamos ao encontro do seu tio?

Dilys sorriu. Ele gostou do “nós” que ela disse e que os tornava um casal.

— Se você quiser. Está a fim de uma aventura?

Ela hesitou.

— Que tipo de aventura?

O sorriso dele se alargou. Segurando a mão dela, ele correu para a extremidade do terraço ajardinado. Quando chegaram à beira dele, ele envolveu o braço forte ao redor da cintura dela e gritou:

— Se segura, *moa leia*!

Verão gritou quando Dilys passou o braço ao redor da cintura dela e saltou do terraço ajardinado para as águas escuras do fiorde Llaskroner. Ela continuou gritando enquanto ele nadava rapidamente na direção da nau do tio, que se aproximava. E ela continuou gritando quando ele os lançou ao alto com um enorme jato d'água. Só parou quando ele os fez pousar levemente na madeira polida do convés da embarcação do tio.

Ela devia ter se afogado e pelo menos estar encharcada dos pés à cabeça, mas, de alguma forma, Dilys fez a água do fiorde correr ao redor de Verão, cercanda-a com um cone de ar respirável enquanto nadava em direção à nau. Ainda que tenha molhado as sandálias e a saia no jato que os conduziu ao convés, Dilys fez a água evaporar imediatamente com um aceno de mão.

Ela ainda estava segurando o braço que ele tinha passado ao redor da cintura dela; seus dedos lhe cravavam o antebraço forte com uma pegada de morte. Com muito esforço, ela soltou um por um e se virou para encarar o olhar dourado e sorridente dele.

— Seria legal se você tivesse dado um aviso.

Ele continuou dando risada.

— E qual seria a graça disso?

Ela fez uma careta.

— Exibido — murmurou. Em seguida, recuou um passo para dar uma sacudidela firme nas saias. Só depois disso Verão se deu conta de estar cercada de guerreiros calbernanos desconhecidos, todos usando armaduras musculares brilhantes, tangas verdes escuras, e carregando tridentes polidos assustadoramente afiados e escudos compridos em forma de caixão.

De pé, junto à balaustrada do deque superior, estava um calbernano mais velho. Ele também estava de tanga, mas sua armadura muscular era feita em ouro e trazia relevos de serpentes marinhas e ondas espumantes sobre o peitoral. Além disso, enquanto os outros guerreiros traziam uma capa verde escura sobre os ombros, o homem mais velho vestia uma toga larga de tecido refinado e mangas compridas que ia até a metade das panturrilhas. Ele a observava com os olhos dourados estreitados e uma expressão inescrutável.

— *Myerialanna* Gabriella Coruscate — disse Dilys —, é minha honra apresentar a você Sua Excelência Calivan Merimydon, lorde chanceler da Calberna.

Ela corou até a raiz do cabelo.

— Sua Excelência.

— Sua Alteza Real — respondeu o lorde chanceler, oferecendo uma reverência polida. — Perdoe-me. Eu lhe ofereceria refrescos ou um lugar confortável para se sentar, mas eu não estava esperando visitantes até que aportássemos. — Ele lançou o que parecia ser um olhar de reprovação na direção de Dilys. Verão confirmou essa interpretação do olhar momentos depois, quando ele acrescentou: — Às vezes, meu sobrinho pode ser um pouco impetuoso.

Se Dilys se ofendeu, não o demonstrou. Em vez disso, falou:

— Eu fiquei surpreso em ver sua embarcação, tio. Você não mandou aviso de que estava chegando. *Moa nima* está bem?

Calivan Merimydon trocou para a Língua do Mar e disse:

— Ela melhorou muito. Caso contrário, eu não teria partido. Você, porém, não devia falar dessas coisas na presença de uma *oulani*.

— Eu não tenho segredos com minha *liana* — respondeu Dilys na mesma língua.

O corpo de Calivan ficou completamente tenso.

— Sua *liana*? — Ele disparou contra Verão um olhar inquisidor. — Ela já se conectou a você?

— Ainda não — respondeu Verão em uma Língua do Mar de sotaque perfeito. Calivan pareceu surpreso. Dilys, porém, pareceu apenas contente. Era nítido que ele suspeitava que ela fosse tão fluente em sua língua nativa quanto Primavera.

Gabriella não gostou da forma como Calivan se dirigiu a Dilys, um guerreiro experiente que tinha, literalmente, salvado o mundo. Ainda que Dilys não fosse incapaz de lutar suas próprias guerras, ela se viu à defesa dele.

— O seu sobrinho acredita no poder da assertividade — continuou ela, em uma Língua do Mar bem-articulada. Com um sorriso afetuoso e íntimo como jamais tinha dado a Dilys antes, ela pousou a mão no braço dele, olhou-o adoravelmente nos olhos e disse: — Ele está convencido de que, dizendo uma coisa sem parar,

ela se tornará verdade. Confesso que é uma tática bastante eficiente. Ele tem derrubado minhas resistências.

O riso divertido de Dilys logo se transformou num risinho abafado. Ele segurou a mão dela e a levou à boca para beijar-lhe os dedos.

— Minha *liana* tem razão. Ela ainda não fez o pedido final, mas sua afeição cada vez maior por mim me deixa confiante de que isso acontecerá em breve.

— Entendo. — Calivan voltou para a Eru, a língua comum. — Bem, essa é uma ótima notícia. Estou ansioso pelo dia em que possa oferecer a ambos minhas felicitações. E, é claro, a *Myerial* espera a chegada de sua nova filha com muita ansiedade e alegria.

A menção à mãe de Dilys fez Verão se arrepender repentinamente do fingimento impulsivo. E se Calivan Merimydion alimentasse as expectativas da irmã quanto a uma união próxima? Quando, no entanto, tentou puxar a mão, Dilys não a soltou. Sem querer entrar numa disputa constrangedora para recuperar a mão, Verão deixou-o que a segurasse e grudou uma expressão afável no rosto.

— Obrigada, Sua Excelência — disse ela.

Ela permaneceu em silêncio enquanto Dilys e o tio se atualizavam brevemente sobre os acontecimentos na Calberna e em Konumarr. Enquanto conversavam, ela pôde notar a leve semelhança entre Dilys e o tio quanto ao formato e cor dos olhos, e a espessura das sobrancelhas, mas só. Se os tivesse conhecido lado a lado, nunca suspeitaria que fossem parentes. Embora os dois estivessem em muito boa forma física, Calivan era nitidamente mais enxuto. Dilys tinha mais massa muscular. Devia ser por todos aqueles anos brandindo espadas pesadas e lutando guerras alheias. Calivan também parecia um pouco mais circunspecto. Menos aberto. Verão tinha passado a vida inteira convivendo com intrigas palacianas. Ela sabia reconhecer os sinais de um homem acostumado aos ventos sempre cambiantes da corte. Ele, no entanto, não se parecia com esses políticos aduladores e escorregadios que obtinham favores puxando o saco dos outros. Tinha algo de excessivamente férreo, de inflexível nele; uma aura de comandante. Ele não era uma mosca oportunista. Ele era uma aranha: tecia teias.

Cada um à sua maneira, ambos eram homens letais. A diferença, suspeitava Verão, era que Calivan se assemelhava ao punhal cujo golpe não era possível antecipar.

Ela se estremeceu de leve. Em seguida, sorriu quando Dilys virou-se para ela com os olhos risonhos por causa de alguma história de Ryll e Ari que estava relatando.

— Ah, eles são dois conquistadores — concordou ela. — Metade das mulheres em Konumarr está perdidamente apaixonada por eles. Acho que esse é o problema. Eles estão gostando demais da atenção de todas para se decidirem por uma delas.

— As mães deles não ficarão contentes com essa situação — disse Calivan. — As Casas Ocea e Calmyria precisam ambas de filhas. Arilon e Ryllian devia sossegar o facho e cumprir seus deveres para com as mães e suas Casas.

Era impressão dela ou havia outra alfinetada em Dilys naquele comentário?

— Tenho certeza de que irão — disse Dilys, tranquilamente. — Temos algumas semanas até acabar nossa estadia aqui.

— Só se os Rei e a Rainha da Cordilheira Invernal concordarem em prorrogar o resto da visita de vocês.

Pela primeira vez desde que embarcaram, Dilys ficou tenso.

— Como assim?

Franzindo o cenho para Verão, Calivan hesitou.

Dilys chegou para mais perto dela.

— Já falei, não tenho segredos com a Gabriella. Pode dizer o que tiver que dizer na presença dela.

Depois de uma longa pausa, o lorde chanceler da Calberna suspirou e disse:

— Imagino que ela seria informada disso em breve, de qualquer maneira. Só achei que eu devia levar a notícia ao rei antes. É uma questão de diplomacia, você sabe. — Calivan dirigiu essa última afirmação a Verão.

— É claro — murmurou ela.

— Isso tem alguma coisa a ver com o motivo para você e sua tripulação estarem navegando com armadura completa? — perguntou Dilys.

— Tem, sim — confirmou Calivan. — Nossos amigos no Oceano de Olemas agora se voltaram ao Denbe. Uma frota cantesiana foi atacada a leste do Estreito de Milinas.

O Estreito de Milinas era a porta de entrada oeste conectando o Mar Esterlino ao Oceano de Denbe. Em seus estudos recentes do comércio calbernano, Verão tinha aprendido que o Estreito de Milinas era um dos principais canais usados pelos calbernanos e sua rede de parceiros comerciais. Se os piratas conseguiram obter controle tanto do Oceano de Olemas quanto do de Denbe, já controlavam dois terços do hemisfério norte da Mystral.

— Isso não é tudo — continuou Calivan. — Os cantesianos estavam navegando sob a bandeira da Casa Merimydion. Assim como três outros comboios atacados no último mês. Três de nossos navios comerciais estão desaparecidos, provavelmente afundados ou confiscados. Acreditamos que estão mirando especificamente nos navios e parceiros comerciais da Casa Merimydion.

Dilys ficou absolutamente imóvel ao lado de Verão. Os músculos sob a mão dela ficaram tensos e ele vibrava levemente sob as emoções contidas. Raiva, percebeu ela ao perscrutar o rosto bonito Dilys que, naquele momento, parecia cravado em pedra e com os olhos ardendo em chamas douradas. Ela se estremeceu de leve. Verão não gostaria de lutar em batalha contra alguém com aquele rosto. Não havia nele traço de piedade.

— Quais de nossos navios foi tomado?

Calivan enunciou uma lista curta de nomes.

— E o resto de nossos navios mercantes?

— A *Myerial* os chamou todos de volta à Calberna. Os capitães não ficaram nem um pouco contentes com isso.

— É melhor tê-los com raiva do que mortos. Eles devem ser integrados a nossas outras frotas. Se se trata de um ataque direto à Casa Merimydion, não deixaremos nossos navios serem um alvo fácil para esses *krillos* miseráveis.

— *Tey*, bem, quanto a isso... nós temos um plano.

O plano de Calivan Merimydion era simples. Ele já tinha espalhado o boato de que a Casa Merimydion tinha um comboio em rota repleto de tesouros espetaculares para comemorar o casamento

vindouro de Dilys com uma das Estações da Veralea, uma coleção capaz de competir com os inestimáveis tesouros do dragão que o pai de Dilys tinha reunido para o nascimento da filha. Agora, ele só precisava que Dilys e seus soldados armassem a armadilha usando o comboio como isca. Piratas cheios de rancor da Casa Merimydion não iam deixar um prêmio tão valioso escapar e os ouvidos de Calivan espalhados pelos mares já o tinham informado que o Tubarão planejava interceptar pessoalmente o comboio.

Mais tarde, naquela noite, depois de acompanhar Gabriella aos aposentos, Dilys foi ao quarto do tio. Desde as não tão sutis alfinetadas sobre os deveres para com a mãe e a Casa, ele sabia que o tio queria um relatório completo de por que o príncipe da Calberna — que tinha sido informado com toda clareza acerca das Estações com quem deveria se casar — estava cortejando a única considerada inadequada para a união real.

Calivan atendeu a porta logo depois da primeira batida do sobrinho e acenou para que ele entrasse. Uma vez que a porta se fechou, Calivan apontou a mão para a bacia d'água sobre o toucador e espalhou um véu de água ao redor do quarto para que tivessem privacidade.

— Agora, sobrinho, explique-se.

Dilys se eriçou. Mesmo esperando a inquisição, não gostou do tom do tio. Uma coisa era que lhe dissessem com que mulher devia se casar; outra absolutamente diferente era ser endereçado num tom mordaz por ter escolhido Gabriella. Como se ela fosse tão ausente de méritos, que não pudesse ser cogitada como parceira. O insulto a ela, ainda que impronunciado, fez a crista de Dilys se levantar e as garras saltarem.

— Tenha cuidado em sua fala, tio — sibilou ele por entre as presas de batalha completamente expostas. — Não ouse insultar minha *liana*. Você não será perdoado. — A fúria pulsou em Dilys e fez a *ulum*i dele brilhar em alerta.

Calivan ficou boquiaberto.

— Você entrou em *liakapua*? Com ela?

— Entrei e essa é minha resposta a você.

— Como é possível? — Calivan passou os dedos pelas tranças.

— Não foi ela que escolhemos para você.

— Talvez não, mas foi *ela* que Numahao escolheu para mim. Ela tem muito mais atributos do que suas investigações demoradas revelaram.

Os olhos do tio se estreitaram.

— Como assim?

— Ela é uma Sereia.

— Uma *o quê*?

— Você ouviu o que eu disse.

Absolutamente perplexo, Calivan recuou um passo cambaleante. Em seguida, endureceu a expressão e cruzou os braços sobre o peito.

— Isso é impossível. Não tem como ser. Uma Sereia *oulani*? Não. *Ono*. Você deve estar enganado.

— Não há erro algum. Nós a ouvimos Gritar. Todos os calbernanos na cidade. Todos nós partimos em disparada a ela. Ela é uma Sereia. A primeira em dois mil e quinhentos anos.

— Não tem como ser. É algum tipo diferente de magia. Algum tipo de ilusão. Um truque para fazer casar a menos dotada e não a mais forte das bruxas do tempo.

Dilys segurou o tio pela garganta e cravou as garras dos dois lados da traqueia do tio.

— Nunca mais — rosnou ele —, em palavras, tom de voz ou ações sugira que ela é algo além do tesouro dos tesouros que é. — Com um grunhido, soltou o gêmeo da mãe e recuou um passo.

Calivan massageou a garganta e, pela primeira vez, olhou para o sobrinho com precaução.

— Peço desculpas — disse ele em tom de voz muito mais conciliatório. — Não acontecerá outra vez. Mas se é verdade que ela é uma Sereia, por que você não nos informou imediatamente? Eu teria trazido a frota completa para protegê-la.

— Eu não colocaria a segurança dela em risco mandando um recado, mesmo pela mais segura de nossas rotas marítimas. Não sei que tipo de magia ou espiões o Tubarão tem à disposição dele, mas não quis que ouvidos hostis descobrissem o que a Gabriella é. Achei melhor guardar o segredo para mim até poder levá-la com segurança à Calberna. Até lá, a verdade acerca de quem ela é

nunca poderia chegar aos *oulani*. Há mais *krillos* gananciosos e sem honra hoje em dia do que na época do Massacre.

— *Tey*, é claro. É claro. — Calivan levou a mão à boca e a pressionou contra os lábios. — Isso muda muita coisa. Uma Sereia. Não surpreende que você tenha erguido o véu do mar ao redor do palácio. — Ele balançou a cabeça e começou a andar de um lado para o outro. — O dom dela nos dá uma forte vantagem contra a Aliança do Sangue Puro. Eles não têm como recusar como próxima rainha a filha de um príncipe da Calberna com uma Sereia.

Dilys cruzou os braços.

— Você ainda acha que minha filha será a próxima *Myerial*? Tio, a Gabriella é uma Sereia, a primeira nascida desde o Massacre. O Trono do Mar é dela. A *Nima* pode transmitir a ela os poderes das *Myerial* e se retirar em Merimydia Oa Nu. Sem o peso de tantas vidas e responsabilidades de um reinado sobre os ombros dela, ela talvez seja capaz de atrasar um pouco o Esvanecimento.

Calivan balançou a cabeça.

— Se Verão Coruscate fosse *imlani*, não haveria objeção a que ela se tornasse *Myerial*, mas ela não é. Ainda que, de alguma forma, tenha recebido a posse do dom, ela não possui sangue calbernano. Nenhum *oulani*, nem mesmo uma Sereia, pode se sentar no Trono do Mar. Você sequer devia sugerir isso. A Aliança do Puro Sangue já causou problemas o suficiente com a simples possibilidade de que uma mestiça se tornasse a próxima *Myerial*. O que você acha que eles fariam se a Casa Merimydyon tentasse colocar a coroa na cabeça de uma estrangeira?

Dilys engoliu a resposta. Não fazia sentido debater com o tio. A primeira lealdade de Calivan era à sua gêmea. No entanto, se ele não apoiasse a subida de Gabriella ao trono assim que todos os calbernanos descobrissem que ela é uma Sereia, seria um equívoco da parte dele. A Calberna é uma terra onde as pessoas valorizam a força e não há força maior do que a magia calbernana do Canto da Sereia. Os soldados de Dilys já haviam aclamado Gabriella como sua futura rainha e o fizeram para um homem por quem morreriam para protegê-la e servi-la sem levar em consideração seu sangue *oulani*.

— Em todo caso, ela deve ser protegida pelo tesouro que é — continuou Calivan. — Que soldados você deixará aqui para protegê-la?

Dilys disse o nome dos dez guerreiros calbernanos de elite que tinha escolhido para ficar em Konumarr enquanto o resto da tropa ia preparar a armadilha para o Tubarão. Dentre eles, escolheu Synan Merimydion — um primo distante de sua própria Casa — para liderá-los.

— Ótimo. Muito bem. São todos bons guerreiros. Você não poderia ter escolhido melhor. Eu me ofereceria para ficar também, mas não me sinto à vontade de permanecer muito tempo longe da Alys.

— Transmita meu amor à *Nima*, tio. E diga a ela sobre Gabriella. Ela ficará contente em saber que o filho, em breve, tomará uma Sereia por esposa.

— Eu o farei. — Calivan se aproximou para segurar o braço de Dilys. Em seguida, abraçou-o, dando-lhe tapinhas carinhosos nas costas. — Estou feliz por você, sobrinho. Livre-se rapidamente desses piratas para podermos voltar para casa e à companhia de sua mãe com sua esplêndida nova *liana*.

Capítulo 18

— Eu ainda não gosto disso. — Nas docas do porto de Konumarr, Verão encarou com olhar carrancudo o lorde dos mares calbernano em armadura de pé ao lado dela. — Você veio até aqui para se casar com uma bruxa do tempo pois queria nossa ajuda contra os piratas, mas agora vai zarpar para enfrentá-los sem nossa ajuda?

Dilys sorriu para ela. Que droga, ele parecia estar sempre sorrindo. Se Verão não o conhecesse melhor, diria que era por ele não levar nada a sério. Ela, porém, tinha visto o rosto dele quando o tio falou a lista de marinheiros calbernanos das embarcações desaparecidas. Eram pessoas que ele conhecia, pessoas sob a proteção dele, e em grande quantidade, que cogitavam estar mortas ou escravizadas. Ela viu a morte nos olhos dele.

Esses piratas, independente de quem fossem, não faziam ideia do que tinham despertado. Não faziam ideia da destruição que tinham atraído sobre si mesmos ao machucar pessoas sob a proteção de Dilys Merimydion.

— Você tem o poder de me manter longe dessa briga, *moa kiri* — disse ele. Pelo Halla, aquele sorriso dele, amplo e branco contra o rosto profundamente bronzeado, era uma arma. — Basta me reivindicar para si. Torne-me seu e eu voltarei com você para a Calberna junto as outras *lianas* e *akuas*.

Os lordes dos mares casados e suas novas famílias vinham se preparando nos últimos dois dias para regressar à Calberna. Dilys e o restante dos guerreiros ainda solteiros passaram esse tempo carregando os navios com provisões e preparando-os para a batalha.

— Você só está dizendo isso pois sabe que não vou fazer. Mesmo que eu me casasse cinco vezes com você, você nunca deixaria seus homens irem para a guerra sem você.

— Tem certeza? — O sorriso dele fechou. — Vamos testar, sem brincadeiras. Se você quer de verdade que eu fique, reivindique-me, Gabriella. Fale meu Nome e torne-me seu.

— Dilys... — Pelos deuses, o que era isso que ele fazia com ela? Quando ele falava com aquela voz, quando a olhava daquele jeito... como se ela fosse o Halla e ele uma pobre alma trancada para fora dos portões, implorando para entrar... — Sei que não vou fazer isso. E-eu não posso. — Verão não conseguia se deixar apressar ao casamento. Havia muita coisa em jogo. Os dons dela eram perigosos demais; seu controle sobre eles era incerto. Uma tarde no controle dos dons enquanto narrava o pior dia de sua vida não era prova suficiente de que poderia arriscar libertar as emoções que tinham passado uma vida controlando.

— E eu não posso deixar esse desafio à minha Casa passar batido. A Calberna não pode permitir isso. — Dilys alisou o cabelo dela. — Já que você não irá me dar seu coração, dê-me ao menos sua benção antes de eu partir, Gabriella.

— Você a tem.

Ele curvou os lábios de leve, achando graça.

— *Ono*. Eu não me referia a palavras e pensamentos gentis. Eu estou pedindo uma benção da Sereia.

— Eu não entendo.

Tomando as mãos dela, Dilys se ajoelhou graciosamente sobre um dos joelhos e colocou as mãos dela sobre o próprio rosto.

— *Abençoe-me, Sirena*. Antes que eu vá para a batalha, ceda-me o dom de seus melhores votos e o carinho que tem por mim. Se eu morrer, permita-me morrer ao menos com isso.

A simples ideia de que Dilys morresse lançou um choque de pânico pelo corpo de Verão, seguido de perto por um sentimento instantâneo e violento de negação. Ele não podia... *morrer*. Não agora. Não quando ela... quando ela... O súbito rompante de emoções a esmagou. Verão foi inundada de calor. A Rosa no pulso direito ardia como carvão.

Os dedos de Dilys se fecharam com firmeza ao redor dos pulsos dela, prendendo-lhe as mãos ao rosto. Ele arqueou as costas. Cada músculo de seu corpo ficou tenso. Os tendões de seu pescoço

pareciam cabos espessos. Ele começou a tremer. Sua boca despejou um gemido sonoro.

Preocupada e aterrorizada, ela puxou as mãos.

A próxima coisa de que sou contra era de estar a dois metros dele com uma mão pousada sobre o peito, respirando ofegantemente. Dilys tinha caído diante dela apoiado nas mãos e nos joelhos, e balançava a cabeça como que entorpecido.

Em seguida, ele começou a rir. Era do tipo de risada fraca e ofegante que vinha na esteira de uma experiência inesperada de quase morte.

— Pelas deusas, mulher. Ou você se importa comigo muito mais do que quer admitir ou você *realmente* quer que eu morra. — Ele se sentou sobre os calcanhares e a encarou com os olhos dourados. Eles brilhavam tanto que era quase doloroso olhá-los diretamente.

— Eu machuquei você?

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Machucar? *Ono, moa kiri*, muito pelo contrário. Mas agora acho que eu sei como é ser atingido por um raio. — Ele se levantou com dificuldade e se segurou num dos postes de ancoragem para se equilibrar. Com uma das mãos ainda se segurando ao poste, ele fez uma reverência baixa e cambaleante. — Obrigado, Gabriella. Sua dádiva, de fato, foi grande. — Ele respirou fundo com dificuldade e sorriu. — Tem certeza de que não quer me reivindicar agora? — Ele abriu os braços. — Estou nas suas mãos. — Ele se desequilibrou e teve que se escorar outra vez ao poste.

— Sente-se antes que você caia — disse Verão.

Ele começou a rir outra vez e se sentou — ou melhor, caiu no chão da doca.

— Você é muito mandona, *moa leia*. Alguém já te disse isso?

Afrontada, ela colocou as mãos na cintura.

— Não. Ninguém disse isso.

— Eu gosto de mulheres mandonas. — Ele fechou os olhos. A cabeça dele pendeu para trás, mas o sorriso não saiu dos lábios. — Eu também gosto de você. Bastante. Vem aqui. — Ele acenou para que ela se aproximasse.

Ela não saiu do lugar.

— Não quero ir até aí. Você está *bêbado*?

— Só de amor. — Os lábios de Dilys se cindiram em um sorriso.
— Vem aqui.

— Não.

Ele abriu um dos olhos.

— Por favor. — Ele acenou outra vez e deixou a mão estendida.

— Ah, pelo amor do Halla. — Ela deu uma bufada de despeito e caminhou até ele.

Tão logo se aproximou, ele segurou a mão dela e deu um puxão. Com um grito de surpresa, ela caiu no colo dele. Verão lutou um pouco, tentou se levantar, mas os braços dele estavam suspeitosamente fortes, o que a fez cogitar que o desmaio foi fingimento.

— Deixe-me levantar — ordenou ela, empurrando o metal modelado da armadura dourada.

— Não.

— Isso é humilhante.

— Talvez. Minha resposta continua sendo “não”. — O cabelo dela se soltou dos grampos. Afastando uma mecha solta com o queixo, ele inclinou a cabeça para fazer carinho no pescoço dela. — Você está sempre com um cheiro tão doce.

Ela se estremeceu quando a língua de Dilys tracejou uma linha pela garganta dela e, em seguida, lhe deu beijos.

— Pare com isso.

— Não quero.

— Dilys. — Ela olhou ao redor e corou à visão de todos os calbernanos, veraleanos e invernianos os assistindo com interesse explícito. — Todo mundo está olhando para a gente. Você está fazendo a maior cena.

— Deixe-os olharem. Eu quero beijar você, Gabriella. Quero demais. Mas eu jurei que não a beijaria até que você me beijasse.
— Ele se afastou e a encarou nos olhos. — Você seria capaz de me despachar para a guerra sem um último beijo de meu amor?

Ela revirou os olhos.

— Com quantas mulheres você já usou essa fala aí?

— Você é a primeira.

— Não acredito. E eu não sou o seu amor.

— Você é, sim. O único amor que terei na vida.

Sentindo o próprio mundo perder o equilíbrio, ela pestanejou. Aquele sorriso dele estava acabando com o equilíbrio dela, mas ele era ainda mais devastador quando ficava sério e intenso, com a voz naquele timbre rouco que fazia cada célula do corpo dela formigar de vivacidade.

Logo, porém, Verão recuperou o juízo.

— Eu já te disse... você não me ama. Não tem como.

— Eu tenho como e eu amo.

— Não, eu...

Ele colocou um dedo sobre os lábios dela, silenciando-a.

— Apesar de ser Sereia, você não tem como Controlar meu coração. — Ele tracejou o contorno dos lábios dela com a ponta do dedo. — Eu amo você, Gabriella Aretta Rosadora Liliana Elaine Coruscate. E a amarei até o dia de minha morte.

Apesar das dúvidas dela, a fala de Dilys soou como um voto de união.

— E então, você vai me beijar.

Ela afastou qualquer encantamento que ele estivesse fazendo e empinou o nariz.

— Não. Me deixe levantar. Seus soldados estão à sua espera.

Ele fechou os olhos e pressionou o rosto contra o cabelo dela por um par de segundos. Em seguida, suspirou e deu um sorriso torto.

— Você é uma mulher muito, muito cruel, Verão Coruscate. — Ele virou o braço, espalmou a mão firmemente sob as nádegas de Verão e a colocou de pé com um único movimento.

— Seu atrevido. — Ela o encarou carrancuda pela intimidade, sacudiu as saias e ajeitou os grampos no cabelo. Enquanto, porém, enrolava as madeixas e enfiava os grampos para segurá-las, continuou lançando olhadelas rápidas e preocupadas na direção dele. E se ele, *de fato*, morresse? Apesar de toda confiança e capacidades, ele ainda era mortal. Aqueles piratas não tinham apenas se provado capazes e desejosos de matar calbernanos; eles guardavam um rancor especial da Casa Merimydion. Dilys estava indo para a guerra com um alvo nas costas.

Ele estava de pé e dava todos os indícios de estar completamente recuperado da desorientação de pouco antes. A boca de Verão se curvou num sorriso contra a vontade dela. Idiota. Ele fingiu estar

“bêbado de amor” como desculpa para colocá-la no colo e implorar um beijo. Ela não devia achar graça nessas palhaçadas, mas achou.

— *Alakua*. — Falando a palavra “capitão” na Língua do Mar, um dos oficiais da nau de Dilys se aproximou dele e cerrou o punho sobre o pectoral da armadura. — Perdoe-me, *Alakua*. Chegou a hora. — Os outros soldados já tinham embarcado. Dilys era o único tripulante fora do *Kracken*.

— *Tey*. Obrigado — respondeu Dilys. Ele ofereceu um último sorrisinho a Verão. — Adeus, então. Chegou a hora de me separar de você.

— Sim. — Ele já tinha se despedido da família dela. Ainda que Wynter, Khamsin e o tio de Dilys tivessem se despedido no palácio, Verão o acompanhara até as docas para vê-lo partir. Primavera e Outono estavam mais além na doca de um quilômetro para se despedirem de Ari, Ryll e o restante dos oficiais que as paparicaram durante aquele verão.

— Vejo você de novo quando eu voltar — disse-lhe Dilys. — Você ainda me deve duas semanas de cortejos.

Kham e Wynter concordaram em deixar Dilys e os soldados deles continuarem os últimos dias de cortejos depois de resolverem a situação com os piratas. Presumindo, é claro, que eles *retornariam*. Verão pensou no primo de Dilys, Fyerin, e em toda a tripulação dele que não sobreviveu ao último encontro que tiveram com os piratas. Ela entrelaçou os dedos e apertou forte as mãos.

— Se você insiste — disse ela.

— Insisto. Pretendo ficar com você até o último dia de meu contrato. — Dilys demorou-se ali mais um pouco, como se esperasse que ela dissesse ou fizesse algo. Por fim, deu um sorriso torto, fechou o punho contra o coração e disse na Língua do Mar: — Até que os mares me tragam de volta a você ou que nos reencontremos na presença de Numahao. — E com isso ele se virou e começou a subir pela prancha de embarque.

Verão permaneceu onde estava. Os dedos dela apertavam cada vez mais forte. A mandíbula ficou tensa. Ele estava na metade da prancha de embarque. Mais alguns passos e estaria a bordo do navio. E partiria. As mãos dela começaram a tremer. Havia um

zunido estranho nos ouvidos dela. Tudo ao redor sumiu, exceto a realidade de Dilys subindo pela prancha de embarque... partindo...

— Dilys! — O nome dele explodiu nos lábios de Verão. — Espere!

Ela não se importava que todos estavam olhando. Verão subiu na prancha de embarque. Enquanto ele se virava para olhá-la, ela se lançou nos braços dele e colidiu a boca com a dele. Ela o beijou apaixonadamente, fervorosamente, despejando tudo o que era naquele beijo. Os braços dela envolveram o pescoço dele e os braços dele a puxaram forte contra si. Ela o beijou e foi... perfeito.

Quando o beijo terminou, Dilys levantou a mão para segurar o rosto dela. Ele sorriu e os grandes olhos dourados brilharam.

— Obrigado, Numahao — disse ele, rindo levemente. — É um milagre. — Ele a beijou outra vez, profunda e demoradamente, roubando-lhe o fôlego. Quando finalmente se afastou, Verão estava tonta. Isso o fez soltar outra risada sonora e calorosa. Ela percebeu que isso era tudo o que ele precisava fazer para alegrar seu coração.

— Fique seguro e não faça nada estúpido — disse-lhe, severamente.

— Você tem meu juramento, *moa haleah*. Não farei nada estúpido.

— Estou falando sério.

— Eu também. Você não acabou de me dar o maior dos motivos para voltar em segurança?

Ela revirou os olhos.

— Foi só um beijo.

— *Ono*, foi muito mais do que isso. — Ele sorriu e, com ternura, passou as costas do dedo na bochecha dela. — Você acabou de me dar esperança.

A garganta de Verão apertou e ela teve que pestanejar para aliviar a repentina ardência nos olhos. Ela virou a cabeça para roçar os lábios contra a mão dele. Por fim, deu-lhe um empurrão.

— Vai lá — disse com a voz um pouco áspera. — Seus soldados estão esperando. — Ela desceu a prancha de embarque apressadamente antes que cedesse à necessidade de se lançar outra vez nos braços dele.

Poucos minutos depois, os navios levantaram âncora e as imensas velas foram desfraldadas. Verão levantou a mão e provocou um vento leste para acelerar a partida deles. Quando mais cedo partissem, mais cedo retornariam. O coração dela já se condoía com a ideia de não ver Dilys por semanas, talvez meses.

— Vou sentir saudades deles — anunciou Outono, encarando os navios se afastando. — Eles foram uma ótima companhia. — Ela se virou. — Estou voltando para o palácio. Vocês duas querem vir comigo?

Como Verão não respondeu, Primavera disse.

— Pode ir. Nós voltaremos daqui a pouco.

Outono hesitou um pouco e, em seguida, avançou um passo para abraçar Verão.

— Ele vai ficar bem, Gabi. Não esquece que ele lutou contra o exército de um deus e ganhou. O que é meia dúzia de piratas desprezíveis comparada a isso?

Gabriella confirmou com a cabeça e, de alguma forma, conseguiu curar a boca na forma de um sorriso. Outono tinha boas intenções, ela sabia. E Verão não estava sendo muito competente em esconder as preocupações.

— Você se preocupa bastante com ele, não é? — murmurou Primavera depois que Outono partiu.

Verão observava o navio de Dilys se afastar pelo fiorde Llaskroner.

— Mais do que seria prudente.

— Você o ama?

O navio fez uma curva e desapareceu atrás de uma montanha íngreme. Verão suspirou, virou-se e encontrou o olhar suave e perscrutador de Viviana.

— Pelo bem de todos nós, espero que não. — No mesmo momento em que o disse, porém, ela já sabia que era tarde demais. Sabia que o coração dela tinha acabado de zarpar e partir. E sabia que, se ele não voltasse são e salvo, todos ali teriam problemas.

Enquanto os calbernanos remanescentes terminavam os últimos preparativos para a partida, Calivan Merimydon reuniu os dez

guerreiros que focaram em Konumarr para fazer a guarda de Verão Coruscate.

— *Calbernari* — saudou-os, conforme os dez entravam em seus aposentos. — Fechem a porta, por favor.

Uma vez fechada a porta, Calivan lançou não apenas uma, mas cinco camadas para isolar qualquer som do quarto. Depois deixar os véus uniformes e impenetráveis, ele se virou para os guerreiros reunidos.

— Eu descobri como o Tubarão conseguiu capturar nossos guerreiros e afundá-los. Ele está usando um feitiço muito poderoso e, a pedido da *Myerial*, passei as últimas semanas elaborando uma contramedida. Trata-se de uma runa protetora que, com sua permissão, irei pintar sobre a pele de vocês.

— O senhor acha que o Tubarão virá aqui? — A pergunta veio de Synan, membro da Casa Merimydion a quem Dilys delegara a liderança. — Perdoe-me, lorde chanceler, mas o senhor não acha que eles irão atrás do tesouro do casamento?

— Eu acho, e é por isso que Dilys e os soldados dele concordaram com o procedimento. Vocês dez, porém, protegerão a futura filha da Casa Merimydion. Dilys insiste que vocês fiquem protegidos de feitiços inimigos.

Synan fez um aceno incisivo em concordância.

— É claro, lorde Calivan. O que você e o *Myerielua* pedirem.

— Excelente. — Calivan retirou da mala um pote com tinta vermelha de fabricação especial e usou-a para desenhar um círculo de runas atrás da orelha direita de cada um dos guerreiros. Quando terminou, guardou cuidadosamente o pote de tinta e a pena dourada que usou para aplicá-la. Em seguida, voltou-se aos guerreiros e invocou seus poderes.

Como irmão gêmeo da rainha da Calberna, ele tinha uma *susirena* mais poderosa do que a da maioria dos homens, mas mesmo essa vantagem não o permitiria superar as resistências naturais que os calbernanos possuíam de não deixarem controlar suas mentes. Isso, no caso, sem o feitiço que tinha acabado de pintar sobre a pele dos guerreiros. Esse feitiço, que Mur Balat o tinha ensinado há muito tempo, permitia a Calivan superar as defesas naturais dos calbernanos contra a implantação de

pensamentos por meio de magia. O feitiço tinha limitações. Ele, por exemplo, não conseguiria Ordenar a um calbernano que matasse alguém por quem ele normalmente morreria para proteger, mas diretivas que não despertassem instintos profundos desse tipo eram irresistíveis mesmo para os guerreiros mais fortes.

— Desse momento até a volta de Dilys — Ordenou Calivan —, vocês vão abrir uma porta no canto sudoeste do Véu do Mar todas as noites depois do sol se pôr e a deixarão aberta até o nascer do sol. Vocês não vão patrulhar essa parte do palácio. A não ser você, Synan. — Ele se virou para o jovem herdeiro da Casa Merimydon. — Você irá montar guarda todas as noites no canto sudoeste e irá alertar aos homens que aparecerem que eles devem silenciar as mulheres e mantê-las assim. Se puderem falar, as mulheres serão capazes de invocar feitiços. Entenderam?

— *Tey*, lorde chanceler — confirmou Synan, em tom monocórdico.

— Ótimo. Além disso, todas as manhãs, seus soldados vão ter lembranças de terem patrulhado todo o perímetro do Véu e de que tudo estava seguro e em ordem. Vocês também não se lembrarão de que receberam essas Ordens. Vocês só vão cumpri-los, sem se lembrarem de tê-lo feito. Vocês não vão revelar nem remover as runas na pele de vocês, tampouco lembrarão que eu as fiz em vocês. Vocês não as verão em si mesmos nem nos outros, mas, no caso de outra pessoa chamar a atenção às marcas, vocês vão recordar que são runas mágicas de proteção contra feitiços inimigos que receberam de uma feiticeira durante uma das muitas viagens que fizeram.

Ele caminhou ao redor do quarto, detendo-se diante de cada um dos soldados de modo a garantir que as Ordens foram recebidas e seriam obedecidas. Quando se deu por satisfeito com os resultados, lançou o poder e começou a falar com os homens em tom normal.

— *Calbernari*, a segurança da primeira Sereia nascida desde o Massacre está nas mãos de vocês. Meu sobrinho escolheu cada um de vocês pela dedicação à Calberna e habilidades inigualáveis como guerreiro e lorde dos mares das ilhas. Mantenham a *myerial myerinas* a salvo até o príncipe voltar. Se acontecer algum problema, reportem a Dilys e a mim imediatamente. Entendido?

— *Tey*, lorde chanceler — confirmaram os homens.

— Excelente. Mantenham vigilância das águas e fiquem alertas, soldados.

— *Tey*, lorde chanceler.

— Vocês estão dispensados. E obrigado a cada um de vocês pelo serviço dedicado à *Myerial*. Dependo de bons homens como vocês para manter as Ilhas seguras.

Quando partiram, Calivan caminhou até as amplas janelas com vista para os jardins do palácio e o fiorde. Os homens que tinham acabado de sair do quarto iam morrer quando Mur Balat enviasse seus mercadores de escravos para raptar as Estações. Seria uma perda enorme. Todos aqueles homens vinham de boas família e Casas fortes. Calivan, porém, estava muito mais preocupado com Dilys. Ele não previra que o filho de Alys entraria em *liakapua* com uma das Estações, assim como não previra que Verão Coruscate seria uma Sereia. Se Dilys não sobrevivesse à perda da parceira — e as chances eram grandes —, Alys sofreria outra perda devastadora. Mas não havia outra saída. O elixir de Mur Balat ajudaria a frear o declínio de Alys enquanto os avanços de Calivan com técnicas de restauração de magia com cristais, assim esperava, faria o quadro reverter. Calivan estaria ao lado dela para oferecer seu amor incondicional e ajudá-la a superar o luto. Além disso, ao contrário do que dissera a Dilys, se uma Sereia — mesmo uma Sereia *oulani* — pisasse nas praias da Calberna, muitas vozes poderosas demandariam que Alys descesse do trono e passasse a coroa da Calberna para a possuidora do maior dos dons de Numahao. Calivan, que passara a vida inteira dedicado à proteção e realização dos interesses da irmã, não deixaria isso acontecer.

Por isso, ao invés de abalar seu acordo com Mur Balat, a verdade acerca do dom maravilhoso de Verão apenas o fortaleceu no propósito.

Calivan olhou ao redor do aposento onde dormia desde a chegada. Seus pertences já estavam embrulhados e embarcados.

Era hora de voltar para casa... e para a Alys.

Gabriella não conseguiu dormir.

Dilys tinha partido há quatro dias e cada um deles parecia uma eternidade. As noites eram o pior momento. Tinha se acostumado a passar o entardecer na companhia dele, desfrutando de caminhadas agradáveis nos jardins ou de passeios de barco para ver o pôr do sol. Se acostumara aos milhares de carinhos que a faziam se sentir adorada e às risadas que lhe alegravam o coração. Sem isso, sem ele, ela sentia a tensão e a pressão crescerem com o poder acumulado dentro de si.

Verão se amparou novamente nas meditações tranquilizantes que passara a vida inteira treinando, bem como em fortalecer as próprias defesas, acrescentando camadas ao muro que continha seu monstro enjaulado.

Sem a companhia de Dilys, era mais difícil de executar as tarefas mentais. Era como se ele tivesse se tornado a pedra de toque dela, substituindo o pequeno golfinho de safira na pulseira encantada da mãe. Ele a ajudava a se centrar. Por mais que a tirasse do sério — tanto com desejo quanto com provocações —, a presença dele acalmava o monstro nela.

Agora que ele tinha partido, o monstro não estava muito mais contente com a situação do que Gabriella.

Um barulho veio de fora da varanda. Gabriella estreitou os olhos. Mesmo sem Dilys em Konumarr, ela ainda acordava com o chão da varanda coberto de suas flores prediletas, sem saber como chegavam ali. Julgando que apanharia o comparsa de Dilys no ato, ela foi caminhando na ponta dos pés até a porta e a escancarou:

— Arrá!

O homem na varanda, no entanto, não tinha nada de familiar. Não era calbernano. Nem inverniano. Tampouco veraleano. Ele era, na verdade, o homem mais repugnante que ela viu na vida. Cheio de cicatrizes, magro e queimado de sol, ele vestia um amálgama imundo de roupas largas e discrepantes que incluía uma jaqueta de oficial naval desbotada, calções pretos de infantaria e o que parecia ter sido, há muito tempo, uma bota elegante de nobre. O homem a viu e sorriu, revelando o conjunto de dentes preteados e gengivas avermelhadas.

— E num é que cê é bonita memo?

Gabriella recuou desajeitadamente. Antes que pudesse gritar para alertar os guardas, uma mão pressionou um tecido grosseiro e espesso contra sua boca e nariz, e um braço forte a ergueu contra o corpo de um segundo homem muito mais corpulento, mas igualmente fedorento.

Verão esbugalhou os olhos. Ela tentou lutar contra o raptor que a segurava forte. Ela puxou o ar para gritar, mas o cheiro pungente do tecido lhe preencheu as narinas e os pulmões, causando nela uma estranha letargia.

— Essa foi fácil — disse o homem à frente dela.

Ela pestanejou na tentativa de manter a concentração. Ele estava tirando algo da sacola amarrada à cintura. Uma corda.

Verão respirou fundo e tentou gritar outra vez. Tentou resistir, mas não conseguiu fazer a voz e os membros obedecerem aos comandos. Os ouvidos dela começaram a zunir. As luzes do jardim abaixo e da cidade do outro lado do fiorde ficaram difusas e desfocadas. O homem que a segurava disse algo, mas ela não conseguiu mais discernir as palavras.

O mundo apagou.

Wynter estava deitado de lado, apoiado em um dos cotovelos sobre o lençol de seda emaranhado, com os olhos azul gelo concentrados na barriga inchada e descoberta da esposa. Ele estava com uma das mãos enormes levemente espalmada sobre o volume enquanto o filho deles se revirava no útero da mãe.

— Nós poderíamos ter vinte filhos e, ainda assim, eu nunca me cansaria disso — disse ele, em tom de voz rouco e respeitoso.

— Vinte? Eu te amo, inverniano, mas isso não vai acontecer. Não vamos chegar nem perto.

Ele ergueu os olhos brilhantes e intensos para o rosto da esposa amada.

— Mas pense só em como vai ser divertido tentar. — A voz dele desceu um oitavo e assumiu um tom suave e gutural que fez a pele de Tempestade esquentar e os pulmões perderem o ar. Wynter adorava isso nela: paixão que ela não tentava mais esconder e como era fácil despertá-la com apenas um olhar, um rosnado.

— Você é um sacana.

— É por isso que você me ama tanto.

Os lábios dela se recurvaram num sorriso contido que fez o corpo dele ficar todo rijo.

— Esse sem dúvidas é um dos motivos.

A mão sobre a barriga subiu até o único botão que mantinha o robe dela preso sobre os seios. Ele o soltou com um movimento de dedos e abriu o roupão, desnudando os lindos montes acetinados dos seios da esposa.

A gravidez com certeza tornou os seios dela mais fartos do que quando se conheceram. Os mamilos negros dela pareciam mais largos, mais escuros e, sem dúvida alguma, mais sensíveis do que antes. Fato que dera a ambos prazeres infinitos nos últimos meses.

Ele segurou um deles com os dedos e se deleitou em ver a esposa arfar e se arquear de prazer. Ele poderia passar a vida inteira amando-a. Dez vidas inteiras. Uma eternidade.

— Eu te adoro, *min ros*.

Ele se inclinou para beijá-la; para mergulhar naqueles lábios carnudos e exuberantes, e no calor doce da boca dela; para saborear o fogo que salvara sua alma congelada.

O som de vozes exaltadas no lado de fora do quarto deles o fez congelar. Em um centésimo de segundo, ele saltou da cama, jogou um lençol sobre Khamsin, desembainhou a espada e atravessou o quarto em passos acelerados. Assim que chegou à porta, alguém começou a gritar “Sua Graça!” em tom de urgência.

Wynter escancarou a porta.

— O que foi?

O Guardião de Konumarr estava de pé ao lado do valete de Wyn e, atrás deles, havia uma dúzia de soldados da Guarda Branca.

— As princesas, meu senhor — arfou ele, curvando-se para recuperar a respiração. — As princesas desapareceram.

— O quê? — disse o grito agudo atrás dele.

Os olhos de Wynter se encheram de gelo. Atrás, ele sentiu uma força elétrica tomar o ar conforme a esposa reunia seu poder mortal.

Capítulo 19

— O informe do Synan não chegou. Já foram dois sem seguida.

Dilys se virou do parapeito do tombadilho e encarou seu primeiro oficial, Kame Samatoa. Eram oito horas da manhã. Synan tinha perdido o informe das três horas e, mais recentemente, o das sete horas, somando nove horas desde sua última comunicação.

Um informe podia ter sido uma cápsula em golfinho interrompida ou impedida de passar pelo sinal. Duas em seguida... só podia indicar que algo estava errado.

Além disso, havia uma sensação pesada no estômago de Dilys que lhe indicava o que poderia ser.

— Mandem um sinal para a frota. O Tubarão pode ficar com o tesouro e se esbaldar... presumindo que estivesse atrás dele. — Era mais provável que aquele *krillo* maldito tenha, ele mesmo, lançado uma armadilha na qual Dilys caiu. — Redirecionem a rota para Konumarr. Quero todos os dons do mar nesse navio concentrados em nos dar velocidade.

— *Tey, Alakua*. — Certo, capitão. — Imediatamente. — Kame se virou e começou a gritar ordens.

O convés do navio se inclinou sob os pés de Dilys, o *Kracken* deu meia-volta e seguiu para o norte, de volta às Ilhas *Æsir*.

— Devemos mandar um sinal para Konumarr, *Alakua*?

— *Ono*. Se houver ouvidos inimigos à espreita, não quero alertá-los de nosso retorno. — Dilys encarou sombriamente o horizonte adiante e a curvatura palpável do mundo junto ao Oceano de Varyan que se estendia a perder de vista. *Gabriella*, moa halea, *rezo para eu estar enganado e não haver nada errado. Mas, de um jeito ou de outro, saiba que estou indo atrás de você e que nada irá me impedir de chegar a seu lado.*

Zonza e dolorida, Verão acordou em meio à escuridão. Por vários minutos, ela permaneceu deitada, consciente, mas sem entender o que estava acontecendo. Seu cérebro entorpecido lutava para interpretar as impressões coletadas pelos sentidos físicos. Tudo estava escuro. Ela estava vendada. Ela tentou levantar a mão para tirar a venda, mas seus braços tinham sido amarrados atrás das costas. Havia um gosto horrível em sua boca — não somente pelo pedaço nojento de tecido enfiado e amarrado nela — e sua cabeça latejava.

Ela estava deitada de lado sobre uma superfície irregular e oscilante. O ar cheirava a sal, suor e àquele fedor bolorento de um lugar pouco arejado. O mundo balançava de forma rítmica e ela conseguia ouvir os estalidos de madeira, o rebater de tecido ao vento e os gritos e movimentos de homens no patamar acima.

Ela foi recuperando aos poucos fragmentos de memória.

Tinha sido sequestrada. Raptada de seu quarto no palácio de Konumarr. Tinha sido vendada, drogada e amarrada que nem um pato assado. Agora, estava em um navio indo para sabem os deuses onde. Para longe da segurança da Veralea e da Cordilheira Invernal, com certeza. Para longe da fúria de Khamsin e Wynter. E, se seus sequestradores possuíam uma gota de inteligência ao menos, para longe de Dilys também.

O corpo dela doía. Ela não sabia ao certo há quanto tempo estava deitada ali amarrada e imóvel, mas o braço embaixo do corpo dela estava dormente e formigando. Ela tentou puxar as mãos das amarras, mas cada tentativa de se libertar fazia as cordas machucarem a pele sem que os nós se soltassem. Verão deslizou para fora da superfície irregular de sua cama de prisão improvisada e começou a usar o pé descalço para explorar os arredores. Seus dedos do pé fizeram contato com uma superfície vertical estriada. Uma parede? Ele moveu os pés sobre ela. Verão foi tomada de indignação. Não era uma parede. Eles não a tinham colocado em um quarto, mas em algum tipo de jaula. Como uma animal!

Se ela não estivesse amordaçada, poderia usar a Persuasão para ordenar a algum dos guardas por perto que a libertasse e, em seguida, poderia tomar o navio pirata por pirata. Com a voz silenciada, porém, suas opções eram limitadas.

Aquele seria o momento perfeito para treinar algum tipo de feitiço prático, como a habilidade de desfazer nós ou mandar pedidos de ajuda telepáticos com informações detalhadas de localização aos resgatadores. Ou mesmo algo simples como a habilidade de desacelerar os sequestradores. Dilys estava a dias de distância, mas Wynter certamente já tinha mandado um grupo de resgate atrás dela. Se ela pudesse desacelerar o navio, daria aos resgatadores a chance de alcançá-la.

Verão ficou imóvel.

Ela estava em um navio em alto-mar. Ela possuía um dom do tempo. Tempestades em alto-mar não eram brincadeira. E uma ameaça de tempestade nunca preocupava mais do que nos meses quentes do ano, quando a temperatura dos oceanos chegava ao pico e o ar se tornava uma canja volátil pronta para explodir em fúria selvagem.

Gabriella não era Khamsin, capaz de criar uma tempestade ao bel-prazer, mas ainda era a Estação cujo seu nome de batismo era Verão. Ela carregava o fogo do Sol dentro de si.

O único problema era que, diferentemente de Tempestade, cuja mágica irrompia sobre o mundo a cada rompante emocional, Gabriella tinha passado a maior parte da vida reprimindo o fogo mortal dentro de si. Temerosa de perder o controle, ela raramente usava algo além de pequenas porções de seus dons para criar brisas frescas e chuvas leves, magias para tornar o verão agradável, não arrebatador, e para ajudar no crescimento de lavouras abundantes.

Agora, se quisesse diminuir a velocidade daquele navio, Verão precisaria de algo mais forte do que uma brisa suave. Ela precisava de poder suficiente para criar um vento contrário forte. Algo forte o bastante para desacelerar aquele navio movido a magia. Isso implicava em canalizar mais magia do que ela jamais fez de propósito.

Implicava em canalizar o vulcão.

Ela respirou fundo, reprimindo a raiva e o medo de estar sendo sequestrada. Reprimiu a angústia e a tensão que se enrolavam por seu corpo como uma serpente sibilante. *Fique calma, Gabriella. Mantenha o controle. Você só precisa de um pouquinho do que*

habita dentro de você. Você só quer criar um vento contrário, não um furacão.

Quando tinha certeza de ter soltado o máximo de medo e tensão, Gabriella respirou fundo outra vez e tentou acessar aquele lugar vulcânico em seu âmago. Aquele lugar escondido sob camadas e mais camadas de disciplina inflexível e de um tampão de calma. E lá estava o combustível no coração da chama. Brilhante como um sol. Quente como um sol.

O dom de Helos.

A parcela de poder do deus dada a ela — parcela que habitava todos os nascidos com a Rosa vermelha. Pessoas que — Verão o sabia graças à descoberta da espada de Roland por Khamsin — eram descendentes humanos do próprio Helos: sua linhagem remonta a Roland, filho que teve com uma rainha mortal.

Helos, me ajude, pensou ela com fervor. Seus lábios partidos formaram essas palavras ao redor da mordaca que a silenciava.

Esforçando-se em manter a calma, ela levantou as camadas de autocontrole — anos de disciplina e isolamento — que mantinham seu poder resguardado.

Enquanto o fazia, projetou os sentidos para fora de si mesma. Verão pairou através das paredes de sua prisão, atravessou as entranhas do navio e saiu em cheio na brisa marinha fresca e salgada. O sol estava a pino, pulsando luz e força. Estava tão quente. Muito mais quente do que em Konumarr.

Ela conseguiu sentir as grandes correntes de ar oceânicas. O ar quente subindo e o frio descendo de seus altos cumes. A ascensão e queda do ar gerava uma maravilhosa dança infinita de ventos. Cada molécula estocava energia. Muito acima do nível dançante, ventos robustos empurravam o grande rio invisível que guiava as correntes abaixo.

Verão tentou alcançar o barco com seu poder, aquecendo o mar e o ar com um golpe controlado de sua magia. O ar quente e úmido subiu com força à atmosfera. O ar mais frio e denso desceu rápido para o vácuo deixado no lugar. Uma rajada de vento soprou forte. O navio se estremeceu ao golpe dos ventos nas velas e uma grande onda rompeu contra o casco.

Ela imprimiu mais energia no mar e no céu, arrastando os ventos para sua direção. À distância, a magia fez o ar volátil se condensar e formar nuvens. Enquanto alimentava a tempestade, Verão sentiu um sabor familiar no vento.

— Vivi? — Por causa da mordaca, o sussurro de Gabriella soou mais como um grunhido abafado.

A magia de Primavera também estava no céu, acrescentando calor ao poder de Gabriella, alargando o círculo de ar e água quentes. Ajudando-a a alimentar a tempestade.

Com medo e amor lutando dentro do peito, Gabriella mordeu o lábio. Se Primavera estava no céu, também devia estar a bordo do navio. Os sequestradores não tinham raptado apenas a Verão. Tinham raptado Viviana também.

O navio cambaleou para um dos lados ao golpe de uma lufada forte de vento. Gabriella gritou quando, ao movimento brusco do navio, seu corpo saiu do chão e foi lançado contra as paredes da jaula. A madeira do navio estalava e rangia. No convés, os homens gritavam.

Ela gemeu de dor quando, ao se endireitar, o navio a mandou de cara na cama fedorenta.

Verão ainda estava lutando para se virar de costas quando a porta da sua pequena prisão se escancarou. Com passos pesados, botas vieram caminhando pelo chão de madeira.

— Acordada e fazendo travessuras — declarou uma voz rouca e agressiva. — O capitão não está gostando nem um pouco disso.

A porta da jaula fez som de abrir. Em seguida, mãos duras a reviraram com facilidade e um tecido úmido cobriu o nariz e a boca amordaçada de Verão. Ela tentou gritar e lutar, mas o homem era forte demais para que pudesse resistir.

O odor familiar e pungente do líquido no tecido encheu as narinas de Verão. A mente dela entrou em letargia; os pensamentos ficaram confusos. A tensão no corpo diminuiu. Os efeitos do sedativo poderoso caíram sobre ela como uma mortalha.

Mais uma vez, tudo ficou escuro.

— Minha futura *liana* e as duas irmãs dela foram raptadas e você acha que eu tenho algo a ver com isso? Você perdeu a razão? —

Dilys encarou o rei da Cordilheira Invernal. No retorno a Konumarr, Dilys e seus soldados foram recebidos por guardas armados. Não eram guardas em estado de alerta normal, mas soldados desconfiados, hostis e cheios de raiva. Os soldados de Dilys foram mantidos em custódia enquanto ele foi escoltado por dezenas de Guardas Brancos armados até o salão do trono do palácio onde Wynter da Cordilheira e sua rainha o esperavam.

— As princesas sumiram, bem como os soldados que você deixou para “guardá-las” — disparou Atrialan, em tom de voz assustador. — Eu diria que minha capacidade de raciocínio está *farking* ótima, não brinque comigo.

— Synan e os soldados dele eram meus guerreiros mais fortes e confiáveis! — rosnou Dilys. — Se eles sumiram, é porque quem levou as *Myerialannas* matou meus soldados e se livrou dos corpos. Não há outra explicação possível. Você esqueceu que eu e meus soldados lutamos contra um deus pelo direito de cortejar as Estações? Que motivos eu teria para sequestrar a mulher com quem eu planejava me casar e as irmãs dela? — Indignação, fúria e, isso mesmo, medo golpeavam Dilys, desfazendo qualquer pretensão de se manter calmo. Indignação pelo fato de o Rei de Inverno suspeitar que um príncipe da Calberna fosse capaz de cometer tal perfídia. Fúria porque alguém ousou sequestrar sua futura *liana* e as irmãs dela. E medo, um medo congelante, mortificante, por imaginar o que os sequestradores das Estações poderiam fazer com elas. O que poderiam fazer com Gabriella.

Se alguém tocasse a pequena melrosa dele...

Se ousassem machucá-la...

As garras pretas e duras como diamante irromperam da ponta dos dedos de Dilys, prontas para atacar.

— Quais motivos? — retrucou Wynter. — Posso pensar em muitos. Seus cortejos talvez não estivessem indo tão bem quanto você esperava. Talvez você tenha chegado à conclusão de que ter três bruxas poderosas em seu controle era mais interessante do que a possibilidade de conquistar uma delas. Talvez tenha concluído que a barganha feita com minha rainha no inverno passado não o agradava, por isso quebrou o contrato. É seguro que você já fez isso antes.

Havia uma nevasca nos olhos do Rei de Inverno e o corpo dele emanava um frio inconfundível. Sem se acovardar, Dilys rosnou, revelando as presas de batalha.

— Eu quebrei apenas um contrato em minha vida, e não foi sem motivos. Você sabe muito bem disso. Ou está dizendo agora que eu devia ter deixado sua rainha lutando sozinha contra o Rei de Gelo e os lacaios dele?

Mesmo furioso, Wynter da Cordilheira teve que recuar depois dessa resposta. Ele recuou, mas não passivamente. De punhos cerrados, ele praguejou e se virou.

— Se você não sequestrou, então quem foi?

— Solte-me e eu garanto que irei descobrir.

Em resposta, Wynter curvou os lábios e disse:

— Eles vieram pelo mar e usaram neblina para esconder os movimentos. Eu descii ao fiorde. O ar de lá está com cheiro de magia. Manipular neblina marinha é um dom do mar, não é?

Neblina é apenas uma extensão do mar, gotas d'água suspensas no ar. Os calbernanos não eram capazes de afetar o clima como os bruxos do tempo da Cordilheira Invernal e da Veralea, mas manipular neblina... isso eles eram capazes de fazer.

— *Tey*, é sim, mas muitas outras pessoas são capazes disso também. Na verdade, com a quantidade certa de prata, qualquer um pode comprar esse feitiço no mercado negro. — Ele ergueu o queixo. Dilys encarou Wynter da Cordilheira com olhos inabaláveis. — Estou falando que não fui eu. Meus soldados também não foram os responsáveis. Agora, se esses *krillos* que levaram as *Myerialannas* vieram pelo mar, então sou sua maior esperança em caçá-los.

Os lábios de Wynter se curvaram outra vez.

— Se você pensa, nem que por um segundo, que confiarei em você para ir atrás das irmãs de minha esposa, deve estar sonhando.

A raiva de Dilys se inflamou. Ele teve que contê-la com um autocontrole brutal. A fúria não o levaria a lugar algum. A Gabriella era sua prioridade.

Ele percorreu com um olhar incinerante a fileira fria e desconfiada de invernianos ao redor. Idiotas orgulhosos, teimosos e desconfiados. Eles se achavam capazes de rastrear um navio em

pleno oceano. Seriam despistados, especialmente se o navio em questão pertencesse ao Tubarão. Sem Dilys, sem os soldados dele, Gabriella e a irmã estavam perdidas. Antes que os invernianos tivessem motivos para brandir as armas, ele se virou para a rainha e caiu de joelhos.

— Eu juro a você, Khamsin das Tempestades, *Myerial* da Cordilheira Invernal e da Veralea, eu juro a você por minha vida, pela vida dos meus soldados e pelo sangue da *Myerial* Alysaldria I, minha grande e gloriosa mãe, eu juro a você que encontrarei suas irmãs e as trarei de volta para casa, ou morrerei tentando. Eu juro. — Ele inclinou a cabeça, mostrando a ela o pescoço em sinal de completa submissão e vulnerabilidade. — Devolva-me meus soldados e navios, e deixe-me caçá-los. Conceda-me esse direito, essa honra. Erga suas mãos sobre mim e garanta-me o enorme dom de sua confiança. Eu não a trairei.

Por um minuto longo e interminável, ele achou que ela recusaria o pedido. Os pensamentos de Dilys se reviraram. O que ele faria se ela recusasse o pedido? As Estações, Gabriella, estavam lá fora, reféns de sabem lá os deuses que tipo de alma imunda e corrupta. Dilys queria caçá-los com a benção de Khamsin para manter a paz entre a Cordilheira Invernal e a Calberna, mas, se eles tentassem impedi-lo... se tentassem detê-lo...

Alguém, o Tubarão ou qualquer outro *krillo* celerado, tinha raptado Verão Coruscate. Esse alguém — vil covarde! — tinha entrado escondido no quarto dela e colocado as mãos imundas nela. Amedrontara-a. Esse alguém a roubou da segurança do lar, da família e do príncipe calbernano que tinha comprometido sua vida e coração a ela de todas as maneiras possíveis.

Esse alguém — e todas as almas vivas que o ajudaram — ia morrer.

Como morreria qualquer pessoa que se interpusesse entre Dilys e sua *liana*.

Khamsin ainda não tinha respondido.

Dilys segurou a raiva, usando cada pinga da disciplina aprendida ao longo da vida para mantê-la aprisionada. Mas, ah, pelos deuses, pelos deuses, como ele queria libertá-la! A raiva de Dilys urrava por liberdade. Clamava por destruição.

Seria tão fácil. O mar, uma das forças mais primais do planeta, dobrava-se aos comandos de Dilys. Ele cercaria aquela cidade e a engoliria inteira, levando consigo toda e qualquer criatura no fiorde Llaskroner.

Só a certeza de que Gabriella nunca o perdoaria por isso lhe dava forças para manter tal desejo sob controle.

Gabriella... moa myerina... moa liana... Eu irei atrás de você. Com ou sem a permissão deles, eu irei atrás de você.

Seria melhor para todos se eles o permitissem.

Por isso, Dilys largou mão do orgulho inútil e disse:

— Por favor, *Myerial* Khamsin. — A voz de Dilys tremeu, atestando a força violenta que grassava sob o verniz fino de calma. — Dê-me sua benção. Confie a mim a missão de trazê-las de volta. Eu imploro. — As garras dele cravaram o chão de pedra.

Por fim, Khamsin lhe deu sua resposta:

— Traga-as de volta para mim — disse em tom de voz baixo e rouco. — Traga minhas irmãs de volta para a casa.

Ela estendeu as mãos sobre a cabeça dele. Um choque o atravessou. Ele ergueu as mãos em surpresa, segurou os pulsos de Khamsin e encarou as palmas dela enquanto o poder, o poder dela, era despejado sobre ele.

Os olhos dela ficaram prateados e brilharam forte em contraste com o rosto.

Ele arqueou as costas. O que ela estava lhe dando era como os dons da mãe e da Gabriella, mas, ainda assim, tão diferentes. Os dons da mãe e da Gabriella pareciam lava despejada do núcleo de um vulcão. Já aquele poder, era como as estrias de um raio invocado do coração de uma grande tempestade.

Aquela tempestade selvagem, furiosa e mortal o golpeou, eletrizou e alimentou.

Ao redor, os invernianos desembainharam as espadas e avançaram na direção dele gritando:

— Solte-a, Merimydion!

Uma crosta de gelo se formou nas costas de Dilys e o grito enraivecido de uma fera terrível abalou o salão.

Dilys sentiu todos ao redor, Wynter e os soldados, avançarem em sua direção. Seu estado de atenção era semelhante a seu sentido

marinho, como se o ar tivesse se transformado em água e os invernianos fossem tubarões se aproximando para matar a presa.

Ele soltou os pulsos de Khamsin e espalmou as mãos. Com os dedos abertos, o poder de Khamsin pulsava das mãos de Dilys com as ondulações na superfície de uma lagoa. Os invernianos voaram para trás, arremessados por aquela onda invisível.

Eles se levantaram do chão e, rosnando, Dilys se agachou como que se preparando para dar o bote.

— Parem! — A voz de Khamsin ecoou pelo salão como um trovão.

Ofegante, Dilys congelou no lugar. O corpo dele tremia pela agressividade mal contida. A necessidade de matar era como um véu vermelho turvando-lhe a mente, mas a mesma pessoa que havia lhe dado aquele estranho poder elétrico agora o ordenava que parasse.

— Dilys! Wynter! Todos vocês! Parem imediatamente! Abaixem as armas. Já!

Dilys estava desarmado, mas não indefeso. A duras penas, ele recolheu as garras e acalmou o poder selvagem, insano e turbulento que fervilhava dentro do peito.

Enquanto o fazia, Wynter levantou Khamsin da cadeira e a colocou atrás de si, protegendo-a com o corpo.

— Você está bem, *min ros*? — perguntou com um sussurro rouco. Os olhos dele, tomados agora de um braço puro, reflexo do poder mortal que *não* conseguiu conter, permaneceram fixos em Dilys.

— Estou bem — garantiu-lhe ela. A mão esbelta de Khamsin fez um carinho apaziguador no braço do marido. — Está tudo bem, Wyn. Eu estou bem. Ele não estava me machucando.

— Nesse caso, você talvez possa me explicar que *fark* ele estava fazendo. — Conforme falava, voz de Wynter ia ficando cada vez mais fria e enérgica.

Dilys se levantou e forçou os músculos a relaxarem.

— Ela estava me abençoando para ir atrás das irmãs dela — disse ele. — E compartilhou comigo o próprio poder, para que eu possa usá-lo para trazê-las de volta para casa. — Ele fez uma reverência respeitosa na direção dela, ainda que Khamsin continuasse praticamente encoberta pelo marido. — Meus

agradecimentos, Khamsin das Tempestades. Seus dons são, de fato, poderosos. Eles vão me ser muito úteis. Prometo que encontrarei suas irmãs e as trarei de volta para casa. — Em seguida, ele se voltou a Wynter e disse: — Mande seus soldados recuarem e saírem do meu caminho.

— Congele só um minutinho aí.

Dilys sentiu uma raiva súbita. As garras dele, que tinham se retraído, saltaram outra vez da ponta dos dedos.

— Basta! Minha *liana* e as irmãs dela correm novos riscos a cada segundo que você me atrasa. Sua rainha já me deu a confiança e a benção dela. Eu vou partir. Não quero guerra com a Cordilheira Invernal, mas é isso que você terá se não sair do meu caminho. Agora, SAIA. — Essas últimas palavras retumbaram com o poder de Comando.

Em perplexidade generalizada, todos os invernianos de pé entre Dilys e a porta abriram o caminho.

Ele saiu em disparada pelo caminho aberto e saiu pela porta.

Na esteira dele, vieram xingamentos seguidos pelo bater de botas na pedra de Wynter e sua Guarda Branca o perseguindo.

— Merimydon! Droga. Merimydon, seu maldito dos infernos, pare!

Dilys parou junto à porta contígua aos jardins.

— Não, eu não vou parar. Eu vou para o fiorde pegar meu navio e, depois, para o mar, procurar Gabriella e as irmãs dela. Liberte meus homens e lhes diga para me encontrarem nos navios. Vou zarpar daqui uma hora. Eu não vou quebrar meu juramento à sua *liana*. Se isso for deixar você vai tranquilo, pode mandar alguns soldados de sua Guarda Branca comigo, até uma dúzia por navio. Eu já os vi lutar. Não vão ser um fardo. Nem se dê ao trabalho de me lançar esse seu Olhar de Gelo ou de tentar me impedir. Nada disso vai funcionar. Sua esposa dividiu os próprios dons comigo e eu os usarei, se preciso.

O Rei de Inverno o encarou com um misto de indignação, confusão e fúria.

— Como assim, minha esposa dividiu os dons dela com você? E que *fark* você fez com a gente agora há pouco?

Dilys sufocou a urgência de partir. O Rei de Inverno estava desperdiçando o tempo que Dilys não tinha, tempo que Gabriella e as Estações não tinham.

— Liberte meus homens. Mande-os aos meus navios com os soldados que você quer que nos acompanhem. — Ele hesitou um pouco. Em seguida, para garantir que Wynter o deixaria em paz, deu a notícia que veio com o poder de Khamsin Atrialan. — Fique aqui com sua *liana*, Atrialan. O filho de vocês decidiu nascer agora.

Depois de um momento de surpresa estrondosa, Wynter Atrialan gritou ordens para que libertassem os soldados de Dilys e despachou várias dúzias de soldados da Guarda Branca para zarpar com eles. Por fim, fixou os olhos em Dilys com um último olhar severo, afiado o bastante para cortar vidro.

— Não nos decepcione, Merimydion. Encontre as Estações e traga-as de volta para casa.

Tendo obtido a vitória, Dilys decidiu que podia perder alguns segundos demonstrando cortesia. Ele inclinou a cabeça.

— Se for preciso, eu e meus soldados as procuraremos nos rincões mais distantes da Mystral. Nós traremos as irmãs de sua *liana* para casa de um jeito ou de outro, Wynter da Cordilheira.

Wynter retribuiu com um aceno curto de cabeça. Em seguida, deu meia-volta e, abandonando a calma fingida, voltou correndo para a esposa a passos largos de suas pernas compridas.

Pouco antes de sair pela porta que conduzia ao fiorde, ele viu o Rei de Inverno surgir da porta do salão do trono carregando a leve esposa grávida no colo. Ele gritava o nome da curandeira real, Tildavera Greenleaf.

Dilys se virou e partiu correndo na direção do fiorde. Ele correu pelo mesmo motivo que Wynter, pois sua mulher precisava dele.

Não. Não era isso. Ele não correu porque ela precisava, ainda que o faria sem pestanejar. Ele correu porque ele precisava. Não porque ela precisava dele, mas porque ele precisava dela. Correu pois a mínima ameaça à segurança dela fazia o sangue dele gelar e o coração bater tão forte a ponto de quase explodir no peito.

Ele se deu ao trabalho de descer correndo até a margem do fiorde. Ele mergulhou direto do terraço ajardinado. Por longos segundos, ele pairou no ar leve, como uma ave marinha. Em

seguida, o corpo dele penetrou o mar como uma lança afiada e Dilys pairou novamente, mas, dessa vez, no mundo mais denso e igualmente leve do oceano.

Uma força pulsava forte dentro de Dilys, pedindo para sair. Era um farol de busca, perscrutador, que se movia e vibrava em velocidade eletrizante de uma pequena molécula de água para a outra.

Em poucos segundos, a pulsação preencheu toda extensão do fiorde e continuou além.

Conforme avançava, Dilys lançou uma segunda vibração de energia, mais lenta, no entanto mais forte.

Se a primeira vibração foi como um raio atingindo em cheio as células do oceano, a segunda foi como o movimento de um enorme colosso sob o manto da terra. O impulso partiu de Dilys como um tsunami, uma onda de imenso poder capaz de deslocar oceanos por onde passava.

Todo calbernano nascia com um dom do mar. Todo calbernano é capaz de manipular ondas e correntes marítimas em alguma medida. Mesmo no marasmo próximo à linha do equador da Mystral, os navios calbernanos nunca estagnavam, nem mesmo quando o mar estava parado como um espelho e as velas pendiam inertes nos mastros. A maioria das Casas calbernanas era capaz se comunicar com uma ou uma gama de espécies que habitam as profundezas dos oceanos.

Dilys da Casa Merimydon conseguia se comunicar com todas elas.

Todas as criaturas, das menores amebas às maiores baleiras, passando pelo kracken, a fera selvagem e cruel, o grande e mortal dragão dos mares que vivia nas profundezas abissais do oceano.

Enquanto flutuava levemente nas águas do fiorde e emitia seu poder mar afora, o tridente dourado no pulso esquerdo de Dilys brilhava forte.

— Esta é a minha parceira — clamou a segunda vibração, levando a imagem vívida e sensorial de Gabriella, cada cheiro, som, gosto e toque que Dilys conhecia dela. — Encontre-a. Encontre as pessoas que a levaram. Mostre-me o caminho.

Duas horas depois, Dilys estava ao leme de seu navio, o *Kracken*, enquanto este saía do porto de Konumarr e tomava o fiorde Llaskroner em direção ao mar aberto. O *Orca*, de Ari, e o *Narwhal*, de Ryll, vinham logo atrás, juntos com os outros três navios que compunham a frota de Dilys.

Ele encontrou seus soldados desaparecidos, Synan e os outros nove homens, no fundo do fiorde Llaskroner, envoltos em lona e afundados com lastro de chumbo. Dilys esperava encontrá-los afogados com o símbolo do Tubarão na testa, mas, se tinham morrido nas mãos de seu pior inimigo, aquele *krillo* não tinha usado seu método habitual de tortura. Em vez disso, a garganta de Synan e seus soldados tinha sido cortada e a metade direita dos rostos, incluindo a orelha e boa parte do couro cabeludo, fora fatiada. A descoberta tenebrosa ajudou a colocar um fim em qualquer suspeita restante de que Dilys e seus soldados pudessem estar por trás dos sequestros.

Ele também achou um rastro para seguir. Em resposta a suas perguntas, os habitantes do fiorde Llaskroner compartilharam imagens de um navio que viram navegando pelo porto sob uma cobertura de neblina. Foi o mesmo navio que jogou os corpos dos soldados de Dilys ao mar ao partir. Fizeram-no, sem dúvidas, para lançar suspeitas do sequestro sobre Dilys e seus soldados, estratégia que teria funcionado caso ele não tivesse voltado tão rápido quanto o fez.

Entretanto, quem quer que tenha criado aquela neblina contou demais com a ausência de Dilys, pois se ela prevenia que o navio não fosse visto ou identificado acima da superfície d'água, tais precauções não se estendiam aos olhos debaixo dela. Assim, ainda que as criaturas oceânicas não-mamíferas não possuíssem uma memória muito duradoura ou um senso de tempo muito preciso, o rápido retorno de Dilys a Konumarr permitiu-lhe tirar das pequeninas mentes marinhas do fiorde detalhes específicos o bastante para constituir uma descrição razoável da quilha do navio. Ele mandou a descrição para grupos de baleias, focas e golfinhos, pedindo-lhes que o ajudassem a localizar o navio que procurava.

Até aquele momento, nenhum de seus caçadores reportou ter visto pessoalmente o navio, mas Dilys recebeu diversos informes

acerca de um banco de neblina misterioso viajando em alta velocidade a oeste do Varyan há vários dias.

Dilys tinha trocado a *shuma*, o cinto e as faixas pela versão calbernana da armadura: uma tanga azul esverdeada tecida com anéis de aço reforçado, protetores de peitoral, braço e canela, e um cinto grosso de couro com duas bainhas para espadas. Seu tridente estava na cabine abaixo do convés, pendurado na parede ao lado do escudo. Os doze soldados da Guarda Branca de Wynter embarcados no navio de Dilys estavam subindo de volta ao convés após terem deixado as equipagens nas camas.

Ele olhou para a armadura de chapa de aço deles com aversão.

— Você e seus soldados precisam tirar essa armadura — disse a Klars Friis, o inverniano no comando da Guarda Branca. — Só uma couraça simples é melhor do que isso.

— Hum? — Friis arqueou uma das sobrancelhas brancas.

— *Tey*. Se o navio afundar, eu e meus soldados conseguimos nadar de armadura. Você e sua Guarda Branca vão afundar na de vocês.

Sob a pele dourada, o inverniano empalideceu um pouco.

— Você está na expectativa de que seu navio vá afundar?

— Na expectativa, não. Mas não é incomum que um navio afunde, especialmente em batalha. E dado que seja lá quem tenha sequestrado as Estações tem à disposição uma magia poderosa — era preciso uma magia realmente poderosa para esconder um navio dos olhos dos calbernanos —, pode ter certeza de que vai ter confronto. Uma batalha feroz, pelo visto. Trocar sua armadura por algo que não os leve ao fundo do oceano me parece uma precaução sábia.

Friis pestanejou e, por fim, disse bruscamente:

— Vou falar com meus soldados.

Dilys fez um aceno de cabeça breve. A bombordo, uma grande baleia azul e branca saltou para fora da água. Suas imensas barbatanas golpearam o ar enquanto o corpo se contorcia. A criatura bateu contra a superfície do mar lançando um poderoso jorro de água ao ar.

Dilys ofereceu o leme a seu segundo oficial e caminhou até a grade a bombordo. Ele estendeu uma mão ao mar. Um jato de água

se ergueu das ondas abaixo e lhe engolfou a mão, conectando-o ao mar e a todas as criaturas nele.

Em seguida, ele ouviu o canto da baleia repetindo os gritos tonais que tinham viajado centenas de quilômetros do oceano, vindo dos grupos distantes até ela, que se aproximou do *Kracken* para chamar a atenção de Dilys.

Eles tinham localizado o navio com as Estações. Ele já estava a quase dois mil quilômetros de distância. A magia de que os piratas dispunham, fosse qual fosse, era poderosa. Mesmo para os calbernanos, criar uma corrente oceânica capaz de imprimir tal velocidade a um navio era um dom limitado àqueles de sangue real.

Dilys fechou os olhos e se concentrou no poder guardado em seu corpo: o magma borbulhante e os dons do tempo concedidos por Gabriella e os dons elétricos e tempestuosos oferecidos a ele por Khamsin Coruscate.

Ele concentrou os dons do mar no oceano, remodelando as correntes marítimas conforme sua vontade. A bruma das ondas respingou sobre Dilys e as longas tranças de seu cabelo voaram para trás conforme o *Kracken* pegava velocidade.

A energia crepitante do dom do tempo de Khamsin demandava mais cautela. O dom dela era muito poderoso e chegava a ser mais selvagem do que o de Gabriella. Dilys sentia a força pedindo para ser liberada. A energia dentro dele se debatia, deixando-o inquieto.

A admiração de Dilys por Khamsin decuplicou. Como ela conseguia viver com aquela batalha feroz dentro de si todos os segundos do dia?

Dilys usou todo seu treinamento para manter a magia represada, afrouxando o controle apenas para liberar algumas poucas chispas furiosas. Cheias de vento, as velas do navio inflaram.

O *Kracken* disparou adiante, cortando as ondas como uma faca.

Atrás dele, aproveitando o vento e as ondas que Dilys estava criando, as outras embarcações da frota o seguiam de perto.

Capítulo 20

Verão gemeu conforme recobrava a consciência. A cabeça dela doía violentamente. A boca parecia... argh, é melhor nem pensar na sensação. A mordaca nojenta continuava no lugar. O estômago se remexia loucamente. Fosse qual fosse o veneno que os sequestradores tinham dado a ela, ele não lhe caía bem.

— Tá acordada, minha pérola? — cantarolou uma voz que Verão não reconheceu. Uma voz estrangeira, marcada, masculina. Eru, a língua comum, não era a primeira língua dele. Verão tentou localizar o sotaque, que devia vir de algum país a oeste, mas sua mente estava confusa demais para identificá-lo com precisão.

Ela considerou manter os olhos fechados e fingir que estava dormindo até uma grande mão deslizar por sua perna, sob a camisola, com ousadia ultrajante.

Ela escancarou os olhos e puxou a perna para longe daquela mão desprezível que ousou tocá-la.

Não mais trancada em um porão bolorento e malcheiroso, e desvendada, Verão se viu numa cama dentro da cabine do navio. Com os dentes brancos cortando o rosto bem bronzeado com um sorriso, ele a observava com olhos escuros desconcertantes.

— Você é tão delicada, gracinha. Qual das Estações você é? — O olhar frio pairou sobre ela com insolência vagarosa antes de, por fim, encontrar-se com o olhar dela, estreito e mortífero. — Com esses olhos azuis bonitos, eu diria que você é a Verão. Acertei?

O homem era alto e tinha a pele escura bronzeada num tom de madeira polida. Seu espesso cabelo preto formava uma única trança e ele trazia bigode e cavanhaque perfeitamente aparados. Suas roupas estavam impecavelmente limpas e eram feitas com tecidos nitidamente caros. Na verdade, no ambiente certo, ele poderia muito bem se passar por um homem rico, ainda que Verão fosse temê-lo

mesmo assim. Havia um brilho frio e predatório nos olhos dele, como o de uma cobra medindo a presa.

Independentemente de quais fossem os planos dele para Verão, eles não eram bons.

Foi quando ele se apresentou:

— Onde estão meus bons modos? Meu nome é Mur Balat, comerciante dos bens mais refinados e raros da Mystral.

O estômago de Verão deu um tranco súbito de náusea. A pele ficou suada e os olhos se esbugalharam. A reação instintiva espontânea a fez se virar na cama para aliviar o espasmo do estômago.

Balat — o mercador de escravos mais infame de toda Mystral — se aproximou com agilidade inesperada, tirou a mordaca e segurou a cabeça dela sobre um balde de madeira vazio no qual Gabriella vomitou violentamente.

— Calma, minha pérola. O *tzele* que os homens deram para te deixar mais dócil tem esse efeito em algumas pessoas. Logo, logo passa — disse ele, com voz suave, melódica, quase tranquilizante, o que valia para a mão alisando a nuca de Verão.

De alguma forma, isto o tornava ainda mais aterrorizante.

Quando Verão terminou de vomitar, ele limpou o rosto dela com um pedaço de pano úmido e fresco que tinha o cheiro improvável de limão e outro aroma tropical que ela não conseguia identificar.

— Se sente melhor agora? — Ele percorreu o contorno do cabelo de Verão com a mão escura, ajeitando um cacho para trás da orelha. Ela se encolheu. Ele deu uma risadinha bonachona. — Imagino que você tenha ouvido falar de mim. — Era evidente que a ideia de que ela soubesse seu nome e o temesse lhe dava prazer.

— P-por f... — Sensível, a garganta dela se fechou. Verão tossiu e congelou à ideia de que fosse passar mal outra vez. Em seguida, engoliu seco com dificuldade e forçou as palavras a saírem. Sua voz estava rouca. — Sou a Herdeira da Rosa, uma das princesas da Veralea. Meu cunhado é o Rei de Inverno... Não importa quanto estejam pagando por nós, minha família pagará o dobro, o triplo, e ainda mais pelo meu resgate e de minhas irmãs. — Ela tentou colocar um pouco de Persuasão na voz, mas sua garganta estava

dolorida demais. Tentar concentrar as forças na magia era como nadar em cola.

Balat a encarou com um olhar inabalável.

— Como homem de negócios, eu costumo ser bem aberto a uma oferta melhor, mas, nesse caso, por mais tentador que me soe, minha pérola, não há dinheiro no mundo capaz de me convencer a devolver você e suas irmãs à sua família. Vocês são valiosas demais para mim. Não em seu atual estado deplorável, é claro, mas isso é facilmente remediável. — Ele bateu palmas e uma porta se abriu na lateral do quarto. Por ela entraram três mulheres carregando uma bacia, um jarro com líquido quente e uma cesta repleta de tecidos, garrafinhas e frascos. As três usavam saias impecavelmente brancas com uma fenda que ia até a coxa. Nuas da cintura para cima, a pele delas, de um tom preto azulado, estava coberta por desenhos prateados brilhantes de uma beleza estranha. Era algum tipo de runa. O cabelo delas era bordô, os olhos, verde cor de peridoto, e cada uma trazia uma coleira de prata ao redor do pescoço.

— Limpem-na — ordenou o homem. — E deem um jeito nisso. — Ele cutucou o balde ao lado da cama com o pé calçado de sandália.

Sem dizer palavra, uma das mulheres pegou o balde e o levou embora enquanto as duas outras se aproximaram de Gabriella. Trabalhando em conjunto, elas colocaram a bacia sobre a mesinha ao lado da cama, encheram-na com a água quente do jarro e acrescentaram algumas gotas de um líquido azul denso. A terceira mulher voltou e, juntas, as três soltaram os pulsos de Verão e seguraram-na com firmeza. Verão não resistiu. O efeito do *tzele* ainda não tinha passado, mas o infame Mur Balat tinha cometido um erro crucial.

Ele tinha colocado uma filha do Sol em um quarto com janelas. Janelas descobertas. Em plena luz do dia.

A luz do sol estava intensa, quente e revigorante. Verão se sentia ficando mais forte e lúcida a cada segundo que a magia solar em seu sangue queimava o resto do *tzele* em seu corpo.

— Minhas i-irmãs — murmurou ela, com a fala levemente arrastada. Pelo amor de Helos, aquele *tzele* era uma porrada e tanto. — Onde estão elas? O que vocês fizeram com elas. — Com

grande esforço, Verão lançou uma magia leve e ondulante janela afora, e saboreou o vento em busca de Primavera e Outono.

— Elas estão vivas e ilesas, minha pérola. Não precisa ter medo. Eu me orgulho de cuidar muito bem de todos os meus tesouros.

Depois de tirar a corda áspera que os sequestradores usaram para amarrar os pulsos de Verão, a mulher com olhos cor de peridoto a substituiu por uma trança de seda, levantou os braços de Gabriella acima da cabeça e amarrou a corda na barra acima da cabeceira. Depois iam fazer o mesmo com os tornozelos, mas, quando ficou claro que as mulheres iam abrir suas pernas e amarrá-las cada uma num canto da cama, Gabriella entrou em pânico.

Só havia um motivo para a amarrarem daquela forma: facilitar que os sequestradores a estupassem.

A mente de Verão ainda estava turvada pelo *tzele*, mas não importava. De forma nenhuma ela se submeteria a um estupro sem revidar. Ela começou a lutar, debatendo-se e esperneando.

— Me solta! Me solta! — Ela tentou imprimir Persuasão à voz, mas sua mente ainda estava confusa demais para reunir o poder necessário.

O fogo, no entanto, era outra coisa. Mesmo tendo passado uma vida escondendo a verdadeira força de seus dons mágicos, de todas as irmãs, Verão era a que tinha mais afinidade com o sol. Quando clamava do fundo de seu desespero e medo, o sol vinha bramindo em seu socorro.

Verão soltou um grito gutural quando, quente e feroz, o poder saiu pulsante dela. A Rosa ficou incandescente como brasa atijada sobre a pele. As cordas ao redor dos pulsos pegaram fogo. As lâmpadas a óleo apagadas na luminária do teto se acenderam e quebraram, lançando óleo sobre o chão da cabine. Com o cabelo chamuscado e as roupas fumegantes, as três escravas saíram voando e bateram com as costas contra parede. Toda umidade no quarto evaporou, deixando o recinto tão quente e seco que era doloroso respirar. Do lado de fora, o mar ficou bravo com as nuvens de tempestade que iam se formando no céu e o navio pendeu para o lado sob a força do vento.

Livre de suas amarras, as mãos e joelhos de Verão fraquejaram e ela quase caiu de novo. Os resquícios do *tzele* tinham se evaporado

rapidamente, mas a força que ela acabara de usar a deixara tonta.

Mur Balat avançou um passo na direção dela. Ela respirou fundo o ar quente da cabine e, com a intenção de reduzi-lo a cinzas, voltou-se a Balar quando sua magia simplesmente... evaporou. Em um momento, o poder dela era uma força palpável; um segundo depois, era como uma fumaça sem substância, intangível, quem dirá manipulável.

Uma dor lancinante e desesperadora explodiu dentro dela, como se a pele de Verão estivesse sendo arrancada do corpo.

— Incrível! — exclamou Mur Balat. Ele se aproximou dela com as mãos espalmadas e os olhos brilhando em um vermelho ardente. Rios de luz dourada fluíam do corpo de Verão para o dele formando uma aureola ao redor de Balat. — Realmente extraordinário. Esse é um dos poderes mais deliciosos que já provei na vida. — Ele estalou a língua contra o céu da boca. — Você, minha pérola, andou escondendo seus dons a sete chaves.

Ela não conseguia se mexer, falar ou gritar. As três escravas a cercaram e, rapidamente, amarraram-na deitada com as mãos acima da cabeça e as pernas abertas, amarradas aos pés da cama, sem que Verão pudesse lutar contra. Quando terminaram, correram para jogar areia sobre os focos de incêndio pelo quarto.

Tão logo os incêndios foram apagados, a aura ao redor de Mur Balat começou a diminuir e ficar escura. Em seguida, a aura agora sombria mergulhou para dentro da pele dele e foi absorvida. Os vívidos olhos vermelhos voltaram a ficar pretos. Por fim, Gabriella se viu liberta da magia na qual ele a aprisionara, mas estava tão fraca que sequer conseguiu levantar a mão ou emitir mais do que um gemido em protesto enquanto as três mulheres lhe cortavam a camisola e começavam lavá-la com água perfumada.

Ela tentou usar a magia outra vez, mas foi em vão. Desesperada, ela fez mais força, tentou puxar mais fundo, mas nada.

Balat tinha roubado a magia dela.

O mercador de escravos lambeu os lábios e olhou para o corpo exposto de Verão sem esconder a lascívia.

— Devo te dizer, você é tão deliciosa quanto sua magia. Se eu tivesse mais tempo, eu me fartaria em você por horas. Ah, que pena que não tenho tempo. Preciso resolver um negócio urgente. —

Ignorando o estremecimento dela, ele passou a mão no rosto de Verão. — Normalmente, depois de comer a magia de uma pessoa, ela ficaria incapacitada por dias, mas suas irmãs já se demonstraram excepcionais na capacidade de se recuperarem de meus prazeres. E aí está o meu dilema. — Sentando-se à beira da cama, ele deslizou a mão sobre a curvatura do seio nu de Verão. — Não tenho como ficar dopando vocês com *tzele*. Vocês, Estações, não têm muita tolerância a ele e os efeitos passam rápido demais. Se eu der mais, corro o risco de aplicar em sobredose e o efeito seria... bem, desagradável, para dizer o mínimo. Você, porém, já provou mais de uma vez que, dada a oportunidade, irá usar magia para causar problemas. Nesse caso, terei que usar um método diferente para controlá-la até minha volta. Infelizmente, acho que você não irá gostar muito. — Ele apertou o seio dela.

O terror e a afronta deram a Verão forças para dizer:

— Liberte a mim e minhas irmãs agora. Liberte-nos e pode ser que você sobreviva. Se não o fizer, Dilys Merimydion e Wynter da Cordilheira vão caçá-lo até os confins da Mystral e, quando o encontrarem, irão destruí-lo.

Balat se levantou.

— Eu não depositaria minhas esperanças nisso, minha pérola. Mas se, por um milagre, eles conseguirem encontrar meu navio, meu amigo aqui é mais do que capaz de mandar qualquer navio ao fundo do mar. — Ele atravessou a cabine e abriu a porta. Uma figura alta e sombria preencheu o enquadramento da porta. Verão sentiu um golpe simultâneo de choque e pavor quando percebeu que o “amigo” de Balat era um calbernano.

Não era um dos calbernanos que tinha ido a Konumarr naquele verão. Disso tinha certeza. Aquele era um homem que, uma vez visto, nunca seria esquecido. Ele era alto como todos os homens de sua espécie. Sua pele tinha um bronzeado escuro e profundo. O peitoral e os ombros eram largos e fortes, tão impressionantes quanto os de Dilys. Mas enquanto as *ulumis* de Dilys e seus soldados eram azuis furta-cor, mais da metade das tatuagens daquele homem tinham sido feitas em preto fosco, dando a ele a impressão de estar cercado de sombras ondulantes.

— Sua Alteza Real — disse Balat a Verão, com polidez aristocrática —, permita-me apresentá-la ao Tubarão.

Dilys sorriu com satisfação austera quando um grupo de golfinhos cantou suas notícias. Ou os sequestradores de Verão se julgaram a salvo ou a magia que tinham usado no fiorde Llaskroner acabou, pois a névoa encobridora ao redor do navio deles tinha se dissipado. Eles navegavam a velocidade máxima em direção à costa da Frasia. Os golfinhos e botos nadando na crista da onda gerada pelo *Kracken* anunciaram alegremente os detalhes do navio e a rede de espões oceânicos de Dilys logo trouxe mais detalhes.

O nome se chamava *Ceifador*. Tratava-se de uma caravela de três mastros, veloz e fácil de manobrar. O tipo de navio que agradava os piratas que há muito infestavam os recifes e as águas pouco profundas das ilhas Carmine que ladeavam o Oceano de Olemas ao sul e a banda ocidental do Varyan.

— Piratas? — O comandante repetiu incrédulo depois que Dilys compartilhou as notícias. — Você realmente acha que um bando de piratas circundaria meia Mystral e invadiria a Cordilheira Invernal para fugir com as irmãs do Rei de Inverno? Nenhum pirata jamais ousaria fazer uma coisa dessas.

— Não era para você achar que foram os piratas — recordou-lhe Dilys. — Era para você achar que fui eu, não lembra? Foi só por sorte que voltei mais cedo e consegui descobrir o que aconteceu de verdade. — Ele lançou um olhar sombrio na direção da Frasia. — *Ono*, esse foi mais um ataque contra a Casa Merimydon.

— E as Estações. O que eles farão com elas?

— Eu não sei. Elas vão usar os dons do tempo para controlar os oceanos da Mystral. Ou vão vendê-las. Espero que seja isso. — Ele olhou sombriamente para Friis. — Se eles forem vendê-las, é mais provável que as tratem bem para não desvalorizar a mercadoria.

— E então, qual é seu plano? — perguntou Friis.

— Alcançá-los.

— E depois?

As presas de batalha de Dilys desceram e ele deu ao comandante Friis um sorriso frio e selvagem.

— Depois eu vou ensinar a eles o preço de botar as mãos na *liana* de uma calbernano.

Depois que Friis saiu para conferir seus soldados, Dilys apoiou-se à grade do convés e encarou o vasto oceano com olhar severo.

Se os *krillos* que raptaram Gabriella e as irmãs dela eram lacaios do Tubarão — e ele tinha quase certeza disso —, então foi Dilys quem levou o perigo às Estações. Foi Dilys quem colocou Gabriella, Outono e Primavera sob a mira de seus inimigos.

Mesmo que não fosse o Tubarão por trás do rapto, Dilys devia ter suspeitado que sua tão celebrada viagem casamenteira às Ilhas *Æsir* atrairia a atenção de seus inimigos. O tio Calivan tinha razão. Ele devia ter trazido navios a mais e guerreiros que ainda não tinham conquistado a *ulumi-lia* para garantir a segurança. Devia ter juntado uma frota completa no mesmo momento em que ouviu o chamado da Sereia de Gabriella. Devia ter ido até Wynter Atrialan, contado a ele do poder que Verão possuía e o alertado de que isso a tornava um alvo em potencial.

Mais do que tudo, nunca devia ter saído do lado dela. Nem por um instante. Não até que ela fosse dele e ele fosse dela. Não até que ela tivesse toda a Calberna dedicada à sua segurança, proteção e felicidade.

Qual era o problema dele? Era para ele ser o príncipe da Calberna, a lança que protegia seus entes amados. A ainda assim, quando era mais importante, quando as pessoas que ele mais amava corriam perigo, Dilys sempre parecia estar aquém da tarefa. Seu pai, Nyamialine, Fyerin: todos morreram. A mãe dele estava Esvanecendo e não havia nada que Dilys pudesse fazer quanto a isso. E, agora, a mulher que ele amava e as preciosas irmãs dela tinham sido levadas...

Se ele não conseguisse por fim nisso... se não conseguisse salvá-las...

As garras de Dilys cravaram fundo na grade do navio.

Ao céu, ao ar que, de alguma maneira, Gabriella também estava respirando, ele sussurrou um juramento solene:

— Eu estou indo, *moa kiri*. Não importa quem a tenha levado, não importa o que aconteça, eu irei encontrá-la. Seja forte, *moa halea* e faça o que for preciso para continuar viva.

Ao mar, ele fez uma prece:

— Numahao, guie-me. Dê-me velocidade e força para encontrá-la e libertá-la. E, por favor, eu imploro, cuide dela até lá. Proteja-a de todo mal.

— Volto daqui a algumas horas — Balat disse ao Tubarão. — Pode se divertir com ela até lá. Só não deixe marcas como fez com as outras duas. Não temos tempo para consertar os estragos.

— Sem marcas — concordou o Tubarão.

— Além disso, espero encontrá-la *completamente intacta* quando eu voltar. Prometi entregar uma virgem de sangue real inestimável, não as sobras de um pirata tarado.

As três escravas encoleiradas pegaram seus materiais e saíram da cabine depois de Balat, deixando Verão sozinha com o calbernano párea. O Tubarão cruzou o recinto e sentou-se ao lado dela na cama.

— Dá para acreditar que ainda exista em nossos dias tantos homens no mundo contrários a trilhar um caminho aberto por outros? — perguntou ele, em tom de conversa. — Como se o valor de uma mulher residisse em um pedaço de carne. Eles pagam somas exorbitantes para serem os primeiros. — Ele esticou o braço e tomou o seio dela na mão com um gesto delicado, ignorando o retraimento de Verão ao circundar-lhe a aureola do mamilo com o dedo. — É bom para o meu bolso, sem dúvidas, mas acaba atrapalhando minha diversão.

Com brusquidão surpreendente, ele parou de acariciar o mamilo e começou a apertá-lo com tanta força que Verão não pôde conter um grito de dor. Um sorriso frio e cruel arqueou os lábios do Tubarão.

— Nem toda minha diversão. — Encarando-a nos olhos, ele se inclinou e passou a língua sobre cada um dos seios. Por fim, deu risada do engasgo de indignação dela, que terminou em grunhido de fúria vingativa.

Gabriella tentou acessar seu poder mais mortal com a intenção de, pela primeira vez na vida, deliberadamente gritar até aquele homem sair em pedaços, mas o transbordamento de magia aterrorizante não veio. A tempestade de fogo que se revirou dentro dela a vida inteira estava inerte. Mur Balat não tinha apenas comido

a magia que ela lançou sobre ele. De alguma forma, ele sufocou o dom mais poderoso e devastador de Verão. A magia frágil despertada ao chamado de Verão foi tirada dela no mesmo momento em que Tubarão lhe abocanhou o seio e o sugou numa imitação obscena de uma carícia de amante.

Ao se dar conta do que tinha acontecido, Gabriella ofegou tremulamente.

Aquele calbernano perverso se alimentava de magia como Balat. Ela estava a mercê dele.

Estava amarrada à cama dele, despida das roupas, da dignidade e da capacidade de se defender. Pela primeira vez na vida, Verão se sentiu absolutamente vulnerável e impotente. Os olhos dela se encheram de lágrimas. Ela fechou as mãos e virou o rosto. Não tinha como impedir que o Tubarão a violentasse, mas não tinha que ficar encarando-o durante isso. Seu horror só parecia alimentar o gozo perverso dele.

— Vocês todas fazem isso — observou ele, um instante depois. — Todas fecham os olhos. Como se não ver impedisse algo de acontecer. No começo, sua irmã, Outono, não fechou os olhos. Ela ficou me encarando o tempo todo. Isso, assim mesmo. — Ele deu uma risada e soltou o seio de Verão para lhe dar um tapinha no rosto quando ela abriu os olhos e o encarou de forma incineradora. A outra mão dele continuou a apertar e acariciar com a zombaria imunda do toque de um amante. — Acho que, se pudesse, ela teria me queimado vivo. Admiro isso nela. Mas, no final, até ela fechou os olhos.

Imaginá-lo tocando a irmã e quebrando a máscara altiva e orgulhosa que Outono com todos, menos com a família, deixou Verão enojada. Ela despacharia aquela besta desprezível com muito prazer aos fogos mais ardentes do Hel, e gostaria de fazê-lo com as próprias mãos. Verão, porém, não ia dar a ele a satisfação de sua raiva, alimentando-o de mais magia. Em vez disso, fechou os olhos outra vez e se concentrou em bloquear ao máximo seu poder, tentando desesperadamente reforçar a fortaleza que cercava sua energia no âmago do corpo. Quanto a isso, uma vida reprimindo os próprios poderes serviu muito bem a ela. As barreiras internas de

Verão eram fortes e ela há muito ela havia aprendido a isolar a mente de seus gatilhos emocionais.

Ela, no entanto, não tinha como impedi-lo completamente. Enquanto Balat tinha lhe sugado a magia sem encostar um dedo em Verão, o Tubarão arrancava pelo contato físico. E se deleitava em encontrar as maneiras mais invasivas, íntimas e obscenas de fazê-lo, mordendo, lambendo e chupando a pele de Verão. Pior ainda: a cada carícia lasciva de língua e a cada movimento da boca nojenta dele, parecia que ele roubava dela não só a magia, mas algo mais, algo mais vital. Ele a esvaziava pouco a pouco, deixando-a confusa e sem esperanças.

Horas mais tarde, ainda amarrada pelas mãos e tornozelos, Verão se contorcia convulsivamente deitada, com a cabeça virada para o lado. Feixes pesados de seu cabelo desfeito caíam sobre seu rosto, escondendo os olhos avermelhados e o tracejado das lágrimas que não tinha sido capaz de conter. Uma mão larga, agora familiar, lhe acariciou gentilmente uma das pernas, enviando-lhe uma nova onda de tremores convulsivos pelo corpo.

Fazia horas que Mur Balat a tinha abandonado ao Tubarão. Horas que Verão vinha se preparando para o estupro, tendo como único alívio a advertência de Balat ao Tubarão para que lhe tirasse a virgindade. Horas nas quais o Tubarão ensinou a Gabriella quão inocente era tal “alívio”.

Ela continuava virgem, mas isso não mudava em nada o fato de o corpo dela ter sido usado e degradado de todas as outras formas possíveis.

Toda resistência de Verão tinha se esvaído. O Tubarão a sugara há muito tempo. Tinha sugado também as lágrimas dela. Ele a atormentou por tanto tempo e tão incansavelmente, que tudo o que Verão podia fazer era ficar deitada absorta, suportar e rezar para que o calvário terminasse.

Foi quando, por fim, a porta da cabine se abriu.

— Está bem, já deixei você se divertir bastante — disse Balat enquanto entrava na cabine. — Minhas garotas têm trabalho a fazer. Os compradores esperam recebê-la perfeita. — O mercador de escravos caminhou até a cama e deu um cutucão com o pé em

Tubarão. As três mulheres encoleiradas estavam alguns passos atrás dele, segurando água quente e o que pareciam ser contas de pérola.

O Tubarão deu algumas últimas lambidas vagarosas antes de soltar um suspiro de chateação e rolar para fora da cama.

— Você deveria reconsiderar o preço que está pedindo, Balat — disse enquanto se levantava. — Os dotes dela vão muito além do que a reputação sugere. — Ele percorreu o corpo dela com os dedos. — Quase não tive tempo de provar do que ela é feita, mas ela é muito mais abundante do que fomos levados a acreditar.

— Estou satisfeito com os termos da venda. Não tenho por que discutir por mais um punhado de moedas. Agora sai daqui e deixe minhas escravas trabalharem.

Balat se inclinou e passou as duas mãos para trás da cabeça de Verão, levantando o cabelo dela para cima da cabeça. Tão logo a nuca ficou desnuda, ele passou uma coleira fria de metal ao redor da garganta dela.

— Isso aqui, Sua Alteza, é uma coleira de contenção especialmente sintonizada aos seus poderes únicos e deliciosos.

A conexão de Verão com a própria magia se fechou no mesmo instante em que a trava da coleira se fechou. A luz do sol continuava entrando pelas janelas da cabine, mas, ainda assim, ela só conseguia sentir um calor ameno. Nada capaz de lhe recarregar a magia. Ela afundou na cama e encarou os sequestradores com horror mudo.

Mur Balat sorriu.

— Funciona, não é? É uma invençãozinha que bolei para facilitar o armazenamento, transporte e venda de mercadorias com dotes mágicos. — Ele se virou. — Venha, meu amigo, você já teve sua cota.

— Eu sei. É que tem algo nessa que me faz querer um gostinho a mais. — O Tubarão percorreu com os dedos as pálpebras de Gabriella, passando pelo nariz, lábios e, por fim, o mesmo caminho por onde a língua tinha vagado lenta e languidamente.

Suspirando, ele se levantou.

— Agora não deu para sentir nem um pinga do gostinho. É decepcionante como funciona bem... É por isso que detesto ter que

usar a coleira do Balat em vez de *tzele*. Nunca consigo fazer uma boquinha.

— Não seja tão ganancioso — repreendeu-o Balat. — Você vai poder se refestelar nas outras duas durante toda nossa viagem até Trinipor. Agora, sai daí que minhas meninas não conseguem trabalhar com você trambolhando em cima de minha mercadoria.

Enquanto Balat e o Tubarão caminhavam até a porta da cabine, Gabriella praguejou contra eles:

— Ele está vindo atrás de vocês, vocês sabem disso. O Dilys irá caçá-los até os confins da Mystral, irá encontrá-los e matá-los.

O Tubarão se deteve, virou-se e disse:

— Ninguém está vindo atrás de ninguém. Nós fizemos o possível e o impossível para garantir isso.

— Você está errado. Vocês estão em um navio no meio do oceano. Independente do que fizeram para esconder seus rastros, só se estiverem loucos para achar que Dilys não irá localizá-los.

O Tubarão se virou e sorriu com o sorriso predatório e afiado como uma faca.

— Ah, espero que ele consiga mesmo. Você não faz ideia de como eu quero.

Pelos vários dias seguintes, Gabriella ficou sob os cuidados das três escravas de olho de peridoto de Balat. Cada centímetro de seu corpo foi esfregado, depilado, raspado, polido e perfumado à perfeição. Seu cabelo foi tratado com olhos quentes, lavado, cortado e escovado até brilhar como seda. Os dentes foram escovados até ficarem impecavelmente brancos. Todas as marcas avermelhadas no pescoço, pulsos e tornozelos por onde tinha sido amarrada foram apagadas. As escravas, como ficou evidente, tinham dons próprios — não barrado pelas coleiras — para fazer a pele sarar e eliminar cicatrizes e imperfeições. Talentos úteis a um homem que lidava com mercadoria humana.

Ela não conseguiu sentir a magia da irmã outra vez, mas isso não a surpreendia, considerando que tampouco sentia a própria. Elas sem dúvidas tinham sido esvaziadas de energia e colocadas em coleira por Balat e seu comparsa imundo antes de eles fazerem o

mesmo consigo. Afinal de contas, ela era amplamente conhecida como a menos poderosa das Estações.

Verão esperava que serem encoleiradas e terem a magia comida tenha sido a pior desgraça caída sobre as outras Estações. Logo, porém, lembrou-se de Balat dando ordens ao Tubarão para que não deixasse marca visível em Verão pois não teriam tempo de apagá-la, como foi com Outono e Primavera. Ela tentou não pensar em que tipo de marcas o Tubarão pode ter deixado nas irmãs ou o que teria feito para causá-las.

A raiva que sentia sobre o destino que se abatera sobre ela aliada à impotência de não poder fazer nada para modificá-lo fez Verão se esforçar em não pensar no assunto. O desespero não ia ajudá-las. Em vez disso, Verão concentrou suas energias em observar seus sequestradores e testar os limites de sua coleira inibidora, na esperança de encontrar algum ponto fraco que pudesse explorar.

Ela foi mantida nua, encoleirada e amarrada. Verão presumia que isso, em parte, era para facilitar os esforços incansáveis das escravas de Balat de embelezá-la, mas também não tinha dúvidas de que seus sequestradores queriam fazê-la se sentir vulnerável e indefesa ao máximo.

Todas as noites depois de as mulheres terminarem seu trabalho, o Tubarão vinha visitá-la. Ele passava a noite com Gabriella, submetendo-a a intimidades que nenhum homem além de Dilys pôde ter, bem como outras que nem ele tentou obter. No entanto, enquanto só recebia prazeres espetaculares de cada carícia, afago e mordida de Dilys, a paródia imunda do Tubarão só fazia a pele dela tremer, e não somente de repugnância. Havia algo no que ele fazia que roubava dela mais do que apenas a dignidade e a magia ainda não reprimida pela coleira do Balat. Era como se cada toque das mãos repugnantes do Tubarão, cada lambida de sua língua imunda eliminasse partes inteiras *dela*, não só de magia.

Enquanto o faziam, ele sussurrava:

— Você deixou o Dilys fazer isso com você? Você gostou? Sei que ele fez... Um dia, logo, logo, vou contar para ele quanto eu também aproveitei você.

Se ela pudesse, teria incinerado o Tubarão ali mesmo. Teria gritado até transformar todas as células do corpo dele em gelatina.

Que ironia, não? Ao longo de toda a vida, Verão temeu a magia perigosa que possuía, temeu o mal que podia causar, e tinha causado, com ela. Passou a vida querendo se ver livre da própria magia, de modo que não pudesse machucar ninguém. Agora, graças a Balat e à coleira dele, estava, de fato, livre. E o que mais queria? Queria ter cada pedacinho letal e perigoso de sua magia de volta para poder lançar morte e destruição sobre seus raptos.

Ela tentou zombar das provocações do Tubarão, não demonstrar fraqueza e tentar permanecer forte frente aos galanteios abomináveis dele. Mas as longas, sombrias e torturantes horas da noite lhe corroeram a força de vontade da mesma forma que os toques dele lhe corroeram a magia. Quando ele ia embora pela manhã, Verão era deixada tremendo, destroçada, encolhendo-se ao menor toque, com o rosto rajado pelas lágrimas que não pudera conter e a garganta dolorida dos gritos de piedade que não pudera segurar.

Implorar era uma vitória que Gabriella preferia morrer a conceder ao Tubarão, mas conforme os dias e noites intermináveis prosseguiram, ela sentia mesmo essa força de vontade erodindo.

O Tubarão poderia tirar a magia de Verão sem qualquer tipo de toque íntimo, mas ele escolheu degradá-la para sua própria satisfação doentia e para obter algum tipo de vingança perversa sobre Dilys. Ela não sabia ao certo por que o Tubarão odiava o Dilys, mas, independente de qual fosse o motivo, ele era bastante pessoal. Era um ódio virulento e obsessivo demais para ter outras causas.

— O Dilys sabe dessa pintinha adorável que você tem aqui embaixo? — provocou o Tubarão certa noite. — Vou sentir muito prazer em descrever a ele, contando como a toquei e saboreei de todas as maneiras. Como você acha que ele vai reagir? O *todo-farkeoso* Dilys Merimydion mais uma vez desmascarado em sua incapacidade de proteger suas mulheres... Igualzinho como provei a incapacidade dele de proteger a própria Casa e os interesses dela. Será que ele finalmente irá tomar a saída honrosa e se matar? Um verdadeiro príncipe da Calberna o faria.

Esse comentário despertou a fúria de Verão a ponto de ela retrucar:

— O Dilys tem dez vezes mais honra na ponta do dedão do pé do que você poderia querer ter no corpo inteiro. Não sei de que Casa doentia e maltrapilha você saiu, mas é nítido que sua mãe deve ter caído em desgraça com os deuses para que eles a tivessem dado um pedaço de *merde* podre que nem você como filho.

Não era o melhor insulto que Verão já elaborou — Outono sem dúvidas teria se saído melhor —, mas ainda assim deu certo.

Os olhos do Tubarão cintilaram um furioso tom dourado. Ele recuou um pouco e deu um tapa com as costas da mão no rosto de Gabriella. O rosto dela foi lançado para o lado, o lábio cortou e a bochecha pegou fogo.

— Ou você cala essa boca ou eu vou calar por você — rosnou ele.

Ela deu risada e lambeu o sangue dos lábios.

— A verdade machuca, não é? — O Tubarão podia até ser um canalha de um pirata comedor de magia, mas continuava calbernano o bastante para carregar a mesma devoção à mãe que os conterrâneos. Verão tinha imaginado isso.

Assim, preferindo ser nocauteada a ter que tolerar mais um segundo os toques sujos e degradantes dele, Verão continuou:

— E quem é seu pai? Sua mãe sequer sabe quem ele é?

Mais um tapa. Dessa vez, na outra face e muito mais forte que o primeiro. Ela mexeu o maxilar e sentiu os tendões reclamarem de dor. Ah, sim, desrespeitar a mãe certamente era o principal gatilho emocional dele. Ele quase lhe deslocou o maxilar com um golpe.

— Vou entender isso como um não. — Ela cuspiu sangue nos lençóis da cama. — É por isso que você odeia o Dilys Merimydion? Porque ele é filho de uma rainha, enquanto você não passa do rebento invejoso e metido de uma rameira sem Casa qualquer?

— Sua *souss oulani*! Se você fosse homem, eu te mataria já por essas calúnias. — A mão do Tubarão recuou fechada em punho.

Verão se preparou para o golpe. Esse ia doer.

Antes, porém, que o Tubarão o desferisse, a porta da cabine se escancarou e Mur Balat entrou gritando numa língua que Gabriella não conhecia. A pele dela se arrepiou toda com a magia que tomou o quarto.

O Tubarão congelou no lugar com o pulso fechado no ar, pronto para bater.

— Idiota! Tolo! Seu cretino, ignorante, indisciplinado! Eu falei para você não a marcar! — Ele avançou e puxou o braço do Tubarão. O corpo congelado do pirata tombou como uma estátua puxada de seu pedestal.

Gabriella assistiu à cena surpresa, esperando que o braço do Tubarão saísse do corpo tão logo ele tocasse o chão, como aconteceria com uma estátua. Em vez disso, o feitiço lançado por Mur Balat para congelá-lo pareceu se desfazer assim que o corpo do Tubarão tocou o chão. Em vez de quebrar em pedaços, ele se amarrotou todo no chão de madeira escura, como se não tivesse ossos, e permaneceu ali ofegante.

— Tirem-no daqui — urrou Balat, ao que dois homens enormes de pé junto à porta da cabine pegaram o Tubarão pelos braços e o arrastaram para fora.

— Aneesh! Gulette! Ula! — gritou Balat. — Venha aqui já e façam a mágica de vocês! — Poucos segundos depois, as três escravas estavam ao redor da cama de Gabriella, movendo-lhe a cabeça de um lado para o outro enquanto examinavam os cortes e hematomas causados pelos golpes do Tubarão. — Vocês têm menos de 24 horas para consertar o estrago que aquele *pulan* idiota fez. Se ela resistir, usem o *tzele*. Façam o que for necessário. Ela precisa estar *perfeita*. O comprador irá recusá-la se encontrar um único defeito.

Capítulo 21

O comprador de Gabriella tinha chegado.

Gabriella, ainda um pouco zonza do *tzele* usado por lutar contra as escravas de Balat, se equilibrou sobre as pernas fracas enquanto o guarda brutamontes prendia uma corrente à coleira e a conduzia ao convés do navio como um cachorro valioso. Mur Balat estava saudando seu convidado, um homem de feições aristocráticas vestido em sedas bordadas caras, que tinha acabado de embarcar, provavelmente vindo de algum navio por perto, ainda que Verão não o pudesse localizar com a névoa espessa ao redor.

— Ah, aí está ela — Balat anunciou quando o guarda de aproximou trazendo Gabriella. — O que foi que eu falei a você, Sua Excelência? Espetacular, não?

Graças às 24 horas de compressas de gelo, magia e dedos delicados acariciando a pele como asas de fada, os machucados no rosto de Verão tinham desaparecido por completo. Cada centímetro dela foi lavado, ensaboado, encaracolado, polido e depilado; cada pequena imperfeição foi apagada; cada poro foi reduzido à delicadeza da porcelana até que Verão brilhasse com a suavidade e perfeição de um mármore. Ela estava vestida com um longo tecido branco aberto em um dos lados e preso com fivelas de joia nos ombros e quadril. A vestimenta era feita mais para revelar do que para cobrir, uma vez que o tecido transparente revelava as aureolas escuras dos seios de Verão e o delta de pelos púbicos recém-aparados estava claramente visível. As escravas tinham passado batom vermelho nos lábios, cosméticos pretos nos olhos, e enrolado e prendido o cabelo com fivelas incrustadas em joia no topo da cabeça.

Os olhos do comprador demonstraram reconhecimento pelos esforços das escravas enquanto o criado conduzindo a coleira de Gabriella a trouxe para mais perto do homem.

O homem bem-vestido a circundou uma vez.

— Muito boa... mas eu gostaria de examinar o resto dela antes de terminarmos nossa transação. O meu senhor é muito exigente. Ele espera a perfeição.

— É claro. — Balat bateu palmas e uma das mulheres de olhos cor de peridoto avançou um passo para soltar as duas fivelas segurando o tecido no lugar. O tecido branco e sedoso foi flutuando ao chão. As mãos habilidosas da escrava puxaram as presilhas incrustadas do cabelo, fazendo os longos cachos pretos caírem até a lombar de Verão.

— Ah... linda. — O homem circundou Gabriella outra vez para vê-la por todos os ângulos. Ele esticou a mão para tocá-la, mas logo hesitou. — Posso? — perguntou ele a Balat.

— É claro.

Gabriella tentou recuar, mas a mão à coleira a segurou firmemente. Graças à luz do sol passando pela névoa, os últimos efeitos do *tzele* iam se dissipando, levando embora a sensação agradável de estar fora do próprio corpo. Agora, Gabriella se sentia completamente exposta, nua sobre o convés do navio de Balat, descoberta diante dos olhares lascivos da tripulação. Em vez de se humilhar ainda mais lutando contra os sequestradores, ela ergueu o queixo e olhou fixamente para a frente. Não era tão difícil quanto imaginava. As mãos do convidado de Balat não pairaram sobre o corpo dela com luxúria, mas com um toque impessoal do comprador que examina atenciosamente uma mercadoria.

Ela nunca tinha refletido a fundo sobre a escravidão. Não era um costume veraleano e os países que a praticavam ficavam longe de sua pequena esfera de influência. Se ela, no entanto, se safasse daquela situação — não; *quando* ela se safasse daquela situação — iria começar uma guerra solitária contra a escravidão. Verão poderia até não ser bem-sucedida, mas, por Helos, ela ia fazer tudo em seu poder para varrer o infame comércio da face da Mystral.

A começar por Mur Balat.

— Um deleite para os sentidos, como você prometeu. Ela é certificadamente pura? — perguntou o cliente de Balat enquanto concluía a inspeção.

— Eu mesmo confirmei. Você também pode verificar, se quiser.

— Não será necessário. E os dons do tempo?

— Continuam intactos. Só foram reprimidos pelos encantos da coleira. Assim que seu senhor a tomar para o serviço, posso ajustar o encanto por uma pequena taxa. Desse modo, ele poderá manter os dons mais perigosos presos, deixando-a com acesso apenas aos que ele julgar mais benéficos.

— Excelente. — O cliente tirou um pequeno pacote de dentro da toga. — Aqui está o pagamento que você exigiu.

Balat aceitou o pacote e, com um ar apressado, quase reverencial, desembulhou-o, revelando um pequeno livro desgastado. As mãos dele tremiam enquanto abriam a capa do livro e folheavam delicadamente as páginas.

Verão não conseguia enxergar direito daquele ângulo, mas o livro parecia muito velho, com as páginas de pergaminho desgastadas nas bordas. Balat foi para uma página no final do livro, colocou uma joia com uma runa gravada sobre o centro do desenho intrincado no centro da página e começou a murmurar algumas palavras. O livro começou a brilhar em tom violeta e, por um instante, Gabriella podia jurar ter visto uma fonte dourada surgindo do que pareciam ser páginas de pergaminho velhas, mas completamente normais. A imagem e o brilho violeta sumiram em um instante e Balat pareceu triunfante.

— Faz muito tempo que procuro este tomo em particular — murmurou ele. — Nosso acordo está, de fato, fechado. A Estação chamada Verão é sua. — Ele estalou os dedos e o criado segurando a coleira de Gabriella entregou a guia para o cliente de Balat. — Devo dizer que como sempre, Sua Excelência, foi um prazer negociar com você.

Poucos minutos depois, Gabriella estava a bordo de um pequeno esquife, sendo conduzida através da névoa para o navio do comprador. A última vez que viu Mur Balat, ele estava caminhando em direção ao passadiço, dando ordens à tripulação para que zarpassem. Por fim, o navio que foi sua prisão — o navio carregando suas irmãs — desapareceu na neblina.

O *Ceifador* desapareceu dentro de um banco de névoa perto do banco oceânico de Vargan, um conjunto de grandes platôs

subaquáticos a pouco mais de trezentos quilômetros da banda oriental da costa da Frasia. Ainda que a névoa cegasse os olhos dos golfinhos e baleias por cima da água, Dilys ainda era capaz de rastrear o progresso dos sequestradores por seus espiões submarinos.

Quando esses olhos relataram que o *Ceifador* tinha lançado âncora em um banco de névoa, um arrepio de mal-estar percorreu a espinha de Dilys. Temeroso pelos motivos desse comportamento estranho, ele lançou mais magia sobre o mar, aumentando a velocidade do *Kracken*. Como esperado, menos de três horas depois, seus olhos no mar reportaram vários outros navios se dirigindo ao local do *Ceifador*. Dilys sequer precisava de espiões para saber o que estava acontecendo.

O encontro em alto-mar foi rápido e levou menos do que metade de um dia. Assim que terminou, a névoa começava a se dissipar. Dos participantes, cinco novos navios zarparam para cinco direções diferentes e o *Ceifador* saiu em disparada em direção ao porto de Sau Lauro, na Frasia. Era impossível de saber qual dos cinco navios levava Verão e as irmãs. O *Ceifador* tinha suspeitado que seria seguido e tomara contramedidas para se proteger.

Dilys mandou Ari, Ryll e o resto da frota atrás dos quatro navios em fuga, disparou um recado por via marítima ordenando que a marinha calbernana interceptasse o quinto navio se dirigindo ao sul, enquanto ele e sua tripulação perseguiam o *Ceifador*.

Eles já estavam próximos o bastante para usarem dons do mar contra a presa, lançando fortes correntes contra o navio inimigo para desacelerá-lo. Nenhuma das cinco novas embarcações tinha magia à disposição, por isso, ao fim do dia, Ari, Ryll e o resto da frota já os tinham capturado. Os navios se revelaram chamarizes. Não havia sinal das Estações em nenhum deles. Mesmo quando intimados com *susirena* a responder a verdade, nenhum dos tripulantes revelava saber algo sobre as princesas sequestradas. Não passavam de pescadores frasianos tirando um extra, encontrando-se com o *Ceifador* próximo ao banco oceânico de Vargan para negociar alguns barris de aguardente de Allodyne por caixas de rendas e tecidos finos vindos das fábricas de seda de Sheen.

Isso limitada as opções ao *Ceifador*, cuja velocidade gerada por magia não era páreo para a força dos dons do mar de Dilys.

Dilys e seus marinheiros abordaram o navio pirata pela crista de uma onda, saltando da espuma do mar direto ao convés do navio, com suas espadas e tridentes empunhados, prontos para atacar. Todos rugiram e atacaram com garras e presas à mostra.

A luta foi breve, sangrenta e impiedosa. Nenhum boi foi dado à canalha que tinha invadido Konumarr e raptado Gabriella Coruscate e suas irmãs.

Ao fim do ataque, o capitão dos piratas ainda estava vivo. Trespasado pelo tridente de Dilys e com a mão da espada decepada no pulso, ele tinha desmaiado de dor, mas continuava vivo.

— Estanquem o pulso dele — ordenou Dilys a seus soldados. — Não quero que ele morra ainda. O restante de vocês, desçam e comecem as buscas. Se preciso, reduzam esse navio a pó para encontrá-las. Eu vou vasculhar pessoalmente a cabine de nosso capitão aqui. — Ele ergueu o canto dos lábios, revelando as presas em zombaria selvagem.

Deixando que a Guarda Branca e seus soldados vasculhassem os porões do navio, Dilys saltou as escadas do tombadilho e arrombou a porta da cabine do capitão. Nenhuma das Estações estava ali dentro, mas, enquanto vasculhava o lugar em busca de pistas, ele descobriu uma mecha longa de cabelo vermelho encaracolado e manchas de sangue ressecado no canto de uma lamparina suspensa. O sangue dele gelou, o que só piorou quando encontrou outra mecha do mesmo tamanho e matiz sobre os lençóis da cama do capitão.

Fervendo de medo e fúria, Dilys saiu tempestuosamente da cabine e atravessou o convés a passos enormes. Os piratas tinham jogado areia sobre as tábuas do chão para evitar que ela ficasse escorregadia e o granulado sob os pés de Dilys emitia um rangido arranhado e bruto a cada passo.

Ele trouxe o capitão preso ao tridente de volta à consciência com um tapa e, em seguida, pegou-o pela garganta, cravando as garras de batalha nos dois lados da traqueia do homem.

— Onde estão elas? — perguntou, enchendo a fala de Comando.
— Onde estão as Estações da Veralea? Onde está minha *liana*, a princesa Verão?

Pálido, suado e zozado por causa das feridas, o pirata encarou Dilys com os olhos embotados. Antes que pudesse responder, um dos calbernanos que tinha descido aos porões para as buscas colocou a cabeça para fora da escotilha e acenou.

— *Myerielua*! Aqui!

Com um rosnado, Dilys soltou o capitão pirata e desceu. O guerreiro que o chamara o conduziu pelo deque de artilharia, passando pela fileira de balistas carregadas e prontas para disparar. Eles não tinham disparado um tiro sequer. Dilys tinha dominado o navio já avariado com uma enxurrada de ondas furiosas, muitas das quais levaram-no com seus soldados a bordo do *Ceifador*. Logo em seguida, o *Kracken* se aproximou para a abordagem e os soldados da Guarda Branca de Wynter Atrialan deram cabo aos piratas que tinham escapado dos soldados de Dilys.

Na outra ponta do deque de artilharia ficavam os aposentos dos oficiais. Eram pequenos compartimentos privados construídos na popa do navio.

Um dos quartos tinha uma jaula coberta por um tecido. O comandante Friis estava dentro do recinto com a pele dourada e o cabelo branco respingados de sangue, e os olhos azuis pálidos como gelo.

— Tem outra jaula dessa a estibordo — disse Friis. — Um dos meus soldados é do clã do Lobo da Neve. O cheiro é sutil, mas o nariz dele nos indica que elas certamente estiveram aqui. A princesa Verão nessa daqui — ele apontou para a jaula com um gesto — e a princesa Primavera na outra. Ele não encontrou sinais da princesa Outono.

— O capitão desse *merde* de navio manteve a *Myerialanna* Outono em sua própria cabine — disse Dilys, em tom de voz baixo.

Um rosnado ressoou no peitoral dos dois invernianos de pé ao lado de Friis.

— Temos outro problema maior — continuou sombriamente o capitão da Guarda Branca da Cordilheira Invernal. — Meu soldado me informou que faz algum tempo que as Estações não estão

embarcadas nesse navio. Há vários dias, possivelmente. Nós monitoramos o navio errado.

— *O quê?* — Dilys sentiu o corpo tremer. Ele queria reduzir aquele navio a ruínas. Queria fatiar o capitão em pedaços, parte por parte, e sorver o grito dele por dias.

Antes, porém, obteria algumas respostas.

Ele voltou ao convés principal e se ajoelhou diante do capitão ferido.

— Nós dois somos do mar — disse-lhe Dilys, em tom agradável. — Você sabia disso? E o mar vive dentro de todos nós. Ele habita a água e o sal em nossa carne. Ele é o sangue em nossas veias. E eu sou um príncipe dos mares. De todos os mares. — Os olhos dele se esfriaram e Dilys tomou a cabeça do homem nas mãos. — O seu sangue irá me responder.

O pirata segurou os pulsos de Dilys. Seus gemidos patéticos e assustados se transformaram em gritos, e o corpo começou a tremer convulsivamente. Os vasos sanguíneos nos olhos começaram a estourar, fazendo a parte branca se transmutar em piscinas vermelhas. Raias escarlate brilhantes começaram a escorrer do nariz e das orelhas.

— Você irá me dizer imediatamente — disse Dilys. — Você irá me dizer tudo o que fez com ela. Irá me contar onde ela está e em posse de quem. Você irá me dizer quem o contratou. Irá me contar tudo o que eu quiser saber e, quando me obedecer — Dilys sorriu com as garras tão afiadas quanto as de um tubarão —, eu lhe darei a morte pela qual você tanto implora.

Quinze minutos depois, com o corpo rajado por uma bruma escarlate quente, Dilys voltou à proa do navio para interrogar o resto da tripulação pirata. O comandante Friis, pálido sob a pele tingida de sangue e com restos de osso e cérebro no cabelo, o seguiu de perto. O resto dos invernianos que acompanharam Dilys no interrogatório do capitão pirata estavam debruçados para fora do navio, vomitando as entranhas.

Ele imaginou que não era todo dia que eles viam a cabeça de um homem explodir.

Tampouco era todo dia que Dilys Ordenava que todo sangue no corpo de um homem fluísse para o cérebro ao mesmo tempo.

O interrogatório não tinha funcionado.

O capitão não tinha informações úteis sobre o paradeiro das Estações. Ele se recordava de vê-las a bordo. Recordava-se de mantê-las entorpecidas e dóceis. Quanto ao destino de Gabriella, tinha um branco.

O interrogatório do resto da tripulação não foi melhor. Ninguém — nem sequer um dos homens a bordo do navio — lembrava o que tinha acontecido com as Estações ou como elas tinham saído do navio.

— Reúna seus soldados — ordenou Dilys a Friis enquanto interrogava o último dos piratas, um canalha imundo que tentou induzir Dilys a lhe dar uma morte rápida narrando todas as atrocidades depravadas que ele e seus colegas de tripulação supostamente teriam feito com as Estações. — Mande todo mundo voltar ao *Kracken*. Nós zarparemos em uma hora. — Dilys só precisava descobrir para que direção iriam.

— E o *Ceifador*?

Com um movimento feroz de mão, Dilys rasgou a garganta do pirata boca-suja com as garras, levando a parte inferior do maxilar dele junto.

— Deixe-o à deriva — respondeu. Ele jogou os restos de carne, cartilagem e ossos para os tubarões nadando em círculos do lado de fora do navio. — Ele vai afundar logo, logo. Esses *krillos* imundos vão servir de alimento aos peixes... Assim ao menos farão algo de útil com suas vidas miseráveis.

Friis olhou para as artérias pulsantes da garganta eviscerada do pirata e, visivelmente abalado pela selvageria de Dilys, engoliu seco.

— Sim, Sua Graça.

— Não sou Sua Graça — corrigiu-o bruscamente. Caminhando de volta ao mastro principal, onde o corpo do capitão estava preso, Dilys puxou o tridente. — Sou *Myerielua*. Príncipe do Mar. — Enquanto se dirigia ao lado do *Ceifador*, os soldados de Dilys o seguiram de perto. Com o tridente em mãos, ele saltou sobre o parapeito e mergulhou nas ondas abaixo.

Dilys nadou até as profundezas frias do oceano lhe sugarem a raiva ardente da alma. Ele tinha sido enganado desde o começo. Enganado ao tirar todos os soldados de Konumarr e deixar Gabriella desprotegida. Enganado ao seguir o *Ceifador* por muito tempo depois de as princesas terem desembarcado dele. Enganado outra vez ao desperdiçar dias e dias preciosos, desviando suas frotas das ilhas Carmine para seguirem navios de chamariz e uma embarcação cheia de piratas cujas mentes foram limpas de quase toda informação útil.

E ele disse “quase toda” em vez de “toda”, pois tudo naquele sequestro — a névoa mágica, o apagamento das memórias e o fato de seus espiões marinhos não terem relatado outros navios na vizinhança do *Ceifador* além dos chamarizes — eram pistas valiosas por si mesmas. Dilys só não tinha as encarado da forma certa até então.

Até aquele momento, ele tinha apenas reagido. Tinha raciocinado com o coração, com o medo e com a culpa. Tinha sido um moleque novamente, um menino abalado por sua perda devastadora. Um menino com medo de perder outra pessoa amada, pessoa mais importante do que todas as anteriores. Um menino com medo de fracassar com ela. Com medo de que ela fosse tirada dele como o pai, Nyamialine e Fyerin.

Desta vez, ele deixou o medo e a culpa de lado. Dilys deixou todas as emoções — parte forte de todo calbernano — de lado. Desta vez, quando chamou seus espiões subaquáticos, não lhes perguntou o que tinham visto, mas o que não tinham visto.

Os sequestradores de Gabriella — ou antes, os sujeitos que tinham contratado a tripulação do *Ceifador* para raptar as Estações — vinham se dissimulando desde o começo. Da mesma forma que a tripulação do *Ceifador* tinha usado névoa mágica para se esconder no fiorde Llaskroner, os verdadeiros autores do crime também vinham se mascarando, tornando-se invisíveis até mesmo para as criaturas marinhas.

Desta vez, ao chamar seus espiões marinhos, ao invés de perguntar sobre navios, Dilys os interrogou sobre deslocamentos de água. Lugares que, na ausência de um navio visível, o oceano deveria estar quieto, mas não estava. Pois Dilys agora tinha certeza

de que havia outro navio. E, ainda que dissimulado, esse navio não estava voando pelos ares.

Como esperado, os moradores do mar voltaram com uma enxurrada de informações. Dilys filtrou as memórias relatadas a ele e as reuniu, formando um mapa. Ele tinha seguido a pista errada desde sua saída de Konumarr. Enquanto rumava a oeste da Frasia, o navio “invisível” ia para sudoeste, em direção às ilhas Carmines e o Oceano de Olemas. E agora, graças ao remanejamento de frotas de Dilys enviadas para os chamarizes ao sul, o navio “invisível” tinha escapado dele e da frota calbernana, com caminho aberto para escapar pelo Olemas.

Dilys disparou uma nova mensagem pelas vias marítimas, enviando coordenadas de sua presa aos capitães da frota calbernana e ordenando que todos os navios num raio de oitocentos quilômetros perseguissem os sequestradores o mais rápido possível. Ele e sua frota de quatro navios fizeram o mesmo.

Dilys não ficou surpreso quando, poucas horas depois de sua ordem, o navio “invisível” aumentou sua velocidade para surpreendentes e consideráveis vinte nozes.

Foi então que a possibilidade levantada por ele se tornou uma certeza.

A névoa usada inicialmente para esconder o sequestro, a interferência sobre os espiões marinhos, a óbvia interceptação das mensagens que ele tinha enviado à marinha calbernana e a velocidade impressionante do navio em fuga: reunidas, todas essas pistas levavam Dilys a acreditar que, fosse quem fosse a pessoa naquele navio — a pessoa que orquestrou o sequestro das Estações da Veralea —, ela não estava usando magias caras e compráveis, mas sim um dom do mar calbernano.

Um dom do mar calbernano *real*.

Quanto a quem poderia ser tal pessoa... bem, a lista era curta o bastante para caber em uma mão. Alguém tinha tirado Dilys e todos os calbernanos de Konumarr de modo que os piratas pudessem entrar para raptar as princesas sem serem detectados. Ao lançar os soldados de Dilys ao fundo do fiorde — lugar onde nenhum inverniano os encontraria —, os sequestradores quiseram lançar suspeitar intencionalmente sobre a Casa Merimydion — e Dilys em

especial, uma vez que as sequestradas eram suas potenciais *lianas*. Juntando as pistas, um rancor particular contra ele e um dom do mar extraordinariamente forte, um nome em especial saltou à mente de Dilys.

Dentro da mente de Dilys, as mãos dele agarraram o nome como um punho que esmaga um osso, reduzindo-o a pó.

Nemuan.

O nome do novo sequestrador de Gabriella era Solish Utua, o fornecedor de tesouros humanos do rei e chefe militar Minush Orotu. Solish, que era eunuco, deixou bem claro que seu único interesse em Verão era treiná-la para se tornar a Mais Estimada Joia da *cashima* — o palácio de prazeres — de Minush, de modo que Solish conseguisse galgar posições mais poderosas na corte do senhor.

— Por ora, você ficará presa nessa cabine. Quando provar que que não irá tentar nenhuma besteira, terá permissão de se juntar a mim no convés para tomar ar fresco enquanto damos continuidade a seus estudos.

A possibilidade de ganhar o mínimo de liberdade era tentadora demais para deixar passar, por isso Gabriella colocou de bom grado sua máscara de escrava dócil e obediente, e se dedicou a aprender tudo o que Solish Utua podia ensiná-la para se tornar a Mais Estimada Joia de Minush, o Vermelho.

Não era um papel difícil de representar e Gabriella logo concluiu que ser comprada por Solish Utua tinha provavelmente sido a melhor parte daquele calvário. Ele não a magoava nem molestava. Não a deixava passar fome nem a destratava. Não soltava um comedor de magia sobre ela várias vezes ao dia. Ele até lhe deu roupas de verdade, vestidos confortáveis e macios, e túnicas elegantes. Conquanto permanecesse amigável e obediente, ele a tratava com uma polidez quase palaciana, respondendo, inclusive, perguntas sobre a amizade dele com Mur Balat (ele o conhecia há dez anos), o preço que tinha pagado por ela (o peso dela em ouro e diamantes, mais um velho livro reputado de ter sido o grimório de uma famosa feiticeira há muito falecida) e o que ele sabia sobre os planos de Balat para as irmãs dela (nada, ainda que, pelos custos e

riscos envolvidos no sequestro, ele presumia que Balat tinha clientes ricos e poderosos prontos para comprá-las).

O melhor de tudo era que, confiante na eficácia da coleira inibidora de Balat, ele não tentou bloquear o sol forte e brilhante que entrava pelas grandes janelas ao fundo da cabine. Gabriella refletiu que, sob a maioria das circunstâncias, tal confiança seria justificada. O navio, porém, navegava próximo à linha do equador da Mystral, e Verão começou a sentir um calor familiar crescendo dentro de si. Calor que ficava mais forte e tangível a cada dia.

A magia — a magia dela — estava voltando.

Eufórica, ela tentou se sentar sob a luz direta do sol o máximo que pôde, atijando o calor a se tornar uma chama ardente. Ele estava aumentando aos poucos. A coleira a prevenia de manejar a magia, mas também a impedia de invocar a luz do sol para que reabastecesse as reservas de poder. As reservas, no entanto, *estavam* se reabastecendo. E sem o Tubarão por perto para sugar tudo de tempos em tempos, logo se formou uma reserva ardente de poder solar sob a pele de Verão.

Ela também descobriu que, apesar de o colar impedi-la de acessar e manejar a magia, ele não impedia que as emoções de Verão lhe afetassem o poder. Incluindo — ou melhor, especialmente — aquele fogo voraz e volátil no âmago dela, aquele poder que Verão guardava com tanta firmeza que nem Mur Balat e o Tubarão tinham sido capazes de alcançar.

A única coisa que Solish Utua não fez foi dar a Gabriella muito tempo sozinha. Ele ou um dos guardas ficava ao lado dela todas as horas do dia. Além disso, ele dormia na mesma cabine, a poucos passos da esteira à qual ela era acorrentada todas as noites. Um soldado montava guarda próximo à porta, vigiando-a enquanto Solish dormia.

Nessas horas silenciosas da noite, enquanto Solish dormia, Gabriella saturava a mente com pensamentos de vingança, ódio e violência. Quanto mais o fazia, mais sentia o monstro infernal ardendo dentro de si e tentando se libertar. A pressão no peito foi aumentando cada vez mais até superar a dor. E no dia seguinte, quando acordava, ela sorvia o máximo de luz do sol que podia para

que à noite, enquanto Solish dormia, ela imprimisse mais força ao ódio e aticasse ainda mais as chamas dele.

Capítulo 22

— Ele está indo para Kuinana — anunciou sombriamente Kame, primeiro oficial do *Kracken*, enquanto Dilys e a frota calbernana se aproximava rapidamente do navio invisível em fuga.

— Eu sei. — A Kuinana era o enorme conjunto de recifes crivado de cavernas que circundava a ponta norte do continente de Ardullan. A única passagem por meio do recife era pelos corais afiados como navalha de um canal estreito e sinuoso.

Há três dias que Dilys e os calbernanos estavam no encalço do navio invisível, do Oceano de Varyan às águas turquesa do mar de Sargassi, aproximando-se rapidamente da presa que abandonou o manto de invisibilidade e concentrou toda magia em ir mais rápido do que os perseguidores. Navegar àquela velocidade demandava uma quantidade enorme de magia, fato que só fortaleceu as suspeitas de Dilys de que o Tubarão era seu primo Nemuan. No entanto, independente de quão forte era a magia do Tubarão, Dilys estava em posse dos dons ofertados a ele por Gabriella e por Khamsin das Tempestades. Todos os navios de sua frota obtinham velocidade tanto das correntes marítimas quanto das correntes de ar, praticamente planando sobre a superfície do oceano.

O navio do Tubarão já era completamente visível e devia estar a uns cinquenta quilômetros de distância.

— Se ele chegar a Kuinana, nós o perderemos.

— Também sei disso — respondeu Dilys.

Com suas dimensões mais estreitas, casco mais raso e tamanho menor, o navio do Tubarão não teria problemas em atravessar a passagem do recife, nem em navegar as águas calmas e rasas nos trezentos quilômetros que separavam o recife da costa do Ardullan. O *Kracken* de Dilys estava em clara desvantagem. Ele era maior e mais largo, feito para a guerra, não para correr por passagens estreitas e sinuosas de recifes cortantes.

— Que aliados temos perto do portão sul de Kuinana?

Kame nomeou dois navios.

— Mande-os bloquear a passagem. — Não que encurralar o navio do Tubarão nos recifes implicasse na captura de Nemuan. Mesmo que Nemuan não chegasse à terra firme e desaparecesse nas selvas densas de Ardul, os recifes de Kuinana eram crivados de cavernas subterrâneas. Nemuan e sua tripulação inteira poderiam abandonar o navio. Se isso acontecesse, Dilys poderia nunca conseguir capturá-los. Para os calbernanos, era muito mais fácil se esconder debaixo da água do que em um navio... eles facilmente poderiam fazer as criaturas ao redor acharem que eles eram tubarões ou golfinhos.

— Vou tentar desacelerar nossa presa antes que ela entre no recife de Kuinana, mas, se não funcionar, você irá atrás dele.

— *Tey, moa Myerielua.*

Dilys segurou o ombro de Kame.

— Se, por algum motivo, eu não sobreviver, há uma mensagem para meu tio Calivan dentro de minha cabine. Envie-a imediatamente a ele.

— *Tey, moa Myerielua.*

— Ótimo. — Ainda que Dilys estivesse quase certo de que se tratava de Nemuan naquele navio, ele não transmitiu suas suspeitas à própria tripulação. Ele nunca difamaria o nome de um príncipe calbernano sem ter provas irrefutáveis. Sua tripulação não era burra. Eles tinham notado as mesmas coisas que Dilys, mas nenhum deles suspeitaria que um calbernano de bom nascimento, especialmente um aristocrata, poderia ser o pirata assassino responsável pela morte de tantos conterrâneos e pelo sequestro das três Estações. Todos achavam que o Tubarão era um feiticeiro poderoso.

Deixando Kame ao leme, Dilys mergulhou ao lado do navio. O oceano ali era quente como uma banheira morna. Ele deixou as águas limpas e salgadas o cercarem, e os sentidos fluírem.

Com a aproximação dos perseguidores, Nemuan tinha retirado o encanto de invisibilidade do navio. Ou estava concentrando as forças em manter a velocidade do navio, ou ficou sem mais reservas da magia que vinha utilizando. O navio agora visível não era o *Dançarino das Ondas*, de Nemuan, mas outra embarcação,

desconhecida. Dilys não se surpreendeu. Um príncipe da Calberna dificilmente confiaria tamanho tesouro a seu próprio navio.

Concentrando-se na faixa de oitenta quilômetros entre o navio em rápido deslocamento e o recife de Kuinana, Dilys começou a fazer movimentos de pulsar e martelar com o pulso, lançando seu poder ao mar. O oceano começou a subir e descer repetidamente. Lentamente, foram se formando grandes ondas de um metro e meio, três metros, seis metros. Ondas altas demais para que Nemuan arriscasse entrar pelo traiçoeiro portão norte do recife de Kuinana. Ele teria que tranquilizar o mar antes fazê-lo.

Tranquilizar o mar demandaria tempo.

Teias fortes se formaram entre os dedos das mãos e dos pés de Dilys. Ele se impulsionou com a perna e disparou entre as ondas mais rápido do que um golfinho enquanto continuava a mandar impulsos com as mãos. Atrás dele, o *Kracken* e o resto da frota vinham navegando pela corrente mágica que Dilys estava usando para se impulsionar.

Enquanto nadava, Dilys ordenou a todas as criaturas marinhas de grande porte num raio de trinta quilômetros que perseguissem o navio de Nemuan e fizessem o possível para desacelerá-lo.

Não demorou muito até que o navio de Nemuan começasse a vacilar. As ondas de Dilys reviravam as águas, atrapalhando as correntes e transformando a entrada do recife de Kuinana numa explosão inquieta e espumante de grandes ondas revoltas. Baleias e golfinhos atacaram o navio de Nemuan, batendo contra o casco para desacelerá-lo. A tripulação de Nemuan começou a disparar arpões no que viam pela frente, deixando as águas em torno do navio completamente ensanguentadas.

O *Kracken* o alcançou. Dilys subiu de volta ao convés em um jato de água e o resto da frota se aproximou do navio que naufragava.

— Acabou! — gritou Dilys, em um tom de voz que poderia ser facilmente escutado pelos ouvidos aguçados de calbernano de Nemuan, apesar da distância que os separava e a tormenta entre os navios. — Você não tem escapatória! Lance âncora e prepare-se para a abordagem. Entregue as Estações!

Dilys acalmou as ondas e, conforme a frota calbernana se aproximava, suspendeu os ataques das baleias e golfinhos. O *Raio*

Dançante, um dos navios de pequeno porte da frota, se aproximou do navio naufragante e usou ganchos para prendê-lo para a abordagem.

Poucos segundos depois, houve um estrondo poderoso de magia e o navio que Dilys tinha perseguido por meia *Mystral* explodiu como uma bola de incandescente, lançando uma chuva de fogo e estilhaços em brasa sobre todos os navios num raio de duzentos metros.

Por um instante de horror e surpresa, Dilys não conseguiu se mexer, pensar ou respirar. Só conseguia encarar em pavor mudo o inferno em chamas do que uma vez foi o navio de Nemuan. Por fim, o grito de um dos tripulantes de seu navio o trouxe de volta a si.

— Gabriella! — urrou Dilys, ao que, em seguida, mergulhou ao lado do *Kracken*. Ele perfurou a água profundamente e começou a nadar com velocidade desesperada em direção aos destroços em chama.

O mar estava incendiado por um fogo assustador e antinatural. O calor o chamuscou tão logo voltou à superfície. Enquanto mergulhara, as claras águas tropicais assumiram um tom vermelho-alaranjado infernal. A carcaça despedaçada do navio pirata cambaleava sobre as ondas incendiadas.

— Gabriella! — urrou, gritou novamente o nome dela.

Havia homens ao mar. Eles gritavam e se debatiam enquanto as chamas insaciáveis grudadas à pele lhes consumiam a carne. A água não extinguia o fogo. Pelo contrário, parecia alimentá-lo. Alguns dos homens em chamas eram piratas. A maioria, porém, era calbernana. Marinheiros do *Raio Dançante*.

Com a mente absolutamente dominada pela necessidade de encontrar e salvar Gabriella, Dilys os ignorou. Nada mais importava. Nem mesmo a agonia de seus amigos e conterrâneos queimando vivos em um mar de fogo.

Ele criou um jato de água e surfou até os destroços do convés do navio.

— Gabriella! — gritou ele. Praticamente toda a embarcação tinha sido engolida pelo fogo voraz. Dilys não tinha onde ficar, não tinha por onde procurá-la. Mesmo ao lado do navio em chamas, o calor era tão intenso que fazia a água sob os pés de Dilys ferver. Alguma

instância distante de sua mente lhe dizia que a própria carne estava queimando por causa da água fervente e das chamas fortes, mas, ainda assim, ele continuou procurando e gritando o nome de Gabriella.

Algo perto explodiu. Destroços em chamas bateram contra o braço de Dilys e lançaram-no voando de costas ao mar. Mesmo com a dor aguda, ele retornou rapidamente à superfície. O braço de Dilys estava pegando fogo e o mergulho súbito não foi capaz de apagá-lo. Ele bateu as chamas com a palma da mão e xingou ao perceber que o fogo se alastrou por ela também. Aquilo era como piche em chamas, grudava no que o tocasse. Ele pressionou a mão em chamas contra o fogo no braço na esperança de abafar o que água não tinha sido capaz de extinguir.

— Gabriella! — gritou novamente. Apesar da inutilidade do gesto, ele começou a nadar outra vez na direção dos destroços. Tomado de horror e sofrimento, Dilys alterado demais para admitir que ninguém poderia estar vivo no caos daquele incêndio.

— Dilys! — Um pequeno bote balançava sobre as ondas próximas. Ari estava debruçado sobre a proa. Um cheiro penetrante cercava o barquinho e sua tripulação. Era um aroma fresco pairando sob a fumaça pungente e o fedor de madeira e carne queimadas. Eles estavam usando dons do mar para afastar o fogo do barco. — Sai logo desse Hel!

Ele os ignorou e nadou na direção do navio em chamas. Mesmo sob as ondas, o fogo continuava ardendo intensamente. Ainda assim, Dilys mergulhou para dentro dos escombros flamejantes do navio, movido por nenhum outro pensamento senão o de buscar Gabriella. Encontrá-la. Salvá-la.

Mãos o seguraram pelas costas. Com as garras e presas de fora, urrando e se debatendo, Dilys resistiu e continuou gritando:

— *Gabriella! Gabriella!*

Por fim, algo duro o atingiu no lado da cabeça.

Antes que o fogo mágico inextinguível finalmente se dissipasse, sete navios calbernanos tinham afundado. Mais de duzentos calbernanos estavam mortos ou desaparecidos. O *Kracken* e sua tripulação só

não figuravam entre eles pois descobriram que podiam aplacar o fogo com areia.

Depois que as chamas se apagaram, começou o trabalho sinistro de recuperar os corpos. Ari e Ryll tinham chegado com o resto da frota e se juntado às buscas. Eles procuraram durante o resto do dia e noite adentro, usando o brilho das *ulumi* e os sentidos dos habitantes do mar para penetrar a escuridão do oceano noturno.

Poucas horas antes do amanhecer, os calbernanos vasculhando o navio naufragado fizeram uma descoberta horripilante: os restos de duas mulheres irreconhecíveis por causa das queimaduras e desfiguradas pela explosão. Duas partes, no entanto, foram fáceis de discernir. Um braço e um pedaço queimado e destruído de pele, ambos carregando a marca de nascença em forma de rosa.

Eles tinham encontrado as Estações da Veralea.

— Não. — Fora de si e esvaziado como se tivessem arrancado o coração e todos os órgãos de seu corpo, Dilys encarou aqueles medonhos restos mortais, tudo o que tinha sobrado de duas filhas do Rei de Verão. Ele se recusou a acreditar na verdade escancarada diante de seus olhos. — Não é ela. Ela não está morta. Não pode estar. Eu saberia se ela estivesse morta! — Saberia mesmo? Ela nunca chegou a reivindicá-lo. O laço entre os dois não estava completo.

— Dilys. — Pálido e com os olhos cheios de melancolia, Ari ensaiou levar a mão ao ombro de Dilys, mas se deteve a meio-caminho. Não havia como reconfortá-lo, como aliviar o luto dele. Não nesse caso.

Incapaz de apaziguar a dor do primo, Ari e Ryll olharam para ele com empatia angustiada.

— Não é ela — disse ele, novamente. — Não pode ser ela. — Numahao não podia ser tão cruel de levar não uma, mas duas *lianas* de um homem. Não podia mais ser cruel a ponto de tirar dele todas as pessoas amadas. Era impossível.

Aquelas marcas de nascença em forma de rosa cravadas sobre os fragmentos carbonizados de pele, porém, zombavam das queixas de Dilys.

Numahao *podia sim* ser cruel. Dilys era a prova viva disso.

— Por quê? *Por quê?* — A voz de Dilys saiu rouca e trêmula. As palavras se arrastavam para sair da garganta fechada. As garras dele cravaram sulcos profundos nas tábuas do convés do *Kracken*. — Eu não consegui salvar meu pai. Não consegui salvar a Nyamialine. Não consegui salvar o Fyerin. E agora a G-Gabr... — A voz dele falhou. Ele não conseguia pronunciar o nome dela. Não conseguia acrescentá-lo à lista de pessoas amadas mortas.

Repentinamente, a dor ficou pesada demais para ser suportada.

Independente de qual fosse o motivo para sua existência trazer morte e sofrimento às pessoas que amava, isso precisava acabar imediatamente. Agora, Dilys compreendia por que todos os homens solteiros da Casa Merimydion tinham cometido o *kepu* quando Siavaluana e Sianna morreram. Não foi por vergonha de não terem sido capazes de proteger suas mulheres amadas e preciosas. Não foi para não sobrecarregar a Casa com filhos homens demais. Foi por luto. Foi por causa de uma dor tão profunda e insuportável, que arrancar o coração de dentro do peito era o único consolo, a única escapatória para a agonia intolerável da perda.

Sem Gabriella, Dilys não podia mais existir. Ele não era capaz de viver em um mundo sem ela.

Dilys sequer queria tentar.

As garras dele saltaram para fora. Gritando o nome dela com um urro de angústia, Dilys levou a mão ao centro do peito e imprimiu ali uma força esmagadora.

A noite tinha caído e Gabriella estava novamente despejando emoções violentas no caldeirão de sua magia aprisionada. Dessa vez, a dor estava pior do que nunca. O monstro dentro dela estava feroz e desesperado para se libertar. Ele gritava e se debatia dentro de Verão, transformando a magia acorrentada em um inferno imprevisível que ameaçava despedaçá-la. Apesar dos esforços de permanecer em silêncio para não levantar suspeitas, um leve gemido reverberou na garganta dela.

A coleira de Verão vibrou no pescoço dela. Inicialmente, ela não deu muita atenção a isso. No entanto, conforme ela se esforçava, os gemidos de aflição iam se tornando gritos que, abafados pelo braço, faziam a vibração na coleira aumentar ainda mais.

Foi quando sentiu um estalo, como uma bolha estourando junto à pele. Pontadas de agonia lhe trespassaram o cérebro e tudo ficou escuro.

Quando Verão acordou, o céu estava escuro. Ainda faltavam muitas horas até o amanhecer, mas, pela primeira vez desde que lhe puseram a coleira, ela conseguiu sentir uma rachadura finíssima na barreira que a separava da própria magia. Era quase imperceptível de tão pequena, mas, para uma bruxa do tempo que tinha passado semanas sem os próprios dons, aquela minúscula fratura parecia grande como um cânion.

Ela abriu os olhos e olhou ao redor da cabine. O Solish estava dormindo. O guarda à porta estava jogando cartas para passar o tempo. A chama da lamparina ao lado dele estava bem baixa para não atrapalhar o sono do senhor.

Gabriella fixou os olhos no guarda e, pela primeira vez em semanas, tentou imprimir Persuasão à voz sussurrando:

— Você está muito cansado. Seus olhos estão muito pesados. Você não consegue deixá-los abertos.

Um segundo depois, o guarda bocejou e começou a pender com a cabeça para a frente.

Estava funcionando!

Estimulada pelo sucesso, ela tentou um pouco mais.

— Você precisa dormir. Seu corpo inteiro está muito cansado. Você não consegue ficar acordado nem mais um minuto. Você precisa fechar os olhos e dormir imediatamente, e não irá acordar até o amanhecer, independente do que ouvir.

A cabeça do guarda caiu para a frente, o queixo se apoiando contra o peito, e Gabriella ouviu o rumor de um ronco leve.

Eufórica, Gabriella tentou acessar mais da magia, invocando o poder imenso para fluir à coleira no pescoço, na esperança de fazê-la pegar fogo. A coleira começou a ficar incandescente. A pele de Verão esquentou ainda mais. A Rosa no pulso dela ficou em brasa. A dor era terrível, como se ela estivesse morrendo queimada de dentro para fora.

Ou ela emitiu algum tipo de som, ou o cheiro dos tecidos queimados deve ter despertado Solish Utua, pois ele se sentou à

cama, encarou Verão, cujo corpo agora ardia com o fogo aprisionado dentro dela, e gritou:

— *Tzele!* Tragam o *tzele!*

A porta da cabine se escancarou. Três brutamontes entraram correndo na direção dela.

Tudo o que ela conseguiu pensar foi “*Não!*”. Ela não ia deixar que a tocassem. Não ia permitir que a drogassem. Não ia ser mantida presa contra a própria vontade. Não agora. Nunca mais.

Cada gota de emoção violenta e colérica; cada segundo de dor, angústia e humilhação por que passou desde o sequestro; cada lágrima derramada; cada oração feita pedindo salvação e força; cada afeto potente que conhecia: Verão despejou tudo isso no caldeirão borbulhante do coração de sua magia.

Finalmente, ela Gritou:

— *NÃO!*

A coleira abriu na hora.

A magia que ela passara uma vida inteira guardando se libertou.

— *NÃO!* — gritou ela, novamente. O tempo ficou lento. Os segundos se alongaram, trazendo cada ínfimo detalhe da realidade diante de sua visão aguçada. Ela viu os homens que corriam na direção dela se transformarem em piras de chamas e cinzas. O homem que a comprou de Mur Balat teve o mesmo destino. Em seguida, o navio — a prisão flutuante de Gabriella que estava indo ao encontro do bárbaro que achava que poderia ser dono de uma Estação da Veralea — se curvou diante de uma força estrondosa. A madeira se envervou e queimou, explodindo, por fim, em milhões de pedaços em chamas.

O som viaja rápido na água.

O Grito de Gabriella, o grito da Sereia, viajava mais rápido do que qualquer som natural na Mystral. Ele percorreu o Oceano de Varyan, estraçalhou todas as janelas das Ilhas Calernas e todas as janelas nas centenas de quilômetros da costa leste de Ardul. Arrastada pela força estrondosa do grito, formou-se uma onda gigantesca, um *tsunami* veloz surgido dos destroços em chamas do que uma vez foi o navio de um chefe militar não muito sábio.

Todos os calbernanos das Ilhas — todos os calbernanos no Oceano de Varyan — ouviram o Grito.

A centenas de quilômetros dali, a bordo do *Kracken*, Dilys ouviu aquele Grito.

Com ele, veio a sensação lancinante de um arpão atravessando o coração... não o golpe de morte das próprias garras, mas a repentina e incontrolável alegria das *ulumi* cintilando.

— *Gabriella!* — urrou ele. Dilys se levantou na hora. — Timoneiro! Levantar âncora! Ajuste a rota para a direção desse Grito!

Ele sequer precisava ter dado a ordem. A tripulação do navio já estava ajustando a equipagem, recolhendo a âncora e se preparando para zarpar.

— Ela está viva. — Ele se virou para Ari e Ryll. — Ela está viva! — Dilys gargalhou e secou as lágrimas que lhe caíam do canto dos olhos. Os primos o pegaram pelos ombros e o puxaram para um abraço aperto.

— É melhor você levar o Ryll e o resto da tropa para ir buscar sua Sereia — disse Ari. — Eu e minha tripulação vamos ficar aqui para terminar a recuperação. Ainda temos homens desaparecidos e famílias em nosso país que vão gostar de saber que fizemos de tudo para levar seus filhos de volta.

— *Tey*, é claro. — Dilys mal conseguia processar a informação. A súbita reviravolta emocional o tinha deixado confuso. Ele abraçou Ari mais uma vez. — Obrigado, Ari. Se cuide.

— Sempre. — Ari pulou de cima do parapeito do navio e mergulhou no mar.

Enquanto boiava na água entre os destroços em chamas do que foi o navio de Solish Utua, ocorreu a Gabriella que destruir no Grito seu único meio de transporte pode não ter sido a mais brilhante das ideias. Ela não deixou nenhum pedaço maior do que a palma da mão, de modo que sequer tinha em que se segurar para flutuar no meio do vasto oceano onde estava sozinha.

Ela desconfiava de onde estava. Agora que estava livre da coleira, ela podia se informar pela localização do sol. Ela estava ao sul da linha do equador, a leste do continente de Ardul e a centenas

de quilômetros a sudoeste das Ilhas Calernas. Não havia terra firme que pudesse atingir a nado.

Talvez meia hora depois do Grito, ela viu diversas barbatanas cortarem a superfície da água por perto. Primeiramente, achou que pudessem ser tubarões atraídos pelo sangue dos marinheiros despedaçados pelo Grito. O coração de Verão disparou. A magia dela rugiu na hora, sem mesmo ter sido invocada, pronta — quase sedenta — de matar no Grito os predadores do oceano que chegassem perto. Antes, porém, que conseguisse libertar o poder, rostos curiosos de golfinhos pulularam para fora da água e o ar foi preenchido pelos silvos e gritos agudos deles. Muitas outras criaturas começaram a saltar ao ar, arqueando-se e dando cambalhotas antes de mergulharem de volta ao oceano mandando água pelos ares. Tagarelando e chilreando, eles a rodearam. Ficou claro que não queriam machucá-la. O que eles queriam, na verdade, era fazer companhia e protegê-la. Uma hora depois de os golfinhos chegarem, um grupo de calernanos chegou a nado.

— *Sirena*.

A visão daqueles homens desconhecidos com olhos dourados e presas de batalha completamente expostas deixaram Verão assustada. Os nadadores pareciam mais ser comerciantes ou pescadores calernanos do que bandidos em conluio com o Tubarão, mas ela não estava disposta a arriscar.

— Fiquem longe de mim! — Sem a coleira ou as barreiras internas para refrear a magia, a Persuasão de Gabriella irrompeu como um açoite. — Não se aproximem!

Sem exceção, eles recuaram como se ela os tivesse empurrado. A confusão e a surpresa eram evidentes no rosto deles, mas nem um deles sequer se aproximou mais.

— *Sirena* — disse o calernano que tinha se dirigido primeiro a ela. — Nós ouvimos o seu chamado. Viemos em resposta a ele.

— Como você se chama? — perguntou um deles.

— De onde você vem? — interrogou outro.

— Vocês conhecem o Dilys Merimydion? — Os calernanos tinham se dirigido a ela na Língua do Mar, por isso Verão fez a pergunta em Eru, na esperança de obter vantagem caso eles se mostrassem hostis. — Vocês podem mandar uma mensagem a ele?

Por favor, preciso encontrar o Dilys Merimydion. Di-lys Meri-mydion. — Ela pronunciou cada uma das sílabas vagarosa e articuladamente, como fazem as pessoas quando acham que o interlocutor não fala a língua delas.

— Olhem, meus amigos — murmurou um quarto calbernano. — Ela é *oulani*. Como poderia ser a Sereia que ouvimos?

O primeiro homem o encarou com despeito.

— Não seja idiota, Mahelon. O chamado nos trouxe até aqui. Todos nós e todos eles também... — Ele acenou na direção do horizonte do vasto oceano atrás deles, onde Gabriella agora conseguia avistar mais de uma dezena de navios indo em alta velocidade na direção dela. — Além disso, você não está vendo que ela é a pessoa de quem o príncipe está atrás? — Voltando-se a Verão, o primeiro homem sorriu. O sorriso dele era muito mais charmoso e muito menos ameaçador sem as presas de batalha para fora. Ele disse em Eru: — *Sirena*, eu me chamo Amanu Susa. Minha família vive não muito longe de Cali Kai Meri, a ilha da Casa Merimydion. Meu irmão mais novo serviu no *Kracken*. O *Myrielua* compareceu ao casamento dele no começo do ano. Deixe-nos conduzi-la à Calberna e mandaremos o recado a ele. Por favor, *Sirena* — acrescentou ele, quando viu que ela não aceitou a oferta imediatamente. — Você estava no mar quando Gritou. A essa altura, ou muito em breve, a maior parte do Varyan a terá escutado, e isso inclui as pessoas que a sequestraram de sua terra. Você ficará segura nas Ilhas. Deixe-nos levá-la para lá.

— Onde está o navio de vocês? — perguntou ela, mais para ganhar tempo do que por curiosidade genuína. — Vocês devem ter um navio, não? Imagino que não tenham vindo nadando da Calberna.

Amanu deu uma risada cujo som era tão charmoso quanto a de qualquer calbernano que não fosse o Tubarão.

— Nosso navio está ali... — Ele apontou para um dos pesqueiros se aproximando deles.

Verão se espantou com a própria relutância. Quem ela estava enganando? Era óbvio que ia com eles. O que mais ela poderia dizer? “Não, podem me deixar aqui boiando no oceano até eu me afogar ou ser comida por tubarões?”

— Está bem — concordou ela, com o máximo de dignidade aristocrática que foi capaz de reunir. — Eu ficaria honrada em aceitar a oferta de ser conduzida por vocês até a Calberna.

— Maravilha! — Amanu deu um assovio agudo.

Gabriella soltou um grito de surpresa quando dois golfinhos pulularam em ambos os lados dela.

— Segure-se às barbatanas deles, *Sirena*. Eles vão nadar até nosso navio. Segure-se firme. Pronta?

À confirmação de Verão, Amanu assoviou de novo e o casal de golfinhos partiu. Ela soltou um gritinho de surpresa e se segurou mais forte enquanto os golfinhos a arrastavam ligeiramente pelo oceano em direção aos navios pesqueiros se aproximando. Os calbernanos e os outros golfinhos a seguiram de perto, saltando sobre as ondas como peixes voadores.

Não levou muito tempo até que chegassem ao pesqueiro de Amano Susa e a erguessem ao convém com um jato d'água criado magicamente. Tão logo pisou no convés, mãos fortes e bronzeadas estavam prontas para ajudá-la a se equilibrar.

— *Sirena* — murmuraram os pescadores, com a expressão e a voz repletas de admiração que beirava a reverência.

Dilys havia contado a ela sobre as Sereias e sobre o golpe terrível que a perda delas foi para a Calberna. No entanto, até aquele momento em que se viu de pé sobre o convés de um simples pesqueiro calbernano, cercada pelos rostos quase idólatras daquelas calbernanos, Verão ainda não tinha processado a verdade de tal perda. Nem se a própria deusa Numahao tivesse descido do Halla àquele convés, aqueles homens não estariam tão impressionados ou reverentes. O medo de que Amanu ou seus companheiros pudessem estar em conluio com o Tubarão se esvaiu diante dos rostos impressionados deles.

— Envie uma mensagem à *Myerial* e ao *Myerielua* — disse Amanu a um dos pescadores. — Diga-lhes que a tripulação do *Pérola Azul* encontrou a *Sereia* e que a estamos levando às Ilhas.

Capítulo 23

A cerca de oitenta quilômetros do litoral ocidental das Ilhas Calernas, um navio familiar cortou o horizonte. Navegando sob a bandeira da Calberna e da Casa Merimydion, o *Kracken* avançava rapidamente sobre as águas azuis e profundas do Oceano de Varyan em troca direta ao pesqueiro levando Gabriella, embarcação agora acompanhada por uma frota composta por mais de duzentos navios.

A bordo do *Pérola Azul*, Gabriella foi sendo tomada de euforia, alívio e medo conforme via o *Kracken* se aproximar. Alívio por Dilys estar são e salvo. Eufórica pois o veria novamente depois de longas semanas de tormento e pavor. E medo pelo mesmo motivo.

O estômago dela se embrulhou todo e as mãos seguraram o parapeito do *Pérola Azul* com tanta força que as juntas dos dedos ficaram brancas. O coração dela batia forte no peito.

O *Kracken* ainda estava a uns dois quilômetros de distância quando um dos calbernanos mergulhou de cima do navio para dentro do mar. Ela soube quem era muito antes de sentir o gosto salgado da magia marinha ou de ver as linhas azuis brilhando debaixo da água. Com as *ulumi* brilhando forte, Dilys nadou na direção dela mais rápido do que o navio movido a magia era capaz de acompanhar. Segundos depois, ele emergiu da água sobre uma onda como um jovem deus dos mares. Ele saltou da onda ao convés com um movimento ágil e se prostrou diante dela tão alto, tão forte e — apesar do rosto cansado e das olheiras debaixo dos olhos — tão bonito, que o coração dela quase explodiu de olhá-lo.

— Gabriella. — Havia lágrimas na voz dele. Trêmula, a mão dele avançou na direção dela, mas se deteve no meio do caminho, como se temesse estar diante de uma alucinação.

Ela conhecia aquele sentimento. Enquanto estava em custódia de Mur Balar e do Tubarão, por diversas vezes sonhara com ele e

acordara com o desespero amargo de não o encontrar, de ver somente as mesmas paredes da prisão de madeira ao redor.

Em seguida, ele lançou os braços com força sólida e real ao redor dela. Morna e delicada, a pele dele tocou a dela e o cheiro de Dilys preencheu as narinas de Verão com o perfume que lhe era único. Cada parte do corpo de Gabriella se estremeceu de alegria, alívio e... e amor. Sim, amor. Pelo amor de Helos.

— Dilys, eu... — A garganta dela embargou sob a ameaça das lágrimas. Ela as reprimiu, temerosa de que não poder contê-las uma vez liberadas. De nada serviria desatar em pranto diante de um público. Tampouco seria seguro. Aqueles pescadores tinham vindo ao socorro dela. A última coisa que ela queria era liberar uma explosão de poder por causa de um rompante emocional inesperado. Todas as barreiras de Verão tinham caído... tinham implodido com o Grito que despedaçou a coleira e desintegrou o navio de Solish Utua. Os pescadores a bordo do *Pérola Azul* ficavam tão impressionados com a presença dela, que era fácil se conter perto deles. Com Dilys, no entanto, a fachada calma de Verão não tinha chance de permanecer firme.

Dilys a envolveu com os braços e, fazendo carinho nas costas de Verão, murmurou palavras tranquilizantes ao ouvido dela:

— Está tudo bem, *moa kiri*. Vai ficar tudo bem. Você está segura agora. Eu nunca vou deixar algo acontecer com você novamente. — E mesmo sabendo que “segura” era uma palavra que nunca mais poderia, em nenhum contexto, ser aplicada a ela, o som da voz de Dilys e a força do abraço dava a Verão uma boa medida de reconforto.

Ela se agarrou a ele, extraindo força da proximidade. Força o bastante para ao menos conseguir manter a compostura até os sentimentos fervilhando dentro dela se acalmarem.

Quando Verão ficou relativamente calma outra vez, ela começou a se afastar de Dilys, mas ele logo deslizou o braço ao redor dela e a puxou para perto. Em seguida, voltou-se a Amanu e sua tripulação e disse.

— *Calbernari*, vocês têm meus mais profundos agradecimentos. Eu estarei em dívida eterna com vocês por terem ido ao socorro de minha *liana*. Eu irei pagar o dote de todos os filhos solteiros de

vocês em agradecimento pelo grande serviço prestado à Casa Merimydion e à Calberna. Se algum de vocês, algum dia, precisar de algo, qualquer coisa, eu irei providenciar. Quem de vocês é o capitão do navio?

Amanu Susa avançou um passo e se curvou diante do príncipe.

— Sou eu, *moa Myerielua*.

— Susa? Havia um Manelo Susa que serviu no *Kracken*.

— Era meu irmão caçula, *Myerielua*.

— Ele era um bom homem. Eu fui ao casamento dele antes de partir a Konumarr neste verão.

Amanu sorriu.

— O senhor foi, sim, meu príncipe. Minha família se sentiu imensamente honrada.

— Capitão Susa, faça uma lista de sua tripulação e familiares, e envie para mim em Merimydia Oa Nu. Enquanto eu viver, as famílias de todos vocês serão acolhidas pela minha.

Gabriella a observou quão rápida e completamente a tripulação do *Pérola Azul* caiu sob o feitiço de Dilys. Ele se dirigia de forma tão desenvolta a eles, com um charme tão natural. E de forma tão sincera. Essa era a verdadeira raiz do charme quase mágico dele. Ele se preocupava de verdade com os outros, realmente se importava com a vida deles. E não apenas por serem calbernanos. Ele agiu da mesma forma em Konumarr com os veraleanos e invernianos.

Essa era a diferença entre ela e Dilys. O rosto que Verão sempre mostrou ao mundo era uma mentira, uma máscara que vestia desde a infância. A bondade de Dilys, diferentemente, era autêntica. As pessoas o amavam pois ele merecia, não porque ele lhes mostrava uma mentira para obter amor por meio de manipulação.

O *Kracken* tinha recolhido as velas e agora navegava lado a lado do *Pérola Azul*. Calbernanos com sorrisos fulgurantes se dependuravam pelos cordames e se enfileiravam em ambos os lados do navio. A alegria que eles emanavam era tão espessa, que cada respirada era um entorpecente.

— *Myerialanna Verão! Sirena!* — gritavam eles.

Eles despejaram boas-vindas sobre ela, mas, ao invés de revitalizá-la, tamanha felicidade e hospitalidade calorosa

começaram a fazer os sentidos de Verão pinicar.

Todos eles acreditavam na mentira acerca de quem ela era. Eles não sabiam a verdade. Nenhum deles. Nem mesmo Dilys a compreendia por completo. Como poderia ser diferente? Nem mesmo Verão sabia a verdade, não até o momento em que o Tubarão encostou as mãos sujas nela e a fez pensar em nada além da vingança sanguinária e violenta. Uma pessoa boa, uma pessoa que fosse realmente boa de coração, não se comprazia em imaginar o cérebro de seu agressor virando sopa, não sonhava em esmagar um por um cada osso do corpo dele e beber os gritos de agonia como se fosse um bom vinho.

Mesmo naquele momento, segura, livre e reunida ao homem que amava, Verão só conseguia pensar em ir atrás do Tubarão e de Mur Balat, em achá-los e matá-los da forma mais sangrenta possível. Pelo amor de Helos, mesmo a necessidade urgente e profunda de resgatar as irmãs era secundária frente à ânsia vingativa que se contorcia dentro dela.

Com um aceno de mão, Dilys invocou um jato de água azul no mar. Ele tomou Gabriella nos braços e disse:

— Segure-se firme, *moa kiri*. — Em seguida, pulou sobre a crista da onda. Ela os levou pelos ares, erguendo-se rapidamente ao convés superior do *Kracken*.

Assim que pousaram e Dilys a devolveu ao chão, ela se afastou rapidamente dele. Ela sentiu uma preocupação súbita e uma surpresa magoada, ambas rapidamente sufocadas. Verão ignorou ambas, refazendo a costumeira máscara sorridente para cumprimentar os membros da tripulação e assegurá-los de que estava sã e salva. Mais mentiras da princesa das mentiras. Eles, é claro, acreditaram nela sem questionar. Não era o caso de Dilys. Ele sabia que havia algo errado. O olhar dele dardejou as costas de Verão o tempo todo enquanto ela saudava a tripulação do *Kracken* e os invernianos que os acompanharam na viagem.

— Estou muito cansada — disse a ele quando a breve reunião acabou. — Preciso de um banho. Posso? — Ela tomara um banho naquele dia, mas não estava nem perto de limpar da pele a imundície do Tubarão ou de se sentir limpa outra vez.

— É claro que você pode tomar um banho. O que você quiser, eu providerei, *moa halea*. — Ele chamou um dos tripulantes e ordenou que levassem a banheira e água quente à cabine dele.

— A água não precisa estar aquecida. Posso fazer isso sozinha. — Ela deu um sorrisinho e levantou o pulso. A Rosa dela estava com um tom vermelho intenso. Ela não tinha esfriado desde o rompimento das barreiras.

Dilys a acompanhou à cabine, onde os soldados já estavam preparando uma grande banheira de cobre e trazendo bacias de água. Como, a pedido de Verão, a água não precisava estar aquecida, eles levaram poucos minutos para preparar a banheira, deixando também uma esponja, um jarro de sabão e o que pareciam ser vários lençóis rigorosamente dobrados.

— Nós não temos toalhas no navio — disse Dilys. — Os calbernanos não precisam. Mas os lençóis devem dar conta.

— Eu vou ficar bem, obrigada.

— Tem *shumas* limpas no meu armário, você escolher uma quando terminar. Sinto muito, não tenho túnicas ou vestidos. Vou mandar avisar um de nossos navios mercantes nas proximidades.

— Está tudo bem. Posso lavar meu próprio vestido e você seca para mim. O Amanu fez isso depois de me pescar do mar. — Eles estavam sendo tão educados, tão formais um com o outro.

— Como você deseja. — Ele caminhou até a porta e, ao chegar a ela, deteve-se. — Gabriella...

— O que foi?

Ele a encarou desde a porta com um raro olhar de indecisão no rosto. Por fim, no entanto, balançou a cabeça.

— Deixa para lá. Tome seu banho, *moa haleah*. Nós conversamos quando você terminar. — Ele saiu, fechando a porta com um movimento delicado.

Gabriella cerrou os punhos. Ela os colocou dentro da água fria da banheira de cobre. Ela ia machucá-lo. Ela o tinha machucado. Dilys sentiu a evasão de Verão tão nitidamente quanto ela sentiu como isso o magoou. Ela o machucaria novamente quando ele descobrisse que o sequestro somente fortalecera sua decisão de não se casar com ele. Tudo o que ela temeu e evitou a vida inteira tinha acontecido.

Ela olhou para a água da banheira, agora aquecida. Eram litros e mais litros que ela levou a ponto de quase fervura sem sequer prestar atenção.

Para se libertar da escravidão, ela havia libertado um monstro. Não havia como enjaulá-lo novamente.

— O que aconteceu, Dilys? — perguntou Ryll. — Você não me parece um quase *akua* feliz e reunido outra vez com o amor de sua vida.

O *Kracken* estava com as velas desfraldadas e rumando para a Calberna. Ryll tinha deixado seu navio para fazer companhia ao primo no *Kracken*.

— Quem me dera. Ela não quer conversar comigo.

— Ela precisa conversar...

— Eu sei. — A dor guardada dentro do peito de Dilys se inflamou.

— Ela está tomando banho agora. Assim que terminar, nós conversaremos. Depois que conversarmos, vou saber melhor como ajudar.

— Você acha que eles... — Envergonhado, Ryll se deteve.

Dilys estreitou os lábios.

— Se eu acho que eles a estupraram? Não sei. Provavelmente não. A virgindade é muito apreciada por aqueles que pagariam para sequestrar uma princesa. Mas, se foi, nós vamos superar isso. Eu providerei o que ela precisar.

— E eu providerei o que você precisar — jurou Ryll, com a voz cheia de compaixão. — E, assim que terminar em Kuinana, o Ari também.

— Eu sei. — Dilys pousou a mão sobre o ombro do primo. — Obrigado. Vocês são meus irmãos em todos os aspectos.

— Tem alguma coisa que possamos fazer por você... ou por ela?

— Não, eu... — Dilys começou a recusar a oferta, mas logo se deteve. — Espera aí. Na verdade, tem uma coisa sim. Você leva jeito com agulha, não?

Uma batida ressoou à porta da cabine, fazendo Gabriella dar um pulo de susto.

— Só um minuto! — Ela continuava na banheira, onde estava há mais de uma hora, e a água continuava tão quente quanto antes. Na verdade, ela teve que colocar mais água para repor a que tinha evaporado.

Não que a banheira a tenha ajudado muito. Ela se ferveu e esfolou de tanto se esfregar, mas ainda assim não se sentia limpa.

Ela saiu da banheira de cobre, pegou um dos lençóis que Dilys tinha deixado para ela e envolveu-se nele antes de responder:

— Pode entrar.

O trinco subiu. Dilys entrou na cabine e fechou a porta em seguida. Ele trazia nas mãos um pequeno embrulho.

— Enquanto você tomava banho, Ryll e alguns membros da minha tripulação fizeram umas roupas para você se vestir. Vou deixar aqui. Você não precisa usar se não gostar. — Ele entregou o pacote e observou Verão abri-lo.

O primeiro item que Gabriella tirou do pacote foi um robe de seda branca. O segundo foi um vestido feito com um lindo tom de verde marinho, cuja fenda lateral revelava uma anágua branca impecável. Filamentos de pérolas perfeitas pendiam em arcos graciosos sobre a cintura. Havia ainda um terceiro vestido, mais simples, azul e sem mangas, bem ajustado na frente.

— É lindo, lindo... Eles são lindos.

— A tripulação considerou doar as próprias *shumas* como matéria-prima, mas um dos navios mercantes da região nos ofereceu os tecidos.

— Por favor, agradeça-lhes por mim. Tanto o navio mercante quanto sua tripulação.

Ele acenou com a cabeça e olhou para a fumaça que ainda saía da banheira de cobre.

— Já terminou seu banho?

— Sim.

— Por que você não experimenta para ver se precisam de ajustes enquanto eu esvazio a banheira? — Ele indicou com um gesto a alcova protegida por um biombo no canto da cabine.

Gabriella pegou o vestido azul simples e foi até a alcova. Enquanto se vestia atrás do biombo, ela conseguia ouvir Dilys se movimentando pela cabine. Um mês atrás, ela nunca trocaria de

roupas com Dilys no mesmo aposento, independentemente de quantos biombos os separassem, mas ter sido acorrentada a uma cama e submetida a todo tipo de sevícia por vários dias a despira dos últimos vestígios de modéstia virginal.

Ela tirou o lençol molhado, jogou-o sobre o biombo e colocou o vestido, sem se surpreender com o caimento perfeito. O vestido tinha decote discretamente cavado e saia ampla. Ela amarrou o corpete e saiu da alcova a tempo de ver Dilys tirar a água da banheira e lançá-la pela janela com um simples gesto de mão.

— Que truque conveniente — comentou Gabriella. — Ela esfregou um dos lençóis no cabelo até as deixar os cachos apenas úmidos.

— *Tey*. Meus dons têm mil e uma utilidades práticas. Essa daqui é a utilidade 233. Já a banheira, vou ter que tirar no braço. — Ele deu um sorrisinho.

Ela não retribuiu o sorriso. Virando-se, Gabriella pegou a escova que Dilys tinha deixado para ela, sentou-se diante do espelho do toucador e começou a escovar o emaranhado úmido do cabelo.

— Gabriella... — Dilys a observou através do espelho com um olhar tão cuidadoso quanto o tom de voz. — Você está brava comigo?

A mão pressionando a escova contra o cabelo se deteve. A pergunta a surpreendeu de verdade.

— Por que eu estaria brava com você?

— Porque eu devia estar em Konumarr para impedir o sequestro de você e suas irmãs.

— Dilys, eu fui levada de meu quarto no palácio de Konumarr. Se eu fosse ficar brava com alguém por deixar isso ter acontecido, eu ficaria brava com os guardas do palácio. Ou, aliás, com o Wynter, uma vez que ele é o rei e não estava presente na cidade no momento. Mas não estou brava. Não foi culpa deles. E com certeza não é sua.

— Você está agindo de forma estranha desde que embarcou no *Kracken*.

Ela deu uma risada sem graça.

— Tenho, é? Imagino que sim. — Ela se retraiu quando a escova empacou em um nó. Destacando um pedaço do cabelo do

emaranhado, ela começou a forçá-lo com a escova. Dilys, porém, fez um som de protesto e começou a caminhar na direção dela.

Ela congelou. Completamente.

Dilys também congelou. Ele ergueu as mãos espalmadas diante dela.

— Eu ia me oferecer a escovar esse nó antes que você arranque metade do cabelo.

Ela o observou com cautela, tentando conter o ritmo acelerado do coração.

— Desculpa. Ainda estou um pouco agitada.

— Não peça desculpas. Nem a mim, nem a ninguém. Eu queria ter encontrado você antes... eu queria ter impedido seu sequestro.

— Eu sei. Eu... só não quero ser tocada no momento.

— Gabriella, as pessoas que levaram você, elas...

— O Tubarão e Mur Balat — interrompeu ela. — Foram eles que me levaram. Mur Balat é um mercador de escravos...

— Eu conheço o Mur Balat. — A voz de Dilys se endureceu e o corpo ficou rígido. — Suspeitei que o Tubarão estivesse envolvido. Suspeitei também que Balat e o Tubarão tinham um pacto de não interferência nos assuntos um do outro. Mas não achei que os dois estivessem trabalhando juntos. E com certeza não imaginei que Balat fosse burro o suficiente para declarar guerra à Calberna e ao Rei de Inverno.

— Eu não acho que o Mur Balat tivesse a intenção de que você soubesse do envolvimento dele, mas tampouco acho que isso o preocupasse. Se você ou o Wynter usassem magia contra ele, perderiam.

— Como assim?

— Eu tentei usar minha magia contra ele e foi um erro. Era como se ele... de alguma forma a absorvesse... Além disso, ele fez uma coleira que me impedia de usar meus dons.

Dilys se apoiou à coluna de madeira no meio da cabine, que dava sustentação ao teto.

— O Balat é um comedor de magia?

— Não conheço essa expressão, mas ele falou alguma coisa sobre o gosto da minha. Foi isso que ele fez? Comeu minha magia, literalmente? Como se fosse comida?

— Depende do tipo de comedor de magia que ele é. Isso com certeza ajuda a explicar como ele conseguiu assumir o controle da costa de Trinipor sem entrar em guerra direta. Eu sempre achei que a arma secreta dele fossem as bruxas que ele mantém em cativeiro.

— Você sabia que o Tubarão era calbernano? — Observando-o atentamente, Verão viu como as garras de batalha de Dilys cravaram a coluna de madeira.

— Nós sabíamos que ele possuía dons do mar. Ninguém afunda navios ou marinheiros calbernanos sem uma magia potente o suficiente para fazer frente às deles, mas eu não suspeitei que ele fosse das ilhas até ter sequestrado você. Conforme íamos rastreando o navio, foi se tornando claro que ele estava usando dons do mar poderosos, não qualquer feitiço comprado ou coisa do tipo.

— Bom, já que você sabe que o Tubarão é calbernano, não ficará surpreso em ouvir que ele também é comedor de magia, não é?

Dilys encolheu os ombros, o que já respondia bastante.

— Todos os calbernanos são comedores de magia?

Ele ergueu a cabeça com os olhos bem abertos e surpresos.

— Não! Pelo amor de Numahao, não somos! Os calbernanos, os verdadeiros filhos da ilha, não qualquer *krillo* canalha de meia-tigela chamado Tubarão, não têm nada a ver com esse verme.

— Mas vocês todos comem a magia de suas esposas, especialmente das *imlani*, para fortalecer a de vocês. Você já admitiu isso. A tal da “simbiose” de que me falou.

— É diferente, Gabriella. Os comedores da magia *roubam* o que querem. Os calbernanos só aceitam o que é dado de livre e espontânea vontade, e retribuimos nossas mulheres com o que elas precisam. — Ele se preparou. — É por isso que você não quer que eu a toque? Você acha que eu vou comer sua magia como o Mur Balat?

— Você não o faria? — ela o desafiou.

A cabeça de Dilys pendeu para trás como se ela tivesse lhe dado um tapa.

— Eu já cheguei perto de fazer algo do tipo? Ao menos uma vez?

— Em seguida, ele estreitou os olhos. — Disso você já sabe. Você

só está tentando me afastar de novo. Achei que tivéssemos superado esse capítulo.

Verão detestava como ele se esquivava das tentativas dela de controlar as conversas, detestava como ele era habilidoso em enxergar a verdade por meio das mentiras e manobras diversionistas.

— Entre os dois, sem dúvidas eu preferiria ter minha magia consumida por Mur Balat ao Tubarão. O Balat me esgotou e não relou em mim mais do que um dedinho.

A expressão de Dilys ficou pálida. Do tipo de palidez que fazia Verão ver a terrível violência que ele fervilhava nele por debaixo da superfície. Ele não conseguia escondê-la por completo. Ela ressoou na voz dele ao dizer:

— E o Tubarão? Ele relou os dedos em você?

— Ele se divertiu bastante me manipulando de diversas formas. E não — acrescentou ela antes que ele perguntasse —, para responder à pergunta que fez você transformar essa viga em um palito de dentes, ele não me estuprou. Nenhum dos dois o fez. Pelo visto, virgens de família real não são tão valiosas depois de terem sido... usadas.

Ao Dilys respirar fundo, um músculo vibrou na articulação do maxilar tensamente apertado. Ele olhou para os grandes sulcos abertos pelas garras na viga de madeira e abaixou as mãos junto ao corpo.

— Gabriella.

Ela se virou na direção do espelho do toucador, pegou um bocado espesso de cabelo e começou a lhe desfazer o nó.

— É engraçado... — disse Verão. A voz dela falhou um pouco, o que a fez se deter, respirar fundo e engolir seco. — É engraçado como sempre me achei uma pessoa forte.

— Você é, Gabriella. Você é a mulher mais forte que conheci na vida.

Ela riu sem humor.

— Nesse caso, você deve conhecer umas mulheres bem fracas e sem personalidade.

— Conheci mulheres assim, certamente, mas você não é uma delas. Nem mesmo quando se esforça para se fazer de chá com

leite.

— Não sou? Você me dá crédito demais. Os piratas, o Tubarão, o Mur Balat... nenhum deles fez algo para me machucar de verdade. Na verdade, alguém poderia objetar com razão que eu fui mimada pelos meus sequestradores. Eu era um bem valioso demais para ser danificado. Eles me deixaram presa, óbvio, mas o Balat tinha umas escravas que passavam horas me embelezando. Elas passaram loções de massagem e cremes na minha pele, faziam meu penteado, minhas unhas... Tentaram me deixar perfeita ao máximo antes da venda.

A escova chegou ao nó. Ela fechou o punho sobre a mecha e forçou as cerdas até, com um barulho de rasgo, o cabelo ceder. Dilys emitiu um som em protesto, como se o dano que ela estava causando ao coitado do cabelo o afetasse mais do que a ela mesma.

— Nunca na minha vida eu tinha sido uma coisa — continuou ela enquanto puxava os tufo de cabelo da escova e atacava o nó por um ângulo diferente. — Foi um sentimento estranho. Também nunca me vi completamente impotente. Não há nada como a desumanização e o despamparo para derrubar todas as máscaras, mentiras e autoenganos que uma pessoa esconde, revelando quem é de verdade. Mesmo tendo passado minha vida inteira com a magia bem guardada, eu sempre soube que ela estava ali. Isso me dava uma certa coragem. Eu dizia a mim mesma que nunca usaria por vontade própria tamanho poder, mas não era verdade. Nunca foi. Quando a situação exigir, eu vou escolher matar quem quiser me machucar. Vou matar e com prazer, sem me importar se alguém se machucar no processo. — Ela passou a escova outra vez pelo nó, liberando mais fios de cabelo.

— Gabriella, pare com isso. Me dê essa escova antes que você arranque todo o cabelo. — Sem esperar permissão, Dilys avançou e pegou a escova.

Ela pensou em resistir a ele, mas tão logo a pele dele roçou contra a ela, o desejo irrompeu com a força de um vulcão em erupção. Ela soltou a escova como se ela queimasse e apoiou a mão sobre o colo.

Dilys franziu a testa. Interpretando equivocadamente o movimento de Verão, os olhos dele brilharam em um tom dourado forte. Ao invés de bradar contra ela, ele pegou a escova, tirou o resto da umidade do cabelo de Verão e se pôs a soltar o nó na nuca dela. Ele era muito mais paciente e jeitoso do que ela — muito mais paciente e jeitoso do que ela merecia —, desembaraçando os cachos com nó pouco a pouco, colocando-os de lado e avançando para os nós mais profundos.

— Você disse que nenhum dos sequestradores a estuprou. O Tubarão o fez. Quando um calbernano se volta contra toda honra que estimamos e decide se tornar um comedor de magia, como é o caso do Tubarão, ele se torna do tipo mais desprezível que existe. Ele extrai um prazer perverso em secar as vítimas contra a vontade delas e não tira delas só o poder. Ele tira um pouco da alma das vítimas. O Tubarão, que Numahao o amaldiçoe por toda eternidade, pode não ter estuprado seu corpo, *moa leia*, mas ele estuprou sua alma. — Lágrimas vieram aos olhos de Dilys. — Ele fez isso a você e eu não estava lá para impedir. Eu nunca me perdoarei por não estar lá para impedi-lo.

— Dilys...

— Você acha que, por ter feito o que foi preciso para sobreviver, de alguma forma é indigna de ser feliz? — perguntou ele, delicadamente. — Você acha que, por ter machucado as pessoas que a machucaram, *you* é um monstro? Gabriella, todo ser vivo tem direito a se defender.

— Eu fiz mais do que me defender. Havia pessoas inocentes a bordo do navio que destruí. Criados. Escravos. Eu não pensei em nenhuma das pessoas naquele navio antes de explodi-lo a Gritos. Como poderia estar me defendendo?

— Você preferiria continuar prisioneira por toda a vida, sendo tratada como uma coisa?

— Você não está entendendo meu ponto. Eu os matei. Eu matei todos eles. E eu *quis* isso. Foi assim que consegui fazê-lo. Fiquei fantasiando matá-los sem parar, das piores formas possíveis, até nem a coleira de Mur Balat ser capaz de conter essa parte de mim. Eu estava sedenta do sangue deles, da morte deles. Eu *gostei* da ideia de matá-los.

Dilys tinha chegado ao nó teimoso no coração do emaranhado. Ele colocou a escova sobre o toucador e fez as garras de batalha saltarem para conseguir separar minuciosamente os fios do nó.

— Ouça o que vou falar, Gabriella, de verdade. Você não tem de quê se envergonhar ou culpar. Independentemente de como se tornou Sereia, você é uma força do mar, assim como eu. E, como o mar de onde vêm seus dons, nosso coração fica feroz e moral quando tomado de cólera. Você disse que havia inocentes no navio que destruiu. Quanto tempo você ficou a bordo dele?

— Quase uma semana.

— E, nesse tempo, algum desses supostos inocentes tentou libertá-la ou mandar mensagem para mim ou outra pessoa que pudesse resgatá-la?

Ele olhou o reflexo no espelho e viu as sobrancelhas dela se juntarem.

— Não.

— Então não eram inocentes e mereceram o destino que tiveram. Você fez o que precisava para se libertar. Se eu estivesse lá, eu teria massacrado até o último deles, e não seriam mortes rápidas e indolores como a que você lhes deu. — Ele a olhou nos olhos pelo espelho e mostrou as presas de batalha. — Sou um guerreiro da Calberna, filho do mar e não peço desculpas por meus instintos. Você também não deveria.

— Falar é fácil. O sangue deles não está em suas mãos.

— Tampouco está nas suas. O sangue deles está nas mãos do Tubarão, de Mur Balat e dos homens pagos por ele para sequestrar você e suas irmãs. E antes das suas, o sangue deles está nas minhas mãos. Se eu tivesse conseguido proteger você e suas irmãs, vocês nunca teriam sido sequestradas. Nunca teriam passado um momento sequer em posse daqueles *krillos* canalhas.

— Eu já disse que não o culpo por isso, Dilys.

— Não mesmo? Uma *liana* deveria poder confiar no próprio *akua* para protegê-la e eu fracassei nisso.

Fio por fio, Dilys estava desembaraçando os últimos fios de cabelo do nó. Ele os soltou delicadamente e, encarando com um imenso sentimento de vazio e dor a pele nua e vulnerável da nuca

de Verão, encontrou por fim o núcleo do outro nó: aquele que envolvia o coração dela.

— Eu fracassei com você, Gabriella.

Ele tinha ido à cabine decidido a derrubar as barreiras que Verão tinha começado a levantar novamente entre os dois, decidido a descobrir as feridas que os sequestradores tinham infligido nela, de modo que pudesse ajudar a curá-las. Se a raiz do problema, no entanto, consistia na perda de confiança dela, em ela não o ver mais como um homem a quem pudesse confiar as próprias necessidades, então ela não o via mais como um homem digno de ser seu parceiro.

E, honestamente, quem poderia culpá-la? Pela segunda vez, Dilyls foi colocado em prova das formas mais radicais possíveis e, pela segunda vez, foi insuficiente para proteger suas mulheres amadas. Primeiro com Nyamialine, quando criança. Agora, com Gabriella, adulto.

Aparentemente, as tradições calbernanas estavam erradas. Nem todo homem que conquistava a *ulumi-lia* era merecedor de verdade de sua esposa.

Ele pegou a escova outra vez e passou-a pelo cabelo de Verão quase para se dar uma desculpa para tocá-la uma última vez. Ele escovou o cabelo de Gabriella até que brilhasse como ondas suaves de seda preta, até que os cachos se enrolassem e agarrassem ao redor dos dedos dele. Em seguida, colocou a escova novamente sobre o toucador e se ajoelhou diante dele, segurando-lhe a mão enquanto olhava no fundo dos amados olhos azuis lindos dela.

— Gabriella Aretta Rosadora Liliana Elaine Coruscate, vou pedir uma última vez e nunca mais o farei novamente. Você não irá me Chamar pelo Nome? Não irás reivindicar-me teu por direito?

A boca dela tremeu. As mãos esguias de Verão tremiam na dele.

— Dilyls... e-eu... — Ela se deteve, fechou os olhos e cerrou forte os lábios. Respirou fundo uma vez; depois mais outra. Os dedos entrelaçados aos dele apertaram forte. Em seguida, ela relaxou a mão e o rosto, e com os olhos de um azul profundo bem abertos e decididos, disse calmamente: — Não. Eu sinto muito, mas não irei.

Absorvendo o golpe no coração e aceitando o destino fatal, ele abaixou a cabeça.

— Eu aceito. — Aquela voz oca e rasa era dele? Não havia sangue caindo do buraco invisível no peito de Dilys, mas a sensação era essa. Com grande esforço, ele se forçou a levantar. — Peço seu perdão, *Myerialanna*. Vou deixá-la sozinha e colocar o *Kracken* em rota para Konumarr. Prometi a sua irmã e ao marido dela que a encontraria e levaria com segurança para casa, e é o que pretendo fazer. — Ele fez uma última reverência e começou a se dirigir à porta.

— O quê? — Gabriella se levantou. — Dilys, não! — Ela correu atrás dele e segurou-lhe o braço. — Não podemos voltar ainda para Konumarr. Minhas irmãs ainda estão sumidas. Mur Balat e o Tubarão as levaram também! Não posso voltar para casa até encontrá-las! O Balat tinha planos de vendê-las também. O Tubarão fez com elas o mesmo que fez comigo. Não posso deixá-las nessa situação. Preciso resgatá-las! Você precisa me ajudar a resgatá-las!

O medo frenético de Verão o comoveu. Ela podia até não confiar mais nele, podia rejeitá-lo como potencial parceiro, mas ele continuava ligado a ela pelos laços inquebrantáveis da *liakapua*. Dilys esperava poder reestabelecer a proximidade que tinham partilhado naquele dia nas docas, quando ele partiu em viagem, esperava usar essa conexão para aliviar para Verão o peso da verdade sobre o destino das irmãs. Essa opção, no entanto, não existia mais.

Ele se endireitou e abriu os ombros.

— Perdoe-me, *Myerialanna* Verão. Não há maneira fácil de contar-lhe isso...

Ela recuou um passo com um movimento instintivo de autopreservação.

— Me contar o quê?

— Suas irmãs...

— Não. — Recuando ainda mais, Verão começou a balançar a cabeça.

— Nós seguimos os rastros do navio com suas irmãs na semana anterior ao seu Grito. Todos os navios calbernanos a norte do Varyan se juntaram à perseguição. Nós os encurralamos. Estávamos prestes a abordá-los quando o navio... suas irmãs tentaram usar a magia delas para se libertarem e o navio explodiu.

— Não. — Ela ergueu a mão como que para silenciá-lo, como se pudesse tornar as palavras dele menos verdadeiras. — Não, Dilyls.

Ele não conseguiu manter a distância, não conseguiu se impedir de segurar a mão dela, entrelaçando os dedos aos dela como se ainda tivesse o direito a fazê-lo.

— Sinto muito, Gabriella — disse ele, suavemente. — Suas irmãs não sobreviveram.

Capítulo 24

— Não. — Gabriella estreitou os lábios trêmulos. Lágrimas brotaram nos olhos dela, turvando-lhe a visão. — Não, Dilys. Minhas irmãs não podem estar mortas. *Não podem*. — O coração dela estava se despedaçando de tanta dor. Elas não podiam estar mortas. Nem a Aleta... nem a Vivi. Eram as irmãs dela, a família dela. Elas eram tudo. — Você deve estar enganado. Elas talvez não estivessem no barco. Como você tem certeza disso?

A dor cravou rugas profundas no rosto de Dilys.

— Eu tenho certeza. Nós encontramos... encontramos... — Ele se deteve e limpou a garganta. — Eu mesmo vi os restos mortais. Não há equívoco. Elas estavam a bordo do navio e morreram na explosão.

Inundada de dor, ela ancorou o olhar no de Dilys. Verão começou a tremer. Ela se sentia como que esfolada, com os nervos à flor da pele. O controle, escudo tênue e frágil, quebrava-se rapidamente conforme a notícia da morte das irmãs alimentava uma agonia emocional que Gabriella não sentia desde a morte da mãe. A dor tirou-lhe o fôlego e agarrou-a como punhos de aço.

Era exatamente o tipo de dor que passara a vida inteira tentando evitar sentir novamente, exatamente o tipo de dor que tornava tão dura sua luta para não deixar Dilys entrar no coração. Machucava. Machucava muito.

A pressão no peito aumentava conforme a magia fervilhava, irrompendo contra as defesas frágeis, querendo se libertar com o grito se formando na garganta e as lágrimas nos olhos.

Ela queria matar os responsáveis pela morte das irmãs. Queria ouvi-los gritar como as irmãs devem ter gritado, como o coração dela gritava agora. Ela queria vê-los queimar. Queria ver o terror nos olhos deles sabendo que ela o colocou ali. Queria ver a pele deles rasgar, os ossos se despedaçarem; queria sentir o calor do sangue

deles respingando no rosto e saber que eles nunca mais machucariam a ela ou a ninguém.

Todo o corpo de Verão estava tremendo. A Rosa no pulso estava pegando fogo. Cada respiração era um arfar escaldante de ar. Ela mal se dava conta dos braços de Dilys ao redor de seu corpo, dos dedos cravando os braços e as unhas, a pele dele. Ele estava murmurando algo. Palavras que ela mal podia distinguir no crepitar dos ouvidos.

O grito estava na língua dela, enchendo-lhe a boca, pressionando contra os dentes. Ele tinha gosto de fogo, destruição e de uma dor devastadora; gosto da necessidade de matar, matar, matar sem parar até que os responsáveis por aquela dor fossem varridos da existência; até que aquela agonia dentro dela se despejasse como a lava de um vulcão em erupção.

Ela pendeu com a cabeça para trás e o libertou.

O gritou irrompeu da garganta dela. Era um lamento de dor insuportável, o som de um coração se despedaçando, de um amor morrendo.

O navio chacoalhou como se tivesse sido capturado pelas presas de uma grande fera. As vidraças da cabine do capitão se agitaram ruidosamente e uma dezena delas se espatifou. Do lado de fora, outra dúzia explodiu, lançando ao mar uma nuvem de vidro em pó. Uma estante de livros tombou ao chão e as lamparinas penduradas em ganchos no teto balançaram violentamente, ameaçando incendiar toda a cabine.

Foi quando Verão se deu conta da presença de Dilys. O corpo dele estava completamente tensionado, os olhos, acesos e as presas de batalha inteiras para fora. Com a voz abafada, ele repetia sem parar:

— Deixe sair, Gabriella. Dê sua dor para mim, *moa haleah*. Dê tudo para mim e deixe-me carregá-la para você.

Com dificuldade, ela respirou fundo. A garganta estava dolorida e os pulmões vazios pela força do grito. As palmas das mãos de Dilys lhe acariciavam as costas, deixando um rastro de calor por onde passavam. A voz murmurante dele abrandou a dor aguda e os gritos presos na garganta se transformaram em soluços e em uma

inundação de lágrimas quentes. Por fim, Verão se agarrou aos braços de Dilys e, em total abandono, chorou.

Ela chorou até não sobrar mais nada, até que a agonia da dor se esvanecesse em uma dormência vazia. A realidade desoladora da perda foi se assentando. Os tremores no corpo de Verão diminuíram. A exaustão caiu sobre ela como uma capa pesada e, repentinamente, ela só queria dormir. Queria dormir para acordar e descobrir que tudo aquilo não passava de um pesadelo.

O que, é claro, não era.

Soluçando de leve, Gabriella roçou o rosto contra o peitoral de Dilys e secou as lágrimas na pele sedosa dele. Ela franziu o cenho quando ao sentir um leve cheiro acre, de queimado.

— Ah, não, botei fogo em alguma coisa?

Em vez de responder, ele apenas continuou acariciando as costas dela ritmicamente. Foi quando Verão finalmente se deu conta de que havia algo errado. Mesmo oscilando como uma folha, ele estava duro como pedra.

— Dilys? — Levemente assustada, ela se afastou um pouco para olhá-lo.

Os olhos dele estavam apertados com força e linhas brancas lhe circundavam a boca. Ele respirava ofegantemente, por inspirações breves. O cheiro de queimado estava vindo dele.

— Ah, Helos! — Certa de tê-lo machucado, ela tentou se afastar, mas os braços dele estavam firmemente cerrados. — Dilys! — Ela segurou o rosto dele. A pele de Dilys estava ardendo como nunca. Estava ardendo como a dela, poucos minutos atrás. — Dilys! Fala comigo.

Pelo doce Halla, o que ela fez?

A cabine ao redor estava seca como um osso. Uma única fagulha incendiaria o lugar inteiro. O chão estava coberto de vidro quebrado e o teto estava rachado, com a madeira espanada para cima. Do lado de fora das janelas quebradas, para além do convés, o mar tinha ficado bravo e o céu de verão, antes limpo, estava obscurecido por nuvens ameaçadoras. A chuva caía em lâminas e os ventos que sopravam do oceano açoitavam as velas do navio. Na fúria explosiva de seu luto, ela quase reduziu o *Kracken* a pó com um

Grito enquanto, ao mesmo tempo, formou uma tempestade tropical que atirava o navio de um lado para o outro como uma rolha.

Ela podia ter matado a todos ali. Quase o fez.

Mas Dilys a impedira. De alguma forma — miraculosamente — ele a impedira!

— Dilys? — Ela acariciou o rosto dele com os dedos trêmulos. — Dilys, fala comigo.

Ele murmurou algo que soou como:

— Me dê um minuto. — Seu tom parecia bastante irritado.

Verão mordeu o lábio e tentou não se sentir ofendida. Afinal de contas, em menos de um par de minutos, Verão tinha canalizado o equivalente a um furacão, uma tempestade de fogo e um furacão para dentro dele. Pelo que constatara ao longo dos anos, os homens em geral ficavam na defensiva quando se sentiam tensos, feridos ou vulneráveis. Um pouco ao modo de Khamsin. Causava estranhamento ver Dilys exibir tal comportamento, especialmente com ela.

Querendo acalmá-lo, ela acariciou as costas dele e murmurou suavemente:

— Está tudo bem. Está tudo bem.

No entanto, ao invés de se tranquilizar, Dilys ficou ainda mais rígido.

— Pela *farking* santa Numahao! — arfou ele. — Gabriella! Para! — Com um rugido gutural, ele agarrou os pulsos dela e a empurrou até a metade do quarto.

Ela se segurou os destroços da escrivaninha e, em choque, encarou-o. Dilys tinha acabado de vociferar contra ela e arremessá-la ao outro lado do quarto. Como se o toque dela fosse uma abominação. A alma de Verão foi abatida pelo sentimento de rejeição. Ela não sabia se gritava com ele ou se chorava.

Antes que fizesse qualquer um dos dois, ele deu meia-volta. A repreensão morreu na ponta da língua de Verão. Os olhos de Dilys ficaram dourado claro e um vapor saiu da pele dele.

— Perdoe-me — disse ele, ao que mergulhou das janelas da cabine para o mar.

— Dilys! — Ela correu até as janelas quebradas. Vento e chuva bateram contra o rosto dela. Abaixo, era para o oceano estar

agitado e espumante por ondas furiosas, mas havia um círculo de calma irradiando do *Kracken* por todos os lados. A tripulação devia estar usando seus dons do mar para acalmar a área ao redor do navio, mantendo-o firme apesar da tempestade gerada por Verão. O único sinal visível de turbulência no mar abaixo era a espuma no local onde Dilys havia mergulhado.

— *Myerialanna!*

— Princesa Verão!

Atrás dela, a porta da cabine de Dilys foi escancarada. O comandante Friis e Kame, o primeiro oficial de Dilys, entraram apressadamente.

— Princesa! — exclamou Friis. Ele estava com a espada desembainhada e em riste, pronto para matar qualquer ameaça que encontrasse dentro da cabine. — Você está bem? O que aconteceu?

Kame não estava armado e parecia mais preocupado do que agressivo. O olhar dele percorreu rapidamente os destroços da cabine de Dilys, assimilando os sinais de destruição.

— *Myerialanna*, onde está o *Myerielua* Dilys?

A boca dela começou a tremer. Estava vertendo lágrimas outra vez e a força que tinha acabado de liberar começava a se formar novamente. Ela causara algo ao Dilys quando a dor a fez perder o controle. Ele havia lhe dito uma vez que ela nunca poderia machucá-lo; que, de todas as pessoas, ele era a única que não correria risco quando as emoções dela saíssem do controle. Era evidente, porém, que esse não era o caso. Aqueles olhos em tom dourado claro... aquela fumaça saindo da pele... a forma agitada como ele saltou das janelas quebradas para dentro do mar. Ah, sim, ela fizera mesmo algo com ele.

— *Myerialanna*, responda-me — insistiu Kame. — Onde está o Dilys?

Ela cerrou o maxilar firmemente e, sem dizer palavra, apontou com o dedo na direção da janela quebrada.

— Vivo? — vociferou Kame.

Ela confirmou com a cabeça. Em seguida, sentiu a alma ceder.

Houve um estranho impulso de poder abafado que soou como uma bolha de sabão estourando sob a pele de Verão. Ele fez todos

os pelos do braço de Gabriella se arrepiarem.

Os olhos de Kame se arregalaram subitamente.

— *Merde!* — xingou ele. — Agarrem-se em algo e segurem firme. — Sem esperar para ver se Friis e Verão obedeceram, Kame deu meia-volta e voltou correndo para o tombadilho, gritando em Eru para que a Guarda Branca também entendesse. — Onda gigante! Onda gigante! Segurem-se! — Em seguida, gritou em na Língua do Mar: — *Calbernani!* Observadores aos cordames! O resto, para as grades do parapeito, rápido!

Gabriella segurou uma das colunas de apoio e a envolveu com os braços.

Friis fez o mesmo.

— O que está acontecendo? — perguntou ele.

Enquanto falava, os dois ouviram um grito vindo do alto.

— À popa! À popa! — Gabriella olhou pelas janelas do tombadilho e, ao longe, talvez a dois ou três quilômetros dali, a superfície do oceano revirado pela superfície começou a se erguer como num mastro. Ela subiu cada vez mais alto até preencher toda a extensão das janelas da cabine de Dilys.

— *Calbernari!* — gritou a voz de Kame. — Força total! Rápido! Ele a está afastando da gente. Não a deixem sair de nosso alcance!

O inchaço de magia que parecia uma bolha de sabão estourando sob a pele de Verão começou a ficar cada vez forte. A boca dela se encheu de um intenso gosto salgado quando todos os calbernanos a bordo do *Kracken* direcionaram seus dons do mar ao oceano. O navio começou a balançar para um lado e para o outro com força enquanto os calbernanos concentravam toda a magia em acalmar o caminho do navio até a onda monstruosa que se afastava deles.

O navio entornou bruscamente e ela perdeu a onda enorme de vista. Ignorando o grito forte do comandante Friis, Verão soltou a coluna e foi cambaleando até a porta da cabine.

Eles estavam no âmago da tempestade dela. As velas se debatiam furiosamente sob os ventos vindos de todos os lados. Ondas batiam contra as laterais do navio, forçando os marujos constantemente a pararem e se segurarem ao mastro ou grade mais próximos para não serem varridos do convés.

A onda monstruosa estava diante deles, afastando-se mais rápido do que eles eram capazes de acompanhar. Todos os esforços dos calbernanos não pareciam ter muito efeito em diminuí-la ou desacelerá-la.

Um dos calbernanos a viu à porta da cabine, bateu no braço de Kame e, gritando em meio à tempestade, apontou na direção dela.

Kame atravessou o convés cambaleando até Verão.

— *Myerialanna*, volte para a cabine! É perigoso demais para você ficar aqui fora.

Ela negou com a cabeça. A chuva grudou o cabelo dela ao rosto e lhe encharcou o vestido.

— A onda está indo rápido demais. Vocês vão perdê-la.

— *Tey*, a tempestade está desacelerando a gente.

Ela olhou para as nuvens furiosas adiante e para as lâminas de chuva caindo.

— Eu posso ajudar. — Ela tirou uma das mãos do batente da porta para mostrar a Kame a Rosa vermelha no pulso. — Afinal de contas, sou uma bruxa do tempo.

Ele sorriu. A chuva escoava pela pele escura e os lindos dentes brancos de Kame.

— Você é mesmo, *Myerialanna*. — Ele acenou para o céu escuro e turbulento. — Sua ajuda sem dúvidas é muito bem-vinda.

Verão não retribuiu o sorriso. Ela estava com medo demais para isso, pois não confiava em suas habilidades tanto quanto dera a acreditar. As barreiras que continham sua magia segura estavam completamente destruídas. Pela primeira vez na vida, seu poder estava liberto e ela não fazia ideia de como manuseá-lo de forma segura.

Mas toda aquela situação — a tempestade, a onda, seja lá o que tinha acontecido com Dilys — era por culpa dela.

Ela já explodiu pessoas com a magia antes. E se tivesse feito o mesmo com ele? E se ele saltou ao mar pela janela por ela tê-lo transformado em algum tipo de bomba mágica? E se ele tentou se afastar do *Kracken* desesperadamente antes de explodir?

A magia de Verão se eriçou com ferocidade súbita e, com um suspiro, ela afastou os pensamentos sobre Dilys ter morrido. Ela não conseguia pensar nele naquele momento. As emoções estavam

frágeis demais e o abismo de loucura nascido de sua dor cada vez mais próximo.

Concentre-se, Gabriella. Concentre-se.

— Kame, se eu fizer o vento soprar na direção certa, você consegue acalmar o mar para conseguirmos pegar um pouco de velocidade.

— *Tey.*

— Ótimo. Vamos fazer isso.

Kame gritou ordens aos marinheiros. Os calbernanos, que tinham voltado toda magia em conter a onda, concentraram-na outra vez em acalmar as águas à frente do *Kracken*. Verão fez a própria consciência pairar na tempestade. Igual ao primeiro dia em que acordou naquela jaula dentro do navio pirata, ela aqueceu algumas faixas de ar perto da embarcação, fazendo-as subir e, conseqüentemente, criando uma baixa de pressão que fez o ar frio descer. Naquela ocasião, a tempestade foi se formando lentamente, o que demandou esforços e atenção constantes. Agora, no entanto, sem os antigos bloqueios e com a magia com força total, as nuvens se formaram tão rápido quanto o fariam se invocadas por Khamsin. O vento mudou de direção, soprando para onde ela queria. Com um estalido satisfatório, as velas do *Kracken* se inflaram. Quando as ondas diante deles se dividiram magicamente, eles avançaram por uma faixa de oceano calma como se fosse um canal, aproximando-se da onda monstruosa que avançava rapidamente.

O efeito surreal da mágica calbernana — aquele vale tranquilo correndo entre montanhas de ondas turbulentas — deixou Verão ao mesmo tempo impressionada, eufórica e nervosamente otimista. Estava funcionando.

Eles perseguiram a onda gigantesca por quase vinte minutos antes de alcançá-la. Quando se aproximaram, os calbernanos pendurados nos cordames deram um grito exultante.

— *Myrielua!* — gritaram os observadores, apontando para a crista da onda. Os calbernanos a bordo do *Kracken* começaram a comemorar.

Gabriella olhou na direção à qual apontavam e seu temor amargo se dissolveu em alívio.

Dilys! Ah, bendito seja Helos, graças à misericórdia de todos os deuses! Ela não o tinha matado!

De joelhos, com os braços estendidos e as longas tranças preto-esverdeadas esvoaçantes, Dilys estava surfando na crista da onda monstruosa. As *ulumis* dele estavam brilhando intensamente, irradiando força dele como um farol enquanto cavalgava o enorme muro de água. Verão observou a onda se encolher cada vez mais conforme Dilys fazia sua energia dissipar.

Verão voltou a atenção à tempestade, usando os próprios dons para quebrar o núcleo de baixa pressão e desorganizar a energia da tormenta. Quando terminou, a tempestade tinha acabado, a onda gigante tinha desaparecido e Dilys estava surfando um jato de água de volta para o convés do *Kracken*.

— Muito bem, *Alakua*! — saudou-o Kame enquanto Dilys caminhava na direção deles. — Essa foi uma bela doma de onda, meu príncipe! Nunca vi nada parecido.

Verão não estava tão emocionada com o espetáculo.

— Eu achei que tinha matado você.

Ele não respondeu Kame e tampouco prestou atenção à repreensão de Verão. Em vez disso, caminhou direto na direção de Verão, tomou o rosto dela nas mãos e beijou-a até os joelhos dela falharem e ela lhe cair nos braços.

— Dilys! — Ela deu um grito de susto quando ele a pegou nos braços e atravessou o tombadilho superior em direção à cabine.

— Vocês todos — disse ele ao comandante Friis. — Fora daqui. Agora.

Friis levantou a sobrancelha branca e olhou para Verão esperando instruções.

— Sua Alteza?

Ela olhou para a expressão feroz e os olhos dourados brilhantes de Dilys, e cada parte do corpo dela, do alto da cabeça à ponta do dedão se incendiou. Verão foi tomada de volúpia, tanto a dele quanto a dela. Pelo amor de Helos, ela o sentia nadando pelas veias dela e incendiando-a de dentro para fora.

Havia uma canção subterrânea. Palavras que ela não compreendia, mas que a envolviam, emaranhando-a até não ser

mais capaz e se mexer. Uma canção que ficava mais alta a cada instante que passava.

— Tudo bem, comandante — disse ela, com os olhos imóveis fixos em Dilys. O coração de Verão batia forte. A respiração ficava cada vez mais ofegante, mais rasa. — Faça o que ele ordenou.

— Certo. Vocês ouviram. Fora. — Como Friis não saiu rápido como Dilys queria, ele colocou Gabriella no chão e conduziu para fora, fechando a porta em seguida.

Quando Dilys se voltou para Gabriella, ela estava de pé no mesmo lugar em que a havia deixado, observando-o com os olhos grandes e surpresos. Com o peito ofegante, ela corou.

Dilys imaginou que sentiria o mesmo na posição dela. Os eventos da última hora devem ter parecido mais do que um pouco bizarros para ela. Para ele, no entanto, todas as peças do quebra-cabeças finalmente se encaixaram e, pela primeira vez, tudo fez completo sentido. Ele finalmente sabia o que ela precisava dele exatamente. Sabia o que devia fazer.

Ele não conseguia encontrar palavras. Ainda havia muita energia eletrizante correndo nas veias dele. Muito dela dentro dele. Emoções ferozes. Um luto imenso pelas irmãs. Uma fúria contra os responsáveis pelas mortes delas. Vergonha e humilhação pelo que o Tubarão tinha feito com ela e pelo desejo violento de caçá-lo e matá-lo da forma mais lenta, sanguinolenta e dolorosa possível. Um desejo profundo por Dilys aliado a um medo avassalador e desesperador de se entregar. Não apenas pelo que o Tubarão fizera com ela, mas pelo pavor de se permitir apaixonar. Medo de libertar todo aquele poder colossal e infinito pelo mundo. E, subterraneamente a tudo isso, havia também uma solidão dolorosa. Uma alma faminta pelo que mais necessitava. Uma necessidade desesperada de algo bom capaz de apagar tudo de ruim.

Ele a compreendia agora de uma maneira sem precedentes.

Não era que ela não confiava nele.

Não era que ela não o queria.

Não era que ela não o amava.

Nunca se tratou disso.

Ela era uma potência vasta e indomável; ele era a maior vulnerabilidade dela. Isso a aterrorizava de forma irracional. Tinha medo de machucá-lo. Tinha medo de machucar outras pessoas. Acima de tudo, tinha medo do que seria capaz de fazer caso algo acontecesse com ele.

Ele devia estar encarando ela intensamente demais, pois a expressão de Verão se transmutou da leve surpresa para uma preocupação verdadeira.

— Dilys, você está começando a me assustar. O que está acontecendo?

— Isso — disse ele, puxando-a para si. A cabeça dele abaixou para lhe tomar a boca com um beijo apaixonado. O suspiro de surpresa inicial de Verão logo cedeu para um calor crescente conforme a paixão ia se igualando à dele. Ele gemeu e a puxou mais para perto. As mãos de Dilys desceram pelas costas de Verão. Os dedos se fecharam sobre as nádegas dela, pressionando-a firmemente contra o corpo. Quando os braços dela lhe envolveram o pescoço como uma videira e os seios colidiram contra o corpo dele, o coração de Dilys quase explodiu de bater tão forte.

Uma magia tão imensa e forte quanto a onda imensa que acabara de desfazer no mar se intensificou no peito dele. Ele já tinha liberado muito do poder que ela havia compartilhado com ele. Primeiro com a explosão violenta que gerou a onda colossal; depois, com a energia que gastou perseguindo e domando a onda. Ainda assim, apesar de tudo o que tinha usado, Dilys mal acreditava que estava longe de esgotar tudo.

Não surpreendia que ela tenha passado a vida inteira temerosa de libertar aquela força. Ela não carregava apenas um dom enorme. Ela carregava toda a energia do sol, toda a força indomável do mar. Era um poder gigante, inimaginável. Quando ela compartilhou o sofrimento com Dilys, despejou tal poder junto a todo o medo, a dor e o desejo de sua alma espantosa, maravilhosa, profundamente amorosa e apaixonada...

Pelas bênçãos de Numahao.

Ele afastou a boca e murmurou o nome dela ofegantemente. Em seguida, afundou o rosto no pescoço de Verão. Dilys beijou e mordiscou a pele doce, doce e ah! tão sedosa; beijou e mordiscou a

concha da orelha dela e aquele pontinho sensível atrás do ouvido. Verão soltou um gemido de prazer quando ele lambeu a região. Os dedos dela cravaram entre os fios de cabelo e se agarraram ao crânio de Dilys.

— Dilys... por Helos, Dilys...

O som do nome dele naquele gemido ofegante o encheu de satisfação e orgulho. Era o nome dele nos lábios dela. Ela o chamou para que lhe desse o que precisava. Para que lhe desse os beijos e toques que a transportaram para fora de si de tanto prazer.

Grandes esperanças e uma determinação inabalável se inflamaram nele. Aquilo era o certo a se fazer. Eles estavam fazendo o que era certo. Ele era exatamente o que ela precisava e já tinha passado da hora de Dilys provar isso a Verão de uma vez por todas.

A saia de Verão se emaranhou ao redor deles quando ela envolveu a cintura de Dilys com as pernas. Ele os conduziu cegamente até a cama, chutando livros caídos no caminho. Quando chegou à cama, ele a deitou sobre o colchão macio e se afastou um pouco para olhar melhor o rosto corado de paixão de Verão. Os olhos dela estavam calmos e entorpecidos; os lábios, carnudos e vermelhos. A linda cor marrom das bochechas de Verão estava rosada. A cabeleira preta sedosa caía esparramada ao redor da cabeça. Ela parecia uma sereia sonhadora, calma e convidativa descansando em águas plácidas e mornas.

As garras de Dilys avançaram na ponta dos dedos. Ele as levou à frente do vestido, cindindo o tecido do pescoço ao umbigo, desnudando assim a linda pele. Pele tão macia, tão sedosa.

Ele deslizou as mãos para dentro das abas do vestido, pousou as palmas sobre a barriga lisa e morna, e partiu o vestido em dois, deixando Verão nua diante de si.

Havia uma ponta de hesitação nos lindos olhos dela. Preocupação. Vergonha. Um pouco de medo. O Tubarão a havia maculado com seu toque nojento e se deleitado com intimidades roubadas que deviam ser confiadas apenas ao parceiro que ela reivindicasse. Ele não tinha deixado nenhuma parte dela intocada ou imaculada. Ele tornou vil o que só devia ser bonito.

Dilys não podia mais permitir que as coisas continuassem desse jeito.

Abaixando a cabeça, Dilys decidiu substituir cada memória espúria, humilhante e degradante com algo novo, algo alegre. Os belos seios com mamilos escuros subiam e desciam em movimentos intermitentes a cada respiração. Ele primeiro os acariciou com o olhar quente e sedento, depois com as mãos e, por fim, com os lábios, dentes e a língua até que Verão se arqueasse, oferecendo-lhe a pele doce.

Pouco a pouco, centímetro a centímetro, ele lavou a pele de Verão com carícias, adoração, dedicação e cuidados, varrendo cada eco mínimo das lembranças do que o Tubarão fizera com ela. A cada movimento de dedos, a cada carícia sensual de lábios e língua, ele devolvia o calor da magia que ela havia lhe dado. Ela se agarrou aos ombros de Dilys, cravando-lhe fundo as unhas, e deixou que o nome dele saísse dos lábios com urgência ofegante.

— Dilys! — Ele se contorceu e roçou contra a extensão rígida do sexo em desejo flagrante. — Entre em mim agora. Preciso de você dentro de mim.

Havia Coação na voz dela. Ele rasgou o restante do vestido até a bainha. Em seguida, cortou as pregas do *gudo* de linho antes de afastar a Ordem que não estava pronto para obedecer.

— Não fale — rosnou ele. Ele subiu para beijá-la profunda e atenciosamente. Enquanto isso, uma das palmas da mão esfregava os pelos rasos do sexo de Verão até que as pernas dela, separadas, começaram a tremer com o primeiro dos muitos orgasmos que Dilys pretendia oferecer.

— Dilys! — Ela se agarrou ao quadril dele, tentando puxá-lo para mais perto. — Eu preciso de você. — A voz se deteve e os olhos se escancararam de medo súbito quando ele pousou os dedos sobre os lábios dela. Eles a tinham amordaçado. Tinha Silenciado da Voz dela. Ele afrouxou a pegada, mas não tirou a mão do lugar. Ele ia se apropriar e ressignificar aquela memória também.

— Não — disse a ela. — Sou e você sabe que eu nunca vou machucá-la, sabe que eu nunca vou me apropriar de algo que você não me dê. Isso — ele percorreu os lábios dela com os dedos — é só um lembrete, *moa kiri*. Eu quero dar o que você precisa de meu próprio jeito, em meu próprio ritmo, sem que você me Ordene ir

mais rápido quando quero ir devagar. Prometo que você vai gostar. Você pode fazer isso por mim?

Os olhos dela se escancararam sobre a mão que a silenciava e Verão acenou que sim com a cabeça.

— Boa garota. — Para recompensá-la, ele substituiu a mão pela boca e, enquanto a beijava profundamente, pressionou o polegar sobre o clitóris dela e lançou uma pulsão de magia quente com a mão. Os olhos dela ficaram ainda mais escancarados. Verão arqueou o corpo com se tivesse sido eletrificada e começou a tremer intensamente com mais um orgasmo. Ela apertou os dentes com firmeza e um grito abafado de prazer lhe cortou a garganta.

Ele desceu beijando o corpo dela outra vez, dando a cada centímetro dele a mesma atenção minuciosa e agonizante, fazendo pulsar relampejos de magia no caminho. Pela hora seguinte, ele a atormentou com um prazer lento e langoroso, descendo até os dedos do pé e, depois, tomando o caminho de volta até em cima. Em seguida, virou-a e começou tudo de novo. Verão gemia sem parar. As unhas dela arrancaram sangue de Dilys mais de uma vez. Ainda assim, apesar dos gemidos e soluços pedindo para serem libertados, ela não o Ordenou que fosse mais rápido.

Isso merecia outra recompensa. Ele a colocou apoiada nas mãos e joelhos e beijou cada centímetro das nádegas lindamente arredondadas de Verão. Enquanto isso, com outra a outra mão, acariciou-lhe os seios pendentes, colocando primeiro um, depois dois e, por fim, três dedos dentro do corpo trêmulo dela, lançando pulsações sucessivas de magia pelas ponta dos dedos a cada movimento. Entorpecida de prazer, Verão caiu inconsciente na cama.

Conforme ela voltava a si, ele finalmente levou a boca ao âmago dela. A pele de Verão estava fumegante. Os cachos pretos do cabelo macio e as dobras do corpo dela estavam suados. Ele esperou até que ela abrisse os olhos. Verão levantou a cabeça de leve e, por fim, deixou-a cair como se o esforço fosse demais.

— Dilys — gemeu ela —, por favor, já chega. — A voz dela estava rouca por causa dos gemidos. O som áspero deixou Dilys tenso por completo.

O corpo dele estava duro como uma rocha. Seu sexo estava tão inchado que surpreendia que a pele não tenha explodido. Há muito que ele havia passado do ponto da dor. Ele sabia que, quando finalmente se permitisse penetrá-la, não duraria muito. Aquele era um momento dela, para ela.

Verão tinha se despejado sobre ele — despejado tudo, sem segurar nada —, tinha dado a ele o sofrimento, o medo, a fúria, a sede de vingança, a dor. Ele, em contrapartida, a estava retribuindo com um prazer inimaginável. Um prazer que ela nunca tinha experimentado. Mais prazer do que achava ser capaz de sentir. E ele sequer tinha terminado.

— Sim — murmurou ele. O hálito dele era como um leque lançando ar quente sobre a pele sensível de Verão. — Mais. — Em seguida, com um sorriso malicioso no rosto, ele abaixou a cabeça e a devorou até que, aos gritos de volúpia, Verão gozasse outra vez.

Em seguida, finalmente, com um movimento único e potente, ele colocou o sexo duro como uma rocha dentro do corpo dela. Dilys gemeu com o abraço voraz do corpo de Verão e recuou para penetrá-la novamente. Ele foi fundo... ah, pelas deusas... tão fundo! Ela era tão quente e, *fark!*, tão apertada... O sexo dele parecia um nervo sensível a cada roçar do corpo dela. Dor e prazer o atravessaram em medidas iguais. Os dedos dele cravaram a carne macia das nádegas arredondadas de Verão. Os músculos ficaram tensos e os tendões do pescoço saltaram como cabos enquanto recuava para penetrá-la uma terceira vez. O corpo dela se agarrou com força ao dele. Ela gemeu. O controle dele se despedaçou.

Segurando-a pelos quadris, ele gozou com a fúria de um *staccato* indomável de pulsações, preenchendo-a com sua semente e magia. Dilys se esvaziou por completo até não ter mais nada a oferecê-la. Em seguida, despencou na cama ao lado de Verão, puxou-a para os braços e ambos caíram num torpor de exaustão.

Capítulo 25

Gabriella acordou diversas vezes no restante do dia e da noite, arrancada do sono por sonhos de perda e dor que fizeram a magia dela despertar e lágrimas molharem seu rosto. Cada vez que isso acontecia, Dilys a tomava nos braços e lhe tirava a dor, dando a ela um prazer extático atrás do outro. Quando a aurora finalmente despontou no oceano, ela acordou com as bochechas úmidas de lágrimas de luto e sofrimento pelas irmãs, mas nenhum sinal de magia perigosa que a elas correspondesse.

Ele a abraçava sempre que a tempestade de lágrimas despencava. Em seguida, bebia com ternura as lágrimas salgadas do rosto dela.

— Eu te amo — disse em tom carinhoso. — Sinto muito por não ter conseguido salvar suas irmãs. Eu daria minha vida para devolvê-las a você. Você sabe disso.

Os olhos azuis avermelhados pelas lágrimas o encararam por trás dos cílios pretos pontiagudos.

— Eu sei. Você não é culpado pelo que aconteceu. Você fez tudo o que podia.

— Eu fiz — concordou ele. — Mas, ainda assim, falhei com você. Se você desejar a minha morte, eu a ofereço a você.

Verão levou alguns segundos para registrar as palavras dele. Quando finalmente compreendeu, ela se apoiou sobre o cotovelo para olhá-lo.

— Não seja ridículo! Você sabe o que acho desse costume bárbaro de vocês. Mesmo que eu o culpasse por não ter conseguido salvar minhas irmãs, e não é o caso, eu nunca ia querer uma coisa dessas. Serei grata se você nunca mais sugerir algo do tipo. — Claramente irritada, ela rolou para o outro lado e se sentou, puxando o lençol sobre os seios e enfiando-o debaixo dos braços para firmá-lo no lugar.

Ele se virou de lado e lançou a mão ao lado da cama dela. Dilys segurou o lençol com que ela se envolvera e deu um puxão nele. Ela tentou segurá-lo, mas Dilys continuou puxando com persistência até que o lençol deslizesse e revelasse os belos seios dela.

— Se essa é sua Ordem, então devo obedecê-la — jurou ele. O desejo deixava a voz dele grossa e gutural. Não importava que tivesse passado a maior parte das últimas quatorze horas demandando sem parar o corpo dela. Bastava um olhar para desejá-la outra vez.

Ele se colocou de quatro e atravessou lentamente a curta extensão da cama até chegar aos mamilos dela com a boca. Ele os lambeu intensamente, louco pela forma como se encaixavam na boca.

— Eu nunca mais vou oferecer minha morte a você — disse ele enquanto, ajoelhando-se para beijar a boca de Verão, e deixando um rastro de calor e magia no caminho, acrescentou — se você me reivindicar como seu *akua* e se unir a mim para todo o sempre.

— Dilys... — Ela recuou, franziu o cenho e o afastou para abrir distância. Ela se recostou contra a cabeceira, colocou um travesseiro sobre o colo e outro sobre os seios. — Você não vai me seduzir para conseguir o que quer. Não nesse quesito. É perigoso demais.

Ele fez uma careta leve, mas a irritação tinha menos a ver com a recusa teimosa em se casar com ele do que com a determinação em esconder o corpo.

— Não, não é perigoso demais — disse a ela. — Ontem isso ficou provado sem qualquer sombra de dúvidas.

— Provado? — Ela o encarou e soltou uma risada severa. — A única coisa que provamos foi que eu quase o matei!

— Você está errada, Gabriella. É assim que sua cabeça *oulani* vê as coisas, mas não foi nem de perto o que aconteceu.

— Ah, é?

— *Tey*, é sim. Eu fracassei com você. Não fui capaz de salvar Primavera e Outono.

— Eu não o culpo por isso.

— Sei que não. Esse é meu ponto, você não percebe? Por causa de minha incapacidade de proteger seus entes amados, você não

tinha motivos para entregar sua dor. Mesmo assim, você entregou. Você confiou em mim para carregar sua dor, apesar de eu ter fracassado com suas irmãs e com você.

— Você acha que dividir minha dor com você seja prova de que eu deva reivindicá-lo para todo sempre com algum tipo de abracadabra calbernano?

— *Tey*, eu acho. Queira você admitir isso ou não, a Sereia em você já concluiu que sou forte o bastante para ser seu parceiro.

— Acho que o que aconteceu ontem deu uma embaralhada na sua mente. — Ela jogou os travesseiros de lado, saltou da cama e atravessou a cabine para pegar o robe que os soldados tinham feito para ela. — Você sequer se lembra do que aconteceu? — perguntou ela, enquanto colocava as mangas e amarrava a cinta ao redor da cintura. — Eu perdi completamente o controle de minha magia. Eu quase matei todo mundo!

— Mas não matou! — Ele saltou da cama e a seguiu, sem se preocupar em cobrir a própria nudez. Dilys a segurou pelos ombros e a virou para encará-lo. — Olhe ao seu redor, *moa leia*. Nós estamos mortos? O navio naufragou? Sofremos mais do que um arranhão por causa de seu sofrimento? Não! Pois você me deu sua dor e deixou que eu a carregasse. E funcionou. Como eu disse que funcionaria.

Ela ergueu as sobrancelhas.

— Só funcionou porque você me afastou antes que eu pudesse matá-lo, pulou da janela para fugir da minha e começou um *farking* tsunami no meio do oceano!

Ele corou. Não tinha como negar.

— *Tey*, bem, confesso que eu podia ter lidado melhor com a situação, mas, em minha defesa, digo que você é a primeira Sereia cuja dor tentei apagar. Eu não estava bem-preparado para a imensidão de seu sofrimento. Além disso, você ficou tentando me acalmar. Eu nunca devia ter afastado você do jeito que fiz. É que eu mal estava conseguindo segurar o que você tinha me dado, e você continuou mandando mais. Era demais.

— Você acha que estou triste por você ter me empurrado?

— Você teria o direito de estar triste.

— Eu estou triste porque você se recusa a aceitar a verdade. É perigoso demais que eu ame alguém.

— Besteira. Além disso, você já me ama. Recusar-se a me reivindicar não irá mudar isso.

Ela se estremeceu de leve e recuou um passo cambaleante, como se tivesse perdido o equilíbrio. A boca dela se abriu, mas logo se fechou. Os olhos azuis magoados de Verão apunhalaram o coração de Dilys antes que ela se virasse para recobrar a compostura.

— Não — admitiu ela —, não vai mesmo. Eu sempre serei um perigo para os outros se algo acontecer a você, mas não preciso me manter próxima e colocá-lo em risco. Você está mais seguro sem mim. Você é a única pessoa que não entende isso.

Ela confessou amá-lo e, na mesma frase, continuou a rejeitá-lo. Já existiu mulher mais teimosa e cabeça-dura? Desesperado, Dilys não sabia se dava um chacoalhão ou um beijo nela. No final das contas, fez ambos. Segurando-a pelos ombros, deu um chacoalho firme em Verão. — Gabriella Aretta Rosadora Liliana Elaine Coruscate, alguém já disse que você fala *merde* para caramba?

O arfar dela deu a Dilys a abertura perfeita para lhe atacar a boca. Puxando-a para perto, ele abaixou a cabeça para alcançar os lábios dela. Verão resistiu, batendo em Dilys com os pulsos, mas ele era muito mais forte fisicamente do que ela. Ele a segurou com facilidade e continuou a beijá-la até ela parar de brigar e retribuir o beijo.

— Não quero mais ouvir sobre como eu ficaria mais seguro ou melhor sem você — disse a ela, quando finalmente afastou a boca. — Você não é nem nunca será um perigo para mim. Você, *moa kiri*, é a mulher que eu amo, a mulher sem a qual não posso viver, a mulher que eu quero ao meu lado para o resto da vida.

— Nesse caso, você é um idiota sem amor à própria vida. — Ela olhou para ele emburrada. — Você pode até ter conseguido impedir que eu machucasse alguém dessa vez, mas e se eu receber uma notícia ruim e você não estiver no navio? — retrucou ela. — E se o mesmo acontecer em algum lugar onde você não possa expulsar convenientemente o excesso de energia que eu lhe dei? E se nós estivermos na cidade, num palácio ou numa sala de aula? E daí?

Ele soltou um suspiro, mas logo recordou a si mesmo que aquela obstinação teimosa foi exatamente o traço de personalidade que permitiu a Verão manter a magia sob controle sem uma rede de apoio.

— Gabriella, meu amor, você é uma Sereia. Eu devia estar preparado para a situação antes de tentar amenizar seu terrível sofrimento. Eu não estava e a culpa é só minha. Não vou cometer esse erro novamente.

— Como assim?

— Eu subestimei a verdadeira força do seu poder. Pensei que, sozinho, eu poderia oferecer tudo o que você precisava... Que eu poderia oferecer a você o mesmo que ofereci a minha mãe muitas vezes ao longo dos anos. Mas você não nasceu com força para alimentar apenas um calbernano, mesmo ele sendo seu parceiro. Você nasceu com poder para alimentar todos nós.

— Esse é meu ponto! — exclamou ela. — Eu sou um incêndio florestal e você está com um copo d'água na mão dizendo que pode apagar meu fogo. Mas não pode!

Ele arqueou as sobrancelhas.

— Levando em conta que passei a maior parte das últimas quatorze horas provando, na verdade, eu sou capaz de acender e apagar seu fogo sem parar, fico levemente ofendido com seu comentário.

— Ahh! — Ela fechou os punhos e soltou um grito estrangulado. — Pelo amor do Halla! Você não pode falar sério?!

— Ah, mas eu estou falando sério, Gabriella. — Abandonando os últimos vestígios de senso de humor, ele a encarou com um olhar sóbrio e inabalável de decisão. — Nunca falei algo mais sério em toda minha vida. Me diz uma coisa, você tem medo de me machucar ou de aniquilar os últimos obstáculos que a separam de se casar comigo?

— Oi?

— Você me ama. Você confessou isso. Se eu provar a você que você não precisa temer perder controle de sua magia, seja qual for seu estado emocional, você finalmente concordaria em ser minha *liana*? Você me reivindicaria como seu parceiro?

— Sua pergunta é irrelevante. Você não tem como provar uma coisa dessas.

— Responda mesmo assim.

Ela fez uma careta e, em seguida, bufou.

— Está bem, sim. Se você provar que eu nunca vou perder controle e machucar inocentes, o que não vai conseguir fazer, eu me caso com você.

— E irá me reivindicar como seu parceiro.

Ela revirou os olhos.

— E vou reivindicá-lo como meu parceiro.

— Ótimo. Vou te cobrar. — Ele caminhou até a porta e segurou a maçaneta.

— Dilys! — O grito sufocado de Gabriella o impediu antes que ele pudesse abrir a porta. — Aonde você pensa que está indo?

— Estou indo provar a você, sem sombra de dúvidas, que você não é uma ameaça para mim nem para ninguém, se não escolher ser.

— Pelo amor dos deuses, coloque uma roupa antes de sair!

Dada a quantidade e altura dos gritos que ele arrancara dela nas últimas quatorze horas, não havia calbernano ou inverniano naquele navio — ou, aliás, em qualquer um dos navios num raio de oito quilômetros — que não soubesse exatamente o que os dois estavam fazendo ou com que frequência. A nudez dele não seria uma surpresa para ninguém. Mas, como importava para ela, Dilys se deteve para pegar uma *shuma* e amarrá-la à cintura.

— Melhor assim? — perguntou ele. Dilys esperou pelo aceno de cabeça rígido e envergonhado para escancarar a porta da cabine.

— Kame! — gritou para os calbernanos no tombadilho. O primeiro oficial de Dilys, ao leme do *Kracken*, virou-se ao ouvir o chamado. — Chame os soldados. Venha aqui com o Kuota e coloquem as mãos em mim. Depois, botem todo mundo em formação até ficarmos conectados.

Não demorou muito até que todos os marinheiros a bordo do *Kracken* estivessem enfileirados na forma de uma teia, com as mãos sobre a pele do vizinho. Todos conectados em rede a Dilys. Ele se virou a Gabriella e acenou para que ela fosse até ele. Ela foi,

relutantemente, e quando chegou perto, ele tomou a mão dela e a pressionou ao peitoral.

— Ótimo. Agora, quero que você compartilhe novamente comigo da maneira que compartilhou a dor por suas irmãs. Me dê tudo o que conseguir.

— Dilys... — Gabriella estava começando a entender aonde ele queria chegar aquela demonstração, mas depois do que quase havia acontecido no dia anterior, ela estava receosa com a ideia de despertar algo parecido com aquele volume de poder. — Eu realmente não acho uma boa ideia.

Ele ergueu um olhar severo a ela.

— Você prometeu que, se eu provasse de uma vez por todas que você pode me amar sem colocar qualquer pessoa em risco, você se casaria comigo e me reivindicaria como seu parceiro.

— Sim, mas eu não aceitei que colocaria a todos nós em risco para prová-lo. — Dilys a encarou até fazê-la se contorcer, mas Verão não recuou. — Eu não vou fazer isso, Dilys. Não vou colocar todos nós em risco juntando a força total de minha magia. Não mesmo. — Ela cruzou os braços e tentou ignorar a decepção no olhar dele.

— Entendi — disse ele, por fim. — Muito bem. — Ele se virou para a ponte de comando. — Timoneiro, estabeleça a rota para Konumarr.

— *Tey, moa Myerielua*. — O timoneiro começou a gritar ordens e o navio, que estava navegando na direção da Calberna, tomou um rumo mais ao norte.

Gabriella fez uma careta para Dilys.

— O que você acha que está fazendo?

— Levando você à Cordilheira Invernal, é claro. Como falei para você ontem, prometi à Rainha Khamsin que eu levaria as irmãs dela de volta para casa. Agora que nossa busca terminou, minha honra exige que eu a entregue sã e salva aos cuidados dela.

— Eu não posso voltar! Sou perigosa demais para as pessoas que eu amo. Você sabe disso.

— Sinto muito, *moa haleah*. Não tem jeito. Você se recusa a casa comigo pois teme seu poder, mas se recusa que eu demonstre que

tais medos são infundados. Neste momento, você é uma súdita do Rei e da Rainha da Cordilheira Invernal e eu não tenho autoridade de declinar a ordem de seus soberanos. Se você concordasse em se casar comigo, por outro lado, nosso casamento a tornaria filha da Casa Merimydion e súdita da *Myerial*. Nesse caso, se você me desse ordens de não a devolver ao seio de sua família *oulani*, eu não estaria quebrando juramentos ou tratados em realizar os desejos de minha esposa. Mas ah, que pena... você não é minha esposa, nem cidadã da Calberna, então... — Ele parou de falar e encolheu os ombros.

Ela estreitou os olhos.

— Você está dizendo que vai me levar de volta à Cordilheira Invernal, onde você sabe que serei um perigo à minha família, a não ser que eu me case com você? Isso é chantagem!

— Prefiro pensar que é negociar desde uma posição de força. — Nesse momento, vários calbernanos e um punhado de invernianos traidores começaram a tossir, coçar o nariz e olhar para o céu para disfarçar os sorrisos.

Ela se virou para o comandante Friis, que a alguns passos de distância, no tombadilho superior, tentando esconder a risada.

— Você vai ficar aí vendo-o me chantagear?

Friis estava em postura de continência.

— Perdoe-me, Princesa, mas... ah... dados os eventos das últimas 24 horas... eu... hã... bem, eu... — ele levou o punho à boca e tossiu —, eu acho que o rei e a rainha prefeririam vê-los casados o mais rápido possível. — Ele estava com o olhar fixo num ponto abaixo da garganta de Verão. As bochechas e orelhas de Friis ficaram rosadas, e ele logo desviou o olhar.

Verão abaixou o olhar e viu o robe aberto até o umbigo. Corando violentamente, ela juntou as abas da roupa e estreitou a cinta com um puxão.

Ela se virou para Dilys pronta para disparar algumas palavras e tanto, mas se deparou com ele logo atrás dela, bloqueando a vista do restante da tripulação. Ela ergueu a cabeça para olhar no rosto dele esperando encontrar ali mais arrogância, mas a risada de provocação tinha desaparecido do rosto de Dilys cujos olhos, agora, cintilavam uma luz suave e empática.

— Está tudo bem, Gabriella — murmurou ele. Ele passou a mão ao redor do pescoço dela e, com o polegar, acariciou-lhe delicadamente o maxilar. — Confie em mim. Vai ficar tudo bem. Você não vai machucar ninguém. Eu prometo.

O queixo dela começou a tremer e ela desviou rapidamente o olhar.

— Está bem — murmurou ela, tão recobrou o controle. — Está bem. Vou arriscar.

Ele a beijou com ternura novamente e a puxou para o convés.

— Kuota, Kame. — Ele esperou que os dois calbernanos colocassem as mãos sobre ele e, em seguida, pressionou as palmas de Verão contra o peitoral. — Agora, *moa kiri*, desperte seus poderes.

Como as emoções do dia anterior tinham sido despertadas pela notícia da morte das irmãs, Verão pressupôs que isso serviria de disparados, mas, para sua surpresa, nada aconteceu. Ah, ela ainda sentia a dor da perda delas e lágrimas brotavam em seus olhos quase instantaneamente, mas o rompante de fúria dolorosa não ressurgiu. A magia dela permaneceu inativa.

Confusa, ela franziu o cenho.

— Não está acontecendo nada. Estou pensando em minhas irmãs, mas não está acontecendo nada. — Um olhar de satisfação iluminou o rosto de Dilys. — Você que fez isso?

— *Tey*. Você me deu sua dor. Eu retribuí com amor. Agora você poderá viver o luto por elas sem medo de despertar sem querer sua magia.

Dilys falou isso como se não fosse nada, como se não tivesse dado a ela o mais fantástico dos dons. Ela passara a vida inteira se segurando, reprimindo o próprio coração por medo de amar, temerosa do que a perda poderia causar nela.

— Meus deuses — sussurrou ela. — Você fez isso.

— O que eu fiz não é definitivo — disse ele. — Só teve efeito para aquela emoção em especial. Escolha uma dor diferente, e seu poder irá ressurgir como sempre. Preciso que você faça isso para nossa demonstração. Pense no que você mais teme.

Ela sequer precisou procurar um medo. Ele veio por conta própria. Era a ideia de que Dilys morresse.

O poder dela irrompeu rapidamente, furioso e renovado, pronto para destruir quem quer que pensasse em lhe fazer mal.

— Ótimo — disse Dilys, em tom grave. — Agora dê tudo para mim. Tudo. Não segure nada.

Dois minutos atrás, Verão nem sonhava em soltar o próprio poder sem restrições, mas agora estava começando a confiar em Dilys sobre não poder machucá-lo com a própria magia. Com uma hesitação mínima, ela libertou a torrente de dentro do peito.

O corpo Dilys endureceu como se tivesse sido eletrificado e os olhos brilharam com um tom dourado branco. Atrás dele, um segundo depois, Kame e Kuota tiveram a mesma reação; em seguida, os seis calbernanos atrás deles e, por fim, as fileiras atrás deles, sucessivamente. O poder dela os percorreu como uma corrente, preenchendo cada um e passando ao próximo.

Quando o poder dela finalmente chegou à última dezena de soldados, ela já estava fazendo força para expulsar de si a energia.

— Viu só? — Dilys tirou as mãos dela do peito e beijou as pontas dos dedos. — Problema resolvido. — Atrás dele, a tripulação inteira a encarava com um olhar surpreso que beirava a reverência.

Depois de uma vida inteira agarrada ao medo, segura de que a felicidade que tanto desejava nunca seria dela, era difícil aceitar que era capaz de amar como qualquer outra pessoa.

— Parece promissor, concedo essa a você, mas não vou ter um navio cheio de calbernanos me seguindo pelo resto da vida para me impedir de matar inocentes sempre que minhas emoções resolverem dar o ar das graças.

— *Ono*. Você, porém, sempre terá a mim e vou providenciar uma guarda pessoas, escolhida entre os melhores de nós, com soldados que possam ajudá-la da melhor maneira. Você pode reivindicar a felicidade que tanto quer. Você pode me amar de todo coração, sem temer.

Ela o encarou e sentiu o desejo despertar no coração. Poderia mesmo ser tão simples?

— Acredite, Gabriella — disse a ela. — Acredite em mim. Sou seu parceiro nascido para passar a vida a seu lado.

Os dedos dela tracejaram o contorno da boca de Dilys. Eram os lábios que a tinham provocado, cortejado, desafiado e afrontado;

lábios que a tinham encantado, seduzido e afastado toda objeção, dúvida e medo até só sobrar a necessidade e a certeza.

No final das contas, a decisão não era uma decisão. Era apenas uma verdade que ela não podia mais negar. A verdade de que ele era dela e ela era dele. Para sempre.

— Eu acredito em você, *moa akua*. — Em seguida, suavemente, de forma audível apenas para eles, ela Falou o Nome impresso em sua alma. Em seguida, em tom alto e nítido, anunciou a todo o navio: — Eu o reivindico por direito, Dilys Merimydon. Eu o reivindico meu. Pois você é meu e de mais ninguém, e eu sou sua.

Um nome jamais ouvido, mas agora reconhecido por cada célula do ser de Dilys, inundou a mente dele. Ele Falou o Nome com um sussurro reverente, unindo o eco da alma dela à dele. Em seguida, ergueu a voz e disse:

— E eu a reivindico, Gabriella Aretta Rosadora Liliana Elaine Coruscate. Pois eu sou seu e de mais ninguém. Assim como você é minha.

Não havia palavras para descrever o sentimento que o invadiu. Era como abrir os olhos, se deparar com todas as estrelas do universo ao alcance da mão e perceber que nada era impossível, que ele tinha se tornado parte de um todo sagrado e maior. Ele era calbernano. Nunca esteve sozinho de verdade. Mas, até aquele momento, tampouco esteve completo de verdade. Naquele breve momento de comunhão perfeita, ele compreendeu a verdadeira face da felicidade, que só poderia se revelar ao lado de Gabriella.

Ele fechou os olhos e se ajoelhou. Dilys, filho de Alysaldria, tornou-se Dilys, parceiro de Gabriella. Lágrimas abriram trilhas quentes nas bochechas dele. Dilys não as secou. Certas coisas mereciam o derramamento de sal.

— Dilys, meu irmão. — Kame se aproximou para entregar a ele um punhal desembainhado.

O compartilhamento de sangue e sal era meramente cerimonial, percebeu Dilys ao passar a lâmina afiada do punhal de Kame sobre a palma da mão. Ele não tinha como estar mais unido do que estava a Gabriella. Ela havia Falado o Nome dele e ele havia Falado o

Nome dela. Agora, cada parte deles, corpo e alma, pertencia ao outro.

Ainda assim, era uma tradição. Sangue e sal tinham que selar a união.

Com as pernas trêmulas, ele se levantou e ofereceu o punhal à *liana*, segurando a palma da mão para cima para mostrar a linha escarlate brilhante. Ela cortou a própria palma e, unindo as mãos e misturando o sangue das veias, ele disse:

— Sangue a sangue, sal a sal, somos um, Gabriella Coruscate, unidos perante todos para nunca sermos separados.

— Somos um, Dilys Merimydon — concordou ela.

E estava selado. Ela era a *liana*, a esposa e a parceira dele em Nome, sangue e sal. E ele era o *akua* dela, unido para sempre.

Com os olhos brilhantes e a alegria palpável, a tripulação comemorou em polvorosa. Os invernianos também comemoraram, ainda que evidentemente não compreendessem a importância total do que havia acabado de acontecer. Para a surpresa de Dilys, Kame havia se antecipado e produzido um *obah* de seda fina com os contornos bordados de tridentes dourados e rosas vermelhas aspergidos num mar de vinhas verdes e ondas azuis.

— Ari e Ryll começaram a fazer ainda em Konumarr — disse Kame, enquanto ajudava Dilys a colocar a túnica delicada. — Eles me entregaram antes de zarpamos para o Mar Verde. Meus soldados e eu terminamos de fazê-la há alguns dias. Graças a Numahao ele finalmente terá um uso! — Ele sorriu e deu um tapinha nas costas de Dilys. — Agora, meu príncipe, vamos conduzir o navio tranquilamente enquanto você fica com sua *liana*. Sua mãe vai querer uma *Myerialanna* linda, de olhinhos dourados.

Os calbernanos desataram em riso e começaram a entoar canções sobre acasalar e fazer bebês.

— Você não está falando sério — protestou Gabriella quando Dilys a levou de volta à cabine e fechou a porta. — A gente acabou de passar quatorze horas na cama.

— Você está cansado?

— Sim!

— Ah, bem... — Ele puxou a cinta do robe e empurrou o tecido para trás dos ombros. Ele deslizou pelo corpo de Verão e caiu

amontoado junto aos pés. Ele percorreu o corpo torneado de Gabriella com o olhar e logo se sentiu pronto para uma nova aventura. Ele pode até ter passado as últimas quatorze horas empenhado numa maratona vigorosa e apaixonada de amor com Gabriella, sua adorada, mas ainda não tinha passado um segundo sequer fazendo amor com Gabriella, sua esposa.

— Você pode ficar deitada e me deixar fazer todo o trabalho.

Muito, muito mais tarde, mole, exausta e absolutamente saciada, Gabriella se viu estirada sobre os lençóis amarrotados de Dilys. Pelos bons deuses, aquele homem era insaciável. Ele a levou ao clímax tantas vezes, que ela perdera a conta. Gabriella suspirou, soluçou e gritou por horas a fio, agarrada a ele, enquanto a tempestade de fogo sensual a tomava repetidamente. O prazer foi tão intenso, tão completamente devastador que, mesmo agora, a simples lembrança fazia a pele dela se estremecer com espasmos atrasados.

Dilys — o *akua* dela — estava deitado ao lado com o braço pesado pousado sobre a cintura dela. As *ulumí* azul furta-cor continuavam brilhando, ainda que num tom muito mais fraco do que durante as longas horas apaixonadas de amor. Ela percorreu as tranças dele com os dedos, maravilhada com a paz que estava sentindo. Ele tinha causado aquilo. Tinha arrancado todos os medos, preocupações e feridas da alma dela. A loucura do pai, o medo dos terríveis dons que possuía, o pavor pelo que o Tubarão fizera com ela, o luto devastador pela perda das irmãs: tudo isso perdeu força para Verão. Pois Dilys havia arrancado a dor bruta e a substituído com um amor tão infinito e total, que não havia como Verão se prender ao luto, à raiva ou ao pavor. Ele se fez um porto seguro na tempestade, ainda que a tempestade fossem os próprios medos e inseguranças de Gabriella.

Ele a tinha libertado. Libertado para a vida. Libertado para o amor. Libertado para saber o que era a verdadeira felicidade.

Pela primeira vez em muito, muito tempo, Verão olhou para o futuro... e sentiu esperança.

Ela se virou para beijar a testa de Dilys e aspirou o aroma exótico e inebriante dele. Um sorriso brincou nos lábios dela. Depois de

mais 24 horas de sexo praticamente ininterrupto, os dois deviam estar cheirando a um estábulo de cabras, mas ambos tinham parado uma ou duas vezes para se banhar. Fazer amor com um Lorde dos Mares em uma banheira, mesmo que pequena, bem... tinha suas pequenas surpresas. Verão ainda se contorcia ao lembrar como ele controlou a água, usando-a para acariciar e estimular cada centímetro da pele dela, por fora e por dentro, causando orgasmos múltiplos escandalosos sem sequer tocar um dedo nela.

Pelos deuses, como ela amava o que ele fazia com ela. Ela amava isso tanto quanto ela o amava, e isso não é pouca coisa.

Uma batida forte e repentina à porta da cabine arrancou Verão de seus felizes devaneios. Ela deu um pulo e Dilys acordou na hora, saltando da cama com a espada desembainhada. De onde saiu aquela espada? Verão não vira nenhuma por perto.

— Dilys! É o Ryll! — Uma batida mais insistente veio da porta. — Abra logo!

Gabriella se sentou à cama e puxou o lençol sobre os seios. Dilys escancarou a porta.

— Ryll? — perguntou Dilys. — O que você está fazendo aqui? O que aconteceu?

— O Tubarão não morreu na explosão como pensamos. Ele está vivo e prendeu o Ari.

Capítulo 26

O *Kracken* navegou para o norte, em direção ao Oceano de Olemas. O *Narwal*, a embarcação de Ryll, e o resto da frota do Varyan ocidental cortava o mar perto do *Kracken*. Os capitães desses navios estavam reunidos no salão do *Kracken* para discutir um plano de resgate de Ari e para dar cabo ao Tubarão.

Que Nemuan e o Tubarão eram a mesma pessoa, não era mais uma suspeita, mas certeza, informação que Dilys compartilhou com Ryll e os demais capitães na reunião. Não surpreendia que eles tenham, inicialmente, ficado em choque. Quando Dilys, no entanto, pediu que Gabriella descrevesse o calbernano que a manteve cativa no navio de Mur Balat, a menção às *ulumí* pretas que cobriam mais da metade do corpo dele deixou Ryll e os outros capitães consternados, mas convencidos.

— Eu já tinha minhas suspeitas antes do que aconteceu na Kuinana — confessou Dilys —, mas eu não queria sujar o nome de um *Myerielua* antes de ter provas. Agora eu me arrependo de minha relutância. Se eu tivesse sido mais aberto... se tivesse compartilhado minhas suspeitas... o Ari talvez nunca teria sido capturado.

Sentada ao lado dele, Gabriella pousou a mão sobre Dilys.

— Não sabemos se isso teria feito diferença. — A voz baixa e o toque dela eram como um bálsamo tranquilizante.

A culpa que vinha tomando Dilys desde que fora informado da captura de Ari logo perdeu espaço para a injúria. Ele não precisava da ajuda dela. Dilys poderia lidar com a situação. Os guerreiros calbernanos eram treinados desde a infância para deixar as emoções de lado e focar na missão em questão. Em todo caso, era bom saber que não estava sozinho e melhor ainda ter o amor dela para salvá-lo daquela pequena ferida. Dilys abriu os dedos para que

Verão entrelaçasse aos dela e deu um leve aperto de agradecimento.

Os olhos deles se encontraram num breve momento de compreensão tácita. Em seguida, ele soltou a mão e se voltou aos capitães sentados à mesa. Com voz brusca e cheia de autoridade, disse:

— De um jeito ou de outro, no momento, isso não importa mais. No momento, nossa única preocupação tem que ser o resgate do Ari.

Ryll arregalou os olhos de leve e lançou a Dilys um olhar que continha, ao mesmo tempo, admiração e complacência bem-humorada, do tipo que se usa depois de ver uma criança mostrar sua nova habilidade. Dilys se deu conta de que Ryll nunca viu Gabriella sem a máscara da Verão boazinha. Apesar do significativo poder da Sereia que ela carregava, Ryll ainda achava que ela era a florzinha tímida e delicada sombreada pelas irmãs mais fortes e corajosas. Dilys achou graça. Pobre Ryll. Ele ia ficar surpreso.

— Eu só quero saber por que motivo o Nemuan nos trairia. — A interrogação veio de Anat Popolo, capitão do *Sereia*. Quando jovens, ele e Nemuan tinham velejado na mesma embarcação.

— Eu não sei — respondeu Dilys —, mas, para ser bem honesto, não me importo. Por ora, nós precisamos resgatar o Ari e pôr um fim à traição do Nemuan. Ele sabe que eu estou no encalço dele. Foi por isso que levou o Ari, para me atrair até ele. E só existe um lugar para onde o Tubarão poderia ir: para o bastião dele no Oceano de Olemas. Ele com certeza pensa que isso lhe dá vantagem sobre nós.

— Perdoe-me por dizê-lo, *moa Myerielua* — disse Narun, capitão do *Corredor dos Ventos* —, mas, estando no Oceano de Olemas, ele *realmente* leva vantagem sobre nós. Os piratas dele já demonstraram a capacidade de nos enfrentar e derrotar. Aliás, foi assim que conseguiram tirar o controle da Calberna sobre esse oceano.

— Agora nós sabemos por que fomos derrotados... — apontou Ryll, amargamente. — Foi porque um *farking* príncipe traidor das Ilhas os ensinou como nos vencer!

— Não é só isso — disse Narun. — De acordo com nossas últimas estimativas, ele tem ao menos duzentos piratas navegando sob a bandeira dele. Ele construiu uma armada. Nós deveríamos ao menos reunir o resto da frota antes de ir atrás dele.

— *Ono* — disse Dilys. — Se esperarmos, iremos perder a oportunidade de resgatar o Ari em vida. Todos sabemos o que aconteceu com o Fyerin. — Pobre Fyerin, tão brilhante e confiável. Os restos mortais dele, brutalmente torturados, foram “descobertos” e levados de volta para casa pelo próprio Nemuan. Descoberto? Rá! Como aquele *krillo* deve ter rido, aceitando os agradecimentos da mãe de Fyerin, aos prantos, por ter-lhe trazido o filho de volta ao lar.

— Nós só temos dez navios.

— Nove — corrigiu Dilys. — Vou enviar Gabriella e o *Golfinho* de volta à Calberna para informar a *Myerial* da traição de Nemuan e deixá-la a par da situação.

— O quê? — Gabriella se endireitou. — Eu não vou à Calberna. Eu vou com você.

Dilys esperava a refutação. Foi por isso que não a informou do plano na noite interior.

— Você é a primeira Sereia nascida em dois mil e quinhentos anos. Garantir sua segurança é nossa maior prioridade.

— Seu *akua* tem razão, *Myerialanna* — disse Ryll. — Você devia escutá-lo.

Ela franziu a testa.

— Eu por acaso falei com você, Ryllian Ocea?

Ryll a encarou por um segundo e, em seguida, fechou a boca.

Gabriella se voltou outra vez a Dilys. Os olhos dela estavam soltando fagulhas douradas.

— Não estou pedindo sua permissão, Dilys. Estou informando que vou com você ao Oceano de Olemas para ajudar no resgate de Arilon Calmyria. Isso não está em debate.

Os capitães ao redor da mesa viraram as cadeiras para olhar para Dilys, como se ele pudesse dissuadi-la. Ele os encarou com uma careta. Sério, o que eles esperavam que ele dissesse? Ela era uma Sereia e a parceira dele, e tinha deixado suas intenções bem claras. Ele não tinha como Ordená-la a voltar à Calberna.

— Muito bem. Você vem comigo, mas eu serei o comandante da batalha e, quando ela começar, você irá seguir minhas ordens.

— Fechado. — Ela sorriu para ele. — Você não irá se arrepender. O Nemuan pode até ter comido minha magia, mas...

— O quê? — Os capitães a encararam em choque. — O Nemuan *comeu* sua magia?

Ryll se virou para obter confirmação de Dilys.

— Além de tudo, ele é um *farking* comedor de magia?

Dilys se esforçou para manter as garras recolhidas. Era difícil, sempre que se permitia lembrar do que Nemuan fizera com Gabriella.

— *Tey*, ele é.

— Aquele monte nojento de *merde* de baleia.

— Eu sabia, quer dizer, era evidente que ele tinha perdido o prumo — disse Sanu, capitão do *Estrela* —, mas isso... descer tão fundo no poço. Pelas deusas, ele não tem alma?

— Não uma que possa ser salva — respondeu Dilys. — A morte é mais piedosa do que ele merece, mas ao menos morto os deuses poderão julgar os crimes dele.

Gabriella pousou a mão nas costas de Dilys. O toque dela dissipou o grosso da raiva dele da mesma forma que, pouco antes, havia dissipado a culpa pelo sequestro de Ari. Dilys se sentia um pouco envergonhado por ser *ela* a reconfortá-lo naquele momento. Mas também se sentia orgulhoso. Foi ele quem ofereceu a Verão aquela tranquilidade. Foi ele quem a ajudou a se distanciar dos horrores que Nemuan havia lhe infligido. Dilys também lembrou os pais, de como eles sempre tocavam pequenos toques. Ora abraços, ora carícias ternas, ora apenas um roçar de dedos. Dilys se dava conta agora que, dessa forma, eles não expressavam apenas a devoção mútua — ainda que esse com certeza fosse um dos motivos —, mas que também estavam compartilhando força, tranquilizando as emoções um do outro, sendo ao mesmo tempo bálsamo e porto seguro. Dilys adorava como ele e Gabriella já estavam fazendo o mesmo.

— Como eu estava dizendo — continuou ela, em tom calmo —, quando o Tubarão comeu minha magia, eu já tinha sido drenada pelo Mur Balat. Ele suspeita que haja em mim um poder mais forte

do que deixei transparecer. Meu palpite, porém, é que ele irá presumir que aquela era já minha magia de Sereia e que, como Sereia, sou tão fraca quanto me imaginam como bruxa do tempo. Isso me torna uma arma secreta perfeita. Além disso, tenho minhas contas para acertar com o Tubarão.

Foi a vez de Dilys se endireitar na cadeira. Ele franziu o cenho.

— Você não vai chegar nem perto daquele cretino comedor de magia, Gabriella. Você pode ser Sereia e minha *liana*, mas *isso* não está em questão.

Ela sorriu.

— Não se preocupe, *moa akua*, não estou sugerindo que eu vá lutar com ele em combate individual. Diferentemente de Khamsin, eu nunca treinei esgrima. Também compreendo que você é meu esposo e parceiro, e que, portanto, se sente compelido a vingar o que ele fez comigo. É um direito seu por força de nossa união e eu não tentaria tirar isso de você. O que pretendo, porém, é garantir que seja uma luta justa. Só você e ele, lorde dos mares contra lorde dos mares.

Com Verão colocando as coisas dessa forma, como Dilys poderia recusar?

— Perdoe-me a impertinência, *Sirena* — interrompeu Narun. — Todos sabemos que seus dons de Sereia são potentes o bastante para destruir um navio com o Grito, mas você está dizendo que pode destruir centenas deles?

Gabriella deu de ombros.

— Eu não sei. Nunca tentei. Em todo caso, o que não conseguir destruir com o Grito, poderei eliminar com minha magia do tempo.

— Perdoe *minha* impertinência — disse o capitão Popolo —, mas a senhora está dizendo que seus dons do tempo são mais fortes do que suas magias de Sereia? Que são capazes de destruir uma armada de duzentos navios? Perdoe-me, mas minha mãe estava no comitê que procurou noivas potenciais para o *Myrielua*. Fui informado que seus dons do tempo são... hã... com seu perdão... ínfimos.

Voltando a Popolo com um sorriso encantador, ela disse em tom educado:

— Isso foi o que *eu quis* que todos acreditassem, lorde dos mares. Mas eu venho da linhagem real da Veralea, descendo do próprio Deus do Sol e o dom de meu batismo é Verão por um motivo. — A doce Verão cedeu espaço outra vez à Sereia. — Quanto à sua outra pergunta, para ser honesta, não sei qual dos meus dons é mais forte. Mantive minha magia reprimida a vida inteira por medo de machucar pessoas com ela.

— Meus amigos — interveio Dilys —, ninguém, nem mesmo a Gabriella, sabe a verdadeira medida do que ela é capaz de fazer. Ela possui poderosos dons de Numahao e Helos combinados. Deixem-me colocar de outra forma: lembram quando ela despejou magia em mim a ponto de me fazer pular no oceano e iniciar um tsunami para me livrar do excesso? Aquilo nem arranhou os estoques dela. Ela apenas descarregou o que era grande demais para guardar.

— Agora é minha vez de dizer “perdoe-me por minha impertinência” — arriscou o capitão Sanu —, mas se a *Sirena* nunca manipulou o volume total de seus dons, deveria a primeira vez ser em batalha com um inimigo que se provou capaz de derrotar mesmo os mais fortes e experientes lordes dos mares? Para ser mais direto, se a magia dela é forte como vocês dizem, seria seguro que ela a usasse?

Gabriella se encolheu um pouco ao lado de Dilys. O movimento foi tão sutil que os outros não se deram conta, mas Dilys estava sintonizado demais a ela para deixar escapar. Ele sabia que esse era o maior medo dela: perder controle da própria magia e machucar pessoas inocentes ou, pior ainda, pessoas que amava. Ele passou o braço ao redor da cintura dela e pousou a mão sobre o quadril. Dilys deslizou o polegar para cima e para baixo em pequenas carícias enquanto absorvia o medo dela e lhe dava, em retorno, amor e confiança.

— Vai ser seguro — disse ele, tanto para reconfortar Verão, quanto aos demais.

Ela sorriu para ele e, em seguida, acenou para os demais:

— Vai ser seguro.

Decidido isso, o grupo começou a discutir ideias para o plano de ataque. Quando terminaram, os capitães retornaram a seus

respectivos navios. Depois que partiram, Dilys e Gabriella dividiram uma refeição tranquila e foram caminhar no convés, parando à proa do navio para olhar as estrelas e desfrutar a sensação do vento e da água salgada no rosto.

Dilys ficou de pé atrás de Gabriella, com os braços lançados levemente sobre os ombros dela. As estrelas no céu equatorial brilhavam forte no céu noturno sem lua. Dilys localizou as constelações familiares de Helos e Numahao e deu uma risada leve.

— O que é tão engraçado? — quis saber Gabriella.

— Eu só estava pensando na força da natureza que você é. Todo o poder do sol e do mar juntos numa só pessoa.

— E você acha isso engraçado?

— *Ono*. — Ele alisou o cabelo dela. — Eu achei graça em pensar no Hel que você vai lançar sobre o cretino do Nemuan.

— Hum. — Ela se recostou mais junto do abraço dele. Depois de alguns instantes, ela roçou o quadril contra o dele e inclinou a cabeça com a sobancelha arqueada. — Isso aqui não me parece tão cheio de graça.

Ele deu um sorriso lento e largo.

— Eu falei para você. Mulheres fortes são como folha de *arras* para mim.

— *Mulheres* fortes? No plural?

— Mulher — corrigiu Dilys. — No singular. Você. Só você. Como você sabe, sou do tipo de homem que só gosta de um tipo de força da natureza.

Ela se virou para encará-lo. Verão lançou um braço ao redor do pescoço de Dilys e, com o outro, desceu com o dedo tracejando o peitoral dela, deixando um rastro de magia.

— Hum. E quão afrodisíaca minha força da natureza é para você?

— O dedo dela desce abaixo do umbigo e continuou tracejando o caminho fino e sedoso de pelos escuros que desapareciam sob o cinto incrustado em pedras.

Dilys se estremeceu e a puxou firme nos braços.

— Ah, *moa halea*. É como comer *arras* direto do pé.

O *Kracken* atravessou o mar de Sargassi, faixa de águas tropicais quentes que separa os continentes de Ardul e Frasia, e dirigiu-se à

embocadura do Oceano de Olemas. De pé à proa ao lado de Dilys, com os olhos brilhando em um tom de ouro puro, Gabriella invocou a força de sua energia. Mais adiante da pequena frota, uma tempestade revirava as águas e os ventos, tormenta criada e comandada por Verão.

Com a ajuda de Dilys, ela usou a viagem até o Olemas para aprender a liberar e manipular os próprios dons. Uma das coisas que aprendeu era que, agora, sua magia não tinha restrições; sutileza era coisa do passado. Mirar em alvos delicados era difícil, se não impossível. Ela poderia atear fogo a um navio, mas e acender uma vela? Essa habilidade abandonara Verão. Sua esperança era poder mirar o Grito em uma única pessoa e atingi-la à distância, mas não era assim que o poder funcionava. Quanto mais distante estivesse do alvo, mais largo se tornava o escopo da magia devastadora. Quanto aos dons do tempo, estando no verão e navegando águas tropicais, ela era capaz de criar uma tempestade tão rápido quanto Khamsin, mas, mesmo com toda a energia do mar e do céu aberto à ponta dos dedos, as tempestades de Verão tinham um potencial quase ilimitado de crescimento... e de devastação.

Ela ainda não tinha chegado perto de usar a potência total dos próprios dons. Com nove embarcações e centenas de vidas calbernanas tão perto, ela não o ousava — nem com a ajuda de Dilys. E ele estava ajudando muito. Ele permaneceu ao lado dela durante todo o treinamento, dando conselhos e incentivo, estancando a magia quando ela ameaçava sair do controle. Ela o alimentou com bastante do excesso enquanto aprendia o que podia e o que não podia fazer com os feitiços. Dilys usou esse poder para expandir seus olhos e ouvidos no mar. Sua rede direta de informantes agora se estendia por todo mar de Sargassi, adentrando centenas de quilômetros pelo Oceano de Olemas.

— Ele formou uma barreira de cem navios a oitenta quilômetros a oeste de nosso navio. Está tentando encobrir as embarcações com névoa.

Gabriella aguçou os sentidos. Ela não era capaz de detectar os navios em si, mas conseguia sentir o ar fresco e úmido suspenso sobre a água. Era a névoa que o Tubarão estava usando para

encobrir os navios. Sem dúvidas havia um gosto de magia naquela névoa.

— Estou vendo. Onde está o restante dos navios?

— Ele tem pelo menos doze navios navegando com ele. Ainda não encontrei os demais, mas meus olhos e ouvidos no mar estão sondando todas as possibilidades. Se eles estrarem em algum ponto dentro de minha rede de observação, eu conseguirei localizá-los. Mesmo se estiverem usando os feitiços de invisibilidade que empregaram para se esconder na última vez.

Eles circundaram a banda norte da Kuinana. O Oceano de Olemas se estendia diante deles. A névoa de Nemuan pairava sobre a água como uma fumaça espessa. Verão conseguia vê-la se estender de ambos os lados de sua tempestade mágica.

— Muito bem, *moa kiri*, você está pronta?

Ela desviou a atenção da tempestade para lançar um sorriso a Dilys.

— Nasci pronta.

— Então manda ver.

Ela fechou os olhos, sorveu o calor do sol e, em seguida, despejou energia no coração da tempestade que vinha conduzindo à frente deles. Verão tinha achado que alimentar a tempestade seria difícil, mas não era. Nuvens fervilharam e brotaram no céu, escurecendo-se em velocidade surpreendente. Ventos sopraram. A superfície do mar tocada pela tempestade começou a se revirar em ondas devastadoras de até doze metros. O que antes era uma tempestade tropical logo se transformou em um furacão.

Quando ela e Dilys discutiram o plano de Verão de criar um furacão para derrotar a armada, o maior medo dela era perder controle da tempestade que tinha criado. Agora, porém, enquanto sua magia e pensamento movimentavam correntes de ar quente e úmido, ela percebia que seu medo era infundado. Khamsin sempre teve medo de perder controle de suas tempestades, mas Verão, por sua vez, passara a vida inteira aprendendo a controlar as tormentas dentro de si. Comparado a isso, manter aquele furacão na rédea curta era moleza. Ela o lançou contra o banco de névoa, usando a tempestade como bate-estacas. Seus vendavais e ondas lançaram os navios piratas de lado como barquinhos de brinquedo, varrendo

os possíveis atacantes do caminho da frota. A bordo do *Kracken*, Dilys e seus soldados usaram os próprios dons dos mares para acalmar as ondas antes que elas rompessem contra a frota calbernana.

Alguns navios piratas conseguiram sair da tempestade e se aproximar deles o bastante para disparar aquele mesmo fogo antinatural e inextinguível que usaram para destruir os navios em Kuinana. Um dos disparos atingiu o *Sereia*, que vinha navegando a doze metros a bombordo do *Kracken*.

Tendo combatido aquele fogo na Kuinana, os soldados de Popolo estavam preparados. Eles jogaram baldes de areia sobre as chamas. Enquanto os piratas preparavam uma segunda saraivada, um grupo de baleias azuis fulminou o casco estibordo do navio. Ondas varreram a embarcação. A cauda pesada de uma das baleias bateu contra o gurupés do navio. O impacto fez a proa do navio pender para a frente, entrando numa onda enorme, enquanto outra se formava à popa. O navio afundou. Marinheiros gritavam enquanto o fogo que pretendiam lançar contra os calbernanos inflamava a carcaça enorme do navio e os tripulantes tentavam se afastar a nado.

A bordo do *Sereia*, a tripulação de Popolo comemorou em polvorosa. Ele que havia comandado as baleias. Foram seus soldados que tinham criado as ondas.

Outros dois navios piratas se aproximaram a estibordo do *Narwhal*, comandado por Ryll. Ryll e seus soldados os afundaram antes que entrassem em carreira de tiro e os mandaram para o fundo do mar.

Logo à frente do *Kracken*, quatro navios tinham sobrevivido à tempestade de Verão e agora seguiram direto para ele. Gabriella soltou dois Gritos controlados. Os navios explodiram, lançando ao ar nuvens de destroços pulverizados. Uma comemoração vivaz se ergueu da tripulação do *Kracken* e dos demais navios da frota. Entre gritos e coros de “*Sirena! Sirena!*”, Verão escutou relances de vozes impressionadas: “Você viu aquilo?”, “Ela explodiu aqueles *farking krillos* pelos ares!”.

— Bom trabalho, *moa kiri*. — Ao lado dela, Dilys sorriu orgulhoso.
— Você está ficando boa nisso.

Ela corou de leve e, em seguida, retribuiu o sorriso.

— Estou mesmo, não é? — Para sua surpresa, ela não sentiu nem um pinga de horror ou culpa por destruir os navios piratas ou as vidas a bordo deles. Pelo contrário, Verão se sentiu extasiada. Ela conseguiu defender o *Kracken* e a frota calbernana com a própria magia. Não perdeu o controle nem por um momento e conseguiu matar apenas os inimigos. Quanto a esses inimigos, eram homens perversos que tinham cometido atos perversos. O mundo era um lugar melhor sem eles.

Ela não estava em conflito por tê-los matado. Pelo contrário, a sensação era de que tinha feito... o certo. Era como se, depois de todos aqueles anos, ela finalmente compreendesse seu propósito e por que tinha nascido com dons tão grandes e terríveis.

— Gabriella? — Dilys a observava de perto. — O que foi?

— Acho que agora entendi por que eu sou... o que sou.

— Como assim?

— Sempre me achei uma assassina, um monstro, uma ameaça às pessoas que amo e aos inocentes ao meu redor. Mas não sou. Sim, eu posso matar, mas não sou uma assassina. Sou uma protetora. Nasci para defender as pessoas boas contra os monstros de verdade. Foi por isso que os deuses me deram dons.

Ele a puxou para perto e a beijou lentamente. Quando finalmente se afastaram, ambos estavam sem fôlego e com o coração batendo forte.

— Essa é minha recompensa por ser uma boa da natureza boazinha?

Ele deu risada.

— É só um gostinho da sua recompensa, *moa haleah*. O resto vem depois. — Os olhos dele brilharam ao usar a magia para se conectar à rede de espiões oceânicos. — Ahm. Eu acho que você, minha arma secreta, não é mais tão secreta assim. Parece que o Nemuan estava monitorando a frota dele. Ele está fugindo de medo.

— Como assim?

— Ele se separou do resto da armada e está indo rápido em direção a Trinipor. O Mur Balat tem uma fortaleza lá. Se o Nemuan chegar até ela, o Ari vai morrer. Aquele lugar é impenetrável.

Precisamos detê-lo antes que chegue lá, mas ele está com uma vantagem considerável em relação a nós.

— Entendido. — A voz dela saiu baixa e gutural, com ecos do poder. Verão fechou os olhos e ergueu as mãos. O furacão se intensificou. Ela colocou ainda mais força na tempestade, lançando nuvens ao céu até que o cobrissem de um lado ao outro do horizonte. Ainda assim, Gabriella lançou mais magia na tempestade, forçando uma explosão que crescia em intensidade acelerada. A massa rodopiante de nuvens carregadas se alongou até cobrir a metade sul inteira do Oceano de Olemas e a maior parte norte do Ardul. Os ventos sopravam com velocidades acima de cento e sessenta, duzentos e vinte quilômetros por hora, e ainda mais. As ondas enormes sobre a superfície do mar ergueram-se em monstruosidades acima de 25, trinta metros de altura. Nuvens pretas eclipsaram o sol. Raios estouravam sobre as bordas encrespadas do monstruoso olho do furacão. E ali, bem no meio daquela tempestade feroz e assassina, a frota de Dilys navegava em mar liso sob um céu azul, perseguindo o navio de Nemuan mais rápido do que ele era capaz de fugir naquele mar perigoso e inóspito, mesmo fazendo uso de seus dons de linhagem nobre.

A frota de Dilys levou um dia inteiro alcançá-lo. Gabriella manteve controle da intensidade da tempestade monstruosa ao longo de todo o caminho. Ela administrou os ventos mais alto, impedindo que as nuvens de chuva roubassem a força do furacão. Enquanto isso, conduzia a tempestade inteira por um caminho decidido e inabalável rumo à frota de Nemuan. Ela tirou apenas breves sonecas de cinco ou dez minutos recostada aos braços de Dilys, pois, diferentemente da primeira tempestade, aquele furacão bestial queria se libertar a todo custo. Ele atentava constantemente o controle dela e demandava concentração total. Em nenhum momento, porém, Gabriella temeu perder controle dele, em parte porque Dilys permaneceu a seu lado, ancorando-a como ninguém antes o fez — nem teria como.

Nem um único pirata a serviço de Nemuan sobreviveu à devastação do ataque do furacão de Gabriella. Conforme a frota calbernana diminuía a distância em relação ao fugitivo, Gabriella começou a dispersar a tempestade, reduzindo os ventos de

alimentação e dissipando as enormes nuvens no centro. Ela manteve um olho do furacão de baixa pressão e concentrou-o no navio de Nemuan, atacando-o com rajadas de ventos e trombas d'água para impedi-lo de escapar. Dilys permaneceu ao lado dela, sugando qualquer rebarba de poder e usando-as para alimentar seus próprios esforços contra Nemuan, batendo com repetidas ondas implacáveis contra o navio do traidor. Uma das trombas d'água de Verão chegou perto demais, golpeando o navio com um estrondo que lhe arrancou o topo do mastro de proa e o gurupés.

O navio perdeu velocidade e, por fim, parou.

Conforme a frota de Dilys se aproximou, Ryll e uma pequena tropa pegou carona com um grupo de golfinhos velozes e se dirigiu ao navio de Nemuan.

— Por que estão usando golfinhos? — perguntou Gabriella. — O Ryll e os soldados dele não conseguem nadar mais rápido com os dons do mar deles?

— *Tey*, mas o Nemuan e os soldados dele vasculharão a água atrás de nossa magia. Usando a velocidade natural dos golfinhos para transportá-los, Ryll e a tropa dele ficam praticamente invisíveis. Assim que chegarem perto o bastante, vou começar a lançar ondas contra o navio. Isso vai manter a tripulação ocupada, dando a nossos *Calbernari* tempo para abordarem sem serem detectados.

— Daí eu faço minha parte?

— Daí você faz sua parte.

— E se não funcionar? E se o Nemuan tiver antecipado nosso movimento e se preparado contra ele?

— Nesse caso, Ryll e os soldados deles terão que usar o plano B.

— Nesse caso, espero que ele não tenha antecipado nosso movimento.

Dilys sorriu e deu um beijo rápido nos lábios de Verão.

— Eu também. Mas eu não me preocuparia com isso. Você tem usado a cara desses *krillos* para limpar o chão desde que começamos.

Vinte minutos mais tarde, Ryll e sua equipe abordaram o navio de Nemuan sobre uma imensa onda.

Gabriella caminhou até o parapeito do convés do *Kracken*, olhou através das águas revoltas na direção do navio pirata do Tubarão e

começou a cantar.

Era como a canção de seu sonho. Uma melodia sem letra, mas rica em emoção. Cada nota trazia anseios intensos com promessas dolorosamente sedutoras de sonhos realizados.

Venha até mim, parecia dizer a melodia. Sou tudo o que você sempre sonhou, tudo o que você poderia desejar. Venha até mim e encontre a paz e o paraíso que tanto procura. Eu sou amor, família, prosperidade e alegria. Eu sou o Halla que você sempre desejou. Venha até mim. Venha.

O que saiu de Verão na forma de uma melodia sem letra não era Persuasão, mas um Canto da Sereia puro. Ele pairou por toda a distância que separava os dois navios. Apesar de sua resistência natural a ter a mente controlada, a tripulação calbernana sob o comando de Nemuan caiu no feitiço do Canto da Sereia e abandonou seus postos para esbarrar cegamente contra o parapeito do navio.

A bordo do navio inimigo, Ryll e seus soldados desceram aos porões e começaram a busca por Ari. Eles também sentiram a atração do Canto de Gabriella, mas com tampões de cera nos ouvidos para abafar o som, foram capazes de resistir à necessidade de seguir a canção até a fonte.

Eles encontraram Ari torturado e inconsciente, acorrentado às entranhas do navio. Com a ajuda de seus soldados, Ryll deitou o primo em uma maca improvisada e subiu com ele até o convés. Dali, saltaram ao lado do navio onde um grupo de golfinhos à espera os conduziu de volta à frota calbernana. Tão logo se afastaram a uma distância em que não corriam mais risco, enviaram um sinal a Dilys.

— Nós o resgatamos — disse Dilys a Gabriella, que continuava a cantar. — O Ari está seguro. Eles os estão trazendo de volta.

Gabriella se virou para ele com os olhos ainda brilhantes e a voz cheia do encanto irresistível da Sereia.

— Então dê cabo no Tubarão de uma vez por todas.

Dilys desnudou as presas de batalha.

— Como minha *Sirena* ordenar — disse ele, ao que mergulhou no mar.

Enchendo sua voz oceânica de poder, Dilys gritou:

— Acabou, Nemuan. A vergonha que você de lançou sobre sua Casa, a ruína que você causou ao nome de sua mãe: tudo isso acabou. Você pode escolher de duas, uma forma de encontrar sua morte. Minha *liana* pode aniquilar a você e seu navio inteiro com um Grito, ou você pode me encontrar no mar e aceitar sua morte de minhas próprias mãos. — Ele emitiu uma localização a poucos quilômetros de onde a plataforma continental do Ardullan entrava em águas profundas. — Só eu e você, Krillo. Sem outras armas além de presas e garras. Nossos navios ficam ancorados onde estão.

Silêncio. Em seguida, em tom seco:

— Eu vou ao seu encontro. Será meu prazer arrancar seu coração e dar seu corpo de alimento aos tubarões.

— E o meu será estripá-lo e deixar o oceano tingido com seu sangue — retrucou Dilys —, mas não serão tubarões que vão se esbaldar com sua carne. Será o kracken.

Uma rajada de fúria disparou pelo oceano. Dilys sorriu friamente e esperou até que uma explosão de magia anunciasse a presença de Nemuan no mar. Em seguida, começou a nadar.

Enquanto nadava, Dilys monitorou o primo para garantir que ele tinha, de fato, ido para a localização especificada por ele. Ele também tentou antecipar todas as formas que Nemuan poderia usar para obter vantagem. Os manchados de sombras — calbernanos que, como Nemuan, ficaram tão atormentados com o luto que decidiram gravar a angústia em seus corpos, para sempre recordarem — nunca se curavam totalmente de suas perdas. A dor permanecia com eles como a tinta de polvo com que tatuavam a pele. Isso os tornava um pouco loucos. Bastante imprevisíveis. Eles se enfureciam rápido e eram violentos quando atacavam.

Nemuan queria briga, mas não haveria nada justo nela. A batalha seria brutal, até a morte. Como o ataque de um predador.

Dilys escolheu o oceano aberto para a briga, longe dos respectivos navios para evitar interferências. Se algum dos soldados de Nemuan o seguiu, Dilys não conseguia senti-lo. Ainda assim, ficou de olho em qualquer ser vivo nadando em sua direção.

As águas estavam limpas e com visibilidade alta. O chão plano do oceano ficava a mais de trinta metros abaixo da superfície. Eles estavam a quilômetros de distância do sistema cavernoso de recifes e da plataforma continental de Ardul.

Eles se encontraram a quinze metros abaixo da superfície do mar. Eram dois homens calbernanos no ápice de sua forma física. Lordes dos mares. A luz do sol passava filtrada pela água. Ela dançava sobre os corpos deles, iluminando o azul furta-cor das *ulumi* azuis, fazendo-as brilhar. As longas tranças dos cabelos e as *shumas* pairavam lentamente, suspensas pelo abraço líquido do mar.

— Merimynos. — Dilys não usou seu poder para saudá-lo, mas os fonemas tonais da *Coa Anu*, a Língua Submarina.

— Merimydon. — Nemuan sorriu com zombaria, revelando os dentes brancos sob as águas iluminadas de sol.

— O que aconteceu com você, primo? — perguntou Dilys com desgosto e perplexidade genuínos. — Você é um príncipe da Calberna, filho honorável de uma Casa honorável. Filho de uma rainha! Como foi capaz de trair tudo? Como foi capaz de envergonhar o nome de sua mãe dessa maneira?

Brancas, afiadas e mortais, as presas de batalha de Nemuan saltaram para fora.

— O que você sabe de honra e Casas honráveis, *krillo*? Você, que ia sujar a linhagem de rainhas da Calberna com sangue *oulani* inferior.

— Inferior? — riu Dilys, sem qualquer traço de humor. — Minha *liana* é a primeira Sereia que recuperamos desde do Massacre. Você ouviu o Grito dela. Sabe que é verdade.

Nemuan arqueou os lábios em um riso.

— O que eu sei é que, no mundo, há muitos tipos de magia. Inclusive magias capazes de fazer o impossível parecer verdade. A verdadeiras Sereias, porém, são filhas de Numahao nascidas nas Ilhas.

— Foi isso que você disse a seus soldados? Como você conseguiu persuadi-los a continuar com essa sua loucura mesmo depois de todos vocês ouvirem a respeito de quem ela era?

— Meus homens vivem para servir à verdadeira rainha das Ilhas, não qualquer vagabunda *oulani*. — Nemuan soltou uma risada de

escárnio. — Ainda que eu tenha que conceder essa a você, Merimydion. No começo, achei que você tinha escolhido o chorume da lixeira. Quer dizer, comparado às irmãs dela, especialmente aquela Outono, a bonitinha de olhos azuis não seria minha primeira escolha. Mas depois eu mostrei a ela as alegrias do *Ililium*. Várias vezes, até perder a conta. E ela ficou me pedindo mais. Você deve ser um *merde* de amante, Merimydion.

Por um instante, a visão de Dilys se turvou de vermelho e ele quase avançou em raiva cega para cima de Nemuan. No último segundo, porém, ele viu o brilho triunfante no olhar do primo e percebeu que era exatamente aquilo que Nemuan queria. O primo não era lobinho. Ele era, em tudo, um legítimo guerreiro das Ilhas, exatamente como Dilys. Se Dilys perdesse o controle, ele daria vantagem a Nemuan.

— Eu sei o que você fez com ela, comedor de magia. Mesmo que você não tivesse cometido todos seus outros crimes, isso por si só já bastaria para você merecer uma morte de traidor. Mas chega de conversa. — Os olhos de Dilys brilharam com um tom dourado vivo e o poder dele irrompeu, imprimindo-lhe Comando à voz marítima. — Confesse seus crimes, Nemuan Merimynos, e aceite sua punição.

O corpo de Nemuan ficou duro. Os tendões do pescoço lhe saltaram como cabos tensos sob a pele. Os olhos se arregalaram de surpresa.

Antes da morte da mãe, o filho mais novo de Siavaluana teria sido capaz de ignorar a Coação de Dilys com um riso de escárnio no rosto. Mesmo alguns meses atrás, ele teria sido capaz de resistir, apesar da mãe ter morrido há tanto tempo. As últimas três *Myerials* tinham sido filhas da Casa Merimynos, por isso, apesar das perdas devastadoras da Casa, seus filhos e filhas remanescentes carregavam grandes poderes. Agora, porém, Dilys carregava em si a mais poderosa de todas as magias calbernanas: o dom da Sereia.

Nemuan esticou o braço e virou o pulso, revelando a pequena pistola de arpão acoplada à pulseira. A pequena arma disparou, cortando a água com um dardo pequeno e rápido.

Dilys girou para o lado e, por pouco, conseguiu evitar o projétil que certamente devia estar envenenado, dado o pequeno porte. Tão

logo se virou novamente, Nemuan estava nadando em disparada até plataforma continental. Ele obviamente queria se esconder nas profundezas escuras do oceano, onde os espiões de Dilys eram poucos e esparsos.

Em disparada com a ajuda de seus dons do mar, Dilys o seguiu.

Mesmo sem a magia de Gabriella para ajudá-lo, Dilys era — sempre foi — um nadador veloz. Ele alcançou Nemuan um quilômetro antes da queda da plataforma continental e o atacou com as presas e garras à mostra. Eles tombaram água abaixo com os membros e os corpos se revirando. Presas e garras brilhavam na escuridão enquanto, em meio a um silêncio brutal, cada um lutava por supremacia. Dilys rasgou o peitoral de Nemuan e tirou pedaços de carne dos braços e pernas do oponente. Na condição de príncipe da Calberna, porém, Nemuan não era deficitário em treinamento de batalha. Ele também conseguiu dar alguns golpes.

Sangue dos dois foi derramado. Redemoinhos escarlate volteavam em torno deles como uma fita solta.

Nemuan agarrou a garganta de Dilys com a mão armada de garras. Dilys sentiu a pele sendo cortada, mas, de alguma forma, conseguiu se soltar antes que Nemuan lhe rompesse a jugular. Com outra rápida pirueta, Dilys se voltou ao oponente e cravou as próprias garras fundo no flanco de Nemuan, rasgando-lhe as guelras e despedaçando os delicados filamentos que filtravam o oxigênio sob a superfície da pele.

Nemuan urrou e tossiu uma mistura de sangue, água e ar. Tentando aumentar a vantagem, Dilys levou o punho à ferida e arrastou as garras dali abaixo por trinta centímetros, até a coxa de Nemuan, fazendo um rasgo profundo. Ao redor deles, o mar parecia uma névoa vermelha e os tubarões que Nemuan havia levado para protegê-lo começaram a se aproximar.

Comandando-os com seus dons do mar, Nemuan mandou três tubarões-cabeça-chata para cima de Dilys. Ainda que Dilys fosse melhor nadador, Nemuan sempre levou mais jeito controlando tubarões. Dilys se esquivou da fileira de dentes afiados que veio em sua direção, mas perdeu uma camada de pele da panturrilha para as escamas agudas da pele do predador. Uma rápida invocação ao poder de Gabriella deu a Dilys a vantagem que ele precisava para

tirar o controle da mão de Nemuan e fazer o restante dos tubarões recuar. No entanto, mesmo sem o controle de Nemuan, o sangue na água continuaria fazendo-os voltar movidos pela fome incontrolável.

Dilys voltou-se outra vez a Nemuan, enfiando as garras afiadas no flanco machucado do primo e arrancado as guelras já expostas. Nemuan gritou e convulsionou de dor. Dessa vez, Dilys agarrou o primo incapacitado e o empurrou na direção da mandíbula dos tubarões. Somente o rápido grito de Comando de Nemuan o salvou de perder um membro para os dentes dos predadores.

Dilys imobilizou firmemente o primo com uma cheia de garras sobre a barriga desprotegida e a outra sobre a garganta.

— Posso ficar o dia inteiro fazendo isso, *pulan* — sussurrou junto ao ouvido de Nemuan. — Vou dar você de comida para os tubarões pedaço por *farking* pedaço, se precisar.

— Vá para o Hel, *skuurl*. E leve sua Casa maldita com você.

— Você primeiro, primo. — Dilys comprimiu a traqueia de Nemuan e lhe deu uma leve sacudida. — Você perdeu e sabe disso. Você vai morrer. Não tem como reverter. Só por respeito à sua mãe, vou preservar ao menos um semblante de honra seu. Volte comigo de livre e espontânea vontade à Calberna e testemunhe contra todos os que participaram de sua traição, e prometo que não deixarei vir a público a verdadeira extensão de suas depravações. Você ainda receber a morte de um traidor, mas sua Casa será poupada da vergonha de ter um príncipe, outrora honrado, taxado publicamente de comedor de magia.

Nemuan pareceu derrotado por um instante, mas, logo em seguida, mostrou as presas sangrentas com um sorriso de zombaria.

— Você quer que eu identifique os traidores? Basta olhar no espelho, *skuurl*. — Nemuan gargalhou e tossiu outra bolha de ar, água salgada e sangue. Com os olhos brilhando de ódio embotado, ele vociferou. — Concedo a você o seguinte: peço fervorosamente a Numahao que você também viva para ver a destruição de sua Casa e a perda de tudo o que você ama.

Dilys apertou o maxilar. Ele não esperava que Nemuan fosse cooperar, mas algo no fundo dele alimentava alguma medida de esperança nisso.

— Essa é sua resposta final?

— É a única que você obterá de mim.

— Então seja. — Com um movimento ágil, Dilys abriu a garganta e o ventre de Nemuan. Em seguida, ele envolveu o peitoral do primo com o braço e nadou na direção da borda da plataforma continental, gritando Comandos no caminho. Quando parou junto à borda da plataforma, deixou o corpo do primo afundar até tocar o solo arenoso do chão do oceano. — Com a benção de Numahao, e na condição de *Myerielua* das Ilhas Calernas, eu o declaro, Nemuan Merimynos, um traidor da Calberna e, conforme as leis das Ilhas, eu o condeno a conhecer o kracken.

Fraco e moribundo por causa da perda de sangue e das feridas, Nemuan virou a cabeça para ver o corpo de Dilys e, com os olhos esbugalhados de súbito terror, avistou o monstruoso leviatã carnívoro subindo lentamente das profundezas.

Quando Dilys começou a nadar de volta ao *Kracken*, Verão já tinha dispersado os últimos vestígios da tempestade. Ele surfou um jato d'água até o convés, foi à cabine para cuidar das feridas, colocar uma *shuma* sem sangue e então encontrou-se com Gabriella na cabine onde Ari estava se recuperando.

— Como ele está?

— Não muito bem — admitiu ela. — Diferente do que aconteceu comigo, o Mur Balat não estava com ele para impedir que o Tubarão prejudicasse demais o coitado. Ele quebrou uma perna e tem centenas de cortes e queimaduras pelo corpo. Tem um círculo de runas vermelhas estranho na nuca dele. Seja lá o que for, a coisa o aterrorizou. Quando lhe perguntei sobre, ele ficou ensandecido e arrancou a própria pele tentando tirar o desejo. Ele agora está sedado. Recomendo o deixarmos assim até chegarmos a um lugar seguro onde ele possa ter cuidados adequados. Tentei compartilhar parte de minha magia com ele para ajudar na cura, mas não sei se serviu para alguma coisa. Se estivéssemos perto da Cordilheira Invernal, eu diria para chamarmos a Tildy para ajudá-lo.

— Quando regressarmos à Calberna, meu tio Calivan vai poder ajudá-lo. Ele não é um herborista tão talentoso quanto a Tildavera Greenleaf, mas ele sabe fazer umas poções.

— Me parece ótimo. Talvez devêssemos colocá-lo em um de seus navios mais rápidos para mandá-lo imediatamente à Calberna.

Com o olhar subitamente atento, Dilys congelou.

— Você não quer ir à Calberna?

Verão percebeu que ele tinha interpretado mal o pedido.

— Quero. É claro que eu quero. Mas preciso fazer um negócio antes. É um juramento que preciso cumprir.

Menos de 24 horas depois, Gabriella estava de pé à proa do *Kracken* olhando para Trinipor, a capital de comércio de escravos da Mystral, e a enorme fortaleza de pedra construída sobre o alto das falésias. Aquele que, até poucas horas, tinha sido o porto escravista mais movimentado, lucrativo e deplorável, agora era uma cidade fantasma. Centenas de homens, mulheres e crianças que tinham sido expostos à venda estavam viajando em direção à Calberna, onde a oferta de asilo ou uma pequena quantidade de ouro e transporte ao porto que quisessem os esperava. Os mercadores de escravos estavam mortos ou presos, sendo preparados para serem levados a diversos campos de trabalho, onde garimpariam minerais preciosos até conseguissem dinheiro pagar o preço de todos os escravos que já venderam.

De Trinipor, só haviam restado edifícios vazios, senzalas e a opulente fortaleza abandonada de Mur Balat. Do próprio Balat, não havia sinal. De acordo com as testemunhas, ele não era visto há um mês. Seu covil de bruxas o declarara morto na explosão brutal em alto-mar e, em seguida, fugiu durante a madrugada com metade dos servos e guardas do antigo senhor. Alguns dos guardas remanescentes mais atrevidos decidiram reivindicar a fortaleza de Balat e as prerrogativas de comércio para si mesmos. A maioria, no entanto, já tinha morrido lutando contra os calbernanos que foram dar cabo a Trinipor.

— Chegou a hora, *moa haleah*. — Dilys tocou delicadamente o braço dela.

— Tudo mundo saiu, certo? A cidade e a fortaleza estão vazias?

— *Tey*. Como você ordenou.

— Ótimo. — As mãos dela seguraram o parapeito do navio com firmeza. Grupos de calbernanos flutuavam na água abaixo deles, à

espera. Ela respirou fundo uma vez, depois outra.

Gabriella insistira em visitar o lar palaciano de seu antigo sequestrador para ver com os próprios olhos a vida principesca que ele havia construído para si mesmo às custas das vítimas. Ela percorreu as senzalas, cavernas e alcovas onde mantinha em cativeiro escravos resistentes e dotados de poderes mágicos. Verão deixou que cada nova descoberta ultrajante alimentasse o âmago de sua fúria efervescente até a pressão se tornar grande demais para segurar, como um vulcão prestes a entrar em erupção.

Ela talvez devesse ter se ausentado quando os calbernanos descobriram as salas no palácio em que eram mantidas dezenas de jovens nuas, todas com as coleiras de contenção de magia e os olhos cansados que Verão conhecia muito bem. Mesmo agora, porém, com o poder alimentado pela raiva prestes a fugir do controle, o coração de Verão se enchia de orgulho pelos soldados de Dilys, tão gentis, carinhos e cheios de compaixão por aquelas moças que tinham sofrido coisas tão terríveis. Os calbernanos podiam até ser mercenários temidos, mas, com as pessoas mais vulneráveis da Mystral, nenhum povo era mais generoso ou cuidadoso.

Dilys segurou o ombro de Verão com um toque caloroso e reconfortante.

— Estou aqui, Gabriella. Faça o que for preciso. Meus soldados e eu vamos garantir que ninguém se machuque.

Incapaz de falar, ela acenou com a cabeça. Verão estava com a garganta tensa. A magia veio subindo por ela num *crescendo* doloroso. Ela apertou a grade do parapeito do navio até as juntas dos dedos ficarem pálidas, respirou fundo uma última vez e, por fim, soltou um Grito como nenhum outro. A magia se despejou da garganta de Verão, que libertou toda a fúria, vingança, luto e dor em um grito que disparou sobre a superfície da água e bateu contra Trinipor como um martelo dos deuses. Árvores e edifícios foram arrancados de suas fundações. As pedras se estremeceram e gemeram. Ela gritou sem parar, libertando toda a raiva, fúria e luto contida em si até a poderosa fortaleza de Mur Balat, a cidade inteira de Trinipor e vários quilômetros ao norte da costa do Ardullan ruísem e fossem engolidos pelo mar. Dentro d'água, os

calbernanos absorveram a onda causada pelo súbito impacto, domando o tsunami antes que ele começasse e afastando-se rapidamente a nado para dispersar a energia em explosões esparsas pelo Oceano de Olemas.

Quando a cidade terminou de ser destruída, Gabriella se recostou aos braços fortes de Dilys. Ela se sentiu esgotada, cansada e triste. O único motivo para não desatar em choro era a presença, o amor e a força que Dilys despejava em cada lugarzinho vazio do ser ela. As irmãs dela tinham morrido, assim como os homens que as tinham machucado; ela havia colocado um ponto final no comércio escravista de Trinipor e varrido a base do poder de Mur Balat da face da Mystral. Fizera tudo a seu alcance para vingar seus entes amados. Ainda não era suficiente — provavelmente nunca seria —, mas por ora bastava.

Verão se virou para envolver a cintura de Dilys com os braços e pressionou o rosto contra o peitoral dele. Ela deixou que a batida do coração e o porto seguro dos braços dele lhe acalmassem o turbilhão emocional.

— Vamos para casa, *moa akua*. Para a Calberna.

Capítulo 27

O *Kracken* cortava lentamente as límpidas águas azul turquesa do principal porto de Cali Va’Lua. De pé ao lado de Dilys no convés, usando o vestido verde marinho que a tripulação havia feito para ela, Gabriella sentiu um frio na barriga de nervosismo e alegria.

Até o dia de seu sequestro, ela nunca havia viajado para além das fronteiras das Ilhas Æsir. Fora algumas poucas viagens de infância para a Enseada Marítima, para visitar a família da mãe, e de sua jornada recente à Cordilheira Invernal, ela nunca tinha deixado a Veralea. Na verdade, depois da morte da mãe, ela viajara pouquíssimas vezes para além dos muros de Vera Sola.

A Calberna, com suas águas cristalinas, praias de areia rosa e palmeiras tropicais balançantes, era o lugar mais lindo e exótico que tinha visto na vida. Era como um pedaço do Halla na terra. Tudo era bonito e radiante, e o ar era tão repleto de alegria exuberante, que respirá-lo entorpecia os sentidos. Milhares de cidadãos das ilhas se reuniram para saudar a primeira Sereia a retornar à Calberna desde o Massacre. Eles se enfileiraram nas docas, bem como em cada navio no porto, cada muro e cada calçada à vista. Calbernanos de olhos brilhantes e pele bronzeada de sol jogavam flores, pétalas de flores e folhas verdes brilhantes à passagem do *Kracken*.

— *Sirena!* — Gritavam, bem como: — *Myerielua!*

— Parece que a notícia sobre mim se espalhou mesmo — murmurou Gabriella.

Dilys com os dentes brancos em lindo contraste com o bronzeado escuro do rosto.

— *Tey*. Seu Grito provavelmente foi ouvido ao redor do mundo.

Ele não pareceu incomodado com isso, mas, ainda assim, Verão teve que perguntar.

— Isso vai ser um problema para a Calberna?

— *Ono, moa haleah*. A maioria dos que ouviram seu Grito sequer vão saber o que era. E quanto aos que sabem, os que forem tolos o bastante para tentar invadir a Calberna terão uma recepção hostil. — Ele se inclinou para beijar com ternura os lábios de Verão, o que fez a multidão ir à loucura. Isso fez Dilys sorrir outra vez. Ele ergueu o punho cerrado ao ar, causando ainda mais alvoroço em seus contrerrâneos. O tecido leve e sedoso da *obah* flutuava ao redor dele como uma flâmula.

Ela revirou os olhos.

— Acho que você está gostando disso um pouco demais.

— Não tem essa. Estou gostando o tanto que deveria. Na verdade, acho que você deveria *me* beijar... e, se posso sugerir, com um beijo bem quente, para nosso povo não ter dúvidas de que você, de fato, reivindicou o príncipe deles para si. — Dilys sorriu. Era daquele tipo de sorriso meio atrevido, meio bem-humorado e cheio de segurança, ao qual Verão não ousaria se opor.

Ela arqueou uma sobrancelha. Dilys estava especialmente malicioso naquela manhã, brincando com ela, rindo, provocando a Sereia. Ela sabia, em grande parte, era uma fanfarronice orquestrada para conter o nervosismo dela. Parte disso, porém, era porque ele achava que podia provocá-la sem receber o troco. Tolinho. Verão não tinha passado uma vida inteira com Outono Coruscate, a princesa matreira, sem aprender como responder a uma provocação. Era hora de Dilys aprender uma coisinha sobre sua nova esposa.

Com uma Voz repleta de Comando, ela lhe disse:

— Abaixese.

Dilys estava se curvando antes mesmo de conseguir se dar conta. Quando finalmente caiu em si, os olhos se arregalaram em surpresa. Mas já era tarde demais. Ela o havia trapaceado.

Ela tomou a cabeça dele entre as mãos, levou os lábios aos dele e o beijou até a *shuma* ficar apertada. Enquanto o fazia, ela murmurou baixinho uma canção. Era a melodia que tinha ouvido nos sonhos eróticos que a assediaram desde aquela noite no fiorde Llaskroner quando as *ulumi* de Dilys cintilaram. No presente, os efeitos eram os mesmos que nos sonhos.

Dilys se estremeceu e caiu de joelhos. Dilys a envolveu com os braços, espalmou as mãos sobre as costas dela e, agarrando-a com firmeza, deixou escapar um som entre grunhido e gemido.

Ela continuou a beijá-lo, cantarolando aquele singelo e poderoso Canto da Sereia criado apenas para ele. Continuou até cada gota de sangue, cada célula, cada pensamento, respiração e batida de coração de Dilys se abrisse a ela, convidando-a e implorando que ela o reivindicasse e tomasse para si. Verão o dominou por completo, sem exceção. Ela se afastou e captou com os próprios olhos o olhar dourado atônito de Dilys. Em seguida, murmurou contra os lábios inchados e trêmulos dele:

— Você é meu, Dilys Merimydion. Meu e de mais ninguém.

Ele engoliu seco e, arrastadamente, pronunciou um “*Tey*” que parecia mais um arranhão de som.

Ele se levantou, virou para as multidões reunidas e, com uma Voz forte o bastante para ser ouvida por todas as pessoas e navios no porto e na cidade, declarou em uma Língua do Mar perfeita:

— Eu reivindico este homem meu por direito. Eu o reivindico diante de todos vocês. Ele é meu parceiro, meu marido, meu *akua*. Meu e de mais ninguém! — Ela repetiu o anúncio em Eru e, por consideração aos soldados da Guarda Branca a bordo dos navios, na Língua do Gelo também.

Seguiu-se, por alguns segundos, um silêncio ensurdecedor de surpresa, entrecortado apenas pelas batidas do vento no tecido das velas, o som das ondas quebrando contra o cais e os gritos dos pássaros rodeando pelo céu.

Em seguida, veio o estrondo.

Ele brotou de cada garganta presente no porto. Era um grande urra tão alto quanto um Grito. Repentinamente, o ar se encheu de flores e anéis de folhas brilhantes, e, no mar, calbernanos rodopiaram como golfinhos nas ondas gritando “*Sirena! Sirena! Sirena!*”.

Gabriella voltou-se a Dilys, que ainda estava balançando de joelhos e a encarando como se nunca a tivesse visto antes. Ela sorriu:

— Isso foi luxurioso o bastante para você?

Ele pestanejou um par de vezes.

— Hã... *tey*... acho que funcionou.

Ela riu e lhe deu um tapinha na bochecha.

— Ótimo. Ah, e só para você saber, não foi a Primavera quem trocou sua água por aguardente veraleana naquele primeiro café da manhã.

O riso se esparramou no rosto dele, primeiro de forma lenta e, em seguida, em um sorriso largo e deslumbrante. Ele se levantou com um único e fluído movimento e a puxou para os braços. Verão achou que ele ia entorpecê-la de beijos igual tinha feito com ele, mas, em vez disso, Dilys a ergueu ao alto e a sentou sobre um dos ombros largos.

— *Sirena!* — Gritou ele, dando eco aos gritos do povo. — *Sirena!*

Atrás dela, todos os membros do *Kracken* traziam sorrisos tão largos que parecia que o rosto deles ia rachar. Os calbernanos rodopiando na água começaram a juntar os botões e guirlandas boiando no mar e a levá-los a Gabriella, Dilys e a todos a bordo do navio até o *Kracken* ficar coberto de flores e folhas.

Conforme se aproximavam das docas onde o *Kracken* ia ancorar, Dilys a abaixou do ombro e a devolveu ao chão. Ele permaneceu ao lado dela com uma das mãos largas pousada sobre as costas pequenas dela. Verão gostava daquilo. Ela gostava de estar lado a lado com ele e da conexão quente da pele dele na dela. Gostava da alegria que aquela linda nação marítima despejava sobre ela de todos os lados.

Ela se aninhou contra o corpo dele e pousou uma das mãos sobre o peitoral musculoso de Dilys, partilhando com ele a alegria que sentia. Com ela, saiu uma ponta de dor ainda forte, mas não brutal e amarga como antes.

— Eu queria que minhas irmãs estivessem aqui para presenciar isso.

— Eu também, Gabriella. Eu queria isso mais que tudo. Mas a parte delas que ainda mora em você *está* aqui.

Era um sentimento bonito que Verão escolheu abraçar. O pior de seu luto devastador já tinha passado. A tristeza ainda estava presente. Não tinha sido levada embora, mas sim compartilhada com ele, o que diminuía o peso. Sem aquela angústia, ela poderia se concentrar nas memórias de todos os momentos de carinho e

risadas que tinha passado com as irmãs, recordando-se da alegria, não da perda.

Ela estava aninhada a ele, sorrindo e acenando para os calbernanos exuberantes e receptivos, quando se deu conta de que sua máscara tinha sumido. Seu sorriso era verdadeiro. Sua felicidade, genuína. Pela primeira vez na vida, o monstro dentro de Verão estava em paz. Dilys também tinha proporcionado isso a ela.

Eles alcançaram a parte mais interna do porto.

— Essas são as docas e armazéns centrais da Casa Merimydion — disse Dilys, apontando para as fileiras organizadas de grandes prédios bonitos esteticamente reunidos à beira d'água. — Metade dos carregamentos nesse hemisfério passa por esse porto. E, graças às muitas melhorias que meu pai e outros homens da Casa Merimydion fizeram ao longo dos anos, um terço de todo esse tráfego acontece em nossos navios e armazéns.

— Você está me falando que entrei para uma Casa cheia de homens de negócios habilidosos.

Ele sorriu, revelando a covinha enrugada na bochecha.

— *Tey*. E ricos, também.

Ela sorriu.

— E modestos.

— Especialmente isso. — Ele ergueu a mão dela para beijá-la. O navio tinha parado. Dilys e a tripulação lançaram cordas de ancoragem aos estivadores. — Venha, *moa liana*. Minha mãe nos espera. — Mais cedo, um nadador tinha levado uma mensagem da *Myerial* Alysaldria informando que tinha preparado uma recepção formal no palácio para cumprimentá-los. — Para ser bem honesto, fiquei surpreso que ela não tenha mandado uma dezena de mensageiros perguntando por que estamos demorando tanto.

Especialmente para provocá-lo, Verão disse:

— Talvez ela não esteja tão ansiosa em me conhecer quanto você tentou me convencer disso.

— Isso não é verdade. Eu acho que ela estava mais ansiosa para que eu reivindicasse uma *liana* do que eu.

Gabriella ergueu as sobrancelhas.

— Ah, é?

— *Tey*. Ela queria me ver resolvido, com um bom casamento e uma família minha.

— Mesmo comigo sendo *oulani*?

Ele sorriu para Verão com uma ternura que fez o coração dela doer.

— Minha mãe que insistiu para que eu fosse à Cordilheira Invernal para reivindicá-la quando todos diziam para eu ficar e esperar até uma filha *imlani* chegar à idade de se casar. — Ele afastou um cacho perdido de cabelo do rosto de Verão e, com as costas dos dedos, fez uma carícia na bochecha dela. — Na verdade, eu acho que ela está feliz que você seja *oulani*. Dessa forma, você se torna filha da Casa Merimydion e eu continuo filho dela, em vez de entrar para a Casa de minha noiva *imlani*. A *Nima* sempre quis uma filha, especialmente depois de perder minha irmã antes que nascesse, quando meu pai morreu. Estou feliz por, ao me casar com você, poder dar a ela a filha que sempre quis.

Verão mal podia lembrar o que era ter uma mãe. Fazia tanto tempo que não tinha a sua.

— Você acha que ela irá gostar de mim?

Ele deu risada. Em seguida, tomou-a nos braços, levantou-a do chão e beijou-a sonoramente.

— Se ela vai gostar de você? Ah, *moa kiri*, ela vai amar você. Não tenho dúvidas disso. Você é uma mulher de compaixão e ímpeto. É corajosa e forte, mas também bondosa, compreensiva e delicada mesmo com as pessoas de trato mais difícil. — Ele a devolveu ao chão e a beijou novamente. Em seguida, endireitou-se, estufou o peito e acrescentou: — É claro que ela também vai te amar por ter tido o bom discernimento de me amar, o único filho dela.

Gabriella lhe deu um tapa no peitoral e revirou os olhos.

— Arrogante.

Ele se fingiu de magoado.

— Só estou falando a verdade. Ou, no final das contas, você não me ama?

— Ah, eu te amo, sem dúvidas. Amo, apesar de sua arrogância.

— Confiança.

— Arrogância.

Ele sorriu.

— Vá lá, admita. Você já me ama loucamente, bem do jeito que eu sou. Não teria como me amar mais.

O sorriso dela sumiu.

— *Tey* — concordou, séria. — Eu te amo mesmo, *moa akua*. Loucamente. Bem do jeito que você é. E sempre amarei.

Ele a beijou outra vez, lentamente. Dilys não a levantou do chão dessa vez. Em vez disso, inclinou-se para ir até ela. Seus dedos penetraram as ondas de cabelo penteadas sobre a cabeça, tirando os grampos do lugar. Ele a beijou como se Verão fosse a essência da vida e, sem ela, pudesse morrer. Para ele, ela era isso mesmo.

— Eu te amo, Gabriella Merimydon, *moa liana*, *moa haleah*, *moa fila*. — Minha esposa, meu amor, minha vida. Tais palavras soaram como um voto sagrado sussurrado contra os lábios dela, aspiradas para a alma de Verão. Ela envolveu o pescoço dele com os braços, segurando-o firmemente.

Verão ficou na ponta dos pés. Com as costas arqueadas e o corpo distendido, eles se encontraram beijo com beijo, voto com voto, amor com amor.

— *Moa akua*, *moa haleah*, *moa fila* — sussurrou ela.

Quando Dilys ergueu a cabeça e se endireitou outra vez, viu os calbernanos reunidos nas docas, observando-o com Gabriella. Estavam todos sorrindo como se tivessem acabado descobrir os restos de um dragão. Dilys retribuiu o sorriso e a multidão desatou em uma celebração barulhenta, batendo palmas e dando socos ao ar.

Sob sua pele marrom veraleana, Verão corou de um rosa profundo, mas não se acanhou para junto de Dilys. Não, a doce e corajosa *liana* ergueu o lindo queixo e deu aos calbernanos um aceno de cabeça majestoso, ainda que rosado.

Ainda sorrindo, Dilys pousou a mão sobre as costas de Verão e começou a conduzi-la ao fim das docas, detendo-se diante do tio Calivan, vestindo uma *obah* rosa e marfim esvoaçante.

— Tio, aí está você — disse Dilys, sorrindo calorosamente.

Em vez de retribuir as boas-vindas, os olhos dourados frios do tio pairaram sobre Gabriella e Dilys, detendo-se sobre a *obah* de seda branca feita pelos marinheiros para celebrar a união.

— Vocês fizeram os votos? Sem um sacerdote? Sua mãe não irá aprovar isso.

Dilys sentiu Gabriella congelar ao lado. Seu próprio corpo ficou tenso com a agressividade cada vez maior. Em tom baixo, ele disse:

— Tio, você está se esquecendo de algo. Você não vai dar as boas-vindas à minha *liana*, a primeira Sereia da Mystral desde o Massacre?

Calivan imediatamente estampou no rosto um sorriso leve e uma expressão de boas-vindas.

— Perdoe-me, *Myerialanna* — disse em um Eru bem articulado. — Bem-vinda às Ilhas Calernas. Que você tenha a mais calorosa das recepções em sua nova casa. — Ele estendeu as mãos espalmadas.

Depois de um rápido e hesitante olhar a Dilys, Gabriella pousou as mãos sobre as de Calivan.

— Obrigado, chanceler Merimydion.

— Eu fiquei horrorizado, *leili*, ao ouvir do sequestro de você e suas irmãs, além de desolado, como todos os demais, em saber das mortes prematuras e trágicas delas.

— Obrigada. — Gentil, compreensiva e serena, Gabriella deu um sorriso impecável. Era o “rosto de corte” dela, que Dilys já sabia reconhecer. A saudação acusatória de Calivan a colocara em alerta, ao que recuou, em resposta, com a máscara mais possível que tinha.

— A *Myerial* e as *Donimari* nos esperam no palácio. Pedi que preparassem uma gôndola para nos levar até lá. Ela está logo ali. — Calivan soltou uma das mãos de Gabriella e, enquanto e virava para conduzir o caminho, enfiou a outra debaixo do braço. — Devo pedir desculpas novamente pela grosseria de minha saudação inicial, *leili* — disse, enquanto caminhavam. — É que passei a vida inteira zelando pela felicidade de minha irmã gêmea e sei quão ansiosa ela estava por planejar e comparecer ao casamento.

— Sinto muito. Não foi minha intenção roubar da mãe de Dilys uma alegria há muito esperada.

Dilys não gostou de ouvir Gabriella pedindo desculpas por ter se casado com ele e certamente não queria vê-la demonstrar qualquer arrependimento quanto a isso.

— Nossos votos foram proferidos no mar e selados com sangue e sal — disse ele —, mas não vejo por que não poderíamos fazer uma segunda cerimônia em Cali Va’Lua ou talvez em Merimydia Oa Nu. Tenho certeza de que a *Nima* vai gostar muito da ideia.

— É claro — disse Calivan. — Foi isso o que já fizeram muitos *Calbernari* que voltaram com suas *lianas*.

— Nesse caso, problema resolvido. — Dilys pensou consigo mesmo que não tinha por que eriçar-se. Afinal de contar, o tio devotara a vida inteira à felicidade de Alysaldria. E era verdade que a mãe dele provavelmente ia ficar um pouquinho triste pelo filho já ter proferido os votos no mar, sem a cerimônia e as comemorações que sempre imaginou para ele. “Eu só tenho um filho, e vou casá-lo apenas uma vez”, sempre dizia ela quando conversavam sobre os planos para o matrimônio. Dilys sempre se dobrou ao fato de que seria um evento de corte com desfiles, bailes, brulotes e coisas do tipo. Ainda assim, independente do que a mãe desejava, isso não dava a Calivan autorização de expressar seu descontentamento diante de Gabriella.

— Que desculpa você deu para evacuar todos os *oulani* de nossas águas? — perguntou Dilys, para mudar de assunto. Não havia um navio estrangeiro sequer no porto. Isso não o surpreendia. Todos os navios *oulani* tinham sido despachados no mesmo instante em que o Grito de Sereia de Gabriella chegou à Calberna.

— Dizemos que estava chegando um tsunami e que todos os navios estrangeiros precisavam ir para o alto-mar.

— Ah. — O Grito de Gabriella havia, de fato, criado um tsunami, então o alerta não era mentira. Os calbernanos, no entanto, dissiparam a onda antes que ela pudesse chegar à terra firme. — E o que diremos para evitar que eles voltem?

— O assunto ainda está em debate no conselho.

— Vocês planejam isolar a Calberna do resto do mundo? — interrompeu Gabriella. — Por quê? Só porque sou uma Sereia?

— Não apenas porque você é uma Sereia — respondeu Calivan. — É porque você é a *única* Sereia, a primeira no mundo em milhares de anos. Sua proteção é de importância primordial. Especialmente depois dos contratempos recentes.

— Mas meu sequestro não teve nada a ver com o fato de eu ser uma Sereia. Mur Balat e o Tubarão não sabiam quem eu era. Se soubessem, duvido que Balat teria me vendido para o Solish Utua.

— Esse é mais um motivo para tomarmos toda cautela. O calbernanos fizeram de tudo para apagar os registros das Sereias e invalidar a memória delas como um folclore, um mito, mas é possível que haja pessoas no mundo que ainda saibam a verdade, pessoas que fariam mal a você, se soubessem a verdade. As Sereias foram mortas precisamente porque a Calberna permitiu que *oulani* adentrassem suas terras e águas. Não deixaremos isso acontecer novamente. Você está aqui conosco agora e iremos protegê-la de todas as formas possíveis.

Ela puxou a mão do braço de Calivan e parou de caminhar.

— Você está propondo o quê? Que eu deva ficar aprisionada aqui na Calberna pelo resto de minha vida? Que eu corte todo contato com o mundo externo? Que corte contate com minha *família*?

— É claro que não. Sua irmã Khamsin e o marido dela sempre serão bem-vindos aqui para visitar. Mas não esqueça que, agora, Dilys é sua família — disse Calivan. — Assim como eu e a *Myerial*.

Dilys reconheceu o fogo da rebeldia brilhando nos olhos de Gabriella, bem como o meneio intransigente de queixo, e ficou em estado de atenção. Calivan estava bagunçando tudo.

— Ninguém falou em aprisionar ninguém, menos ainda você. — Ele lançou um olhar duro ao tio. — Mas meu tio tem razão quanto aos perigos que os *oulani* representam a você. *Moa haleah*, você sabe do Massacre. Sabe por que a verdade sobre seus dons não deve ser revelada para fora da Calberna. Não podemos arriscar que algo do tipo aconteça de novo. *Eu* não vou arriscar que isso aconteça a você.

— Eu entendo isso e não estou propondo que saíamos gritando sobre quem sou aos quatro cantos da Mystral. Mas passei semanas presa contra minha vontade e tampouco isso irá acontecer de novo. Posso ser uma Sereia e ter me casado com você, mas eu vou voltar à Cordilheira Invernal para visitar minha irmã Khamsin, o marido e o filho dela. E pretendo também exigir de você que cumpra a promessa de me mostrar o mundo.

— E eu a mantereí, como mantenho todas as promessas que faço. Nós voltaremos à Cordilheira Invernal em uma semana, se você quiser. — Agora que o Tubarão e Mur Balat haviam morrido, o perigo imediato havia passado. Outros inimigos precisariam de tempo para se preparar antes de lançarem um ataque. Mesmo que esse não fosse o caso, se Verão precisasse ver a família, Dilys o providenciaria. Ele tomou as mãos dela e pressionou as palmas contra o peito, desejoso de que ela sentisse sua sinceridade e acreditasse que, independente do que o tio e até mesmo a mãe dissessem, sua maior lealdade agora era a ela. Agora e para todo o sempre. — O que você quiser, *moa haleah*, o que você precisar, eu providerei. — Está bem — disse ela. — Está bem. — Ela respirou fundo e pareceu se acalmar. — Quanto a isolar a Calberna do resto do mundo por minha causa, acho que é a pior coisa a ser feita. As pessoas temem o que é desconhecido. Se a Calberna fechar os portos e não receber mais estrangeiros em suas costas, vocês só vão alimentar suspeitas e desconfiança.

— Tenho certeza de que a *Myerial* e o conselho vão levar sua opinião em consideração ao decidir o que farão, *Myerialanna* — disse Calivan.

A impressão era que Gabriella estava prestes a discutir mais, mas, ao invés disso, ela engoliu seco e deu outro sorriso cortês educado.

— Nesse caso, com certeza irei conversar com eles, lorde chanceler.

Eles se puseram a caminhar novamente, conversando sobre assuntos menos espinhosos. Gabriella não segurou o braço de Calivan novamente. Em vez disso, permaneceu junto de Dilys. Ele gostava que, depois do embate com o tio, seu primeiro instinto fosse deixar claro que ela e Dilys formavam uma unidade: Dilys e Gabriella, um casal.

— Ah, aqui está. Sua gôndola, *Myerialanna*. — Calivan acenou na direção do barco azul-esverdeado bem envernizado. Ele era aberto na frente e moldado no formato de uma onda com detalhes prateados nas orlas que reproduziam espuma do mar.

— Que lindo — disse Gabriella, ao que Dilys a ajudou a entrar no barco de canal extravagante. — Minha impressão é que vou ser

puxada por um grupo de golfinhos.

— Isso é só para quando levamos a gôndola para rodopiar em alto-mar — disse Dilys. Os olhos dela se arregalavam e ele deu risada. — É brincadeira, *moa kiri*. Agora que você falou, me ocorre que, sem dúvidas, a *Nima* ia gostar muito desse meio de transporte, ainda que não saia tanto para velejar como antigamente.

— Por que não?

Foi Calivan quem respondeu.

— Ela tem muitas demandas. Rainhados, assim como reinados, não se governam sozinhos.

— Bem, talvez isso mude agora que Dilys e eu nos casamos, e estamos aqui para ajudar.

Dilys sorriu e ergueu a mão dela para um beijo, contente que a falta de jeito um tanto incomum do tio não tenha dissuadido Verão de tornar a Calberna seu lar.

— Talvez, de fato. — Calivan acenou ao gondoleiro e, com um meneio de cabeça, o calbernano musculoso lançou o remo à água e empurrou.

A cidade ficava aos pés de uma grande montanha que se erguia com o cume afiado ao céu. Suas costas íngremes eram cobertas por uma vegetação verdejante e entrecortadas por dezenas de altas cachoeiras. A elegante gôndola deslizou suavemente sobre as águas cristalinas dos canais da cidade em direção a um túnel ao lado da montanha.

Cardumes de peixes coloridos nadavam nas águas límpidas abaixo do barco. Impressionava Gabriella como as águas de uma cidade podiam continuar tão claras e limpas, mesmo na Calberna. Ela começou a dizer algo sobre o assunto a Dilys, mas, no mesmo momento, um calbernano e três menininhos vieram nadando sob o barco. Eles se viraram dentro da água para sorrir e acenar de passagem.

Ela ficou boquiaberta.

— Nossa!

Ao lado dela, Dilys sorriu.

— Alguém está tentando se exhibir. Esse é outro primo meu, Maru Ocea, e seus filhos. Vocês vão se conhecer no palácio.

— Ocea? Tem alguma conexão com o...

— Tey. O Maru é casado com a irmã do Ryll.

Ela observou o homem e seus três filhos. Eles formavam quatro sombras cortando as águas rapidamente, sem dificuldade, e nadaram adiante da gôndola até sumirem. Eles não tocaram a superfície da água em nenhum momento.

— Então é verdade que os calbernanos conseguem respirar debaixo d'água?

Ele encolheu os ombros.

— É verdade.

— Como pode?

— É um dom fisiológico que temos. Nós temos guelras. Aqui, olha. — Ele passou o dedo ao lado das costelas. — Elas se fecham quando não as estamos usando, mas, quando nadamos, podemos abri-las para respirar debaixo da água.

— Como peixes.

— Isso a deixa chateada, *moa kiri*?

— Não, não estou chateada. Talvez um pouco decepcionada. — Ela mordeu o lábio e sorriu um pouco inocentemente. — Eu estava na expectativa de que fosse algum tipo de magia calbernana. Algo que você pudesse transmitir, para que eu conseguisse nadar igual.

— Ah. — Dilys sorriu aliviado. — Receio que não seja possível. — Dilys colocou a mão sobre o ombro dela e apertou levemente. Ela se inclinou para o lado e se aninhou dentro dos braços dele.

— E nossos filhos, eles vão ser como você? Vão conseguir respirar debaixo da água?

Os braços dele a apertaram mais forte à menção dos filhos. Dele levou os lábios ao pescoço de Verão e lhe deu um beijo que a fez fechar os olhos em prazer silencioso.

— Tey. Todos os *imlani* conseguem. Isso a incomoda?

— Não incomoda, não. Mas como é possível? Seu povo vem se casando quase exclusivamente com estrangeiros há mais de dois mil anos. Em termos genéticos, era para vocês terem perdido quase todos os traços genéticos calbernanos.

— Eu expliquei a você a habilidade que os homens calbernanos têm de guardar e usar a magia que as mulheres lhes dão, não?

— Sim.

— Pois então, as mulheres de origem calbernana também têm um dom especial. Elas são capazes de não somente alimentar a magia de seus parceiros, como de passar uma parcela ou a totalidade de seus dons aos outros. Toda mulher carregando um filho da Calberna visita as mulheres *imlani* de sua Casa durante a gravidez e elas passam uma parcela dos dons do mar ao bebê. Quanto mais próximo for o vínculo de sangue, mais magia as mulheres *imlani* compartilharão com o feto, especialmente se o bebê for menina. Foi assim que sobrevivemos depois do massacre das Sereias. Para manter nossa raça viva, nossas mulheres sobreviventes mais fortes compartilharam seus poderes com a geração seguinte e, na ocasião de suas mortes, deram os dons restantes para a *Myerial*. Depois, toda *Myerial* transmitiu seus poderes à sucessora. Quando minha mãe herdou o trono, ela recebeu todo o poder acumulado da *Myerial* Siavaluana II e das *Myerials* antes dela. Ela passaria esse poder a nossa filha, mas, com você é Sereia, o Trono do Mar e os dons da *Myerial* pertencem a você por direito. Quando chegar o momento, você poderá transmiti-los a nossa filha.

— E se não tivermos uma filha.

— Se tivermos um filho, ele poderá se casar e ter uma filha a quem você passará o Trono do Mar e seus dons. Se você morrer sem uma filha ou neta sanguínea, o trono e seus dons vão passar para a Aleakali Maru, filha do Aleki, tio de minha mãe. Nenhum dos filhos de Siavaluana II deu netas a ela enquanto viva e a Aleakali Maru é a neta mais velha de Siavaluana I, nascida enquanto a tia dela, Siavaluana II, estava no trono. Assim, ela recebeu o tom da rainha enquanto estava no útero.

— É bem confuso.

— A sucessão do trono da Calberna sempre foi determinada por qual filha *imlani* tem os laços de sangue mais próximos e recentes com as *Myerials*. Todas as mulheres *imlani* que pertencem à Casa da atual rainha ou à Casa da rainha anterior recebem o dom do poder da *Myerial* atual enquanto estão no útero. Esse poder é somado ao delas, tornando a ela e suas filhas mais poderosas, resguardando a força das Sereias à Calberna.

— Mas eu não tenho laços de sangue com as *Myerials*. Não haverá objeções à minha subida ao trono?

— Você é uma Sereia. Qualquer objeção é irrelevante.

— Hum. — Muitas guerras civis começaram por disputas relacionadas à sucessão real. Enquanto desciam o canal, Gabriella julgou ter visto mais do que alguns poucos calbernanos que não pareciam muito entusiasmados quanto o restante.

— O Dilys está certo — disse Calivan. — As famílias que queriam que Dilys se casasse com uma *liana imlani* vão guardar silêncio de agora em diante. É o que exige a tradição.

O número de pessoas guardando silêncio era bem menor do que o de pessoas a abraçando em boas-vindas, mas Verão não era novata em política de corte. Ela já conquistou diplomatas de reinos inimigos e angariou apoio para as iniciativas do pai em mais de uma ocasião. Além disso, Verão abria espaço para si. A Calberna era uma terra governada por mulheres. Ela estava mais acostumada ao exercício sutil do poder, nos bastidores do trono, mas havia sido treinada para ser uma rainha da qual qualquer reino se orgulharia. Ela daria orgulho a Dilys e à Casa Merimydion.

— Nesse caso, farei o possível para servir à Casa Merimydion da melhor forma e me provar merecedora do apoio e da aprovação das melhores famílias da Calberna — disse ela.

Pela primeira vez, Calivan sorriu com cordialidade de verdade.

— Muito bem, Gabriella.

Com o braço ainda ao redor dos ombros e a mão acariciando delicadamente o pescoço de Verão, Dilys se recostou ao acento estofado. Ela gostava daquilo. Aquela proximidade, a intimidade carinhosa e a percepção de que ele estava perto, e que ansiava tanto contato físico quanto ela, tudo isso lhe trazia calma.

Era, de fato, uma simbiose. Desde que os dois se casaram, Verão não conseguiu passar mais de dois minutos sem querer tocá-lo. Se os pais de Dilys compartilharam um vínculo igualmente profundo, ela não sabia como a *Myerial Alysaldria* conseguiu sobreviver todos aqueles anos sem o marido. Agora que Gabriella havia reivindicado Dilys para si, e ele fizera o mesmo, a ideia de viver sem ele era abominável. Ela não passaria anos como o pai, sendo consumida pela perda até o amor se transformar em loucura. Ela encontraria uma forma de segui-lo.

A gôndola virou à esquerda em outra intersecção curva. Fileiras de casas e a margens tomadas de grama abriam caminho ao trecho final espetacular que levava ao palácio. Estátuas colossais de calbernanos musculosos com cabelos esvoaçantes e punhos enormes segurando tridentes de ouro puro alinhavam-se aos dois lados do canal e arcos de água brotavam da ponta dos tridentes. A gôndola passou por debaixo da abóbada de água e adentrou a escuridão fresca do túnel. No outro lado da montanha, outro conjunto de estatuárias os saudou, mas dessa vez era mulheres de pedra, com os corpos bem torneados. Seus braços erguidos ao alto seguravam grandes conchas das quais jorravam outra abóbada de água brilhante sob o reflexo do sol.

Mais adiante deles, o canal se abria em enorme lago de águas azuis cristalinas ladeado em todos os lados por verdejantes encostas íngremes.

— Que lindo — suspirou Verão. — Isso é...? Era...?

— Um vulcão? — completou Dilys. — *Tey*. Todas as Ilhas Calernas já foram vulcões. Esse, porém, é o maior e mais antigo de todos. Já está dormente há muito tempo, é claro. Hoje, é lar dos filhos de Numahao.

— É espetacular. — A cratera cheia de água tinha sido transformada em uma cidade enorme, cercada por proteção natural, cuja única entrada navegável era por meio daquele túnel. No centro do grande lago, emergia o a beleza rosa, dourada e marfim de Cali Va’Lua, o palácio real da Calberna.

A gôndola ancorou às docas e Dilys conduziu Verão pelos jardins imaculados do palácio até o exuberante salão de entrada de Cali Va’Lua, repleto de corais e cristais.

Do salão de entrada, eles passaram pela grande galeria cheia de pinturas e estátuas das rainhas da Calberna. Em seguida, desceram a escadaria de mármore até a sala que Dilys chamou de Salão das Águas. Em ambos os lados do corredor de mármore, véus límpidos de água caíam das nascentes incrustadas em pérola aos grandes tanques. Grupos abundantes de lírios cheirosos cobriam a superfície dos tanques. Sob suas folhas verdes largas e raízes, cardumes de peixes laranja, brancos e roxos rodeavam em círculos. Do lado de fora das espessas paredes e teto de vidro reforçado do Salão, mais

cardumes de peixes tropicais nadavam com suas cores selvagens por entre recife de corais vibrantes.

Ao final do Salão, uma escadaria curva levava ao trono no patamar de baixo.

— Espere — disse ela quando os guardas que vigiavam o salão do trono começaram a abrir as portas.

Dilys olhou para ela com preocupação.

— Gabriella?

— Só preciso de um segundo. — Ela respirou fundo. Estava surpresa com o frio na barriga. Verão tinha passado a vida inteira em cortes, primeiro na do pai, depois na de Wynter. Nesse caso, porém, não era a apresentação a uma nova corte que a estava deixando nervosa. — Você tem certeza de que sua mãe vai gostar de mim?

A expressão de Dilys se abrandou.

— Minha mãe vai amar você. Como não amaria?

Havia tanta sinceridade e segurança na voz dele, tanto amor cintilando nos olhos. Tudo por ela. Ela segurou o nervosismo e preparou um sorriso levemente trêmulo. *Coragem, Verão. Essa é uma primeira impressão que irá definir o resto de sua vida.*

— Está bem — disse ele, um instante depois. — Está bem, vamos lá.

Dilys acenou com a cabeça e os guardas abriram enormes portas douradas.

Todo mundo — e havia centenas de pessoas reunidas dentro do salão — viraram o rosto quando as portas se abriram. Havia tantos olhos dourados e rostos bronzeados naquele salão... Não havia nenhum rosto estrangeiro entre eles. Menos o dela.

— Essas são as *Donimari* — sussurrou Dilys. — São as chefes de todas as Casas da Calberna na companhia de seus *akuas*.

Os dedos de Gabriella seguraram forte a mão de Dilys. Os dedos dele se firmaram nos dela. O calor dentro dela aumentou com a pressão. Antes, porém, que o medo fizesse despertar o vulcão, o polegar de Dilys acariciou a palma de Verão. Naquele instante, todo medo se dissipou. Ah, ele tinha sumido por completo. Ela ainda sentia o frio esparso na barriga. Dilys, porém, estava a seu lado e continuaria assim para sempre, independente do que acontecesse.

Com ele a seu lado, ela não precisava mais temer o força violenta que habitava dentro de si. Verão ergueu o queixo.

Ela estampou uma expressão serena no rosto e, com Dilys a seu lado, navegou aquele mar desconhecido.

As *Donimari* foram chegando de lado conforme Dilys e Gabriella se aproximavam, abrindo passagem ao trono. Gabriella viu pela primeira vez *Myerial* Alysaldria I, Rainha da Calberna. A sogra de Gabriella.

Era uma mulher pequena. Ela possuía uma formação delicada. Talvez o enorme trono onde estava sentada a fazia parecer menor, mas Verão não achava que fosse isso. Tronos em geral aumentavam o aspecto de grandeza de uma pessoa, não o contrário. Quanto mais perto ela e Dilys chegavam, mais aparente ficava que Alysaldria era, de fato, uma mulher pequena. Provavelmente vários centímetros menor do que Verão. Ainda assim, deu à luz um filho de mais de dois metros. Era incrível.

Ela também era bonita. Verdadeiramente bonita. De pele tão escura quanto a do filho, com grandes olhos dourados emoldurados por cílios pretos, seu rosto tinha uma beleza delicada e etérea. Grandes novelos de seu cabelo preto estavam amarrados ao topo da cabeça. Os homens calbernanos usavam grandes tranças pretas. Não porque as fizessem, mas porque cresciam assim. O mesmo não acontecia com as mulheres. Suas tranças, se as tivessem, tinham sido feitas. O resto consistia em longas madeixas pretas brilhantes. Se Alysaldria penteasse o cabelo, ele provavelmente lhe desceria até os tornozelos.

Ela usava uma coroa que parecia feita de folhas douradas de anêmonas com as pontas incrustadas em diamantes e pérolas. Pérolas lhe caíam do cabelo e se entrecruzavam sobre o peito, seguindo o decote em forma de barco de seu deslumbrante vestido de corais cravejado de pérolas, diamantes e filetes dourados. Suas mãos elegantes, pousadas sobre o colo, traziam unhas bem aparadas e ovais pintadas na mesma cor do vestido.

— *Myerial*. — Dilys se ajoelhou diante do trono.

— *Myerial* — ecoou Gabriella, ao que se dobrou numa reverência profunda e graciosa.

— Levante-se e seja bem-vindo, Dilys, *soa elua* — disse Alysaldria. — Levante-se e seja bem-vinda, *Sirena Gabriella, soa Doalanna, Myerialanna kona Calberna*.

O murmúrio alto de surpresa ergueu-se da corte.

Gabriella lançou um olhar rápido e interrogativo a Dilys, que parecia surpreso e impressionado ao mesmo tempo. Atrás dele, o chanceler Calivan parecia estupefato.

— O que foi? O que acabou de acontecer? — perguntou ela.

— Minha mãe acabou de Falar do Trono do Mar — murmurou Dilys ao ouvido de Gabriella, enquanto se levantavam. — Ela acabou de saudá-la como Sereia e filha, e declará-la herdeira legítima do Trono do Mar e da Casa Merimydion. Ela tornou impossível que qualquer *Donimari* desafie sua posição ou autoridade.

A *Myerial* estendeu as mãos.

— Aproximem-se, meus filhos.

Seguindo os passos de Dilys, Verão subiu os degraus de coral até o estrado do trono e segurou as mãos da rainha.

— Você está bem, meu filho? — O olhar de Alysaldria percorreu o filho com cautela materna, sem perder um detalhe sequer. — Você perseguiu aqueles *krillos* por tanto tempo que comecei a ficar preocupada.

— Eu estou bem, como você pode ver, *Nima* — garantiu-lhe Dilys. — Os *krillos* tiveram ajuda para cobrir os próprios rastros. Mas dei um jeito neles. Como informei em meu relatório, o Tubarão não existe mais.

— Tampouco a Aliança do Sangue Puro. Depois que você mandou notícias, reuni-os para um Interrogatório. Havia mais frutos podres nessa árvore, mas eles já foram arrancados. Nemuan, esse traidor, foi declarado *kado'ido*, um pária sem Casa cujo nome foi varrido da Calberna, com todas as imagens e registros dele. Os demais que confessaram ter participado do conluio com ele já foram ao encontro do kracken. Permiti aos demais membros das Casas dos traidores que vestissem branco em luto pelos filhos, mas com a condição de que repudiassem e dissolvessem imediatamente a Aliança do Sangue Puro e se juntassem a mim na recepção de

minha nova filha, reconhecendo-a como a benção de Numahao que ela é.

— Parece que não deu muito certo — murmurou Dilys, olhando para os rostos fechados ao redor da sala que expressavam o ressentimento mal contido dos antes fervorosos partidários da Aliança do Sangue Puro.

— Não me importa. Eles alimentaram a rebelião e criaram terreno para os traidores. Eles têm sorte que eu não lhes tenha expurgado a Casa inteira. Uma Sereia regressou para a Calberna. Eles podem ou aceitá-la, ou ir ao encontro do kracken como os parentes traidores deles. Mas já chega de política baixa. — Em uma mudança abrupta de assunto, Alysaldria voltou o sorriso dos olhos dourados a Gabriella. — Você não é a Estação que tínhamos escolhido para meu filho.

Os lábios de Gabriella esboçaram um sorriso irônico.

— Foi o que ouvi, *Myerial*.

— *Nima*, minha filha. Você deve me chamar de *Nima* agora. Você pode até ser *oulani*, mas também é uma Sereia ligada a meu filho por sangue e sal. Logo, também é ligada a mim, tornando-se minha filha e filha de minha Casa. Minha alegria é incomensurável. — A voz dela vibrava com sinceridade.

— *Nima*. — Gabriella sentiu um calor no peito. Tinha vivido a maior parte da vida sem mãe. Ter uma de novo... era mais do que podia querer desde a infância. — Eu que estou cheia de alegria. Dilys me falou muito da senhora.

Alysaldria ergueu a sobrancelha para o filho.

— Coisas boas, devo esperar.

— É claro. — Gabriella umedeceu os lábios. — Sei que não sou a esposa que vocês teriam escolhido para ele, mas prometo que irei fazê-lo feliz.

Os lábios da *Myerial* se alargaram em um sorriso largo tão deslumbrante quanto o do filho e uma covinha mais pronunciada do que a dele se formou na bochecha de Alysaldria.

— Você está enganada, minha cara. Meus conselheiros podem até ter achado que uma de suas duas irmãs seria uma escolha melhor, mas não foi meu caso. Eu confiei a meu filho a decisão de reivindicar a mulher que achasse melhor para ele. Você o ama?

— Demais.

— Nesse caso, ele ultrapassou meus maiores desejos para ele, pois é visível que ele ama você mais do que qualquer *akua* já amou ou poderia amar sua *liana*. Que você seja uma Sereia capaz de trazer a mais antiga, poderosa e venerada magia da Calberna, isso é uma qualidade a mais, qualidade que jamais imaginaríamos poder obter, e somente prova que mesmo os conselheiros mais sábios podem cometer erros às vezes. — Ela lançou um olhar na direção do grupo de calbernanos de pé à esquerda do trono. Eram os conselheiros, deduziu Gabriella, quando vários deles pareceram nitidamente envergonhados.

— Tenho certeza de que eles foram movidos apenas pelos interesses de Dilys e da Calberna — disse Gabriella, falando em tom alto o bastante para os cortesãos mais próximos do trono, incluindo os conselheiros, pudessem ouvir. Ela não tinha como mudar o passado, mas podia fazer o possível para tornar seu caminho ali mais brando, incluindo abaixar as penas eriçadas daqueles que teriam escolhido uma esposa diferente para seu príncipe. — Passei uma vida inteira reprimindo e mascarando meus dons por medo de machucar as pessoas com eles. Seus conselheiros viram exatamente o que eu queria mostrar a todos: que eu era a filha mais fraca do Rei de Verão. O Dilys, no entanto, me convenceu de que o poder que passei a vida temendo não precisava ser um perigo às pessoas que amo, mas uma vantagem para o seu, para o *nosso*, povo. Graças a você, *Myerial*, *Nima*, graças às suas boas-vindas calorosas e amáveis. Como falei mais cedo ao seu irmão, o lorde chanceler Calivan, eu me empenharei em servir à Casa Merimydion, à Calberna e a todo o povo das ilhas com o meu melhor.

— Tenho certeza disso, *moa alanna*. Nós iremos começar os preparativos para a coroação imediatamente. Eu, é claro, abdicarei do trono e passarei a você os dons que a *Myerial* Siavaluana me deu no leito de morte.

— Alys! *Ono!*

Alysaldria trespassou o irmão com um olhar afiado o bastante para silenciar-lhe o rompante displicente.

— Como Sereia, Gabriella, o Trono do Mar pertence a você por direito — continuou a mãe de Dilys. A voz dela tinha um tom cortante, um aviso claro contra futuros dissidentes. — Não é certo que eu mantenha a coroa quando Numahao enviou à minha Casa uma filha com o maior de seus dons.

Gabriella conseguia sentir a multidão de olhares pousados sobre as costas, mas, apesar do silêncio no salão do trono, ninguém emitiu som algum. A Calberna era uma terra fundada em tradições. Ela era uma estrangeira, uma *oulani* desconhecida que foi lançada repentinamente no meio deles. Calivan pode ter sido o único a verbalizar o despeito quanto à decisão da irmã de abdicar, mas ela duvidava que ele fosse o único a carregar tal sentimento.

— Fico honrada com sua confiança, *moa Myerial* — começou ela, cautelosamente — e desejo servir à Calberna com minhas melhores habilidade, mas a senhora é a rainha, não eu. Ao fim e ao cabo, eu sou uma estranha nessa terra e para seu povo.

— Isso não importa. A lei é clara. A Sereias governam a Calberna. Você é uma Sereia. O Trono do Mar é seu.

Gabriella mordeu o lábio. Ela primeiro entrou em discussão com Calivan; agora, com a rainha. Ela não queria iniciar seu primeiro dia em seu novo lar entrando em briga com todos os membros da família de Dilys, mas a ideia de, de repente, se tornar responsável pelo governo de uma nação inteira era mais do que avassaladora.

— Mas precisa ser tão imediato? — pressionou ela. — Tanta coisa aconteceu tão rápido, *moa Myerial*. Preciso de tempo para me ajeitar a meu novo lar e me tornar familiar com as tradições de meu novo país. Preciso dar aos calbernanos a oportunidade de me conhecerem e vice-versa. E também para trabalhar a seu lado, aprender a ser uma rainha digna de governar essas grandes Ilhas.

— Não é necessário. Você é uma Sereia. Seu valor é inquestionável.

Ao lado dela, Dilys trocou o peso de um pé para o outro. O movimento leve, quase imperceptível, fez Verão se dar conta da inquietação crescente dele. Gabriella começou a se sentir irritada.

— Agradeço por sua confiança em mim, *Myerial*. Sugiro que discutamos os detalhes da sucessão mais tarde, depois que eu e meu *akua* tivermos oportunidade de descansar de nossa jornada.

— Muito bem, mas devo alertá-la, você não irá mudar minha decisão quanto a esse assunto.

— Nesse caso, nossa discussão será bastante animada, pois também não vou. E o Dilys sabe muito bem como posso ser teimosa quando estou decidida a não fazer algo.

Dilys deu uma risada levemente forçada.

— Ah, *tey*, minha *liana* é proverbialmente inamovível às vezes.

— É mesmo? — Alysaldria ergueu uma das sobrancelhas. O poder vibrava na voz dela.

Gabriella encarou o desafiador olhar dourado da sogra bem de frente.

— *Tey* — respondeu com a voz repleta de poder —, ela é.

As duas permaneceram em silêncio por longos instantes — os dois maiores poderes da Calberna, um diante do outro —, medindo-se mutuamente, ambas se recusando a ser a primeira a desviar o olhar. Verão tinha passado a vida inteira acalmando as pessoas e, sutilmente, persuadindo-as a ceder da birra. O direito a sua autonomia, no entanto, não seria disputado com charme. Não dessa vez. A mãe de Dilys estava nitidamente acostumada a ceifar os obstáculos do caminho a base da força de vontade e poder. Gabriella, porém, estava cansada de ser a doce Verão. Ela era uma criatura com grandes poderes e não seria intimidada a fazer algo que não queria.

Além disso, se *porventura viesse a* assumir o trono daquele rainhado, não tinha como tolerar que as *Donimari* a dobrassem no primeiro desafio de autoridade. Essa era uma das lições que tinha aprendido com o pai: ninguém respeita a fraqueza.

Abruptamente, Alysaldria deu um sorriso largo e luminoso.

— Ah, meu filho, sua *liana* vai te manter em rédea curta.

Dilys soltou a respiração que vinha segurando há tempos e respondeu à mãe com um sorriso também cheio de covinhas:

— Eu sei bem disso, *Nima*. E agradeço a Numahao todos os dias. A mãe dele se levantou do trono.

— Venha, *moa alanna*. Deixe-me apresentá-la às *Donimari*.

Capítulo 28

Os próximos dias passaram voando enquanto Gabriella se estabelecia em sua nova vida. Ari tinha acordado e estava melhorando, ainda que, por causa de tudo o que sofreu, sua memória do cativeiro fosse apenas fragmentária. Na opinião de Gabriella, a perda dessas memórias em particular parecia mais uma bênção do que uma maldição. Ela mesma carregava algumas que gostaria de esquecer.

Dilys estava abraçando com gosto o papel de homem casado. Ele havia renunciado ao posto na marinha calbernana para poder assumir as tarefas diárias de administração do conglomerado de negócios da Casa Merimydon.

Ainda que Gabriella tenha permanecido inabalável em sua recusa de assumir o lugar de Alysaldria como *Myerial*, as duas tinham chegado a um acordo. Alysaldria continuaria sendo a *Myerial* até um futuro próximo. Em contrapartida, Gabriella concordou em passar cinco horas por dia como aprendiz da mãe de Dilys, familiarizando-se com o estado atual dos negócios calbernanos e os deveres de sua rainha, tanto para auxiliar a *Myerial*, quanto para se preparar para o dia em que eventualmente assumiria o trono. Por insistência da *Myerial* Alysaldria, Gabriella passou outras cinco horas do dia com o lorde chanceler Calivan, que assumiu a responsabilidade de ensinar a Gabriella a história da Calberna, de suas famílias reais e tudo o que se sabia acerca das Sereias.

— Desde o Massacre das Sereias, há dois mil e quinhentos anos, a Calberna tornou uma missão nacional buscar, liberar ou destruir todo registro escrito sobre as Sereias — informou a Gabriella, conversando enquanto desciam o tudo de vidro espiralado que levava da plataforma central do palácio a outra estrutura menor, completamente submersa, construída uns doze metros para dentro da cratera do vulcão. — Nosso principal objetivo era apagar a prova

da existência e habilidades delas, relegá-las ao reino do mito e da lenda. A esperança era, é claro, que quando as Sereias retornassem para nós, o mundo tivesse se esquecido da verdadeira extensão de seus poderes. Dessa forma, o mundo não teria motivos para se inquietar pela volta delas e nenhuma razão para se unir contra nós, permitindo, assim, que as Sereias pudessem aumentar em número e devolver sua grande força e dons a nosso povo.

— O Dilyls me contou sobre o Massacre — murmurou Gabriella.
— Consigo entender o motivo de os calbernanos precisarem tomar tais precauções.

Ainda que estivesse prestando total atenção ao que Calivan lhe dizia, o olhar dela sorvia a vista do mundo subaquático do lado de fora das paredes de vidro da passarela. As águas por ali, nas profundezas da cratera, eram mais escuras. Ainda era possível enxergar com nitidez o céu claro acima, mas, abaixo, o mundo aquático ficava turvo e sombrio. As luminárias arredondadas ao longo do teto da passarela iluminavam um recife diferente daquele no patamar de cima. Havia menos peixes ali. Os corais e os peixes eram mais escuros e menos coloridos do que os mantidos nas águas quentes e bem iluminadas de cima, mas, ainda assim, eram lindos.

Biross e Tarrant, dois dos novos guardas de Gabriella, caminhavam logo trás; suas presenças enormes faziam-na se sentir confortável. Quatro dos guardas pessoais da *Myerial* também a acompanhavam — dois à frente e dois atrás. Era um detalhe de segurança que, assim a informou Calivan, tinha se tornado padrão desde a morte da *Myerial* anterior e sua filha.

— A história das Sereias foi preservada para a posteridade na biblioteca privada das *Myerials* — prosseguiu Calivan, enquanto caminhavam. — São documentos que descrevem os diversos dons e grandes feitos das maiores Sereias da Calberna. Histórias de suas batalhas e sacrifícios. Memórias pessoais das Sereias, de seus parceiros e de seus principais confidentes e conselheiros. Coisas fascinantes. As *Myerials* e os lordes chanceleres ao longo das eras guardaram tais informações na esperança de que pudessem ser usadas para treinar as futuras Sereias a manusearem seus dons.

Gabriella acenou com a cabeça.

— Você acha que lá tem informações que possam me ajudar a controlar melhor meus dons de Sereia.

— Sei que tem. — Calivan sorriu para ela. A seda fina da *obah* dele (feita em um tom cobre que contrastava com a *shuma* azul-esverdeada) balançava ao redor dele a cada passo, fazendo cintilar e tilintar a franja de pérolas escalonadas, as contas verde-azuladas e os pequenos discos de cobre oxidado nas bordas da *obah*. — Estudar magia sempre foi um passatempo meu, especialmente os tipos de magia capazes de ajudar ou machucar uma Sereia. Alys, minha irmã, pode não ser uma Sereia por completo, mas ela sempre teve dons extraordinários. É uma das *imlani* mais fortes nascidas desde as Sereias. Decidi muito jovem que aprenderia tudo o que fosse capaz para protegê-la e evitar que um ataque como o Massacre ocorresse novamente.

— Consigo entender o porquê. — Gabriella pensou nas próprias irmãs e em todas as formas como reprimiu a própria magia para mantê-las a salvo. — Irmãs são preciosas.

— São mesmo, de fato. — Havia uma tristeza estranha nos olhos dourados dele e uma melancolia saudosa nos cantos da boca. A expressão de Calivan ficou pensativa e levemente pesarosa. Em seguida, ele sorriu outra vez e fez aquela expressão passageira desaparecer. — Agora que você veio à Calberna, a primeira Sereia da Mystral desde o Massacre, posso mostrar as habilidades e artefatos que juntei ao longo dos anos para manter a Alys segura e forte.

— Estou ansiosa para aprender qualquer coisa que você possa me ensinar. Dilys provavelmente o informou que sempre tive... medo de usar minha magia. Nem sempre fui capaz de controlá-la. Por isso insisti que Biross e Tarrant viessem comigo hoje. — Ela acenou para os dois guerreiros enormes caminhando logo atrás. — Como vamos fazer exercícios mágicos, eles vieram caso eu invoque magia demais e precise de alguém para sugar o excesso.

Calivan arqueou uma das sobrancelhas.

— O Dilys me contou que você é muito dotada.

— Perigosamente dotada. Mantive meus dons reprimidos ao longo de toda a vida. Só assim fui capaz de impedir de machucar as pessoas por acidente, mas essa opção não existe mais. Minha

magia se tornou poderosa demais para ser contida o tempo todo e ela se repõe tão rápido, que me preocupo em não conseguir conter toda a pressão. — Ela olhou para Calivan cheia de esperança. — Te parece que seus estudos mágicos podem me ajudar com isso?

— Acredito que sim. De relance, já consigo pensar em várias técnicas que podemos experimentar. Há pelo menos três Sereias da antiguidade que tinham reputação de serem extraordinariamente poderosas. Podemos buscar alguma menção nos diários delas sobre como faziam para não machucar as pessoas ao redor com os poderes.

Eles tinham chegado ao fim do tubo espiralado e entraram num edifício que tinha sido cravado no coral e que conduzia diretamente à rocha vulcânica íngreme da cratera. A pedra escura e esburacada tinha sido deixada bruta em alguns lugares e, em outros, aplainada e marchetada com lindos mosaicos detalhados representando o que pareciam ser cenas da história da Calberna: homens e mulheres nadando e caçando entre os peixes; vulcões em erupção jorrando rios de lava laranja para dentro dos oceanos fumegantes; mulheres da antiguidade com olhos dourados de pé, dando ordens de sobre grandes promontórios, com os braços estendidos na direção de enormes ondas espumantes brancas quebrando contra as rochas.

A parede do espaçoso salão que dava para lagoa era uma enorme bolha de vidro límpido. Ela oferecia uma vista subaquática espetacular da cratera, de uma parte do palácio e do vibrante recife de corais logo acima. Perto da parede de vidro, uma grande piscina cravada no chão dava acesso direto às águas profundas da lagoa, de modo que os calbernanos podiam entrar e sair à vontade por ali.

Gabriella se deteve para sorver a vista subaquática da lagoa.

— Que lindo.

Calivan parou ao lado dela.

— *Tey*. O mar é um dos maiores tesouros da Mystral. É um mundo secreto de belezas sem paralelo e que a maioria dos *oulani* nunca conhecerão. — Depois de um instante, ele se virou e acenou na direção da porta cravada na rocha vulcânica. — Por aqui, *Sirena*.

Ela e os dois guardas atravessaram a porta logo atrás de Calivan. Atrás da porta, jazia um grande salão sem janelas cravado fundo na rocha preta do vulcão extinto. Estantes de livros tomavam todas as

paredes e formavam longas fileiras ao longo de todo o salão. Cada uma delas era repleta de livros, pergaminhos e pilhas de papéis.

— Os arquivos das Sereias — anunciou Calivan. — Esta sala contém todos os relatos históricos remanescentes das Sereias, incluindo textos das bibliotecas da Calberna e documentos que nós... hã... liberamos de bibliotecas e coleções privadas de toda Mystral ao longo dos últimos dois mil e quinhentos anos.

— Impressionante. — Ela caminhou até uma das estantes mais próximas e puxou um livro da prateleira, folheando as páginas surpreendentemente novas. — Esse aqui parece bem recente.

— Nós transcrevemos os textos mais antigos para que a informação não se perdesse. Os originais mais delicados são mantidos em uma sala de conservação especial para atrasar sua inevitável deterioração.

— Hum. Muito inteligente. — Ela devolveu o livro à prateleira e tirou o pó das mãos. — E então, começaremos por aqui meus estudos da história das Sereias?

— *Ono*. Eu irei compilar uma versão condensada das informações que acredito que você julgará mais útil. Mas, primeiro, acho que devemos começar testando sua magia, para eu entender com o quê exatamente estamos trabalhando.

Gabriella oscilou com o peso de um pé para o outro. Era ridículo estar nervosa daquele jeito. Graças ao Grito que tinha feito o mar engolir Trinipor, seus reservatórios mágicos, apesar de estarem longe de esvaziar, ainda não transbordavam. Ela devia ser capaz de fazer alguns testes sem colocar ninguém em risco.

Endireitando as costas, Gabriella forçou um sorriso para empurrar o nervosismo desconfortável para o fundo do peito.

— É claro — disse ela, contente pelo tom calmo e frio que não lhe entregou o medo tenso. Ela olhou ao redor da biblioteca. — Considerando o valor de toda essa informação, porém, acho que não deveríamos iniciar os testes aqui.

Calivan soltou uma risada.

— *Ono*, devo dizer que não. — Os lábios dele se curvaram em um sorriso de bom-humor verdadeiro. — Tenho um laboratório particular onde faço a maior parte de meus experimentos mágicos.

Fica por aqui. — Ele começou a caminhar na direção de outra porta, flanqueada por dois guardas, em um dos lados da biblioteca.

Gabriella olhou por sobre os ombros para garantir que Biross e Tallant vinham logo atrás. Em seguida, foi atrás do tio de Dilys.

— A segunda frota irá zarpar hoje. A limpeza do Olemas ainda não acabou. Quanto a você, Ryll — Dilys ergueu a mão em antecipação à objeção iminente do primo —, prometi a Khamsin das Tempestades que levaria as irmãs dela de volta para casa. Tão logo Ari estiver de pé outra vez, quero que vocês voltem a Konumarr com os restos de Primavera e Outono. Vocês serão meus enviados à Cordilheira Invernal e vão oferecer o contrato de aliança da Calberna nossa nova família nas Ilhas Æsir. Vocês levarão nossos outros irmãos com vocês. De acordo com os termos de meu contrato, vocês ainda têm direito a algumas semanas de cortejos. Meu maior desejo é que vocês dois encontrem *lianas* por quem se apaixonem, como me apaixonei com Gabriella.

— É improvável que isso aconteça. — Ryll sorriu, sentidamente.
— A *Sirena* é única.

— Eu não teria tanta certeza disso. Afinal de contas, o sangue de Sereia dela veio algum lugar.

Ryll ergueu uma das sobrancelhas.

— Você acha que existem mais Sereias por aí?

— Acho que, com certeza, é uma possibilidade. É por isso que, quando você e Ari levarem as Estações de volta para casa, quero que ambos comecem a investigar. Depois do Grito estrondoso de Gabriella e de nossa batalha com Nemuan, não temos como garantir que nosso segredo continua a salvo. Quer dizer que, se existirem outras como ela, também não estarão a salvo. Muitos vão reivindicar esse poder para si... e não apenas os comedores de magia.

— Comedores de magia. — Ryll cuspiu essas palavras como uma maldição e caminhou de um lado para o outro diante das janelas circulares do escritório de Dilys no palácio. Do outro lado do vidro espesso, peixes tropicais cintilantes vagavam entre os recifes de corais no grande lago de Cali Va’Lua. — Eu ainda não consigo acreditar que Nemuan tenha ido tão fundo no poço. Tampouco

acredito que ele fosse o Tubarão! Ele era Príncipe da Calberna, filho de uma grande *Myerial*. Como pôde nos trair... trair a própria mãe! Como pôde trair tudo o que foi criado para honrar e proteger! Ainda mais de forma tão vil e imperdoável?

— Ele estava louco de luto — disse Dilys. — A ideia de uma mulher *oulani*, mesmo que Sereia, sentada no trono que pertenceu à mãe dele lhe era insuportável.

— Foi mais do que isso — disse uma voz conhecida vinda de trás.

Dilys e Ryll se viraram:

— Ari!

O primo apareceu junto à porta. Seus braços, a perna esquerda e o torso traziam bandagens pesadas. A perna direita, quebrada, trazia uma tala grande do tornozelo até acima do joelho. Ari estava apoiado numa muleta enfiada sob o braço esquerdo. Sua pele cor de bronze trazia um aspecto amarelado e rugas profundas de dor desciam do nariz ao canto da boca. Ele tinha removido as bandagens do rosto, explicitando os retalhos irregulares de ferimentos vermelhos cujas bordas tinham sido costuradas com linha preta. Os curandeiros já haviam informado Ari que não tinham como prevenir cicatrizes, que a única esperança de as minimizar era não tomar sol por ao menos um ano. Como se isso fosse possível. Ainda que ele e Dilys tivesse outrora sido o reflexo um do outro, ninguém nunca mais os confundiria.

— O que você está fazendo aqui? — Dilys deu um salto e contornou a escrivaninha, apressando-se em direção ao primo ferido. Ryll, porém, chegou mais rápido e passou o braço ao redor das costas de Ari, guiando-o a uma das grandes poltronas diante da escrivaninha de Dilys.

— Sente-se, Ari. Sente-se antes que caia.

Ari fez uma carranca. Em seguida, estremeceu-se de dor com o movimento que lhe puxou os pontos do canto da boca.

— Está tudo bem, Ryll. Não precisa exagerar.

— Você não deveria estar acordado, menos ainda zanzando de um lado para o outro. O Calivan o estava sedando para acelerar sua recuperação! Como sua mãe o deixou sair da cama? — A mãe de Ari ficou colada à maca do filho desde que ele fora trazido do navio

de Dilys. Ninguém, nem mesmo Calivan, tinha sido capaz de removê-la do lado do leito.

Ari caiu em uma das poltronas e sorriu diante da própria fraqueza.

— A *Nima* está dormindo. Eu precisava falar com Dilys, daí coloquei a poção que o Calivan tinha preparado para mim no chá dela. Eles não vão ficar muito felizes comigo, mas pelo menos minha *nima* irá dormir algumas horas ao invés de Esvanecer de preocupação por minha causa. — Ele mudou de posição na cadeira e soltou um resmungo de protesto.

Dilys apertou o maxilar. A culpa era dele. Ele tornou o primo um alvo. Nemuan o havia sequestrado e torturado... para atingir o Dilys.

— Sinto muito, Ari. Eu não queria que isso acontecesse. Se eu pudesse tirar sua dor e carregá-la em mim, eu o faria.

Ari pestanejou de surpresa e, em seguida, sorriu gentilmente.

— E você acha que eu não sei disso? O que aconteceu comigo não foi culpa sua. O único culpado é o Nemuan. — Ele deu um sorriso triste. — E minha, por não ter sentido o cheiro da traição quando o navio dele veio ao meu e me abordou.

— Isso é besteira. Ele enganou a todos nós. Mesmo depois de saber que ele era o meu inimigo, não me dei conta da extensão de sua traição. Afinal de contas, ele era filho de uma *Myerial*. Mesmo louco de luto, ele deveria ter tido força para defender a honra da própria Casa.

— De uma forma muito distorcida, ele achou que o estava fazendo. É sobre isso que eu gostaria de conversar com você. — Ari fez uma careta ao estender a perna com a tala. — O Nemuan culpava a Casa Merimydion pela morte da mãe e da irmã. Disse que o desmoronamento do templo antigo, que matou a Nyamialine e os demais, foi proposital. A alegação dele era que sua Casa orquestrou o desastre para colocar sua *nima* no poder.

— Que absurdo! — Dilys sentiu a raiva irromper e as garras de batalha pressionarem contra a ponta dos dedos. Se pudesse, ele reduziria Nemuan a pó outra vez. — Aquele *farking* idiota traiu o próprio povo, virou um comedor de magia, assassinou calbernanos, depois sequestrou, torturou e vendeu as Estações da Veralea pois achou que minha família tinha assassinado da *Myerial* e a filha dela pelo Trono do Mar? Minha *nima* nunca quis esse fardo! Por

Numahao, desde a morte de meu pai, ela só queria se juntar a ele. Todo dia foi um tormento para ela! Meu tio e eu lutamos diariamente para impedir que ela Esvanecesse! E aquele *krillo* louco, cretino e traidor achou que a Casa Merimydion conspiraria para lhe dar o fardo e a responsabilidade de governar toda a Calberna?

— Eu sei disso, você sabe, mas ele não.

— E a Nyamialine? Ele achava que minha Casa também conspirou para matá-la?

— *Ono*, ele achava que a morte dela era completamente accidental. Não era para ela estar no templo, lembra? Ela entrou no grupo no último minuto. — Ari mudou de posição na poltrona. — Foi por causa da Mia que Nemuan achou que eu poderia me juntar a ele na loucura. Ele achou que por Mia ser minha irmã, eu ia querer vingá-la, justificando sua Casa. Eu disse a ele que comesse *merde* de baleia. Ele disse que eu poderia me juntar a ele por livre e espontânea vontade ou senão ele tomaria minha mente e me forçaria a fazer à vontade dele.

— Isso não é possível — protestou Ryll.

— Eu achei a mesma coisa. Mas, para provar que era capaz disso, ele enfeitiçou dois soldados meus desenhando algum tipo de símbolo rúnico com tinta vermelha na testa deles e usou a Voz dele para convencê-los de que eu era o responsável pelo sequestro da *Sirena*. Em seguida, Ordenou a eles que me torturasse. *E eles o fizeram*. — Ari soltou uma risada oca, sem graça. — Foram meus homens que me deram a maior parte dessas feridas. Soldados com quem naveguei por anos. Homens a quem confiava minha vida. Quando Nemuan se deu por satisfeito, Ordenou a meus homens que se afogassem. *E eles o fizeram*. Foi assim que ele matou Fyerin e os demais. E por isso também que eles estavam todos marcados. Ele usou a marca para esconder o feitiço que tinha usado. E depois usou o mesmo feitiço em mim.

Dilys olhou para o curativo ainda preso à nuca de Ari.

— É o círculo rúnico de que Gabriella me falou. Aquele que você arrancou a própria pele para remover.

— *Tey*. — Ari começou a levar a mão à ferida, mas recuou antes de tocá-la. — Não sei se a Ordem que ele me deu ainda tem efeito sem a marca, por isso é melhor vocês tomarem precauções. Me

tranquem em um lugar onde eu não possa machucar ninguém. Pois, enquanto me torturava, ele ficava o tempo todo dizendo como me usaria para destruir sua Casa, para que você conhecesse a dor que os Merimyditions trouxeram à dele.

— Não vou trancá-lo, Ari. O fato de você estar aqui me contando tudo isso é prova suficiente de que o feitiço de Nemuan se rompeu.

— Ainda assim, seria bom você me colocar sob guarda. Só para garantir.

Dilys afastou a sugestão de Ari com um aceno de mão.

— Por que o Nemuan estava tão certo de que minha Casa estava envolvida nas mortes da mãe e da irmã dele.

— Ele disse que viu as provas com os próprios olhos. Levando em conta que ele estava em conluio com o Mur Balat, posso imaginar de onde a tal prova veio.

— Como se qualquer coisa vinda de Mur Balat pudesse ser acreditada.

— Balat pode ter sido muitas coisas, mas ninguém jamais o acusou de desonestidade.

— Provavelmente porque os que o fizeram acabaram mortos.

— Verdade, mas os agentes de informação que vendem mentiras para pessoas poderosas não tendem a viver muito tempo.

— Então você acha que o Nemuan contratou o Balat para descobrir quem tinha matado a mãe e a irmã dele?

Ari deu de ombros.

— Ou foi isso, ou o Balat se deparou com a informação e a usou quando foi conveniente.

Dilys se encaminhou à porta.

— Aonde você vai? — perguntou Ari.

— Vou visitar minha mãe. Se existe, de fato, um traidor em nossa Casa, ela precisa saber disso.

O laboratório mágico de Calivan Merimydition era impressionante. Enquanto o lorde chanceler coletava itens e os colocava dentro da bolsinha presa à cintura, Gabriella vagava pelo recinto espaçoso inspecionando livros, os cristais de todas as cores e formatos, as numerosas prateleiras cheias de jarras etiquetadas de ingredientes

para poções e o que parecia ser uma enorme coleção de artefatos mágicos.

— Você parece ser um grande estudioso de magia — disse ela.

— *Tey*. Sempre foi um passatempo meu.

Calivan chamar o próprio interesse por magia de “passatempo” era um eufemismo e tanto. Aquilo não era um passatempo. Era uma obsessão.

— E por que tamanho interesse?

Calivan deu de ombros.

— Sou calbernano. Não poder arriscar minha vida e a felicidade de minha irmã em busca de ouro e fama, como os demais guerreiros, não implica que eu não possa buscar outros métodos de proteger meu povo e as mulheres de minha Casa. Agora, antes de começarmos, preciso que você compartilhe um pouco de seu poder comigo. Assim que eu compreender quais são seus dons, poderei treiná-la melhor em como usá-los e controlá-los. — Calivan estendeu as mãos.

Verão não se moveu para segurá-las. Desde que o Tubarão, a ideia de tocar qualquer calbernano que não Dilys lhe parecia execrável. Com o Ari, é claro, era diferente. Ela estava tentando salvar a vida dele e ele estava ferido demais para representar uma ameaça. Verão sequer achava que seria capaz de tocar os próprios guardas, exceto em caso de extrema urgência. Eles, porém, eram homens de confiança de Dilys, soldados escolhidos a dedo para protegê-la e absorver qualquer excesso de magia que ameaçassem sobrepujá-la.

Obviamente, depois que se tornasse *Myerial* e *Donima* da Casa Merimydion, ela teria que se desembaraçar da fobia de ser tocada. Era ridículo esperar que Dilys servisse a ela de condutor para todos os dons que quisesse dar de presente. Seriam dons demais. Verão estava destinada a ser o motor de alimentação de uma nação inteira. De acordo com a mãe de Dilys, era esperado — não, era exigido — das filhas grávidas da Casa Merimydion que compartilhassem seus dons com os filhos para que estes nascessem *imlanis* fortes. As filhas poderosas das Casas reais esperavam o mesmo, para que mais Sereias nascessem. Os filhos

da Calberna a caminho da guerra também mereciam os benefícios dos dons que ela pudesse lhes dar.

Verão não podia mais encarar todos com suspeita. Nem todo homem no mundo era um estuprador em busca de uma vítima. Nem todo calbernano era um comedor de magia babando para tomar à força a magia que ela não quisesse compartilhar de bom grado.

Ainda assim...

— Não posso apenas demonstrar meus dons? Isso não lhe daria uma boa ideia do que posso fazer?

— Do que você pode fazer, sim, mas não do tipo ou da quantidade de poder que é capaz de gerar.

— Sou capaz de gerar bastante.

— Naturalmente. Afinal de contas, você é uma Sereia. Entretanto, seria muito mais benéfico descobirmos quão poderosa você é enquanto Sereia. Isso me permitirá ajustar as aulas às suas necessidades.

O raciocínio dele fazia todo sentido. É claro que ele precisava compreender ao máximo o poder dela para poder ajudá-la a controlá-lo. Por que, no entanto, Verão hesitava? Calivan era o tio de Dilys, irmão gêmeo da *Myerial*. Ele não poderia desejar mal a ela.

Ainda assim, o corpo dela latejava inteiro em resistência à ideia de deixar Calivan lhe tocar a pele.

Enganado quanto aos motivos da resistência dela, Calivan disse:

— Você não precisa se preocupar em gerar mais poder do que seus guardas e eu podemos conter. Me dei a liberdade de preparar vários cristais capazes de estocar o excesso de poder. — Ele puxou uma pedra brilhante e bem polida do tamanho de um ovo de ganso do bolso preso à cintura. — É uma de minhas descobertas recentes de artefatos mágicos. Esse cristal pode ser carregado com energia vinda de qualquer fonte e usado para vários propósitos. Ele pode ser usado para alimentar artefatos mágicos. A energia também pode ser extraída e usada por alguém com conhecimento e habilidades, os calbernanos, por exemplo, sem grandes perdas de poder.

— Você pretende estocar meu poder nessas pedras? — perguntou ela.

— Espero que sim. Eu certamente gostaria de fazê-lo. Isso me possibilitaria medir com precisão a quantidade de poder que você é capaz de gerar, mas também experimentar com sua magia sem precisar toda hora de sua presença.

— Preciso refletir um pouco sobre isso. E se começarmos com uma demonstração e vermos depois essa questão de compartilhar meu poder com você ou estocá-lo em pedras? — Ela corou um pouco, envergonhada pela própria resistência. Ela não queria que Calivan pensasse que ela não gostava ou não confiava nele. Ele era um membro importante da família.

Calivan felizmente não pareceu ficar ofendido.

— Podemos fazer isso, é claro, se for deixá-la mais à vontade. Mas não poderei compreender a fundo com o que estamos lidando até que você compartilhe seus dons comigo. Toda pessoa que detém grandes poderes os manipula de forma levemente distinta da outra. É nessas diferenças que mora a verdadeira chave para o controle.

Ela corou novamente e mordeu o lábio em resposta à própria covardia.

— Claro. Faz todo sentido. É só que... bom, depois do Tubarão...
— A voz dela se deteve.

— Eu entendo. — Havia bondade nos olhos de Calivan. Suave, a voz dele era repleta de sinceridade e empatia. — Sinto muito. Eu mesmo devia ter levado isso em consideração. Venha comigo, tenho uma câmara reforçada no fundo da montanha onde você poderá demonstrar seus dons sem temer machucar ninguém.

— Dilys? O que está acontecendo? Por que você está revirando o escritório do Príncipe Nemuan? — Em ondas de seda e perfume, Alysaldria entrou no pequeno escritório do palácio antes designado a Nemuan Merimynos, em sua condição de comandante da Quarta Frota. Atrás dela, dois guardas posicionaram-se em ambos os lados da porta.

— Estou atrás de informação. — Dilys continuou revirando as gavetas. Quando a procurou, a mãe estava em reunião com as *Donimari*, por isso Dilys decidiu revistar o escritório de Nemuan atrás de pistas acerca da identidade do traidor enquanto ela não

terminava o compromisso. — O Ari disse que Nemuan culpava a Casa Merimydion pelas mortes da mãe e da irmã. Minha esperança é que ela tenha mantido algum tipo de diário que me dê pistas do que achava quanto a isso.

— Se ele manteve um diário, é improvável que o guardasse aqui. Não que eu dê muito crédito às bravatas de Nemuan. O coitado do rapaz estava nitidamente louco de luto.

Dilys ignorou o fato de a mãe ter chamado Nemuan, um homem que tinha passado dois anos aterrorizando marinheiros pelo Oceano de Olemas, de “coitado do rapaz”. Para ela, apesar da traição, Nemuan continuava sendo filho de uma *Myerial* e um primo que ela viu crescer desde a infância. A traição dele foi o desfecho final e trágico de uma vida descarrilhada pelo sofrimento. A mãe de Dilys tinha dificuldades em ver o mal nas pessoas que amava.

— Tão louco de luto que passou quase vinte anos agindo contra nós? — retrucou ele. — Perdoe-me, *Nima*, mas essa não cola.

Ela pousou a mão sobre o ombro nu de Dilys, fazendo um poder suave pulsar ao filho. Era uma carícia delicada de energia compartilhada instintivamente pelos laços do amor maternal.

— Não temos ideia do que o Príncipe Nemuan pensou ao longo de todos esses anos, *moa elua*, nem o que o fez partir para a ação... Ainda que — confessou ela, em tom baixo — me pareça claro que seu iminente noivado com uma mulher *oulani* tenha sido um fator.

— *Nima*. — Não encontrando nada de esclarecedor na última gaveta da escrivaninha nem nos arquivos, Dilys abandonou a busca e se levantou para tomar as mãos da mãe e levá-las aos lábios. — Segundo o Ari, Nemuan foi insistente quanto à Casa Merimydion ser diretamente culpada pelas mortes de Siavaluana e Sianna.

A mão emitiu um som de angústia.

— Que loucura. Como se algum de nós pudesse desejar mal a outra Casa real... sem falar à Casa da irmã tão querida de meu pai!

— Foi o que eu disse. Afinal de contas, que motivos teríamos para isso? *Tey*, a senhora se tornou *Myerial*, mas não queria isso.

— Não, nunca quis. Nunca quis governar a Casa Merimydion. Meu sonho de uma vida perfeita era viver em uma cabana à beira-mar com seu pai, nos amando mutuamente e cuidando de nossos

filhos. — Ela pousou a mão esbelta sobre a bochecha de Dilys e o encarou com os olhos sombreados por um sofrimento antigo, mas ainda forte. — Depois ele morreu e sobreviver um dia após o outro foi praticamente insuportável para mim. Mesmo com você e Calivan ao meu lado, eu me sentia Esvanecendo. Sinto vergonha em dizer que desejei que isso acontecesse. — Os longos cílios lhe recobriram os olhos. — Por mais que eu amasse vocês dois, o que eu mais desejava era me juntar ao seu pai.

A garganta dele embargou.

— Eu sei, *Nima*. — Dilys sempre soube. Na verdade, esse sempre foi um medo que o atormentou: que seu amor de filho, o amor do irmão, o dever à Casa e ao país não bastassem para Alysaldria manter a vida, não quando o luto pelo marido a chamava ao túmulo.

— Ironicamente — continuou Alysaldria —, ainda que eu não quisesse o Trono do Mar, ainda que eu não o queira, a morte de Siavaluana salvou minha vida. Ela me transmitiu os poderes antes de morrer. Esses dons impediram meu Esvanecimento e me ajudaram a ficar firme ao longo de todos esses anos.

Ele franziu a testa.

— Mas o Esvanecimento começou de novo, não?

Ela deu um sorriso pálido.

— Ainda sinto saudades de seu pai, Dilys. A quantidade de anos não irá mudar isso. Agora você se estabeleceu e está feliz, tem uma *liana* que o complete como seu pai me completava, uma parceira verdadeiramente digna de você, que lhe dá a alegria que julguei perdida para você depois da morte da pobre Nyamialine. Venho lutando há anos, mas agora finalmente posso descansar.

Dilys ficou alarmado. Ele apertou os dedos. Ela queria se render ao Esvanecimento!

— *Nima...*

Ela pressionou o dedo contra os lábios e balançou a cabeça.

— *Ono, moa elua*. Não vamos falar sobre isso. Seu pobre tio já está aflito o bastante para vocês dois. Ele não quer que eu morra. Por que você acha que ele tentou casá-lo com uma criança? Por que acha que ele deu um chilique quando jurei pelo Trono do Mar que garantiria a você que sua filha nascesse calbernana de

verdade, com todos os dons necessários a um *Myerial*? — Ela suspirou. — Pobre Cal. Nascer meu gêmeo não lhe trouxe muitas alegrias. Ele devia ter tido uma *liana* para amar. Ele é forte, amoroso, fervorosamente dedicado e tem uma inteligência tão aguda. Seria digno de se casar com uma Sereia. Ainda assim, por uma reviravolta cruel de destino, todo esse amor, força e dedicação ficou acorrentada a uma irmã gêmea em vez de se dirigir a uma parceira que o completasse e que ele pudesse completar.

— Eu nunca o ouvi reclamar.

— Claro que não. Ele jamais sonharia me machucar expressando mínimo arrependimento pelo alto preço que pagou por ter nascido gêmeo. Duvido que ele sequer se permita imaginar uma vida que não a que tem. Isso não torna menos trágico o fato de meu irmão não ter tido uma *liana* e uma família próprias.

Dilys estava impressionado. Ele sabia que a mãe sentia saudades do pai. Como poderia ser diferente? A morte de Dillon Merimydion tinha roubado o brilho do sorriso dela. Mas quanto ao resto...

— Há quanto tempo você se sente assim, *Nima*?

— Para ser honesta? Desde a primeira vez que compreendi que meu amor por seu pai era mais profundo e essencial para mim do que meu amor por Calivan. Foi a primeira vez que me dei conta de que, independente de quanto amasse meu irmão, era a Dillon que meu coração e minha vida estavam irrevogavelmente conectados. Eu amo meu irmão. Eu o amo profundamente. Mas naquela noite horrível no armazém, se os assaltantes tivessem assassinado o Cal em vez de Dillon, eu teria sofrido, teria me enlutado por anos, parte do meu coração teria morrido com ele, mas o Esvanecimento nunca teria me tocado. Seu pai nunca teria permitido que isso acontecesse. Ele me ancoraria à vida da mesma forma que você ancora a Gabriella e ela a você. Esse é o dom de um verdadeiro casamento calbernano. Lamento que meu irmão nunca terá essa alegria para si mesmo.

— *Nima*, você não pode se culpar. Não foi você quem criou a tradição que ata a vida do tio Calivan à sua.

— Tampouco eu a desafiei. — Alys pressionou os cantos dos olhos com os dedos. Ela não estava chorando, mas Dilys a conhecia bem demais para saber que ela estava lutando forte contra isso. Ela

pestanejou rapidamente e respirou várias vezes para se recompor. Uma vez recomposta, ela abaixou as mãos e ergueu o queixo da bem conhecida forma decidida e majestosa. Quando falou novamente, não era a *nima* de Dilys, mas a *Myerial* Alysaldria I: — Mas já chega disso tudo. Você veio aqui com uma preocupação muito concreta. Você realmente acha que um membro de nossa Casa seja responsável pela morte de Siavaluana?

— Acho que Nemuan achava isso. Ah, ele com certeza pode ter inventado toda a história só para conseguir que Ari passasse para seu lado, mas, tão logo Ari recusou-se a nos trair, Nemuan não tinha motivos para manter o fingimento. A não ser que, na cabeça de Nemuan, não fosse mentira.

Alysaldria fez um aceno seco de cabeça.

— Nesse caso, vamos considerar que ele estivesse certo, que o traidor da Calberna, de fato, fosse de nossa Casa. Se Nemuan confiasse tais suspeitas ao papel, ele não o guardaria aqui no palácio, onde membros de nossa Casa circulam tão livremente. Tampouco o confiaria a alguém no palácio, exceto, possivelmente, aos antigos vassalos que serviram a Casa Merimynos antes de chegarmos ao poder. Ou quem sabe alguém com laços com a Casa Merimynos que vive e trabalha dentro dos muros do palácio? Não substituímos todos os membros da equipe com criados nossos depois que assumimos o governo. — Pensativa, ela levou um dos dedos aos lábios. — O ferreiro do palácio, por exemplo, nasceu na Casa Osa, que serviu à Casa Merimynos. Ele mesmo fez as armas de todos os filhos da Siavaluana. É alguém em quem Nemuan teria confiado.

— Me parece um bom lugar para começarmos — disse Dilys —, mas recomendo que os cerquemos todos ao mesmo tempo, para não terem tempo de afinarem as narrativas ao que supostamente gostaríamos de ouvir. Eu também gostaria de mandar alguém para vasculhar os quartos privados de Nemuan, tanto aqui na cidade quanto em Cali Va'Mynos.

— Estou de acordo. — Alysaldria se virou para os dois guardas. — Peris, reúna duas equipes de seus soldados mais confiáveis. Mande uma a Cali Va'Mynos e outra à mansão da Casa Merimynos aqui na cidade. Quero os dois lugares vasculhados de cima a baixo,

com atenção especial aos quartos e escritórios do Príncipe Nemuan. Tragam para cá qualquer tipo de diário pessoal, pedaço de correspondência e bilhete de punho do Príncipe Nemuan. Andion, você irá reunir toda a equipe de criados do palácio e identificar os membros que tenham laços de sangue ou lealdade particular com a Casa Merimynos, bem como qualquer amizade maior com o Príncipe Nemuan.

— *Tey, moa Myerial.* — Peris e Andion fizeram uma reverência profunda. Enquanto o faziam, suas longas tranças de cabelo deslizaram por sobre os ombros. Um lampejo vermelho captou o olhar de Dilys e fez todos os músculos do corpo dele ficarem tensos.

— Esperem! — comandou ele, com a voz cheia de poder.

Os dois guardas entraram em guarda.

— *Moa Myerielua?*

— Andion, mostre-me seu pescoço.

— Meu príncipe?

— Seu pescoço! Mostre-me seu pescoço. — Dilys já tinha avançado para afastar as tranças do guarda, que não resistiu. Andion permaneceu em silêncio e parado enquanto Dilys lhe vasculhava o cabelo, revelando um pequeno círculo vermelho de runas pintadas na pele escura logo atrás da orelha.

— Quem fez isso em você? Foi o Nemuan que o marcou? — Ele segurou o ombro de Andion firmemente.

— Dilys! — Ele quase não se deu conta da reação da mãe que normalmente teria detido, tão obstinada estava sua concentração.

As garras de Dilys saltaram e cravaram o pescoço de Andion. Antes que o homem soldado pudesse se mexer, a outra mão de Dilys disparou à garganta do guarda, envolvendo-lhe a traqueia ameaçadoramente. A ponta afiada de uma das garras passou ao redor do pequeno círculo de runa vermelho atrás da orelha de Andion.

— Vou perguntar uma última vez. Quem fez essa marca em você? — Sangue começou a sair do ombro do guarda, escorrendo para o peitoral coberto de *ulumí*. Como todos os guardas da rainha, Andion era um herói de guerra muito celebrado. Dilys, no entanto, lhe arrancaria a garganta de Andion sem pensar duas vezes, caso ele participasse da conspiração de Nemuan.

— O que deu em você, Dilys? Solte-o imediatamente! — A Voz de Alysaldria estava repleta de Ordem. Dilys sentiu o poder com clareza, mas não a compulsão a obedecê-lo.

— Você não entende, *Nima*. O Ari disse que o Nemuan desenhou uma marca como essa nele e nos soldados dele. Foi isso que permitiu a Nemuan controlá-los com a *susirena*. Foi assim que Nemuan afogou meus soldados, Fyerin e os demais. Ele pintou essa marca neles, Ordenou que se afogassem e eles o obedeceram.

— Não pode ser verdade — protestou Alysaldria. — Essa marca foi feita para *bloquear* o poder de magias e feitiços adversos.

— Quem disse isso à senhora? Pois suspeito que o traidor seja essa pessoa.

A mãe dele ficou pálida sob a pele cor de bronze.

— *Ono*. — Os lábios dela tremeram e ela balançou a cabeça de um lado ao outro em negação perplexa. Alysaldria recuou um passo, distanciando-se de Dilys, e cobriu a boca com a mão trêmula.

Foi quando ele entendeu tudo. A tomada de consciência fez o coração dele bater forte contra o osso esterno. Nas veias, cada gota de sangue esfriou como gelo. Por Numahao.

Doce, bendita, Numahao.

Calivan.

Dilys soltou Andion e avançou na direção da mãe, segurando-a firmemente.

— *Nima*, onde está o Calivan? Onde está seu irmão?

Alysaldria o encarou em pavor mudo.

— Ele está com a *Sirena*. — A resposta veio de Peris. Ele estava com um olhar sinistro e os lábios pálidos. — O lorde chanceler se ofereceu a ajudá-la com a magia. Disse que tinha se debruçado sobre os textos antigos desde que descobrira que ela era uma Sereia, pois queria ajudá-la.

— Aonde eles foram?

— Não sei ao certo. Acho que o ouvi falar do laboratório embaixo da biblioteca da Sereia.

Dilys se virou e disparou em direção à porta.

— Dilys! — gritou a mãe. — Dilys, espere!

Ele não reduziu em nada a velocidade.

— Mande o Ryll vir também — ordenou ele. — Diga a ele que me encontre no laboratório de Calivan com o máximo de soldados que puder juntar. E certifique-se de que nenhum deles esteja marcado!

Capítulo 29

Com Biross, Tarrant e os dois outros guardas da rainha logo atrás, Gabriella atravessou a porta nos fundos do laboratório com Calivan e os outros dois guardas, e adentrou um túnel cujas paredes eram cobertas por um material branco esponjoso. A porta do túnel se fechou atrás deles e o som do trinco fez Gabriella dar um salto de surpresa. Eles estavam bem no âmago da montanha e, com o fechamento da porta, a conexão de Gabriella com o sol tinha sido completamente rompida.

— Não ligue para o trinco automático da porta — observou Calivan. — É uma precaução de segurança, assim como o material absorvente de energia cobrindo as paredes e a porta do laboratório. Alguns dos feitiços que testei eram bem potentes e mesmo um mínimo vazamento de energia mágica poderia causar enormes danos a meu laboratório.

— Claro. — Verão se sentia uma boba, tão assustada quando era evidente que não corria perigo. A questão era que, depois que a porta se fechou e rompeu a conexão dela com o sol, seus dons do tempo também desapareceram. A perda do calor poderoso e escaldante no âmago do corpo lhe trazia de volta muitas memórias desagradáveis de estar encoleirada e impotente. — Desculpa. Você deve me achar ridícula.

— Nem um pouco. Considerando a experiência traumática que você sofreu, você está se saindo muito bem.

Havia outra porta no final do túnel. Ela se abriu ao que parecia um grande salão coberto com mesmo material absorvente de energia do túnel.

— E esta aqui é minha sala de testes — disse Calivan. *A obah* pairou ao redor do corpo dele enquanto adentrava a câmara. — Aqui, você poderá demonstrar seus dons sem se preocupar em machucar ninguém.

Gabriella só conseguiu ir até a porta — porta com pesados ferrolhos de metal que se estendiam à parede e deixavam a sala impenetrável quando fechados — antes de ser tomada pelo pânico. Não havia janelas nem outras portas na sala de testes. Não havia outra forma de sair além daquela espessa porta de metal fechada com barras. Para piorar, as paredes eram impermeáveis a magias poderosas.

Verão não sabia se aquela sala reforçada seria capaz de conter sua magia, afinal de contas, ela mergulhara no mar a costa de Trinipor inteira com um Grito, levando a fortaleza de Mur Balat e sua montanha junto. Mas se a câmara de testes de Calivan *era de fato* capaz de conter mesmo sua magia mais poderosa, entrar ali seria prender outra coleira de Mur Balat ao pescoço. A simples ideia fez o coração de Verão disparar e a respiração acelerar.

— *Sirena*? — Calivan se virou ao perceber que ela não tinha entrado na sala. — O que foi?

— Sinto muito. — Ela balançou a cabeça e recuou. A pele de Verão estava fria, seu calor natural, alimentado pelo sol, tinha se apagado. Seu outro poder, mais letal, estava aumentando rapidamente em resposta ao pânico. — Sinto muito, lorde chanceler, mas mudei de ideia. Não acho que seja uma boa ideia. Talvez mais tarde, quando o Dilys estiver livre...

Calivan podia até ser o tio de Dilys, mas as lembranças do cativeiro eram recentes e vívidas demais. Além disso, Gabriella só confiava de verdade em Dilys. Somente em Dilys, com quem se permitia abaixar a guarda e se mostrar vulnerável.

Calivan franziu o cenho por um instante e, em seguida, relaxou-o numa expressão compreensiva.

— É claro, *Sirena*. Como você preferir. Vamos voltar. Talvez você se sinta mais à vontade começando pela leitura dos diários escritos pelas antigas Sereias.

— Sim. — Sem querer mostrar seu rosto de medo genuíno a ninguém a não ser Dilys, Verão colocou a máscara polida. — Me parece uma ótima ideia.

— Excelente, vamos voltar à biblioteca.

— Sinto muito — disse ela novamente, quando ele se aproximou. — Meus dons são imprevisíveis demais para que eu os use num

lugar fechado bem embaixo da cidade. — A desculpa lhe saiu fácil da boca, sem qualquer sinal de remorso. Era verdade que Verão tinha medo de usar os próprios dons, mas isso não tinha nada a ver com seu verdadeiro motivo para não entrar numa sala fechada com Calivan. Ela confessaria a mentira para Dilys mais tarde, ao que ele daria uma risada rouca que a faria se arrepiar nos lugares mais femininos e, por fim, demandaria dela alguma prenda. Verão ficou molhada só de pensar. O que Dilys pedia de prenda vinha ficando cada vez mais íntimo (e exponencialmente mais prazeroso) desde o casamento.

— Não precisa pedir desculpas. Tem mais de um jeito de pescar esse peixe. — Calivan deu um sorriso charmoso e ainda o estava fazendo quando passou o braço ao redor do pescoço de Verão, tapou-lhe a boca com a mão e comeu a magia dela em goles grandes e vorazes.

O ataque foi tão repentino, tão inesperado, que Verão levou um momento para se dar conta do que estava acontecendo. Quando finalmente organizou as ideias o bastante para soltar um grito abafado contra a mão de Calivan e lutar para se libertar, ele já a tinha drenado tão profundamente que ela não tinha energia para resistir.

— Minhas deusas! — sussurrou Calivan. — Quanta força! — Ele falou com a voz perplexa. Em seguida, com um Comando brutal gritado pela Voz cheia de poder roubado, disse: — Matem os guardas dela!

Os quatro guardas da rainha convergiram tão rápido sobre Biross e Tarrant que os soldados de Dilys sequer tiveram tempo de desembainhar as espadas: ambos foram empalados pelas pontas afiadas dos tridentes dos guardas da rainha. Seus corpos despencaram moles no chão com sangue saindo pelos furos no peito.

— Rápido, joguem os corpos na câmara. — Os quatro guardas da rainha pegaram os guerreiros caídos e os carregaram até a sala de testes esférica, lançando-os para dentro como se fossem sacos de lixo. Verão foi tomada de indignação e horror. Ela tentou se libertar, mas Calivan estreitou a pegada, esmagando-lhe os braços contra as costelas e deixando Verão sem ar. Sem soltá-la, ele tirou da

algibeira um dos cristais ovais bem polidos. Ele começou a brilhar intensamente ao Calivan alimentá-lo com a energia que estava extraindo de Verão.

— Você devia ter voltado para a Cordilheira Invernal em vez de ter se casado com Dilys e se mudado para a Calberna — repreendeu-a, com uma voz surpreendentemente sem ira. — Balat teria conseguido o que queria, o Rei de Inverno faria Minush Orotó se arrepender do dia que sonhou possuir uma Estação da Veralea e Dilys não poderia continuar a cortejá-la, pois você o recusou publicamente. Se você simplesmente tivesse voltado para casa, tudo estaria bem. Eu nunca quis machucar você e suas irmãs. Eu só não podia mais permitir que vocês se casassem com meu sobrinho.

Verão congelou enquanto sorvia o sentido das palavras de Calivan. Doce Helos. Calivan Merimydion era responsável por seu sequestro! Ele ajudou Mur Balat no rapto de Verão e suas irmãs!

— A Alys jurou do Trono do Mar que qualquer filha da união de Dilys com uma Estação da Veralea nasceria *imlani*, com dons dignos de uma rainha calbernana — continuou Calivan. — Eu não podia mais correr o risco de perdê-la. Minha vida inteira foi dedicada a mantê-la forte, segura e feliz. Mas daí você não apenas se casou com Dilys, mas ainda por cima é uma Sereia! Você não precisa dos dons de Alys para ter uma filha *imlani*, mas ainda assim vai matá-la. Você irá roubar o trono e deixá-la com nada. Ela irá drenar toda a energia que tem para lhe dar os dons de rainha, irá se drenar tão profundamente que mesmo o elixir que venho usando para mantê-la viva não poderá impedir o Esvanecimento dela.

Calivan se estremeceu, como que tomado por uma emoção terrível. Em seguida, aproximou-se do ouvido de Verão e sussurrou:

— Eu não vou deixar minha irmã Esvanecer. Não importa o que eu tenha que fazer para evitar isso.

Havia na voz dele uma nota de brutalidade e violência que Verão já tinha ouvido. Uma obsessão como a semente doentia que deu frutos tão medonhos no pai dela. Gabriella foi varrida de raiva, renovando a onda de magia violenta dentro de si.

O primeiro ovo de cristal brilhava tanto que ofuscava a visão, como se olhasse direto para o sol. Calivan o trocou por um segundo ovo que encheu de energia tão rápido quanto o primeiro.

Não era apenas a participação de Calivan no sequestro dela e das irmãs que a indignava. Era o amor obsessivo pela irmã, que eclipsava qualquer possibilidade de levar em consideração outras pessoas e fatores que não os próprios medos e sofrimentos. E até a própria família.

Os membros de uma família nunca deviam se machucar.

O pai de Lily nunca devia ter batido na filha até colocar em risco a vida dela e do bebê.

Nemuan Merimynos nunca devia ter levado a angústia pelo assassinato da mãe e da irmã levarem-no a assassinar os próprios primos em vingança.

Verdan Coruscate devia ter encontrado forças para sobreviver à morte da esposa sem deixar que a dor e a culpa o levassem à loucura e à destruição. À destruição do próprio reino. À deserção e banimento do filho. À venda de uma filha em casamento para acabar com uma guerra. Foi um rei que lançou as três outras filhas ao vento: duas morreram e outra estava prestes a ter o mesmo destino. Eram perdas e tragédias evitáveis, se Verdan tivesse amada a família o suficiente para priorizá-la, como Alysaldria fez com Dilys. Ela não se deixou guiar pela vingança cega. Não se deixou enlouquecer pela perda do marido e do bebê. Ela permaneceu forte para cuidar do filho que lhe tinha restado.

E agora o irmão dela — o gêmeo dela — ia fazer ao filho de Alysaldria o que uma quadrilha de bandidos tinha feito com ela. Ia matar a parceira dele. Se Dilys não fosse junto ao túmulo, passaria o resto da vida atormentado por aquela perda. O guerreiro corajoso, nobre e fantástico com quem Verão se casara ia interpretar a morte dela como um fracasso pessoal, prova de sua inabilidade de manter seus entes amados a salvo.

— Pelas boas deusas, sua magia não tem fim? — Calivan substituiu o segundo cristal cintilante não por mais um, mas por dois, e Gabriella amoleceu em seus braços enquanto ele sugava ainda mais de sua magia.

— *CALIVAN!*

Calivan se surpreendeu ao ouvir uma voz conhecida gritar seu nome.

— *SOLTE MINHA PARCEIRA, SEU KRILLO TRAIADOR!*

Dilys! O som da voz do parceiro fez um novo empuxo de magia crescer dentro de Gabriella. A proximidade dele, saber que ele tinha ido ao socorro dela, que ele sempre a ajudaria, fez os laços da união deles renascerem, catalisando a fonte de seu poder.

Calivan ao perceber que a magia dentro dela superava em muito sua capacidade de drená-la.

— Vocês quatro! — gritou, Comandando os guardas da rainha. — O calbernano do lado de fora da sala está tentando matar a *Myeria!* Vão lá e o detenham. Matem-no se for preciso!

O *quê?* Canalha... aquele assassino de rainha... ia matar o próprio sobrinho? Alguém de seu próprio sangue? *Ele achava que ia matar o Dilys? O parceiro de Gabriella?*

Só por cima do cadáver dela.

A força renovada pela proximidade de Dilys tornou-se uma fonte transbordante dentro de Gabriella. Uma fonte feroz, violenta e mortalmente protetora.

— Minhas deusas! Quanta *farking* magia você tem? — Dessa vez, a voz de Calivan revelou um medo incipiente, como se o fluxo de magia ameaçasse sobrepujá-lo. Os cristais iam enchendo sucessivamente e, ainda assim, a magia dela continuava a sair.

Verão tentou puxar o fôlego — uma vez era tudo o que ela precisava. O oceano de poder pulsava nela, pressionando para sair — precisando da Voz dela para se libertar. Como o que fez Trinipor afundar, o Grito que se juntava dentro dela naquele momento era um urro gutural de raiva e revide. Vinha também de uma necessidade violenta de proteger o parceiro do louco assassino que tinha seu mesmo sangue. Tudo o que o Grito de Verão precisava era de um pouco de fôlego — só um pouco — para se libertar.

Mas a mão que lhe cobria o nariz e a boca a negavam isso. Ela se agarrou ao braço de Calivan e cravou as unhas com tanta força que arrancou sangue. As pontas dos dedos ardiam e latejavam com a ferocidade do aperto.

— *Morra!* — Gritou Calivan, usando a magia roubada contra ela mesma. — *Morra já!*

O Comando bateu tão forte dentro de Verão, que era como se os ossos dela tivessem quebrado. O pouco de ar que lhe restava nos pulmões saiu como um grito estrangulado. O coração dela bateu

forte no peito e, em seguida, começou a falhar, perdendo o ritmo conforme a magia dentro dela lutava contra o Comando que abria caminho.

Ainda segurando-a e com a mão cobrindo a boca, Calivan liberou o outro braço e, puxando uma adaga da bainha incrustada em joias na cintura, cravou-a no peito de Verão.

A dor explodiu dentro dela, dissolvendo os pensamentos e roubando a força dos membros. Os cantos da visão de Gabriella ficaram sombreadas e o mundo começou a eclipsar. O corpo dela ficou mole contra o dele.

Vagamente, ela se deu conta de Calivan a arrastando pela sala de testes e jogando-a sobre os corpos de Biross e Tarrant.

— Você pode até ser Sereia — disse ele —, mas não é uma verdadeira filha de Numahao. Mesmo que você de alguma forma sobreviva a meu Comando e minha adaga, ainda irá se afogar como boa *oulani* que é.

Ele girou a grande válvula no corredor do lado de fora da câmara e a água do mar começou a entrar por dois grandes ralos no teto da sala de teste.

A porta se fechou e Gabriella ouviu o som dos trincos de ferro trancando-a com os corpos de Biross e Tarrant dentro da sala, que enchia rapidamente de água.

Dilys se ajoelhou e passou por debaixo das pontas bem afiadas do tridente de um dos guardas. Ele se levantou um segundo mais tarde, golpeando o soldado bem no meio do peito. Perdendo todo o ar, o guarda arfou de dor e caiu no chão, ao que tomou um golpe final no queixo.

— Tire-os daqui — Dilys gritou a um dos soldados de Ryll. — Tranque-os em algum lugar onde não possam machucar ninguém até serem libertados do feitiço.

Ao redor da sala, Ryll e cerca de vinte soldados estavam dominando os outros três guardas da rainha enfeitiçados. Dilys os mataria, se fosse preciso. Por sorte, Ryll tinha vindo com soldados o bastante para evitar derramamento de sangue desnecessário.

O mesmo não valia para Calivan.

Tão logo quatro dos guardas mais confiáveis da mãe saíram correndo da sala com armas em punho e intenção de matar, as suspeitas de Dilys acerca do tio foram confirmadas.

Calivan Merimydion tinha traído seu povo.

Ele tinha pintado soldados leais e honrados com a mesma poção de controle que o Tubarão usou com Ari. Era o mesmo feitiço que o Tubarão tinha usado para afogar Fyerin e os outros calbernanos que assassinara em sua busca de vingança contra a Casa Merimydion.

Calivan os tinha pintado com uma poção contra a qual não podiam mais lutar e os ordenara que matassem o filho da própria irmã.

Pior ainda, tinha dado ordens que matassem o parceiro por direito da primeira Sereia nascida em dois mil e quinhentos anos. Ele sabia exatamente o que a morte de Dillon Merimydion causara a sua parceira, Alysaldria — e Alysaldria sequer era Sereia. Com a força de seus dons — a força dos laços que agora os unia —, Gabriella não poderia sobreviver à morte de Dilys, da mesma forma que Dilys não sobreviver à dela.

E, pelo mal que Calivan causara a Gabriella, Dilys não demonstraria piedade ao tio.

Com um rosnado selvagem, Dilys atravessou o laboratório do tio em direção à porta dos fundos. Metade dos soldados de Ryll tinham partido, conduzindo os guardas enfeitados da rainha para as proximidades. O resto deles seguiu Dilys.

— *Moa Myerielua*, espere! — Três dos soldados de Ryll aceleraram o passo e chegaram até Dilys, bloqueando o caminho até a porta. — Pode ser uma armadilha, meu lorde. Deixe-nos ir primeiro.

— *Ono*. É minha parceira quem está aí dentro.

— E nossa *Sirena*, nossa futura *Myerial*, a esperança de todos nós. Ela não irá sobreviver se você for morto.

Dilys tentou afastá-los, mas três outros soldados lhe seguraram os braços por trás enquanto mais outros os contornavam para abrir a porta.

Tão logo o fizeram, uma luz ofuscante brilhou e uma explosão estrondosa chacoalhou o recinto. Os recipientes de vidro se quebraram. Os artefatos mágicos foram pelos ares. Dilys e os

soldados foram lançados para trás pela força da explosão. Quando Dilys finalmente se levantou, quatro soldados — aqueles que estavam mais perto da porta na hora da explosão — estavam mortos ou moribundos no chão, com a pele borbulhando e derretendo para fora dos ossos.

Aquela visão apenas aumentou a raiva de Dilys e não somente porque seus soldados tinham sido assassinados diante de seus olhos. Era para ele ter morrido naquela explosão. Significava que Calivan não pretendia sequer lhe dar uma morte de guerreiro.

— *Calivan!* — berrou ele. — Seu covarde traidor! Deixe de lado seus truquezinhos de feiticeiro, solte minha parceira e saia para olhar nos meus olhos como um *farking* calbernano digno do sal que carrega no corpo.

— Eu não quero matá-lo, Dilys — gritou Calivan. — Também não quis matá-la. Mas não posso deixá-la assumir o Trono do Mar! A Alys irá Esvanecer!

Dilys caminhou para mais certo, atentando-se para ficar longe da abertura do corredor, caso o tio tivesse mais surpresas mágicas desagradáveis guardadas para ele.

— Acabou, Calivan. A *Nima* sabe o que você fez. Ela sabe que você está envolvido nas mortes da *Myerial* Siavaluana e Sianna. E de Nyamialine. Mesmo que você consiga me matar, sua vida está condenada. Além disso, sem você e eu, a *Nima* irá Esvanecer de qualquer jeito. É isso que você quer? Ser o responsável pela morte da própria irmã, da própria gêmea?

— Eu não vou ser! Já me antecipei. Achei um jeito de impedir o Esvanecimento. Com o elixir para prolongar a vida dela e os poderes que estoquei nas pedras, ela terá vida suficiente para viver por décadas, que sabe séculos!

— E você acha que ela quer isso? Viver uma vida a custo do sangue em suas mãos? Você por acaso conhece sua irmã?

— *Você não entende!* — gritou Calivan.

— Eu entendo muito bem. Solte a Gabriella e saia para me encarar, tio. Eu darei a você uma morte de guerreiro. Vamos lutar mano a mano. Só com garras e presas.

— Você se acha capaz de me derrotar com garras e presas? — A voz de Calivan soou aguda. — Você acha que, por ter sido privado

de uma vida de guerreiro, sou uma presa fácil?

— *Ono*, tio. Sei que você não é uma presa fácil. Só pensei em oferecer a você a honra negada a *Fyerin* e os demais que morreram nas mãos de *Nemuan* por sua causa.

— Eu não sou culpado pelas ações de *Nemuan*!

— Não é? Você matou a família dele. Você destruiu a Casa dele. A perda o enlouqueceu da mesma forma que o medo dela o está compelindo.

Um dos soldados de *Ryll* foi arremessado pela sala. Uma explosão de magia irrompeu do corredor. Os soldados de *Ryll* quase não conseguiram mergulhar para longe do fogo. A mesa atrás de *Dilys*, porém, não se safou tão bem assim. O feitiço, fosse qual fosse, queimou a madeira e espatifou vários das jarras de vidro, derretendo o que continham e lançando gosma fumegante por todo o chão. Muitos dos soldados começaram a tossir e abanar a mão para afastar a fumaça tóxica.

— Cuidado, sobrinho. Meu laboratório não costuma reagir muito bem quando as substâncias são misturadas sem cuidado. Sugiro que você tire seus soldados daqui.

Os soldados de *Ryll* se aproximaram de *Dilys*.

— Ele está sozinho no corredor, *moa Myerielua*. A *Sirena* não está com ele. O corredor tem cerca de vinte metros de comprimento e uma porta fechada na outra extremidade. Ela deve estar dentro dela. Pelo que vi, não haveria outro lugar onde escondê-la.

Dilys olhou para a fumaça saindo da gosma no chão do laboratório. Já bastava.

— Você quer me matar? Eis sua chance. Pois eu estou indo buscar a *Gabriella*. A única forma de você me impedir é me matando. Assim, você poderá explicar à *Nima* como matou o único filho dela.

— Eu não vou matá-lo. Não há necessidade. Você já está morto, só não sabe ainda.

O sangue de *Dilys* virou gelo. A certeza presunçosa de *Calivan* só podia significar uma coisa.

— O que você fez a ela? O que você fez à minha parceira?

Sem se importar com a ameaça da magia do tio, *Dilys* avançou pela porta do corredor e correu na direção do tio. Exatamente como

reportado pelo soldado de Ryll, Calivan estava sozinho no corredor. A porta atrás dele — a única entrada e saída do corredor — estava fechada.

As presas de batalha e garras de Dilys saíram, mas não havia necessidade delas. Sem se opor, Calivan abriu passagem. Quando Ryll e o restante dos soldados vieram correndo, no entanto, Calivan os fez recuar cambaleando com o poder da Palavra e lançou uma ampola neles, gritando: — *Ignetha!* — Ele fechou a porta do corredor e a trancou, ao que seguiu uma explosão.

— Um calbernano merece o direito de morrer ao lado de sua parceira — disse Calivan. — Isso, ao menos, posso oferecer a você, Dilys. Ryllian Ocea e seus soldados, entretanto, precisam sair de meu laboratório ou morrer.

Dilys o ignorou. Ele tinha alcançado a porta na outra extremidade do corredor e estava tentando abri-la. O mecanismo circular de fechamento recusava-se a ceder.

— Não adianta — disse Calivan. — Ela terá morrido muito antes de você conseguir entrar.

Aquele sim parecia um momento perfeito para usar as presas e as garras.

Dilys girou e segurou o tio pela garganta.

— Abra a porta! Abra agora!

Calivan o olhou com uma expressão de quase piedade.

— Eu não poderia nem se quisesse. A porta está trancada com três barras de aço de sete centímetros fincadas à rocha e eu destruí o mecanismo de retração.

— Então derreta as barras!

— As coisas não funcionam assim, sobrinho. Além disso, mesmo se eu pudesse, sua *liana* estaria morta muito antes que eu terminasse. A essa altura, a sala já deve estar completamente inundada. Gabriella Coruscate pode até possuir os dons da Sereia, mas ela não possui as guelras calbernanas.

Dilys aperou as mãos ao redor da garganta do tio até estrias de sangue escorrerem da carne perfurada pelas garras.

— Gabriella *Merimydion*, tio. Filha da Casa de minha *Nima*.

— Uma usurpadora. Uma ameaça à vida de minha irmã. — Calivan ergueu o queixo em uma expressão de orgulho opositor e

triunfo. — Vá em frente, me mate, sobrinho. A usurpadora morrerá mesmo assim.

Houve um guincho de metal protestando e a porta do laboratório saiu voando das dobradiças. Dilys e Calivan viraram-se de surpresa. Alysaldria passou do umbral acompanhada por Ryll, que estava coberto de cinzas, e um pequeno grupo de guerreiros de expressão severa, muitos deles filhos das Casas Merimydion, Ocea e Calmyria.

— Ele não vai matá-lo, Cal — disse Alysaldria. — Você irá se apresentar diante da Assembleia, confessará seus crimes e aceitará o julgamento da Coroa pelo assassinato da *Myerial* Siavaluana, da *Myerialuanna* Sianna, de Nyamialine Calmyria, de Fyerin Merimydion e de todas as vidas que ceifou por causa de suas ações traiçoeiras, bem como pela tentativa de assassinato de meu filho e da *liana* dele, a Sereia e futura *Myerial*, Gabriella Merimydion. Depois disso, Cal, você será executado. Noran — ela se virou para um dos guerreiros atrás dela —, quero que você supervisione a destruição desse laboratório inteiro. Isso inclui todos os artefatos mágicos, livros, frascos, jarros e instrumentos, incluindo os itens que o lorde chanceler está carregando consigo.

— Alys, *ono!* — Pela primeira vez, um medo genuíno atravessou os olhos de Calivan. Entretanto, não era um medo por si mesmo e pela execução que o esperava. Ele segurou a algibeira amarrada à cintura. — Você irá morrer!

— Nesse caso, ficarei livre para me unir a meu *akua* como venho esperando todos esses anos desde a morte dele. — Com os olhos frios e o rosto fechado, ela não hesitou. — Levem-no em custódia. E abram essa porta!

Dois homens avançaram para segurar os braços de Calivan enquanto Ryll e uma dezena de guerreiros correram para a outra extremidade do corredor com machados e pés-de-cabra em mãos. Eles começaram a quebrar a porta e a parede ao redor.

Dilys não queria soltar o tio. Tudo nele pedia que cortasse a garganta do homem que tinha ameaçado sua parceira. Naquele momento, porém, o mais importante era salvar Gabriella. Com um rosnado, ele jogou o tio e se voltou para ajudar Ryll e os demais soldados.

— Agente firme, *moa kiri* — gritou ele. — Eu estou aqui. Nós vamos tirá-la daí!

Um grito e um tumulto repentino fizeram Dilys se virar. Calivan tinha Falado uma Palavra que fez os dois guerreiros que o seguravam se ajoelharem.

Dilys soltou um grito de guerra e se lançou contra o tio. Calivan tentou desviar, mas não foi rápido o bastante para escapar do punho que lhe atingiu na têmpora. A pancada fez Calivan cair de joelhos e Dilys se lançou contra ele. Ele envolveu uma das garras ao redor da garganta de Calivan e posicionou a outra sobre a carne exposta do ventre de Calivan. Bastava uma palavra de autorização da mãe para eviscerar o tio, infligindo ferimentos mortais na garganta e no ventre que nem os consideráveis dons do mar ou as magias estrangeiras de Calivan seriam capazes de estancar.

Em vez de lutar contra Dilys, Calivan segurou a algibeira de couro contra o peito e implorou à irmã.

— Alys, você não pode deixá-los destruir o que está aqui dentro. Você irá morrer e tudo o que fiz terá sido em vão. — O rosto calbernano cor de bronze dele estava pálido. — Por favor! Por favor, Alys! Venho tentando fazer o que é certo para você desde que Dillon morreu!

Antes que Alys pudesse responder, uma dor abrasadora irrompeu no peito de Dilys. Ele tentou respirar. Os pulmões se enchiam, mas não adiantava. Ele não conseguia respirar! A queimação começou a se espalhar. O corpo dele convulsionou.

O olhar surpreso e apavorado da mãe deteve o dele, confirmando a Dilys o que estava acontecendo.

Gabriella.

Ela estava morrendo.

Capítulo 30

Ensanguentada, sem energia e lutando para respirar, Gabriella se agarrou à vida com cada grama de determinação que tinha enquanto a sala de testes de Calivan Merimydion enchia rapidamente de água.

Ela ainda não estava morta. Esse era um dos lampejos de esperança a que se agarrava.

Mas não o único. Dilys estava lá fora lutando por ela. Conquanto ela continuasse viva, Dilys também continuaria, o que dava esperança a ambos.

Ela pressionou a palma da mão debilmente contra a ferida no peito e se inclinou para, com muita dor, respirar. Quando Calivan lhe deu a facada, Verão conseguiu se mexer no último instante, fazendo que a lâmina desviasse do coração para o pulmão. Cada tentativa de respirar era uma agonia e a ferida estava soltando bolhas de ar e sangue, mas, de todas as alternativas, essa era a melhor.

Os coitados do Biross e do Tarrant não tiveram tanta sorte.

Seus corpos flutuavam ali por perto, subindo com o de Verão conforme a água entrava. Ela detestava a ideia de que eles tinham morrido por ela. O sangue deles se mesclava ao dela na água agitada, tingindo Verão com uma dívida que nunca seria capaz de quitar.

A água já tinha quase chegado ao teto da pequena sala. Mais um ou dois minutos e o ar na sala acabaria.

Nesse momento, Biross soltou uma tosse leve e a água ao redor se agitou ao movimento de seu corpo.

— Biross!

Verão foi tomada de dor quando nadou a curta distância que a separava dele. O topo da cabeça dela já batia no teto. Havia menos de trinta centímetros de ar. Ainda assim, a água continuava caindo dos encanamentos no teto.

— Biross, aguenta firme. — Ela se aproximou, segurou o braço mole dele e o puxou para perto. Verão podia não possuir dons do mar das *imlani* nativas, podia não saber manipular a água igual a Dilys quando salvou sua vida, mas continuava sendo uma Sereia. Mesmo com a energia sugada, sua magia estava voltando aos poucos. Nem perto do nível suficiente para sair da sala no Grito, mas, quem sabe, o bastante para salvar uma vida. — Pegue minha magia. Use-a para se salvar. — Ela juntou o que foi capaz e passou para ele. Verão não tinha como curá-lo. Mesmo se conseguisse acessar toda a força do sol, a única pessoa que poderia curar era a si mesma. Biross, porém, poderia usar seus dons do mar para controlar o sangramento até Dilys conseguir resgatá-los e levá-los à curandeira. E talvez, quem sabe, se ela lhe desse energia o bastante, ele poderia conter a inundação da sala. As chances certamente eram pequenas, mas era melhor do que nada.

— Biross, não consigo conter a água que está entrando na sala. Você consegue, mas não se morrer! Use a energia que dei a você para se salvar e, assim, nos salvar!

O sangue de Biross, no entanto, continuou saindo e a água, por sua vez, continuou entrando.

Restavam doze centímetros de ar. O rosto de Gabriella estava pressionando contra o teto. Cada movimento mínimo de respiração doía agonizantemente. Seu peito queimava como se tivesse uma pedra de cem quilos nele. Ela conseguia sentir o pânico se agarrando a ela com as garras afiadas.

Cinco centímetros.

— Biross!

Três centímetros.

Ela aspirou o máximo de ar que conseguiu e fechou os olhos. Quando os abriu novamente, a sala inteira estava submersa em água. O marulhar da água entrando sem parar tinha silenciado. O corpo de Tarrant, boiando leve por perto, bateu suavemente contra Biross.

Ela chacoalhou Biross, empurrando mais energia para dentro do guerreiro mortalmente ferido, mas, se ele se dava conta disso, não o demonstrava. Seus olhos estavam fechados. O corpo, mole. O único sinal de que ainda estava vivo eram as guelras abertas ao longo da

caixa torácica. Elas se abriam e fechavam em movimentos lentos e ritmados. Prova de que ele ainda estava respirando. O corpo dele tinha reconhecido a mudança no ambiente e se ajustado instintivamente para respirar água em vez de ar.

Era uma habilidade que o corpo de Gabriella infelizmente não possuía. O poder que continuava a crescer dentro dela, aumentado pelo medo e desespero, era inútil. Sem ar, ela não poderia gritar. Sem a luz do sol, ela não poderia se curar.

Ela ia morrer. Ia morrer e levar Dilys consigo. Esse pensamento a fez segurar o ar até o pulmão queimar. Ela não podia morrer. Dilys estava logo ali fora, atrás daquela porta. Verão conseguia sentir a presença e o amor dele; conseguia sentir seu amor por ele alimentando a magia no âmago do próprio corpo. E era impotente de ir até ele. Era impotente para se salvar, para salvá-los.

Uma mão grande se fechou ao redor do ombro dela.

Biross tinha despertado o bastante para falar, ainda que parecesse claramente trabalhoso. O sangue saía em bolhas da boca dele e formava uma nuvem escura agourenta. Usando a força que Verão lhe dera, ele passou toda a magia e força vital que tinha a ela. Ao mesmo tempo, pronunciou com um sussurro efêmero seu último desejo. Era uma prece. Não para ele, mas para ela.

Numahao, Mãe de Todas as Águas. Salve sua filha.

Conforme o dom da vida de Biross fluía para dentro de Verão, todo o sangue nas veias dela se tornou lava derretida. Os nervos dela gritaram e o corpo inteiro foi imolado por uma dor torturante. Ela arqueou as costas e soltou um grito doloroso, liberando em forma de bolhas o ar que lhe restava.

Que dor. Pelos bons deuses, que dor!

Sedenta de ar, o corpo de Verão tentou respirar instintivamente, mas tudo o que conseguiu sugar foi um gole imenso de água. Ela se engasgou e tossiu. O sangue corria da ferida no peito e bolhas vermelhas saíam da boca. O corpo dela começou a ter espasmos. Outra respiração involuntária trouxe uma sensação dolorosa e ardente à garganta, que agora fechava.

Ela olhou nos olhos de Biross, agora sem visão, e, perdendo a força dos membros, foi tomada de uma calma estranha. Ela sabia que estava perdida. Lentamente, Verão piscou uma vez e sentiu a

consciência se esvair. Seu último pensamento e lamento se voltou ao homem forte, bonito e amoroso que reivindicara com marido.

Dilys.

O abalo na concentração de Dilys era tudo o que Calivan precisava. Ele se lançou contra o sobrinho e lhe segurou a garganta. Dilys ergueu o braço para bloqueá-lo e xingou quando a pele rasgou sob as garras e dentes do tio. Dilys desferiu um gancho com o punho cerrado, batendo forte no maxilar de Calivan. O tio foi para trás cambaleando, rosnou e, em seguida, abaixando a cabeça, avançou contra Dilys, golpeando-o com força. O ar saiu dos pulmões de Dilys, deixando-o momentaneamente atordoado. Segurando o corpo de Dilys, Calivan aproveitou a oportunidade para dar socos fortes e sucessivos nas costelas do sobrinho. O tio podia até ter sido proibido de obter as *ulumi* em batalha, mas era tão habilidoso e forte quanto qualquer outro guerreiro das Ilhas.

Dilys grunhiu de dor pela costela que quebrou com um som audível.

— Cal! — gritou Alysaldria. — Pare com essa loucura! — Ela avançou na direção do irmão gêmeo e segurou um dos braços dele envolvendo-o com o próprio corpo e todo peso. Em seguida, gritou para os soldados de Dilys: — *Calbernari!* Me ajudem!

— *Ono!* — rosnou Dilys aos soldados que avançaram para entrar na briga. Ele levantou os lábios, desnudando ameaçadoramente as presas brancas. — Ajudem a Gabriella! Descubram como arrombar aquela porcaria de porta! — Ele mudou a posição dos braços entre o corpo dele e do tio, bloqueando os golpes às costelas, e deu uma cabeçada no queixo de Calivan. — *Nima*, vá ajudá-los. Derrube essa *farking* porta no Grito, se conseguir. Apenas entre na sala e salve-a! — Dilys mergulhou as presas no ombro do tio e sacudiu a cabeça como um tubarão com a presa capturada. Sangue se espalhou para todos os lados. Calivan urrou de dor e, mirando no coração, enfiou uma garra no peito de Dilys.

Dilys desviou do golpe mortal e, em seguida, voltou à posição anterior para golpear a têmpora do tio com o cotovelo.

A cabeça de Calivan torceu violentamente para o lado e ele gritou. Um outro golpe, de punho, o derrubou. Dilys avançou e

montou com o joelho na virilha do tio. Enquanto Calivan urrava e tentava, instintivamente, proteger as pedras com o corpo, Dilys começou a esmurrá-lo no rosto. Os lábios de Calivan cortaram. O nariz quebrou. Os dentes lascaram e quebraram e os olhos, fechados, começaram a inchar. Ele não estava mais em condições de luta, mas Dilys mesmo assim continuou a bater. Bater sem parar, com a cabeça turva por uma neblina vermelha e sanguinolenta de raiva.

— Dilys, pare — disse Ryll com a voz firme e fria, com força que, muito vagamente, lembrava um Comando. — Ele apagou. Não tem como machucar mais ninguém. A Gabriella precisa de você.

A ficha de Dilys levou algum tempo para cair. Ofegante, ainda borbulhando de raiva incontida, Dilys foi parando os socos. O tio estava inconsciente e seu rosto parecia um pedaço de carne crua. Não era o bastante. Aquilo não estava nem perto de saciar a fúria de Dilys. Mas Gabriella precisava dele. Ela precisava dele para libertá-la, não para esmurrar um homem incapacitado.

Ele largou o corpo de Calivan e, cambaleante, levantou-se. Enquanto o fazia, o corpo topou contra a algibeira que Calivan trazia amarrada à cintura. Vários cristais do tamanho de ovos de ganso rolaram tilintando para fora dela. Dilys teve que proteger os olhos ao pegar um dos cristais. Assim que o tocou, a magia poderosa — *magia da Gabriella* — pulsou contra seus sentidos. Ele se abriu instintivamente àquela força, ao que a magia fluiu com força para dentro de seu corpo, fazendo-o cambalear.

— Santa Numahao. — O sussurro de surpresa deslizou dos lábios de Dilys. Todas as *ulumí* do corpo dele tinham se acendido e brilhavam intensamente. Dilys não sabia como, mas o tio, de alguma maneira, havia drenado e estocado a magia de Gabriella naqueles cristais.

Com as garras, ele cortou tira da bolsinha, recolheu os cristais que tinham saído rolando dela e os colocou de volta na algibeira. Uma vez coletados, ele se virou na direção da porta fechada.

A mãe e os soldados tinham tentado de tudo para quebrar a rocha ao redor da porta, até Gritar, mas, com seus esforços, não conseguiram nem chegar perto.

— *Nima*, tente usando isso aqui. — Ele entregou à mãe uma das pedras brilhantes. — Tome cuidado. Ela é potente.

Ela tomou o cristal nas mãos delicadas. Um instante depois, o corpo se estremeceu como se tivesse sido atravessado por um raio. Seus olhos cintilaram com uma luz tão ofuscante quanto a dos cristais. — Minhas deusas! — exclamou ela com um sussurro de surpresa. — Ela carrega isso dentro dela?

— Isso é só uma pequena fração. Tente Gritar novamente.

A mãe se virou para a porta de Gritou “Abra!” com uma voz vibrante de poder.

A rocha vulcânica densa que cercava a porta rachou, espalhando uma teia de fissuras profundas.

— Está funcionando! Grite outra vez, *Nima*!

— Abra! — Alys Gritou novamente. — Abra! — Mais rachaduras se formaram. Pedacos de pedra escura tombaram ao chão. Os soldados de Ryll avançaram e começaram a arrancar a rocha com as mãos.

Dilys colocou a mão na pedra. Ele conseguia sentir o pulsar do oceano do outro lado da parede. Calivan tinha trancado Gabriella na sala e a inundado. Ele pegou um dos cristais, drenou-o com o pensamento e assumiu controle do poder quase infinito do oceano atrás daqueles poucos centímetros de pedra. Usando a energia acrescentada a ele pelo cristal cheio da magia de Gabriella, ele lançou uma onda de água violenta contra a parede ao redor da porta, concentrando toda a energia da água especialmente naquele ponto enfraquecido pelas rachaduras criadas pelo Grito da mãe. Ele bateu repetidamente contra aquele ponto, desgastando a pedra e erodindo-a até a rachadura virar um vazamento, o vazamento um buraco e o buraco, por fim, uma fissura fatal na estrutura da parede.

A parede ruiu. O metal urrou e se dobrou quando a porta foi arrancada de suas dobradiças. A água do mar se despejou de dentro da sala de testes numa onda voraz que ameaçou arrastar tudo o via pela frente.

— Dilys! — gritou a mãe.

Ele estendeu a mão e usou os dons do mar para moldar o percurso da água. Gabriella e os corpos dos dois guardas ainda estavam boiando na câmara. Dilys reuniu uma corrente de água

para trazê-los a ele e tomou Gabriella nos braços, aninhando-a ao peito.

— Levem Biross e Tarrant — ordenou ele. — Vou conter a água até tirarmos todos daqui.

Todos começaram a se movimentar rapidamente, pegando os corpos dos calbernanos mortos e de Calivan, e apressando-se para a porta no final do túnel. Dilys foi na retaguarda, segurando a corrente de água até também ter saído do túnel. Ele a soltou apenas quando a porta se fechou e foi selada.

Fechada a segunda porta, ele voltou toda a atenção a Gabriella. Os olhos dela estavam abertos e vítreos; os lábios, abertos. Ela não estava respirando. Havia um rasgo revelador, tingido de sangue escuro, na frente do vestido. Ele a deitou sobre uma das mesas do laboratório de Calivan, tentou fazer respiração boca a boca e comprimiu o peito dela na tentativa de fazer o coração voltar a bater, mas isso apenas fez o sangue de dentro do peito sair pela ferida. A pele dela estava com um tom pálido muito preocupante. Dilys xingou e mergulhou a magia no corpo de Verão, tomando controle do sangue dela na tentativa de estancar a hemorragia. Estranhamente, o corte da faca, ainda que profundo, não era a principal causa da perda de sangue. A lâmina tinha perfurado o pulmão dela, mas errara o coração e as principais artérias. Enquanto tentava tirar a água dos pulmões dela, usando o sangue para formar vedar o tecido delicado, Dilys encontrou algo que o deixou surpreso.

— Pelas deusas. — Ele sacudiu a cabeça e voltou toda a concentração ao ponto de sangramento dentro dela. Aos pulmões. Junto aos pulmões terrestres, um segundo par de pulmões, aquáticos, tinha começado a se formar. Começado e parado no meio de sua transformação por causa dos vasos sanguíneos rompidos e o mosaico de membranas dilaceradas parcialmente grudadas às costelas.

Dando-se conta de que ou encontrava uma forma de ajudar o corpo de Verão a concluir a transformação, ou a veria morrer nos braços, Dilys se lançou em um novo transe de ação. Ele pegou a algibeira de Calivan, tirou um cristal do fundo dela e conduziu até a última gota de magia dele para Gabriella.

— Fique comigo, *moa kiri*! Fique comigo! — Ele drenou um cristal atrás de outro, transferindo toda a magia roubada a ela, além da própria força. — Vamos, *moa kiri*. Você consegue. — Verão permaneceu imóvel e com os olhos vítreos. Dilys lançou um olhar desesperado à mãe. — *Nima!* Ajude-nos! Ela precisa de mais magia!

Quando Alysaldria, porém, começou a se aproximar, Ryll e seus soldados entraram no caminho.

— Dilys, *ono*, meu irmão. Meu coração está arrasado por você, mas se a Gabriella estiver perdida para nós, não podemos correr o risco de perder sua mãe também. Você *sabe* disso. — Ryll não se deu ao trabalho de enunciar a outra verdade óbvia. Não tinha como a rainha da Calberna sobreviver à morte do filho e a do irmão gêmeo, que viria inevitavelmente. Toda a magia que ela possuía naquele momento tinha que ser poupada e transmitida à próxima *Myerial*.

Dilys apertou os dentes com força para reprimir o urro de frustração que ruminava no peito. A raiva não serviria para nada. O Ryll estava certo. Eles não podiam mais arriscar perder a magia que a mãe carregava.

Ele apertou Gabriella contra o peito e tentou ignorar o pavor que lhe tomava o coração. Dilys estava contendo o restante do sangue que havia sobrado em Verão. O oxigênio, porém, era outra questão. A transformação do pulmão detida abruptamente estava impedindo que Verão respirasse tanto ar quanto água. Ela estava escapando rapidamente de Dilys. Nos braços de Dilys, aquele corpo esguio parecia mais um cadáver do que a mulher cheia de vida que o reivindicou como parceiro. Verão estava dura e gelada, com a pele esfriada pelo mar... todo o calor solar que ela tanto amava tinha sido sugado dela.

Espere.

A mente de Dilys capturou duas pequenas palavras.

Sol. Calor.

Era isso!

Gabriella era filha do Rei de Verão, descendente do próprio Deus do Sol, Helos. Quando pai de Lily bateu em Verão a ponto de quase matá-la, os cuidados de Dilys e Tildavera não tinham bastado para

curá-la. Verão teve que passar vários dias aquecendo-se ao sol até completar a recuperação. Ali, porém, enfiada no fundo de uma caverna a vários metros abaixo da superfície, ela estava isolada de uma de suas maiores fontes de poder.

Torcendo para estar certo, Dilys se levantou e disparou pelo laboratório e pela biblioteca com Verão nos braços. Quando chegou ao átrio de vidro, ao invés de tomar o corredor e percorrer o palácio até a superfície, ele mergulhou na lagoa artificial. Como Gabriella não estava respirando, um tiro rápido de nado até a superfície não lhe causaria mais dano do que o afogamento. Além disso, ir nadando seria mais rápido.

Tão logo tocou a água, as membranas entre dedos do pé se expandiram, dando a Dilys mais velocidade no ambiente líquido que era seu segundo lar. Seus grandes músculos inferiores flexionaram, impulsionando-o pelas águas límpidas da lagoa em direção ao calor da superfície iluminada de sol.

— *Calbernari!* — gritou na Língua Submarina enquanto nadava. — Venham até mim! Ao jardim sul do palácio! A *Sirena* precisa da ajuda de vocês.

Ele disparou na água como um golfinho, lançando-se ao ar praticamente sem resistência para, finalmente, pousar sobre a grama bem cuidada do palácio. Dilys encontrou um ponto onde nenhuma sombra bloqueava o sol da tarde e deitou Gabriella ao chão. O tecido molhado do vestido agarrava-se ao corpo dela. Ele o rasgou sem pestanejar. Ele não sabia muito bem como funcionava aquela pele veraleana, mas tinha a impressão de que quanto mais pele exposta do sol direto houvesse, melhor. Se estivesse enganado e, mais tarde, ela ficasse brava com a destruição do vestido e a exposição descuidada de seu corpo nu diante dos olhos de todo o povo... bem, Dilys daria um sorriso besta e apaixonado e aceitaria a fúria da esposa sem reclamar. Era melhor uma *liana* viva e brava a uma morta e quieta.

Os calbernanos já surgiam do palácio e das águas da lagoa em resposta ao chamado.

— Ela precisa de magia — falou Dilys aos primeiros que se aproximaram dele. — O máximo de magia que pudermos oferecer. Coloque a mão sobre ela qualquer um de vocês que tiver conexão

emocional com ela. O resto, forme uma rede comigo e os demais. E, pelo amor dos deuses, não façam sombra nela. Ela precisa da luz do sol tanto quanto precisa da nossa magia. — Já era tarde. Como o sol lançava sombras de oeste a leste, Dilys se posicionou à direita de Gabriella. Ele começou a canalizar a magia a ela, infundindo com ele todo o amor indomável e sem limites de seu coração. Uma dúzia de pares de mãos pousava sobre Dilys e a energia fluía dele para Gabriella.

— Me deixem passar! — A multidão cada vez maior de calbernanos abriu passagem para Ari que, carrancudo, veio cambaleando em suas muletas e carrancudo.

Dilys olhou nos olhos do primo e, depois de uma breve hesitação, fez um aceno de cabeça em agradecimento. Ari estava ferido, mas vinha se recuperando. Se já se considerava bem o suficiente para ajudar, Dilys não recusaria. Uma dúzia de calbernanos que tinha ido à Cordilheira Invernal se juntou a Dilys e Ari ao lado de Gabriella, incluindo Ryll e o jovem e recém-casado Talin, com sua linda esposa veraleana. A rede de força se multiplicou exponencialmente. Gabriella absorveu tanto poder e tão rapidamente, que Dilys ficou se perguntando se o corpo frágil da companheira daria conta de tudo. Ainda assim, Gabriella não apenas sorveu cada gota de energia transmitida, como seu corpo continuou sedento por mais.

Conectado fisicamente, emocionalmente e magicamente a Gabriella, Dilys conseguia sentir a pulsação elétrica do dom generoso dos calbernanos passando pelas veias e inflamando a magia dela. Os olhos de Gabriella, antes abertos e vítreos, tinham se fechado; os cílios pretos curvaram-se sobre as bochechas pálidas. Dilys foi tomado de esperança. Era o primeiro movimento dela desde que a socorrera.

— É isso, *moa kiri*. Você consegue. — Como Verão ainda não estava respirando sozinha, ele se inclinou à boca dela e lhe soprou ar aos pulmões, cuidando para manter os muitos vasos sanguíneos do peito dela estancados.

Poucos segundos depois, Dilys sentiu uma leve vibração na magia. Mais alguns segundos depois, a vibração se tornou um empuxo contra a vedação que ela criou para estancar as hemorragias internas. A sensação lembrava uma mão empurrando-

o para o lado. Dilys recuou, soltando aos poucos alguns dos vasos sanguíneos que vinha segurando. Como o sangue não começou a vazar das veias rompidas, ele soltou um pouco mais. A carne dilacerada começou a se fechar. As reparações começaram lentamente, mas foram acelerando cada vez mais conforme o tecido ia se curando.

Repentinamente, Dilys se deu conta de que não mais empurrando energia a Gabriella. Ela que estava *puxando*, dele e através dele, de todos os calbernanos interconectados. Ao lado dele, Ari arfou e arqueou as costas. O mesmo ocorreu com os demais que estavam com as mãos pousadas sobre o corpo de Verão. Como um efeito em onda, todos que estavam atrás arfaram também.

Dilys tentou mover a mão de lugar e descobriu que não conseguia. Elas estavam grudadas ao corpo de Gabriella, da mesma forma que as mãos dos outros calbernanos estavam grudadas nele. Gabriella tinha assumido o controle da rede simbiótica. A magia os percorria rápido em direção a ela, para dentro dela, penetrando a carne que agora estava se curando e remodelando rapidamente. Ela arqueou as costas e fechou as mãos em punhos. A pele de Gabriella estava tão quente que praticamente queimava as palmas das mãos de Dilys, mas ainda assim ele não conseguia soltá-las. As *ulumi* dele se acenderam e queimaram como fogo na pele. A luz que cintilava das tatuagens formava arcos visíveis que fluíam como rios ao corpo de Verão.

Ela abriu a boca como se emitisse um grito mudo. Em seguida, veio o som que ele tanto esperava, pelo qual rezava. Um som profundo, rouco, brutal. Com dor, estremecendo-se, ela aspirou o oxigênio pelo qual os pulmões tanto ansiavam. Um gemido vibrou na garganta quando as guelras recém-formadas ao longo das costelas expulsaram a água presa nos igualmente recém-formados pulmões. Tossindo e ofegante, Verão se sentou para respirar melhor. A rede de calbernanos conectados a Gabriella se desfez.

Lágrimas brotaram nos olhos de Dilys e ele sequer se deu ao trabalho de reprimi-las. Ao invés disso, puxou Gabriella para perto e a abraçou firme contra o peito, murmurando palavras incoerentes de amor, alívio e preces de gratidão enquanto lhe beijava o cabelo, o

rosto, os lábios e a pele marrom e cheirosa novamente quente e cheia de vida.

— *Moa kiri. Moa liana. Myerial myerinas.* Graças a Numahao. Graças a Helos. Benditos sejam todos os deuses. Eu achei que a tinha perdido, minha amada.

— Acho que você quase me perdeu. — A voz dela estava rouca e muito mais aguda do que o normal. Ela tossiu de leve e o abraçou. Seus braços envolveram o peito de Dilys e as mãos o agarraram firme. — Eu estava morrendo. Se você não tivesse me trazido para a superfície e para a luz do sol, acho que eu não teria aguentado. Você me salvou, Dilys.

Ele abaixou a cabeça.

— Salvei, não é?

— Sim. Eu consegui sentir você dentro de mim enquanto o sol me curava. Eu conseguia sentir você comigo.

— Sim. — Ele recuou um pouco para poder alisar o cabelo preto dela e sorver a vista daquele rosto adorável com lábios cheios, cílios grossos e olhos agora de um dourado intenso e puro. Dilys seria capaz de olhar para ela a vida inteira sem nunca se cansar.

— Eu ainda consigo sentir você.

Ele piscou para limpar as lágrimas que repentinamente lhe turvavam a visão. Em seguida, acenou com a cabeça e disse:

— Sim.

— Nós estamos conectados. — Ela pressionou uma mão contra o coração e pousou a outra palma sobre a dele. — Aqui. Dentro de nós dois. Mais do que nunca.

— Sim. — Ele acariciou o canto da bochecha dela.

— Como?

— Não sei. Talvez sejam os deuses. — O que eles partilhavam agora era muito mais profundo do que o laço de casamento. Era como se, de alguma forma, curá-la tivesse não apenas transformado o corpo de Verão, mas também as almas deles, fundindo-as num laço que não poderia ser desfeito. — Você se importa?

Ela limpou as lágrimas que continuavam a cair dos olhos dele com o dedão e o fitou com um olhar profundo, solene e firme. Dilys reconheceu aquele olhar. Ele lhe dizia que Gabriella tinha jogado

fora as muitas máscaras para oferecer a ele uma honestidade nua e crua.

— *Ono* — disse ela. — Não me importo.

Ela ergueu a boca à dele. Colidindo com o corpo dela, Dilys lhe deu um beijo apaixonado nos lábios tomado de sentimentos que não sabia existirem. Era como se o próprio coração tivesse se tornado um sol repleto de um amor tão forte e sem limites, que ele poderia iluminar o mundo. Ele era dela por completo, de corpo, coração e alma.

— Eu adoro você, Gabriella Aretta Rosadora Liliana Elaine Coruscate.

— Merimydion — murmurou ela, puxando-o para mais um beijo.

Ele consentiu de bom grado, mas, quando se afastou novamente para respirar, balançou a cabeça e corrigiu:

— *Ono*. Você é uma Sereia, a primeira de sua Casa. Agora, eu me chamo Dilys Coruscate, como cabe a um parceiro acasalado e reivindicado.

— Ah, mas eu sou uma *oulani* casado com um príncipe *imlani* de uma Casa real. Nesse sentido, sou filha da Casa Merimydion.

— No entanto, pela graça de Numahao, você não é mais *oulani*. Pois nenhuma *oulani* que eu conheça desenvolveu isso aqui. — Ele passou os dedos levemente sobre as linhas quase imperceptíveis das guelras fechadas ao longo das costelas.

Surpresa, Gabriella abaixou o olhar.

— Isso são... eu tenho... guelras?

— *Tey*. Te incomoda?

— Não sei. Você acha que elas funcionam?

— *Tey*. Agora que a transformação terminou, acho que devem funcionar bem como a de qualquer calbernano.

— Guelras. — Ela pestanejou e passou o dedo sobre elas. — O Biross... quando ele estava morrendo, depois de me passar a própria força vital, ele rezou para que Numahao me salvasse. Para que salvasse a própria filha. Você acha que...

Ele sorriu, ignorando as lágrimas que escorriam dos olhos.

— Se alguém é capaz de dar pulmões aquáticos para uma Sereia, esse alguém é a deusa de todas as águas. Louvada seja Numahao.

— Louvados sejam todos os deuses, mas especialmente Numahao e Helos. — Em seguida, ela ficou dura nos braços dele.
— Dilys — disse ela, com uma voz baixa e de tom urgente.

Ele se inclinou para mais perto, cercando o corpo de Verão em um gesto instintivo de proteção. O tom da voz dele ficou em alerta. As garras de batalha já tinham saltado para fora e estavam prontas para o ataque.

— O que foi?

Ela se curvou para ele, aninhando-se mais fundo na proteção do abraço. Em seguida, com um movimento desconfortável, ela esticou o corpo para olhar sobre os ombros de Dilys. Os olhos dourados de Sereia tinham voltado ao azul puro de verão.

— Como exatamente acabei no gramado do palácio, sob a vista de metade da corte de sua mãe, *completamente nua*?

Dilys não conseguiu se conter. Os lábios se alargaram em um sorriso inebriado e, sem se conter, ele gargalhou sem parar.

Capítulo 31

Na manhã seguinte, com Dilys a seu lado, Gabriella se posicionou atrás do trono incrustado em pérolas da *Myerial* Alysaldria. A máscara impenetrável de compostura estava firmemente reposicionada no rosto. Mas, se todas as emoções sutis estavam reprimidas e escondidas, ela não deixava de transmitir uma expressão inabalável e vingativa de Sereia enquanto encarava Calivan Merimydion ajoelhado e acorrentado diante da rainha e dos membros da mais alta nobreza da Calberna.

Ele tinha sido despido de sua *obah* e das joias, e deixado de peito nu com uma simples *shuma* de seda. Era nítido, porém, que as correntes e o despojamento dos signos exteriores de status não chegavam nem perto de incomodá-lo tanto quanto a recusa da irmã de sequer olhá-lo. Ele estava prostrado diante dela com os olhos suplicantes por alguma migalha de compreensão ou afeto, mas Alysaldria manteve os olhos firmemente fixos aos rostos dos súditos.

Gabriella quase era capaz de sentir piedade por ele pela perda da única relação de valor que teve na vida.

É verdade que aquele homem tinha tentado matá-la, mas o fato de isso ter sido motivado pelo desejo de salvar a pessoa que mais amava no mundo era algo compreensível. Se ele só tivesse tentado matá-la, ela até poderia perdoá-lo... pelo menos o bastante para pedir que a pena de morte fosse comutada pelo desterro. Ao menos para o bem de Alysaldria. Mas Gabriella não foi a única vítima dele.

Pela tentativa de assassinato de Dilys e a participação nas mortes de Primavera e Outono, Verão não aceitaria menos do que a execução de Calivan Merimydion. Quanto mais rápido, melhor. Pois *aquelas* pessoas eram as que *ela* mais amava.

Ele também tinha uma dívida de sangue pelas mortes de Biross e Tarrant e sabem lá as deusas quantos outros calbernanos mortos

por suas mãos ou por sua causa. Aqueles soldados eram as pessoas mais amadas do mundo de *alguém*.

Por isso, não, Gabriella não sentia piedade dele, nem pediria piedade a Alysaldria. Calivan Merimydion não merecia.

Alysaldria também sabia disso.

A *Myerial* levantou-se, ergueu a mão pedindo silêncio e pronunciou:

— Declaramos aberta esta Assembleia. — Sentando-se outra vez ao trono, ela disse: — O propósito desta Assembleia é ouvir a confissão e anunciar a sentença do traidor Calivan Merimydion. — A voz dela soou fraca, ressoando uma dor incomensurável. — Ele é acusado de conspirar o assassinato da *Sirena*, Gabriella Coruscate; da subversão de uma dúzia de Guardas Reais pelo uso indevido de magia para que servissem ao complô; da tentativa de assassinato do *Myerielua* Dilya Merimydion; de conspirar com o traidor Nemuan, antigo filho da Casa Merimynos, a sequestrar as Estações da Veralea; e de conspirar o assassinato de *Myerial* Siavaluana II e sua filha, *Myerialanna* Sianna.

Os suspiros de choque vindos da multidão de nobres reunida ficaram notadamente mais altos com a última acusação. A *Donima* da Casa Merimynos teve que se segurar ao braço do *akua* para se equilibrar.

Alysaldria levantou-se, desceu os degraus do estrado do trono e caminhou lentamente. Ela arrastou a longa cauda do vestido branco diante da Assembleia. O simbolismo da cor não escapou a ninguém da corte. Branco era a cor de quando alguém morria em alto-mar, era o branco de ossos descorados e recifes mortos. O cabelo dela caía livremente pelas costas; as pontas chegavam perto dos tornozelos. Estrelas do mar brancas, símbolo da casa Merimydion, salpicavam o preto escuro das madeixas. Ela estava vestida de luto pelo irmão gêmeo, já morto para ela.

Quatro guerreiros — todos eles escolhidos fora da guarda do palácio e cuidadosamente examinados para não terem runas de compulsão — custodiavam Calivan. Eles traziam a ponta dos tridentes contra a garganta e peitoral do traidor. A rainha se aproximou deles.

— Alys, eu...

A *Myerial* ergueu a mão rapidamente, interrompendo o que o irmão estava prestes a dizer.

— O traidor irá confessar seus crimes diante desta Assembleia. Calivan da Casa Merimydon, *Confesse. Seus. Crimes.* — A voz dele pulsou em Comando implacável.

Sem sombra da arrogância que sempre foi parte intrínseca de si, Calivan obedeceu. A verdade se despejou dele inteiramente. Do complô para assassinar Gabriella à participação no sequestro das Estações e às runas de controle mental tatuadas nos guardas de Alys, as mesmas que Nemuan tinha feito em Ari.

— Você que ensinou a Nemuan essa magia de controle da mente?

— *Ono.* Suspeito que eu e Nemuan tenhamos aprendido a habilidade com o mesmo mestre de magia, o mercador de escravos conhecido como Mur Balat.

— E por que Mur Balat ensinaria essa magia a você ou Nemuan?

— Para que o ajudássemos a adquirir os artefatos mágicos que procura a vida inteira. Foi assim que eu conheci o Balat. Depois de seu casamento, quando viajei pelo mundo em busca de conhecimento mágico, meus caminhos cruzaram com o de Balat muitas vezes. Nós nos tornamos amigos, ou pelo menos foi o que pensei. No final das contas, ela só queria me usar para adquirir os artefatos que tanto buscava. Foi assim que tudo começou.

— E o assassinato de Siavaluana? — perguntou Alys, friamente.
— Foi ideia do Mur Balat ou sua?

As correntes de Calivan tilintaram.

— Foi a única alternativa que consegui pensar para mantê-la viva depois da morte de Dillon! A magia de Siavaluana lhe daria força o bastante para conter o Esvanecimento. Eu sabia que seu senso de dever faria o resto do trabalho.

Alysaldria encolheu-se como se aquelas palavras fossem um golpe físico. Ainda de pé ao lado do trono da mãe e com os olhos fixos no rosto da mãe, Dilys também se encolheu. Era evidente que ele queria caminhar até ela e ajudá-la a conter a dor. Antes do início da Assembleia, porém, Alys o fizera prometer que não interferiria.

Gabriella se aproximou e segurou a mão dele. Os dois estavam atrás do trono. O resto da corte não conseguia vê-los. Dilys não

olhou para a esposa, mas apertou os dedos entrelaçados aos dela em gratidão.

— E o sequestro das Estações da Veralea?

— Ele veio atrás de mim depois da derrota do Rei de Gelo. Inicialmente, eu recusei, mas ele ameaçou me denunciar pela participação no assassinato de Siavaluana. Meu plano ainda era recusar até você ter feito o juramento do Trono do Mar. Como eu não podia mais arriscar perdê-la, eu aceitei. Ele, porém, me prometeu que elas não se machucariam. Eu o fiz jurar isso antes de concordar!

Alys arqueou as sobrancelhas.

— Ainda assim, você tentou matar Gabriella com as próprias mãos.

Calivan encolheu os ombros.

— Você sabe por quê.

— Porque você mataria qualquer outra *Myerial* por direito para me manter no poder.

— Pois eu sabia que você queria abdicar e Esvanecer. Eu não poderia perdê-la. Você não entende, Alys? Tudo o que fiz foi para mantê-la viva, para mantê-la comigo.

Alysaldria pressionou os lábios.

— Mas irmão, eu não sou nem nunca fui sua, para que você quisesse me resguardar. Como meu irmão gêmeo amado e querido, você teve o privilégio de contribuir para minha felicidade, de me conceder o dom generoso de seu amor e de sua força, como eu fiz o mesmo. Mas esses crimes que você cometeu, esse sangue em suas mãos, perverteram de forma vil um laço que devia ser de amor e benefício mútuos. Você traiu a mim e a nossa Casa de um jeito que mais ninguém nesse mundo seria capaz. Você tem algo a dizer em sua defesa antes que eu passe ao julgamento?

O queixo de Calivan tremia. Lágrimas que não conseguia mais conter brotaram-lhe nos olhos. Ele balançou a cabeça.

Com a espinha firme, os ombros retos e o queixo levantado, Alys endireitou-se. Nenhum sinal da tristeza devastadora que se esperaria dela era visível em seu rosto de autoridade majestosa e inabalável.

— Assim sendo, como *Donima* da Casa Merimydion, eu declaro você, Calivan, filho de Caldriana e Siavan Merimydion, a ser *kado'ido*, proscrito de sua Casa de nascimento. Você não é mais um Merimydion. E, na condição de *Myerial* das Ilhas Calbernias, pelo sangue em suas mãos, por regicídio, pelo assassinato e as tentativas de homicídio que cometeu ou conspirou, eu o condeno a uma morte de traidor. Antes que o sol se ponha hoje, você deverá ser acorrentado à rocha do traidor à beira da Abissal de Argon e dado de comida ao kracken.

Ele arregalou os olhos. Calivan ficou boquiaberto.

— Alys! — Ele exclamou o nome dela como um grito estrangulado.

Alys acenou abruptamente aos guardas.

— Tirem-no da minha frente. — Enquanto os guardas escoltavam Calivan à saída, ela caminhou lentamente de volta ao trono, subiu os degraus e sentou-se com compostura majestosa. — Meu povo — anunciou com a Voz de poder —, foi uma honra e um privilégio servir a vocês como *Myerial*, mas, frente a tudo o que aconteceu, e como o dom de uma Sereia de verdade regressou a nós, meu tempo como rainha de vocês acabou. Como Nosso último ato como *Myerial* Alysaldria I, Nós doravante abdicamos do Trono do Mar em benefício de sua governante por direito, a *Sirena*, Gabriella Coruscate. — Alys levantou-se, tirou a coroa e se virou para colocá-la sobre a cabeça de Gabriella. — Viva a *Sirena*, *Myerial* Gabriella I. Que Numahao abençoe sua casa e que seu reinado seja longo e próspero!

Surpresa, Gabriella subiu ao trono, ao que os nobres da corte calbernana gritaram:

— Viva a *Myerial* Gabriella!

Ela esperava que Alysaldria fosse discutir a abdicação do trono depois que os crimes do irmão viessem à luz, mas não que o fizesse e logo em seguida entregasse a coroa a ela! Agora era Gabriella quem segurava a mão de Dilys com força. Ele deu um apertão de encorajamento. O que ela iria fazer?

— Você deve assumir o trono — sussurrou Alys — e declarar concluída a Assembleia.

Nervosa e mais do que levemente surpresa pela virada brusca nos eventos, ela fez como instruído pela mãe de Dilys: avançou um passo e sentou-se ao trono incrustado em pérolas. Seguindo o modelo da forma como Alys tinha iniciado a Assembleia, ela anunciou:

— Nós declaramos encerrada esta Assembleia.

Uma hora antes do pôr do sol, Gabriella, Dilys, Alysaldria e dezenas de milhares de calbernanos das ilhas ao redor velejaram ou nadaram até a borda da Abissal de Argon, a cerca de dez quilômetros de Cali Va’Lua, para testemunhar a execução do *kado’ido* Calivan, antigo príncipe e lorde chanceler da Calberna.

As novas guelras de Gabriella funcionaram perfeitamente enquanto descia a nado à formação geológica chamada de Rocha do Traidor e invocou o kracken. A Língua Submarina era nova para ela, ainda tinha que aprendê-la, mas Dilys a levava à piscina privada pouco antes e treinou o comando com Gabriella até que ela conseguisse dizer corretamente as palavras debaixo d’água.

Ela não recuou nem desviou o olhar quando o homem que lhe causara tanta dor encontrou o destino. Alys também não. No entanto, quando tudo tinha acabado, eles voltavam ao palácio e deixavam o ambiente flutuante do mar, a força da antiga *Myerial* da Calberna começou a falhar. Ela desmaiou ao lado da piscina artificial do palácio e foi levada às pressas para os aposentos onde os médicos se reuniram e declararam que estava Esvanecendo.

— Não tem nada que possamos fazer — a médica chefe informou em tom baixo a Dilys e Gabriella depois de concluir o exame. — Sem vontade de viver, nenhuma magia ou medicamento pode atê-la à vida. — Ela encostou na mão de Dilys e fez uma reverência a Gabriella. — Sinto muito. É um dia muito triste na esteira de muitos outros. Vou deixá-los a sós para se despedirem.

Eles estavam na antecâmara do quarto de Alys. Depois que a médica fez outra reverência e se retirou, Dilys abraçou Gabriella e a puxou para mais perto. Ela conseguia sentir o corpo dele tremendo, tomado de tristeza.

— Não estou pronto para perdê-la — disse com a voz rouca.

— Eu também não. — Ela conhecia Alysaldria a menos de uma semana, mas, nesse meio-tempo, passara a admirar e amar a mulher que dera à luz Dilys. A profundidade de tal amor provavelmente se devia, ao menos em parte, ao aprofundamento do vínculo entre ela e Dilys. No entanto, também devia estar relacionado à alegria de ter uma mãe novamente. Gabriella nunca tinha se dado conta de quanto desejava um laço maternal ou de quanta força e alegria vinham dele.

A porta do quarto de Alys se abriu e o criado pessoal saiu.

— Ela está perguntando de você, *moa Myerial*. Ela quer lhe transmitir os dons antes de morrer.

Gabriella emitiu um som engasgado e apertou forte a mão de Dilys. Ela sabia que o coração dele também estava partindo, mas, ainda assim, ele envolveu a mão da esposa e lhe ofereceu seu amor incansável. Quando os dois finalmente se sentiram fortes o bastante para entrar no quarto de Alys, aproximaram-se da cama onde jazia a mulher frágil e Evanesciente.

Gabriella ficou surpresa com a mudança que tinha operado sobre a mãe de Dilys no par de horas transcorrido desde a morte de Calivan. A antiga *Myerial* tinha começado a, literalmente, definhar. Sua pele estava amarelada, os olhos e bochechas, fundos. A pele nos braços, fina como papel, lhe pendia dos braços. O dourado vivo dos olhos estava diminuindo, tornando-se um amarelo pálido, adoentado.

— *Nima!* — sussurrou Dilys, nitidamente apavorado pela degeneração rápida da mãe.

— Não! — Gabriella correu para o lado da cama de Alys. Ela achava que o Esvanecimento levaria dias... semanas... meses até!... mas, a julgar pelo drástico declínio físico da antiga rainha, seria um milagre se ela sobrevivesse até a noite daquele dia. — Não! — disse Gabriella outra vez, dessa vez usando a Voz de poder. — A senhora não vai fazer isso. Não irá Esvanecer esta noite. Eu a Ordeno que não Esvaneça.

Alys ergueu a mão trêmula e esquelética para tocar a de Gabriella.

— Algumas coisas, minha querida, nem mesmo uma Sereia pode Ordenar.

— Eu acabei de conhecer a senhora. Acabei de recuperar a alegria de ter uma mãe. Por favor. — Lágrimas brotaram e, em seguida, caíram dos olhos de Verão. — Entendo pelo que a senhora deve estar passando sem seu *akua*. Foi o medo dessa perda que quase me impediu de reivindicar seu filho para mim. Mesmo sabendo da dor que a senhora deve estar sentindo sem ele, ainda peço que você fique. Por favor. Nem o Dilys nem eu estamos prontos para perdê-la.

— Minha filha, você não precisa de mim. Nenhum de vocês precisa. Vocês têm um ao outro e isso dá força o bastante para toda uma vida.

— Pode me chamar de gananciosa, mas eu preciso de você. Minha mãe morreu quando eu era muito jovem. Eu senti muitas saudades dela ao longo de todos esses anos. Quando Dilys me falou da senhora, tive esperanças de encontrar uma nova mãe em você. E encontrei. Por favor, por favor, não leve minha nova mãe embora tão cedo. Eu não aguentaria.

— Gabriella...

— Por favor! — interrompeu Gabriella. — Se a senhora não ficará por Dilys ou por mim — ela colocou a mão de Alys sobre o ventre — então fique por sua neta.

Pela primeira vez desde que os dois tinham entrado no quarto, uma fagulha de interesse se acendeu nos olhos de Alys.

— Você está... grávida?

Dilys apertou os ombros de Gabriella e disse:

— É uma neta, *Nima*. Uma filha com seu sangue. Uma Sereia, como a mãe.

Gabriella virou a cabeça para encará-lo com surpresa.

— E como você sabe disso? Eu acabei de saber que estava grávida!

Ele se inclinou para beijar a testa da esposa.

— Ontem, enquanto controlava seu sangue e tentava salvá-la, eu a vi dentro de você, se esforçando tanto quanto eu para salvar você.

— Você não me contou!

— Não tive tempo.

Gabriella virou-se novamente a Alys, tomando-lhe a mão frágil e delicada.

— Pronto, viu só? A senhora vai ter uma neta. Não acha que ela merece ao menos conhecê-la? — Ela acariciou a mão de Alys. — Afinal de contas, a senhora jurou do Trono do Mar que garantiria pessoalmente que ela nascesse *imlani* e com dons dignos do trono. A senhora gostaria que ela achasse que a avó era uma quebradora de juramentos? E não só isso. Alguém que quebrou um juramento feito do Trono do Mar...

Alys arqueou uma das sobrancelhas.

— Você não acha um pouco baixo insistir que uma velha moribunda cumpra seus juramentos?

— Sou bem mais implacável do que a maioria das pessoas acha. Um sorrisinho fez os lábios de Alys se curvarem.

— Estou vendo. É uma característica que irá servir muito bem a você como rainha.

— Sim, mas está funcionando? A senhora vai ficar? Irá lutar contra o Esvanecimento... por nós?

Alys fechou os olhos, respirou fundo e, por fim, concordou com a cabeça.

— Eu vou lutar. Vou cumprir meu juramento até o nascimento da criança. Não vou deixar minha neta achando que um juramento feito do Trono do Mar pode ser quebrado.

— Então posso dividir com a senhora um pouco do que existe dentro de mim, só para atrasar o Esvanecimento um pouco?

Alys abriu um dos olhos.

— Só se você me chamar de *Nima*, *moa alanna*.

Gabriella sorriu.

— *Nima* — disse ela, enquanto enviava a Alys um fluxo de amor que fez a anciã suspirar de surpresa.

— Glória a Numahao — exclamou Alys quando Gabriella conteve o poder. — Você chama isso de “pouco”?

Gabriella corou.

— Desculpa. Ainda não tenho muito controle.

— *Ono*. — Alys pousou a mão sobre a de Verão. — *Ono*, minha filha. Nunca peça desculpas pelos dons extraordinários que você possui. Você é um presente enviado pela deusa, uma resposta às preces que nós, povo das Ilhas, estamos fazendo há mais de dois mil anos.

Epílogo

— Vou ser bem honesto com você, Dilys, não consigo imaginar como a sua *liana* conseguiu, ao longo de todos esses anos, fazer as pessoas acreditarem que ela era uma jovem ponderada e influenciável. — De pé ao lado do filho, Alysaldria assistiu Gabriella dominar uma sala repleta de nobres tempestuosos. Sua autoridade vigorosa e indomável já estava se tornando uma marca registrada. — Essas qualidades são as mais opostas à verdadeira personalidade dela.

Dilys estufou o peito. A admiração da mãe e esposa extraordinária e cheia de surpresas que ele tinha arranjado era inconfundível.

— Ela poderia fazê-los comer na mão dela, se quisesse, mas acho que gosta de irritá-los um pouco.

— E gosta de fazê-los ver quem é que manda. Você já está sabendo de todas as tradições calbernanas que ela pretende mudar? Ela disse que acha algumas desagradáveis e não irá obedecê-las...

— Tipo?

— Tipo o costume de tirar os meninos de casa para enviá-los ao treinamento militar. Ela acha que eles podem ser treinados muito bem sem terem que se separar das famílias.

Dilys arqueou uma das sobrancelhas e olhou para a mãe.

— Você sabe que está de acordo com isso, *Nima*.

— Não posso negar, não é? Não deu tão errado assim com você...

Ele sorriu.

— Não tão errado.

A mãe deu risada. Era um riso discreto, não uma gargalhada, mas, de qualquer forma, o som foi capaz de aquecer o coração de Dilys. Mesmo tendo aceitado a ajuda de Gabriella para conter o

Esvanecimento, a dor de Alys pela traição do irmão era um fardo pesado que raramente aliviava. Gabriella e Dilys tinham feito tudo o que podiam para amortecer a dor e trazer alegria a Alys. Sem dizer a ela, esperavam que o nascimento da filha no ano seguinte pudesse conter por ainda mais tempo o Esvanecimento. Por décadas, se a vontade de Gabriella fosse feita. E a amada de Dilys sabia fazer suas vontades serem atendidas.

— E ela se recusa ser coroada Gabriella Coruscate — continuou Alys —, mesmo que, tornada Sereia *imlani* pela graça dos deuses, tenha o direito de ser *Donima* de sua própria Casa.

— Eu cansei de falar isso para ela. Ontem, porém, conseguir chegar a um acordo.

— Ah, é?

— *Tey*. O grande argumento dela para não se tornar *Donima* da própria Casa era você. Você, agora, é mãe dela e ela não vai desistir da senhora, nem mesmo no nome.

O olhar da mãe amoleceu.

— Ela disse isso?

— Aham. Eu não a culpo por isso. Você é uma mãe incrível. — Ele se inclinou para beijar a bochecha da mãe. — Tão logo descobri a raiz da objeção dela, consegui que ela concordasse ser coroada Gabriella da Casa Merimydion-Coruscate. Em assuntos pessoais e relativos à Casa, ela continuará filha da Casa Merimydion, com você como *Donima*, mas, em assuntos de Estado, ela atuará como *Myerial* e *Donima* da Casa Coruscate. Como Merimydion quer dizer estrelas-do-mar e Coruscate radiantes, ela gostou que nossos filhos serão todos radiantes estrelas-do-mar.

— Merimydion-Coruscate. Me soa realmente bem.

— Eu sabia.

Uma discussão em voz alta irrompeu dos nobres reunidos. Gabriella a silenciou com algumas palavras precisas.

— Sobre o que você acha que era a discussão.

Dilys sorriu.

— Acho que ela acabou de anunciar que planeja que nós dois sejamos coroados ao mesmo tempo, que encomendou um trono para mim, a ser instalado ao lado do dela, e que quer que a Mystral se refira a mim como Rei Dilys Merimydion-Coruscate da Calberna.

— Ah — disse a mãe dele.

Nas Ilhas, o parceiro da rainha sempre era chamado de *Myerialakua*, a palavra calbernana para rei (bem, na verdade, sua tradução literal é algo como “parceiro da rainha” ou “parceiro estimado”). Mas como a maior parte do mundo *oulani* acreditava que o rei governava sobre todos do país, incluindo a rainha, as *Myerials* sempre deixaram bem claro que o verdadeiro poder da Calberna pousava exclusivamente sobre suas rainhas.

— Eu disse a ela que os homens em minha posição são denominados Príncipes Consortes entre os outros povos da Mystral, mas ela não quis me escutar.

— E por que eu o faria? — Tendo dispensado os nobres, Gabriella tinha vindo ao encontro de Dilys e Alys. — Baita negócio sexista... Se um rei pode se casar com uma mulher e torná-la sua rainha, por que eu, uma rainha, não posso tornar você meu rei?

Dilys não tinha resposta a essa pergunta a não ser:

— Meu amor, você pode fazer de mim o que quiser, contanto que me faça seu.

— Bem, nesse caso, é isso. Pois você sempre será meu, Dilys Merimydion-Coruscate. — Sorrindo, ela se levantou na ponta dos pés e puxou a cabeça dele para beijá-lo. — Meu amor. Meu marido. Meu Rei do Mar.

Segundo epílogo

Costa leste do Ardul

O sol estava brilhando no céu azul sem nuvens, tornando o úmido da selva numa sopa fumegante. Uma esguia embarcação de três mastros lançou âncora nas águas cristalinas da pequena baía tropical a centenas de quilômetros de qualquer vilarejo ou porto. Um bote vindo da embarcação pousava sobre a areia branca da praia. O capitão do navio e vários de seus tripulantes estavam ocupados tentando fisgar peixes nas águas rasas da baía e coletando cocos, bananas e mamões das árvores nas cercanias.

Do alto de um dos coqueiros, um dos tripulantes deu um assovio agudo. Seus companheiros se reuniram e prepararam as armas enquanto o som de algo se aproximando na floresta densa aumentava cada vez mais.

Poucos momentos depois, a tripulação relaxou e embainhou as armas. Quatro guias nativos abriram caminho da selva à praia seguidos de perto pelo mercador de escravos mais infame de toda Mystral, Mur Balat, uma das modeladoras de pele com olhos de peridoto, uma comitiva de bruxas, guardas e servos, e duas mulheres amarrotadas, mas muito bonitas, sendo guiadas por coleiras atadas ao pescoço.

— Ah, capitão Qurin — saudou Mur Balat —, que bom ver você. Faz tempo que nos espera?

— Menos de um dia — respondeu o capitão. — Você chegou bem a tempo.

— Sempre chego. Pode começar a carregar meus bens. — Balat permaneceu na praia enquanto os artigos mais valiosos do que uma vez foi sua coleção inigualável de artefatos mágicos, antiguidades raras e joias inestimáveis eram transportados ao navio ancorado. A perda de sua majestosa fortaleza em Trinipor tinha sido o custo

elevado de seu atual empreendimento, mas era necessário que o mundo acreditasse que Mur Balat e sua influência tinham sido varridos da face da Mystral.

Há milhares de anos, os feiticeiros da linhagem dos Balalatika, descendentes de Ambris, Deusa da Ordem e do Caos, almejavam acertar o mal supremo. Há muito, muito tempo, Ambris enganara os outros seis principais deuses da Mystral para elevar à divindade o herói mortal Rorjak, amado de sua filha, Wyrn, a Branca, deusa do Inverno. Por este crime, Ambris foi despojada de sua divindade e condenada a viver, vida após outra, como mortal. De lá para cá seus descendentes da linhagem dos Balalatika trabalhavam para lhe restaurar a divindade à qual tinha direito. E agora, finalmente, o momento estava próximo.

Bastava a Mur Balat trocar as duas outras Estações pelos pedaços faltantes do divino Cálice Celestial, que tinham sido localizados graças aos esforços incansáveis de gerações de seus antepassados. Uma vez reunidos todos os pedaços do Cálice e recuperado outro artefato divino chamado de Pedra do Sangue, ele poderia seguir os mapas secretos no grimório da antiga bruxa-vidente Euphemia Nyxx para encontrar a lendária Fonte Æternis... e nela, ele, Murulandis Balalatika, poderia elevar a mortal Ambris de volta à divindade, além de reivindicar divindade para si mesmo como prêmio.

— Venham, senhoras — disse a Primavera e Outono. Era uma pena que, para fingir a morte delas, ele tenha que ter sacrificado duas de suas três escravas modeladoras de pele. As irmãs andavam bem menos produtivas e dóceis sem elas. No entanto, Dilyls Merimydion e o Rei de Inverno nunca deixariam as buscas sem se darem por convencidos com os corpos mortos. Dando um puxão nas correntes de Primavera e Outono, ele conduziu as princesas cativas ao navio, que os esperava.

— Chegou a hora de fazer história!

AUTORA BESTSELLER DO THE NEW YORK TIMES

Gena Showalter

DEMÔNIOS LIBERTADOS DA CAIXA DE PANDORA.
IMORTAIS EXILADOS PELOS DEUSES EM FÚRIA.
A BUSCA PELO ARTEFATO DA REDENÇÃO.

"Existe autora tão
maravilhosa
quanto Gena
Showalter?"

Crazy Eyes,
Orange is the New Black

A Noite mais sombria

 Harper
Collins

A noite mais sombria

Showalter, Gena

9788539822263

320 páginas

[Compre agora e leia](#)

Autora bestseller do *The New York Times*"Existe autora tão maravilhosa quanto Gena Showalter?"

- **Crazy Eyes, Orange is the New Black**"Não consegui parar de ler"

- **P. C. Cast**"Os leitores conquistados pedirão mais."

- **Kirkus Reviews**DEMÔNIOS LIBERTADOS DA CAIXA DE PANDORA.

IMORTAIS EXILADOS PELOS DEUSES EM FÚRIA.

A BUSCA PELO ARTEFATO DA REDENÇÃO.

Muitos milênios atrás, quando os deuses habitavam o mundo, doze guerreiros gregos assassinaram Pandora e violaram a caixa que ela protegia, libertando os demônios nela confinados. Condenados a serem guardiões desses espíritos

pela eternidade, eles precisam sair em busca da única relíquia com poder de acabar com esse sofrimento... Ainda que possa destruí-los. **Ashlyn Darrow** sempre fora atormentada por vozes de diversas épocas, sobrepostas, interligadas, vindas de todas as direções, causando profundo sofrimento. Só havia um lugar onde ela talvez pudesse encontrar a cura para seu mal: a misteriosa fortaleza habitada pelos imortais, em Budapeste. Homens com poderes extraordinários, cada um carrega selado em si um dos demônios da caixa de Pandora. Porém, somente Maddox, castigado pelos deuses com a mais cruel das maldições, seria capaz de livrar Ashlyn de seu desespero. Morrendo todas as noites e renascendo à alvorada, o guardião do demônio Violência agoniza com o desejo de tocar Ashlyn, mas receia perder o controle sobre o espírito maligno e se tornar uma ameaça para ela. **Sucesso mundial**, *A noite mais sombria* tem como cenário os dias atuais, um presente povoado por deuses e guerreiros que sobreviveram ao fim de sua era e que, ocultos, ainda caminham entre nós. Uma leitura repleta de ação,

fantasia, erotismo e romance, em que antigos mitos se transformam em um épico contemporâneo.

[Compre agora e leia](#)



Amor em cores

Babalola, Bolu

9786559701438

320 páginas

[Compre agora e leia](#)

Uma deusa dos rios está cansada do namorado egocêntrico e anseia por alguém que a veja como ela é.

Uma rainha do submundo precisa defender seu território, mesmo diante de um inimigo sem igual.

Uma pop star quer encontrar o próprio caminho, e sua primeira parada é uma pousada no meio do nada.

Uma jovem universitária só quer passar de semestre, mas o vizinho e sua música alta não estão colaborando.

Nesta antologia extraordinária de contos românticos,

a escritora nigeriana-britânica Bolu Babalola reconta as mais variadas histórias de amor de diferentes culturas — de africanas, iorubás e mitos gregos a relatos antigos do Oriente Médio —, com uma linguagem moderna e valores atuais.

Vemos Oxum como uma campeã de natação, o Cupido em um cargo de relações públicas, Nefertiti como dona de um infame clube noturno, e visitamos desde um dormitório estudantil até uma vila escondida no meio do Mali. Estejam eles arrebatados pela paixão do primeiro amor, conscientes de que o amor-próprio deve vir antes de uma conexão romântica ou tentando achar seu lugar no mundo, os personagens destes treze contos modernos e vibrantes encaram a emoção mais complexa que podemos sentir e tentam capturar sua essência.

Em uma viagem pelo mundo para além do eurocentrismo por meio de histórias curtas, Bolu nos apresenta diversos pontos de vista e nos mostra como a paleta do amor é mais colorida do que poderíamos imaginar. Afinal, nas palavras da própria autora: "O amor enriquece o mundo em que

vivemos. O amor é terno, experimental, brutal e corajoso. É uma bagunça, é mágico!".

[Compre agora e leia](#)



Fascínio da nobreza

Heath, Lorraine

9786587721859

320 páginas

[Compre agora e leia](#)

FANCY TREWLOVE sempre esteve determinada a cumprir o desejo de sua mãe de ver a filha casada com um nobre. Afinal, depois de todos os sacrifícios que a família fez por Fancy, era o mínimo que podiam esperar. Seu intelecto e sua formação a tornam a esposa perfeita para qualquer cavalheiro... desde que esteja disposto a ignorar sua origem escandalosa! Mas os planos da jovem são postos em xeque quando um plebeu misterioso começa a visitar sua livraria, e logo depois seus pensamentos, seus sonhos, seus planos para o futuro...

MATTHEW SOMMERSEBY, o conde de Rosemont, está viúvo há um ano e vem sendo perseguido por praticamente todas as damas em idade de se casar.

A última coisa que ele quer, porém, é uma nova esposa, ainda mais uma interessada apenas em seu título. Desesperado por um pouco de paz, ele foge de sua vida em meio à sociedade e acaba se tornando vizinho de uma certa livraria, cuja dona começa a lhe atrair mais do que qualquer título no catálogo.

[Compre agora e leia](#)

OLIVIA WAITE

EDIÇÃO
APENAS
DIGITAL

Guia de Mecânica Celeste para Damas

 HARLEQUIN

Guia de Mecânica Celeste para Damas

Waite, Olivia

9786559700448

288 páginas

[Compre agora e leia](#)

Assistir ao casamento de sua ex-amante não é uma experiência agradável, e Lucy Muchelney deseja estar em qualquer outro lugar do que na cidadezinha de Lyne. Quando recebe uma carta da condessa de Moth buscando um tradutor para um revolucionário artigo francês sobre astronomia, ela sabe aonde deve ir. Mas, ao aparecer na porta da casa da condessa, em Londres, esperava encontrar um desafio, não uma artista incompreendida capaz de tirar seu fôlego. Catherine St. Day está ansiosa para desfrutar de uma vida pacata como viúva assim que concluir o legado científico de seu marido. Sua intenção era encontrar um tradutor e lhe passar a

responsabilidade do projeto, mas ela fica intrigada pela jovem que bate à sua porta, implorando por uma chance, e deixa Lucy ficar. Mas, quando Catherine começa a se sentir atraída pela astrônoma apaixonada pelas estrelas, tudo em que acreditava sobre si mesma é posto à prova.

[Compre agora e leia](#)

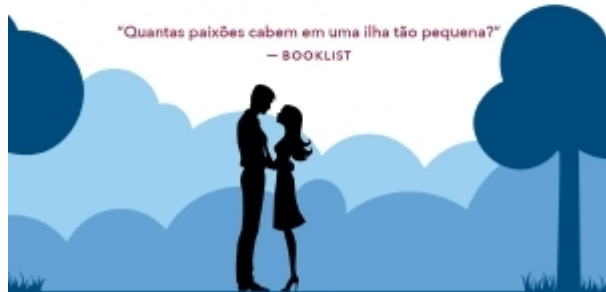
SARAH MORGAN



Amor em Manhattan

"Quantas paixões cabem em uma ilha tão pequena?"

— BOOKLIST



 HARLEQUIN

Amor em Manhattan

Morgan, Sarah

9788539825929

384 páginas

[Compre agora e leia](#)

Um romance brilhante sobre três amigas que decidem abraçar a vida — e o amor — na cidade mais romântica do mundo.

Calma, competente e organizada, Paige Walker adora um desafio. Depois de passar a infância em hospitais, ela quer mais do que tudo provar seu valor — e que lugar poderia ser melhor para começar sua grande aventura do que Nova York?

Só que abrir a própria empresa não é nada comparado a esconder sua paixão por Jake Romano, o melhor amigo do seu irmão e o solteiro mais cobiçado de Manhattan. E quando Jake faz uma excelente proposta para a empresa de Paige, a química entre eles acaba se tornando incontrolável. Será que é possível convencer o homem que não

confia em ninguém a apostar em um *felizes para sempre*?

O primeiro livro da série *Para Nova York, com amor* traz um enredo empolgante e divertido, com personagens superando situações inusitadas em busca do seu final feliz.

"Quantas paixões cabem em uma ilha tão pequena?"
— B ooklist

[Compre agora e leia](#)